PROSPECTO.

VAI PUBLICAR-SE SEMANALMENTE DES DE 17 DO CORRENTE JANEIRO DE 1835 —

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

Será cada N.° deste Jornal de 3 folhas de impressão, em 4.°, e se publicará communmente aos Sabbados, e talvez em qualquer outro dia da semana antes do Sabbado, estando prompto.

A Subscripção se faz por Trimestre (contando 13 N.os) a 1,200 róis; avulso se venderá a 120 réis cada N.°

Este Jornal he dedicado especialmente á Instrucção das differentes Classes de pessoas da Nação Portugueza, que não poderão adquirir mais que huma educação trivial, e desejão obter mais alguma instrucção util, e applicar-se ao entretenimento de boa leitura, que muito convem. Os Artigos deste Jornal serão por tanto adequados a este fim. Não deixará de entrar tambem de vez em quando no campo das Sciencias e seus descobrimentos, das Bellas Letras, e das Artes, Commercio, Agricultura, e outros ramos uteis ao conhecimento dos curiosos. A Historia, e Documentos para ella, sobre tudo dos nossos tempos, terão de vez em quando lugar, bem como tudo o que mais possa concorrer para o fazer verdadeiramente *Interessante*. Terminará cada N.° com hum Resumo das mais attendiveis e veridicas Noticias colhidas de Periodicos Estrangeiros, &c.

N. B. Será remettido a casa dos Senhores Subscriptores, que assim o quizerem, e declararem nas lojas em que se assigna, que são — de João Henriques, Rua Augusta N. 1., e na de J. J. Nepomuceno na mesma Rua Augusta N.° 137 (3.° quarteirão descendo do Rocio); na de Caetano Antonio de Lemos, Rua do Ouro N.° 112; e na de Francisco Xavier de Carvalho ao Chiado.

LISBOA: NA IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO.
No fim da Calçada do Garcia, passando o Arco N.° 42.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.º I.

Introducção.

No meio da profusão de Jornaes Politicos de que abundão todas as Nações da Europa em que ha o beneficio da Imprensa, livre de prévia Censura, em toda a parte se estimão os Jornaes dedicados á illustração publica, ás Sciencias e Artes, á Litteratura, e aos diversos ramos dos conhecimentos uteis á Sociedade, e sobre tudo quando, longe de nella espalharem doutrinas perniciosas, idéas subversivas, e noções erradas, se dedicão a rectificar conceitos defeituosos, a ampliar a esfera dos conhecimentos do homem desejoso de evitar os desairosos motejos, manifestos ou occultos, que se vibrão contra a ignorançia no trato da boa sociedade. — Os *Magazins*, ou Thesouros Litterarios, são na Inglaterra hum dos meios que ha hum Seculo mais tem concorrido para espalhar as luzes da Civilisação. Não ha Lord, Cavalheiro, General ou Militar de algumas posses, Negociante, Empregado Publico notavel, Proprietario, Magistrado, &c. que não se honre e procure assignar para algum Jornal de tal natureza, bem como para os Jornaes politicos. Em França, na Alemanha, Hollanda, e na propria Italia, está hoje (e de ha muitos annos a esta parte) tão cultivado este modo de instruir suavemente as classes de pessoas

que não recebêrão huma educação completa, que por elle se tem conseguido dar hum grande desenvolvimento de urbanidade, e bom trato, entre os individuos de todas as jerarquias; pois se taes Obras não são para os Sabios, (posto que não poucas vezes tirem dellas util ou divertida lição), os que não querem passar por idiotas em tudo e portudo, as acolhem, e as lem com gosto, pela vantagem de assim sahirem pouco a pouco da densa nevoa que envolve o espirito do homem no seio da ignorancia, para a atmosféra mais pura da illustração.

Tem sido assaz efémeros em Portugal os Jornaes litterarios, posto que alguns durárão annos: nem todos, ou antes mui poucos, acertárão com os meios de agradar ao Publico Portuguez; porém este por modo nenhum ha de querer que o notem de desprezador das lettras, quando se convencer de que apparecem entre nós Escritos dignos da sua attenção. Este fim se propõe o Author e Compilador do *Interessante*, para que a Nação Portugueza tire de sua leitura *instrucção e recreio*, que he o *utile dulci* de Horacio, ou o seu conselho, de que as Obras devem juntar o *util* ao *agradavel* para merecerem ser estimadas.

Que importa que em huma sociedade ou companhia se apresente hum homem vestido no melhor gosto da moda (gosto muitas vezes bem desarrazoado, e não poucas ridiculo), que saiba mesmo jogar alguns jogos, e referir mesmo o que leo nos periodicos do dia, se elle nem souber entender o que leo, nem avaliar as reflexões judiciosas que ouve; se abre enfastiado a boca ao escutar huma conversação assisada, e nem mesmo pode entrar nella por sua ignorancia? He certo que na sociedade se encontrão tambem muitos charlatães falladores a torto e a direito, que são peores de aturar que os idiotas; mas se houver nessa assembléa maior numero de pessoas cultas, e versadas em amena litte-

ratura, o charlatão será fostigado e motejado, e abalará dalli confundido. Não será maltratado o idiota prudente; mas se tem pondonor e juizo commum, sente o pezar de não poder comprehender todos os objectos que na boa conversação escuta, e mil vezes se arrepende de não ter recebido na mocidade huma educação mais desenvolvida.

A Nação Portugueza, entre as boas qualidades que a adornão, he naturalmente viva, e de agudo engenho; mas preciza estimulo sua propensão para as Letras. O desleixo na educação da mocidade tem creado cẽrta negação á leitura na massa geral da Nação; mas a falta de zelo em promover geralmente em todo o Reino a boa educação primaria he huma das principaes causas da ignorancia em que jaz a maior parte do Povo, mesmo das classes menos inferiores. Em quanto não se organisar bem o ensino da mocidade nas primeiras instrncções das Escolas menores, e se não imposer a obrigação a todos os Portuguezes de saberem ler, escrever, e contar, ao menos, até aos 15 annos de idade, conserva-se fechada a porta da civilisação á maior parte do povo. Isto não deve esquecer aos Governos; elles perdem muito quando isto falta aos povos; por que mesmo só do saber ler e escrever lhe dá o povo grandes vantagens: o Correio, as Fabricas de papel, os Livreiros, as Imprensas, e outros muitos ramos de industria, tirão grandes fructos, ou os não gozão em avultado gráo, segundo o povo sabe mais ou menos ler e escrever. Nenhum Mestre de Officio mecanico, ou sujeito de occupação de qualquer ramo de commercio, poderia admittir aprendiz, ou serviçal, que não soubesse ler, escrever, e contar, ou se obrigasse a mandalo ensinar. O idiota que não soubesse ler nem escrever não poderia nesse estado gozar dos direitos de Cidadão, ainda quando fosse propriaterio, pois como tal ainda mais necessita o homem de adquirir essa ins-

trucção, indispensavel até para as minimas funcções do homem social. As leis que governão os Povos devem por elles ser lidas e entendidas para bem as poderem observar: e o que não sabe ler as ignora mais.

Commettem-se muitissimos crimes por ignorancia, e não se pode impor todo o rigor das leis ao ignorante dos preceitos que ellas impõem. Entre nós antigamente havia o pregão pelas terras das Leis, Decretos, e outros mandatos da Authoridade Publica; se hoje a sua principal publicação he pela imprensa, esta não só não chega aos que não sabem ler, mas até aos que sabem mal, pois a poucos chega o conhecimento desses impressos em comparação do total do povo. Em muitas Villas do Reino, e muito mais portanto nas Aldeias, custa a achar pessoas capazes para as funcções e empregos municipaes. Terras ha em que não he facil achar quem escreva huma carta intelligivel. Tal he a decadencia da educação primaria em Portugal ha quarenta annos para cá. Que importa que haja sobejo numero de Bachareis de varias Faculdades? Os estudos destinados a habilitar o homem para certas carreiras publicas em que são necessarios os estudos maiores, são cousa mui diversa da educação publica; esta he relativa á massa da Nação, que precisa della para se melhorar a si propria. Huma Nação idiota não conhece mesmo as cousas que mais lhe convem para florecer o seu Commercio, a sua Agricultura, as suas Fabricas, &c. Olha com desprezo para aquillo que julga innovação, sem pezar se he util, ou perjudicial; e quando os charlatães de theorias conseguem polla em movimento para abraçar anciosa seus projectos fantasticos, como está destituida de sufficiente illustração e perspicacia, isto he, quando não tem entre si diffundida copia de engenhos habeis e prudentes que avaliem, e fação conhecer a impostura de taes malandrinos, cahe nos laços que estes lhe

armão, e a falta de conhecimentos a entrega aos astutos pregoeiros que lhe promettem mil felicidades e augmentos, que elles não sabem, nem mesmo querem effectivamente dar-lhe. Hum Povo deve portanto procurar adquirir boa moral e illustração por si proprio, quando o Governo não tem tomado todas as medidas para se obter esse fim, tão conveniente ao proprio Governo. A leitura das boas Obras vai depositando na alma idéas fixas e uteis na marcha da vida humana.

Que antigamente se estudava e lia mais em Portugal, he huma verdade conhecida por quem não he hospede na Historia Litteraria deste Reino. Obras grandes e volumosas tinhão novas edições em poucos annos; e porque? Porque erão muito lidas. No principio do 16.° Seculo, quando se fizerão as festas pela Canonisação de Santo Ignacio de Loyola e de S. Francisco Xavier, havia, só no Collegio de Santo Antão, dos Jesuitas, em Lisboa, mais de 1:800 estudantes de Latim; sendo então a população da Cidade pouco mais de metade do que hoje he. Não ha duvida que hoje ha mais leitura de Novellas, Comedias, e escritos ainda mais frivolos; porém o que dahi se segue he que o aproveitamento da leitura dessa especie de Obras não adianta a illustração do entendimento da mocidade, e talvez adiantado tenha demasiadamente a quasi geral desmoralisação que se observa nas classes que constituem a parte mais conspicua da Nação.

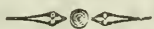
No Projecto de Constituição pedida a *Buonaparte* em 1808, que, posto ter o vicio radical de ser pedida ao oppressor e roubador da nossa liberdade e dos nossos foros, assentava em principios geralmente tidos por solidos, (o qual damos ao Publico neste N.° como Documento para a Historia dos nossos tempos); nesse mesmo Projecto se reconhece que se precisava » Imprensa livre, porque a *ignorancia*, *e o erro trouxerão comsigo a*

nossa decadencia. » Este estado de ignorancia, longe de ter diminuido nestes ultimos 26 annos, temse augmentado muito ainda, e he de temer lance esta Nação espirituosa, e dotada de sensibilidade e compaixão, no pégo da barbaridade, se não houver hum esmero maior em cultivar a leitura, e a educação moral e Christã da juventude, em limar e pulir com tino e acertada industria, a aspereza que se nota até em pessoas que, já por seus teres, já por seus lugares, e figura na Sociedade, seria conveniente apparecessem mais cultivados em seu entendimento; o que faz mais ameno o bom trato, e constitue a civilisação, a qual não consiste no vestuario, nas carruagens, nos esplendidos banquetes, e na ostentação de riqueza; mas sim na polidez, na boa applicação da intelligencia humana, que se adquire com a boa leitura, e com a communicação de pessoas atiladas, bem morigeradas, e dotadas de conhecimentos litterarios, sem ostentação de sabias.

Em Portugal ha hum viveiro de homens de talento, e de instrucção regular; mas he necessario que desse viveiro se tire, para diffundilla por todo o paiz, a semente que nelle deve debrotar extensamente a cultura das Letras, desde a raiz desta planta, que he a Educação primaria.

Nós tentamos, com mui pequenas forças, auxiliar nesta empreza os votos dos Portuguezes illustrados. Este he o fim deste Jornal, que, intentado mensal, julgámos mais conveniente aos leitores o sahir semanalmente, abrangendo quanto for possivel os Artigos mais adequados ao gosto, e estado actual da nossa educação vulgar. Portanto aqui repetiremos o que dissemos no Prospecto: » Este Jornal he dedicado especialmente á Instrucção das differentes Classes de pessoas da Nação Portugueza, que não poderão adquirir mais que huma educação trivial; e desejão obter mais alguma instrucção util, e applicar-se ao entrete-

nimento da boa leitura, que muito convem.... Não deixará de entrar tambem de vez em quando no campo das Sciencias e seus descobrimentos, das Bellas-Letras, e das Artes, Commercio, Agricultura, e outros ramos uteis ao conhecimento dos curiosos. A Historia, e Documentos para ella, sobretudo dos nossos tempos, terão de vez em quando lugar, bem como tudo o que mais possa concorrer para o fazer verdadeiramente *interessante.* »

Ninguem por certo esperará isto tudo em cada N.° de persi. mas não deixará de o ver á proporção que for tendo progresso a publicação deste Jornar. A Poesia não lhe será estranha, e sobre tudo a que der lições proveitosas, moraes, e gratos entretenimentos.

Documento para a Historia moderna de Portugal.

Primeiro Projecto de Constituição imaginada, e arranjada pàra Portugal.

Tinha Napoleão perfidamente invadido e occupado Portugal, e dominava neste paiz com seu ferreo dispotismo militar, em 1808, quando, vendo alguns Portuguezes que elle acabava de dar ao Grã-Ducado de Varsovia hum Governo fundado nos principios da Liberdade e da Justiça, desejárão tentar obter daquelle Invasor do nosso territorio huma Constituição para Portugal. Tres delles, o Desembargador Francisco Duarte Coelho, o Doutor Ricardo Raimundo Nogueira, Reitor do Collegio dos Nobres (e que depois foi membro da Regencia do Reino!) e o Conigo Simão de Cordes Brandão, Lente da Universidade de Coimbra, composerão o Projecto dessa Constituição, a qual foi pedida a Napoleão; e eis-aqui este monumento

conforme o publicou em França o *General Foy* na sua Historia da Guerra da Peninsula, tomo 3.°

Projecto para a Constituição de Portugal pedida a Napoleão

» Os Portuguezes, lembrando-se que são de origem Franceza, como descendentes daquelles que conquistárão este formoso paiz aos Mouros em 1147, *(notavel data e erro!)* e que devem á França sua Mãi-Patria o beneficio da independencia, que recuperárão como nação em 1640, se apressão em recorrer com respeito e reconhecimento á *protecção paternal* que o maior dos Monarcas se digna conferir-lhes. O immortal *Napoleão* se apraz de nos dar a conhecr a sua vontade pelo orgão dos nossos Deputados, elle quer que nós sejamos felizes, e que nos vinculemos por indissoluveis laços ao Systema Continental da familia Européa; quer que as Nações que compõem esta grande familia vivão na união, e que possão em breve gozar das doçuras de huma longa paz á sombra de sabios Governos fundados sobre as grandes bazes da Legislação, da Liberdade dos Mares, e do Commercio. He este o nosso unico interesse para nós Portuguezes, bem como para os outros povos confederádos. Continue pois a nossa Deputação a ser junto de Sua Mngestade Imperial e Real, a interprete dos nossos unanimes votos, e que ella lhe deseja.

» Senhor, nós desejamos ser ainda mais do que eramos quando patenteámos o Oceano ao Mundo inteiro.

» Nós pedimos huma Constituição e hum Rei Constitucional que seja *Principe do Sangue da vossa Familia Imperial. (Proh pudor!)*

» Nós seremos felizes tendo huma Constituiçãc semelhante em tudo á que Vossa Magestade Imperial e Real, julgou acertado dar ao Grã-Du-

cado de Varrovia, com a unica differença de que os Representantes da Nação sejão eleitos pelas Camaras Municipaes, a fim de nos conformarmos aos nossos antigos usos.

„ Nós queremos huma Constituição em que, como em Varsovia, a Religião Catholica Apostolica e Romana, seja a Religião do Estado; na qual sejão admittidos os principios da ultima Concordata entre o Imperio Françez e a Santa Sé, pela qual sejão livres todos os Cultos, e gozem da tolerancia civil, e do exercicio publico;

„ Na qual todos os Cidadãos sejão iguaes diante da Lei;

„ Na qual o nosso territorio Europêo seja dividido em oito *Provincias (ou Departamentos)*, e em que a divisão Ecclesiastica corresponda á divisão politica, de maneira que não haja mais que *hum Arcebispado*, e *sete Bispados;*

„ Na qual as nossas Colonias, fundadas pelos nossos antepassados e regadas com o seu sangue, sejão consideradas como Provincias, ou Departamentos, e como fazendo parte integrante do Reino, para que seus Representantes designados desde logo encontrem na nossa organisação social os lugares que lhes pertencem, assim que vierem ou poderem vir occupallos;

„ Na qual haja hum Ministerio especial para dirigir e vegiar a Instrucção Publica;

„ Na qual a Imprensa seja livre, por que *a ignorancia, e o erro tem produzido a nossa decadencia;*

„ Na qual o Poder Executivo seja auxiliado pelas luzes de hum Conselho de Estado, e não possa obrar senão por meio de Ministros responsaveis;

„ Na qual o poder Legislativo seja exercido por duas Camaras, com a participação da Auctoridade executiva;

„ Na qual a Ordem Judiciaria seja indepen-

dente posto em pratica o Codigo Napoleão, *(que para esse fim traduzio José Juaquim Ferreira de Moura)* dadas as Sentenças com equidade, publicidade, e promptidão;

„ Na qual ás funcções publicas sejão exclusivamente exercidas pelos Nacionaes de maior merecimento, como está estabelecido no Titulo 2.° da Constituição da Polonia;

„ Na qual os bens de mão morta sejão postos em circulação;

„ Na qual os iupostos sejão repartidos segundo os meios e haveres de cada hum em que não haja izenção alguma, e em que a sua cobrança seja facil e sem oppressão para os que os pagão;

„ Na qual seja consolidada e garantida a Divida do Estado em toda a sua extensão pois que não faltão recursos para lhe fazer face.

„ Queremos igualmente que a organisação dos Corpos de Administração Civil, Economica, e Judicial, seja regulada segundo o modelo do Imperio Francez, e por conseguinte que o immenso numero de nossos empregados publicos seja reduzido; mas desejamos e pedimos que todos os Empregados e Funcçionarios supprimidos recebão durante a sua vida o seu ordenado, ou ao menos huma pensão proporcionada á renda dos empregos que tinhão, e que á medida das vagaturas elles as preenchão com preferencia a quaesquer outros.

„ Era sem duvida inutil recordar esta medida de equidade ao grande Napoleão; porém querendo S. M. I. e R., conhecer a nossa opinião sobre o que nos convem, nos prova de evidente modo que ainda *he mais nosso Pai do que nosso Soberano;* pois que, como hum bom pai, elle se digna consultar seus filhos, e liberalisar-lhes os meios de serem felizes. *Viva o Imperador!* „ *(Que podre e vil lizonja!!)*

N. B. Quantas reflexões, combinações, e coinci-

dencias não offerece este Documento aos Portuguezes!... Estas bazes de Constituição (posto que de sãos principios geraes) pedidas *em nome da nação sem ella o saber* (nem para isso dar poderes) ao proprio Estrangeiro, que pérfidamente a dominára, bem dão a conhecer que tem havido entre nós huma fonte occulta donde tem dimanado desde então as nossas maiores desgraças, e que a invasão Franceza de Junot não era meramente filha da ambição de Bonaparte, mas tinha raizes em hum pequeno numero de homens que desejavão transtornar o Pacto Social primittivo da Nação com o seu primeiro Rei, que só podia ser legitimamente alterado de commum accordo entre o legitimo Soberano e a Nação por seus Representantes em Cortes, e nunca ser obtido das mãos do oppressor da Patria.

Apologia da Religião Catholica por hum dos seus maiores inimigos quando abusava do seu saber.

A maior parte dos homens entende, ao ouvir o nome de *Voltaire* a respeito de Religião, que em suas Obras se não encontrão mais que ataques contra a mesma Religião, e poucos são os que entre nós não considerem este author unicamente como instrumento de sua destruição; porque tambem são poucos os que tem visto e lido com attenção todas essas Obras. Alguns, longe de traduzirem as passagens dellas, que defendem a nossa santa Religião, só tem procurado espalhar entre nós traducções de escritos deste author, ou pouco moraes ou muito irreligiosos. Nós porém seguiremos vereda opposta, e do mesmo *Voltaire* extrahiremos provas irrefragaveis da santidade incomparavel da Religião Catholica, que elle muitas e muitas vezes comprova em seus escritos.

A Religião considerada em seus beneficios, tão proprios para a fazerem amar.

„ Vio-se desapparecer a Idolatria no momento da prégação do Evangelho; esta mesma luz fez em toda a terra cessar os sacrificios de sangue. Ella corrigio a nossa Jurisprudencia e cessárão de perseguir os homens a Magia e a Feitiçaria; e foi abolida a escravidão. Não se diga que a razão sería bastante para destruir essas extravagancias. Nada se obteve da razão para destruir a Idolatria, e tão pouco se esperava della, que se empregárão suplicios contra pretendidos feiticeiros.

„ Resta-nos considerar os horrorosos effeitos desta luz do Evangelho, não já somente para a felicidade de illustrar os homens, mas tambem para fazer a felicidade e ser a consolação do genero humano. Os que tem combatido a Religião devem ao menos confessar que ella annuncia verdades das quaes resultaria a ventura do genero humano. Sua pratica he estabelecida na indulgencia, e nos beneficios. Hum Deos adorado de coração e de palavra, e o cumprimento de todos os deveres, fazem do Universo hum templo e constituem irmãos todos os homens. O Christão sabe duas grandes cousas, supportar a adversidade e consolar os desgraçados. *(T.* 34, *p.* 87 *da Edição de Kell em* 12.°*).*

„ A Religião he instituida para nos fazer felizes nesta vida e na outra. Que he preciso para ser feliz o homem na outra vida? Ser justo. Para ser feliz nesta, tanto quanto o permitte a miseria da nossa natureza, que deve ser o homem? Indulgente. *(T.* 36, *p.* 69.*)*

„ E que outra cousa he a Religião Christã se não justiça e caridade! A Religião nos sustenta sobre tudo na desgraça, na oppressão, e no desamparo que a segue, e he a unica consolação que eu posso implorar depois de trinta annos de tribu-

lações e de calumnias, que tem sido o fructo de trinta annos de trabalhos.

» Antes de se publicar o Evangelho tinhão as mais insensatas superstições suffocado a voz da razão. A superstição, que procede dos homens, tinha parecido triunfar da razão, que procede de Deos; porém he gloria da Religião revelada, ou do Evangelho, ter por si só destruido todas as superstições da terra. (*T.* 79, *p.* 130).

» A Religião Natural he o principio do Christianismo, e o verdadeiro Christianismo (na parte moral), he a Lei Natural aperfeiçoada. (*T.* 59, *p.* 203).

» Vemos pois com summa satisfação que todos admittem hum Deos justo que pune; que recompensa, e que perdoa. Os verdadeiros Christãos devem reverenciar esta baze da Religião de Jesu-Christo. Sem a sincera adoração de hum Deos unico não ha Religião. (*T.* 42, *p.* 264).

» Os partidarios do que elles chamão Religião natural, devem reconhecer, e confessar, que ella deve ao Evangelho seus desenvolvimentos e sua perfeição. A Lei Natural he reclamada por todas as Religiões. He hum metal que se liga com todos os outros, e cujas veias se estendem aos quatro angulos do Mundo; mas esta mina está mais patente, he mais ou menos cultivada, á medida que o Christianismo se dilata.

» Nós nada sabemos por nós mesmos dos segredos do Creador: não podemos com certeza conhecer o destino da alma senão pela Revelação. E como, inimigos desta Revelação que nós reclamamos, vós perseguis aquelles que tudo esperão della, e que só por elle crem! Inimigos da razão, e de Deos, vós que blasfamais delle, e della, tratais a humilde submissão do Christão como o lobo tratou o cordeiro nas Fabulas de Esopo. Vós lhe dizeis: » tu fallaste mal de mim o anno passado, devo-te por tanto chupar o sangue. » O Christão

não se vinga; elle ri em paz de vossos vãos esforços; elle illustra suavemente esses homens que vós quereis embrutecer. (*T.* 47, *p.* 312).

„ He assombroso revoltar-se o homem contra novas riquezas que a Fé nos aprezenta. E não he enriquecer o homem descobri-lhe novas verdades desconhecidas a toda a antiguidade? (*T.* 39; *p.* 198).

„ Quando vedes essa razão fazer progressos tão prodigiosos, mas só no momento da prégação do Evangelho, olhais a Fé como huma alliada que deve vir em vosso auxilio, e não como hum inimigo que convem atacar. Reconhecei, que ella he mais poderosa a persuadir do que a razão. Ousai prezalla e não teme-la. (*T.* 59, *p.* 81)

„ Ha tanta fraqueza nas luzes do homem, como miserias em sua vida. A Fé he o unico asilo a que o homem pode recorrer nas trévas da sua razão, e nas calamidades da sua natureza fraca, e mortal.... Nós somos huns meninos que tentamos dar alguns passos sem andadeiras: andamos, cahimos, e a Fé nos levanta. (*T.* 12, *p.* 128, *T.* 40, *p.* 120)

„ Como não ha povo que não tenha sido seduzido pelas illusões da Magia, tambem nenhum ha que não tenha immolado homens á Divindade. Fenicios, Syrios, Scythas, Persas, Egypcios, Africanos, Gregos, Romanos, Celtas, Germanos, todos quizerão ser magicos e todos forão religiosamente homicidas. A superstição da Idolatria, commúm a todas as Nações, dispoz os homens a huma crueldade religiosa e infernal, com a qual elles por certo não nascêrão, pois que de mil creanças não achais huma que goste de verter sangue humano. (*T.* 41, *p.* 16)

Huma louca, e horrivel superstição levou tantos Povos a apresentarem aos pretendidos Deoses do ar, e aos pretendidos Deoses infernaes, os ensanguentados membros de tantos rapazes, e rapa-

rigas como offerendas preciosas a estes monstros imaginarios. Ainda hoje em dia os habitantes das margens do Ganges, do Indo, e das Costas de Coromandel põem o primor da santidade em seguir com pompa mulheres moças que se vão queimar sobre a pyra, ou fogueira que consome seus maridos, na esperança de se unirem a elles em huma nova vida. Ha mais de tres mil annos que dura esta horrivel perseguição. — Os Bracmanes tendo substituido a superstição á adoração simples do Ser Supremo, animárão estes sacrificios.

„ He horroroso ver como a opinião de abrandar o Céo pela mortandade, huma vez introduzida, se diffundio universalmente em todas as Religiões, (por este méro facto demonstradas falsas). E quanto se multiplicárão as razões deste sacrificio para que ninguem podesse escapar ao cutello! Ora são inimigos que se devem immolar a Marte exterminador; os Scythas degolão em seus altares a centesima parte de seus prisioneiros. (*) Ora são huns homens justos que hum Deos barbaro pede por victima. Os Gettas disputão entre si a honra de ir levar as Zamoxis os votos da Patria. Aquelle que huma *feliz sorte* destina ao sacrificio he lançado á força de braço sobre lanças levantadas. Se recebe hum golpe mortal cahindo sobre as lanças, he bom agouro para o successo da negociação, e para o merito do deputado; mas se sobrevive ao golpe, he hum máo homem, de que o Deos não faz caso. — Ora são meninos a quem os Deoses pedem a vida que lhes acabão de dar; justiça sedenta de sangue da innocencia, diz *Montaigne*. Ora he o mais caro sangue: os Carthaginezes sacrificão seus proprios filhos a *Saturno*. Ora he o

(*) E os Hespanhoes no Seculo 19.° estão praticando peor que os Scythas nos Seculos barbaros, e povo inda mais barbaro; porque degolão, ou fuzilão os dois partidos os seus proprios nacionaes apresionados!!! E todos se dizem Catholicos!!..

sangue mais precioso; aquella mesma *Amestris*, que tinha mandado enterrar doze homens vivos na terra para obter de *Plutão* por esta offerenda mais dilatada vida; essa *Amestris* sacrifica tambem a essa insaciavel Divindade quatorze meninos das primeiras casas da Persia; porque os homens devião offerecer no altar o que tinhão mais precioso. Ora he o sangue mais puro: não ha Indianos que exercem a hospitalidade para com todos os homens, e que considerão hum mérito matar todo o Estrangeiro virtuoso, e sabio que passar por sua casa, para que nella fiquem suas virtudes, e seus talentos? Ora finalmente he o sangue mais sagrado: entre os Siberios matão-se os Sacerdotes para os enviarem a pedir no outro mundo por intenção do povo. (*T.* 51. *p.* 168.)

(O verdadeiro Deos tinha pedido que lhe fossem sacrificados os primogenitos, mas com ordem de os resgatarem por offerendas.)

HORACIO.

Traducção da 1.ª Epistola do Livro I.

A Mecenas.

Nos meus primeiros versos celebrado,
Dos mais sublimes digno, ó meu Mecenas,
Queres, porque sou já famoso Athleta,
Que entre segunda vez no antigo Estadio.
Não tenho a idade e o estro de algum dia.
O invicto gladiador Vejano as armas
Depoz no Templo de Hercules; no campo
Já se acha retirado descançando,
Livre já de no Circo tantas vezes
Dos vencidos pedir ao Povo a vida.
Ao exprugado ouvido me repetem:

Deixa, em quanto estás são, sendeiro velho,
Para que, de estafado, antes de á méta
Chegar, não caia, e a zombaria evites.»
Assim, os versos e outros brincos deixo,
E me occupo do sólido, e decente;
He este o emprego meu, nelle me engolfo:
Formo e arranjo o que logo usar eu possa.
Perguntas-me que Mestre e Escola eu sigo?
Não me ligo a seguir hum mestre, ou outro;
Sou hospede onde o temporal me leva.
Ora me torno ágil, e me entranho
No pégo da Moral, da verdadeira
Virtude defensor e guarda austéro;
Ora aos preceitos de Aristippo volto,
E faço quanto posso porque as cousas
Se sugeitem a mim, não eu a ellas.

Como longa parece a noite áquelles
A quem faltou a amada, e longo o dia
Aos que andão trabalhando, ou como o anno
Aos Pupillos, a quem a Mãi severa,
E tutora aperrêa; assim tardios
E asperos correm para mim os tempos,
Que demorão a esp'rança e tenção minha
De fazer com vigor o que util seja
Tanto aos pouco abastados, como aos ricos,
E que, não se fazendo, prejudica
De ambos os sexos todas as idades.
Por tanto para me reger por estes
Elementos, e a elles costumar-me
Crumpre a mim mesmo diga: Se não podes
Ver quanto o perspicaz Lyncêo avista,
Por isso os olhos de lavar não deixas:
Nem á nodosa gota o corpo esquivas
Porque os membros não tens do invicto Glycon.
Ha certo termo até ao qual se pode
Chegar, se não he licito ir mais longe.
N'avareza arde o peito, e em vil cubiça?
Palavras e doutrina ha com que possas
Este mal abrandar, e grande parte

Remover da doença. No desejo
De louvores te inflammas? Correctivos
Seguros ha, que podem reformar-te,
Em hum livro que bem attento leias.
O invejoso, o colerico, o inerte,
O bebado, o frascario.... não existe
Homem tão asp'ro que amansar não possa,
Se á lição bôa der paciente ouvido.
Fugir ao vicio he já virtude, como
Loucuras não fazer mostra haver sizo.
    Com que fadiga d'animo e cabeça
Vês como has de engrossar teus poucos fundos,
E hum despacho evitar desagradavel;
Por que estes crês dos males os maiores!
Se hés mercador, á India vais remota,
Açodado fugindo da pobreza,
Exposto a temporaes, parcéis, e incendios.
Para não te importar o que sem tino
Admiras e desejas, por que foges
De ouvir, crer, e saber o mais perfeito?
Que valentão de aldeia e encruzilhadas
Desprezára da grande Olympia a C'roa
Por ser mais doce esp'rar sem pó a palma?
» A prata cede ao ouro, este ás virtudes. »
Porém na Praça ensina o summo Jano:
» Cidadãos, cidadãos, buscai primeiro
Dinheiro accumular, depois Virtude. »
Moços e velhos vão dizendo o mesmo,
Saco e Carteira no esquerdo braço.
Se para os quatrocentos mil sestercios,
Que o Nobre tem, te faltão seis ou sete,
Dotado embora d'alma grande sejas,
Bem procedido, douto, acreditado,....
Sempre hes plebêo. Porém té os rapazes
Quando brincão, » se bem fizeres » (dizem)
Rei serás. » Este seja o teu baluarte,
Ter izenta de culpa a consciencia.
Ora dize, a Lei Roscia da Nobreza
Será melhor que o canto dos rapazes,

Que off'rece hum reino áquelles que bem obrão,
Como Curio e Camillo já cantavão?
Quem te diz que riquezas accumules,
Quer bem, podendo ser, quer mal ganhadas,
Para na Ordem Nobre os lacrimosos
Dramas de Puppio no Theatro esp'rares,
Te aconselha melhor que quem te exhorta,
E deseja ao soberbo rico possas
Livre e desempenado dar resposta?
E se o povo Romano me pergunta
Porque nas gallarias não concordo
Co' as suas opiniões, as sigo, ou deixo,
Segundo elle as abraça, ou aborrece;
Direi o que ao Leão doente hum dia
Respondeo a Rapoza cautelosa:
„ Porque me atterra, que as pégadas todas
„ São dos que vão, e dos que vem, nenhuma. „
Hés de muitas cabeças monstro, ó Povo;
E que hei de seguir eu? e à quem? Dos homens
Parte entrar folga em publicos Contractos;
Alguns andão á caça de Viuvas
Aváras, enganando-as com presentes;
E armando a apanhar velhos a quem logrem.
Co' a occulta usura os bens a muitos crescem.
Sem duvida, outras couzas e outros meios
Ha de adquirir; mas ha certeza alguma
Que elles hão de durar quanto quizermos?
Se hum rico diz: Região não ha no Globo
Mais bonita que a amena Baias; sente
O Lago e o Mar o amor do apressurado
Herdeiro, ao qual, se o vão capricho occorre
De a morada mudar, as ferramentas
Logo para Theano no outro dia
Os operarios levão. No Palacio
Ha leito de casados? Diz, que nada
Ha melhor do que a vida dos solteiros;
E se he solteiro, gaba a dos casados.
Deste Protheo o rosto com que laço
Poderei apertar? — Que diz o *pobre?*

Ora ri: muda mezas, camas, tinas,
Barbeiros, em fretado Barco, como
O Rico que o tem seu; tambem se enjôa.
Se me vês de cabello mal cortado,
Ris-te; se me apparece enxovalhada
A camiza por baixo de alva túnica,
Ou se a toga me observas mal traçada,
Ris-te. E quando comigo o pensamento
Combate, que succede? Ora despreza
O que ha pouco queria; ora de novo
Quer o que ha pouco de querer deixára,
Afronta-se, e o theor de toda a vida
Desapprova; deruba, e edifica,
Muda as cousas quadradas em redondas,
Julgas que estou hum louco rematado,
Não ris nem crês no Medico, nem que haja
De hum legal Curador necessidade,
Que administre o que eu tenho, por tu seres
Quem o guarda; e arrenegas-te por veres
Mal cortada huma unha de hum amigo,
Que depende de ti, e em ti poêm olhos.
Em summa, o Sabio he só menos que Jove;
He rico, honrado, pulchro, e finalmente
He sup'rior aos Reis, e sobre tudo,
Não tendo máos humores, tem saude.

O TYRANNO.

Conto moral de Bidpai.

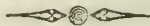
Governava hum Rei dos Seculos passados com tanta barbaridade os seus Estados, que os seus subditos já o não podião supportar, e outro recurso não tinhão senão rogar a Deos o levasse deste mundo, nem outra consolação mais que enchello de mil imprecações. Era mesmo tão conhecido como tal fóra do paiz, que seus visinhos só falavão

delle denominando-o o Tyranno. Ao voltar de huma caçada, com huma mudança tanto mais assombrosa quanto ninguem a esperava, enviou este Rei pregoeiros pelas ruas da capital a proclamar da sua parte nestes termos: » Meu povo, a minha insensibilidade foi até agora hum véo que me impedio o perceber a rectidão que devo seguir no reinar, e a minha crueldade fez embeber o punhal no sangue dos innocentes. O que eu vos annuncio deve regozijar-vos. Eu vos declaro que de ora em diante serei firme, e constante em vos alcançar toda a especie de ventura, e em vos fazer fielmente a justiça que vos devo. Tenho bastante confiança na sinceridade do procedimento que me proponho seguir, para assegurar que daqui em diante ninguem soffrerá o menor damno. Toda a terra resoará com o brado de minha moderação, e em todos os meus Estados hade haver alegria pelas liberalidades, e beneficios que nelles heide derramar. »

Causou esta proclamação inexplicavel alegria em todo o povo, e inda mais o bom effeito que a seguio. Gozárão todos os subditos de hum socego até alli desconhecido; observou-se tão exactamente a justiça no resto do reinado deste Monarca que parecia o tempo da idade de Ouro; a ponto de nem mesmo se falar da justiça que tão famosa fizera a memoria de Nuxirvan, a quem succedera este Rei, que teve por cognome o *Justo*.

Esta mudança pareceo a todos tão admiravel, quanto se ignorava a causa della, e senão podia comprehender como era possivel passar tão subitamente de tantos defeitos a tantas virtudes, e mostrar tanta constancia em nellas perseverar. Isto se veio a conhecer pela intervenção de hum valido do Rei, o qual lhe supplicou hum dia que lhe permittisse a liberdade que tomava de lhe perguntar o motivo de tão maravilhosa mudança. » Eisaqui a razão disso, (respondeo o Monarca.) Na

ultima caçada que fiz, indo perseguindo huma lébre vi que hum cão se tinha extraviado, e perseguia huma Raposa. Elle a apanhou por huma perna, e lha quebrou. Escapou-se-lhe a Raposa, e se metteo em huma toca. O cão, vendo que ella não sahiria dalli a deixou, e foi pelo rasto da lébre com os outros cães. Hum viandante que vio o cão cruzar-lhe o caminho, lhe atirou huma pedrada com tal acerto que lhe quebrou huma perna, bem como elle quebrara a da Raposa. Pouco depois caminhando hum cavallo perto do viandante, vingou o cão; mas inda bem o cavallo não tinha dado alguns passos, quando metteo o pé em hum buraco, e se ferio de modo que ficou manco. Vendo eu estes exemplos, disse comigo: Vês tu que cada hum destes individuos tem recebido a paga do mal que fez? A perdiz come a formiga, o falcão pune a perdiz, e a aguia trata o falcão do mesmo modo que este trata a perdiz. Quem mata, por fim he morto. Nada fica sem castigo, ou sem recompensa, quer se faça o mal, quer se faça o bem. Hum exemplo como este vos deveria afastar do designio que tendes de vos vingardes, receando que não tenhais o exito que esperais. »

A moral deste conto he facil de entender; a força não he o meio mais seguro de conseguir o bom fim nos negocios, ainda mesmo nos mais arriscados. A prudencia, e a sabedoria operão muito mais, e melhor que a força, e conseguem o que esta não póde obter. O Sabio, diz hum Poeta, ou o prudente, executa cousas com suas palavras que exercitos grandes reunidos não poderião conseguir.

Resumo de Noticias Politicas. Lisboa 15 *de Janeiro de* 1835.

1. O Imperador da *Russia*, que viera a Berlim com o seu filho mais velho, visitar o Rei da

Prussia, e onde se reunio com a Imperatriz sua Esposa, que de *Petersburgo* alli viera com a Princeza sua filha poucos tempos antes, sahio de *Berlim* para *Petersburgo* no dia 24 de Novembro á noite por via da *Polonia*; e toda a familia Imperial se acha restituida aos seus Estados.

2. Falleceo o *Schah* (ou *Xá*) da *Persia*, e lhe succedeo hum Neto, filho de *Abbas Mirza*, que se acha protegido pela *Russia*, e se receia ache alguma opposição em hum Irmão do fallecido Rei; mas pouco a pode temer com a protecção do Autócrata, que hoje he o arbitro da Politica da *Turquia* e da *Persia.*

3. Nos *Paizes-Baixos* parece quer renovar-se a guerra. A *Hollanda*, nesse caso, parece ficará na contenda sem o receio da intervenção, sendo certo o que as folhas de *Londres* de 29 de Dezembro transcrevêrão da *Quotidianna*, e que diz o seguinte: » Relativamente á *Belgica*, podêmos affirmar sobre exacta authoridade, que o seguinte he o estado verdadeiro dos negocios: — A questão de huma iusurreição na *Belgica* foi claramente estabelecida em *Berlim* durante a estada do Imperador *Nicoláo* naquella Capital. Ella se resolveo de modo tal, que faz *casus belli (caso de guerra)* huma insurreição na *Belgica*. Decidio-se que *nenhuma intervenção estrangeira* se consentiria daqui em diante na *Belgica* por parte de *Poteneia alguma estrangeira*, no caso de collisão ou choque entre os dois Exercitos. Porém o Imperador *Nicoláo* e seus alliados não se oppõem a reconhecer o *Estado Belga*, administrativamente separado do Reino de *Hollanda*, mas sujeitos ambos ao mesmo Sceptro. »

4. Nas folhas de *Londres* de 30 vem o seguinte artigo de *Roma* de 11 de Dezembro: » Diz-se que D. *Miguel* tornará a deixar-nos, para ir residir em *Genova*, ou em *Niza*, por não se dar bem com o Clima de *Roma*. Outros crem que isto he méro pretexto para fazer huma jornada ao Norte. »

5. As ultimas noticias do Norte da *Hespanha* dão, em geral, vantagens aos Carlistas desde 12 a 17 de Dezembro; a campanha comtudo tem sido mui sanguinaria de parte a parte; *Mina* ainda não pòde cumprir suas promessas. Os Carlistas tem augmentado suas forças, á proporção que a isso lhes tem dado lugar os seus Contrarios, que tambem tem commettido muitos erros.

6. Em *Inglaterra* dissolveo-se o Parlamento, e trata-se das Eleições para os novos Membros da Camara dos Communs e para os fins de Fevereiro se reunirá provavelmente o novo Parlamento.

7. Em *França* ha tranquillidade; o Duque de *Treviso*, Primeiro Ministro, dizia-se não continuaria por muito tempo, e tornava-se a fallar em *Soult* para aquelle lugar.

8. Lord *Londonderry*, (filho do fallecido Ministro d'Estado Lord *Castlercagh)*, dizia-se estar nomeado Embaixador d'*Inglaterra* na *Russia*, para onde parece partirá em Fevereiro. — Lord *Cowley* está nomeado Embaixador d'*Inglaterra* em *Paris*.

9. Hum artigo de Francfort de 23 de Desembro diz o seguinte: „ O Marquez de Ficalho, e o Visconde Bernardo de Sá da Bandeira, Pares de Portugal chegárão aqui na sua missão de Lisboa a Munich. Estão feitos todos os preparativos para os receber no Palacio do Duque de Leuchtenberg, onde são ha dias esperados. „ — Em hum Artigo de Munich de 23 de Dezembro se vê que S. A. R. ainda alli se achava a esse tempo, e que se esperavão os ditos dois Pares para o acompanharem com o Conde de Mejan.

N. B. *Assigna-se para este Jornal a* 1$200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.*° 1, *e* 137, *da Rua do Ouro N.*° 114, *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *réis cada N.*°

LISBOA: ANNO DE 1835.
NA IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO.
No fim da Calçada do Garcia, passando o Arco. N.° 42.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° II.

Sobre a Educação, e a Instrucção.

Entendemos por *educação* tudo aquillo que serve para formar os bons habitos no individuo, e por *instrucção* tudo aquillo que lhe dá conhecimentos. — Assim, a educação consiste muito mais em exemplos, e em praticas, e a instrucção em lições e em reflexões. — Neste sentido he que dizemos de hum homem *que elle he bem creado*, porque o uso do mundo, que então se entende por *educação*, he hum habito que se adquire pelo exemplo das pessoas bem nascidas, e se fortifica mais por huma pratica diaria do que por hum conhecimento positivo que seja fructo de lições expresas.

He verdade que a educação, formando os nossos habitos pelo exemplo, nos imprime necessariamente no animo, ou na alma, opiniões ou crenças, que tambem são conhecimentos; porém estes conhecimentos provindos da educação, e anteriores a toda a instrucção propriamente dita se denominão *preoccupações*, (ou *prenoções*) porque elles tem precedido a faculdade de examinar e julgar; e neste sentido he que os oppomos aos conhecimentos que nos provem do uso da nossa propria razão, e aos quaes annuimos pelos nossos juizos.

As *preoccupações*, (*prenoções*, ou *prejuizos*) são por tanto, fallando adequadamente, os conhe-

cimentos, que nós, ao nascer, achamos recebidos e estabelecidos na sociedade, que no-los transmitte pela educação, e os conhecimentos são as luzes que por nós mesmo adquirimos; assim, as preoccupações, ou prenoções, tem a seu favor a authoridade da sociedade, e os conhecimentos (isto he, os conhecimentos moraes contrarios ás preoccupações recebidas), a authoridade da nossa propria razão.

Como o habito he segunda natureza, e como a mesma natureza, como observa *Pascal*, não he talvez mais que hum habito primitivo, a educação he para a instrucção o mesmo que á natureza he para a arte, e o primeiro movimento para a reflexão.

O opposto ao contrario da instrucção he a ignorancia, ou a falta de conhecimentos. Porém o que se chama falta de educação não significa a destituição de toda a educação, mas sim a de huma educação boa. O homem poderá passar sem conhecimentos adquiridos; mas sem habitos não pode viver, e se os não tem bons, os ha de ter viciosos.

Os habitos formão os sentimentos; porque a sympathia, que, mesmo á primeira vista, faz que os pais, e os filhos se conheção huns aos outros, só se acha nos romances. Os conhecimentos dilatão e illustrão o espirito; assim, a educação tem antes por objecto formar o coração, e a instrucção desenvolver o espirito, ou as faculdades da alma.

A educação começa com a vida e assim que o homem entra em estado de ver; a instrucção começa com o uso da razão, e desde que o homem se acha em estado de comprehender e ajuizar. Portanto hum menino pode ter recebido muito boa educação, antes de ter podido receber instrucção alguma.

He hum erro fazer objecto de educação conhecimentos que são pertencentes á instrucção,

se querer fazer sómente objecto de instrucção habitos e sentimentos que devem competir á educação, esse he o defeito capital do systema de educação de *J. J. Russeau*, que occupa o seu *Emilio* com Botanica antes de lhe fallar de Religião, e Moral. Elle quer fazer da Botanica hum habito e quasi hum sentimento, e da Religião hum estudo, e huma sciencia de discurso, pois pretende que se não deve fallar della aos meninos senão na idade de quinze annos, e mesmo mais tarde; e faz pouco mais ou menos como hum homem que não deixasse andar hum menino, e fallar, senão quando tivesse estudado as leis do movimento, e as regras da Grammatica.

Tudo pode ser educação para a infancia, porque tudo o que ella vê he exemplo para ella, e todo o exemplo, autoridade. Por isso hum Poeta, apezar de Pagão, disse com muita razão: = *Maxima debetur puero reverentia ;* = » Deve-se ter grande attenção com as creanças. »

O Homem pode e deve em toda a idade adquirir conhecimentos; mas não he susceptivel de educação senão na primeira idade; porque habitos e sentimentos duradouros só o são aquelles que se contrahírão na infancia.

A educação he por tanto propriamente domestica; e o menino a recebe no seio de sua familia, ou no trato *familiar* das pessoas com quem vive. A instrucção he muito mais publica; e o homem chegado á idade da razão a recebe nas Aulas publicas, e sobre tudo nos livros, que são a mais publica de todas as instrucções.

A instrucção forma sabios ou eruditos; a educação forma homens.

O povo, sempre menino, sempre na primeira idade da sociedade, não pode ter outra instrucção mais que a que recebe da educação. De tudo contrahe habitos, e de todos os seus habitos forma os seus sentimentos. Aprende tudo do exemplo; re-

ligião, moral, linguagem, agricultura, artes e officios mecanicos, vicios e virtudes: e aquelles que o querem instruir com livros, e cursos publicos cenhecem muito pouco as cousas deste mundo. A vista de huma cruz, posta em huma estrada, inspirará mais sentimentos ao povo do que lhe poderia dar hum tratado de moral, e de conhecimentos religiosos.

A instrucção pode começar em hum povo como começa por hum homem. Porém a educação começou com o genero humano, pois que nenhum povo nasce de repente e sem antepassados.

A crença da existencia de Deos e das outras verdades fundamentaes da moral, dimana da educação, e não da instrucção. Estas crenças sempre existírão, pois que ainda existem; e o que faz sua força e certeza he exactamente serem ellas *prenoções* universaes, e não conhecimentos locaes

A falta de instrucção faz ignorantes, e a falta de boa educação faz homens viciosos, ou pelo menos grosseiros. Assim a falta de instrucção constitue em hum povo o estado de ignorancia; e a falta, ou antes os vicios da educação, o estado de barbaridade. Por tanto o opposto do estado de ignorancia em hum povo he o estado de *polidez*, ou *urbanidade;* e o opposto do estado de barbaridade he o estado de *civilisação*.

Hum povo pode pois ser polido sem ser civilisado, ou civilisado sem ser polido; bem como hum homem pode ser virtuoso sem ser sabio, ou sabio sem ser virtuoso.

A educação forma parte da constituição de huma Sociedade; a instrucção liga-se mais á administração do Estado.

Os Judeos tem subsistido até agora pela força de sua educação, a qual faz habitos de todos os deveres, sentimentos de todas as leis, e das primeiras idéas da infancia, conhecimentos moraes os mais elevados.

A educação, para hum povo, bem como para hum homem, he por tanto huma tradição hereditaria, uniforme, e nunca interrompida de habitos e sentimentos. Se esta tradição se suspende, o fio da educação se quebra, e a historia nos não diz se he possivel que elle se torne a atar. Se huma geração cessasse de repente de fallar, todas as gerações que se seguissem serião mudas; se a educação religiosa ficasse interompida entre hum povo, só por vinte annos que fosse, huma nação inteira se acharia sem crença na Divindade. Quando a educação, e sobre tudo a do exemplo vem a ser rara nas familias, os Governos cuidão muito (de ordinario) da instrucção publica; esta he a arte que vem auxiliar a natureza, he a Medecina que chega quando falta a saude.

Se a educação contrariasse a instrucção, talvez não haveria Academias; se a instrucção contrariasse a educação, em breve nem se quer haveria sociedade, como bem disse Mr. de *Bonald.*

Apontamentos relativos á Estatistica dos Estados-Unidos da America.

O Presidente dos *Estados-Unidos* tem de Ordenado — 25:000 Dollars ou Patacas. *(Hum Dollar, ou Pataca, he o mesmo que hum pezo duro, ou 8 tostões, ou 2 cruzados.)*

O Vice-Presidente dos ditos tem 5:000 dito.

Quatro Secretarios de Estado, (o do Interior he tambem dos Negocios Estrangeiros) a 6:000 dóllars cada hum.

Os Officiaes Maiores 2:000 dito.

As Secretarias de Estado, são: 1.ª a Secretaria de Estado, que he do Interior, e N. Estrangeiros; 2.ª do Thesouro (comprehende Fazenda, e Erario); 3.ª Guerra; e 4.ª Marinha.

O rendimento do Correio no anno de Julho de 1822 a Julho de 1823 foi de 1:114:345, e as despezas de 1:169:481 Dollars.

No mesmo anno de 1823 foi o rendimento das Alfandegas de 21:207:048 Dollars, e as Commissões e Despachos das Alfandegas de 706:272 dollars.

A divida publica no 1.° de Janeiro de 1827 era de 73:920:844 $\frac{76}{100}$ dollars.

A Marinha (em 1827) consta de 12 Náos, tres dellas de 74, mas as mais montando 104 peças; 16 Fragatas da 1.ª classe, 12 das quaes montão 64 peças; e mais 3 Fragatas de 36; 20 Corvetas, Brigues, e Escunas de 24, 18, e 12 peças; 3 Embarcações menores; 1 Fragata movida por vapor, de 30 peças: Total 55 Vasos. = Além destas tinhão então nos Lagos *Erie e Champlairs*, 2 Náos no estaleiro; 2 Fragatas, e outras embarcações menores, e 12 Barcas canhoeiras; mas muitas destas embarcações estavão incapazes.

Não ha naquella Marinha patente maior que de Capitão de Mar e Guerra, e os que tem mais de 10 annos de serviço, tendo o distinctivo de 2 ancoras nas dragonas, em lugar de huma que os outros tem, chamão-se *Commodoros*, por cortezia e costume.

A Brigada da Marinha tem 750 homens, e hum Tenente Coronel.

A somma total das exportações dos Estados Unidos para as differentes partes do Mundo no anno findo em 30 de Setembro de 1826 foi para mais de 77 milhões de Dollars; e as importações andárão por mais de 84 milhães de Dollars: o valor porêm dos generos importados não he exacto. Em outros annos andárão mais approximadas as importações ás exportações, e em alguns excedêrão estas áquellas

A colheita do algodão em 1826 foi calculada em 720 mil Sacas, pezando cada huma 400 arrateis pouco mais ou menos, e suppõem-se

que 175:000 dellas se consumírão nas fabricas do Paiz.

Desde 22 de Maio de 1821 a 22 de Maio de 1826 forão admittidos no Hospital de Filadelfia 65:065 pobres, sendo a razão de 13:013 por anno; entrão tambem os enfermos no dito numero. A despeza de cada pobre por semana em Filadelfia calcula-se em 1 dollar e 5 cents (840 rs) sendo recolhidos no Hospital, e os de fora 1 dollar e 55 cents (1240 rs.)

No Estado de Massachusetts, cuja população andará por 600:000 almas, ha 7:000 pobres, á custa de 360:000 dollars por anno.

A despeza feita com os pobres nos Estados Unidos anda perto de 8 milhõas de dollars, e he a sexta parte de 48 milhões, total das despezas de todos os mesmos Estados em hum anno.

Metade dos 7:000 pobres do Estado de *Massachusetts*, (he notavel), se reduzirão á pobreza, por causa da embriaguez.

Segundo hum relatorio Official, de 622 individuos admittidos no Hospital de *Baltimore* (em hum anno findo em Abril de 1826), = 554 tinhão sido reduzidos á miseria pelo vicio da embriaguez, e a maior parte dos 68 restantes se julgava ter perdido pelo mesmo motivo a saude. He enorme o progresso deste vicio nos *Estados Unidos.* — Morrem mais de 10:000 pessoas por causa delle cada anno naquelles Estados. — Hum terço dos Obitos na Cidade de *New-Haven*, no Estado de *Connecticut*, no anno de 1826 procedeo da mesma causa.

Em *Londres* calcula-se que dos que morrem, a oitava parte he por causa de embriaguez.

Noticia comparativa da Moeda dos Estados-Unidos pelo seu pezo comparada com a da Grã-Bretanha e de Portugal, França, e Hespanha.

Em Officio de 13 de Fevereiro de 1832 remetteo incluso o Secretario do Thesouro ao Presidente (Orador) da Camara dos Representantes dos Estados-Unidos o Relatorio do Director da Casa da Moeda *Samuel Moore*, datado em *Filadelfia* em 10 do mesmo Fevereiro, do qual se deprehende que —

A Moeda de Ouro de *Inglaterra* e *Portugal* he do toque de 22 quilates; a de *França* 21 quilates e $2\frac{5}{8}$ grãos; e a de *Hespanha* de 20 quilates e $3\frac{1}{2}$ grãos.

O valor por *pennyweight* (ou escrópulo, que são 24 grãos) das moedas de ouro da *Grã-Bretanha* e de *Portugal*, e deduzido do sobredito ensaio, he o mesmo das moedas de ouro dos Estados-Unidos a saber, $88\frac{8}{9}$ *cents*; e das moedas de ouro de *França* $87\frac{1}{2}$ *cents*; e o das de Hespanha $84\frac{34}{100}$ por *pennyweight*, ou escropulos.

As moedas de Ouro do *Mexico* e de *Columbia* (de 1830 a 1831) achárão-se iguaes no toque ás de *Hespanha* pouco mais ou menos, isto he, 20 quilates, $3\frac{3}{4}$ grãos, correspondendo a $84\frac{59}{100}$ cents por *pennyweight*. (Em *Bogotá* e *Popayan* tem leve differença; mas igual pezo ás de *Hespanha*.)

Prata. — As Patacas Hespanholas contém, em 12 onças de pezo, 10 onças 15 oitavas e 12 grãos de prata fina, correspondente a $116\frac{1}{10}$ *centos* por onça. — A Pataca do México de 1831 continúa a ter a finura da *Hespanhola*. — As do *Rio da Prata* são mais fracas, andão de 10 onças e $\frac{1}{8}$ a 10 e $\frac{7}{8}$.

A moeda de prata de *França* achou-se ter no pezo de 12 onças, 10 onças 15 oitavas e 18 grãos de prata fina, e corresponde a $116\frac{2}{10}$ centos por

onça; e nessa conformidade o valor da moeda commum de 5 Francos pode avaliar-se em 93 *centos* e 1 millesimo.

(N. B. Os pezos e medidas dos Estados-Unidos são os mesmos de Inglaterra. — Tres especies de moeda (além de algumas outras menos geraes no Commercio) se dividem em 100 partes: o Dollar ou Pataca dos *Estados-Unidos* em 100 *cents*, ou centessimos; o Franco de França em 100 *centimes*, ou centessimos; e o Rublo da Russia em 100 *copéks*.)

Consequencias ordinarias das revoluções.

As revoluções pela maior parte, e mesmo com raras excepções, são hum reinado mais ou menos dilatado do erro e da desordem, e depois de acabadas ficão os animos geralmente entimidados; e quando as revoluções produzem o triunfo das falsas doutrinas, religiosas ou politicas, ou de partidos que tem laborado occultamente para se erigirem dominadores sobre os povos, ficão estes abatidos tambem e espantados pela impunidade da injustiça e do crime, pelo desprezo das leis mais santas, e pela orgolhosa ostentação com que em publico campeião, e blazonão, até de sua impiedade e de seus delictos, muitos individuos que em tempos tranquillos e de recta justiça não poderião apparecer na sociedade dos homens. Para restituir então esta sociedade ao seu estado de antiga boa ordem he com effeito necessaria grande independencia de caracter, e muita energia com tino, para estabelecer principios firmes, pezando bem os habitos e mais ponderosos interesses da Nação. Estes interesses nem sempre devem ser considerados filosoficamente pelos principios geraes da sabedoria humana: sim, elles devem estar presentes no entendimento dos homens que governão o Estado; mas

para alvo, e não para meio de execução de suas medidas; porque o povo quer ser tratado com melindre nos desejos que tem na vontade; e he por essa estrada (que se consegue pouco a pouco limpar com acertadas providencias), que os Governos podem melhor levar a effeito as beneficas intenções de fazer venturosa huma Nação.

Odios de familias, e de pessoas até de huma mesma casa, são consequencias infalliveis das revoluções. Daqui muitas vezes vem mortes e incendios, filhos privados do abrigo dos pais, esposas dos maridos; e os desgraçados perdem muitas vezes os seus bemfeitores. Nomes injuriosos se vibrão de parte a parte; encarniçadamente se crava o ferro homicida no peito dos cidadãos, e fica impune o criminoso. Quanto mais assanhados correm os crueis assassinos a saciar-se no sangue dos seus compatriotas, mais vão alargando o fosso dos terriveis males da Patria. Não he hum individuo morto a unica perda que o seu matador causa á Patria: se era pai de familia, toda a sua familia he arrastada á desgraça; elle adquiria o pão para os filhos com o suor de seu rosto, e desde esse fatal momento, talvez se augmenta a miseria publica com huns poucos de desgraçados. Não só falta á massa da riqueza publica o trabalho, a industria, a habilidade productora de hum homem, vem a faltar a de tantos outros quantos são os filhos que por lhes faltar o pai não podem continuar seu estudo, a applicação ao seu trafico, para virem a ser na sociedade membros mais uteis que os ociosos, os vadios, os meros servidores ou criados. As filhas, que ao abrigo do pai, e por seu trabalho alimentadas e educadas em santo temor de Deos, virião a ser boas mãis de familia, ou recolhidas donzellas, ficão pela desgraçada sorte do pai, expostas a toda a especie de perigos a que a miseria e a fome conduzem a fragil natureza humana. Tudo isto vai recahir e redundar em perda do Estado

dentro e fora do paiz; porque além da desgraça interna, adquire o paiz externamente, e com razão, a fama de barbaro, e de mal governado.

Se houvesse boa fé em todos os que se affanão por melhorar, a seu modo, o Governo do Estado a que pertencem, desculpa haveria para os excessos filhos da sua insipiencia, ou involuntarios erros; mas poucos são os que podem ter essa desculpa; porque são raros os que entrão de boa fé, e sem vistas de pessoal interesse nas revoluções; e isso se manifesta a todas as luzes, quando se combinão as promessas anteriores ao exito com os posteriores factos: engodo antes, engano depois de obtido o pretendido fim da revolução; não he só isto para os que estão de fora meros espectadores, e que dentro em breve talvez vem a ser victimas dos revolucionarios; mas tambem muitos destes vão servir de degráos para serem pizados aos pés dos seus Coryfeos, que sobem aos eminentes lugares para orgulhosos e soberbos se opulentarem á custa da Nação, que estupefacta se curva ao seu ferreo jugo. » Os homens para quem os disturbios e desordens civis servírão de adquirir fortuna, e os que dellas tirárão desgraça e ruina, temem tudo quanto pode comprometter a adquirida fortuna, ou consumar a desgraça. » Esta verdade de hum bom Filosofo experimentado da França tem ainda mais força para com os que forão arruinados pelas civis discordias; porque he certo que quem se vê reduzido de muito a pouco, faz toda a diligencia por conservar esse pouco, e foge por conseguinte de se expôr a perder por imprudencia o que lhe he summamente necessario. Os opulentados, ou exaltados a lugares em consequencia de huma revolução, a cada passo temem sua fortuna os abandone; e porisso se tornão carregados, inobsequiosos, e ásperos de condição com os seus compatriotas derrubados, e com os proprios parentes; só olhão para elles como inimigos.

Tudo isto são consequencias das revoluções, e das guerras civis. E que juizo prudencial, que moderação de principios, que abnegação das proprias paixões, não devem ter aquelles que querem a gloria de bem desempenhar a ardua tarefa de restituir huma Nação ao seu antigo estado de tranquillidade e de commoda existencia que gozava antes de huma revolução funesta, e de huma fatal guerra civil! D. João I. entre nós, Henrique IV., e Luiz XVIII em França, Carlos II. em Inglaterra, e outros Munarcas prudentes devião de andar em constante memoria sobre este ponto. Em quanto se consentir que metade de huma nação trate como escrava outra metade, esta fará o que fazem os escravos; trabalhão o menos que podem, e causão ao Senhor toda a perda que podem, roubão-no subtilmente, não lhes importa que os ladrões lhe assaltem a casa ou a herdade, e muitas vezes são os proprios que se bandeião com os ladrões, se percebem que podem assim libertar-se de sua escravidão: os mais fracos e inermes achão forças e armas para resistir aos feitores e guardas; e quando o Senhor d'Engenho julga no Brazil que possue os seus escravos, se acha sem elles, e até muitas vezes he sacrificado por elles. Huma Nação, ou ha de ser livre toda, e gozar toda por inteiro dos beneficios do seu regime, quer seja Monarquia pura, quer Monarquia representativa, quer Republica Aristocratica, quer Republica Democratica; ou aliàs ha de perecer pela desordem, e pelas outras consequencias funestas das revoluções, vindo talvez a final a ser dominada por estrangeiros, que a todos nivelaráõ.

Vantagens que a Inglaterra tem tirado dos teares movidos por vapor.

Mr. Agostin de Glasgow, inventou hum tear de vapor, ou movido por vapor, em 1789, e o melhorou em 1798; e em 1820 construio Mr. Montecth de Polloskan hum edificio no qual collocou 20 teares.

Mr. Thomas Johnson, de Bradbury, inventou em 1803 hum zarelho para urdir. Antes delle a urdidura se fazia no tear em pequenas porções, e era preciso suspender o trabalho do tear em quanto ella se fazia. A maquina referida completa de golpe a operação, e a trama se põe no tear sem ser preciso interromper o seu movimento.

Em 1806 se estabeleceo em Manchester huma Fabrica de teares por vapor: pouco depois se estabelecerão duas em Stockport, e em 1809 outra em West-Hougkton.

Os esforços para tecer por meio de vapor derão lugar a grandes melhoramentos na construcção dos teares, no modo de urdir, e no de conduzir a lançadeira. Estes melhoramentos, e os que recebeo a arte de fiar, juntamente com a maquina de Johnson acabárão de aperfeiçoar os teares de vapor.

Antes de se inventar o methodo de Johnson era preciso hum tecedor em cada tear de vapor; e hoje em dia póde hum rapaz, ou rapariga de 14 a 15 annos manejar os teares, e com o seu auxilio se tece tres vezes mais fazenda do que poderia tecer o melhor artista só com o soccorro de seus braços. O tecedor mais habil tira huma, ou outra peça uniforme em sua belleza; mas nem sempre o consegue, porque a pancada mais, ou menos forte do tear causa notaveis differenças na delgadeza das teias, e além disso não póde nenhum mestre, prolongando o trabalho por algumas

horas, trabalhar com a mesma energía do principio até ao fim. Pelo contrario, nos teares de vapor a pancada he sempre igual, e huma vez montada a maquina, continúa igual desde que principia até que se conclue a tarefa. Os mesmos fabricantes que empregão o trabalho manual, admirão a belleza da lençaria que sahe dos teares de vapor, e confessão que não pódem competir com estes novos agentes da industria humana. No anno de 1818 havia em Manchester, Stockport, Middleton, Hyde, e Staylebridge, 14 Fabricas com 2,000 teares movidos por vapor: em 1821 havia nas suas visinhanças 32 Fabricas com 5731 dos mesmos teares: desde essa época continuou o numero em augmento, e em 1824 se contavão dez mil teares em exercicio em toda a Grã-Bretanha.

He digno de notar-se que quando a fabrica de algodões estava no seu auge, todas as operações, começando pela urdidura, se fazião em casa do tecedor; mas á medida que se tem melhorado os methodos, o fiado se faz em fabricas de proposito, donde se leva ao lugar em que o artista trabalha. As grandes fabricas que se encontrão nas visinhanças das principaes povoações manufactureiras ao Sul de Lancashire, tecem estofos que d'antes occupavão os braços de todos os habitantes das aldêas immediatas. Nas fabricas onde ha teares de vapor nellas se mette o algodão, se fia, se torce, e se tece, e o trabalho de huma só fabrica he igual ao que occupava todo o districto em similhantes operações.

Hum bom tecedor de 25 a 30 annos tece a braço duas peças por semana de 105 fios por pollegada, e de mais de 24 varas de comprido; mas hum tecedor em tear a vapor, e de 15 annos de idade, dará 7 peças cada semana.

Ainda que se tem applicado os teares de vapor a tecer estamparia, e atoalhados, tambem nelles se lavrão pauinhos, sedas, e outros artigos; e

ao ver o ardor com que se procura melhorar a invenção, he de crer que se generalisará o seu methodo, e se abandonarão os teares de mão, e braço.

HORACIO.

Satyra 1.ª do Livro 2.ª

Traducção.

(Finge Horacio consultar com Trebacio se deva deixar de escrever Satyras.)

A'cre de mais na Satyra huns me julgão,
E exceder seus preceitos; julgão outros
Minhas composições mui frouxas todas,
E que versos iguaes aos meus por dia
Mil se podem fazer. — Ora, Trebacio,
Que me mandas que faça? — Que descances.
— Que de versos me deixe inteiramente?...
— Sim — Então morrerei de enfadamento;
Aliàs isso era bom: porém não posso
Dormir. — Quem quer dormir a somno solto
Vai no Tibre nadar mui bem untado,
E á noite réga com bom vinho o corpo.
Ou, se tal gosto d'escrever t'impelle,
Ousa as acções contar do invicto Cesar,
Que bem te ha de pagar esse trabalho.
— Bem quizera, Trebacio; as forças faltão.
Nem ha quem pinte exercitos tremendos,
Crespos de arremessões; quebrada a lança,
Os Gallos perecendo; nem os golpes,
Que do cavallo o Partho precipitão.
— Comtudo descrevello poderias,
Como a Scipião Lucilio, justo, e forte.
— A mim não faltarei, em vindo a pêlo.
De Flacco os versos ao attento ouvido

Só em sereno tempo irão de Cesar;
Ao qual, se o lizongeia, elle replica
Muito a seu salvo. — Quanto he melhor isso
Do que em mesquinho verso andar zombando
De Pantólabo bobo, ou do frascario
Neto de Nomentano, tendo todos
Medo e odio ao zurrague, inda os intactos?
— Que hei de fazer? Milonio entra aos saltos
Mal lhe sobe á cabeça o vinho, e as luzes
Multiplicadas vê. Tentado he Cástor
Com cavallos; o gémeo, irmão com brigas.
Quantas cabeças ha, tantos mil gostos.
Eu folgó de palavras pôr em metro,
Como Lucilio, que ambos nós mais habil.
Elle aos livros out'rora, como a amigos
Fieis, os seus segredos confiava;
Nem jámais recorria a outro objecto,
Quer lhe corressem mal, quer bem as cousas.
Daqui vem, que do velho a vida toda
Como em painel votivo está patente.
Eu o sigo, ou seja A'pulo, ou Lucano;
Porque o Colono Venusino lavra
Ambas as raias, destinado a isso
(He fama antiga), expulsos os Sabellios,
Para o inimigo pelo abandonado
Campo não invadir de Roma as terras;
Ou por não vir da Apulia, ou da Lucania,
A impetuosa gente fazer guerra.
Mas este estylo a nenhum vivente
De proposito atira, e ha de livrar-me
Como espada mettida na bainha:
Porque hei de eu procurar desembainhalla,
Se de infestos ladrões estou seguro?
Permitte, ó Padre Jupiter Sob'rano,
Que ella se estrague só pela ferrugem,
Nunca a quem paz me desejar offenda!
Mas quem bolir comigo (bem o aviso,
Que he melhor não tocar-me) ha de sentillo,
E ha de cantallo *insigne* toda Roma.

Cervio, irado, com leis e urna ameaça,
Canidia com veneno aos que aborrece,
Turio juiz com damno grande as Partes.
Para aterrar qualquer seus adversarios
Aproveita o que tem ao seu alcance,
E como a poderosa natureza
Assim o manda, vai comigo vendo.
Co' o dente o lobo, co' o chavelho o touro
Investe; e a causa? Interior Instincto...
De Sceva a mãi longeva á neta entrega:
Não lhe dará co' a pia mão a morte;
(Que admiração! tambem nunca accommette
Co' a pata o lobo, e com o dente o touro:)
Mas com mel com cicuta envenenado
Fará partir a velha. Para extenso
Não fazer o discurso: ou socegada
Velhice me ha de esp'rar, ou me anda a morte
Voando em torno já co' as negras azas...
Rico, pobre, de Roma desterrado,
Se a sorte assim mandar; qualquer que seja
Meu teor de vida, hei de escrever. — O' Moço,
Temo não vivas, e que algum amigo
Dos Magnatas te ponha frio o corpo.
— Porque? primeiro não ousou Lucilio
Versos compor por esta mesma norma?
Não punha a calva á mostra aos que de puros
Blazonavão, por dentro sendo torpes?
Acaso Lélio, ou esse a quem Carthago
Destruida deo nome merecido,
Se offendêrão do engenho seu? ou magoa
Tiverão por Metello? ou por hum Lupo,
De satyricos versos tão zurzido?
Pois elle censurou do povo os Grandes,
E cada huma das Tribus: porém sempre
Só attento á virtude, e aos que a prezão.
Inda mais, em do publico passando
De sua casa ao seio o virtuoso
Scipião, e o affavel sabio Lélio,
Costumavão com elle, á larga postos,

Entreter-se a jogar, té qu' a panella
Cozinhada estivesse. Inda que eu seja
A Lucilio infrior em bens e engenho,
Confessará com tudo até a Inveja,
Sem querer, que hei vivido com os Grandes,
E cuidando que o dente ferra em molle,
Duro ha de achar. Excepto se discordas
Disto, douto Trebacio. — Na verdade
Aqui não sei que possa aconselhar-te.
Mas digo, que avisado te acautelles,
Não succeda te cause das leis santas
A ignorancia algum mal; porque se contra
Alguem se fazem versos máos, direito
Ha de o julgar. — Embora, se máos forem;
Mas sendo bons, louvados são por Cesar,
Recto juiz; se alguem ladrar, que digno
Seja de opprobio, elle fica inteiro,
Rasga-se o feito a rir, vou absolvido.

Utilidade das tempestades.

Huma obrigação tanto mais indispensavel quanto mais della não fazem caso muitas pessoas desattentas, ignorantes, e ingratas, he o considerar todos os fenómenos da natureza pela parte por onde mais visivelmente nos manifestão a sabedoria, e a bondade de Deos, e se fazem mais sensiveis ao nosso coração. He certo que não se pode negar que ás vezes se serve Deos dos fenómenos naturaes para castigar os homens, mas estes casos particulares não impedem que Deos se proponha nisso primeira e principalmente o bem e a utilidade universal; do que nos dá incontestaveis provas toda a natureza. Para nos convencermos desta verdade basta considerarmos hum unico fenómeno. — Não he mui ordinario na maior parte das pessoas acharem-se desde a infancia ha-

bituadas a não pronunciarem sem tremer as palavras relampago e trovão? Tal he a nossa injustiça que só nos occorrem os casos summamente raros em que as tempestades são funestas para huma pequenissima parte do Universo; entre tanto que fechamos os olhos ás grandes utilidades que dellas resultão para todos os seres. Não tardariamos em mudar de linguagem se Deos, irritado de nossa ingratidão, e de nossas queixas nos privasse dos bens que as tempestades produzem.

He verdade que não podemos manifestar todas as utilidades que dellas nos resultão. Mas basta o pouco que sabemos para enchermos o nosso coração de reconhecimento para com o nosso bemfeitor. Represente-se huma atomosféra carregada com infinitas exhalações nocivas e pestilentes; que os ares cada vez se engrossão mais pela evaporação continua dos corpos terrestres, dos quaes ha tantos que estão corruptos e envenenados. Nós respiramos este ar: delle dependem a conservação, ou a destruição da nossa existencia; elle nos dá a vida, ou a morte, a salubridade, ou insalubridade do ar. Bem sabido he quanto cançamos nos excessivos calores do verão, quão difficil nos he o respirarmos, e quanto tédio e incommodos então experimentamos. Não he pois hum beneficio singular de Deos, e que merece todo o nosso reconhecimento, que huma saudavel tempestade venha purificar o ar de tudo o que o fazia nocivo; que acenda as partes salinas e sulfareas, e que desta sorte impeça seus perigosos effeitos, que refresque o ar, e dando-lhe sua elasticidade facilite a nossa respiração? sem a tempestade as exhalações mortiferas se multiplicarião e se corromperirão cada vez mais; perecerião a milhares os homens, e os animaes, e huma peste universal faria da terra hum hospital e hum cemiterio. Que partido he o mais razoavel, o de temer, ou o de desejar as tempestades? o queixar-se o homem dos leves

damnos que ellas ás vezes causão, ou louvar a Deos pelas preciosas utilidades que causão ao mundo? Accressente-se a isto que não só aos homens e aos animaes he mui util que a atmosféra se limpe de tantas exhalações perniciosas, mas tambem que isto mesmo he mui vantajoso aos vegetaes. A esperiencia nos ensina que a chuva tempestuosa he melhor que as outras para fecundar as terras. A chuva traz comsigo todas as partes salinas, e sulfureas que enchião a atmosfera ao tempo da tempestade, e são hum excelente estrume para as plantas; prescindindo da innumeravel multidão de bichinhos, de sementes, e de pequenos insectos que a chuva tempestuosa tambem precipita na terra e que se descobrem com o microscopio nas gotas da agua.

Semelhantes reflexões podem moderar o excessivo medo que temos do trovão; medo que mostra demaziado a pouca confiança que temos em Deos. Em lugar de enchermos o nosso espirito de ideas espantozas e terriveis, acostumemo-nos a pensar no que a tempestade tem de grande e magestoso. Em lugar de pedirmos a Deos que não venha tempestade alguma, antes lhe peçamos que se digne enviallas de tempos a tempos, ou aliàs sugeitemo-nos inteiramente a este grande Ser eterno, que sempre governa o mundo com sabedoria e bondade.

Resumo de Noticias Politicas. Lisboa 23 de Janeiro de 1835.

No N.° 1.° resumimos varias noticias, e não tendo espaço para alargar as de Hespanha taes quaes no-las dão os periodicos Inglezes, e Francezes de varias cores, dissemos o que elles referem, mas *em geral*, sobre as noticias do theatro da guerra em Hespanha. Nos paizes livres não se occulta a verdade ao povo, e o povo que não gostasse de saber a verdade, e de lhe prestar attenção estaria longe de ser hum po-

vo liberal, e franco; bem como o homem que só gosta de lisonjas se habilita a ser enganado a cada passo. Esperamos ha muito ver officios circunstanciados da acção de 15 dos Exercitos Hespanhoes que combatem contra os insurgentes da Navarra; mas não tem vindo por ora todas as relações desejadas, e entre tanto não ha regresso senão colher dos periodicos de Londres as noticias de factos, cuja veracidade não se poderá exactamente conhecer senão com o tempo. Que a facção Carlista se tem feito avultada, os mesmos Generaes que a combatem o tem dito em seus officios, e nem de outra parte poderia desculpar-se a demora que tem havido em acabar com os insurgentes.

Já na *Gazeta do Governo* de 31 do mez passado se transcreveo do *Eco do Commercio*, de Madrid, em data de 22 do mesmo, o seguinte: » Do Exercito do Norte nada novo se sabe de officio, segundo temos ouvido dizer; e por isso não nos atrevemos dar inteiro credito aos rumores de novas victorias que circulárão hontem, e hoje. »

No dia 22 devia por certo haver officios que referissem estas victorias, pois tinhão decorrido 7 dias, até depois dos combates do dia 15 assaz renhidos. E que recurso tem os Periodicos senão referir o que dizem outros Periodicos sobre os successos do tempo? *O Mensageiro das Camaras de París, e o Globe de Londres*, não são suspeitos de fautores do Pretendente; mas trazem artigos, que abaixo transcrevemos, que não deixão lugar a duvidar de haver Zumalacarregui tido vantagens nos combates a que essas noticias se referem.

O London Packet de 26 de Dezembro, pag. 4, transcreve varias noticias de París do dia 23, em que se lê nas de Baiona o seguinte: » A famosa acção de 12 está hoje esquecida. Já está visto que os Carlistas perdêrão nella ao muito cem homens, em ambos os choques, e a podérão dar sem entrarem 2,500 homens de outras tropas. *(He provavel ser exageração dos bulletins!)* Tambem se tem visto que os mesmos tem mantido as mesmas posições, não se tem retirado, e estão unidos como d'antes em opposição ao General Mina. Porém mais do que isto: o seguinte bulletim, ou despacho telegrafico, que appareceo no *Monitor* desta manhã nos dá a saber que esse, que se dizia *totalmente derrotado*, Exercito de D. Carlos era assaz forte tres dias depois do dia 12 para *bater* Cordova, e Oráa (*o original diz* derrotar), e obrigallos a se retirarem para Estella.

— » Hum bulletim distribuido em Bayona, falla de hum ataque que Cordova, e Oráa tinhão tentado no dia 15

contra Zumalacarregui; e segundo elle refere, o ataque foi mal succedido (ou sem bom exito); e os Christinos se virão obrigados a retirar-se para Estella, tendo soffrido alguma perda. »

Abaixo damos outras noticias exactamente extrahidas de outros periodicos Inglezes sobre varios assumptos. Elles fallão tambem de hum novo Congresso em Berlim. As medidas dos Governos de Hespanha, e Portugal poderão, havendo união, manter a paz interior neste, e acabar a guerra da insurreição naquelle paiz; porque as vantagens momentaneas dos Carlistas não pódem contrastar, segundo toda a probabilidade, a vontade de hum povo inteiro.

O *Globe* do 1.° do corrente mez de Janeiro traz, extrahido do Mensageiro das Camaras de 30 de Dezembro o artigo seguinte: — » As relações diplomaticas entre a Russia, e seus principaes alliados são mui activas. Pessoas bem informadas vem que o Rei de Hollanda, o Duque Wellington, e as Cortes da Italia são instados ás mais extravagantes demonstrações, e que se houver disturbios, loucas pretenções, e anti-revolucionarios excessos, he porque a Russia assim o quer! Os seus planos estão fixados, a sua politica he invariavel. — As medidas ordenadas na Polonia vão continuando com actividade quanto o permittir a penuria do Erario, e o mesmo acontece nas Provincias meridionaes.

» O Imperador está resolvido a ter 100$ homens do lado proximo á Prussia. (Em Berlim fallão de 200$.) Elle está tambem resolvido a ter 50$ homens nas Provincias proximas á Turquia, além dos que tem na Asia, e das tropas que tem nos Portos do Mar-Negro. — Depois da noticia da morte de Feth Ali Schá, Rei da Persia, tem sido enviados muitos Officiaes, e Agentes secretos á Persia; e tambem se tem enviado Officiaes Superiores para o Exercito do Caucaso, e para o Mar Caspio. »

No *Globe* (do dia anterior) se lê o seguinte: — » *París* 29 de Dezembro. *A Sentinella dos Pyrenéos* diz: » Temos mais algumas particularidades da acção do dia 15. Cordova, e Oráa tinhão avançado pelo Bosque de Sorlada com 8:000 homens. Lopez avançou de Moez com 9,000 infantes e 300 cavallos, e 3 peças de artilheria. Dizem que os Carlistas, e Cristinos gastárão 32$ cartuxos. Os Cristinos tiverão 1200 homens mortos, feridos, e apresionados (e não 1500 como dissemos); os Carlistas tiverão 200 homens mortos, e feridos. O filho do General Oráa foi morto na batalha de Azarta. Charandaja, e mais dois Officiaes Superiores dos Cristinos forão mortos no mesmo dia em Carrascal. » (Mensageiro de

29 de Dezembro.) — O Correio do Meio-dia diz por sua correspondencia: a Catalunha está inteiramente limpa daquellas pequenas quadrilhas que se davão como militares, e tambem está livre da Colera. »

No *Globe* de 2 do corrente entre outros artigos do Mensageiro se lê o seguinte: = París 30 de Dezembro. — Não obstante a pretendida derrota de Erazo, este voltou com os seus tres Batalhões completos, e bloqueia Elisondo mais estreitamente que nunca. Os annuncios telegraficos de Bayona são méra zombaria, discordando de tudo o que ouvimos das proprias scenas da acção. — Zumalacarregui depois da severa batida que deo a Cordova, e Oráa no dia 15, longe de recear derrota, dividio a sua força enviando huma columna para Alava, e outra para Guipuscoa; esta para aprehender algumas espingardas chegadas de Inglaterra para o Governo da Rainha. »

» O Ministro da Fazenda apresentou á Camara dos Deputados de França o Orçamento para o anno de 1836: a despeza se calcula ser de 1:001:904:935 Francos ou (400:768:970 cruzados) ao passo que a receita se calcula em 994:985:987 Francos (ou 397:994:360 cruzados.) A Força do Exercito fica sendo de 300 mil homens, e a sua despeza de 230 milhões de Francos (ou 92 milhões de cruzados,) a somma reduzida he indicada pela Commissão da Camara do anno passado. »

Hum artigo de Bruxelas de 30 de Dezembro diz: — » Passou hontem por Bruxellas hum Secretario da Legação Portugueza, indo de Londres a Munich com huma missão. »

No mesmo *Globe* de 2 se lê o artigo seguinte: — » Berlim 20 de Dezembro. — Ha aqui huma especie de estagnação em materias politicas, e parece que esperamos vêr se o Ministerio Tory em Inglaterra manterá o seu terreno. A pedra de toque do Ministerio está sem duvida no Parlamento, e relativamente aos sentimentos deste não se póde formar conceito, porque os Whigs são obrigados á reconhecer os erros do ultimo Gabinete. Até esse tempo, isto he, até á consolidação do Ministerio Tory não tomarão as Potencias do Norte passo algum para a solução das grandes questões da politica Europêa ora pendentes. »

O Paquete de Londres de 29 de Dezembro traz o artigo seguinte: » O Principe de Coroa de *Baviera* está para desposar-se com a filha do Arquiduque *Carlos*. Seu Irmão, *Otho*, Rei da *Grecia*, fallou-se que estava justo a casar com huma filha do Imperador da Russia, mas parece que esta joven Senhora está destinada ao Principe da Corôa de hum grande Reino da *Europa* Occidental. »

O Morning Post de 7 do corrente Janeiro diz recebêra noticias de *Madrid* até 27 de Dezembro, e que alli havia algum cuidado por não se haverem ainda publicado os Officios da acção de 15, em que *Zumalacarregui* se diz mui victorioso no seu officio de 16. Parece que *Mina* está perigosamente doente, e já não commanda o Exercito da Rainha, o que por certo he notavel falta.

O Globe de 7 de Janeiro traz o seguinte artigo:

» *Paris 5 de Janeiro.* — Huma carta das fronteiras da *Catalunha*, de 23 de Dezembro assevera em termos positivos, que *Cordova* foi substituido em consequencia do revez que soffreo quando se oppoz a *Zumalacarregui* na acção do dia 15. — *Santocildes*, que he huma especie de Deputado Capitão General em lugar de *Llauder*, dizem andar á caça dos Carlistas. Os Christinos tiverão hum encontro com huma quadrilha destes, perto de *Pinos*, e se diz que os primeiros perderão hum Capitão, e alguns outros homens.

« A relação da doença de *Mina*, causada por cançaço, e desalento, agora se confirma; elle ainda está em *Parcelola.* » (Já em *Lisboa* publicou a *Revista*, por Carta de *Saragoça*, de 9 de Janeiro, que *Mina* chegára a esta ultima Cidade assaz doente) » *Zumalacarregui* anda pelas visinhanças de Victoria; seus ultimos successos tem, segundo dizem, alentado muito as suas tropas, e augmentado seus recursos. O bloqueio de *Irun* ainda continua; a guarnição daquella praça fez ultimamente huma sortida, matou alguns Carlistas, e tomou dois prisioneiros, que logo forão espingardeados. » (Eisaqui hum dos principaes motivos de durar aquella fatal guerra: homens que sabem que serão mortos se forem aprisionados, defendem-se até á ultima extremidade; por que entendem que he melhor morrer matando; e são como os *amoucos* na India.)

Errata. No N.° 1.° sahirão alguns erros typograficos de facil emenda na leitura; mas devemos corrigir aqui o seguinte.

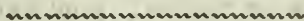
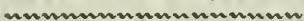
Pag. 8, lin. 28, *deseja*, leia-se *diga*.

N. B. *Assigna-se para este Jornal a* 1$200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.°* 3*; da Rua do Ouro N.°* 112*; e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *réis cada N.°*

LISBOA: ANNO DE 1835.

NA IMPRENSA DE CANDIDO ANTONIO DA SILVA CARVALHO.
No fim da Calçada do Garcia, passando o Arco. N.° 42.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.º III.

Sobre a Verdade, a Mentira, e a Ficção.

Lembro-me de ter lido em hum livro de Filosofia (diz J. J. Rousseau) que *mentir* he occultar huma verdade que se deve manifestar. Desta definição se segue naturalmente que calar huma verdade que não ha obrigação de manifestar, ou dizer, não he mentir; porém aquelle que, não contente em tal caso de não dizer a verdade, diz o contrario della, mente, ou não mente? Segundo aquella definição não se poderia dizer que mente: por quanto, se dá moeda falsa a hum homem a quem nada deve, sem duvida o engana, mas não o rouba. — Duas questões se appresentão aqui a exame, ambas muito importantes. A primeira, como e quando o homem deve a outro a verdade, pois que nem sempre a deve: a segunda, se ha casos em que possa innocentemente fazer-se hum tal engano.

A verdade geral e abstracta he o mais precioso de todos os bens: sem ella o homem he cego; ella he o olho da razão. Por ella aprende o homem a conhecer-se, a ser o que deve ser, a fazer o que deve fazer, a encaminhar-se com acerto ao

seu fim. — A verdade particular e individual nem sempre he hum bem, ás vezes he hum mal, e outras he couza indifferente. — As couzas que importa ao homem saber, e cujo conhecimento he necessario á sua felecidade, não são talvez em grande numero; mas sejão em que numero forem, ellas são hum bem que lhe pertence, que elle tem direito de reclamar onde quer que o achar, e de que não o podem frustrar sem se commetter o mais iniquo de todos os roubos, pois que essa verdade he hum daquelles bens communs que todos tem direito de procurar, e cuja communicação não priva de sua posse quem o confére.

Quanto ás verdades que não tem especie alguma de utilidade nem para a instrucção nem na pratica, como poderião ser ellas hum bem devido, pois que ellas nem mesmo são em si hum bem, e pois que a propriedade só se funda na utilidade; porque onde não pode haver utilidade tambem não ha propriedade. Pode alguem reclamar hum terreno ainda que esteril seja, porque ao menos se pode habitar nelle; porém que hum facto occioso, indifferente a todos os respeitos, e sem consequencia para pessoa alguma, seja verdadeiro ou falso, a ninguem isso interessa.

Na ordem moral nada he inutil, assim como nada o he na ordem fysica. Nada pode ser devido daquillo que para nada presta; para ser devida huma couza he precizo que possa servir ou ser util. Assim, a verdade que he devida he a que pode ser util, ou interessar á justiça, e he em certo modo profanar o sagrado nome da *verdade* o applicallo ás couzas vãs cujo exterior he indifferente a todos, e cujo conhecimento he inutil a tudo. A verdade despida de toda a especie de utilidade ainda mesmo possivel, não pode portanto ser huma couza devida; e por conseguinte quem calla a d'essa especie, ou a disfarça, não se pode dizer que mente.

Não dizer o que he verdadeiro, e dizer o que he falso, são duas couzas mui diversas, mas de que pode ao menos resultar o mesmo effeito; porque este resultado he seguramente o mesmo todas as vezes que este effeito he nullo. Em toda a parte em que a verdade he indifferente, tambem he indifferente o erro a ella opposto; d'onde se segue que em tal caso o que engana dizendo o contrario dessa verdade indifferente não se pode julgar mais injusto que o que, em não a declarar, engana; porque a respeito de verdades inuteis, o erro vale o mesmo que a ignorancia. Que eu julgue ou creia que a areia do fundo do mar he branca ou encarnada, he couza que não importa mais que o ignorar que côr ella realmente tenha. E como pode alguem ser injusto não offendendo pessoa alguma, quando a injustiça consiste só em offender a outrem?

Mas se a obrigação de fallar verdade se funda na sua utilidade, como me constituirei eu juiz dessa utilidade? Muitas vezes o que a hum dá proveito ou vantagem, dá prejuizo ao outro, o interesse particular he quasi sempre opposto ao interesse publico. Como nos haveremos em tal caso? Demais, examinando o que devemos aos outros, teremos nós sufficientemente examinado o que nos devemos a nós mesmos? Se não faço mal a outro illudindo-o, segue-se por ventura que eu o não faça a mim mesmo? E o não ser jamais injusto podera ser bastante para ser sempre innocente?

Destas e outras muitas questões que nos enleião nós podemos facilmente desembaraçar-nos dizendo: fallemos sempre a verdade, succeda o que succeder. A propria justiça consiste na verdade das couzas; a mentira he sempre iniquidade. Mas isto he cortar a questão, e não he decidilla; pois se não tratava de pronunciar se seria sempre bom dizer a verdade, mas se a isso he sempre obriga-

do o homem. Em todas as questões moraes difficultosas, como esta, dizia Rousseau se achava bem com resolvellas pelo dictame da sua consciencia antes do que pelo lume de sua razão; e que nunca o enganara o instincto moral. Porém estaráõ todos no caso de sempre o fazerem assim, e pode alguem afiançar que elle nunca se enganou a este respeito, e dar por inquestionavel a sua asserção?

„ Julgar dos homens pelos effeitos que produzem (diz o mesmo Rousseau) he muitas vezes apreciallos mal. Só a intenção do que faz taes discursos os avalia, e determina o seu gráo de malicia, ou de bondade; (mas isto he internamente). Dizer falsidades he só mentir pela intenção de enganar; e a mesma intenção de enganar succede ás vezes estar tão longe de produzir mal, que produz hum fim contrario. Comtudo, para huma mentira ser innocente não basta que a intenção de perjudicar não seja expressa; he precizo tambem que haja certeza de que o erro em que são lançados aquelles a quem fallamos, não lhes pode ser nocivo a elles, nem a pessoa alguma, seja de que modo for. He raro e difficultoso que possa alguem ter esta certeza; e por conseguinte que haja mentira innocente. ”

„ Mentir para utilidade propria he impostura; mentir para utilidade alheia he fraude; mentir para fazer mal, ou offender o credito alheio, he calumnia; esta he a peor especie de mentira. Mentir sem fazer bem nem mal, não he verdadeiramente mentir, he fingir, ou usar de ficção.

As ficções que tem hum fim moral, chamão-se Apólogos ou Fábulas; e como o seu objecto não he, ou não deve ser senão envolver verdades uteis debaixo de apparencias sensiveis, e agradaveis, neste caso não se liga quem as arranja a occultar a mentira de facto, que só he o trajo da verdade; e o que conta hum conto, ou huma fabula, como

tal, de modo nenhum se pode chamar hum mentiroso.

Outras ficções ha puramente ociosas, taes como os romanses, novellas, e contos em que não se encerra alguma instrucção moral, alguns principios verdadeiros para a pratica do bem; e em que só ha hum esteril passatempo; este fim he a unica desculpa dos que empregão o tempo em sua composição.

As chamadas *mentiras officiosas* são verdadeiramente mentiras, porque impor ou enganar para utilidade quer de outrem, quer da propria pessoa, não he menos injusto do que enganar para detrimento ou perjuizo. Quem louva ou vitupera contra a verdade, mente huma vez que se trate de pessoa existente.

Em summa, a verdade, como resulta desta theoria, he hum dever de que se não pode honrosamente prescindir em detrimento da justiça, da lei, e da razão: a justiça, a lei, e a recta razão constituem a verdade; a mentira que as fere he por conseguinte indigna do homem de bem. Ora, como em nós tudo se pode dizer he adquirido por habito; o que contrahe o habito de mentir ainda mesmo em couzas indifferentes, vai-se indispondo ao habito da verdade, e grangeando má opinião na sociedade, sobre tudo se quer fazer acreditar os seus enganos como verdades.

Ha comtudo pessoas tão pouco reflectidas que gostão, em couzas até de grande consequencia, que as enganem, e as conservem na illusão, e prezão e acolhem mais os que lhes occultão a verdade que os que lha manifestão para que não se arrependão de sua illusão: como se não fora mais amigo meu o que me vem dizer que os ladrões me andão rondando a casa, e que me ponha á lerta, apezar de ter bem seguras e trancadas as portas, do que o que me diz que não ha taes ladrões no sitio, e que ainda quando os haja he impossivel

me arrombem as portas, as quaes, com tudo, se não podem ser abertas, ou arrombadas, poderáõ ser destruidas pelo fogo, se não houver vigilancia em evitar a minima acendalha, de que se possão servir para atear alli o incendio. *Amicus Plato, magis amica veritas.* He certo tambem o que disse o Sabio: *Veritas odium parit;* a Verdade produz odio; porém esse he filho de almas abjectas, e a Verdade tem a origem no ser Supremo; este bom documento reduzio ha muito hum Poeta nosso, dizendo:

„ Mentir, na realidade
Leva dos vicios ao cabo;
Pai da mentira he o Diabo,
E Deos he Pai da Verdade. "

O amor da verdade e a sua pratica constitue o caracter do homem de bem, ou homem probo: a mentira destroe o bom conceito do homem; a ficção, bem tecida e applicada á moral pode fazer imprimir boas maximas, ou verdades e exemplos, ou fazer bom effeito em Poesia.

He notavel que, não querendo os Grandes, nem os pequenos a mentira conhecida como tal, a preferem muitas vezes á verdade, e contra esta se indignão, ou antes contra quem lha diz. Quando Christo dizia a Pilatos que sempre fallára verdade, Pilatos lhe perguntou: *E que he a verdade?* Em vez de querer conhecella, dava isso por couza inutil, e mesmo como couza não existente. O povo he como os Grandes, e estes e aquelle se irritão, e amofinão quando, embalados com mentiras gratas a seus gostos e desejos, de repente lhes apparece a verdade em que não quizerão crer a tempo, e lhes atrahe esse erro pezados desgostos, que talvez poderião evitar, ou ao menos achar-se preparados para serem menos sensiveis os golpes da adversidade. A mãi que ama extremosamente

o tenro filho que adoeceo, quer antes a lisongeie o médico de que o filho não está em perigo de morrer, do que lhe falle a verdade; e quando o medico por contemplação lhe não diz que o filho está de perigo, quando elle lhe morre faz imprecações contra o medico porque, ou lhe disse hia bem, ou lhe não deo a entender que estava em perigo de vida.

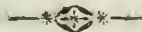
A *verdade* tambem não deve ser de apparencia; não só porque essa apparencia não he a sua realidade; mas porque, como disse *La Rochefoucauld*, a verdade não faz por si mesma tão grande bem, quanto a prejudicão as suas apparencias.

Ha com tudo algumas verdades (diz o mesmo A.) que o homem prudente deve guardar como em deposito, e não as soltar senão, por assim dizer, gota a gota. Tambem ha verdades que nem verosimeis parecem: a ellas alludia *Boileau* quando disse:

Le vrai peut quelque fois n'être pas vraisemblable.

Estas verdades não se podem crer, nem mesmo arriscar, sem madura consideração; e sobre tudo á gente idiota.

Da tenra infancia deve o homem beber o amor da verdade; os maos pais e os maos mestres, com seu descuido, ou, o que he peor, com o seu exemplo, são os que deixão germinar, brotar, e crescer nos corações da mocidade a venenosa planta da mentira, que cria muitas vezes raizes indestructiveis em toda a vida do homem, ao mesmo tempo que naturalmente dão todos por inclinação hum culto de veneração á Verdade.

—*—

Documento importante para explicar varios factos dos maiores dos nossos tempos.

Artigos do Tratado Secreto de Tilsitt assignado entre o Imperador dos Francezes, e o Imperador da Russia em 7 de Julho de 1807.

Art. 1. A *Russia* tomará posse da *Turquia Européa*, e estenderá na Asia as suas conquistas até a distancia que julgar a proposito.

Art. 2. A Dynastia dos *Borbons* em *Hespanha*, e a da Casa de *Bragança* em *Portugal* cessaráõ de existir. *(Eis-aqui a origem do infame Tratado de Fontainebleau de* 22 *de Outubro de* 1807, *feito entre Napoleão e hum dos proprios Monarcas cuja Dynastia (de Borbon) já occultamente estava proscrita em Tilsitt!!!)* Hum Principe da familia do Imperador Napoleão terá a investidura da Coroa destes Reynos. *(Veio a tella em Hespanha o Senhor D. Jose Napoleão.)*

Art. 3. A Authoridade temporal do Papa cessará; Roma com as suas dependencias será unida ao Reino d'Italia. *(Assim se fez.)*

Art. 4. A Russia se obriga a dar á França o apoio da sua Marinha para conquistar Gibraltar. *(Eis a razão porque veio para o Téjo a Esquadra Russiana, commandada pelo Almirante Siniavin em* 1807.*)*

Art. 5. As Cidades *d'Africa*, como *Tunes*, *Argel* &c. serão possessão dos Francezes, e quando se fizer a paz geral todas as conquistas que os Francezes tiverem feito na Africa durante a guerra serão dadas como indemnisações aos Reis de *Sardenha*, e da *Sicilia*.

Art. 6. *Malta* será occupada pelos *Francezes*, e não se fará paz com a *Inglaterra* em quanto ella não entregar esta Ilha á *França*.

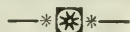
Art. 7. O *Egypto* será tambem occupado pelos Francezes. Terão a faculdade de navegar no

Mediterraneo os Navios pertencentes ás Potencias seguintes: *França*, *Russia*, *Hespanha*, e *Italia;* os outros serão excluidos.

Art. 8. A *Dinamarca* será indemnizada no Norte da *Allemanha*, e Cidades Anseaticas, com tanto que consinta em largar á França a sua Esquadra. *(Por este Artigo se verá o motivo porque a Inglaterra atacou de subito Copenhague em* 7 *de Setembro de* 1807, *apoderando-se da Esquadra Dinamarqueza antes que fosse entregue á França.)*

Art. 9. SS. MM. II. de *França* e da *Russia* farão todos os esforços para concluir hum arranjo pelo qual ninguem tenha direito a enviar ao mar Navios mercantes sem que lhes junte alguns Navios de guerra.

(Assignados) Kourakin (L. S.). — *C. M. Talleyrand* (L. S.) Principe de *Benevento.* = *Tilsitt* 7 de Julho (25 de Junho) de 1807. — *(Além de publicado em Inglaterra por Goldmith*, *em* 1810 *tambem se acha na Quotidianna de Paris*, *de* 12 *de Julho de* 1830.*)*

—*⊛*—

Observações sobre este Documento.

Eis aqui o modo como se preparárão os ferros para a Peninsula; e ainda não bastavão tantos sacrificios feitos pela Hespanha para sustentar a alliança funesta com Buonaparte para ao menos conservar no Throno os seus legitimos Reis! Enganado até á ultima hora *Carlos IV*, vai-se metter nas mãos do seu maior inimigo em Bayona; e pela mesma forma vai *Fernando VII.* e seus Irmãos metter-se no laço tão perfidamente armado.

Portugal teve a fortuna de ver escapar a Real Familia ás unhas do Conquistador; mas soffreo a dolorosa pena de se ver subjugado sem medir as armas com o perfido invasor. Comtudo bem mostrárão depois os nossos valorosos compatriotas que

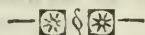
a injuria devia ser vingada, não á traição, mas com as armas; e os Hespanhoes, tambem enganados, derão sobejos testemunhos, de honra e lealdade aos seus legitimos Reis; elles conquistárão a usurpada Coroa, levantando-se de repente em toda a Peninsula o grito honrado de morte aos usurpadores da independencia das duas Nações Peninsulares. A *Ingluterra* auxiliou, como tão interessada tambem na empreza, a heroica resolução dos povos opprimidos; a *Russia*, que fizera aquelle Tratado immoral mais para se ver livre do Conquistador do que por ignorar os intuitos deste em conseguindo o pactuado, foi depois em 1812, 13, e 14 hum invencivel baluarte á dominação universal da França sobre toda a Europa, moderando, mas não perdendo de vista, os seus projectos sobre a *Asia*.

Quanto fòra melhor a *Alexandre* proseguir na guerra em 1807 do que fazer huma paz tão feia, e immoral á vista de similhante Tratado! Elle mesmo o conheceo depois quando em 1812 se vio atacado, abrazada a sua antiga Capital, e devastada grande parte do seu Imperio por aquelle mesmo com quem cinco annos antes se enlaçára para dividir com elle o Imperio do Mundo, sem conhecer que não era possivel obter aquelle fim sem excitar huma guerra geral dos Povos, que, não lhes dando segurança a previsão e juizo dos seus Governos, havião de vir a romper em aberta resistencia aos oppressores.

O Tratado Geral de Paz concluido entre os dois Imperadores depois do Armisticio de 21 de Junho, foi assignado em Tilsitt no dia 7 de Julho, (estilo antigo) e nelle se podia facilmente perceber que alli não estava tudo o que os dois Imperadores ajustárão, e principalmente quando depois que se avistárão no dia 25 de Junho ficárão tão apparentemente conformes em sentimentos.

Alexandre, além de reconhecer nesse Tratado

Geral a Confederação do *Rheno*, reconheceo tambem tres Irmãos de Napoleão como Reis, a saber, *Jeronymo* do Reino de *Westfalia*, *Luiz* do da *Hollanda*, e *José* do de *Napoles*, por onde preludiava para se assentar no *d'Hespanha*, como depois se vio: mas a Providencia derrubou as tramas da iniquidade, como mais tarde ou mais cedo costuma.

—※§※—

POESIA.

O primor da Poesia Lyrica he a Ode; mas são poucos os Poetas antigos e modernos, que tem chegado ao sublime neste genero de composições nos Paizes mais favorecidos das Musas, em comparação dos que tem poetado em suas maternas linguas. — Entre os Francezes tinha a primeiro lugar João Baptista Rousseau quando appareceo o Poeta *Le Brun*, que, se não o eclypsou, adquirio jus a lugar não menos distincto no Parnaso Francez com suas Odes; e algumas compoz em que não cede aos maiores Lyricos conhecidos. Fez elle duas Odes ao immortal Plinio moderno, o Grande Buffon, a qual dellas melhor; mas parece com effeito superior a que lhe dirigio sobre os *Detractores*, a qual, tendo sido posta em musica, foi cantada pela célebre Madama de Genlis na presença do mesmo Buffon, que não pôde conter as lágrimas ao ouvir as duas ultimas Estrofes. — Esta Ode, que temos traduzido por ser tão cheia de bellas imagens, julgamos será lida pelos curiosos com satisfação: ella he a que rompe a marcha na Collecção das Obras de *Le Brun*: a nossa lingua não se mostrará inferior á do original.

—*—

ODE A BUFFON

POR LE BRUN.

Sobre os Detractores.

Deixa, Buffon, bramar a Inveja; he isso
Do seu terror tributo:
Seu cégo, e vil furor, contra a brilhante
Vida tua que pôde?
O Olympo. a quem borrasca negra cerca,
Despreza a impetuosa
Raiva dos Aquilões amotinados;
No entanto que a tormenta
Nas faldas ronca, a nobrecima goza
Magestoso socego.

—*—

Pensavas tu que o Genio, que no Throno
Das Artes te colloca,
Com gloria impune longo tempo os olhos
Feriria invejosos?
Não, por certo; pagar a gloria deves,
E expiar teu renome,
Em vida tempestades padecendo:
Mas esse turvo charco,
Que em tua lynfa pura lodo lança,
Não lhe altera a corrente.

—*—

Prosegue, ultimo Astro dos Francezes,
Em teu brilhante gyro;
Imita o Deos da Luz, que só se vinga
Com beneficios novos.
Prosegue. Obtenhão novas Obras tuas
Novo, geral applauso,
E mais gloriosos louros; dos Alcides
He recompensa a gloria,

E o Dragão das Hespérides guardava
Hum ouro menos puro.

—*—

D'Eson o filho intrépido por ouro
Vão e estéril arrastra
A docil Grecia ás praias que famosas
Fizera o Velocino.
Elle dos bosques do Epiro fórma
Essa Náo portentosa,
Que co'as ondas attónitas fallava;
Seu rápido denodo
Já dos campos da Cólquida horrorosos
Vê soltarem-se os Monstros.

—*—

Cumpre encadeie ao jugo seu os touros
Fogosos de Vulcano;
Sulque de Marte o campo, que estremece
Sob seus pés de bronze:
Da Hydra, que enche de pavor a terra,
Ferteis de guerra os dentes,
Mal que debaixo de seus pés germinão,
Surde viva seara
Contra o seu semeador, e o accommette,
E jura a morte dar-lhe.

—*—

Se triunfa, outro estorvo vem vedar-lhe
O desejado objecto;
Conquistar com prodigio novo deve
Esse ouro precioso;
Vencer feroz Dragão inda preciza,
Contrastar seu veneno,
E de seus olhos illudir o fogo:
A Jason nada prende,
Lá voa . . . E tentarás, Buffon, tu menos
P'ra teu nobre triunfo?

—*—

Mas se temes de hum Monstro a tyrannia
Tão cioso e perverso,

Larga do Genio o Sceptro; sim, não queiras
Mais illustrar o Mundo.
Desce das eminencias de tua alma;
Tuas azas de fogo
Abate, e teus pinceis sublimes quebra;
Imita os que te invejão,
E com seus infiéis vernizes tinge
Os teus brilhantes quadros.

—*—

Contente de agradar a futeis gostos,
Deos do instante he o Taleuto;
Dos Séculos o Deos he só o Genio,
Que abrange os tempos todos.
Como em nobre delirio elle arde quando
Da lyra sua em torno
Juntos lhe pinta os seculos á Gloria,
E o seu conspicuo voto,
O seu Throno inconcusso solidando
Sobre extinctos Imperios!

—*—

Sem este quadro magico, que affaga
Seu coração egregio,
O lethargico encanto romperia
Do indolente deleite?
As riquezas teria desprezado?
Teria elle das Circes
Formosas regeitado as vãs caricias?
E com incerto estudo
Dos Povos, que não ha de ver, a estima
Remota compraria?

—*—

Assim, fugindo á luz, e a seus recreios,
A Chrysálida activa
Em ocio vai fiar mysterioso
Seu liquido thesouro.
Léda a nynfa se encerra de ouro e seda
No tumulo que fórma,
E que aos profanos olhos toda a encobre;
Certa de enriquecerem

De seus nobres lavores os prodigios
Os Reis, Damas, e Numes.

—*—

Os que *só* tem por idolo o presente,
Não ficão na memoria;
Por hum exito vão, e fátil gosto
O seu Porvir deixárão.
Das passageiras rosas amadores,
Tem as graças, e a sorte
Fallazes de huma flor, que pouco dura;
Reinão por hum só dia.
Porém das nove Irmãs inda hoje o Tempo
Renova o antigo louro.

—*—

Até quando viráõ ao sacro valle
Vis Procustes, manchando
Seus augustos retiros, os Alumnos
Atormentar de Apollo?
Poderás isto crer, Posteridade?
Zoilo, de mãos impuras,
Zoilo, eu vi Montesquieu injuriando!
Mas quando a inexoravel
Parca este Homem sem par roubou á Terra,
Nossa mágoa o fez Nume.

—*—

Como! alternadamente faz a Sorte
Caminhar os talentos
Entre o Olympo e os Abysmos, e entre
A satyra e o incenso!
Desgraçado o mortal que fama adquire!
Vivo, o Heroe offendemos;
Em morrendo, curvamos-lhe os joelhos:
Só se ama a Gloria ausente;
Sim, he grata a memoria; mas os olhos
São ciosos e ingratos.

—*—

Tão depressa, Buffon, seu véo rompendo,
Do tumulo fugindo,
Desses Paços d'Estrellas recamados

Tua alma entrar as portas,
Lá do brilhante seio do alto Empyreo
Verás como te off'rece
A França lacrimosa immortaes honras,
E o Tempo, verdadeiro
Vingador, expiar da Inveja o crime,
Prendendo-a ás tuas áras.

—*—

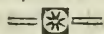
Eu, nesta de talentos e virtudes
Deserta praia, a perda
Soffrida lamentando, " Illustre amigo,
Direi: " Tu já não vives!
" Viuva jaz e muda a Natureza,
" Tua falta deplora,
" E ao seu Cantor só póde dar suspiros! . . .
" Sacra e tutelar Sombra,
" Eu esta lyra, que agradar-te soube,
" Penduro em teus Cyprestes! "

—*—

LISBOA 29 DE JANEIRO

Sua Alteza Real o Duque de *Lechtenberg*, e Principe de *Eichstadt*, na *Baviera*, e Duque de *Santa Cruz*, no *Brazil*, Digno Esposo da Augusta Rainha Fidelissima a Senhora D. Maria II, chegou felizmente aó Téjo no dia Domingo 25 do corrente, sendo recebido com os applausos adequados a tão Alta Pessoa. Na Segunda feira 26 se cumprio a Solemnidade dos Augustos Desposorios na Sé Metropolitana desta Provincia, com a pompa designada no Programma publicado no Diario do Governo. = S. A. R., tendo assistido ao beijamão do Dia de Anno bom na Corte de S. M. o Rei de *Baviera*, sahio no dia 2, chegou a Londres no dia 11, demorou-se alli poucos dias, tendo visitado ElRei da *Grã-Bretanha*, embarcou abordo de hum Barco de Vapor, e com prospera viagem chegou a

Lisboa, com grande alegria do povo desta Capital, e gratissima complacencia de Sua Magestade a Rainha sua Augusta Esposa, e de S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança Sua Augusta Irmã. Os estreitos limites da parte politica deste Jornal não permittem dizer mais sobre estes publicos regozijos, que os periodicos da Capital tem sufficientemente annunciado.

=❋=

ARTIGO DO PAQUETE DE LONDRES.

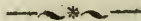
Londres 26 *de Dezembro de* 1834.

Parece estar o povo em Bruxellas mui seriamente possuido da idéa de que o Rei dos Paizes-Baixos está a ponto de atacar a Belgica. Se assim acontecesse, esperão auxilio da França, que sustentão muitos não intervirá em quanto aquella se poder defender, mas sahirá a campo quando houver para isso verdadeira necessidade. Hum dos periodicos traz o seguinte : " O Principe Real acaba de passar alguns dias no Palacio de Lacken, ou antes na Belgica. Julgou-se que elle vinha meramente fazer visita a sua Irmã, ao passo que se diz que elle viera fazer arranjos com o Governo Belga para o caso de ataque pela Hollanda: affirma-se que o Duque de Orleans visitou no mais estreito *incognito* as fortalezas da Belgica; e em breve veremos aquelle Reino em formidavel estado de defeza. "

As authoridades Hollandezas na fronteira temse feito mais apertadas em suas reflexões sobre os viajantes. O *Correio Belga* contém huma Nota do Commandante Hollandez em Nimega a hum viajante commercial Francez em que se lhe indica escreva ao Embaixndor de França na Haia, nestes termos: " Que vós sahistes de Paris para irdes a negocio de commercio a Hollanda; que ao chegardes a Bruxelas o Encarregado dos Negocios dos Francezes vos tomou o vosso passaporte, e vos deo outro; que quendo chegastes a Nimega fostes levado á pre-

sença do General que alli commanda, o qual vos declarou que o vosso passaporte não estava regular, pois que era passado por huma authoridade Franceza na residencia de hum Rei da Belgica, que este General Hollandez nos declarava " *que não sabia que houvesse pessoa alguma como Rei da Belgica* no mundo, e que tinha ordem para mandar retirar todos os estrangeiros que viessem com taes passaportes. " E concluia dando licença ao viajante para ficar em Nimega, até obter o passaporte regular do Embaixador de França na Haia; mas diz-lhe que faça saber ás authoridades a quem competir, que taes passaportes como o que elle trazia, de modo nenhum serão respeitados em Hollanda. Isto he linguagem decisiva.

Porém os Belgas estão ainda ameaçados por outra parte. No dia 21 do corrente recebeo o seu Governo huma participação da Dieta Germanica á cerca do Luxemburgo; cuja substancia, segundo os periodicos de Leipsig, Augsburgo, Francfort, &c. &c. (que estando agora todos debaixo da censura não fallão senão a linguagem dos Governos a que são sujeitos), he huma imperiosa exigencia de que seja evacuado o Luxemburgo, antes de entrar em qualquer outra negociação. = *O Consul de Flandres* mostra-se muito irado por esta noticia, pois diz: " Poderia-mos dar tambem logo por huma vez Liege, e Bruxelas. A isto tem sido levados pelos artigos 18 e 24, e pelos 72 protocollos. " He o que basta sobre o arranjo final dos negocios da Belgica pelos fabricadores de protocollos. *(London. Packet.)*

—*—

Extrato de noticias dos Periodicos Inglezes de 8 a 14 de Janeiro.

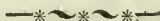
Os Jornaes Inglezes de 10 transcrevem do *Monitor* a seguinte Carta de *Talleyrand* ao Ministro dos Negocios Estrangeiros do Rei dos Francezes,

a resposta do Ministro (documento não indifferente para a historia do tempo.)

„ Senhor. — Quando a confiança do Rei me incumbio ha quatro annos a Embaixada em Londres, á propria difficuldade da missão me fez obedecer. Creio a cumpri com utilidade para a França e para o Rei; dois interesses sempre presentes no meu espirito, e estreitamente ligados com os meus pensamentos. Nestes quatro annos permittio a manutenção da paz fazerem-se mais simples as nossas relações; a nossa politica que se achava isolada, misturou-se com as de outras nações; foi acceita, e apreciada, e honrada pelos homens bons de todos os paizes. A cooperação que obtivemos da Inglaterra nada custou á nossa indepencia, nem aos nossos melindres nacionaes; e foi tal o nosso respeito aos direitos de todos, foi tal a franqueza dos nossos procedimentos, que longe de inspirar desconfiança, he a nossa garantia que hoje se reclama contra o espirito de *propagandismo* que assusta a velha Europa. He seguramente á eminente sabedoria do Rei, á sua grande habilidade que se podem attribuir tão satisfatorios resultados.

Eu não pretendo para mim outro mérito mais que o de ter previsto primeiro que nenhum outro o profundo pensamento do Rei, e de o ter annunciado áquelles que depois se convencêrão da verdade das minhas palavras. Porém agora que a Europa conhece e admira o Rei; que por tanto estão superadas as principaes difficuldades; agora que a Inglaterra tem talvez tanta precisão como nós da nossa mutua alliança, e que a carreira que ella parece desejosa de seguir a deve fazer preferir hum espirito embebido de tradições menos antiquadas que as minhas; agora me persuado posso, sem faltar á minha dedicação ao Rei e á França respeitosamente interessar S. Mag. em acceitar a minha resignação; e eu vos rogo, Senhor, lha apresenteis. A minha longa idade, as enfermidades que são sua natural consequencia, o repouso que

ella requer, os pensamentos que ella suggere, fazem o passo que adopto hum passo simples, demasiado o justificão, e o impõem mesmo como hum dever. Confio na recta bondade do Rei que como tal o ha de tomar. — Recebe, Sr., a segurança &c. (Assignado) o *Principe de Talleyrand. = Valençai* 13 de Novembro de 1834. "

—*~*~*—

Resposta do Ministro dos Negocios Estrangeiros ao Principe de Talleyrand.

" Principe, — Apresentei ao Rei a carta que vós dirigistes ao Ministro dos Negocios Estrangeiros, rogando a S. Mag. acceite a vossa demissão da Embaixada de Londres.

" Sua Magestade hesitou muito em acceitalla. Associando-vos com as suas vistas e com as do seu Governo, vós tendes tão habilmente cooperado em dar estabilidade á nova Monarquia, grandeza á sua politica, e na manutenção da paz da Europa, que o Rei não podia consentir em privar a França de vossos poderosos serviços e da vossa eminente experiencia. Porém conheceo S. Mag. que depois de tão grande e dilatada carreira, a propria affeição e gratidão que professa para com vosco lhe não permitte resistir por mais tempo ao desejo que lhe expressais em attenção á vossa avançada idade de voltar a huma vida retirada. Recebei &c. (Assignado) *Rigny.* "

(Não será indifferente reparar que a data da carta do Principe de *Talleyrand* he dois ou tres dias anterior á demissão do Ministerio *Whig.*)

Entre os negocios que parece tenderem a desagradaveis contendas, ha hum que mostra pôr embaraços á communicação amigavel entre os Estados-Unidos com França, o qual expõe o *Globe* de Londres de 13 do corrente nos termos seguintes.

" A Mensagem do Presidente (dos Estados-Unidos) contínúa a da'nos Periodicos Francezes

tema de discussão, e certamente a posição da França nas transacções circumstanciadas naquella mensagem não he das mais consistentes ou honrosas. Durante a guerra, e a operação do anti-commercial systema de Napoleão, soffreo o commercio dos Estados-Unidos graves perdas por aggressões da parte da França, e reclamou indemnisações, que forão depois de pleno exame, admittidas, pelo Governo Francez, fixada a sua importancia de 25 milhões de francos, por Tratado em 1831, e determinados os prazos a quantias dos pagamentos em que havia de ser. Este Tratado foi assignado sendo Sebastiani o Ministro dos Negocios Estrangeiros, e a negativa de Camara dos Deputados em conceder a somma precisa para o seu cumprimento foi a causa de se dimittir o Duque de Broglie, successor daquelle Ministro nos Negocios Estrangeiros. Desde então até o proprio Rei tem mostrado o maior desvelo em vencer a intempestiva economia das Camaras, e aponta-se como causa da sua dissolução, o ter elle empregado os tres dias que durou o Gabinete do Duque de Bassano em combinar os meios para este fim; porém Mr. Passy se racusou a apoiar o negocio. Aqui pára por ora o caso. = As cartas particulares da America (segundo refere de *Temps*, periodico de Paris) concordão em dizer, que a proposta do Presidente ao Congresso para a permissão de cruzarem Vasos de guerra contra os Navios Francezes, e confiscallos, não será admittida; mas que os dois Estados ficarião na mesma situação em que estiverão por espaço de quatro annos (de 1818 até 1822). E por tanto iguaes Embarcações haverá em tal caso nos negocios commerciaes, mas sem os odiosos actos de represalias!!

A respeito da Embaixada de Lord *Londonderry* a *Petersburgo* diz o mesmo *Globe* o seguinte copiado do *Morning Advertiser*:

" O Marquez de Londonderry ouvimos tem triunfado dos seus oppenentes, como sempre triunfa a discripção dos Ministros, e está para ir para

S. Petersburgo como Representante do nosso Soberano naquella Corte! "

O mesmo jornal transcreve do *Albion* o seguinte: " Sabemos que o Governo de S. M. está preparando medidas importantes, que hão de dar sufficiente prova ao Paiz que os Ministros estão dispostos a fazer reformas praticaveis, não por palavras, mas por obras! "

Artigos extrahidos do mesmo *Globe* de 13 de Janeiro.

" *Questão Hollando-Belga.* = A Embaixada do Rei dos Paizes Baixos está em vesperas de se pôr no seu antigo pé na nossa Corte. Em Hollanda ha forte esperança de que debaixo da mediação dos Ministros actuaes se hão de a final ajustar satisfactoriamente as desavenças com a Belgica; e por conseguinte o tom de todas as noticias que recebemos da Hollanda são muito menos bellicas. " *(Glasgow-Courier.)*

" O Barão Zuylen de Nievelt chegou da Haia (a Londres) com huma missão especial do Rei de Hollanda. Hontem teve huma conferencia com Lord Aberdeen, na Secretaria dos Dominios Ultramarinos. "

" *Paris* 10 *de Janeiro.* = Em consequencia de instrucções politicas dadas pelo Prefeito aos 48 Commissarios de Paris prendêrão estes a noite passada perto de quatrocentas pessoas nas hospedarias dos seus districtos. = Forão todos os Commissarios fazer alli simultaneamente estas prizões, á mesma hora, auxiliados cada hum por cinco ou seis Officiaes. " (Parece que os prezos, ou pelo menos parte delles, erão homens que tinhão já sido levados perante os Tribunaes, mas que erão suspeitos de terem tido parte em hum grande roubo feito em 31 de Dezembro a Mr. Genevcy, Caixeiro de cobranças dos Banqueires Moigne, Margtad, e Mallet.)

Vienna (d'Austria) 31 *de Dezembro.* = Hum correio Inglez que passou ha poucos dias por esta Cidade, em jornada de Londres a Constantinopla,

entregou officios aqui na Legação Ingleza, dos quaes se colhe seria em breve dissolvido o Parlamento. Sendo isto certo, ha de firmar-se a Administração de Peel, e a final perderá a politica da Europa o inconstante caracter que tem tido nestes ultimos tempos. . . .

Ainda que todos os actos da Administração de Lord Grey, e do seu successor Lord Melbourn parecessem calculados para manter a paz da Europa, com tudo Lord Palmerston não possuia os talentos, ou talvez a boa vontade, de se conformar com os outros Estadistas; passando continuamente de extremo a extremo; de modo que os outros Gabinetes se achavão sempre embaraçados, não obstante o desejo que tinhão de dissipar essas difficuldades, sem nunca poderem dar solução ás maiores questões que agitão a Europa, a fim de se reduzirem os exercitos. Espera-se que tudo agora se ha de resolver, e que todos os Governos poderáõ diminuir os exercitos permanentes, para aliviar assim o gravame dos povos, e restituir á industria os braços, de que ha tantos annos está privada.

—⁂—

Extractos do Morning Post.

Londres 13 de Janeiro. = Escrevem-nos de París em 11 do corrente o seguinte. = Incluso vos remetto hum Bulletim do General Carratelá que pretende ter ganhado huma victoria no dia 2 do corrente, que publicou o *Jornal de París* do de Quinta feira (8) á tarde por despacho telegrafico de *Baiona.* Depois de eu ter feito as minhas indagações não posso dizer-vos como a couza exactamente concluío; mas creio que he a mesma acção em que se diz fôra *Zamalacarregui* victorioso. = (Nestas como na maior parte das guerras, em que se não vê adiantamento de posições, mal se podem crer as noticias de ambos os contendores á primeira narração). = " Partio daqui a final para Ingla-

terra o General *Alava*. = Não ha insurreição séria no *Aragão*, nem na *Catalunha*. "

Londres 14 *dito*. = De *París* nos participão em 12 o seguinte: = Noticias que se acabão de receber de *Bayona* em Casa de hum agente carlista, dizem que nos dias 2, 3, e 4 do corrente houve mui severos combates. Parece ser a mesma acção em que o General *Carratalá* assegura ter batido os carlistas, e que agora se diz ter sido pelo contrario. *Zulamacarregui* foi ferido em hum braço no dia 2, e no dia 3 lhe matarão o Cavallo. = "

Consta que a *Albania* se sublevou contra a Porta; quer naturalmente seguir o exemplo da *Grecia*, podendo. Erigírão os *Albanezes* hum Senado, que denominão *Tsumanto*, nomeando varias Authoridades do Governo. As Authoridades *Turcas* tinhão levantado, ás ultimas noticias, huma força de 5$ homens; mas não erão sufficientes para suffucar a revolta. Esta Provincia tem huma população de perto de 800$ almas.

As ultimas noticias de *Madrid* des de 18 do corrente, dão a desagradavel noticia de huma commoção que houve nesse dia alli com o criminoso intento de derrubar o Governo; em circunstancias como as presentes bom foi poder-se tranquillizar esta desordem que custou a vida ao Capitão General Cnterac, e a outras muitas pessoas, como se refere no Diario do Governo de 26 do corrente no Artigo *Madrid*.

—*~*—

N. B. *Assigna-se para este Jornal a 1$200 réis por trimestre (de 13 Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.° 137, e N. 1; da Rua do Ouro N. 112; e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa 120 réis cada Num.*

LISBOA: 1835.
NA TYPOGRAPHIA DE R. D. COSTA.
Rua direita de S. Paulo N. 10 A, 1. andar.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° IV.

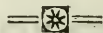
Idéa geral dos Elementos fysicos.

Chamão-se *Elementos* fysicos, ou da natureza, as partes primitivas dos corpos. Os antigos admittião quatro Elementos, ou corpos primitivos, de que suppunhão formados os outros: o Ar, o Fogo, a Terra, e a Agua. — Esta opinião, posto que abandonada ha muito, nem por isso era desarrazoada; porque não ha mixto algum em que a Fysica não encontra estes quatro objectos, ou pelo menos algum delles. Veio depois Descartes que a estes quatro elentos substituiu mais tres, unicamente por elle imaginados, a que chamou materia *subtil*, materia *globulosa*, e materia *ramosa*.

Hoje os Filosofos de maior saber reconhecem que absoluctamente se ignora em que consistem os elementos dos corpos; e com maior razão, se os elementos dos corpos são todos similhantes; e se os corpos differem entre si pela differença da materia de seus elementos, ou só pela sua differente disposição.

Seja isso como fòr, passemos a huma breve e clara analyse de cada hum desses denominados

Elementos, cuja natureza he mais facil comprehender, e cujos effeitos são mais geralmente conhecidos pela diaria experiencia.

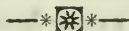
=⊛=

Da Agua.

A *Agua* tinha sido olhada até os nossos dias como huma substancia simples; homogenea (isto he, da mesma natureza); decompondo a nova Quimica esta substancia, e tornando a compolla successivamente, veio a provar que a Agua era hum corpo mixto que resulta da combinação de dois fluidos aeriformes (ou como o ar), a saber, o gaz oxygenio (ou ar vital) com o gaz hydogenio (ou ar inflammavel da Quimica antiga); averiguando-se que em 100 partes de agua 85 dellas são do oxigenio, e 14 do hydrogenio, sendo 1 centesimo restante de *gaz azote*, ou arrespiravel, especie de principio componente simples que os Quimicos modernos reconhecêrão.

A agua he tão essencial á nossa conservação que, sem ella não podemos respirar, pois que o ar destituido de vapor não he proprio para a nossa respiração.

A agua toma tres diversos estados; he alternativamente *solida fluida*, ou em estado *vapor*. *Solida* pela falta do calorico, isto he, do principio do calor, que he o fogo (como se vê na neve, ou gelo); *fluida* porque contém calor moderado; e achar-se reduzida a vapor, quando se acha penetrada de tal força ou quantidade de calor que, pela fervura, chega a diffundir-se como fumo pela atmosfera discipando-se por ella, o que acontece quando o calor he de 100 gráos do thermotro centigrado, ou 80 gráos do Réaumur, ou 210 gráos de Farenheit. Ainda que baste que os dois primeiros thermometros mostrem que em *zero* gela a agua

(e o 3. em seu gráo 32), ainda assim mesmo o calorico existe em alguma quantidade no mesmo gelo, e nelle pode diminuir, tornando-se então mais denso ou duro. Duas causas concorrem para a formação do gelo: por huma parte a obliquidade dos raios do Sol, e por outra a pequenez dos dias do inverno, a diminuição do calor interno do Globo terrestre, calor absolutamente independente do que lhe communica o Sol. A agua portanto em estado de gelo adquire tanto maior solidez quanto o gelo se tem formado mais lentamente. Em 1740 construio-se hum palacio todo de gelo em Petersburgo, á frente do qual se collocárão seis peças de artilheria formadas tambem de gelo: carregárão-se de polvora e balla, deo-se fogo, e lançarão assim mesmo com tal força o tiro que foi a balla passar huma taboa de duas pollegadas de grossura, a sessenta passos de distancia.

—*※*—

Do Ar.

O ar não he, como longo tempo se julgou, huma substancia homogenea, hum elemento, hum componente sem composição.

He hum mixto essencialmente formado de duas substancias, denominadas *gazes*. Hum destes he o *gaz azota* (acima indicado) assim denominado, como vocabulo Grego, porque mergulhados nesse fluido os animaes cessão de viver e de respirar, e a luz mettida nelle se apaga. A outra substancia chama-se *gaz oxigenio*, que quer dizer gerador do acido. Este gaz he eminentemente respiravel; os corpos que estão nelle mergulhados, derramão viva luz quando ardem. Este gaz he o unico que serve para a combustão dos corpos, e para a respiração dos animaes, que outra couza não he senão huma combustão vagarosa, fonte do calor animal.

Com o ar ou atmosfera se misturão varios outros fluidos aeriformes, isto he que tem a forma de ar. O mais leve de todos he o que se denomina *gaz hydrogenio*, ou *arinflammavel;* o qual he 15 ou 16 vezes mais leve que o ar atmosferico. Quando arde com o oxygenio produz a agua; razão porque se lhe dá o nome Grego de *hydrogenio* (gerador da agua).

Duas qualidades notaveis do ar são a sua compressibilidade, ou poder comprimir-se; e a sua elasticidade, ou poder alargar-se. Por estas duas qualidades ou propriedades do ar he que o choque dos corpos que nelle estão immersos ou mergulhados, produz vibrações que formão os sons; os quaes são tanto mais graves, ou tanto mais agudos, quanto as vibrações são mais apressadas, ou mais vagarosas; mas, em todos os casos, elles se transmittem á mesma distancia, e correm 173 toezas, ou 310 varas por segundo.

A grande ligeireza ou leveza do ar o obriga a obedecer a grande numero de potencias. A remota acção do Sol, ou da Lua, a acção immediata do Mar, a do calor que o rarefaz, a do frio que o condensa, todas nelle causão continuas agitações. — Os ventos são as suas correntes: elles impellem, e juntão as nuvens, produzem os meteóros, e transportão sobre a árida superficie dos Continentes as tempestades que derramão e distribuem as beneficas chuvas, perturbão os movimentos do mar, levantão as ondas, e causão as terriveis tormentas.

—*—

Do Fogo, e da Luz.

Se existe na natureza algum verdadeiro elemento, isto he, alguma substancia homogenea, pura, e de perfeita simplicidade, huma substancia que não se ache composta com outra, e que entre

na composição de todas, he sem duvida o fogo. — A sua fluidez he hum estado constante que elle communica aos outros corpos penetrando-os. O Sol parece ser, mas não he, a sua unica fonte. O fogo arde quando obra immediatamente, e allumia quando a sua acção he mais afastada.

He difficil definir a natureza do fogo; nós o não conhecemos senão pelos seus effeitos: nós o percebemos só quando elle se manifesta. Elle se annuncia, quer pela *luz*, a qual se pode derramar sobre os corpos sem os queimar; quer pelo mero calor, que pode ter lugar sem haver braza nem chamma, tal como o que se produz pela mistura de dois liquores; quer finalmeute pela *combustão* ou *queima*, sempre acompanhada de luz e de calor, de esbrazeamento, ou de chamma.

A combustão he produzida pela combinação de duas substancias que estavão unidas com o calorico, e que, achando-se terem mais affinidade entre si do que cada huma dellas tinha com elle, o expulsão ou o deixão escapar todo, ou parte.

Haverá luz sem fogo? Serão substancias differentes o calorico e a luz? Questões são estas que tem occupado e ainda occuparáõ longo tempo os sabios: como não as podemos decidir, nós nos limitaremos a citar hum facto que parece deveria resolver o problema.

Os raios da luz não dão calor algum: reunidos no foco de hum vidro ardente ou espelho ustorio, elles derramão todavia huma luz bastantemente grande, e o liquor do mais sensivel thermómetro, exposto aos seus raios reunidos nada sobe no tubo. Eis-aqui luz bastante sem calor, e esta possibilidade de considerar a luz em si mesma tem movido os Fysicos a tratarem á parte este interessante objecto.

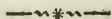
—~*~—

Da Luz.

No nosso Systema Planetario o Sol he a unica fonte da Luz. — Esta substancia viva e pura sahe despedida do Sol, chega a nos com espantosa rapidez tal, que confunde a imaginação de quem conhece a distancia e o tempo de sua passagem. Em 8 minutos e 7 segundos ella corre hum espaço de 33 milhões de leguas Francezas ou quasi 24 milhões das nossas de 18 ao gráo.

A Luz he a fonte de todas as *cores*. Hum raio luminoso branco, por tenue que seja, não he hum objecto simples: elle se compõe de certo numero de raios de diversas cores, que são susceptiveis de refracção, mas que já não soffrem decomposição.

O descobrimento destas grandes verdades, tantos e tantos seculos occultas aos homens, deve-se ao immortal Newton, que foi o primeiro que, auxiliado por hum prisma, decompoz huma restea de luz, e achou que as cores primitivas se achavão partindo do fuudo do prisma, nesta ordem, encarnado, alaranjado, amarello, verde, azul, carmezim, e roxo. — O branco he a reunião de todas estas cores, isto he, os corpos brancos reflectem os raios de luz inteiros; e pelo contrario os corpos negros os absorvem todos.

—⁂—

Da Electricidade e do Magnetismo.

Ha na natureza dois fluidos impalpaveis e invisiveis, cujo poder se faz comtudo sentir por effeitos tão positivos, que não he permittido pôr em duvida a sua existencia; são estes a Electricidade e o Magnetismo.

A materia electrica existe no interior e no exterior de todos os corpos da Natureza; acha se

derramada por todo o universo. Ella tem, como o fogo, a propriedade de inflammar os liquores espirituosos, e de derreter os metaes; e em geral todas as propriedades do fogo e da luz são ou vem a ser as do fluido electrico.

O *Magnetismo* he a força que tem a *magnete*, ou *pedra iman*, de attrahir o ferro para huma parte, e de o repellir de outra; ha duas especies de *iman;* natural, e artificial; o *iman* natural he hum mineral de ferro de còr escura, que se acha no interior de varias montanhas, na Siberia, na Dalecarlia, na Noruega, e no Devonshire em Inglaterra. O iman artificial he huma reunião de varias laminas de aço, ás quaes se communica a virtude magnetica com hum iman natural, ou pedra de cevar, e que produzem os mesmos effeitos.

O iman constantemente se dirige para o Norte: esta propriedade deo origem ao invento da Bussola, ou Agulha de marear, de que os Portuguezes fizerão o mais amplo u o em seus descobrimentos maritimos, Por esse invento transposerão a immensidade dos Mares, e se dirigirão com segurança a paizes prodigiosamente remotos, e muitos delles totalmente desconhecidos.

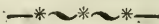
Ha duas grandes analogias entre o Magnetismo e a Electricidade. Dois corpos electrisados do mesmo modo repellem-se, ao passo que estando diversamente electrisados se attrahem: assim tambem dois imans se repellem pelo polo do mesmo nome, isto he, v. g. o polo Norte de hum iman, repelle o polo Norte de outro iman; e os polos differentes se atrahem hum ao outro, o Sul atrahe o Norte, e este atrahe o Sul.

Ha muitos corpos que são transitaveis ao fluido. Todos os corpos da natureza, excepto o fogo, são transitaveis pelo fluido magnetico.

Estas idéas podem corrigir em pessoas pouco versadas no estado moderno dos conhecimentos fysicos, ou absolumente destituidas delles as falsas

idéas dos Elementos, para formarem hum mais adequado conceito dos mesmos Elementos fysicos da Natureza, segundo os conhecimentos actuaes.

(Tratar-se-ha da Terra em outro Artigo.)

—*~*~*—

REFLEXÕES SOBRE A AGRICULTURA.

Duas cousas são necessarias, diz *Ward*, para que a Agricultura chegue a ter toda a perfeição de que he susceptivel, *ensino* e *fomento*: *ensino* para tirar de cada terreno o maior partido possivel, e os fructos mais vantajozos: *fomento*, para animar os lavradores, e outros interessados, a fim de aproveitarem o ensino e acharem na sua industria os meios de se enriquecerem.

Esta arte primitiva e privilegiada, occupação a mais simples e digna do homem, base e fundamento de todas as sociadades, não he só mera rotina quando se quer tirar della todo o proveito que convem aos homens, totalmente dependentes della. Não pode, sobre tudo no tempo presente, fazer uso só de braços, precisa de aproveitar os melhoramentos que tem facilitado nas Nações mais adiantadas os meios de maior cultura e producção. A guerra tem consumido no nosso paiz e em toda a Peninsula immensidade de braços pela maior parte roubados á Agricultura. Escacez de numerario, de sementes, e de outros objectos tem concorrido e concorrem para a difficuldade das colheitas. Tudo isto deve estimular o Governo e os particulares pecuniosos a dar todo o fomento e auxilio a este importante e primario ramo; e assim parece abrir se a porta da parte do primeiro a este necessario fim.

Convem que os lavradores, isto he os donos e directores, pelo menos, de grandes lavouras tenhão alguma sciencia maior que a dos simples tra-

balhadores que elles empregão: se assim não for, as operações diversas da Agricultura serão necessariamente imperfeitas. Columella nos dá a conhecer que os lavradores devem ter sciencia, posses, e disposição para a cultura; isto, e o deixallos em justa liberdade em seu trabalho, e na extracção dos seus productos, são os meios de sua prosperidade.

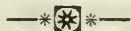
Para conseguir a instrucção desta classe de homens os mais uteis á Sociedade, conviria que nas nossas Provincias, no sitio mais adequado de cada huma dellas, se formasse huma sociedade, ou Junta, de alguns Lavradores mais habeis e poderozos, que, com o auxilio de outras pessoas que consultassem sobre o estado agrícola da Provincia, e seus mais faceis e proficuos melhoramentos, podessem ministrar socorros, insinuações e bôas direcções, clara e succintamente escriptas, que chegassem pela impressão ao conhecimento geral dos Lavradores da Provincia, por meio de seus respectivos Concelhos e Parrocos. Isto feito annualmente por essas Juntas no tempo que parecesse mais opportuno, poderia ser com o andar do tempo mui vantajoso.

Ha homens (diz o sabio Professor *Arias*) que pensão, e affirmão que a Agricultura he meramente huma singela occupação que se aprende seguindo unicamente as doutrinas tradicionaes, julgando inutil, e até perjudicial o ensino theorico e as instrucções que se podem dar nas Cadeiras e Aulas publicas. Cumpre repetillo: a ignorancia dos principios fundamentaes da Agricultura e da Economia civil são a cauza primordial de taes absurdos. O Lavrador que ignora os principios da sua arte he como huma herdade que elle mesmo abandona por não a saber benificiar. Nem elle nem ella dão os fructos que poderião dar. Commummente se crê que Agricultura e Cultura he a mesma couza, e por esta noção equivocada deduzem que basta apren-

der a pratica das operações do campo para exercer a arte com utilidade: erro que nos tem produzido muitos males, e que he presizo desvanecer, porque Agricultura, Lavoura, e Cultura são couzas diversas. A Agricultura como sciencia consta de duas partes que são a theorica e a pratica. A Cultura não he senão hum officio penozo, ou o emprego do Jornaleiro que trabalha e executa as manobras, e ao qual de pouco ou nada servem as lições theoricas, nem os principios sublimes da sciencia. A Lavoura, considerada como arte he a mais extensa de todas as artes: ella ensina a meditar e combinar os trabalhos que convem applicar a cada terreno; adopta as praticas mais uteis de outros paizes; convenientes ao seu; emenda as rotinas defeituosas, usa com acerto e economia dos adubios e se aproveita das diversas qualidades da terra. Mas se a consideramos como sciencia, que vasto campo senão descobre ao estudo da Agricultura? A Historia Natural, as Sciencias exactas, a Astronomia, a Quimica, a Fysica, e em huma palavra todas as sciencias demonstrativas contribuem cada huma pela sua parte para formar o estudo ou a theoria da Agricultura, subministrando huma porção de conhecimentos tão importantes como necessarios ao bom agricultor, dos quaes não pode prescindir-se no estabelecimento das Cadeiras e Aulas destinadas particularmente para o ensino dos Proprietarios e Lavradores ricos. Estes, aproveitaudo-se da instrucção que alli receberem porão em execução suas observações, e virão a ser os mestres de seus servos e colonos: os seus visinhos os imitar, logo que observem as utilidades que resultão de hum methodo ou systema mais vantajoso, adoptarão sem repugnancia quanto lhes ensinarem. Eis os meios porque a Agricnltura deve chegar ao mais alto grão de perfeição e de prosperidade.

A classe dos lavradores essa estimavel e nu-

meroza porção dos homens que povoão o nosso paiz he por desgraça a mais atrazada entre nós. Seus escassos conhecimentos nos principios da arte a que se dedicão, os priva das vantagens que poderião tirar dos ferteis campos ou terrenos que cultivão, uzando dos descobrimentos e doutrinas mais uteis e economicas, reformando muitas praticas absurdas; mas não se pode esperar que por si mesmos emendem suas antigas rutinas e habitos inveterados: os exemplos de seus maiores e a ignorancia em que vivem os faz repetir e executar maquinalmente o que tem visto em toda a sua vida. A pratica só por si sem o auxilio dos bons principios he sempre huma escrava dos sucessos, porque não os sabe prevenir nem remediar. Em huma palavra para tratar do manejo da Agricultura para adquirir esperiencia e para adiantar a cultura he precizo que aprendão as suas regras e principios nos melhores auctores que dedicárão suas vigilias á propagação de tão uteis conhecimentos. — Seria bom se tradusisem as Lições de Agricultura de D. Antonio Sandalio de Arias, sabio Professor Hespanhol, para uso de algumas aulas deste ramo em Portugal.

—*❋*—

Dois Documentos para a Historia dos nossos tempos (hum do anno de 1827, *e outro de* 1828.

A exaltação, promovida, ou espontanea, dos dias 24, 25, e 26 de Julho de 1827 causou bastante susto ao Governo, e não deixou de dar algum momentaneo cuidado aos Ministros Estrangeiros resideutes em Lisboa. Por esta occasião dirigio Sir. W' A'Court ao Ministro dos Negocios Estrangeiros a seguinte Nota, depois de haver escrito á sua Côrte sobre aquelles successos:

" O abaixo assignado, Embaixador de S. M.

K 2

Britanica nesta Corte, sendo testemunha dos acontecimentos revolucionarios que se desenvolvêrão nesta Corte nos dias 24, 25, e 26 de Julho, acontecimentos que poserão a Representação Diplomatica no maior estado de coacção e receio, e mesmo não deixárão deliberar o Governo livremente, para mais a seu arbitrio se prolongar a desordem, que o não continuar se deve muito atribuir ao Exercito de sua Magestade Britanica aqui estacionado, estando sobre tudo em grande risco a Familia Real; o abaixo-assignado se vio na rigorosa necessidade de fazer saber ao Governo de S. M. B. os acontecimentos dos referidos dias; juntando a esta exposição a necessidade que havia de que o Governo deste Reino tomasse medidas extraordinarias, ou por meio da força, ou pela publicação de arranjos já feitos e ultimados, que posessem o partido revolucionario em caso de conhecer claramente o estado dos negocios, secundando estas determinações, se precizo fosse, o Exercito de S. M. B. — O Governo de S. M. B. respondeo ao abaixo assignado em data de 14 do presente mez, começando por significar o vivo sentimento em que ficou por taes acontecimentos, e ordena ao abaixo-assignado, que logo logo faça saber a S. A. R. a necessidade que ha de que S. A. R. faça publicar as decisões que S. M. o Imperador do Brazil conveio dar ao Cavalleiro *Neuman*, Enviado por S. M. o Imperador de Austria a respeito da vinda para este Reino de Seu Irmão o Serenissimo Sr. infante D. Miguel, para que assim desappareção as idéas revolucionarias, e se possa conciliar este Reino a gozar da mais perfeita paz.

" O abaixo-assignado por esta occasião renova os seus protestos da mais alta consideração.

" Secretaria da Embaixada 27 de Agosto de 1827. = W. A'Court. "

Esta Nota, como se vê da data, quasi podia considerar-se desnecessaria ao tempo em que se

dirigio, pois havia muito que se tinha serenado aquelle momentaneo excesso popular, que tão carregado se pintou: mas ella era huma indispensavel communicação que o Ministro Britannico fazia das indicações que o seu Governo lhe ordenava fizesse.

Outro Documento vai apresentar huma especie de contraposição ao que se esperava no anterior. Este dava esperança de que o socego publico se restituiria plenamente com a chegada do Irmão de S. M. o Imperador do Brazil; e o seguinte prova que o Povo de Lisboa (e em quasi todo o Reino) se enthusiasmou a ponto de comprometter o Principe e a Nação, sobretudo no dia 25 de Abril de 1828, em que correo ao Senado immensidade de pessoas de todas as Classes a assignar seu nome pedindo se acclamasse Rei!!! Quantos e quantos hoje estarão arrependidos de alli terem ido assignar seu nome! Todavia não devem os que actualmente escrevem sobre os successos dos nossos tempos deixar de ponderar as circumstancias que arrastrão os acontecimentos; que não se produzem estes sem circunstancias que os tornão como inevitaveis. Eis o segundo Documento, que respeita aos successos do dia 25 de Abril de 1828:

Nota que se expedio ao Corpo Diplomatico.

" O abaixo-assignado, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, depois de ter recebido as mais positivas ordens de S. A. R. o Serenissimo Sr. infante Regente, tem a honra de significar ao Sr.... que apezar das mais efficazes medidas, que o Governo de S. A. R. tem tomado do modo mais firme para conter o espirito publico de todo o Reino em seus limites, evitando a possibilidade da guerra civil, se se empregassem todos os meios coercivos, hoje se não póde conter o povo desta Capital, e prorompeo junto ao Senado da Camara em forma tumultuaria; todavia, não só as Authoridades Constituidas empregárão os meios pratica-

veis em tão delicada conjunctura, mas o mesmo Augusto Senhor por hum Acto espontaneo seu de manifestação de seus sentimentos, consignado em hum Decreto *desapprovou similhantes actos illegaes.*

" O abaixo-assignado fará ao Sr. . . em breve a communicação das Peças officiaes do que se tem passado sobre este assumpto; e approveita mais esta opportunidade para reiterar os sentimentos de sua alta consideração.

" Paço d'Ajuda em 25 de Abril de 1828. = Visconde de Santarém. "

Offerecemos á meditação dos imparciaes Legisladores este Documento, que bem mostra quanto he difficil a solução recta do assumpto das Indemnisações, e que quem condemna sem ouvir as Partes ambas se expõe a ser gravemente injusto.

POESIA.

HORACIO.

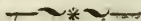
Satyra 7.ª bo Livro I. (em que descreve a contenda entre Persio, e Rupilio, de alcunha o Rei.)

Traduzida em versos de arte maior rimados.

Não ha rameloso, presumo, e barbeiro,
Que ignore a desforra, que por derradeiro
O I'brida Persio tirou dos convicios
De Rupilio Rei, proscripto por vicios.
Ingentes negocios o Persio opulento
Tinha em Clazomena, e co' o Rei praguento
Andava em demandas: de genio mui duro
Em odio não era que o Rei mais maduro:
De si mui senhor, e assaz orgulhoso,
E em ditos picantes tão acrimonicso,
Que as lampas levava a Barro e Sizena.

Ao Rei por alcunha torna a minha penna.
Depois que por bem se não concertárão,
(Pois que os demandistas sempre assim andárão,
Bem como os valentes, que avessa tiverão
A sorte na guerra, jámais se quizerão
Amigos tornar: tal foi o rancor
Do filho de Priamo, o impávido Heitor,
Co' o indómito Aquilles, que só acabou
Quando ambos a morte por fim separou;
Não sendo outra a causa senão porque havia
Em ambos extrema, rival galhardia.
Se instiga a discordia dois fracos mortaes,
Ou se arma contenda entre dois desiguaes
Como a de Diomedes com Glauco de Lycia,
Retira-se o fraco, pagando a impericia.)
Diante de Bruto, Pretor d' Asia rica
De Persio e Rupilio par se despica;
De modo que armado melhor se não bate
O Gladiador Bacchio com Bitho em combate.
Ao Foro recorrem. mas tão assanhados,
Que he huma Comedia ver seus razoados.
Expõe Persio o facto, o riso he geral;
A Bruto elogia, e a Guarda Real:
A Bruto Sol d'Asia chama, e coruscantes
Estrellas a todos os mais circunstantes,
Excepto Rupilio, que o Cão denomina,
Estrella aos cultores do Campo malina;
Parece no inverno rio arrebatado,
Que arbusto não deixa que cortes machado.
Eis salta Rupilio, nascido em Preneste,
E as chufas de Persio com pulhas investe.
Qual vendimador ao pé da parreira,
Que insulta quem passa, com bôca grosseira,
E ao qual muitas vezes, por não se callar,
Chama o passageiro = Cornudo = a gritar.
O Grego porém, já bem refrescado,
Pelo I'talo agraço, exclama irritado:
" Por todos os Deoses, ó Bruto te rogo
Me digas, tu que ergues na forca Reis logo,

Porque não degollas tal Rei? Este feito
Dos teus, acreditame, fòra o mais perfeito!

—*—

Nota para a intelligencia desta Satyra de Horacio.

Sendo Horacio Tribuno (hum posto como hoje o de Coronel) de huma Legião no Exercito de Bruto, achava-se no mesmo Exercito hum *tal Publio Rupilio Rex* (ou Rei por alcunha ou appelido), natural de Preneste, que proscripto por Octavio durante o Triumvirato, se tinha acolhido ás bandeiras do matador de Cesar. O tal Rupilio, mais fallador do que convinha a seu interesse, se indispoz com Horacio, e desde então não deixou de lançar em rosto a este o seu humilde nascimento, e de ponderar a dissonancia que na sua opinião havia de descender de hum pai obscuro, e ser Chefe de huma Legião Romana. Horacio achou modo de se vingar daquelle insolente condemnando-o a perpetuo desprezo dos homens, bastando lhe referir o facto, verdadeiro, ou supposto, que corria em Clazomera, entre elle, e hum tal Persio, filho de Grego, e Italiana, a quem por isso chamao *Ibrida*, on *Mistiço*, o Poeta. — A tal aventure, que devia ser mui divertida entre os Romanos que a sabião, pouco póde hoje importar; mas a Satyra mostra o engenhoso modo como Horacio soubé aproveitar-se da historia para pôr o ferrete no seu contrario. O estylo festivo em que se conta, e as paridades entre as varias especies de contendores, dão o maior realce á peça. Procuramos traduzilla em versos de Arte maior rimados, muito usados pelo nosso Gregorio de Mattos, e modernamente empregados em huma Satyra mui conhecida, sendo esta metrificação, posto que difficil, não pouco engraçada em taes peças, de pequena extensão, e de genero jovial.

LISBOA 5 DE FEVEREIRO.

Extracto das Folhas Inglezas de 15 *a* 21 *de Janeiro de* 1835.

Londres 15 *de Janeiro.* = Os Generaes da Rainha, e o Telegrafo novamente tem mostrado representarem infielmente os rosultados dos conflictos de 2, 3, e 4 deste mez. Todos concordarão porém ao ler o officio de *Zumalacarregui* que nelle ha mais singileza: he datado de Villa Real a 4 de Janeiro, e contem as particularidades da acção de *Ormaistegui*, em que o General *Carratelá* se deo por victorioso.

No dia 2, 3, e 4 as forças combinadas de *Carrabelá*, *Jouregui*, *Quintana*, e *Iriarte* forão repellidos com perda pelo Chefe Carlista, o qual ficou ferido ne dia 3 (no dia 2 dizem outros), e teve o cavallo morto de hum tiro. Colherão-se varios officios de *Espartero* importantes. = No dia 4 estava D. Carlos em *Huïci*, e a Junta em *Lavayan.*

" Os Negociantes da Baiona dirigírão á Camara do Commercio daquella Cidade huma representação sobre o grande prejuizo causado ao seu commercio com a Hespanha pela dura medida adoptada pelo Governo Fraucez ao longo da fronteira; queixando-se de que os habitantes de Navarra, que sempre recorrião a Baiona para se proverem de proverem de productos das fabricas Francezas, em vez de acharem a boa hospitalidade que devião esperar, são perseguidos, ameaçados, prezos, e até na cama; e que em não consentindo em serem mandados para o interior, são entregues ás authoridades de Irun, ou do Campo Franco.

Jamaica. " He impossivel ler as ultimas noticias recebidas da Jamaica, que chegão a 2 do mez

passado (diz o *Moning Post*) sem desfallecimento. Quer olhemos para a divisão entre o Governo daqulla Colonia, o Concelho, e a Assembléa, quer para a fallencia que tem tido o novo systema de cultura ou trabalho, e para a insubordinação dos aprendizes delle; a falta de energia, a deficiencia de saber, e a ignorancia do caracter dos Nugros, que os Magistrados estipendiarios mostrão, tudo alli manifesta hum aspecto mui desagradavel naquellas possessões que de tanto proveito hão sido á Mãi Patria. "

O novo Ministro d'Hespanha, o General *Alava*, chegou de *París a Londres*; e teve hontem huma larga conferencia com o *Duque de Wellington* na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

Idem 17. — Relativamente a huma observação do *Courier* de hontem, temos verificado que as duas carruagens destinadas á Rainha de Portugal, estão promptas e expostas ao publico. O desenho combina a elegancia com o esplendor, e dá grande credito ao gosto de Mr. *Pearce*, Mestre de carruagens de SS. MM. (da Grã-Bretanha) em *Longacre*. A caixa da carruagem he pintada de amarello cor de palha, e preto, com as Armas Reaes de Portugal, paineis que são mui bem envernizados. O forro interior he de rico setim lavrado com figuras. O panno da almofada he de soberbo veludo de Genova de bello carmezim, com tres ordens de galão de ouro. O todo apresenta com effeito huma apparencia tão modesta e tão bonita, que não póde deixar de produzir entre os Portuguezes a melhor opinião do alto estado de perfeição a que tem chegado entre nós o officio de fazer carroagens. Ha tambem hum carrinho dos que chamão *Barouche* de igual lindeza &c. " (*Morning Post*)

" *Londres* 19 *de Janeiro*. — Recebemos Periodicos de Paris de 16 e 17 do corrente, e a nossa cerrespondencia particular. — A disputa entre a França e os Estados-Unidos mostra o aspecto de

se arranjar. No dia 15 apresentou o Ministro da Fazenda na Camara dos Deputados o Projecto relativo ás reclamações dos Estados-Unidos, que he o mesmo em substancia que se lhe apresentára o anno passado, a saber, que a somma de 25 milhões de francos será paga em 6 prestações annuaes de 1836 e 184": Accrescentavase porém huma clausula, que era o verificar-se se era pacifico o procedimento do Governo Americano; como se entendeo ser, julgando-se algumas expressões do Presidente em sua mensagem, sobre este negocio como hum acto pessoal de pouca reflexão *Mr. Humann* (Ministro da Fazenda de França) pedio á Camara tomasse o projecto em consideração sem paixão ou estimulo, e que não perdesse de vista o perigo que podia correr o commercio Francez se não se arranjasse este negocio.

" *O Jornal de Paris* de 16 traz hum officio de Baiona de 15 que diz sobre a authoridade de participações de Pamplona de 13 que a saude do General Mina tem melhorado; porém o Nacional diz por participações tambem de Pamplona que a sua molestia he mui perigosa, por ser hum tumor no estomago. Dizem que vai ser substituido por *Llauder*, actual Ministro da Guerra, e que ha pouco era Capitão General dCataluna.

" Noticias de 13 dizem que o comboi que estava bloqueado em *Elizonda* foi livre por *Oráa* á testa de 4$ homens; foi conduzido a *Lunz*, d'onde pa*saria e *Pamplona*.

" As noticias do Norte da Hespanha pelos papeis de Madrid desfigurão muito os factos que alli se passão; mas cartas particulares fidedignas os aclarão."

Alguns dos periodicos de Nova-York publicárão o Relatorio do Secretario do Thesouro sobre o estado das Finanças. Por elle se vê que a receita

e a despeza nos ultimos tres annos forão do modo seguinte.

		Receita.	Despeza.
Em 1832 - -	Patacas	$31{:}865\$561\frac{16}{100}$	$34{:}561\$690\frac{6}{100}$
Em 1833 - -		$35{:}960\$208\frac{80}{100}$	$24{:}257\$298\frac{100}{47}$
Em 1834 - -		$32{:}327\$623\frac{25}{100}$	$25{:}591\$380\frac{47}{100}$

Deixando para o 1. de Janeiro de 1835 hum saldo, a favor, de $6{,}736{,}232\ \frac{14}{100}$ (perto de 14 milhões de cruzados). Calcula-se que no fim deste anno hão de sobrar mais de 8 milhões de Patacas. (Observaremos aqui de passagem que tendo os Estados Unidos quando muito quatro vezes a População de Portugal, e sendo o seu Governo huma Republica não deve admirar esta differença entre a sua receita e a sua despeza; mas assim mesmo no anno de 1832 teve hum avultado *deficit*, em consequencia de despezas extraordinarias. Mas tambem he notavel a grande differença da receita no anno de 1833, que excedeo a do anno de 1832 em mais de 4 milhões de Patacas).

" *Londres 20 dito.* — Chegou a París o Conde de *Sainte-Aulasire*, Embaixador de França na Corte de Vienna.

" Paréce que Mr. de *Talleyrand* tivera Sabbado (17) huma longa conferencia com o Conde *Pozzo di Borgo*, Embaixador da Russia.

" Os negocios da Suissa vão principiando a attrahir de novo a attenção depois que a séde do Governo Federativo foi transferida de Zurich para Berne. O Ministro entregou outra nota no 1. do corrente em que insiste na expulsão dos estrangeiros banidos, que desde a revolução de Julho de 1830, e especialmente depois que se tem conhecido serem hospedes desagradaveis a Luiz Filippe, congregando-se na Suissa, e fazendo em Berne o seu quartel-general, d'onde procurão perturbar o

socego nos Estados vizinhos. (Abaixo damos esta Nota.) Diz-se que os Ministros da Russia e da Prussia seguírão o exemplo de Mr. Bombelles, Ministro da Austria, e he mui provavel ouçamos em breve a Dieta Germanica, e os Governos da Baviera, Baden, e Sardenha haverem se reunido em protestar contra a offensa. Noticias particulares da Confederação e do Norte da Italia plenamente justificão as medidas, que estes Estados estão tomando, e descrevem as maquinações que vão lavrando, como tão activas e extensas que se não forem attendidas as representações não tardará muito tempo que se não ouça fallar em huma irrupção armada da mesma natureza daquella, cuja fallencia os Propagandistas da Suissa attribuirão á indecisão do General *Romarino.* " *(Morn. Port.)*

O Globo de 20 de Janeiro traz, entre outras noticias de Paris de 18, as seguintes:

" O Conde de *Saint-Aidaire* chegou de Vienna ha poucos dias; teve hontem huma audiencia do Rei. No seu caminho para França demorou-se Mr. de *Saint-Aidaire* dois dias em Manteim; e geralmente se dizia naquella Cidade que elle hia encarrejado de pedir para o Duque d'Orleans a mão da Princiza Maria, filha mais velha da Princiza Estefania Beauharnois, filha da Imperatriz Josefina, que casou com o Grã-Duque de Baden predecessor do Grã-Duque actual. A Princeza Maria tem 17 annos. "

" O *Renovateur* affirma que a discussão entre o Gabinete do *Palais Royal* e o de *S. Petersburgo* ácerca da divida á Polonia são muito serias. "

—*—*—*—

Carta do Conde de Bombelles *Ministro da Austria a S. Exc. o* Avayer *e Membros do Conselho Director do Estado de* Berne.

" O abaixo-assignado, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de S. I. Mag. Aus-

triaca na Suissa, recebeo por occasião da mudança na direcção dos negocios da Federação, que, na conformidade do uso geral, lhe foi notificada pelo precedente *Vorort*, huma ordem da sua Corte para a seguinte Communicação ao *Vorort* actualmente encarregado dessa direcção:

" Quanto mais a Imperial e Real Corte tem continuamente procurado dar provas da sua boa vontade para com a Confederação, tanto pelo cumprimento das obrigações do Direito das Gentes, como pela manutenção das relações de boa vizinhança, tanto mais tem olhado como summamente deploraveis aquelles acontecimentos que o anno passado tinhão tido lugar, ou tinhão tido preparador na Suissa, e que em duplicado ponto de vista põem em perigo o repouzo dos Estados. Por outra parte a alta Corte estaria disposta a olhar todas aquellas seguranças que se tem dado para o futuro como hum penhor do restabelecimento e continuação das amigaveis relações, o que se prova pela favoravel recepção dada á Nota do *Verort* de 24 de Junho, e á Declaração da Dieta Federativa, escrita no mesmo espirito a 22 de Julho, e adoptada sem restricção pela grande maioria dos Estados.

" He nesta declaração unicamente, em seu inteiro e geral cumprimento por todos os Estados da Confederação, que a Imperial e Real Corte, assim como os outros Estados visinhos, podem reconhecer huma base das amigaveis e não interrompidas relações que ella estará disposta a manter á Suissa. Que acontecimentos taes como os que tiverão lugar no mez de Julho passado, e contra os quaes os Estados vizinhos dirigirão protestos ao Governo deste Cantão, devem de ser contrarios á manutenção de taes relações, he couza em que nenhuma duvida pode haver.

" Longe de desejar exigir da Suissa mais do que de quaesquer outros Estados couza alguma in-

justa, os Governos dos Estados vizinhos só tem requerido o que a Suissa pode tambem reciprocamente requerer delles, a saber, não permittir que a tranquillidade seja perturbada pela Confederação Helvetica. Se a Suissa tem direito a que os Estados estrangeiros não se intromettão de modo algum nos seus negocios internos, os outros Governos tem o mesmo direito de insistirem que não haja ingerencia nos negocios interiores dos paizes estrangeiros em o territorio Helvetico. Que assim, elle não houvesse de de tolerar no seu terreno manifestações de qualquer natureza que fossem da parte de estrangeiros que recorrem á Suissa, e que nella estão residindo; manifestações que, lemitadas ao principio a offensivas e irrisorias acções pára com os seus Principes e Governos, podem, segundo as circunstancias, e segundo a occasião o permittir, ser seguidas por aggressoes hostil, taes como com effeito já tem havido. . . .

» Se a Suissa pode, com razão, pedir que as Potencias estrangeiras respeitem as suas instituições e a sua organisação, a sua forma de Governo, as suas constituições, e as suas authoridades constitucionaes, a sua bandeira federal e dos Cantões, ella está pelo menos igualmente obrigada a segurar e manter no seu interior o mesmo respeito para com os Governos estrangeiros, porque o respeito he sempre essencial á reciprocidade, e a reciprocidade forma o principal fundamento dos direitos entre as Nações. Os Estados vizinhos estão portanto longe de desejar offender a honra da Conferação, como pessoas malevolas e mal intencionadas referem na Suissa, nem querem perturballa e incommodalla excitando agitação e descontentamento; tudo quanto pedem he que elles não possão ser perturbados e inquietados, offendidos e desinquietados na Suissa; que por conseguinte ella não permitta dentro dos seus limites couza alguma que, ou seja por modo de publica manifestação de projecto ou de acção, possa ter direção hostil aos Estados vizinhos. Ainda que estes principios do Direito das Gentes são demaziado profundamente inherentes áquellas reciprocas relações que são necessarias entre os Estados para que precizem reconhecimento algum formal; pois que são observadas como regra em todos os Estados, comtudo a Confederação pelo seu *Verort* e pela sua Dieta de 1834 reconheceo formalmente estes principios.

„ Como os Estados vizinhos durante os ultimos poucos mezes tem tido muitas difficuldades provindas do interior do Systema federatico, elles devem agora ter a firme segurança de que a Confederação e o *Verort* hão de applicar-se seriamente a guardar a promessa que fizerão, de por mais tempo não permittirem no territorio da Suissa existão alguma hostil, ou offença alguma contra os Estados vizinhos; expellir da Suissa sem restricção, e não só de tal Cantão, aquelles Estrangeiros e refugiados que commettem taes actos; medida sem a qual as justas queixas dos Estados vizinhos hão de continuar a subsistir; e em summa, a viver lealmente, e em boa harmonia com os Estados vizinhos.

„ Requerendo do presente *Verort* huma exacta e cathegorica confirmação da solemne Declaração feita pela ultima Dieta, a Corte Imperial e Real está persuadida que huma tal confirmação ha de igualmente ser pedida á Suissa pelos outros Estados. A pedida Declaração em nenhum caso será condição da continuação das antigas ralações de boa vizinhança, ou causa da mudança que os Estados vizinhos se hajão de ver obrigados, com grande pezar, a fazer nessas relações.

„ Ao mesmo tempo que o abaixo-assignado desempenha a ordem de que está encarregado pela sua Alta Córte, tem a honra de expressar a S. Exc. o *Avayer* e ao Conselho Director da *Suissa* a segurança da sua distincta consideração. = *Conde de Bombelles.* „

As folhas de *Madrid* até 27 do passado referem que houvem a 17 hum renhido combate entre as tropas do Exercito Hespanhol do Norte, e *Zumalacarregui*, cujo exito se não conhece pelas ditas Gazetas claramente, apezar de haver 9 dias para chegarem os officios ao conhecimento do publico.

—*—*—

N. B. *Assigna-se para este Jornal a 1$200 réis por trimestre (de 13 Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.° 137, e N. 1; da Rua do Ouro N. 112; e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa 120 réis cada Num.*

LISBOA: 1835.

NA TYPOGRAPHIA DE R. D. COSTA.

Rua direita de S. Paulo N. 10 A, 1. andar.

O
INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° V.

As Leis. — Dialogo entre hum Representante do Povo e hum Velho (Por Mr. de Salgues.)

O *Representante.* — O Povo escolheo-me por seu Deputado ou Procurador, quero mostrar-me digno da sua confiança e dos seus votos, e trabalhar de hoje em diante na sua felicidade. Pretendo reformar a sua Constituição, mudar as suas leis, melhorar as suas instituições, e dar-lhe hum Codigo perfeito em todas as suas partes.

O *Velho.* — Quer isso dizer que vós quereis excitar todas as paixões, despertar todos os interesses, dissolver todos os vinculos, e destruir tudo para depois construir de novo.

O *Repres.* — Nós caminharemos com methodo e reflexão; nada faremos sem ter consultado os Sabios; e não temos nós Geometras, Metafysicos, Litteratos, Jurisconsultos, em summa todos quantos nos podem illustrar com suas luzes, e dar-nos vigor com seu saber?

O *Velho.* — Ha mui pouca Sabedoria neste mudno; as luzes são nelle mais communs; mas são

muitas vezes falsas e incertas. Os vossos Geometras dão-vos Equações mathematicas; os vossos Metafycos dão-vos abstrações e subtilezas; os vossos Litteratos dão-vos figuras de Rhetorica; e os vossos Jurisconsultos apresentão-vos citações e authoridades: hum Estado o que preciza he bons costumes, e poucas mas boas leis.

O *Repres.* — He tambem pelas leis que nós pretendemos formar os costumes; nada deixar exposto á duvida, e ao arbitrio; devemos prever tudo, e regular tudo de antemão: as nossas leis hão de abraçar o futuro todo inteiro; hão de prevenir todas as combinações do acaso, ou do calculo.

O *Velho.* — Quer isso dizer, que haveis de ser mais previstos e mais habilidosos que o mesmo Deos, o qual se contentou com dar aos homens dez preceitos, aos quaes com tudo poucos satisfazem. Não espereis fazer respeitar os vossos milhares de leis; quando estas são muitas e complicadas he mais facil que os homens as infrinjão do que conformarem-se com ellas; e mais depressa deixar de se instruirem nos seus preceitos. O vosso Codigo será, se tal o fizerdes, hum Alfabeto Chinez composto de trinta mil caracteres, que ninguem quererá aprender. Os mesmos vossos Jurisconsultos o não entenderáõ os vossos Juizes o não poderáõ ter de cór; os vossos Advogados o citaráõ para embrulhar tudo; e os cidadãos com razão se hão de queixar da desordem que tiverdes introduzido nos negocios, querendo regular tudo.

O *Repres.* — Ao menos restabeleceremos os direitos do homem, proclamaremos as grandes verdades do Direito Natural, faremos hum Codigo digno do Seculo presente, e dos Filosofos que o honrão.

O *Velho.* — Os Filosofos nem sempre são bons guias; a experiencia vale mais que as lições delles; he necessario ter vivido com os homens para os conhecer, e para os governar: temei as theorias abs-

farctas, que ao principio seduzem, e depois enganão. — O homem nunca está só na natureza; nenhum ha que seja verdadeiramente independente, todos dependem das circunstancias que os rodeião; todos tem precisão de renunciar muitos direitos, para conservar os que lhe são mais necessarios.

O *Repres.* — Então quereis que nada se mude? Entretanto as leis alterão-se; o tempo e os maos costumes as corrompem; e portanto he precizo reformallas.

O *Velho.* — Sim; mas reformai de vagar, tratai de melhorar os costumes, dai bons e uteis exemplos; e assim ha de o Estado prosperar melhor do que por meio de todas as innovações que possais introduzir.

O *Repres.* — Eu tenho lido Obras que me tem dado idéas mais vastas: cumpre dividir os poderes, regular todos os seus effeitos, fixar bem seus limites, contrapezar a sua acção, prevenir a sua confusão, &c.

O *Velho.* — Todos esses projectos são muito bonitos; quem se empregar nisso perderá seu tempo, e talvez a sua Patria. Pois ha estado que não esteja constituido, ou não tenha sua Constituição? Cuidai pois em manter a que o tem sustentado, conservando o que ella tem bom, e melhorando sem perturbação o que está fraco: deixai-vos de hum systema de perfeição quimerica.

O *Repres.* — Quero comtudo levantar a voz contra hum vicio essencial. Os cargos são perpetuos; as desordens propagão-se, e com sua duração vão-se dilatando; devem-se fazer amoviveis; o temor de os perder fará cumprirem seu dever os que os tem; o desejo de os possuir encherá de emulação os que os pretenderem; haverá huma nobre e util rivalidade de virtudes, e serviços, e basta só esta innovação para se produzir huma fonte de grandes bens.

O *Velho.* — Se fizerdes amoviveis os empregos,

far-se-ha mais depressa o que por longo tempo se não poderá fazer; todos cuidaráõ em desfructar em quanto tem tempo e occasião. Pondo pequeno espaço ao desempenho dos empregos o que se fará he prohibir que se demorem as rapinas e as injustiças; he advertir os que estão revestidos delles, que não percão tempo, e fação logo logo o que não poderáõ fazer mais tarde. O poder mais temivel aos povos he o que deve acabar em breve, e não he nas fortunas de pouca duração que se encontra a moderação e o commedimento. Platão, na sua Republica quer que os empregos sejão perpetuos; o Legislador dos Judeos quiz que os Juizes fossem perpetuos. Nada mais imprudente do que entregar a continuas variações o que o Governo e o Estado possuem mais precioso. Julgais vós que seria bem cultivado o campo que o dono se visse obrigado a abandonar no tempo da colheita? e que se tratasse bem e engordasse o gado que hum rival, ou hum inimigo havia de possuir? — Se conseguirdes o vosso projecto, os homens imprevistos poderáõ louvar-vos; os prudentes lamentaráõ a sua patria, e terão dó da vossa sorte.

O *Repres.* — Então não ha remedio senão deixar de meter-me a governar.

O *Velho.* — O que deveis abandonar he o projecto de innovar a torto e a direito.

Lede a Historia e vereis o que isso tem custado aos que tem querido mudar as leis do seu paiz. Hum Estado constituido vai-se governando como por si mesmo. O habito e os costumes fazem mais que o Legislador. Animem-se a Agricultura, as Artes, e os bons costumes, e vereis completos os vossos bons desejos.

Sobre o Estudo do Latim.

Tem sido entre nós tão desassizada a marcha da educação da mocidade, que tem chegado os pais, e tutores dos mancebos que se destinão ás occupações publicas, e ao commercio, a considerar desnecessario, e inutil o estudo da Grammatica, e lingua Latina. „ O rapaz não estuda para Padre " dizem commummente; " basta que estude o seu bocado de Francez! " E assim marcha o rapaz para a Aula do Commercio, ou para a de Pilotagem, ou para as de Mathematica no Collegio dos Nobres &c. E que ha de seguir-se? Não entender palavra do que ouve na sciencia a que se dedica, ou andar em continuas perguntas, e de ordinario a outros que considera mais sabios por mais antigos na Aula, e que talvez entendem tanto como elle a força, e exacta significação dos termos ténicos. Pelo contrario acontece ao que alli entra com o conhecimento, ainda mesmo mediocre, do Latim. A Grammatica da Lingua Portugueza, ainda que mais hum pouco se estude, he quasi inutil ao que não passa ao estudo da Latina: o desta, acompanhado com o da Portugueza, como se acha combinado na Grammatica do sabio José Vicente Gomes de Moura, que hoje he a porque se manda estudar nas Aulas, he incontestavelmente o melhor meio de ter algum conhecimento mais exacto da lingua materna Portugueza, sem o qual não he possivel passar a colher o devido fructo da leitura.

Todos conhecerãõ facilmente esta verdade se reflectirem, por exemplo, que o estudante da Grammatica Portugueza, ou Franceza, começa a ouvir, e a usar das palavras Nominativo, Genitivo, &c. Infinito, Conjunctivo, Preterito, Pronome, Preposição, &c. Quanto não he preciso indagar para conhecer o verdadeiro significado destas palavras¿ E quão poucos são os que o indagão, e até os

Mestres que lho explicão! Embora esteja essa explicação (que em geral não está) na Grammatica Portugueza, ou Franceza de que usão; as mesma explicações que alli se dão tem termos que precisão explicados. Não succede assim ao que estuda a Grammatica, e lingua Latina; porque logo se vê obrigado a tirar os significados das palavras, e vê que v. g., *Nominativo* vem de *Nominare*, que quer dizer nomear, chamar; que *Genitivo* vem de *genitus*, que vem de *gigno*, que significa gerar; que *Preterito* vem de *perterœ*, que significa ir além, ou passar além, &c. Conhece que nome *Adjectivo* he o que se *ajunta* a outro, porque vem de adjectus, *adjectivus*, participios do verbo *adjicio*, ajuntar, ou juntar a alguma cousa, &c. &c. = Ora como ha principios em Grammatica, que são geraes nas linguas da Europa, ainda mesmo nas que não são filhas da Latina, (como são a Portugueza, Hespanhola, Franceza, e Italianna) que vantagens não leva para alcançar o melhor conhecimento de qualquer dellas o que estuda bem a Latina! Tem se visto, e a cada passo se está vendo que o que estudou o Latim faz mais progressos no estudo do Francez, Inglez &c. em tres mezes do que em hum anno faz o que se applica a essas linguas assiduamente sem conhecimento do Latim. Nos outros estudos que falta não sente o que não possue este principio, e base fundamental dos estudos! Entra em estudos Mathematicos sebendo Latim? Logo entende o que significão os termos mais ordinariamente usados; não o assombrão as palavras *fracção*, *incognita*, *verbice*, e mil outras expressões de que a nossa, e as outras linguas filhas do Latim fazem uso constante. = Os Boticarios, e outros homens empregados em objectos dependentes das sciencias, tem grande necessidade do conhecimento do Latim, para melhor entrarem no bom desempenho de suas Artes, Não se diga que só o Medico precisa de saber Latim; pouca

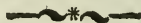
reflexão basta para conhecer o contrario. Hoje os Cirurgiões, e Boticarios que não tiverem estudo de Latim, poderáõ saber muito á força de estudo dos ramos de sua occupação; mas com igual trabalho; ajudados do conhecimento do Latim, muito mais longe irião na intelligencia das cousas de que tratão, e não o deixão de conhecer elles menos em muitas occasiões. A prova de que o Francez não póde substituir o conhecimento do Latim he patente em se considerando que os Francezes, que tem bons estudos não se contentão com o da sua lingua, nem pódem só por ella, a pezar dos immensos soccorros que tem de bons Diccionarios, e bons tratados de toda a especie nos ramos scientificos, e litterarios, vir a ser habeis sem aquelle estudo do Latim.

O mais singello livro que dar-se possa a ler ha de ficar em grande parte por entender ao leitor que apenas conhecer as palavras de significação trivial. A Historia, lição a mais digna de occupar o tempo de hum leitor, he por certo assaz livre de vocabulos téchnicos d'Artes, e Sciencias; mas assim mesmo quantos não apresenta já proprios da guerra, que tanto depende destas; já de Chronologia, Geografia, e Genealogia; e de outros muitos termos, que tem passado das Sciencias ao uso geral da lingua portugueza, e das outras; sendo por conseguinte preciso entendellos bem? Este estudo do Latim, que pode levar a hum rapaz o tempo de tres, ou quatro annos, vem a abreviar-lhe todos os outros estudos a que se der, pois lhe abre a porta á mais facil comprehensão de qualquer estudo serio.

O methodo do ensino do Latim talvez não esteja (e pode affirmar-se que não está geralmente estabelecido como convém ao additamento dos discipulos: huns mestres são mais habeis que outros neste ensino, qne deveria seguir o melhor methodo em toda a parte; para o que conviria huma

Aula normal de Professores, com approvação da qual unicamente se deverião prover as Cadeiras.

Não ha mesmo direcção systematica, e bem regulada para a leitura de Obras Portuguezas, que os meninos devem fazer para irem adquirindo idéas claras, e quando já estão estudando Latim para irem afazendo-se ao bom estylo da linguagem nacional. Que póde, por exemplo, aprender de bom estylo em prosa hum rapaz a quem mandão primeiro que tudo ler Camões? versos, que nem mesmo ainda sabe ler bem, Mythologia, de que não tem idéa, alguns lugares pouco proprios para conservar a modestia necessaria entre os meninos; tudo isto deveria bastar á reflexão dos que lhes mandão ler primeiro que tudo as Obras deste Grande Poeta; em lugar de Prosa boa, clara, e pura na linguagem, comoa da Corte naA Idêa de Francisco Rodriguez Lobo (e as outras suas obras de Prosa), a vida de D. João de Castro por Jacinto Freire, a de D. Paulo de Lima, por Couto, a Peregrinação de Fernão Mendes Pinto (que hoje se acha em huma boa edição de 3 vol. em 8.°), a vida de Fr. Bartholómeu dos Martyres por Fr. Luiz de Sousa; e mesmo algumas outras obras mais modernas de boa prosa, que conhecem os que não são hospedes no conhecimento dos bons Escritores Portuguezes.

Logo que os meninos entrão a ler desembaraçadamente, se lhes deve ensinar o uso de hum Dicionario da Lingua (ao menos dos que ha menores, em 4. resumidos dos maiores) para irem nelles procurando as palavras, e sua significação, no que obterão até o habito de as escreverem correctamente. O uso do Diccionario Portuguez os habituará ao uso do Latino quando entrarem no estudo dessa lingua Mãi da Portugueza.

Sobre as contradiçôss, e exagerações.

He das cousas mais notaveis que se pódem dar, e que entretem muito a reflexão do homem pensador, e que possue algum conhecimento do estado das cousas publicas na sua patria, o diverso modo com que vê se encara em diversos escritos o estado do paiz, e do povo que o habita. Huns dizem que tudo tem decahido do antigo estado de moral, e educação, e mesmo adiantamento nas Sciencias, nas letras, e nas Artes: outros dizem que faz grandes progressos a nossa civilisação.

Alguns pretendem afiançar-nos que está mui abastada e rica a Nação, que póde por tanto com maiores encargos que se lhe queirão impôr, e que tudo vai huma maravilha em todas as classes. Outros porém, sem contradizerem sua consciencia, que não querem fechar os olhos ao que todos vem, ouvidos ao que todos ouvem, e sentem, que he gemer tão grande porção de afflictos, tão grande número de homens e familias, destituidos de meios de subsistencia, (muitos dos quaes até os recebião como remuneração de longos serviços á Patria, já derramando por ella o sangue, ou expostos a isso, na Guerra da Peninsula, já servindo-a por longos annos em arduas occupações;) considerão com razão como huma barbara zombaria de opulentos á custa do povo similhante asserção. Quer-se illustração no povo, clama-se com razão palpavel que ha muita, e muita ignorancia, até onde menos se devia esperar; e por outra parte nos vem dizendo, talvez no dia seguinte em que disserão o contrario, que as luzes fazem entre nós immensos progressos, que a civilisação tem ganhado espantoso espaço em sua carreira, que hombreamos com as nações mais adiantadas neste ponto. &c. Tudo contradições que são outros tantos testemunhos que se dão ao Mundo da pouca consideração com que se escreve, quan-

do he tão conveniente e necessario não aberrar da vereda da verdade.

Hum povo he sempre composto de muitas e mui varias classes, as quaes tem mais ou menos illustração, segundo o maior cuidado ou maior descuido que tem havido em lhes facilitar o desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes. Mas he impossivel que de repente, ou mesmo em dois, treż, ou quatro annos (e até em 8 ou 10), e sem melhoramento e diffusão dos conhecimentos precisos, segundo as diversas classes, possa ter ganhado muito na sua civilisação. Se se contão os progressos desta porque podem brilhar alguns individuos na exposição de suas idéas conducentes ao bem público, ou á illustração dos seus compatriotas, isso não se póde chamar ainda progresso da civilisação filho de huma ordem de cousas mais luminosa; porque esse mérito de taes pessoas illustradas foi adquirido nos tempos que se presumem menos civilsados, e só pódem chamar-se progressos novos da nova época os que se patentearem pela diffusão de luzes sólidas que se tiver manifestado na polidez, e instrucção das diversas jerarquias e classes da Sociedade.

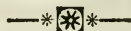
As exagerações em geral são más e perigosas. As illusões não o são menos. Os nossos males são grandes, e difficeis de reparar; mas entre o serem graudes e difficeis, e o serem irreparaveis ha muita differença. Juizo, prudencia, boa vontade, da parte do Governo; paciencia, respeitosas representações, concorrencia de faculdades da parte dos subditos: eis o que póde encaminhar-nos ao porto da segurança interna e externa. He preciso fugir muito de novelleiros impostores, qce induzem o povo a crenças faceis, e de objectos ás vezes não só oppostos, mas até impossiveis. Estes dão por acabada, v. gr., a luta da Hespanha, vencido, derrotado o Pretendente, e tudo em hum socego de tranquilla paz: outros fazem voar as tropas de D. Carlos a distan-

cias que ainda mesmo pela posta se não andarião desde as noticias precedentes. Aqui não he possivel contrariar hum devoto da causa do Pretendente; além considera-se impossivel poderem soffrer derrota os Generaes da Rainha. Finda tudo em incertezas; mas ninguem quer que a sue opinião seja a mais distante da verdade. Apenas comtudo ha hum ou outro prudente, que se concentra, e diz: o que for soará; eu vejo que a questão tem durado ha tantos mezes nas Provincias do Norte, e nenhum dos partidos belligerantes tem subjugado o outro. O tempo he quem póde mostrar o exito da contenda.

Outra que tal contradicção voga sobre as eleições dos Deputados para a nova Camara dos Communs em Inglaterra. Se lemos os Periodicos favoneados pelo Ministerio que findou, e pelo partido Whig. tudo mostra que vão as eleições com grande differença a favor dos Reformistas, que o partido Tory denomina *Destructivos*. Se lemos os Periodicos do partido Tory, achamos pelo contrario que as eleições são em maior numero a seu favor, e que a Camara vai compor-se pela maior parte de Deputados *Conservativos*. As novas denominações *Destructivos* (ou destruidores) e *Conservativos* (ou conservadores) tem hoje sido generalisadas de modo que se estão preferindo ás de *Whigs* e *Torys*, que começárão pelos annos de 1648. — Assim pois nestas contradicções em que os proprios periodicos Inglezes nos apresentão esta questão, só na Sessão proxima da Camara dos Communs se poderá ver qual he a realidade, que comtudo mais parece razoavel esperar seja a favor do Ministerio actual, porque he mui raro que em Inglaterra se não veja o Ministerio ter a preponderancia na Camara. Homens que dispõem da força armada, do dinheiro publicoo, embora com sujeição ás Camaras, e que dão ou tirão empregos segundo lhes convém, não deixão de ter grandes recursos para obterem a maio-

ria; não devendo comtudo neste ponto cegar-se quem deseja a victoria dos Whigs, que o seu Ministerio não deo grandes provas de sabedoria.

He pois (e sempre foi mais ou menos) o povo induzido em mil erros pelas contradicções; mas tal he o effeito commum do choque dos partidos.

—*❋*—

POESIA.

HORACIO.

Satyra 8.ª do Livro I. = Olim truncus eram &c. =
(Introduz o Poeta o Deos das Hortas, Priapo, fazendo zombaria das feiticeiras.)

Eu era ha pouco hum tronco de figueira,
Madeiro inutil, quando hum Carpinteiro,
Indeciso se hum banco ou hum Priapo
De mim faria, preferio que eu fosse
Hum Deos. Dahi hum Deos eu fiquei sendo,
Espanto grande de ladrões, e de aves:
Porque aos ladrões cohibe a minha deztra;
. . . .
Bem como assusta as aves importunas
A cana posta no alto da cabeça,
E impede pouzem nestes hortos novos.
Aqui d'antes o Escravo punha os mortos
Companheiros, tirados das casinhas,
E na mesquinha tumba conduzidos.
Este o commum jazigo era dos pobres,
De Pantóbo o bobo, e dissoluto
Numentano. Mil pés lhe dava hum marco
Para a rua, trezentos para o campo,
E que não era pertencente a herdeiros.
Agora já saudavel o Esquilino,
Pode nelle habitar-se, e neste ameno
Outeiro passear-se, onde inda ha pouco

Os tristes viandantes contemplavão
Hum chão de brancos ossos deturpado.
Mas os ladrões e as féras que costumão
Infestar este sitio, não me fazem
Tanto cuidado ter, e tanta lida,
Como essas que dão volta a humanas almas
Com seus versos de encanto, e com seus filtros.
De nenhum modo destruillas posso,
Nem vedar que aqui venhão, mal que a errante
Lua apresenta o rosto seu formoso.
Eu mesmo vi, cingida a preta saia,
Descalça, e desgrenhada, andar Canidia
Ululando co'a Ságana a mais velha:
Fazia a pallidez ambas horrendas!
Começárão a esgravatar co'as unhas
A terra atassalhando parda ovelha.
O sangue lhe escorrêrão n'huma cova,
Para dalli os Manes evocarem,
Almas que a seus conjuros respondessem.
Tambem huma figura alli se via
De lã, e outra de cera. De mais vulto
Era a de lã, punindo a mais pequena.
Submissa, em ar de escrava, que imminente
Tinha a morte, a de cera se mostrava.
Hécate huma, a cruel Tisífone outra
Invoca. Então tu viras as serpentes,
E os cães do Inferno vaguear-lhe em torno;
E a Lua envergonhada, de taes cousas
Por não ser testemunha, ir esconder-se
Atraz dos altos tumulos. Se eu minto
De alvo esterco de corves suja seja
Minha cabeça, e em mim mijem e sugem
Julio, o dengue Pedacio, e o vil Vorano.
Porque hei de contar tudo por miudo?
Como as sombras co'a Ságana em colloquios
Com triste e aguda vóz correspondião?
Como barba de lobo, e de piutada
Cobra hum dente na terra encafuárão;
E que em mais fogo ardeo de cera a imagem?

E que isto não vi tudo sem desforra,
Sem que das duas Furias me assustassem
Conjuros e feitiços? Pois bem como
Estoura huma bexiga que arrebenta,
Me estourou de figueira a pá c'hum berro.
Deitão logo a correr para a Cidade;
E oh! quanto riras, e folgaras vendo
Cahirem a Canidia os dentes, o alto
Toucado a Ságara, hervas, e as fitinhas
Encantadas que os braços lhe enfeitavão!

—⁂—

LISBOA 12 DE FEVEREIRO DE 1835.

Extracto de noticias das Folhas de Londres.

" *Rio de Janeiro* 18 *de Novembro* — S. M. o Imperador e suas Augustas Irmans voltárão no 1.° do corrente ao Palacio de S. Christovão, vindo de Santa Cruz, onde tinhão passado alguns dias. S. Exc. o Senhor Lima acompanhou a Familia Imperial.

" Huma Carta official do Ministro da Guerra ao Presidente da Provincia da Parahiba, que tinha enviado hum orçamento das despezas da repartição militar daquella Provincia que sobem a 47:726:800 reis, alem da somma de 4:149:680 reis para a compra de 24 peças de artilharia, que se precizão para a defeza da Provincia, lhe diz que elle não deve despender mais de 28 contos de reis que são consignados para as despezas militares daquella Provincia, pois que as leis que fixão o Orçamedto serião illusorias, se a somma determinada podesse arbitrariamente exceder-se.

" *Idem. Novembro* 21 — Huma Circular do Ministro da Marinha aos Presidentes de varias Provincias lhes ordena tenhão o maior cuidado em evitar a destruição dos matos; porque parece por informações recentes, que a depredação ou roubo de madeiras he levada a tal ponto, que se continuar, em breve não haverá madeira prapria para fabricar, tendo sido cortada e levada para queimar a immensa quantidade de madeira mandada reservar pela lei.

" *Idem. Novembro* 22. — O nosso Consul em Gibraltar enviou-nos Periodicos daquella Cidade de 4 de Outubro, que annuncião a morte do Snr. D. Pedro e a nomeação do Ministerio da Senhora D. Maria. *(Correio official do Rio de 24 de Novembro no Globe de 5 de Janeiro).*

LONDRRS 15 DE JANEIRO DE 1835.

Producto e consumo de todo o algodão em todas as Praças.

O seguinte he extrahido da demonstração apresentada em Paris á Camara dos Pares no dia 10 de Janeiro. O producto total de algodão em todos os paizes calcula-se do modo seguinte.

	Kilogrammas.
Estados-Unidos	175:000:000
Indias Orientaes	30:000:000
Brasil	12:000:000
Indias Occidentaes, Ilhas e Colonias, Ilha de Bourbon &c.	3:000:000
Egypto e Levante	10:000:000
	230:000:000

O consumo he come se segue:

	Kilogrammas.
Em Inglaterra	150:000:000
França	40:000:000
Estados-Unidos	18:000:000
China, metade da colheita da India .	15:000:000
Suissa, Saxonia, Prussia, e Belgica .	17:000:000
	240:000:000

Nota. Cincoenta Kilogrammas andão por cem arrateis ou hum Quintal Inglez e hum Kilogramma he algum tanto mais que dois arrateis e duas onças e meia.

Isto mostra que o consummo excedeo producto em 70:000 Sacas e confirma a annual quéda de Capit•es, e o continuo augmento de preço. *(Globo)*

Londres 19 *dito* —O *Monitor* annuncia que quarta feira (14) o Plenipotenciario de *Portugal* participou ao Rei e á Rainha dos Francezes o casamento da Rainha de Portugal D. Maria II. com o Duque de

Leuchtenberg; e que no mesmo dia o Principe Caradja, Enviado Grego entregou huma Carta do Rei *Otho*, agradecendo ao Rei dos Francezes o haver-lhe conferido a Grã Cruz da Legião d'Honra.

Londres 24 de Janeiro—Tendo dito o Jornal Francez de *Francfort*, que o Principe *Lubecki* foi mandado pela Corte da *Russia* a huma missão a *Paris*, sobre algumas reclamações pecuniarias ao Governo Francez, publica o *Monitor* o seguinte Artigo semi-official.

" Nada he mais contradictorio e mais incorrecto que a maneira com que certos periodicos procurão explicar a chegada a Paris dos Plenipotenciarios do Imperador da Russia, Rei de Polonia, e o objecto da sua missão. — Julgamos conveniente restabelecer a verdade dos factos.

" A estreita alliança que desde o Tratado de *Tilsit* se conservou entre a França, e o Ducado de Varsovia, e a longa estada dos exercitos Francezes na Polonia tinhão dado origem a huma multidão de reciprocas reclamações. Terião aquelles interesses sido seriamente postos em perigo na paz de 1814, se não fossem garantidos por hum Artigo addicional concluido entre a França e a Russia. = Na conformidade deste Artigo, huma Commissão mixta, nomeada pelas Altas Partes Contratantes, devia ser encarregada do exame, liquidação, e mais arranjos, relativos a estas reciprocas pretensões. Huma Convenção assignada em Paris em 27 de Setembro de 1816 ajustou o methodo de executar as disposições prescriptas pelo Artigo. O processo da liquidação começou em consequencia disso em Varsovia no mez de Agosto de 1818.

" Obstaculos que não se podérão remover de todo até 1829, suspendêrão este trabalho até então. Estavão a ponto de se reassumirem em Paris com mutuo acordo de ambos os Governos, quando os successos que occorrêrão na Polonia em 1830, impedírão a partida dos Commissarios Polacos, partida que tinha sido officialmente annunciada á Die-

ta de Varsovia na falla com que o Imperador Nicolao abrira a Sessão em 28 de Maio de 1830.

Chegárão finalmente esses Commissarios a Paris, onde juntamente com os nomeados pelo Governo do Rei, se achão occupados em todos os arranjamentos relativos ás reciprocas pretenções garantidas pelo Artigo addicional de 30 de Maio de 1814.

" Ninguem tem direito de julgar de antemão o resultado deste ajuste de contas, e basta lembrar ao público que entre as pretenções a ajustar ha algumas que interessão aos Cidadãos Francezes e ao Thesouro público, a fim de explicar, e justificar os pas os adoptados pelo Governo, antes, e depois da Revolução de Julho, com o intuito de concluir este negocio com a maior promptidão possivel."

Entre os Commissarios nomeados pelo Governo Francez entra, segundo se diz, o Barão *Monier* da Camara dos Pares.

O *Constitucional* assevera, que outras Potencias, e entre ellas a *Austria*, estão preparando reclamações á França, especialmente pelo que respeita á Italia, Raguza, Illyria, e Dalmacia.

(*Morning Post.*)

Londres 26 de Janeiro. O Jornal de Paris de sexta feira publica a seguinte noticia Official de Hespanha. = Por hum Decreto de 12 de Janeiro a Navarra, e as Provincias se declarão em estado de cerco. No dia 10 juntou Manso as suas tropas ao redor de Villarcayo. No dia 8 entrou Eraso na Biscaia (voltando da sua expedição a Castella Velha em que apanhou porção de armas e munições) D. Carlos juntou-se no dia 16 com Zumalacarregui.

A Gazeta de Augsburgo tem o seguinte artigo de Vianna 13 de Janeiro. = Tem sido summamente activa a passagem de Correios entre Londres, e Constantinopla dentro destes ultimos 5 dias, em consequencia da intervenção da Inglaterra, como mediadora nas desavenças entre a Porta, e Mehemet-Alli. ouvimos geralmente dizer que as deli-

gencias da Inglaterra tem sido mui bem succedidas.

A organisação do 8. Corpo do Exercito da Confederação Germanica está completa, e o 9. Corpo se vai formar em breve, desejando a Confederação tomar huma attitude respeitavel. Dizem que a Corte de Sardenha está a ponto de enviar á Dieta Germanica hum Diplomatico que se diz ser o Conde Rossi, Marido da célebre cantora Mad. Sontag.

Idem 27. = Os Jornaes de Paris que acabamos de receber tratão principalmente das reclamações que fazem á França a America, e a Russia pela Polonia sendo estes os dois pontos de mais interesse naquella Capital. Relativamente ao primeiro affirma o ***Bom Sens*** que depois de repetidas reuniões para arranjar este negocio no proximo debate, os Membros mais influentes da Opposição resolverão que se os Documentos apresentados pelos Ministros deixarem a mais leve dúvida de os 25 milhões de francos serem exigiveis, elles proporão, que o Tratado seja recambiado aos Ministros, para voltar á Camara com as modificações que hum mais attento exame possa suggerir. A perplexidade que a questão causou no Gabinete parece ter-se aggravado muito pela attenção que a missão do Principe *Lubecki* excitou tanto nos Deputados como no público. Segunda feira Mr. Isambert devia fazer varias perguntas aos Ministros a este respeito. O amargo tom com que o semi-Official Jornal do Paris censura este pedir de explicação corrobora a asserção do *Correio Francez* quanto ao susto e discordia que estas questões pendentes tem infundido no Gabinete. Segundo aquelle periodico, esta circunstancia tem dado tal receio ao Presidente nominal do Conselho o Marechal *Mortier*, que elle tem de novo pedido se lhe conceda retirar-se, e tem formalmente declarado a sua determinação de se dimittir. Os seus collegas, e o Rei tem instado que continue ao menos até ao fim da Sessão Real; po-

rém elle não deo resposta mui satisfatoria. O Rei Luiz Filippe não sabe quem hade nomear para Presidente do Conselho em quanto não volta o Marechal Soult.

Londres 28 *dito* A Gazeta de França, e a Quotidiana trazem as seguintes noticias datadas de Baiona a 21 do corrente:

" Os Commissarios que chegárão ao Quartel General de D. Carlos no dia 15 do corrente levarão alli a noticia de que dois Batalhões estacionados em Valhadolid havião proclamado Carlos 5.° e feito reconhecer sua authoridade naquella Cidade. Alem disso annunciarão que em Palencia 100 homens de Cavallaria da Guarnição tinhão feito o mesmo Commandados pelo seu Coronel, se tinhão espalhado pelo paiz para desarmar os Urbanos e tirar lhes as armas para armar Carlistas — O Forte de Maestu se rendeo aos Carlistas no dia 15 por Capitulação; He possivel seja certa a noticia pois que o Forte estava cercado por huma força consideravel. *(não se vendeo)*

O *Nacional* (de París) diz: " temos a satisfação de annunciar por noticias directas de Pamplona de 17. que Mina se achava muito melhor, e nesse mesmo dia tinha podido sahir daquella Cidade para adoptar algumas medidas militares. "

A Sentinella dos Pyreneos de Baiona de 22 publica huma Carta de Victoria de 16 que confirmou o boato de haverem os Carlistas surprehendido a Guarnição de Maestu composta de 150 homens de tropa regular e 30 Urbanos, dando quartel áquelles e não a estes.

Baiona 24 de Janeiro. A attenção dos Carlistas seriamente se tem voltado á Castella. A derróta do Regimento de Granada perto de Medina del Pomar tem feito attender áquelle ponto. Zumalácarregui que estava a 31 em S. Vicente de Arana na Provincia de Alava recebeo ordem para marchar à Victoria com 9 Batalhões e 200 Cavallos

nas visinhanças da qual Cidade se diz se lhe reunio D. Carlos no dia 14. Iturralde, ouvimos dizer, foi chamado da sua expedição a Aragão. e está operando nas visinhanças de Estella, contendo as forças de Pamplona. Cordova foi para Madrid em desgosto. Eliscndo continua a ser bloqueado.

Huma carta particular de *Berlin* de 15 deste mez contém as seguintes observações: — " As queixas que de continuo se fazem da declinação progressiva das Provincias Prussiannas do Baltico, algum dia tão ricas são mui calamitosas. — O seu commercio tem quasi totalmente cessado, especialmente em *Dantzig*, e *Elbing*, onde está grande numero de Navios a apodrecer no porto por falta de emprego. O commercio interior com a Polonia tambem está quasi anniquilado. O valor das terras tem decahido a hum quinto do antigo valor; são geraes as queixas dos proprietarios de terras, e enviarão ultimamente huma deputação a *Berlin* a appresentar hum memorial ao Ministerio, em que declarão que se o Governo não tomar algumas medidas energicas que os protejão, todos se verão reduzidos á mendicidade. Iguaes queixas se ouvem de outros, e as vendas de terras tomadas por execuções, que occorrem todos os annos nas Provincias meridionaes, são mui numerosas. Com tudo o desejo dos donos de terras he que a Agricultura seja mais protegida do que tem sido até agora, á custa do Commercio e das Fabricas: que se introduza hum systema prohibitivo he cousa porém mui opposta ao interesse geral do Reino, e he muito improvavel que corresponda á expectação dos requerentes, para que se annua a isso" *(M. Post.)*

Londres 30 *de Janeiro* — A missão do Conde *Pozzo di Borgo* a este Paiz tem atrahido hum gráo de attenção maior do que talvez mereça o seu motivo. Esta missão se pinta por differentes modos.

Crê se que o Embaixador destinado pela Corte da Russia para a de Londres he o Conde Wo-

ronzow, que foi Governador de Odessa e que he bem conhecido em Inglaterra.

O *Monitor* de 28 publica o seguinte. — " Participações officiaes annuncião ter havido hum combate serio a 17 em Aquitos entre as tropas da Rainha commandadas por Lourenzo, e os Carlistas. O inimigo soffreo consideravel perda e foi vigorosamente repellido para Aramazo As tropas da Rainha tem a lamentar a perda do Coronel Alais, Commandante da primeira Brigada. — Hum Decreto expedido em Madrid noméa Bellido Capitão General interino de Madrid, Castejon, Capitão General de Granada, Espinoza Capitão General de Murcia; Lopez Banhos, Musso, e Alama são enviados para o exercito de Castella; Latre, Bedoya, e San Lourente para o do Norte. Quesada tambem he encarregado de commando. "

Os outros jornaes Francezes estão cheios de relações da insurreição do dia 18 em Madrid, todas as quaes representão os insurgentes terem marchado para fora da Capital segundo suas propostas e com as honras da Guerra. As noticias, até do Jornal dos Debates, indicão sérias mudanças proximas no gabinete Hespanhol. — Relativamente a acção em Aquitos no dia 17 assegura o *Nacional* de Pariz ter sido de 400 homens de perda dos Carlistas, ao passo que as noticias de Baiona da Gazeta de França negão ter havido tal acção, que o Nacional diz fora a 19. — Mina achava-se ainda em Pampelona no dia 20, Os Carlistas continuavão seu fogo contra Elizondo. D. Carlos hia completando com bom exito a sua nova leva de 8 mil homens.

Alguns dos Periodicos de Pariz, em que entra o dos debates assegurão que o Conde Pozzo di Borgo se acha nomeado Embaixador da Russia em Londres.

O *Albion* diz — " Cartas particulares de Pariz affirmão que o Governo Britanico recusou assen-

tir a que a França interviesse na contenda da Hespanha."

O Principe de Orange tem estado doente de perigo.

Escrevem-nos de París em 28 do corrente, entre outras couzas, o seguinte:

" A nossa attenção se tem divertido da pendente questão da reclamação Americana e da vossa Eleição Geral pelas noticias de Madrid, que excitárão aqui grande sensacção. Apezar das diligencias dos Governos Hespanhol e Francez em occultar a verdadeira natureza da insurreição no dia 18 e as circunstancias que acompanharão seu exito, o caso he aqui olhado por todos os partidos como de grande momento. As relações de todos os nossos periodicos, assim como todas as Cartas que eu tenho visto e ouvido, differem bastante sobre a origem do successo; mas a que parece mais positiva he que a desordem do Regimento de Aragão foi o resultado de hum plano há muito preparado, no qual se me não engano entravão pessoas desta Capital. Esta suspeita posso dizer existe em muitos dos nossos circulos politicos. Ha quinze dias a esta parte havia algumas idéas de se esperarem comoções em Madrid."

P. S. Não se podendo imprimir a tempo para sahir no Sabbado este N.°, podemos acrescentar que as folhas de Londres de 4 do corrente dão visos de se arranjarem os negocios da Hespanha em Londres por intervenção do Governo Inglez e das Grandes Potencias.

N. B *Assigna-se para este Jornal a* 1$200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.* 1; *da Rua do Ouro N.* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *réis cada Num.*

LISBOA: 1835.

NA TYPOGRAPHIA DE R. D. COSTA.

Rua direita de S. Paulo N. 10 A, 1. andar

Erratas principaes do N.º IV. do Interessante.

Pag.	*lin.*	*Erros.*	*Emendas*
72	9	encontra	encontre.
"	"	elentos	elementos.
74	16	arrespiravel	ar respiravel.
"	24	solida fluida	solida, fluida.
"	"	estado vapor	estado de vapor
"	31	discipando se	dissipando-se.
"	32	thermotro	thermómetro
75	25	azota	azote.
79	35	fluido	fluido magnetico.
82	33	imitar	imitaráõ.
83	21	traducisem	traduzissem.
85	20	succesos	successos.
86	19	bo Livro	do Livro.
87	17	par	o par
"	23	Guarda Real	Guarda leal
"	29	cortes	corte o
68	2	acredita-me	acredita
"	22	aventure	aventura
89	I4	Carrabella	Carratelá
"	15	repellidos	repellidas
"	26	para se proverem de proverem de productos.	para se proverem de productos
90	24	paineis	nos paineis
97	7	184"	1841
"	26	d Cataluna	de Catalunha
92	29	O Ministro	O Ministrs da Austria
93	22	Manteim	Manheim
"	30	a discussão	as discussões
94	14	tido preparado	sido preparados
"	31	manter a Suissa	manter com a Suissa
95	18	hostil	hostis
96	3	federatico	federativo
"	7	hostil,	hostil excitação
"	27	houvem	houvera

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° VI.

O Luxo. — Conto.

Em huma bella e rica região, cuja posição esqueceo aos Geograficos determinar, debaixo de hum ceo puro, risonho, e temperado, florecia huma Nação chiea de viveza, jovial, espirituosa, industriosa, amiga do luxo, dos prazeres, e das artes. Só ricos habitavão edificios de elegante e regular arquitectura; o interior de seus palacios era condecorado de estatuas, quadros, moveis comodos e sumptuosos, de estofos magnificos, e preciosas alcatifas. Os homens uzavão vestidos de seda, ornados de bordaduras de ouro e prata, e as mulheres se adornavão com tudo quanto o Ganges e o Indo produzem mais brilhante; vião-se sobre a meza destes homens afortunados delicadas e socculentas iguarias, vinhos exquisitos e preciosos licores; numerosa multidão de criados andavão solicitos em torno delles a servilos.

Suas estrebarias encerravão os mais bellos e os mais velozes ginetes do mundo; as elegantes carroagens os transportavão aos Theatros, ás Assembleas, e a toda a parte onde os chamava o prazer ou o amor das distracções. Todas as classes da socie-

dade participavão mais ou menos desta opulencia; e quando hum bello dia juntava nos Passeios publicos a mocidade da capital, as jovens esposas, suas irmãs, ou, jovens amantes nos olhos se elevavão no esplendor de seus adornos e na graça de suas pessoas. Por toda a parte respirava o gosto das artes. Aqui se vião Academias dedicadas ao saber e á emulação; além se vião vastas e magnificas galerias onde se tinhão reunido todos os thesouros da Pintura e da Escultura. Sallas immensas continhão innumeraveis taboletas das producções do espirito humano, as obras do engenho e da imaginação. Outras partes desta opulenta Cidade offerecião differentes espectaculos e quadros. Vinhão a ser ricas officinas abertas á industria e ao commercio; vião-se fabricas cheias de actividade onde operarios intelligentes, auxilliados por maquinas engenhosas, convertião a lã e a seda em estofos tão solidos como flexiveis, commodos e agradaveis. Em outra parte a area e a soda postas em fuzão confundião seus elementos para produzirem esses magicos espelhos onde a formuzura folga de se rever e multiplicar a imagem de suas graças e de seus encantos. O ouro, a prata, o barro, todos os mineraes se transformavão, ora em vasos de mil differentes formas, ora em preciosos utencilios, ora em ornamentos destinados a realçar a pompa dos palacios. Vastas estradas de huma solidez não conhecida de outros Estados, e povoadas de arvores frondosas, formavão numerosas e faceis communicações entre todas as partes do Imperio, e estavão de continuo cheias de carros carregados de mercadorias, de correios que levavão as ordens do governo, de viajantes chamados por seus negocios ou pela curiosidade a diversas partes do paiz. Os portos estavão cobertos de navios de todas as Nações que conduzião o tributo de suas riquezas e de sua industria; todas as Provincias do Estado recebião o calor da emulação e do trabalho.

Esta ordem de cousas durava havia alguns seculos quando hum Filosofo do Estado visinho que tinha adquirido grande reputação pela austeridade de seus costumes e pela sabedoria de suas lições se transportou á Capital deste opulento Imperio: o seu andar e o seu exterior erão graves; seu olhar era severo sem aspereza; seus vestidos erão aceados e simples; toda a sua pessoa inspirava confiança e respeito. Pedio elle ser admittido ao conselho do Principe e ás Assembleas da Nação; annunciou que tinha grandes verdades a dizer e que trazia maximas importantes que mudarião a face do Estado, e operarião completa e universal felicidade. Os Chefes do governo, os grandes da Nação e o proprio povo tiverão curosidade de o ouvir. Elle se expressou com força e dignidade; fallou da felicidade e da prosperidade dos imperios; gabou a simplicidade dos costumes e a feliz mediocridade e declamou longo tempo contra os inconvenientes e perigos do luxo; citou Lacedemonia e o negro molho de seus guerreiros, sua moeda de ferro, a comunidade de seus bens e suas patrioticas virtudes. Fallou tambem de Roma, do Arado, e dos legumes de Cincinnato, sem se esquecer da prosopopéa de Fabricio, atemorisou os seus ouvintes com as pintuturas que fez dos excessos e dos abusos da riqueza, mostrou a população destruida, o Commercio anniquilado, a virtude guerreira enfraquecida, as gerações degradadas, os bons costumes perdidos, e as artes abandonadas. Seus discursos animados de eloquencia varonil e concisa fizerão grande impressão na assemblea; lamentou a sorte do povo e o povo resolveo aproveitar-se desta occasião para estabelecer os direitos da igualdade. Todos sahirão do auditorio persuadidos que o luxo corrompia os Estados e destruia os Imperios. Desde logo ficou decidido que se regeneraria a Nação, que se tornaria aos costumes simples e antigos e que se derrogaria a differença das fortunas, cauza unica e funesta do Luxo.

Cegos os grandes pela pompa das palavras, e pela subtileza dos raciocinios, forão os primeiros em consentir na renunciação das fruições da fortuna, e do esplendor da grandeza. Desde esse momento os magnificos palacios, os edificios sumptuosos forão proscriptos; todos os homens do povo que se tinhão até então applicado ao officio de pedreiro só se occupárão em demolir o que tinhão edificado. Apressárão-se operarios de todas as profissões em fazer desapparecer em toda a parte aquillo que annunciava a riqueza e a frivolidade. Não se fallou mais que de costumes, da repartição dos bens, das vantagens da pobreza, e da igualdade!

Durante alguns tempos bastárão as obras ou trabalhos para assegurar a subsistencia de todos aquelles que estavão delles encarregados. Era incrivel a alegria do povo; não sonhava mais que ventura e prosperidade; julgava-se senhor de toda a natureza. Porém a illusão não dura longo tempo; desde que se construírão casas de palha, ficárão os alvaneos sem ter que fazer; sendo os ricos estofos substituidos por panos grosseiros, ficárão a pedir os fabricantes daquelles; as muitas mulheres que se occupavão em bordar e em outras obras delicadas de costura para pessoas ricas, para dias festivos, e para as brilhantes sociedades, ficárão perecendo á mingoa; o Pintor debalde buscava hum homem opulento que fizesse cazo do seu talento, e comprasse os seus quadros, ficando assim inuteis os seus pinceis e as suas tintas. Mil operarios occupados d'antes em fabricas immensas, esperárão inutilmente que huma repartição das propriedades, reconhecida impossivel, lhes viesse dar meios d'existencia. Tudo se exhaurio no Imperio; os portos deixárão de se encher de navios das nações estrangeiras; as estradas quasi inuteis e abandonadas, se arruinárão em toda a parte; as communicações ficárão interrompidas, as Artes abandonadas, as Escolas desertas; multiplicárão-se as sedições em todos os pon-

tos do Imperio. O Governo se vio entregue a mil cuidados, e exposto a mil perigos; e o Filosofo, tendo presenceado os males que a sua sabedoria havia produzido, entendeo a final que as maximas mais funestas são aquellas que tendem a introduzir innovações repentinas e extraordinarias nos Estados; que a regeneração das Nações he huma cousa impossivel; e que as prosopopéas de felicidades por innovações estrondosas são theorías vãs, que se mostrão pessimas na pratica, e esperanças quimericas de quem não tem experiencia do Mundo.

Da Producção em geral.

A distincção entre o que he produzido pelo trabalho, e o que o he pela natureza, he muitas vezes pouco clara. Julgamos por tanto necessario dizer algumas palavras para fixar o sentido dos termos.

O trabalho só produz os effeitos dezejados de concerto com as leis da natureza. Não ha objecto destinado ao consumo que o trabalho produza senão cooperando com as leis da natureza.

Está conhecido que a acção do homem pode ser levada a elementos mui simples. Com effeito, elle nada mais pode fazer que produzir movimento; pode mover as couzas para as aproximar ou afastar humas das outras; tudo o mais he feito pelas propriedades da materia. Elle move hum ferro em braza para huma porção de polvora, e ha huma explosão; lança a semente á terra, e começa a vegetação; separa da terra a planta, e a vegetação cessa; porém ignora porque razão e de que modo tem lugar estes effeitos. Só tem aprendido pela experiencia que se faz taes ou taes movimentos, delles se hão de seguir taes ou taes effeitos. Rigorosamente fallando, he a propria materia quem produz os effeitos. Tudo o que os homens podem fazer he collocar

em certa posição os objectos creados pela natureza. O alfaiate quando faz hum vestido, o lavrador quando faz nascer trigo, fazem exactamente as mesmas couzas; cada hum delles faz movimentos, e as propriedades da materia fazem o resto. Seria absurdo perguntar para qual de dois quaesquer effeitos contribuem mais as propriedades da materia; porque ellas contribuem para tudo, quando certas porções de materia são collocadas em certa posição.

A maior parte dos objectos que o homem deseja são resultado, não de huma só operação, mas de huma série dellas que exigem certo lapso de tempo. Certa quantidade d'alimento, e de todas as outras couzas que durante esse tempo são empregadas pelos homens que trabalhão, he necessaria á existencia do trabalho. Assim que, não só o trabalho, mas tambem os artigos necessarios para manter o trabalho, são indispensaveis á producção.

Succede muitas vezes que o trabalho se applica a certas materias que custão mais ou menos a achar. O fabricante de lanefícios deve ter lã, o carpinteiro deve ter madeira, o ferreiro ferro, e os outros *productores*, cada hum materias em bruto do objecto particular que produz.

Pode tambem o trabalho em muitos casos ser mui poderosamente auxiliado pelo emprego de certas maquinas. O homem que esgaravatava a terra com as unhas ou com hum páo, foi consideravelmente ajudado quando obteve o soccorro de huma enchada, e o homem que lavrava com huma enchada foi tambem ajudado quando obteve o soccoro de hum arado. O uso dos instrumentos foi levado muito mais longe nas operações fabris que nas operações agrícolas. Ha immensa distancia entre o fuso e a roca, e as complicadas e activas maquinas que contém huma fabrica moderna.

O sustento e os outros artigos que os operarios consomem, as materias em bruto em que traba-

lhão, e os instrumentos de toda aqualidade que empregão para facilitar seu trabalho, tem recebido a denominação de *Capital*. Ha por tanto duas cousas absolutamente necessarias á producção, o *trabalho*, e hum *Capital*.

Succede mui frequentes vezes que as pessoas que querem prestar seu trabalho são pobres, e mesmo não possuem sufficientes viveres para se alimentarem durante a serie de operações necessarias para acabarem o objecto em que se occupão. Mais raras vezes ainda possuem algumas daquellas maquinas de preço que contribuem, em ponto grande, para produzir riquezas que os homens dezejão consumir.

Daqui resulta huma divisão das pessoas que concorrem para a producção, em duas classes, a dos *operarios*, e a dos *capitalistas*. A primeira he a classe que ministra o trabalho, a outra he que ministra o sustento, as materias em bruto, e os instrumentos de toda a qualidade, animados, ou inanimados, simples, ou complicados que se empregão em produzir o dezejado effeito.

No emprego do trabalho e das maquinas se acha muitas vezes que os effeitos podem ser augmentados por huma distribuição habil, isto he, separando todas as operações que tem tendencia a contrariarem-se, e reunindo todas aquellas que de qualquer modo se podem facilitar humas ás outras.

Como em geral não podem os homens executar muitas operações differentes com a mesma pressa e com a mesma destreza com que, pelo habito, chegão a executar hum pequeno numero dellas, he sempre vantajoso limitar quanto for possivel o numero d'operações confiadas a cada individuo.

Para dividir o trabalho, e destruir as forças dos homens, e das maquinas, do modo mais vantajoso, he necessario, em multidão de casos, operar em ponto grande, ou por outros termos, produzir as riquezas em grandes porções. Esta van-

tagem he a que dá origem ás grandes Fabricas. Hum pequeno numero destas Fabricas collocadas nas posições mais convenientes, abastece ás vezes não só hum, mas varios paizes, com a porção que nelles se quer do objecto que ellas produzem.

Da distribuição das terras.

Já temos visto que se empregão na producção duas classes d'individuos, a saber, operarios, e capitalistas. Cada huma destas classes de productores deve ter sua parte das riquezas produzidas, ou, o que vem a ser o mesmo, do beneficio que dellas se tira. Quando a terra he hum dos instrumentos da producção, vem outra classe reclamar huma porção; queremos fallar dos *proprietarios das terras*. Estas tres classes formão a totalidade dos individuos que participão immediatamente, isto he, que dividem entre si a massa dos productos annuaes do paiz.

Tendo determinado quaes são os individuos entre quem se distribue o total dos productos, falta conhecer porque leis se estabelecem as proporções segundo as quaes se faz a divisão. Começaremos explicando o que toca á parte das propriedades territoriaes, porque he o que ha mais simples, o porque isto facilitará a explicação das leis que fixão a parte dos operarios, e a dos capitalistas.

SECÇÃO I.

Da renda das terras, au rendimento territarial.

A terra he de differentes gráos de fertilidade. Ha huma especie de terra que se pode considerar

como que nada produz; aquella, por exemplo, que cobre as partes elevadas e pedregosas das altas serras, as arêas movediças, e certas paúes. Entre esta terra e a da especie mais productiva, ha terras de todos os gráos intermedios de fertilidade. As terras mais ferteis não dão com a mesma facilidade tudo quanto são capazes de produzir. Huma peça de terra, por exemplo, pode dar annualmente, v. g. dez *quarteiros* de trigo, ou dois, e tres tantos. Ella dá quando muito os primeiros dez *quarteiros* por meio de certa quantidade de trabalho, os outros dez mediante huma quantidade maior de trabalho, e assim successivamente, exigindo cada nova dezena de quarteiros para sua producção maiores gastos que a dezena precedente. Bem sabido he que essa he a lei segundo a qual se emprega hum capital em obter hum producto cada vez maior da mesma porção de terra.

Até se ter sujeitado á cultura a totalidade da melhor especie de terra, e até se ter empregado em cultivalla certa quota parte de capital, todo o capital empregado na cultura da terra o he com producto igual. Com tudo, em se tendo chegado a certo ponto, não se pode applicar á mesma terra porção alguma nova de capital sem huma diminuição de producto. Não se pode pois em todo e qualquer paiz, depoisde se ter obtido da terra certa quantidade de trigo, obter huma porção mais avultada senão com maior despeza, em proporção. Se se obtem huma porção addicional, pode o capital empregado dividir-se em duas porções, huma das quaes deo menor producto que a outra.

Quando a porção de capital que dá este producto menor, he reclamada para a cultura da terra, pode empregar-se de dois modos, ou em huma terra do segundo gráo de fertilidade, cultivada pela primeira vez, ou em huma terra do primeiro gráo de fertilidade, em que já se tem empregado todo o capital que lhe podia ser applicado sem diminuição de producto.

A questão de saber se ha de applicar-se o capital a huma terra do segundo gráo de fertilidade, ou em segunda porção á terra do primeiro gráo de fertilidade, dependerá, em cada hum dos casos da natureza e das qualidades dos dois terrenos. Se o mesmo capital que produz unicamente oito *quarteiros* de trigo, quando se applica em segunda porção á melhor terra, produz nove applicado á do segundo gráo de fertilidade, applica-se a esta ultima, *vice versa*.

Para nos exprimirmos com mais facilidade, denominemos as terras de primeiro gráo de fertilidade, de segundo, de terceiro &c. terras N. 1, N. 2, N. 3, e assim por diante. Denominemos tambem as differentes porções de capital applicadas successivamente á mesma terra com hum effeito de menor em menor, 1.ª porção, 2.ª porção, 3.ª porção, &c.

Em quanto a terra nada produz não vale a pena que alguem se aposse della. Em quanto só huma parte da melhor terra se requer para ser cultivada, toda a porção que não he cultivada nada produz, isto he não produz cousa que tenha valor. Esta ultima porção de terra fica por conseguinte sem proprietario, e quem emprehende fazella productiva pode ter a propriedade della.

Durante este tempo não paga a terra, exactamente fallando, renda alguma. Ha sem duvida differença, entre a terra que já foi cultivada, e a que ainda não foi roteada. Qualquer homem antes quererá pagar annualmente, ou de qualquer outro modo, o equivalente das despezas do roteamento de huma terra nova, do que rotealla elle; e he evidente que não pagará mais. Não he pois isso hum pagamento pela força productiva do terreno, mas simplesmente pelo capital applicado a este; não he huma renda ou aluguel, he hum juro, ou lucro.

Chega com tudo o tempo em que he necessa-

rio ou recorrer a huma terra da segunda qualidade, ou applicar segunda porção de capital de hum modo menos productivo a huma terra do primeira qualidade.

Se hum homem cultiva huma terra da segunda qualidade, que, por meio de certa porção de capital, só produz oito *quarteiros* de trigo, ao passo que a mesma porção de capital applicada a huma terra da primeira qualidade lhe faz produzir dez *quarteiros* delle, não haverá differença para elle, ou ser-lhe-ha indifferente pagar o valor de dois *quarteiros* para ter a permissão de cultivar a terra de primeira qualidade, ou de cultivar a de segunda qualidade sem nada pagar. Hade por tanto concentir em pagar dois *quarteiros* pela permissão de cultivar o terreno de primeira qualidade: este pagamento constitue o que se chama *aluguel* ou *renda da terra*.

Supponhamos que em vez de cultivar huma terra da segunda qualidade, convém mais applicar segunda porção de capital a huma terra da primeira qualidade, e que ao passo que a primeira porção de capital produz dez *quarteiros*, a segunda porção igual a esta só produz oito *quarteiros*; igualmente se subentende, neste caso, bem como no primeiro, que como já não he possivel empregar nova porção de capital de modo que se obtenha hum producto tão grande como os dez *quarteiros*, suppostos, ha pessoas que consentem em o empregar para obterem delle só hum producto de oito *quarteiros*. Mas se com effeito se encontrão pessoas dispostas a isso, os donos da terra podem fazer hum ajuste pelo qual hão de obter tudo o que a sua terra produzir álem de oito *quarteiros*. O effeito sobre o arrendamento será desse modo o mesmo em ambos os casos.

O aluguer ou renda da terra augmenta portanto á proporção que o effeito do capital successivamente applicado a huma terra diminue. Se

a população tem chegado a hum ponto em que, estando cultivadas todas as terras da segunda qualidade, se faz necessario recorrer a terras da terceira, que em lugar de oito *quarteiros* só produzem seis, he evidente, segundo o mesmo modo de reciocinar, que a terra de segunda qualidade ha de dar então huma renda igual a dois *quarteiros*, e que a terra da primeira qualidade dará huma renda mais avultada do valor de dois *quarteiros*. O caso será exactamente identico, se em lugar de recorrer a huma terra de menor fertilidade, se applicar segunda e terceira porção de capital com diminuição de producto a huma terra de primeira qualidade.

Assim podemos obter huma expressão geral do aluguer ou renda. Applicando hum capital quer a terras de diversos gráos de fertilidade; quer á mesma terra em successivas porções, algumas partes do capital empregado assim hão de dar maior producto que outras. As que rendem menos, rendem quanto he precizo para reembolçar, e recompensar o capitalista. O capitalista não receberá mais que esta justa remuneração, por qualquer outra parte do capital que elle empregue, porque a concorrencia de outros possuidores de capitaes o estorvará disso. Poderá pois o dono da terra exigir tudo quanto exceder esta remuneração. He pois o aluguer ou renda a differença entre o producto dado pela porção de capital applicada a huma terra com o menor effeito, e o que dão todas as outras porções de capital applicadas com maior effeito.

Tomemos por exemplo os tres gráos, citados acima, da producção, por terrenos da mesma extensão, mas de differente qualidade, de dez, oito, e seis *quarteiros* de trigo, e veremos que o aluguer ou renda he a differença entre seis e oito *quarteiros*, para a porção de capital que só produz oito *quarteiros*, e a differença de seis a dez *quarteiros* para a porção que produz dez *quarteiros*; e se tres porções de capital, rendendo huma dez,

outra oito, e a ultima seis *quarteiros*, se applicão á mesma peça de terra, a sua renda ou aluguer será quatro *quarteiros* pela porção N. 1, e 2 *quarteiros* pela porção N. 2, fazendo ao todo seis *quarteiros*.

Se as conclusões são bem fundadas, a doutrina do aluguer he simples, e suas consequencias, como depois veremos, summamente importantes. Só ha huma objecção que parece possivel fazer a esta doutrina. Pode-se dizer que depois que a terra veio a ser propriedade d'alguem, nenhuma porção ha que não renda aluguer, não estando disposto dono algum a abandonar o uso da sua terra por couza nenhuma. Esta objecção se tem realmente feito, e tem-se avançado que, ainda mesmo pelas partes mais áridas das montanhas da Escocia, se paga certo aluguer.

Quando se admitte huma objecção, ella prejudica a conclusão de hum modo importante, ou não importante. Se a couza allegada na objecção, ainda suppondo-a reconhecida, deixa essencialmente em todos os seus resultados verdadeira a conclusão, ha de a objecção ser devida a qualquer de dois defeitos no espirito do que a faz; ou seja huma confusão de idéas que o impede de ver quão pouco a couza que elle allega prejudica a doutrina que elle nega; ou huma disposição a esquivar-se de reconhecer a verdade da doutrina de que se trata, ainda quando se não pode achar couza solida que se lhe opponha.

A couza allegada na objecção acima, ainda mesmo quando a admittissemos por verdadeira, deixaria a conclusão intacta em todos seus resultados praticos; he isto o que se pode deixar de reconhecer assim que as circunstancias se explicão. Não se pode pretender que o aluguer (ou censo) pago pelas partes estereis das montanhas da Escocia, seja mais que huma bagatella, huma quantidade infinitamente pequena e desprezivel em hum calcu-

lo em que entrão sommas até muito modicas. Ainda quando fosse de 20 libras esterlinas por 1000 *acres*, isto he, obra de hum *penny* (ou dinheiro esterlino) por *acre*, esta somma formaria huma fracção tão tenue, comparada ás despezas de cultura que não poderião deixar de subir a humas poucas de libras esterlinas por acre, que não poderia isso prejudicar a conclusão que temos procurado estabelecer.

Supponhamos, para apoiarmos nosso raciocinio, que a peor especie de terra posta em cultura paga hum *penny* por *acre*, o aluguer, ou censo, seria a differença entre os productos resultantes de differentes porções do capital, como acima dissemos, com huma unica modificação; a saber, que se deveria contar hum *penny* por *acre* da peor terra posta em cultura. Sem duvida, se a nossa conclusão he justa com esta differença, ella não pode ser falsa, pondo de parte o *penny* em questão; a mais pequena vantagem que obtivessemos simplificando a nossa linguagem bastaria para justificar esta omissão.

Não he com tudo certo que as nossas concluções precizem de correcção parcial, ainda mesmo para a exactidão metafysica. Ha terras, taes como os areaes da Arabia, que nada rendem; entre estas e as da maior fertilidade encontrão-se terras intermedias ou medianas. Ha terras que, sem serem absolutamente incapazes de produzir couza alguma util ao homem, se não poderião pôr em estado de dar productos sufficientes para a manutenção dos trabalhadores necessarios á sua cultura: Estas terras não podem jamais ser cultivadas. Outras ha, cujo producto annual bastaria para pagar á justa o trabalho que a sua cultura exigiria. Estas terras estão á justa em estado de serem cultivadas, mas são evidentemente incapazes de pagar renda ou aluguer. He pois a objecção apontada não só insignificante na pratica, porém até sem valor fallando metafysicamente.

Pode affirmar-se que não existe paiz de extensão hum pouco consideravel em que não haja terras fóra do estado de pagar renda, isto he, incapazes de produzir, por meio do trabalho humano, mais do que seria necessario para pagar este trabalho; que pelo menos assim aconteça no nosso paiz (na Grã-Bretanha), he o que mui provavelmente se não ha de contestar. Nas nossas serras ha partes onde só podem vegetar os urzes e os musgos. Quando se sustenta que todas as partes das montanhas da Escocia pagão algum reddito, encara-se mal o estado das couzas. Só he certo que não ha homem que cultive parte alguma de qualquer territorio da Escocia, que não pague algum reddito ou aluguer. A razão disto he que mesmo no seio das montanhas da Escocia ha nos valles algumas porções de terreno cujo producto he consideravel. Porque centos d'*acres* de terreno montanhoso se achão comprehendidos em hum lote como dos valles, não se segue que todas as partes da montanha paguem hum reddito ou renda; he certo que muitas destas partes não o pagão, nem o podem pagar.

Nos lugares mesmo onde a terra não he absolutamente esteril, e apresenta algum pasto aos mais atrevidos animaes uteis (ás cabras), não ha motivo de dizer que he necessaria consequencia o pagamento de alguma renda. Vem a proposito recordar que o gado forma parte do capital, e que cumpre que a terra renda sufficientemente, não só para dar o interesse desta porção do capital, mas tambem para pagar a guarda do gado, o que em taes sitios, e principalmente durante o inverno, requer huma porção de capital assáz consideravel. Huma vez que a terra não produza sufficientemente para cobrir todas estas despezas, e alguma couza mais, he evidente que não pode pagar renda.

Temos por couza certa que, na maior parte da nossa Ilha se não acha fazenda hum pouco avultada, que não contenha terras mais ou menos fer-

teis, desde hum gráo elevado ou hum gráo mediocre de fertilidade até a que não rende o que basta para pagar alguma renda. Não exigimos, como he de razão, que se admitta esta asserção só por nossa authoridade; appellamos para a experiencia dos homens que mais conhecimentos tem sobre o assumpto de que se trata. Se o estado das couzas conrresponde á nossa asserção, fica demostrado que a ultima especie de terra posta em cultura não paga aluguer ou reddito. Nas fazendas de renda, ou foreiras, como aquellas de que acabamos de fallar, tem o rendeiro, ou foreiro feito hum ajuste por certa somma com o dono da terra. Esta somma ha sido naturalmente calculada sobre o producto da especie de terra que dá não só hum lucro razoavel pelo capital empregado na sua cultura, mas tambem alguma couza mais. Como o motivo que determina o rendeiro a cultivar se funda todo no interesse qne conta tirar do seu capital; se na sua fazenda ha porções de terra que rendão ájusta o juro do capital, ainda que nada lhe dem para pagar huma renda, nesta circnnstancia acha hum motivo sufficiente para as cultivar. Não se pode negar que entre as especies de terra cuja fertilidade diminue por insensivel graduação, do primeiro ao ultimo ponto, não se acha geralmente em todas as grandes fazendas huma porção de terreno que offereça este gráo particular de fertilidade de que acabamos de fallar; isto basta para fazer que se cultive.

Em summa a nossa conclusão pode ser justificada pelas mais claras provas, sem attender á questão de saber se todas as qualidades de terra pagão, ou não pagaõ algum aluguer (*ou renda*, *censo*, *ou foro.*) (*Mill*, *Elem. de Econ. Pol.*)

Origem da Porta Ottomana, ou a Sublime Porta.

Dá-se este nome á Corte do Grão-Seuhor, e ao proprio assento ou séde da autoridade. Este uso nos vem dos Turcos, que chamão assim a Corte do seu Imperador. Os Sultões se servem tambem deste termo nos diplomas mais importantes, e sobre tudo nas cartas que são enviadas da sua parte ás outras Potencias. Esta denominação traz sua origem dos Califas successores de Mahomet. Sabe-se que estes Principes união na sua pessoa a qualidade de Pontifices e de Imperadores, ou de Soberanos Chefes da Religião e do Imperio dos Musulmanos. A politica destes Monarcas, que achava conveniente fazer-se, por assim dizer, adorar por seus vassallos, julgava não poder jámais passar a excessos a este respeito.

Mostadhem, ultimo Califa da linhagem dos *Abassidas*, mandou encaixar no liminar da Porta principal do seu Palacio de *Bagdad* hum pedaço da famosa pedra negra do Templo da *Méca*. Esta pedra, segundo os Mahometanos, foi enviada do Ceo a *Abrahão*, quando elle edificava a Casa de Deos, ou o famoso sanctuario da *Méca*. Ella se fez negra, dizem elles, de branca que era, por causa dos peccados dos homens. Este liminar era assaz elevado, e não se entrava senão dejoelhos ou prostrado, depois de ter applicado por vezes a testa e a boca sobre a pedra supposta sagrada.

Além disto no frontão, ou no lugar mais eminente desta porta, havia hum panno de velude preto, que pendia quazi até ao chão, o qual todos os Magnatas da Corte tributavão, bem como á pedra negra, excessivas honras, esfregando os olhos em huma e outra couza, e beijando-as com o mais profundo respeito; e mesmo quando não havia nego-

R

cio no Palacio, vinhão de proposito a esta porta para lhe renderem taes honras, e por este modo fazerem a Corte ao Califa. A porta se chamava a *Porta do Califa*; e o pano de veludo se denominava a *Manga do Califa*. Huma porta tão venerada e tão respeitada, em breve se chama a Porta por excellencia; foi tomada, no uso ordinario, pelo Palacio, Corte, morada do Principe: e pela propria séde da sua autoridade. Este uso foi seguido pelos Sultões Turcos que destronárão estes Monarcas Pontifices, e succedêrão em sua autoridade espiritual e corporal. Finalmente os Imperadores Turcos não são os unicos Monarcas do Oriente que, á imitação dos Califas, hajão dado á sua Corte o nome de *Porta*; os Reis da *Persia* se servem tambem deste termo na mesma significação.

Lisboa 19 de Fevereiro. — Extracto das Folhas Inglezas.

Londres 2 de Fevereiro. — A Camara ou Junta do Commercio de *Lyão* dirigio a cada hum dos Deputados daquella Cidade hum documento relativo ao Tratado Americano, apontando os sérios resultados que se seguirião ao Commercio Francez, no caso de se interronper a harmonia entre os Estados-Unidos e a França, pela rejeição das reclamações Americanas. Ainda mesmo quando não rompa a guerra, mostra-se que a America pode arruinar o commercio Francez naquelle paiz pela mera imposição de pequenos direitos sobre as fazendas Francezas, porque estes pequenos direitos fariaõ dar preferencia a manufacturas Inglezas e de outros paizes; — por exemplo, a Inglaterra, a Suissa, a Alemanha, e a Italia competem com a França no fornecimento de sedas lizas. Perdem casas Francezas

diariamente commissões por huma differença de só tres ou quatro por cento. Não pode á França desforrar-se nas importações Americanas, por quanto ha nestas generos em rama necessarios para as nossas fabricas, que padecerião pelo augmento de preço desses generos. — O seguinte resumo mostrará a importancia das exportações da França para os Estados-Unidos: Fazendas de seda, simples, e misturada, enviadas pelas fabricas de França: — Em 1829, a importancia de 115, 285, 257 francos; em 1830, a de 114, 628, 911 fr.; em 1831, forão 121, 971, 980 fr. em 1832, forão 109, 342, 958 fr.; em 1833, forão 142, 827, 680 fr. — Destas exportações de França os Estados-Unidos recebêrão em 1831, a somma de 59, 595. 153, fr. em 1832, a de 25, 599, 617 fr.; em 1833, a de 58, 482, 732 fr. — Só Lyão exportou, em 1829 — 68, 970, 990 fr.; em 1830 — 74, 426, 298 fr.; em 1831 — 82, 344, 232 fr.; em 1832 — 73, 367, 274 fr.; em 1833 — 94, 484, 196 fr. Destas exportações recebêrão os Estados-Unidos em 1831 — 42, 532, 230 fr.; em 1832 — 17, 152, 580 fr.; em 1833 — 40, o 18, 20 fr. Nos artigos de exporção de Lyão as sedas lavradas, em 1831 forão 18, 484, 192 fr.; em 1832 — forão 18, 535, o 78 fr.; em 1833 — 22, 133, 812 fr. A diminuta import ação do anno de 1832 para os Estados-Unidos foi devida á existencia da *Cholera-morbus* alli. A's importações se podem ajuntar 11 milhões de fazendas por contrabando, de que Lyão formou a somma de 5 ou 6 milhões.

O Morning Post de hoje diz o seguinte: Tem corrido ha dias o boato de se achar a Rainha em estado que promette S. M. apresentar ao Soberano e á Nação hum herdeiro da Coroa da *Grã-Bretanha*. Temo-nos até agora abstido de alludir a este rumor, conhecendo que não podiamos com acerto tocar, nisto huma vez que não tivessemos fundamento para o contrariar, ou para o confirmar. Agora po-

rem he do nosso dever dizer que acreditamos que a noticia he bem fundada. "

Londres 2 de Fevereiro. — Noticias recebidas de Paris

Avisos de Roma de 17 do mez passado assegurão que o Papa dirigio huma Nota ás Potencias da Europa rogando-lhes queirão pôr termo á guerra cívil que assola a Hespanha, e ás crueldades de que ha acompanhanda. — As festas do Carnaval erão mui brilhantes em Roma, e as funções mais brilhantes erão as que davão os Ministros da Russia, e Austria, e as do Banqueiro Torlonia.

Cartas de Francfort menciona que os Gabinetes de Pariz e Vienna se achão actualmente em conrespondencia mui activa á cerca dos negocios da Suissa. Dizem mais; que os pequenos Governos d'Alemanha serão obrigados pela Austria e pela Prussia para mandarem tropas ás fronteiras da Suissa, e outras na direcção do Luxemburgo. " Então (diz o escritor) se verá completamente a Alemanha á disposição daquellas duas Potencias, as quaes poderão á sua vontade estender o seu systema da intervenção. "

O Jornal dos Pyrenéos Orientaes de 24 do mez passado diz que os Chefes das Guerrilhas tantas vezes dispersadas nas serras pelas columnas moveis das Tropas da Rainha, se estavão outra vez juntando em differentes pontos, que o máo tempo faz inaccessiveis. Entretanto as estradas da Catalunha estão infestadas por bandos, especialmente os arredores de Vich, e de Berga. O General Rassa novo Governador de Barcelona, mal tinha chegado áquella Cidade logo se vio obrigado a partir para o Norte da Catalunha, a dirigir medidas contra os insurgentes.

Receberão-se em Londres noticias de Cantão até 20 de Agosto, pelas quaes consta serem desfavoraes as relações do nosso commercio com os Chinas, cujas Authoridades se oppunhão a elle, e aos arranios que se lhes propunhão.

O nosso correspondente de Pariz (do *Morning Herald*) nos escreve, entre outras couzas o seguinte: " As conferencias que se fizerão ultimamente na Capital de França, e que hão de faze-rse em Londres pelos Embaixadores das grandes Potencias Estrageniras, com o fim de ajustar a questão da Hespanha, ainda não tinhão feito grande progresso além de se assentar em que o modo mais prompto de terminar a guerra da successão em Hespanha seria pela alliança matrimonial de D. Izabel II.ª com o filho primogenito de D. Carlos. ,,

Participão da Haia em data de 30 de Janeiro: " O restabelecimento do Principe de Orange tem sido rapido. ,,

Idem 4. — Se houve tempo algum (diz o *Herald.*) em que os serviços de hum habil, experimentado e vigilante Consul fossem precizos para vigiar os interesses do nosso commercio no Levante, e proteger a propriedade dos moradores Britanicos residentes na Turquia, he o tempo actual. Nós temos visto com pezar ha annos a esta parte, o desprezo dos intesses Britanicos naquella região do Mundo pelos Estadistas Britanicos; ao passo que a Russia com incessantes manejos, e infatigaveis esforços em se aproveitar das circunstancias, vai avançando cada vez mais aproximada á realisação daquelle seu ha muito favorito plano de ambição que lhe ha de dar tão absoluto dominio sobre o Imperio Turco como ella está exercendo hoje na Polonia. — No decurso da ultima administração (do Ministerio Whig), mais imbecil que a qual na direcção dos negocios da nossa ploitica estrangeira nunca houve outra, tivemos frequentes vezes occasião de alludir ao desmazelo e incapacidade do nosso Em-

baixador Lord Ponssonby. Seus habitos indolentes, e a geral fraqueza de seus movimentos, quando precizava mover-se, formavão triste contraste com a vigilancia, e incançavel zelo dos Diplomaticos Russianos. (Prosegue Hoerald neste artigo para aconselhar a conservação do Consul Geral Mr. Cartwright, por ser homem vigilante e babil, que se dizia estava para ser removido &c.)

Por noticias de Smyrna de 25 de Dezembro sabemos que o Exercito de *Ibrahim Bachu* recebeo ultimamente novos reforços: isto não da idéa da conntinuação da paz sobre que tantas diligencias se tem feito. O *Allgmeine Zeiting* admitte que *Mehernet-Ali* dá mais attenção que nunca á *Syria*, e prepara huma ampla organisação daquelle paiz. Diz o mesmo periodico que se Mehemet não poder conciliar o animo do povo nunca poderá governar a *Syria* em paz. A expedição que elle alli mandou já tem dispendido a sua maior fosça, e elle não pode fazer maiores esforços do que tem feito, sem experimentar os effeitos de hum apaixonado que esforçando-se quando já debilitado, mais depressa succumbe. — Nossa opinião (do *M. Horald.*) a respeito de Mehemet tem sempre sido, a pezar de quanto tem dito viajantes romancistas ou crédulos sobre o seu vigor, intelligencia, e capacidade illustrada &c., que elle he só hum Barbaro mais energico que o fraco e timorato Sultão, a quem elle despojou de grande porção dos seus dominios hereditarios. O seu monopolio do algodão, e outros productos do Egypto, prova que o satisfazer a sua avareza he muito mais forte motivo do seu Governo brando, do que o melhoramento do paiz, ou a promoção dos interesses da civilisação. Se elle não poder governar pela força, não hade procurar governar por conciliação. O modo de Governo que elle introduzio no Egypto tem seu filho Ibrahin estabelecido na Syria. Elle esfolou o povo sem dó pelo methodo de imposições militares que obriga o po-

vo a pagar tudo pelo terror do imminente ferro... Esta rapacidade já tem levado o povo a mais de huma insurreição na Syria, e não faltão commissarios Russianos que formentem o descontentamento. O sobredito periodico *Allgmeine Zeiturny* diz que as forças de Mohemet. Ali na Asia não passão de 25$000 homens, e assevera, por authoridade do Marechal *Mortier*, que o Despota do Egypto não se acha em estado de conservar a posse das Provincias conquistadas, se a Porta fizer algum serio esforço para o expulsar dellas.

P. S. As folhas de *Londres* de 5 a 11 do corrente annuncião a chegada do Conde *Pozzo di Borgo* áquella Capital no dia 7, e que no dia 8 tivera huma conferencia com o Duque de *Welington*. O *Menitor* de 3 tinha annunciado na parte Official, que no dia 2 tivera o mesmo Embaixador da *Russia* em *Pariz* huma audiencia do Rei dos Francezes, na qual lhe entregou a carta revocatoria, que fez cessar a sua missão na Corte de França.

As principaes noticias do Norte da *Hespanha* nestas folhas são segundo *a Sentinella dos Pirineós*, que os Carlistas estavão sitiando *Victoria*, e o abandono do sitio do *Elizondo*, que por outra via se diz continuava.

Noticias de *Roma* dão o Ex-Infante sahindo daquella Cidade secretamente no dia 23 de Janeiro; talvez sahisse tanto como se julgava dias antes o tinha feito, quando no dia 22 alli de novo appareceo em publico. O *Morning Herald* dá disto noticia, e conjecturas sobre o facto, porém o *Morning Post* de 11, só diz: " Os papeis de *Pariz* mencionão havia *escapado* de *Roma*, como se elle tivesse alli estado *prezo* até agora. " Os taes periodicos de *Pariz* já por vezes o tem feito apparecer onde elle nunca esteve, e até na Hespanha!

Os periodicos Francezes das franteiras de *Hes-*

panha se desdizem da noticia que derão da tomada de huma Escuna com armas para *D. Carlos*, conhecendó-se depois que era huma Embarcação que hia de *Lisboa* para *Bordeos*.

No Morning Herald de 4 de Fevereiro se lê o seguinte: „ *Madrid 21 de Janeiro.* Parece certo que o Duque de *Orleans* está justo a casar com huma das filhas do Infante D. *Francisco de Paula*, a qual tem só 15 annos de idade. A Princeza não possue grandes dotes da natureza, mas tem sido muito bem educada, e falla varias linguas, que lhe ensinou huma aia enviada de *Pariz* em 1824 pela Duqueza de *Berry*, a qual tencionava que ella houvesse de casar com o Duque de *Bordeos*. „

ERRATAS PRINCIPAES DO N.º 5.

Pag. 102, lin. 11, *perteræ*, leia-se *prætereo*; lin. 32, *verbice*, l. *vertic.* Pag. 33, lin. 7 — 8, *menos*, l. *mesmos.* Pag. 108, Satyra v. 15, *Panóbo*, leia-se *Pantólabo.* Pag. 116, l. 21, *não se vendeo*, l. *não se rendeo.*

N. B. Assigna-se para este Jornal a 1 $ 200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.º* 137, *e N.º* 1; *da Rua do Ouro N.º* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *rs. cada Num.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° VII.

Da Terra, e sua demenção.

Pelo que dissemos sobre as Elementos fysicos no N.° IV. bem evidente he que já não se considera hoje como hum desses elementos a terra, e por isso aqui tratamos deste Planeta, e não do elemento terra.

A figura e a grandeza deste Planeta, que he o quarto do nosso Systema Planetario, segundo a ordem de sua distancia do Sol, tem provavelmente sido, de todos os tempos, hum objecto de curiosidade, e de indagação; mas a historia da antiguidade he demaziado incerta para nella se achar a origem dos conhecimentos que poderia haver a este respeito. Sabe-se entre tanto que a *esferoicidade* (ou feitio de esfera) da terra foi ensinada 600 annos antes de Jesu Christo por Thales de Mileto, fundador da Escola Jonia; que Pythagoras, seu discipulo, igualmente devedor ás Sacerdotes Egypcios de idéas sãs sobre a constituição do Universo, conhecia os dois movimentos da terra, sobre si mesma, e ao redor do Sol, sem todavia o ensinarem assim ao vulgo; e que Filólao successor des-

te ultimo expoz mais livremente a mesma doutrina.
Era aproximar-se do verdadeiro Systema do Mun-
do libertar-se assim da illusão dos sentidos, que con-
duz a fazer acreditar o contrario; mas por huma
fatalidade ligada á especie humana, cahirão depois
os Filósofos de erro em erro primeiro que se ele-
vassem ás leis immutaveis dos movimentos dos cor-
pos celestes.

Mais de dois seculos antes da Era Christã
restituio *Aristarco* de Samos ao seu credito a opi-
nião da Escola Pythagorica sobre o movimento da
terra; *Eratósthénes* medio no Egypto o arco do me-
ridiano comprehendido entre o poço de Syene e
Alexandria, e assignou á circunferencia da Terra
hum comprimento de 250 mil estadios. Outras ava-
liações deste comprimento, dadas por Aristóteles,
Cleomedes, Possidonio, e *Ptolomeo*, parece corres-
ponderem á medida de Thales traduzida em Esta-
dios diversos. Segundo *Freret*, o estadio de Ale-
xandria era de 400 grandes covados do mesmo
comprimento que o *nilimótro* (instrumento para
medir a enchente do Nilo) que existe no *Cairo*,
avaliado em o m, 556125, e que depois de hum
grande numero de seculos he sempre o mesmo, e
segundo as apparencias he anterior a Sesostris. Da-
hi se seguiria que os 180 mil estadios que Ptolo-
meo attribue á circunferencia da Terra valerião
40,041,000 metros, o que não differe muito das
medidas actuaes que fixão esta circunferencia em
40,000,000 de metros.

Passárão-se huns poucos de seculos primeiro
que na Europa se emprehendessem similhantes me-
dições; e só do seculo 17.° em diante he que os Geó-
metras procurárão adquirir noções mais exactas
sobre a figura da Terra. *Newton*, que tinha des-
coberto a Lei da Gravitação universal, achou,
partindo da hypothese da homogeneidade e da flui-
dez primitiva do nosso Globo, que este corpo em
virtude da sua rotação diurna e das leis da Hydrosta-

tica, deveria ter-se engrossado mais no Equador, e achatado nos Polos, e assignou a esta ellipsoide de revolução (em torno do eixo menor) hum achatamento, que Delambre avaliou ultimamente em $\frac{1}{308650}$. Em 1675 isto he 25 annos antes do nascimento de illustre Newton, foi *Snellius* o primeiro que applicou as operações trigonometricas á medida de hum arco do Meridiano, e determinou o arco comprehendido entre *Berg-Op-Zoom*, e *Alkmaer*. Poucos annos depois *Norwood* em Inglaterra, *Mason* e *Dixon* na Pensylvania, medirão, por modos particulares, arcos de Meridianos, todos mui pequenos para poder deduzir-se delles com alguma certeza a figura, e as dimensões da terra. Alem do que os instrumentos de Geodesia, desprovidos de lentes ou oculos erão então muito imperfeitos; ainda Bradley não tinha explicado o effeito da aberração da luz sobre a posição dos astros e as leis da refracção atmosferica não erão bem conhecidas.

Circunstancias mais favoraveis ao successo das operações geodesicas se apresentárão nos fins do 17.° seculo. Picard, adaptando aos Instrumentos ocúlos e micrometros pôde medir com mais exactidão que os seus predecessores o arco do Meridiano comprehendido entre *Malvoizine* e *Amiens*, arco que foi continuado até Dunkerque, e Colioure por Cassini, e Lahire pelo anno de 1683. Outros Astronomos emprehenderão medidas simillhantes em differentes partes do mundo, e comtudo o resultado de todas estas medidas se achou em opposição com a theoria de Newton: a Terra parecia acharse alongada nos Polos.

Com o fim de illustrar este ponto importante da Geodesia enviou a Academia das Sciencias de Pariz em 1735 *Bouguer* e *La Condamine* ao Perú, *Maupertuis* e *Clairaut* á *Laponia*, para alli medirem cada hum da sua parte hum arco de Meridiano: desta vez o resultado concordou com a theo

ria. Nos nossos dias as operações no Circulo Polar, forão verificadas por *Svanperg*, auxiliado pelos mesmos processos de que se servirão *Delambre* e *Mechain* para a determinação do Meridiano de França destinada a procurar definitivamente a unidade fundamental do novo systema métrico decimal; e ha poucos annos medio o Major *Lambton* na India com summo cuidado hum arco de Meridiano de mais de nove gráos. Estas ultimas medições, e todas as que depois tem sido emprehendidas na Italia, na Alemanha, e na Inglaterra forão coroadas com o melhor exito. De sua combinação resulta que a Terra he mui pouco differente de huma ellipsoide de revolução cujo achatamento he $\frac{4}{306}$; que geralmente os gráos dos meridianos crescem do Equador para os Polos, e que finalmente as dimensões da Terra exprimidas em metros, ou decimas milionessimas do quarto do meridiano, são do modo seguinte:

Grande meio eixo - - - - - 6,376,920 metros
Pequeno meio eixo - - - - - 6,356,076 metros
Differença ou achatamento - - 20,844 metros
4°. do Meridiano 10,000,000, metros ou 5,130,740 toezas.

Independente destas diversas medidas de arcos de Meridianos tem-se cuidado em França e em outras partes da Europa da determinação de varios arcos de parallelas; porque estas linhas concorrem para fazer conhecer melhor a natureza da superficie da Terra em hum lugar particular.

He particularmente a *Bordá* e *Delambre* que se deve a extrema precizão que caracteriza as novas medidas Geodesicas; hum enriqueceo a Astronomia, e a Trigonometria com o circulo repetidor; e o outro aperfeiçoou e dilatou os methodos de observação e de calculo. Se juntarmos a isto as sabias theorias de *Laplce*, *Legendre*, *Poisson*, &c. sobre as altas questões do Geodosia (ou medição da terra), facilmente se conhecerá que esta Sci-

encia he susceptivel, por frequentes applicações, de augmentar o dominio da Geografia, e o numero de dados proprios para a solução do Problema relativo á figura da Terra.

Este artigo por certo não he para a intelligencia de todos; porque he hum objecto scientifico; mas pode ser vantajoso aos que tem algumas idéas de Geografia mathematica, e aos que se dão ao estudo da Pilotagem, e de outros ramos Mathematicos, por ser o resumo historico de hum ponto dos mais curiosos nestas Sciencias, e que se não acha de ordinario nos Livros elementares porque astudão.

Incoherencias e illusões que se deduzem do principio da Soberania do Povo.

Quem adopta o Systema da Soberania do Povo, como hoje querem seja hum Canon os Filosofos, vê-se gago e perplexo em dar sahida a immensas questões irresolviveis ou insoluveis; mas assim mesmo não deve arrear bandeira, deve sustentar as contradições com certo ar de sufficiencia e impostura, que não dê azo a conhecer-se que he colhido ás mãos; e se muito o apertarem, diga: isso já se não disputa, está decidido; o Direito tem *variado &c.* Elle com effeito não só tem variado ha muitos annos, mas até se conhece em muitos pontos, e por muitos factos por elle, ou em seu nome decididos, que está doudo varrido em havendo sido tocado por certa varinha de condão, que tem sido ha quarenta e seis annos a esta parte hum prestigio inaudito entre as Nações da Europa, pondo peneiras nos olhos até a muitos que campão de muito expertos. A Nação quer, a Nação manda, a Nação não quer, a Nação clama, a Nação paga, a Nação não quer pagar, segundo o dizem

os que conseguirão sahir do seio della, nomeados por huma fracção pequena do seu todo, para melhorarem a sua sorte, e que muitas vezes fazem o contrario, porque escutão mais a voz de seu particular interesse, ou ás inspirações de erradas theorias, do que o desinteressado, e illustrado conhecimento do que realmente convem fazer para conseguir aquelle fim. Huns poucos de individuos se juntão, coincidem nas idéas de hum mais habil, fazem huma associação, publicão huma Obra como a Encyclopedia, ou como hum Periodico; e no calor de suas sublimes composições, com os olhos fitos no caro objecto, a Nação, (e a Nação Soberana!) soltão rios de eloquencia para provarem que se ella for governada de tal e tal modo, por este ou aquelle Individuo, será feliz, ao passo que sendo-o por outros do partido contrario será desgraçada. Estes, se conseguem desmontar os Cavalleiros, que vão correndo entre perigos e baldões, seguem a mesma vereda, chamão os seus amigos aos empregos, expulsão os que estavão; dizem que erão inhabeis, e huns comedores, parasitos da Nação, e a Nação em breve se vê, depois de encher huns, obrigada a engordar outros, que não tarda deixem o campo a outros e outros.

Tal he a marcha das couzas nos paizes em que entrou certa especie de gente de envolta com homens sizudos a fazer reformas. Os sizudos e prudentemente sabios são raros, o grande numero dos semi-doutos ambiciosos he violento; quer lugares, e mandos, quer encher-se, e depressa; chegados hontem sem nada, querem hoje grandes trastes de casa, seges, e toda a pompa, arrebatando quanto lhes fica ao alcance, e eis ahi transtornado o plano dos sizudos, que conhecião as precizões da Nação, e a desejavão encaminhar a melhor sorte. Cala-se a honra, e he arrebatada na torrente dos desvarios da multidão dos gritadores, sem que a voz da verdade possa fazer a minima impressão.

Onde se acharão os poderes dados pela Nação aos poucos homens que tramavão a rebellião de 1817? Onde estão as procurações ou outros documentos dados a meia duzia de homens para se levantarem contra o seu legitimo e jurado Rei o Senhor D. João VI.? Mas a Nação consentio (dirão certos Doutores, mas não de Lei). A Nação consentio sempre muitas couzas que não queria, nem poderia querer: a força armada faz, e em todos os tempos fez, que o silencio das Nações pareça consentir em factos que os corações desapprovão. Junot com 25 $ homens subjugou tres milhões de Portuguezes; e quem dirá por isso que os Portuguezes querião o jugo Francez? Os Legisladores de 1821 dão a prova mais clara da illegalidade dos successos de 24 de Agosto de 1820 em hum Decreto deproposito destinado a *sanar* aquelle acto de desobediencia á Authoridade do Rei. Ora se assim se podesse fazer huma rebellião contra o Governo legitimo existente em hum paiz, quem poderia dar aos Governos força e segurança bastante em tempo algum?

A vontade da Nação (embora só da sua parte illustrada, posto que he difficultosissimo oonhecer até que numero de individuos chega essa parte), a vontade da Nação manifesta-se pela generalidade das opiniões individuaes convergentes sobre o ponto ou pontos em que ella se manifesta. Que difficil não he colher essa generalidade de votos! O que se antolha a huns como bom, a outros parece mao: o que he util em huma Provincia he nocivo em outra; e vão lá combinar as couzas todas de modo que possão produzir-se bons e geraes effeitos, sem procurar por todos os meios atinar com a perfeita resolução do Problema! Sahe muitas vezes totalmente o contrario, a pezar do dito — a Nação quer, a Nação preciza, a Nação deseja este nosso projecto.

A Nação em 1143 fez em Lamego o Pacto ou

Contrato fundamental do Governo e Successão da Monarquia com o Senhor D. Affonso Henriques: foi hum pacto mutuo entre elle e a Nação, e dalli vierão os reciprocos direitos e deveres do Rei, e do Povo. Esta Constituição he a mais antiga, e a mais voluntaria entre as das Nações da moderna Europa; ella foi o fundamento da elevação da Casa de Bragança ao Throno em 1640, cujo direito só então se pôde restabelecer, não sendo possivel em 60 annos nem sequer fallar nesse direito, porque a legitimidade em hum Povo subjugado por força d'armas, he só dos que o subjugão, e só delles o direito, como era entre nós no tempo dos Filippes, pois o Duque d'Alva com as armas acabou a questão a pezar do direito e razão. Esta Constituição pois foi jurada de novo em 1641. Nella figurava bem o Povo Portuguez, e o Rei: ella em quanto subsistio fez a nossa fortuna, como bem disse o Manifesto do Porto em 1820. Oxalá não fosse abandonada! Esse abandono podia ser bem remediado em 1820; mas o remedio que se quiz dar foi demaziado heroico. Saltou-se á Constituição de França de 1791, que com poucas differenças appareceo na nossa de 1822; e em vez de se fazer nas Cortes, e ser levada ao Rei para elle a promulgar como sua, foi elle obrigado a ir juralla no Congresso, em virtude da Soberania da Nação, que se assumio, vendo-se o galante contraste de dois Soberanos a jurar, o Rei que o era sem duvida por sua acclamação segundo o costume de nossos maiores, e o Soberano Congresso Nacional.

Temos pois a Nação, que até 1820 recebia as Leis do Rei, dictando e impondo a este as Leis, e desfazendo o Pacto primitivo para estabelecer outro novo, que se dizia a vontade da Nação, e não era mais que a vontade de huma pequenissima parte della, pois a grande parte entendia disto tanto, e conhecia tanto do negocio, como da Lingua Chineza. A mesma Liberdade com que em taes casos

se embala o povo he illusoria; porque só ha liberdade para o partido predominante, que passa sempre a ser intolerante, e monopolista da Imprensa, d'onde assesta huma formidavel bateria contra tuda o que não segue suas bandeiras. A França, esse paiz em que a Revolução fez apparecer innumeraveis partidos, que successivamente se hião derrubando, vio todos clamando liberdade quando subião a dominar, e espezinhando a liberdade dos que derrubavão. Robespierre, e seus satellites gritavão: já lá vão as rolhas, viva a Liberdade, ao passo que atacavão e atochavão com rolhas mais duras as bocas dos que lhes erão contrarios, e a titulo de salvar a Republica hião guilhotinando os seus contrarios, e talvez mesmo os seus protectores e amigos; tudo em nome da Soberana Nação, que não lhe valia ser Soberana para alguns bocados della irem ao cadafalço.

He bonito ouvir e ler que ElRei D. João VI. era muito constitucional, e de boa vontade abraçára a Constituição. O que elle provou foi o juizo que tinha em conhecer como as couzas se tinhão feito, e o modo como o Povo Portuguez, inexperto pela ignorancia, sempre util ás revoluções, havia sido extraviado da vereda leal que nossos maiores tanto prezarão.

Pouca gente falla e escreve com todo o conhecimento das couzas, e não admira por isso ver a cada passo asserções desacertadas, e distantes da verdade. O Governo, em todos os paizes, sempre tem elementos mais solidos para a sua marcha, do que a Nação presume; e os Governos todos assim devem faltar ao respeito á tal Soberana, não lhe patenteando tudo, porque se muitas couzas se lhe patenteassem bom fim havião de ter muitos negocios que se tratão em seu proveito só por meio do segredo! Se a Nação he a Soberana, ou Soberano o Povo, deve-se confessar que o Governo he o seu Tutor; e se ella preciza de tutor; ou nunca passa

T

de menoridade, ou nunca pode chegar a ter juizo para se governar por si. Bem se conhece que não he Soberano o povo que se junta em huma praça, ou nas galerias de huma Camara, e por conseguinte que a taes ajuntamentos chamar *a Nação* he zombar da intelligencia humana. Mil, dez mil, cem mil, são porções, ou fracções do total de 3 milhões, ou de outra qualquer somma total de huma Nação; e quem dissesse que dez reis he o mesmo que trezentos reis o menos que mostrava era ser parvo.

Ora vamos ver o que a prudencia do Senhor D. João 6.° fez quando no Rio de Janeiro soube em 1820 dos successos de Portugal. Sabia alli o Governo das intrigas de *Pando* em Lisboa, sabia dos esforços que se fazião pela Europa, a fim de dar impulso ao movimento contra os Governos, desde muito antes do successo de Cadiz; sabia finalmente das resoluções tomadas no Congresso de Troppau. Em consequencia de tudo isto se dirigio (antes de dar o passo que se previa indispensavel, de proclamar a Constituição &c.) hum Officio em data de 27 de Janeiro de 1821 ao Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario de Portugal em Paris, em que o Ministro dos Negocios Extrangeiros lhe dizia o seguinte:

" Cumpre-me communicar a V. Exc. que S.
" M. me manda por esta occasião (*dos Successos da*
" *revolução de Portugal*) expedir Plenos-poderes
" ao Marquez de Marialva, ao Conde d'Oriola, e
" a Antonio de Saldanha da Gama, para que to-
" dos juntos, ou cada hum de persi, possão em
" qualidade de seus Pleniposenciarios, assistir
" a qualquer Congresso que eventualmente haja
" de se reunir na Europa, onde directa ou indi-
" rectamente se trate de assumptos que interessem
" a ElRei N. Sr. — No caso de se verificar hum
" tal Congresso, deverá V. E. immediatamente
" abrir huma correspondencia com os Plenipoten-

" ciarios de S. M., a fim de lhes subministrar to-
" das as noções que por ventura estejão ao seu al-
" cance. "

Aqui tem os nossos leitores huma chave mestra para abrirem muitas portas; e verão se o Sr. D. João 6.º sabia qual havia de ser o exito dos successos em 1823, ainda quando não houvesse a sahida de seu filho para Villa Franca. Bem sabido he que o Marquez de Marialva foi a Verona &c. Debalde a filaucia de certos presumidos de sabios pretende penetrar todos os escaninhos dos Gabinetes.

A Constituição pois de 1822 foi dictada pelo Povo Soberano, ao Rei Subdito, e não ao Rei Soberano, porque implica receber a Lei hum Soberano, e nisto de Soberania, ou Supremacia, não ha gradações. Ella acabou com a restituição do Monarca aos seus legitimos direitos. Porém elle quiz fazer ao Povo Portuguez o presente de huma Constituição, ou Carta, que por fim reduzio pela Carta de Lei de 4 de Junho de 1824 ao restabelecimento ordenado nella da unica legitima Constituição fundamental da Monarquia, que era a base dos Direitos da Sua Augusta Casa ao Throno, e que não podia transtornar sem ser perjuro ao juramento solemne que deo no Acto de sua Acclamação no Rio de Janeiro, como em taes actos tinhão praticado os seus Augustos Predecessores. Comtudo, estando entregue a factura da nova Carta a mãos habeis, não seria difficil fazella no espirito da antiga, com as modificações que o tempo reclamava. Todas as Leis de hum Estado devem ser feitas dentro delle, e referendadas por pessoas que sejão responsaveis. Sabemos como se fez a primeira Constituição do Reino em Lamego pela Relação dos nossos Historiadores (a pezar de certas duvidas): sabemos quem faz e como se fez a de 1822; porém não sabemos quem compoz, posto saibamos quem generosamente nos outorgou, a Carta de

1826, que foi dada á Nação no Rio de Janeiro, e que o Governo em Lisboa promulgou. A sua acceitação, posto que não na forma que justamente S. M. o Sr. D. Pedro IV. ordenava, foi geral em toda a Nação, e por conseguinte esta, se despio nesse acto da sua preconisada Soberania, pois recebeo a Lei, que desse modo se obrigou a manter, e que bem derigida poderá vir a fazella feliz. Nestas vicissitudes, qual he o ponto fixo da Soberania da Nação, ou do Povo? Ninguem o sabe.

HORACIO.

Traducção da Satyra I do Livro I.

(Moteja Horacio a inconstancia dos homens, e os diversos pretextos da avareza.)

Como he, Mecenas, que ninguem co'a sorte,
Que lhe deo a eleição, ou trouxe oacaso,
Viva contente, e exalte os que outra seguem?
" Afortunados Mercadores! " Clama
Veterano Soldado, tendo o corpo
Já do longo trabalho quebrantado.
Pelo contrario o Mercador, se os Austros
O Navio lhe acossão, diz: » Mais vale
A vida do Soldado! Que succede?
Dá-se a batalha; ou vem rapida a morte,
Ou se goza a alegria da victoria. »
Se inda ao cantar do gallo ouve o Letrado
Bater-lhe á porta o seu Constituinte,
Inveja o Lavrador. Este, em Juizo
Prestados fiadores, que do campo
Por força ha de ir á Corte, só felizes
Os que na Corte vivem considera.
Desta especie os exemplos (são tão bastos!)
A Fabio o fallador cançar podião.

Por não deter-te, escuta a que isto trago.
Se algum Nume, » Aqui estou » (dissesse) prompto
Vos faço o que quereis: tu, que és Soldado,
Serás Negociante; e tu, Letrado,
Has de ser Lavrador: para aqui vinde,
Ide vós para alli, trocando as scenas.
Eia! que esp'rais? Não querem. Pois estava
Em suas mãos o serem venturosos.
Porque não ficará bufando Jove
Justamente indignado contra elles,
E não dirá que nunca mais tão facil
Será em dar ouvidos a seus rogos?
Avante; por não ir, qual bobo, rindo;
Porém que estorva a rir dizer verdades?
Assim dá ao Menino o meigo Mestre,
Para que estude a carta, alguns docinhos.
Mas zombaria á parte, ao serio vamos.
O que com duro arado lavra a terra,
O rendeiro sem fé, Soldado, os Nautas
Que o mar audazes correm, todos dizem,
Que aturão o trabalho com o intento
De em velhos, tendo junto com que passem,
Em seguro descanço repousarem.
Como a formiga (que he o seu exemplo)
Pequenina, mas mui laboriosa,
Na boca leva quantò pode, e ao monte,
Que vai fazendo, o ajunta, do futuro
Inverno acautelando-se prevista.
Mas essa, assim que Aquario o decorrido
Annò entristece, nenca sahe da toca,
E usa atilada do que acumulára.
Porém a ti do lucro não te affastão
A calma, o frio, o fogo, o mar, o ferro;
Nada te obsta, em quanto outro houver mais rico.
Que aproveita enterrares pezo enorme
De prata, e ouro, timido, na terra?
Crês, se algum gastas, que tres reis te ficão!
Mas que tem de bonito o que enthesouras,
Se o não desfructas? Quando cem mil moios

De trigo em tuas eiras debulhasses,
Não cabião no teu mais que em meu ventre;
Como, se te coubesse entre os escravos
Do pão c'o saco aos hombros carregares,
Mais não terias de ração que os outros.
Ora dize, que importa a quem só vive
Limitado ao que exige a natureza,
Lavrar cem, ou mil geiras? — Mas agrada
Tirar de grande monte. — Como deixes
Tiremos quanto baste do pequeno,
Porque has de axaltar tanto os teus celeiros,
Em proporção das nossas tenues tulhas?
Isso he como se, hum copo, ou huma bilha
D'agua necessitando, tu dissesses:
De hum grande rio eu antes quereria
Tiralla do que d'huma fontezinha.
Eis porque a alguns, a quem nimia abundancia
Deleita, o arrebatado Aufido os leva
Com a terra em que estão da margem sua.
Mas quem só ao precizo se limita,
Nem lodosa agua bebe, nem se affoga.
Cega porém da pérfida cubiça
Diz muita gente: » Nada disto basta;
Porque quanto tiveres tanto vales. »
Que farás a hum destes? Miseravel
O deixa embora ser se assim pratica.
Como contão de hum certo Atheniense
Sordido e rico, que do povo as vozes
Desprezar costumava assim: Se o povo
Me apupa, eu comtudo em minha casa
Me applaudo, e me remiro no meu cofre?
Quer Tântalo apanhar sedento as aguas,
Que dos labios lhe fogem! Ris-te, avaro?
Mudado o nome a fabula te quadra;
De toda a parte amontoandos sacos,
Dormes com susto, e como se obrigado
Tosses a não tocar sagrados Vasos,
Ou como a recrear-te em bellos quadros:
Que valha, e de que sirva o ouro ignoras?

De comprar pão, verdura, e a vez de vinho;
E para o mais que a humana natureza
Se afflige de não ter. Estar á lerta,
Trespassado de medo, noite e dia,
Temer ladrões malvados, fogo, escravos
Que te roubem e fujão, he bonito?
De taes bens quero sempre ser mui pobre.
Mas se te doe o corpo constipado,
Dizes, ou outro mal to leva á cama,
Tens quem te assista, quem te dê remedios,
Quem ao Médico peça que te cure,
E restitua aos filhos, e aos parentes.
— Não, não te querem vivo a Esposa, e o filhos,
Até a vizinhança te aborrece,
Conhecidos, rapazes, raparigas.
Admiras-te que, dando preferencia
Sobre tudo ao dinheiro, ninguem queira
Consagrar-te affeição, se a não mereces?
Mas. se os parentes que te deo natura
Sem custo, e amigos conservar pretendes,
Perderás, infeliz, o teu trabalho,
Como se a hum jumento ensinar querem
Pelo campo a correr sujeito a freio.
Finde pois tanto afan: demais já tendo,
Não temas a pobreza, e principia
A gozar do socego, e do ganhado:
Não te succeda como a hum certo Umidio,
(A historia não he longa,) que media
O dinheiro aos alqueires, mas tão porco,
Que sempre andou vestido como escravo
Até morrer, por não se ver oppresso
De penuria: porém c'huma segure
Huma Liberta o dividio ao meio,
Qual das filhas de Tyndaro a mais forte.
— Então que me aconselhas? Queres viva
Como hum Menio, ou como hum Numentano?
— Vais ligar couzas summamente oppostas.
Não te querendo avaro, não te ordeno
Que sejas perdulario, ou dissoluto:

Dista hum Tanais do sogro de Viselio.
Em tudo ha modo; em fiim, ha certas métas,
Além e áquém das quaes vacilla o acerto.
Volto ao meu ponto. Quem se mostre avaro
Não ha, ou quem o estado alheio inveja?
Quem se mirre de ver que a cabra alheia
Dá mais leite, e aos mendigos se compare,
E procure ter mais do que este, e aquelle?
Sempre hum mais rico estorva esse apressado;
Como quando, da estancia despedidos
No Circo á desfilada os Carros correm;
Instiga os seus Cavallos o Cocheiro
Sobre os dianteiros, e os de traz despreza.
Dahi nasce, que he raro haver quem diga
Que vivêra feliz, e do passado
Tempo se aparte satifeito, como
Farto he facil de achar hum convidado.
Basta já: não direi nem mais palavra,
Para que de Crispino rameloso
Não cuides que pilhei os Cartapacios.

LISBOA 26 DE FEVEREIRO DE 1835.

Resumo de Noticias de Folhas Inglezas.

O *Morning Post* de 7 do corrente diz o seguinte. A *Qutodianna* publica huma declaração Realista, que ella assegura ter sido essencialmente connexa com a *Gazeta de França*, e cujo objecto he oppor-se a huma tentativa feita por certos Membros do partido Legitimista para questionar as irrevogaveis consequencias dos actos do dia 2 de Agosto de 1830, pelos quaes o principio de legitimidade, em consequencia da abdicação de *Carlos X*, e seu filo, he personificado aos olhos da *França* e da *Europa* na pessoa de *Henrique V*." (A *Quotediano* advoga a causa de Carlos X. e a *Gazeta* a de Henrique V.)

O *Globo* de 10 do Corrente diz o seguinte: » A *Sentinella dos Pyrenéos* contém huma carta de *Irun* datada no 1.° de Fevereiro que diz o seguinte: „ Sabemos que o cerco de *Elizondo* se vai tornando regular, e que *Eraso* com 3,000 homens tem entrado até *Reynosa* na Castella (a Velha) com o intuito de sustentar a insurreição das tropas em *Valladolid.* »

» Zumalacarregui (continua o *Globo*) estava a semana passada no Valle de *Echauri* (na Navarra) onde passou revista a vinte mil Carlistas, compostos de 4 Batalhões de Alava, 3 de Goipuscua, e 10 de Navarra; o resto pertence á Biscaia. «

» A mesma Sentinella traz huma carta de Bilbáo de 25 de Janeiro, que diz: — O General Espartero voltou para aqui, depois de ter ido fazer hum reconhecimento até *Ordunha*, sem ter podido travar combate com os Carlistas. Quando a divisão chegou perto da Aldêa de Luyando, a 2 leguas de Bolsameda, alguns Carlistas que estavão de emboscada fizerão fogo sobre os Officiaes do Estado Maior, e fugirão. Por hum momento não matão o Genersl; este mandou saquear e queimar a Aldêa, (grande façanha!) ordens que se executárão á risca. «

O *Morning Post* de 10 de Fevereiro traz a lista geral de todos os Deputados da nova Camara dos Communs, com os nomes das terras porque forão eleitos, e sua qualificação de conservativos, moderados, e ulras, resultando ser o seguinte o seu

Grande Total.

Inglaterra,	Conservativos 212;	Moderados 99		
Sommão	- - - - - - - -	- - - - - -		311
Escocia	Ditos - - -	13; Ditos	10	23
Irlanda	Ditos - - -	37; Ditos	12	49
	Conservativos	262 Moderados	121	

Sommma	- - - - - - - - - - - - - -		383
Ultras, ou Radicaes —	*Inglaterra* - -	189	
	Escocia - - - -	29	
	Irlanda - - - -	56	274
			657
Hum que ainda faltava por Orkney e Zetland			1
	Total dos Deputados - - -		658

Contão por tanto os Torys com 109 Deputados a seu favor, posto que nem todos os chamados Moderados se possa dizer votaráõ sempre pelo lado do Ministerio.

Pelos peridicos Francezes de Sabbado recebemos as seguintes noticias: » Hoje se hade decidir em huma Sessão publica do Conselho d' Estado o negocio do Conde *Leon* (filho bastardo de *Napoleão*), que foi ha tempos suspenso do posto de Chefe de Batalhão da Guarda Nacional de *S. Dinis* por duas successivas ordens expedidas pelo Conselho da Prefeitura do *Sena*, e confirmadas depois por Decreto do Rei. O Conde appellou destas decisões para o Conselho d'Estado. »

França e America. A resolução do Senado Americano relativamente á mensagem do Presidente he tal qual se devia esperar de homens tão socegados e illustrados como os Legisladores Americanos, e taes como estavamos dispostos a esperar pelo modo como foi recebida a falla de Mr. *Clay.* He huma boa lição dada ao General *Jakson*, que se tinha esquecido muito do seu lugar de primeiro Magistrado de huma Nação essencialmente razoavel, e se lembrou mais dos costumes de hum Soldado veterano. Rejeitando unanimemente a sua proposição de represálias hum dos Poderes legislativos lhe recordou a necessidade de manter para o futuro hum systema de politica menos arriscado. A outra Camara não tardará em seguir o mesmo *(Corrier Français.)*

» A qnestão da indemnisações Americana foi examinada já nas Commissões permanentes da Camara dos Deputados. Começou o exame por huma indagação dos motivos que induzirão os Ministros a permittirem suppor o Presidente dos Estados-Unidos que não era necessario o concurso das Camaras de França para o cumprimento do Tratado. Foi depois assumpto de severo commento o intervallo passado entre a troca das ratificações do Tratado e a sua apresentação ás Camaras, a ponto de o General Jackson, que, em consequencia das promessas que se lhe fizerão, confiadamente contava na adopção do projecto, se julgar authorisado a sacar letras sobre o Governo Francez. Em algumas das mezas das Commissões forão taxados os Ministros de terem fornecido documentos incompletos e mutilados, e de não terem remettido a correspondencia que houve entre os Estados-Unidos e o Governo Francez antes de 1831. Tambem se allegou que os mesmos documentos que se havião apresentado á Camara não continhão memoria ou outros papeis dos Agentes Americanos, que estabelecessem claramente a origem das reclamações, e produzissem prova da sua importancia. Em resposta a estes cargos, insistirão os Ministros na impossibilidade de imprimir a immensa massa de documentos relativos á liquidação das contas, accrescentando que se assim se exigisse serião communicados aos Membros da Commissão. Os Deputados Ministeriaes insistírão na impolitica de allienar da França tão antigo e firme Alliado como a America. Quasi todos os Commissarios nomeados nas mezas se pronunciárão a favor da concessão da somma (25 milhões de francos,) posto que por diversos motivos. „

Persia. — O *Jornal de Smyrna* traz o artigo seguinte: » As ultimas noticias de *Tabriz* (ou *Tauriz*) são de alto interesse; ellas representão o paiz como visitado com todos os horrores de huma

guerra civil, que deve de arruinar esta infeliz região. O Embaixador Russiano na Corte de *Teheran*, Conde *Simconih*, sahio de *Tabriz* muito irritado, e sabia-se na ultima Cidade que hum Corpo de exercito Russiano marchava apressado para a fronteira da *Georgia*, para occupar a Provincia d' *Erivan*, até que o Governo Persa haja de ministrar sufficiente garantia para o pagamento das avultadas contribuições que o ultimo Schah devia ainda á Russia, em consequencia do ultimo Tratado de paz. »

Suissa. — O *Observador Austriaco* de 26 de Janeiro publica huma declaração official do Governo Austriaco que dá circunstanciadamente os fondamentos da sua suspensão de todas as relações diplomaticas com os Cantões Suissos, medidas a que tinhão concorrido os outros Governos da Alemanha Meridional. O documento em questão conclue com huma intimação de que a anterior communicação amigavel dos Estados Alemães com a *Suissa* só pode reassumir-se depois que se tiverem feito adequadas reparações pela Republica Suissa por offensas commettidas no seu territorio contra o Governo Imperial, e de se ter dado garantia de que não se permittirá se repitão similhantes ultrages. Este papel d' Estado se refere em particular ao Cantão de *Berne*, residencia actual do Governo Suisso, por motivo de elle ainda não ter annuido á declaração do *Vorort* quando estava em *Zurich* a 22 de Julho ultimo, e que prometteo á *Austria* plena satisfação pelas passadas, e segurança pelas futuras, injurias, ou offensas, de quaesquer pessoas residentes nos Cantões. Observàremos mais, que o Governo Austriaco está obviamente desgostoso da ultima resposta do *Vorort* de *Berne* á sua antecedente representação.

(*Morning Post.*)

Diz o *Mensageiro das Camaras* de 6 do corrente que Mr. *Sebastiani* (o General) partiria no

dia 11 deste mez para *Londres*, onde vem residir como Embaixador da França. (Era Embaixador em *Napoles*)

Varias folhas tem fallado ha tempos a esta parte de hum Congresso em *Berlim*, que se devia reunir nos fins de Dezembro ou em Janeiro. Já em *Vienna* se havião reunido Ministros a tratar, apparentemente só dos Negocios da Alemanha, mas sabia-se que mais longe se dirigia o objecto de suas conferencias. Estando em *Berlim* o Imperador da *Russia* em Novembro, logo que soube do novo Ministerio de Lord *Wellington*, tomou algumas resoluções de acordo com o Rei da *Prussia*, e se retirou, fazendo-se desde logo correr o boato de novo Congresso em que se decidissem as cousas relativas á Belgica e á Peninsula. Ultimamente, o *Correio Francez*, e alguns outros papeis, tem fallado nas presumidas intenções da Santa Alliança, assegurando que nos poucos dias que o Imperador *Nicoláo* passára em *Berlim* animára os sentimentos guerreiros dos Fidalgos Prussianos; e que anteriormente nada omittira para dar-se mais extenção ás conferencias de *Vienna*, e „ recomendára varias vezes ao Principe de *Meternich* as sollicitações de D. Carlos, e D. Miguel. „ Estas circumstancias parecem avançadas gratuitamente pelo *Courrier Français*; elle as quer estribar nos sentimentos do novo Ministerio Britannico. Até que ponto este Ministerio quererá mudar a politica até agora seguida pelo seu Governo á cerca de não-intervenção he difficil predizer; mas he certo que o Rei de *Hollanda* parece nimiamente confiado nessa mudança, e na recuperação da *Belgica*.

O Globo de 11 de Fevereiro traz o seguinte artigo:

O Exercito do Pretendente (D. Carlos.)

A Divisão da *Biscaia*, commandado pelo General *Eraso*. Primeira Brigada ás ordens do Coronel Simeon de la Torre.

Tres Batalhões de de 900 h. cadahum - - 2,700
Huma Companhia de Guias (50 delles de cavallo.) - - - - - - - - - - - - - 150
Segunda Brigada, commandada pelo Cor. Ventades.
Hum Batalhão de 900 homens - - - - 900
Huma Companhia de Guias (50 delles de cavallo) - - - - - - - - - - - - 150
Duas Companhias de *Gendarmas*, e Aduaneiros- - - - - - - - - - - - - 400
Huma Bateria de Artilheria - - - - - 200

Total da Divisão Biscainha - - 4,500

Divisão da *Guipuscoa*, commandada pelo General *Giubelalde*.
Tres Batalhões de 900 homens - - - - 2,700
Huma Companhia de Guias (como acima) - 150
Duas Companhias de Gendarmas, e Aduaneiros - - - - - - - - - - - - - 400

Total da Divisão da Guipuscoa - 3,250

A Divisão de *Alava*, commandada pelo General Villareal.
Seis Batalhões de 900 homens - - - - - 5,400
Huma Companhia de Guias (como acima) - 150
Duas Companhias de Gendarmas, e Aduaneiros - - - - - - - - - - - - - - - 400

Total da Divisão de *Alava* - - 5,950

A Divisão da *Navarra*, commandada por *Zumalacarregui*.

Primeira Brigada, commandada pelo General *Ituralde*.
Tres Batalhões de 900 homens - - - - 2,700
Huma Companhia de Guias (como acima) - 150
Huma Companhia de Gendarmas, e de Aduaneiros - - - - - - - - - - 200

3,050

Segunda Brigada, commandada pelo General *Gomes*

Tres Batalhões de 900 homens - - - -	2,700
Huma Companhia de Guias (como acima) -	150
Huma Companhia de Aduaneiros - - -	200
	3,050

Terceira Brigada, commandada pelo General ...

Tres Batalhões de 900 homens - - - - -	2,700
Tres Companhias de Guias - - - - - -	450
Duas ditas de Gendarmas - - - - - - -	400
	3,550

Corpo de Observação perto de Pamplona.

Dois Batalhões de 900 homens - - - -	1,800
Huma Companhia de Gendarmas, e Aduaneiros - - - - - - - - - - - - -	200
	2,000
Total da Divisão de *Navarra* - -	11,650

Total do Exercito de D. Carlos.

Divisão da *Biscaia* - - - - - - - - -	4,500
Divisão da *Guipuscoa* - - - - - - - -	3,250
Divisão de *Alava* - - - - - - - - - -	5,950
Divisão da *Navarra* - - - - - - - - -	11,650
Somma - - - - - - - -	25,350

N. B. Este mappa he mais razoavel que outros que tem feito subir as forças Carlistas a 40 $ homens.

As ultimas noticias de *Madrid* dizem fora admittida a dimissão do Ministro *Moscoso*; e que fora encarregado interinamente do Ministerio do Interior o Vice-Presidente do *Estamento de Proceres* (Camara dos Pares, ou dos Senadores), *Medrano*; e se dizia que a Repartição de Gra-

ça e Justiça se daria a *Alcantara Navarro.* Havia outras mudanças nos Ministros.

O General *Mina* tinha sahido de *Plamplona*, e voltado alli, d'onde escreveo em data de 10 participando haver protegido o importante comboi perseguido pelos Carlistas.

A *Gazeta de Madrid* diz que o General em Chefe do Exercito do Norte (*Mina*) participara que tendo noticia que o inimigo se dirigia ao valle de *Bastan* com duas peças de artilheria e hum obuz com o fim de atacar *Elizendo*, ordenara ao Coronel *Ocanha* que marchasse a proteger aquelle Forte; que a pezar dos obstaculos que o dito Coronel encontrára da parte dos Carlistas em *Porto de Lanz*, avançou e se deteve hum dia em *Ciga* para fazer frente aos Batalhões facciosos. Ao primeiro aviso disto reunio o General *Mina* a primeira e a segunda Divizão do seu Exercito, sahindo de *Pamplona* no dia 12 em direcção do *Bastan.* Diz mais que bastou este seu movimento para o inimigo se retirar na direcção de Santo Estevão, entrando a Brigada provisoria do Coronel *Ocanha* sem estorvo em *Elizondo*, depois que lhe acudirão estas forças a livralla do aperto em que a tinhão posto os Batalhões Carlistas. A primeira Divisão de Mina postou-se em *Lanz*, a 2.ª em *Lizaso.*

N. B. Assigna-se para este Jornal a 1$200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.°* 1; *da Rua do Ouro N.°* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *rs. cada Num.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° VIII.

Da existencia e atributos de Deos.

O Profundo *Lebnitz* escreveo huma excellente Obra sobre este assumpto dos attributos do ser Eterno, que intitulou *Theodicéa.* Quando vemos hum *Leibnitz*, hum *Newton*, hum *Euler*, e outros Filosofos da primeira ordem entre os que não nascêrão no gremio da Igreja Catholica, tão profundamente dedicados a provar a indispensavel existencia de Deos, e se contemple o bando de *Filosofastros*, e até de homens estupidos, que entre nós tem nos ultimos tempos querido e querem campar por *desabusados*, dizendo, ao ouvirem fallar em Deos, na sua justiça, na sua providencia, e nos outros seus attribntos, não he possivel que nossa alma se esquive aos sentimontos alternados de dó, e desprezo, de indignação, e de assombro de que a tal ponto tenha aviltado o abandono da educação huns individuos nascidos no paiz outrora tão estimado pela sua pureza na Fé, e por seu respeito aos mais sagrados dogmas da Religião Christã. Será a crença em hum Deos hums superstição, ou hum fanatismo? Estremece a mão, e a penna pa-

rece recusar-se a escrever a impiedade que se nota em muitas familias, e até em rapazes que motejão nas aulas, e nas companhias outros seus iguaes filhos de pessoas que não abandonárão a fé de nossos pais, por ouvirem missa, rezarem &c.! Quem lhes propinou taes doutrinas? Estamos persuadidos que neste escrito, não indo elle a taes mãos, de modo nenhum poderemos conter a torrente do mal; mas talvez que por algum modo possa esta semente ir germinar e produzir fructo em terrenos em que não esperava cahir, por que tudo pode aquelle mesmo Deos de que vou fallar.

Deos he hum ser unico, porque não ha estado medio entre a possibilidade e a existencia. Deos he possivel, logo existe. Esta prova de Descartes he rigoroza em todas as suas partes.

A materia não pode ser eterna, porque era precizo ser dotada de intelligencia eterna: intelligencia não se compedece com inercia; o movimento só o pode dar a intelligencia, e nunca a inercia; se a materia tem movimento, recebeo impulso; esse impulso he acção, essa acção só pode ser obra da intelligencia; logo essa intelligencia he Deos. Se ao movimento e acção se podesse conceder por hum momento o ser qualidade da materia elevada a tal ponto que por assim dizer fermentasse e produzisse essa acção, a pezar de ser incomprehensivel o principio que produzisse tal effeito, ir-se-hia esbarrar em outra insuperavel difficuldade que era explicar como sem huma intelligencia eterna e creadora se podião estabelecer na materia em movimento tão reguladas leis como as que dirigem a marcha geral da natureza: impossivel dos impossiveis!

He pois a Intelligencia Eterna, Deos, o necessario creador e regedor do Universo: a existencia e o governo da Creação não podem proceder do impotente e cego acaso. Além do que, o acaso, se bem se ponderar, não existe no sentido em que

geralmente se toma; porque esse effeito do chamado acaso vem de regras fora do alcance do homem no objecto em que elle occorre. Hum homem não habituado a atirar ao ar e apanhar constantemente na mão, v. gr. huma bola, quando a apanha huma ou duas vezes diz, e dizem os que isso presenceião, que foi hum acaso; mas outro que se habituou a regular esse equilibrio, apanha a bola muitas vezes successivas, e ninguem dirá que he acaso o que elle sabe regular. — Hum acaso sempra tem causas que o regulão, e essas causas tem origem e impulso de algum principio certo, que só he incerto para quem o não espera, e que por isso lhe chama acaso.

O nosso proprio entendimento por pouco que queira reflectir tanto no nosso ser, como no Universo, vai encontrar a necessidade de hum Ente principio e author de quanto existe: por tanto Deos he hum ser necessario ao nosso entendimento, e ao nosso coração; sendo assim a sua existencia ao mesmo tempo huma verdade de percepção, e huma verdade de sentimento; e tambem demonstra esta verdade incontestavel o unanime consenso de todor os povos.

O Atheismo he huma rematada loucura, e se fosse possivel pollo em pratica em breve ficaria subvertida a ordem social; este systema he muito mais pernicioso do que o Polytheismo, ou crença de muitos Deoses, dos antigos Pagãos. A linguagem dos Atheos he cheia de absurdos e incoherencias. Partindo de hum ponto essencialmente falso, como poderáõ ter os seus systemas consistencia alguma? Quem asseverará e provará que entende bem, e que acha demonstrado o *Systema da Natureza* de *Mirabaud* (ou d' *Holbach*) que occupa dois bons volumes para mostrar a eternidade da materia sem hum Ente creador? He moda ler certos livros; (este hoje está em desprezo como mereceo, logo que appareceo, aos olhos de todos os sabios;) mas têm

passado a ser moda não examinar e ler as refutações das más doutrinas, como comprazendo-se muitos homens em se deixarem macerar no charco do erro.

O Ser Eterno, indispensavel no Universo, que o creou, e que lhe deo as leis porque este se rege, Deos em fim, he em seus attributos mui digna e profundamente ponderado e manifesto á humana intelligencia pelo sabio *Condillas* nas Lições preliminares do seu *Curso d' Estudos*, com sua costumada clareza, ensinando ao seu discipulo o modo = *Como nos elevamos ao conhecimento de Deos.*

Depois de haver empregado a comparação de hum rolojo para lhe fazer comprehender que he evidente que em huma serie de causas e effeitos cumpre necessariamente haja huma primeira causa, e que se não houvesse rolojoeiro, não haveria rolojo, elle lhe diz:

» Reflecti sobre vós mesmo, e ficareis convencido de que em vós ha, como em hum rolojo, huma serie de causas e de effeitos subordinados. Reflecti sobre o Universo, elle se figurará a vossos olhos como hum grande rolojo em que tambem ha huma subordinação de causas e effeitos. Ora nós acabamos de ver que quando ha subordinação de causas e de effeitos, ha necessariamente huma causa primeira. Ha por tanto huma Causa primeira que formou o Universo.

» Para estabelecer esta subordinação entre as cousas, he precizo conhecer perfeitamente todas as suas relações, he precizo conhecer todas as suas partes. Hum rolojoeiro não será capaz de fazer hum relójo, se houver huma unica peça de que elle não saiba as proporções. O rolojoeiro que fez o Universo tem pois necessariamente intelligencia.

,, Como a intelligencia do rolojoeiro deve abranger o conhecimento de todas as partes de hum rolojo, assim a intelligencia da primeira cauza deve abranger todo o Universo. Se escapasse algu-

ma parte ao seu conhecimento, impossivel lhe fôra collocar essa parte da maquina na ordem em que devia ficar, e a sua obra se destruiria se huma só parte estivesse fora do seu lugar. Ora huma intelligencia que tudo abrange he huma Intelligencia infinita; logo a intelligencia da Causa primeira he infinita.

,, Mas para fazer hum rolojo não basta ter intelligencia delle; he preciso tambem ter a destreza e o poder para o fazer. Logo o poder da primeira Causa he tão extenso como a sua intelligencia; portanto abrange tudo, e he infinito.

,, Huma vez que esta Primeira Causa abrange tudo, ella está em toda a parte. Logo ella he immensa.

,, Huma vez que esta Causa he primeira, ella he independente: se fosse dependente, haveria outra causa, que existiria antes della. Porém cocomo releva que haja necessariamente huma causa que seja a primeira, he huma consoquencia que essa cauza seja primeira, e seja independente.

,, Sendo independente esta primeira causa, sendo omnipotente, e summamente intelligente, ella faz tudo o que quer, logo ella he livre.

,, Ella não pode adquirir conhecimentos novos; porque então seria limitada a sua intelligencia. Logo ella vê tudo ao mesmo tempo, o passado, o presente, e o futuro. Ella tambem não pode mudar de resolução; porque se mudasse, não teria previsto tudo. Logo ella he immutavel.

» O não ter ella principio he huma consequencia da sua independencia, e do mesmo modo o não ter fim. Se tivesse principio dependeria da causa que lhe tivessè dado o ser; e se podesse acabar dependeria daquelle que podesse deixar de a conservar. Logo, ella he hum ser eterno.

» Como intelligente esta Causa eterna discerne ou conhece o bem e o mal, julga o mérito e o demerito; como livre, ella obra consequente; isto

he, ama o bem, ahorrece o mal, recompensa a virtude, pune o vicio, e perdoa ao que se arrepende, e se emenda. Em tudo isto faz só o que quer, porque quer o bem, e só quer o bem. (E não se confunda o que ella quer com o que ella perimitte.)

" As qualidades desta Causa se denominão attributos: ao attributo pelo qual ella pune dá-se o nome de *Justiça*; ao attributo porque recompensa, dá-se o nome de *bondade*; e ao porque ella perdoa se chama *misericordia*.

„ O Pòder que tudo faz, a Intelligencia que tudo regula, a Bondade que recompença, a Justiça que castiga, a Misericordia que perdoa, tudo se exprime por huma só palavra, que he *Providencia*; a qual palavra vem de outra Latina, *providere*, que segnifica *prover*, *providenciar*. He com effeito por estes attributos que esta Causa primeira provê a tudo.

" Huma causa primeira que tudo entende, que tudo pode, independente, livre, immutavel, eterna, immensa, justa, boa, misericordiosa, e cuja providencia abrange tudo, eis a idéa que devemos ter de *Deos*. «

Desgraçado o entendimento daquelle que a tão luminosa e singela deducção analytica da existencia de Deos não podesse dar completo assenso! O proprio Deista, que pára na concessão da existencia de hum Deos, querendo discorrer mais, irá penetrando facilmente pelos seus attributos necessarios, a necessidade de hum culto da parte das intelligencias creadas pelo mesmo Deos ao seu author, e hum culto adequado a elle e aos meios intellectuaes da creatura que o deve render. Fraca a humana intelligencia para por si só attingir este fim devidamente, era proprio da Providencia Divina habilitallo a isso por meio da Revelação; e eis aqui entrado o homem no conhecimento do Culto mais adequado, e proprio de homem para com

a Divindade; começado esse culto na simplecidade da Religião Natural, sufficiente para os simples costumes dos primeiros séculos, consignada em poucos mâs claros preceitos na Lei Escrita; aperfeiçoado por fim na Lei da Graça, elle he sempre o mesmo na sua base fundamental, a adoração de hum Deos eterno, principio e fim de todas as couzas, e unica esperança do homem justo.

Da Filosofia, e dos Filosofos antigos.

A sciencia da verdadeira Filosofiia consiste em conhecer as cousas pelas suas cauzas e pelos seus effeitos.

Os primeiros Filosofos forão os Egypcios, os quaes devêrão os seus conhecimentos á observação. O Sol, a Lua, os Astros, a vegetação, as Estações, a ordem dos dias e das noites, o trovão, as tempestades, &c. forão objectos obvios de suas meditações, e conseguirão predizer os fenomenos fúturos. Estes sabios reunirão-se em Cellegios, ganhárão confiança, deificárão toda a natureza, dirigírão a ordem social, creárão allegórias, e symbolos, produzírão a admiração e certo pavor, que produzio o respeito, e a obediencia ás auas intimações.

Nenhum povo teve mais decidido gosto para a *Filosofia* que os Gregos. Disto se poderá fazer idéa pela multidão de Seitas, cujo imperio se dispotou entre elles. Eis hum resumo dellas:

O *Socratismo*, ou doutrina de *Socrates*, reconhecia hum Ente Supremo.

O *Cyreanismo*, fundado por *Aristippo*, fazia consistir a ventura na vontade.

O *Megarismo*, por *Euclides*, leva o espirito ás subtilezas.

O *Platonismo*, por *Platão*, sustentava a immortalidade da alma.

O *Cynismo*, por *Antisthenes*, e *Diógenes*, era hum curso de impudencia.

O *Peripatetismo*, por *Aristóteles*, consistia em se não mover por couza alguma.

O *Semianismo*, pelo mesmo, ensinava a transmigração das almas.

O *Eleatismo*, por *Xenofonte*, cria que o que existe sempre existio.

O *Heraclitismo*, por *Heráclito*, sustentava que o fogo animou quanto existe.

O *Epicurismo*, por *Episuro*, não conhecia felicidade senão nos prazeres, de que usava porém com prudencia e moderação.

O *Pyrrhonismo*, por *Pyrrhon*, duvidava de tudo.

O *Scepticismo*, pelo mesmo, cria só as cousas demonstradas.

A Seita dos *Pythagoricos*, por Pythagoras, foi a mais sabia Filosofia dos antigos, e tambem foi a mais espalhada: admittia no Mundo huma Intelligencia suprema; fazia amar as Leis, a Moral, a Virtude, e prégava a Immortalidade da alma. Pythagoras tinha bebido particularmente esta doutrina moral entre os Sacerdotes Egypcios.

A Seita de *Thales*, via o principio de tudo na agua.

O *Estoicismo*, por *Zenon*, consistia em ser insensivel ás injurias, á ingratidão, á perda dos bens, dos parentes, e dos amigos.

A palavra *Filosofo* significa tambem *amador da sabedoria*, ou da *razão* livre de preoccupações, e aporiada em principios moraes e religiosos. Mas quantos erros e males não tem esta palavra causado nos ultimos tempos pelo abuso que della se tem feito! Quasi todos querem ser razoaveis e Filosofos a seu modo; sem bons principios applicados e unidos a rectas intenções ninguem pode merecer o titulo de Filosofo na sua verdadeira accepção. Os mais delles são, como diz Palissot;

De quiconque les flatte orgueilleux protecteurs ;
De quiconque les brave ardens persécuteurs.
(Do que os adula altivos protectores ;
E de que se lhe oppõe , perseguidores.)

O Banqnete dos sete Politicos.

Tem-se fallado muito do banquete dos sete Sabios , que talvez nunca comêrão juntos. Além do que , estes famosos sabios fazião muistas vezes tantas loucuras como os doidos. *Thales* cria que a agua tinha destruido o mundo, que era o principio universal e o creador de todas as cousas , sem provalmente exeptuar dellas o fogo , e o vinho !

Periandro tinha tyrannicamente derramado o sangue dos mais ricos cidadãos da sua patria, e tinha confiscado todas as joias das damas de Corintho , para dellas fazer offerta aos Deoses , afim de alcançar para os seus cavallos a victoria nos Jogos Olympicos.

Simonides , para evitar o incommodo do governo de casa , dizia na sua mocidade , que era muito cedo para casar , e na velhice , que já era muito tarde. Elle provava mui admiravelmente aos mercadores , que o melhor meio para não ser roubado na estrada era não levar cousa alguma senão a sua pessoa (e só inda nua !)

Pittaco , prégando a liberdade , se fez tyranno na Patria (Quantos Pittacos estamos vendo por esse Mundo.)

Solon , que tinha estabelecido a liberdade em *Ahtenas*, e mandado matar todo aquelle que pretendesse ser tyranno , entrou no Conselho de *Pysistrato* , contra a liberdade.

Chilon (ou Quilon) recommendando a moderação aos homens , morreo de alegria pelo triunfo de seu filho que tinha ganhado o premio do pugilato (ou sôco) .

Que havemos nós de esperar dos loucos, se assim se comportão os sabios? Entre tanto, a pezar destas piquenas inconsequencias, devemos convir que os sete sabios escrevião e dizião cousas bôas, e que entre outras, quando propunhão todos á meza esta grande questão: *qual he o governo mais perfeito?* a maior parte delles se distinguirão por excellentes respostas.

Hum dizia que era aquelle em que a injuria feita a hum cidadão interessava todos os outros.

Outro pretendia que era o Governo em que a virtude era honrada, e vituperado o vicio.

Outro affirmava ser aquelle em que se escutava mais a lei do que os oradores.

Outro tinha que era aquelle onde se temia, não o Governo, mas sim que elle fosse pertubado.

Todas estas ideias erão bellas, justas, e moraes; só tinhão hum leve defeito, a sua pouca utilidade; porque todos estão bem persuadidos e de acordo sobre o fim que todo o Governo deve ter em vista, a saber, recompensar a virtude, punír o crime, fazer florecente o Estado, e felizes os Cidadãos. Só se differe nos meios de conseguir este fim.

Embebido nestas reflexões entrei ultimamente em huma famoza casa de pasto: o bom cheiro que a cozinha diffundia no quarto, annunciava que alli havia comidas mais suculentas que as dos sette Sabios; e os estalos das rolhas que se tiravão das garrafas evidentemente mostravão que por alli não se procurava, como Thales, na agua pura o principio da vida, do movimento, e do prazer.

Ao pé do meu quarto, cuja porta estava meia aberta, vi huma meza de sete pessoas; sua animada conversação rolava sobre a politica; disputavão sobre os meios de consolidar a felicidade publica.

O numero de sete, e o assumpto da conversação excitárão a minha curiosidade: e, expondo-

me ao perigo de comer frio, esqueci-me do jantar, e encostei o ouvido á delgada taboa de divizão do quarto, e ouvi a seguinte conversação que não tardou a dar-me a conhecer que os sete interlocutores, acontecia terem no decurso de varios annos, seguido sete partidos diversos, e que por conseguinte vião as cousas debaixo de sete diversas cores.

O unico meio, (dizia hum homem baixinho que bebia, comia, e fallava, de vagar); o unico meio de fazer venturozo hum paiz, he banir delle todo o erro e toda a desigualdade. Ninguem faz mal senão porque se engana; não ha contendas senão por ciume: supprimi toda a superstição que extravia, toda a authoridade que peza, toda a differença de jerarquia ou de opulencia que offendo; segui só a Religião natural, estabelecei huma liberdade sem limite, e huma prefeita igualdade. O Paiz mais venturoso he aquelle em que menos se sente a acção de hum Governo. (Liberalismo em que tudo se desenfreie.)

Eis ahi, (diz outro dos commensaes condecorado com varias fitas) as maximas que tem perdido, e transtornado tudo. Não se edefica sem alicerces. A igualdade he synonimo da anarquia; o povo he feito para trabalhar, e não para pensar; a mão que escreve não quer pegar em huma enchada; o pobre deve trabalhar, o rico gozar, o nobre combater e governar. He preciso haver não só jerarquias, mas tambem classes, castas, e privilegios! As desordens começárãs desde que hum grande se apresentou de fraque como hum rabequista da Opera. Não se acatou mais o Altar e o Throno desde que se perdeo o respeito aos direitos de senhor e vassallo. Para restabelecer a ordem cumpre crear de novo as antigas ordens, e tudo irá bem. O systema antigo era claro; as vossas constituições são huns enigmas, de que a loucura he a verdadeira expressão.

Senhor, diz hum velho que comia só de pei-

xe, porque era Sexta-feira, vós não atingis qual seja a verdadeira chaga que nos roe; ella remonta mais alto, e vai até o tempo em que os nossos Reis, mal aconselhados, recusárão reconhecer a disciplina do Concilio de Trento. Vós não vereis ordem no Mundo em quanto o Ceo não governar a terra. Fazei o Clero rico e poderozo; os grandes que fazem tremer tudo, tremão e se abatão diante dos Ministros do Senhor, e vereis em breve calarse a Filosofia, esconder-se a injustiça, e a benção celestial derramar a paz e a felicidade sobre todas as nações.

Ora vós estais zombando com nosco, exclamou hum bojudo Official que tinha hum braço ao peito e grandes cicatrizes no rosto; foi com a espada na mão que Constantino plantou em toda a parte o Estandarte da Cruz e que Carlos Magno o enriqueceo. Os nobres sahirão de antigos Campiões; os sabios não podem trabalhar, e os camponezes lavrar senão á sombra dos nossos alfanges. Ganhai boas batalhas, tomai grandes Cidades e bons portos; queimai armadas inimigas, pagai, honrai, dotai bem os guerreiros, e o Rei será poderozo, o Estado respeitado; o Clero cantará em bella muzica o *Te Deum* em bellas Igrejas; o Negociante terá grandes lucros, e os Poetas terão avultadas pensões. A victoria he o melhor Ministro da Fazenda; o direito canonico (isto he do canhão) he o unico direito das gentes; a espada apara maravilhosamente as pennas dos negociadores; a força, crede o que digo, a força desata todos os nós gordios.

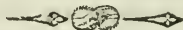
O Capitão faz o seu Officio, (diz surrindo amargamente hum homem palido, e secco, elle corta como a sua espada; mas deve saber que nem sempre se ganha ao jogo, e que á força de bater por fim se vem a levar. Demaziado se tem jogado a Patria, os nossos inimigos estão dentro e fora; a revolução he huma febre podre, precisa de re-

medios violentos; he necessario cortar tudo o que está gangrenado. As leis de *Draco* são as que nos devem salvar: precisamos de Ministros ardentes e puros como o fogo, que prendão, desterrem, ou ao menos expulsem dos empregos toda essa gente que tem tido idéas contrarias as nossas. Não empreguemos se não homens ardentes em zelo, e que nada tem feito. Se elles ignorão as leis, elles as aprenderáõ; senão sabem dos negocios, elles se habituarão a elles. Não se pode ligar hum feixe de varões de ferro sahindo da forja com atilhos de palha; precisa-se de hum bom arame de ferro.

A requisitoria do preopinante (diz outro convidado, cujos gestos e tom de voz mostravão algum habito de fallar de tribuna) he verdadeira em hum sentido. Precisamos de huma força que obre sempre, e continuamente apure; mas em que mãos deve estar essa força? Eis o ponto essencial a decidir. Cumpre que hum pequeno numero de homens zelosos *purifique* e administre cada Provincia, e que seus delegados sempre á lerta como Argus, apurem sem cessar os Ministros, reformem seus mandados, e os obriguem a andar direitos, depressa, com firmeza, e nos livrem totalmente dos fanaticos da moderação.

Oh! porquem sois, Senhores, (exclamou em tom grave hum homem que até alli se tinha concervado em modesto silencio), por quem sois, deixai de lançar desse modo azeite no fogo. Vós quereis ser nossos medicos, e todos vós tendes transportes de cerebro. Nós aqui somos sete, e não podemos concordar; e quereis que toda a Nação convenha com vossas oppostas opiniões! Se vos deixassem continuar a disfrutar, vós nunca vos virieis a entender, e não edificarieis mais que huma segunda torre de Babel. Nós precizamos de repouso, e não de convulsões; vós tendes huma Carta que he hum verdadeiro tratado entre todas as vossas paixões.

He precizo punir os erros futuros, esquecer os passados, adoçar os sacrificios, consolar perdas, restabelecer a confiança, offerecer a todos esperança e protecção. As revoluções fazem-se pela violencia; e não se acabão senão pela moderação.

A' esta palavra de moderação os seis sabios, inflamados como hum damnado á vista de hum copo de agua, fizerão tal patacoada e berraria, que eu já não pude perceber mais palavra alguma; o convidado cuja brandura tinha excitado aquella tempestade, abalou, eu o conheci e o chamei: nós tinhamos servido ambos em outro tempo, e como elle me via triste pelo que eu acabava de ouvir: » Socegai, me disse elle, estes homens apaixonados são apenas a representação da centessima parte do paiz. As noventa e nove sentessimas partes da Nação pensão como vós e como eu; querem a paz, o esquecimento, a união, e a fusão: respeitão a Carta e desejão a moderação do Governo. " *(Extrahido da Galeria moral e politica do Conde de Segur).*

Noticia da origem das Cartas Geograficas.

Pretende e assegura *Estrabão* que *Anaximandro* de Mileto, successor de *Thales* fora o primeiro que fez Cartas Geograficas; outros porém fazem remontar esta invenção a *Sesostris*, Rei do Egypto: O certo he que desde os mais remotos foi a Geografia cultivada pelos Egypcios. As vastas conquistas de *Sesostris* contribuírão muito para o progreso desta Sciencia. Este Monarca, diz *Goguet*, applicou-se a mandar fazer Cartas de todos os paizes que tinha perlustredo; não se contentou com enriquecer o Egypto com taes producções geograficas, teve tambem o cuidado de as fazer espalhar por copias até na Scythia, pelo desejo de fazer passar o seu nome aos mais remotos climas.

A memoria das Cartas Geograficas de Sesostris se havia conservado perfeitamente na antiguidade. No Poema composto por *Apollonio de Rhodes*, sobre a *Expedição dos Argonautas* prediz *Finéo*, Rei da *Colquida*, a estes heroes os acontecimentos que havião de acompanhar a sua volta. *Argus*, hum dos Argonautas, explicando esta predicção aos seus companheiros, lhes diz que a derrota que devião seguir estava descrita nas taboas, ou antes nas columnas, que hum Conquistador Egypcio havia em outro tempo deixado na Cidade *d'OEa*, Capital da *Cólquida*; e acrescentou, que toda a extensão dos caminhos, os limites da terra e do mar, se achavão designados naquellas columnas para uso dos viajantes.

Basta hum facto para provar que estas Cartas estavão em uso no tempo de *Sócrates*, pois querendo este Filosofo abater o orgulho que o ter grandes possessões territoriaes inspirava ao seu discipulo *Alcibiades*, lhe pedio hum mappa da *Attica*; e quando elle lho apresentou: » Ora bem, disse *Socrates*, mostrai-me agora as vossas terras; « o que *Alcibiades* não pôde fazer.

O primeiro que indicou o modo de fazer *Cartas topograficas* mui exactas, fazendo observações com instrumentos guarnecidos com alidades em dois sitios foi *Filippe d'Amfrie*, Mestre da Casa da moeda em França, o qual fez a este respeito huma interessante dissertação em 1537.

As Cartas maritimas, ou marinhas, para uso dos Navegantes são meio modernas; consistem na projecção de algumas partes do mar sobre hum plano. Esta bella invenção se deve ao nosso immortal Infante *D. Henrique*, e foi grande mais para o adiantamento da navegação dos nossos descobridores das occultas terras e mares de que nos resultou tanta gloria, e proveito.

Em geral tanto as Cartas geograficas como as maritimas tem tido progressivos melhoramentos pe-

los progressos das Mathematicas, e sobre tudo da Artronomia. Em *Portugal* não temos ainda huma Carta do paiz que mereça o nome de boa? Tantos dinheiros gastos em apromptar meios para isso tem ficado até agora inuteis; nem Academias, nem Impressão Regia, nem a Universidade, nos tem podido até agora fornecer de huma completa Carta do paiz; sendo nós a unica Nação da Europa que esteja neste ponto tão atrazada.

Lisboa 5 de Março de 1835.

Extracto das Noticias das Folhas de Londres de 12 a 19 Fevereiro.

No *Globo* de 16 de Fevereiro se lê o seguinte: » O *Memorial dos Pyrenéos*, fallando das consignações de *Inglaterra* para *D. Carlos*, diz: « Assim, em quanto a *França* põe as maiores restricções no commercio das nossas fronteiras para execução do Tratado da Quadrupla Alliança, só a Inglaterra tem o privilegio de fazer immensas especulações, e de realizar enormes lucros. Os seus negociantes se enriquecem, e os nossos se arruinão. São todos os lucros para elles, e para nós todos os sacrificios. Não seria já tempo para considerar nisto, e deixar de fazer a guerra á nossa custa?

Idem. O *Courrier Français* diz o seguinte: " Assim que o Conde *Pizzo do Borgo* chegar a *Londrès*, o Corpo diplomatico, que ficará completo em chegando o Principe de *Esterhazy* (Embaixador da *Austria*), e do Ministro da *Prussia*, abrirá conferencias officiaes sobre as grandes questões Européas. *Pozzo di Borgo*, como Embaixador mais antigo ha de presidir. As conferencias hãode fazer-se na sua residencia, e hão de ser o avesso das que se fizerão debaixo da influencia de Mr. de *Talleyrand*, e do Ministerio Whig. Não precizamos dizer qual será o espirito destas conferencias. He po-

sitivamente certo que hum dos primeiros actos será hum manifesto a favor de *D. Carlos* para auxiliar a opinião do Gabinete Tory, a saber a abdicação do Rei a favor do seu filho, o qual deverá casar com a joven Rainha *Izabel.* Indepentemente dos actos em que todos os Gabinetes hão de tomar parte, Mr. *Pozzo di Borgo* ajustará com o Duque de *Wellington* o prevenir huma demasiado estreita união entre a Austria e a Inglatterra nos negocios do Oriente, que prendem a especial attenção do Gabinete Britannico. A conferencia hade tambem decidir varias questões continentaes relativamente ao *Luxemburgo* e ao Reino da *Belgica*, e não precizamos observar com quanta maior brevidade estes protocolos hão de ser sustentados pelos Gabinetes da *Europa* que os emanados do Principe *Talleyrand* e do Conde *Grey*. O Ministerio Francez não ignora o que se passa em *Londres.* Que seguirá elle neste caso? Os negocios da *Suissa*, e ter sido dalli chamado Mr. de *Rumigny* (Ministro da França) assaz o dão a entender. ”

O mesmo *Correio Francez* traz outro artigo deste teor: » Sabemos de *Hollanda* que o Rei acaba de receber a resposta da Dieta Garmanica ao final summario de suas reclamações á cerca do *Luxemburgo*, que elle enviou a *Franifort* em Janeiro. Posto que ainda senão fez publica esta resolução da Dieta, crê-se que he satisfactoria para S. Mag.; que significou annuir a ella, e declarou que tudo se hade ajustar na Primavera. O *statu quo (estado actual)* concordado em Maio de 1833 entre a *Hollanda* e a *Belgica* não se pode admittir por mais tempo, pois que, segundo os Ministros Hollandezes, a *Belgica* não tem preenchido as condições estipuladas; e por outra parte a Confederação Germanica não leva em conta esta especie de tregua; nem tão pouco os Agnatos de *Nassau*, que se apresentárão com vistas faceis de entender. Todos crem que o Manifesto preparado em *Francfort* se vai em

breve publicar, e que só se tem demorado por não se ter ainda explicado sobre isto o Ministerio Britannico. »

No mesmo *Globo* se lê o seguinte: « D. Miguel foi de Roma para Genova, e a 31 de Janeiro estava ainda em Roma. Quando chegou a Genova teve entrevistas com alguns Officiaes Francezes, que havião recentemente chegado de Paris para communicarem com elle. São partidistas novos do Principe; nenhum delles o havia servido em Portugal. »

A *Quotidianna* (diz o *Globo* de 18) affirma que D. Carlos rejeitou formalmente a proposta que se lhe fez de renunciar seus direitos no seu filho mais velho, casando este com a Rainha D. Izabel 2.ª

A *Gazeta de França* publica o Boletim Carlista da acção que houve em *Arquijas* em 5 de Fevereiro, que foi assaz renhida, e sendo ao principio vantajosa ás tropas de *Mina*, se dicidio com perda destas, (que diz o Boletim ser de 1400 homens) a favor dos Carlistas.

O General *Llauder* voltou ao seu posto de Capitão General da *Catalunha*, e dirgio de *Lérida* huma Proclamação aos Catalães.

O *Morning Post* de 18, em noticias de *Baiona* de 11 de Fevereiro dis o seguiute: " Huma carta quc se acaba de receber do Quartel General Carlista em data de 6 do corrente diz; Hontem houve huma aspera peleja na memoravsl ponte de *Arquijas*. As columnas inimigas (tropas de Mina) em numero de 9 $ homeus tentárão passar a ponte daquelle rio, e já se achavão sobre ella quando forão galhardamente repellidos pelos Carlistas, e os que tinhão avançado mais ficárão mortos. --- O fogo começou ao meiodia, e continuou sem interrupção até á noite. As partes contendoras occupavão as margens do piqueno rio descendo de Santa Cruz, o que os de Mina tentárão por vezes passar, e ou-

tras tantas vezes forão repellidos. O combate foi obstinado e severo. Dizem que os Christinos tiverão 1400 homens fora do combate. A perda dos Carlistas foi pequena em comparação, mas tambem foi avultada. „

A reunião do Parlamento Britannico teve lugar no dia 19 de Fevereiro por Commissão. O Lord Chanceller (*Lyndhurst*) tomando o seu assento do *Saco de lã*, fez saber as Camaras reunidas » que não julgando S. M. proprio achar-se pessoalmente alli naquelle dia, houvera por bem mandar expedir huma Procuração sellada com o Grande Sello, a fim de abrir e continuar este Parlamento. " — Tomárão seu assento os 5 Lordes da Commissão, entre o Throno e o assento do Chanceller. — Acabado este acto, retirárão-se os Commissarios, e a Camara Commum passou a tratar da Eleição do Orador, (ou Presidente). O primeiro annuncio do nome de Sir *Charles Sulton* (diz o *Globo*) foi recebido com grandes applausos; mas não ficou.

Restabeleceo-se ultimamente na *Baviera* a Ordem dos Frandes Bentos; o que dizem ter sido por influencia da *Austria*, segundo diz o *Globo* de 19, transcrevendo o *Mercurio da Suabia.*

P. S. Outro Paquete chegado em 4 do corrente, trouxe folhas até 26 do mez passado. No dia 24 abrio S. M. B. o Parlamento com hum discurso que principiou commemorando o desastre do incendio do Parlamento, e passando á politica estrangeira disse S. M.:

" A segurança que recebo dos meus Alliados, e geralmente de todos os Principes e Estados Estrangeiros, do seu mais vivo desejo de cultivar as relações de amizade, e de manter comigo a mais amigavel intelligencia, justificão da minha parte a confiada esperança da continuação do bem da paz.

» A unica excepção da tranquillidade geral da Europa he a guerra civil que ainda existe em algumas das Provincias do Norte da Hespanha.

» Darei ordem para que se vos apresem Artigos que tenho concluido com os meus Alliados o Rei dos Francezes, a Rainha Regente de Hespanha, e a Rainha de Portugal, que são supplementares ao Tratado de Abril de 1834, e que tendem a facilitar o completo exito dos objectos contemplados por aquelle Tratado.

» Tenho a repetir a expressão do meu pezar de que as relações entre a Hollanda e a Belgica ainda se achem por ajustar. »

As fallas do Duque de Wellington na Camara dos Lords no dia 24, e de Sir R. Peel na dos Communs, forão estrondosas, e victoriosas, sobrê a marcha adoptada pelo Ministerio, etc.

O povo Orador da Camara dos Communs, que alguns Jornaes caracterizão de Radical, he Mr. *Abercromby*, e não o antigo e honrado *Charles Sulton.*

O Duque de *Treviso*, Primeiro Ministro de *França*, pedio e obteve a sua dimissão. O Rei convidou o Marechal *Soult* para voltar ao Emprego de Presidente do Conselho, e Ministro da Guerra, (segundo refere o *Jornal dos Debates.*) Ainda se não sabia quaes serião os novos Ministros.

D. *Miguel* voltou de *Genova* para *Roma* no dia 7 de Fevereiro (segundo dizem folhas de *Paris*, que o *Morning Post* de 26 extractou.

Por huma Portaria do Ministerio dos Negocios do Reino de 18 de Fevereiro ultimo vemos com gosto a proxima creação de huma Academia das Bellas-Artes « com o fim de promover a civilisação geral dos Portuguezes diffundindo por todas as Classes o gosto do Bello, e proporcionando meios de melhoramento aos Officios e Artes fabrís pela elegancia das formas de seus artefactos. " Muito fructo se deve esperar deste util estabelecimento bem regulado, e sufficientemente habilitado para o dezempenho de seus fins. Os artigos que devem ser-

vir de base para os Estatutos desta Academia, 14 em numero, facilitão a sua organisação. Transcreveremos aqui os primeiros 7, que são os essenciaes aos fins da Academia.

» 1.° Esta Academia terá por objecto o adiantamento das Bellas Artes, e a introducção das suas regras nas Classes fabrís, d'onde possa resultar a perfeição das manufacturas, e o augmento da industria nacional.

» 2.° Os meios que a Academia se proporá, para conseguir este fim, serão: Instrucção publica, e gratuita; Protecção e premios concedidos ao merecimento.

» 3.° Sendo necessario combinar a Instrucção publica com a bem entendida economia, designar-se-ha, com a maior circunspecção, o numero de Artistas que devem viajar para se aperfeiçoarem; e quaes devem ser as suas circunstancias; guardando a proporção entre as grandes Nações civilisadas, e a população de Portugal.

» 4.° Existindo nesta Cidade quatro Aulas, onde se ensina o Desenho, a Arquitectura Civil, a Escultura, e a Gravura de Paizagem e Arquitectura, parece que reunindo estas debaixo de hum systema regular, e creando mais cinco, huma de Pintura, huma de Ornato, huma de Gravura de Figura ou Historia, huma de Cunhos e Medalhas, e huma de Estudo do Natural, ficará a Academia completa, contando ao todo nove Aulas. A Academia poderá intular-se Academia Publica das Bellas Artes de Lisboa.

» 5.° Determinar-se-ha a theoria que se deve ensinar em cada huma das Aulas, e aquella que se deve ixigir dos que pretenderem applicar-se a qualquer Arte, ou Oficio mecanico. Estudar-se-ha o desenho em seus diversos ramos; a Pintura nos seus principaes generos; a Escultura em suas differentes materias; a Arquitectura Civil, e Ornato; e a Gravura segundo o gosto dos melhores

Gravadores. Para o estudo do Natural haverá dois modelos vivos As Aulas serão fornecidas de modelos de gesso, Estampas, Quadros, Livros etc.

» 6.° As pessoas que devem compor a Academia são: hum Inspector, hum Vice-Inspector, hum Director Geral, hum Secretario; os Professores e Substitutos das differentes Classes, os Proffessores honorarios, e os Academicos de merito; 2 Porteiros, 2 Guardas, e 1 Continuo para o serviço do expediente; e dois homens bem proporcionados para o serviço de Modelos, e hum Formador.

» 7.° Serão admittidos e matriculados nestas Aulas todos os individuos nacionaes, ou estrangeiros, que quizerem applicar-se, tendo os principios que se designarem. »

Os outros artigos indicão varias circunstancias assim como que haverá 4 especies de Sessões, ordinaria, extraordinaria, geral, e publica, etc. etc.

He nomeada huma Commissão composta de Artista para formar os Estatutos da Academia, sendo Presidente João José Ferreira de Souza, Director das Aulas de Desenho de Figura, e de Arquitectura civil; e — Membros, Joaquim Rafael, e José da Cunha Taborda, Pintores de Histotoria; André Monteiro da Cruz, Pintor de Paizagem, Flores e Ornato; Antonio do Valle, Professor da Aula de Desenho de Figura, e Francisco Vasques Martins, Substituto da Aula, Desenhadores de Historia; João Maria Feijó, Professor da Aula de Arquitectura Civil; José da Costa Sequeira, e João Pires da Fonte, Arquitectos civis; Francisco de Assis Rodrigues, Profesor Substituto da Aula e Laboratorio d' Escultura; João Vicente Priaz, Gravador d' Historia, empregado no Jardim Botanico; Benjamim Comte, Professor da Aula de Gravura de Paizagem, e Arquitectura. — Alem destes que recebem Ordenados, ou Pensões do Estado, podem ser convidados os seguintes, que não são empregados do Estado: — Antonio Manoel da

Fonceca, Pintor de Historia; Luiz José Pereira Resende, e José Joaquim Primavera, Pintores retratistas em miniatura, Mauricio José Sendim, Desenhador d'Historia; Joaquim Possidonio Narciso da Silva, e Francisco Antonio de Souza, Arquitectos; João Josá de Aguilar, Escultor; e Domingos José da Silva, Gravador d'Historia.

Lizongeamo-nos de que estes habeis Artistas, sacrificando seus interesses e miras particulares ao fim benefico da Instituição, se hão de applicar assidua e desvelamente a preencher hum tão util e indispensavel objecto, de que se devem seguir muitos melhoramentos nas Artes e Officios, e por conseguinte hum mais vasto campo ao genio nacional de proveitosas occupações, e vantajosos lucros. (No Diario do Governo de 25 de Fevereiro se acha por extenso o que extractamos, sobre este Estabelecimento.)

No dia 21 de Fevereiro forão amortizados pela Commissão interina do Credito Publico 4 milhões de cruzados, e 148,088 ∯ 350 reis de Apolices, Titulos, e outros objetos da Divida Publica, como se annunciara nesse dia no Diario do Governo. A 9 de Janeiro tinhão sido queimados 500 contos de apel-Moeda pela mesma Commissão.

Diplomas Legislativos publicados no Diario do Governo em Janeiro deste anno.

Carta que promulga o Decreto das Cortes, de 17 de Dezembro ultimo, determinando-se expessão gratuitamente nas Repartições os Titulos, ou Diplomas de quaesquer Mercês honorificas por feitos militares ou outros relevantes serviços á causa de S. Magestade durante a guerra. (Diario N. 3.) Por Carta Regia expedida ao Em. e Rev. Cardeal Patriaca em data de 10 de Janeiro, pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos, e da Justiça, se estabelece o Quadro da Sé Metropolitana de Lisboa e Provincia da Estremadura, com-

posto de hum Deão, 24 Conegos, 16 Beneficiados, e 24 Cappellães Cantores. — Por Decreto da mesma data forão aposentados 3 Conegos da Patriarcal, 4 da Basilica de Santa Maria; 3 Benefiados, e 3 Clerigos Beneficiados, da primeira; 4 Beneficiados, e 3 Clerigos-Beneficiados, da segunda, ficando os restantes (excepto alguns que ficarão no Cabido novo) reduzidos a augmentar o avultado numero de outros Ecclesiasticos que se achão, em quanto se não prover a isso, reduzidos a penuria. (Vem no Diario N.° 14.) No Diario N.° 16 se publicou, pelo Ministerio do Reino, hum Decreto de S. M. em data de 8 de Dezembro ultimo, para fixar a execução pratica da Lei de 20 de Outubro de 1824, a favor dos Academicos da Universidade de Coimbra, e Academias de Lisboa e Porto. No mesmo N.° do Diario se lê o Decreto de S. M. datado em 7 de Janeiro p. p., que estabelece no Arsenal Real da Marinha huma Bibliotheca para uso do Alumnos da Marinha. No Diario N. 26 (de 30 de Janeiro) se acha hum Regulamento sobre Passaportes pelos Ministerio do Reino, em Decreto de 15 de Janeiro, conteudo oito Artigos; hum pouco apertado pareceo talvez na Camara Electiva, onde depois se apresentou hum Projecto de Lei sobre este objecto.

N. B. Assigna se para este Jornal a 1 $ 200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.°* 1; *da Rua do Ouro N.°* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *rs. cada Num.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° IX.

A Escola da Adversidade

O Homem resiste muitas vezes aos mais assizados conselhos (diz Mr. de *Segur*); a forte voz das paixões impede que elle escute a branda e commedida voz da razão. O interesse, a ambição, a vingança de continuo se vão mettendo entre nós e a verdade, para no-la roubarem aos olhos, e até muitas vezes os tomamos por ella: tudo quanto lizongeia nossas inclinações nos parece verdadeiro, e parece-nos falso tudo aquillo que as contraría. Ha mais homens de boa fé do que se julga, e a maior parte da gente vai francamente caminhando pela estrada do erro, do vicio, e da injustiça, na persuasão de que segue a estrada da ventura e da verdade. Hum unico mestre, mais eloquente, mais persuasivo, e ao mesmo tempo mais imperioso que todos os outros, consegue ás vezes illustrar-nos, despojar de seu prestigio os erros que nos extravião, fazer que admiremos a justiça que desconhecemos, a verdade que escapava ás nossas investigações, e tirar-nos do precipicio em que tinhamos cahido para nos conduzir ao maior auge de felicidade e de gloria.

Este mestre tão util, a que a maior parte dos grandes povos, dos grandes Reis, e dos grandes homens forão devedores de sua fama, e de suas virtudes; este medico salutar, que tira para nosso bem até dos venenos os mais efficazes remedios; este amigo severo, que corrige nossos defeitos, purifica nossas qualidades, desenvolve nossas forças, faz lustrar os talentos, e nos fáz triunfar dos acintes da cega fortuna, julgareis vós talvez que se lhe devêra dar algum testemunho de gratidão, e considerallo como hum bemfeitor? Pois enganais-vos: não ha inimigo que nos seja mais odioso: a sua ausencia nos enche de alegria, assim como a sua aproximação nos inspira temor; ha mesmo almas tão pouco generosas que afastão a vista daquelles a quem elle toca. Outras ha que, não podendo evitallo, repellem os remedios que elle lhes apresenta. Em vez de as tornar melhores, elle as azéda, e para estas não ha regresso; porque este mestre severo anniquila aquelles que não se aproveitão de suas lições.

Este util, mas triste protector de nossa fraqueza, veio pôr sua dura e fria mão sobre a nossa patria, e faz escutar suas terriveis lições; esperemos que em vez de nos atterrarmos com sua aspera linguagem, ou de nos deixarmos abater com o seu rigor, se saberá beber em seus conselhos nova existencia, e novas forças; e que a *adversidade* nos virá a ser por fim tão util como a prosperidade nos foi funesta pelo máo uso que della se fez.

A desgraça he menos difficultosa de supportar do que huma extrema felicidade: esta vos enerva, aquella vos fortifica; a primeira vos illustra, e a segunda vos embriaga. Para resistirmos ao infortunio só he precizo nos façamos rijos; mas para resistirmos e triunfarmos de todas as seducções de huma nimiamente prospera fortuna he precizo fechar os olhos e tapar os ouvidos, como Ulysses para não ouvir o canto das seductoras Sereias. A constante

fortuna entorpece o homem, e os revezes o instigão a fazer uso de todas as suas faculdades. Nunca houvera chegado a nós o nome da Grecia, se, vindo despenhar-se sobre ella a Asia, não obrigára os seus habitadores a fazer os prodigios de valor, patriotismo, e virtude, que tão celebre a tornárão. Talvez nunca chegasse Roma a dominar o Mundo, se, atacada em seu berço por todos os povos vizinhos, não se vira obrigada a fazer do seu povo hum povo de heroes, sempre promptos a sacrificar o seu sangue, seus bens, e os proprios laços da natureza, á salvação e á gloria da Patria. Sem o incendio do Capitolio, sem a invasão de Pyrrho, e sem a de Annibal, dariamos nós hoje applausos tão brilhantes ao heroismo quasi fabuloso, e á força colossal de Roma? Se não houvesse as guerras civis e longas desgraças deste Reino depois da morte d'ElRei D. Fernando até se collocar tranquillo no Throno Mestre d'Aviz, o Grande Rei D. João I., talvez não se emprehendesse a conquista de Ceuta, e se não abalançassem os Portuguezes aos descobrimentos de novas terras e mares. Depois dos 60 annos da sujeição á Hespanha, que funesto e mesquinho não era o estado de Portugal! Sobrevierão 28 annos de guerra, com suas usuaes calamidades; mas os Portuguezes, enrijando em tantos perigos, fazendo rosto impavido á adversidade que os perseguia, renovárão sua fama, sua actividade, sua industria e commercio, e veio Portugal no Reinado d'ElRei D. João V. a ser o Potosi da Europa, que em tal estado de riqueza se converteo (costumado effeito da prosperidade) em certo modo em estado de penuria, por não se aproveitar na Agricultura, e na Industria domestica a enorme somma de ouro que produzia o Brazil.

Se os favores da sorte nos corrompem, só os seus rigores nos podem restituir a boa tempera, que se embotára com os lizongeiros afagos da fortuna. Para sermos dignos desta regeneração, de-

vemos saber aproveitar as saudaveis lições da desgraça, desvanecer a saudade dos bens passados, supportar sem fraqueza o mal presente, e olhar para o futuro sem illusões. ---- Primeiro que tudo façamos respeitar o nosso infortunio; porque a mais insoffrivel de todas as calamidades he a desgraça desprezada; e o meio de o desgraçado se fazer respeitar he respeitar-se a si mesmo, e ter hum comportamento irreprehensivel.

Não ha inimigos peores para huma Nação que aquelles homens que sacrificão sem cessar a sua Patria a hum partido, e que tomão por empreitada o exprobar continuamente á Nação os erros, as faltas, e as culpas dos que a governão. Esses exagerados em palavras, que sempre, ou pela maior parte das occasiões, tem evitado os perigos, querem que se considerem como tempos de corrrupção; e quasi de morte, as épocas em que elles não tinhão poder nem credito algum. Ao escutallos em quanto esteve privada a patria das suas luzes, não era mais que hum paiz barbaro, povoado de ladrões, e de homens sem talentos nem virtudes. Deste modo ultrajão a Nação que lhes deo o ser, como se por hum privilegio especial da Natureza, a elles unicamente fosse confiada a sabedoria, a aptidão, e o direito de governar os seus compatriotas, com perfeita exclusão de todos quantos se não achão inscriptos na sua lista, e lhes não tem dado seguros penhores de pensarem, e obrarem pela sua norma. Se queremos por tanto ser grandes na nossa situação desgraçada, sejamos justos, soffredores, e moderados. Não se admira o homem que padece senão quando soffre sem fazer queixumes e lamentações. Se queremos erguer-nos da crise porque acabamos de ser accommettidos, abracemo-nos em lugar de nos dilacerarmos, e reunamo-nos, não com palavras, mas de facto. » Quem quer as instituições sem os homens, nada quer (diz Mr. de *Segur*). Não se reconduzem ao vinculo commum os

interesses que serião estragados, e a que se não acode. Quando huns homens excomungão politicamente os outros, estes os excommungão tambem. Não se destroem partidos se não fazendo como se não os houvesse; finalmente, se desejamos pôr termo aos nossos males (ou antes dar-lhes algum alivio, pois não he possivel acaballos promptamente), não percamos de vista esta maxima, que *em toda a parte onde não ha fusão hade hum dia vir a haver dissolução.* » Esta maxima he tão certa que todos os Governos habeis a tem seguido, e tirado della bom fructo, e os que tem seguido o contrario nunca tem tido descanço, tem augmentado os desgostosos, e perdido a affeição dos povos. Esse erro, e o de não pagar, ou fazer valer dividas de tal tempo, ou tal natureza, do Estado, tarde ou cedo produzem fataes effeitos; porque prolongão os males da adversidade em grande parte da familia geral, ou Nação, que vexada soffre muito tempo, mas em fim se precipita e arroja a excessos filhos da desesperação, que por modo nenhum se devem provocar apurando seu soffrimento com medidas barbaras filhas do odio de alguns iniquos homens que só respirão vingança, mas para que por certo a Nação jámais lhes deo nem dará poderes. Por taes, meios só poderião trabalhar para a ruina de huma parte da mesma Nação a favor de outra os Politicos ignorantes, quando a Justiça, e a Razão estão clamando que se restitua a paz e a boa harmonia a hum Povo, infelizmente assaz desgraçado pela guerra civil, o maior dos flagellos, que açoita sem distincção todas as classes e jerarquias de ambos os partidos; motivo porque todos devem conhecer a força e efficacia da maxima referida.

Aos que se considerão porém victimas e alvo dos tiros daquelles homens duros que os opprimem, sejão quaes forem os tempos em que essa injustiça se pratique, deve sempre estar presente que a desgraça do homem probo, e injustamente persegui-

do, he o crisol em que se apura o seu maior merecimento, e que elle deve fazer quanto couber em suas forças por se mostrar sobranceiro á desgraça sem se aviltar aos olhos dos entes abjectos que folgão de espezinhar os seus similhantes, e ainda em cima desdenhão e mofão delles ao vellos na miseria do infortunio a que os reduzirão. Entes são esses de que ha mui avultado numero onde se tem derramado a desmoralização, e onde o egoismo e a estupida indifferença imperão.

Da Gymnastica, ou exercicio das forças do corpo.

He a Gymnastica a arte de exercitar o corpo para augmentar as suas forças e a sua destreza. Por vezes temos visto estrangeiros virem com sua adquirida habilidade, (e ainda ha pouco se vio no Theatro de S. Carlos,) fazer entre nós ostentação de suas espantosas forças adquiridas por esta arte.

Os exercicios gymnasticos tiverão principio entre os Lacedemonios, e passárão destes aos Athenienses. Chegárão a ser tão honrados na Grecia que erão presididos por hum Magistrado a que derão o nome de *Gymnasiarca*, o qual tinha seus Officiaes subalternos, encarregados da instrucção da mocidade nos exercicios do corpo.

Os Romanos tambem não desprezárão esta parte da educação. O Campo de Marte, ou Campo Marcio, e a Praça publica, erão os lugares em que nos primeiros tempos se exercitava a mocidade nos jogos gymnasticos; porém nos ultimos tempos da Republica, reservárão naquelles vastos e soberbos edificios chamados *thermas*, huns espaços como pateos descobertos, aonde hia a mocidade exercitar-se na luta, no salto, em atirar o dardo, e manejar as armas.

Passando aos tempos da Cavallaria, ou da Ida-

de média alguma imagem se encontra nos povos da Europa dos jogos gymnasticos nas justas e torneios, mui usados sobre tudo em festas de Corte, sendo obrigada a mocidade nobre a habilitar-se primeiro nos exercicios diversos que nelles tinhão lugar, e que muitas vezes erão de grande perigo; posto que toda a força e destreza que então se requeria era só no que toca ao manejo das armas: além do que a liça estava só aberta á Nobreza, e portanto estes exercicios não se estendião a todas as classes. Perdeo-se por fim esse mesmo uso das justas e torneios; e não se cuidou em alguns seculos ultimamente decorridos de exercicios gymnasticos, nem disso tratarão os Planos d'Educação feitos pelos Governos modernos.

Este exercicio regular das forças corporaes, tão util á saude, sem que se adquira para figurar de Arlequim, he com effeito assaz attendivel na educação para a mocidade perder aquelle porte affeminado, e aquella delicadeza de compleição que de ordinario tem todos aquelles que são educados com melindre e falta de exercicio corporal. Convencido da utilidade destes exercicios fundou Mr. *Amoros* em *Paris* no anno de 1819 hum estabelecimento para o desenvolvimento das forças fysicas e da agilidade dos rapazes que se quizessem dedicar a esta arte, e de que sahirão já muitos discipulos habeis.

Deixando porém aquella parte da Gymnastica dos antigos, cujos exercicios entre os Gregos se fazião estando nús (e da palavras *Gymnos*, que significa *nú*, se derivou o nome de *Gymnasio*, ou lugar destes exercicios), ha diversos exercicios mui uteis ao corpo, e que o enrijão, como a luta, a carreira, o jogar a barra, e a bóla, &c.; sendo regulados prudentemente e sem excesso concorem para huma vigorosa saude, e entrão na hygiene. O Medico *Tissot* deo em 1780 á luz huma Obra com o titulo de *Gymnastica médica*, na qual traçou o re-

gime e as regras que se devem seguir nos jogos e diversos exercicios do corpo mais usuaes e uteis nos nossos tempos, taes como o jogo da conca, do bilhar, da bolla, da pélla, do volante, bem como a caça, a arte de nadar, o jogo da espada, a dança &c.; o que tudo promove a agilidade, e vigora as forças do corpo. Sem essas regras porém a gente do campo adquire por diversos exercicios essa robustez, que de ordinario os torna rijos e soffredores dos mais arduos trabalhos.

Da Estadistica da Hespanha.

Publicou o anno passado o bem conhecido Sabio Francez Mr. Moreau de Jonnés huma curiosa Obra sobre a Estatistica da Hespanha, seu territorio, População, Agricultura, Industria, Commercio, Navegação, Colonias, Fazenda, e Instrucção publica; obra que está cheia de noticias, muitas dellas até não vulgares na mesma Hespanha. Della se vê os grandes recursos daquelle Reino, que bem dirigidos o podem tornar tão opulento como quando os Reis mais respeitaveis della se dizião Reis — de ambos as Indias, ambas as Hespanhas.

O author compara a Hespanha actual com a antiga, mostrando suas differenças com termos numericos tirados de documentos officiaes, ou authenticos. Divide a Obra em 12 Capitulos, cada hum dos quaes tem por objecto hum dos principaes ramos do Estado social. Começa mostrando o estado das couzas em differentes épocas; compara os resultados dos termos numericos, e ventila perfeitamente todas as questões com o soccorro da Historia e das Sciencias economicas, e naturaes. Para fazer apreciar melhor o estado em que se acha cada hum dos Elementos da Sociedade em Hespanha fez o A. humas taboas em que se expressão os mes-

mos dados na maior parte dos paizes da Europa e por este meio se pode ver de hum golpe de vista em que lugar põe os diversos paizes sua população progressiva, ou decadente, sua agricultura, industria, instrucção publica &c. — O modo como se acha ligado o todo da Obra apenas permitte extrahir algumas passagens que dêm idéa dos pontos d'Estatistica de mais facil comprehensão para formar idea do todo, que, não obstante ser incompleta, será sem duvida agradavel aos curiosos.

Territorio. Participa a Hespanha com a Italia do beneficio de estar situada debaixo do mais delicioso clima da Europa, e de ser como ella a terra que produz as melhores frutas, como são larangeiras, as vinhas, as amoreiras &c. A sua superficie he de quasi 19 $ leguas quadradas. Dois terços da circunferencia do territorio são banhados pelo mar, e tem 10 grandes rios, além de immensos outros menores.

A divisão fysica e agricola do terreno offerece aproximadamente o seguinte:

Terrenos cultivados e baldios - 4,310 leguas quadradas.
Pastos ou campos e Povaações - 11,358 ditas.
Bosques e Matos - - - - - - - - 1,580 ditas.
Montes e rios - - - - - - - - - - 1,342 ditas.

Total. 18,890 leguas quadradas.

Os Pastos ou campos, e os montes, occupão só por si tres quartas partes do terreno. A superficie do paiz está metade menos coberta de bosques ou matas que a França, e metade mais que a Inglaterra.

População. A distribuição desta apresenta o contraste singular de algumas Provincias tão desertas como as da Russia, e outras tão povoadas como as mais populosas regiões da Italia.

Desde 1723 até 1834, no espaço de 111 an-

nos tem a população d'Hespanha duplicado; de sete milhões e meio de habitantes que d'antes tinha, sobe hoje a perto de quinze milhões, e em vez de de 440 habitantes por legua quadrada, que teve, como a Servia, e Albania, tem agora no mesmo espaço 850 como a Suissa, e a Prussia. Tem sido mui rapida a diminuição da mortandade ha 30 annos a esta parte. Em 1803 morria annualmente hum individuo em proporção a 29 ½ ou 2 de 59 existentes: em 1833 morrião 2 de cada 69, ou 1 por 34 ½.

Apresentando a divisão da população segundo a differença das condições sociaes, indica o A., fundado em documentos officiaes que cita, o numero de Ecclesiasticos, de Nobres, e de plebeos que existião em Hespanha em diversas épocas. — Tem havido extraordinaria diminuição nas duas primeiras Classes. O Clero está reduzido hoje a metade do que era no principio mesmo deste seculo, e tem diminuido dois terços do que era no meado do seculo passado. Em 1768 formava a Nobreza huma duodecima parte da população, e hoje apenas forma huma parte de 34, do que se vê ter diminuido muito.

Agricultura. São avialadas neste Capitulo por quantidades e valóres os cereaes, e outros productos do territorio Hespanhol, assim como toda a qualidade de gados que produz, com curiosas individuações sobre o consumo geral. Resulta destas observações que por hum fenomeno de agricultura nunca visto em outros paizes, a Hespanha, que ha 33 annos não produzia todo o trigo necessario ao consumo da quinta parte dos seus habitadores, produz hoje o necessario para todos elles, a pezár do rapidissimo augmento da população, o que parece indicar o dobro das colheitas, na opinião do A. Comtudo, a causa está, a nosso ver, mais clara no que se considerou grande desgraça, isto he, na separação das Americas; porque cessou

grande parte da gente que hia para lá, de abandonar a patria, dedicárão-se mais pessoas, e mais Capitaes, que se empregarião no commercio daquelles paizes, a cultivar o terreno da Hespanha, para onde tambem vierão muitos individuos e cabedaes que estavão na America, dando-se assim emprego na industria, e agricultura da Hespanha a grandes sommas que estarião pela America, ou quando muito enriquecerião em parte o commercio maritimo Hespanhol e Americano, não havendo aquella separação.

Industria. Calculos fundados em documentos provão que a Industria occupa actualmente na Hespanha 373 $ habitantes; que elles produzem annualmente mais de 400 milhões de francos (ou 160 milhões de cruzados) de objectos manufacturados, ficando o consumo de cada individuo por 27 francos, ou 4370 reis, que he menos de metade do que dá a industria de França a cada hum dos seus habitantes huns por outros. — As Provincias de Valença e Catalunha são mui conspicuas na Industria, e ha fabricas levadas a muita perfeição.

Commercio. Esta parte he huma das que nesta estadistica contém maior numero de factos ineditos e de noticias importantes. O clima da Peninsula, diz Mr. Morcau de Jonnés, permitte á Hespanha produzir com incontestavel superioridade todos os productos que exigem huma temperatura mui elevada para chegarem a toda a perfeição. Trinta e quatro minas metalicas podem offerecer em sua exploração, se esta se aperfeiçoar, huma immensa massa de productos necessarios ás artes uteis, e que o commercio constantemente põe á venda nos grandes mercados da Europa. Possue pois a Hespanha em seus proprios recursos tudo o que póde fazer florecente e venturoso o seu commercio, e para o conseguir basta que ponha termo a essa longa serie de erros que ha muitos annos a esta parte cortão o vôo de sua prosperidade.

Colonias. O seguinte quadro mostra qual he sua extensão actual, e o numero de seus habitadores.

	Leguas quadradas.	Habitantes.	Por leg. quad.
Canarias - - - -	839	200,000	240
Cuba (Cap. Havana) - - - -	4,600	704,000	146
Filippinas - - -	410	225,000	550
Porto-Rico - -	13,157	2,525,000	250
Presidios d'Africa -	4	4,000	1,000
	19,000	3,858,000	500

Estas Colonias ainda são ricos vestigios do seu antigo poder no ultramar, e são, depois das de Inglaterra, as mais povoadas. Cuba e Porto-Rico são peças preciosas ua America, as Filipinas na Asia, e as Canarias na proximidade da Costa d'Africa. O commercio destas Colonias florece como nos melhores tempos de sua prosperidade.

He indubitavel que a perda do seu imperio na America, a guerra civil, e a invasão estrangeira, longe de ter produzido a ruina da Hespanha, como parecia, tem definitivamente exercido favoravel influencia na sua sorte, tirando o povo Hespanhol da apathia e lethargo em que jazia, obrigando-o a pedir á terra e obter della o que já não podia comprar com o ouro do Novo Mundo, despertando sua actividade, e sua intelligencia. O mesmo deve de acontecer (e vai já acontecendo) em Portugal, que voltando seus desvelos e cabedaes á industria e agricultura domestica em maior porção do que lho permittia o seu enlace cem o Brazil antes da separação deste, estará em circunstancias de maior prosperidade interior em poucos annos, sabendo-se aproveitar os meios de chegar a esse fim.

Omittimos extractos dos Artigos ou Capitulos sobre a Fazenda, Justiça, Educação &c., que não são menos interessantes, mas são de menos curiosidade para o commum dos nossos leitores.

LISBOA 12 de Março de 1835.

Resumo de Noticias.

Tem sua galantaria a diversidade das noticias que as folhas estrangeiras dão á cerca do Ex-Infante D. Diguel; além das que já publicamos, achase no *Morning Post* de 18 de Fevereiro como tirado da *Gazeta de Augsburgo*, o seguinte: » *Vienna 3 de Fevereiro.* — S. M. o Imperador concedeo permissão a D. Miguel para que resida aqui como pessoa particular. Aquelle Principe está em breve a chegar, e ha de fazer sua residencia no magnifico Palacio de Verão do Principe *Schwartzenberg* nos suburbios de Renneberg. «

Vem o *Globo* do mesmo dia 18, e diz: O *Jornal dos Debates*, diz o *Messager*, que foi mui facil em fallar da *fugida* de D. Miguel, acha agora no *Correspondente de Nuremberg*, que o Imperador de *Austria* lhe deo licença para residir em Vienna como pessoa particular; porém devemos saber em primeiro lugar, se elle tomou a estrada da *Austria*, e nada sabemos delle depois que sahio de *Roma* a 23 de Janeiro. « — Em breve o souberão e publicárão os mesmos Jornaes Inglezes, que viera a Genova, e voltara desta Cidade para *Roma*, onde dizem estava já a 7 de Fevereiro.

O mesmo *Globo* de 18 dis: " Cartas de *Berlim*, citadas nos periodicos de *Bruxellas* de 16 do corrente dizem que se estão preparando em *Londres* importantes conferencias, e huma Carta de *Vienna* falla mui explicitamente a este respeito. As mesmas Cartas acrescentão que o ajustado casamento de huma Princeza Austrica com o Principe da Coroa de *Baviera*, não está de todo desvanecido, posto que delle ha muito se não trate. «

O mesmo *Globo* de 18 diz chegára a *Londres* o Principe *Estherhazy*, Embaixador da Austria, e fora logo visitar o Duque de Wellington, e outros Ministros.

O *Morning Post* de 18 transcreve da *Gazeta de Augsburgo* o seguinte Artigo: » *Roma* 2 de Fevereiro. — O Principe Leopoldo de *Salerno*, tio do Rei de *Napoles*, partio daqui para *Paris*, aonde se diz vai negociar com o Rei dos Francezes dois objectos. Primeiro, ha de propor hum casamento entre huma das filhas do Rei dos Francezes com o Irmão do Rei de Napoles, em segundo lugar ha de negociar com o fim de pôr termo á guerra civil na Peninsula. Pessoas bem informadas pretendem que o Rei de *Napoles* se lizongeia que pode conseguir de D. *Carlos* a renuncia do throno a favor de seu filho, e acabar seus dias em *Roma* ou *Napoles*. Diz-se além disso que o Infante *Carlos* Luiz seria afiançado a casar com a joven Rainha, e se executaria assim o testamento de D. *Fernando*. "

(Esta questão anda hoje tão repetida em todos os periodicos estrangeiros que parece não se pode duvidar que se negoceia a este respeito.)

O General *Sebastiani*, novo Embaixador de *França* chegou a *Londres* no dia 17 de Fevereiro. He natural que tanto o Conde *Pozzo di Borgo*, Embaixador da *Russia*, como o Conde *Sebastiani*, Embaixador da *França*, ambos nascêrão na *Corsega* (sendo compatriotas de *Napoleão*); o primeiro naturalizou-se na *Russia*, e o segundo em *França*, onde tem o titulo de Conde, mas não he Par; servio no Exercito Francez durante o reinado do Imperador, e foi nesse tempo Embaixador em *Constantinopla*, &c.

Londres 24 de Fevereiro Causárão hontem grande sensação as noticias, que se recebeo da *China*. Estas noticias chegão até 23 de Outubro, e annuncião a morte de Lord *Napier* (Superinten-

dente de S. M. B. na *China*) no dia 13 do dito mez em *Macao*; assim como terem-se rompido hostilidades entre os Chinas, e os Navios de Guerra Inglezes, em hum combate com os Fortes de *Bog*, o qual parece não teve o melhor resultado para o ajustamento da questão. Lord *Napier* dirigio em 15 de Septembro huma notificação á Camara do Commercio de *Cantão* significando sua tenção que tinha " de se retirar, e admittir a abertura do commercio, por considerar o assumpto da disputa não como de natureza commercial, mas pessoal em relação á sua pessoa. « Diz-se que o commercio do Chá se abrira de novo a 27 de Setembro; mas devemos esperar pelas proximas noticias a este respeito.

Baiona 17 *de Fevereiro*. No dia 10 estava D. *Carlos* em Zuniga. *Mina* mandou juntar em *Estella* todas as suas forças, de *los Arcos*, *Viana* &c. e marchou dalli a soccorrer *Ziga* e *Elizondo*. Enviárão-se as mesmas ordens a *Puente de la Reyna*, e o mesmo *Mina* partio para aquelle destino. A retaguarda destas tropas foi atacada no caminho, perdendo 7 homens. — *Zulamacarregui* tendo rejeitado as propostas que lhe fez *Ocanha*, apertou o cerco de *Ziga*. Os Christinos fechárão-se em seus fortes, e com elles as mulheres da praça como refens, jurando que se os Carlistas atacassem todas serião assassinadas. Sahírão da praça dois anciãos a informar Zumalacarregui da situação em que estavão as mulheres, e então elle por humanidade deixou sahir os Christinos para *Elizondo*, que foi outra vez investida a praça, e estavão jogando contra ella as baterias quando chegou a noticia de avançar *Mina* á testa de 12 $\$$ homens. Depois de tirar os seus mosteiros retirou-se Zumalacarregui para *Santestevan*, e entrou Mina em *Elizondo*, enviando immediatamente aqui buscar outra porção de dinheiro, que estava á sua disposição. — Estão assim os belligerantes em presença hum do outro, e he possivel haja algum recontro. Se Mina tinha

alguma conza importante que o chamou, não sei; mas depois de mandar buscar o seu dinheiro, elle veio pessoalmente, e dormio a noite passada em *Ainhoa*, onde o Consul Hespanhol, *Bellasque*, o Maire e outros amigos seus o forão visitar. Hum comboi de 126 caixotes de dinheiro sahio hontem daqui escoltado por tropa da nossa guarnição, e proseguio na direcção de *Urbaniz*, d'onde Mina o ha de escoltar para Pamplona. . . . . Envio-vos hum Boletim do General *Castor*, que tantas vezes tem sido morto pelos seus contrarios; trata de hum combate de pouca consideração » *Morn. (Post. de 24 de Fev.)*

No mesmo *Morning Post* de 24 se lê o seguinte:

» *Rio de Janeiro.* — Assim que a morte do Sr. D. *Pedro* aqui foi sabida, a Familia Imperial se retirou ao Palacio da *Boa Vista*, no qual residirão perto de dois mezes em perfeito retiro. Voltárão á Cidade a 11 de Dezembro em carregado luto, e por esta occasião houve beijamão, a que concorrêrão todos os altos Empregados do Estado, e os Ministros Estrangeiros. O Conde *Saint-Priest*, Ministro Plenipotenciario do Rei dos Francezes, em nome deste, dirigio huma breve falla ao joven Imperador, o qual, quando ouvio o nome de seu fallecido Pai mostrou grande commoção. No dia 15 se despedio o Conde de *S. Priest* de S. M., por se retirar para *França*. No mesmo dia o Sr. *Delavat Rincon*, Ministro da Rainha Regente d'*Hespanha* ultimamente chegado de *Madrid*, apresentou as suas Credenciaes a S. M., e foi benignamente acolhido. «

No *Globo* de 18 de Fevereiro se transcreve o seguinte artigo: " *O Constitucional* (de *Paris*) diz que Mr. *Sebastiani* se dirige a *Londres* com instrucções inteiramente contrarias ás de Mr. *Talleyrand*, e que ha de usar de toda a sua influencia, e da sua familia, para ser admittido ás conferen-

cias dos Embaixadores absolutos, em que ha de ser discutida a sorte das nações livres; e que o Ministerio Inglez não annuio a recebello senão com a expressa promessa de que elle entrará no espirito das Legações da Santa Alliança, concessão que os Doutrinarios nenhuma difficuldade tiverão em fazer. Por outra parte Lord *Cowley* (Embaixador Britannico em Paris) tem instrucções para sustentar quanto poder com a sua influencia o Ministerio Inglez. » Isto he contracto mutuo. «

O *Helvetico* de *Porentruy* de 10 do corrente contém o seguinte: » O plano da *Austria* relativamente á *Suissa* he o resultado daquelles principios que tornárão a subjugar a *Polonia*, que tem suffocado o movimento da *Italia*, e escravisado as representações da imprensa na *Alemanha.* A *Austria* ha de oppor o seu *veto* a toda a reforma radical das instituições Suissas, e não hesitará em completar a sua obra por meio de occupação militar, huma vez que não encontre huma opposição formidavel, cujas consequencias possa calcular. Para combater estas pretensões deve a *Suissa* tambem adoptar hum systema politico de energica e perseverante opposição á mesma Austria. *(Isso he o que esta talvez deseja para occupar a Suissa, e até talvez a promova).* Nem tão pouco verá a *França* com prazer o triunfo do partido que representa a Suissa regenerada; o qual partido, estando animado de sentimentos puramente nacionaes, rejeitaria a influencia do Gabinete Francez do mesmo modo que combate a liga Oriental. Em Agosto de 1833 teria a França consentido facilmente em huma intervenção armada, se a Dieta houvesse posto em vigor sua authoridade legal relativamente á empreza do Chefe da facção Sarda, nem seria mais adversa a tal medida ao presente, se a Suissa emprehendesse a reforma radical de suas instituições. A França ha de sempre conservar em alento dois corpos poderosos entre nós para evitar que suba ao poder aquel-

le partido que proclamaria a Suissa independente de toda a influencia, e até da França. Esta he a mola secreta da neutralidade Franceza no diluvio de Notas diplomaticas que nos opprime. He por isso que a França lizongeia a Prussia, não obstante as tentativas de intervenção desta ultima Potencia nas nossas relações com *Neufchatel*. A França nos hade ter em condição de nos tomarem contas, como meio de ataque, ou de arranjo com outras Potencias, como melhor achar que he do seu interesse. »

Mr. Polignac e seus Companheiros. — A *Gazeta de França traz o seguinte*: " Huma pessoa que acaba de chegar de Ham *(Castello de Ham)* refere que achou alli os quatro Ministros soffrendo a sua prizão com huma dignidade que deve conciliar todos os partidos. Elles procurão constantemente evitar que seus amigos requeirão sua liberdade: estão deliberados a não pedirem favor algum. Não tem sequer aquella indulgencia que se concede mesmo aos mais ordinarios prezos. São guardados por 600 homens, e de noite não ficão menos de 75 sentinellas postadas ao redor dos seus quartos. Quanto ao Principe de Polignac, sua nobre resignação faz que os mesmos que mais preocupados estão contra elle como *Ministro*, como homem prezo o estimem. Mr. de Peyronnet não tem sahido ha dois annos do seu quarto; porém o seu espirito não está quebrantado, nem frouxa sua alma, e sustenta com a maior firmeza o seu captiveiro. « *(The Globe.)*

Mr. Laffitte. — Mr. Laffitte dirigio huma mui longa carta a alguns dos Jornaes, na qual, depois de dizer que se tinhão feito esforços para exercitar inquietação nos animos dos accionistas do Banco, relativamente ao pagamento de hum emprestimo de 13 milhões de francos, a elle feito ha quatro annos, allude a ter elle sido surprehendido por duas crises, huma politica e outra commercial; e assevera que, dentro de poucos mezes teve a pagar

59 milhões de francos, no meio do geral discredito, da depreciação da propriedade de toda a especie, e do choque dado a todas as fortunas. *(Beneficios da revolução dos 3 gloriosos dias em 1830!)* Passa depois a dizer que nada deve a pessoa alguma senão ao Banco de França, e que a sua divida a este estabelecimento he de 6,420,000 francos: que desta divida elle pode pagar immediatamente em dinheiro, hypothecas &c. 5,379.000 fr., que reduzirão a divida sómente a 1,041,000 fr. „ (Omittimos outras circunstancias aqui inuteis.)

Marinha Ingleza. — Segundo reconhece Mr. d'Haussez, hum dos que forão Ministros da Marinha em França, a Marinha Britannica destruio durante a ultima guerra (da Revolução) não menos de 1200 embarcações de guerra, a saber, 156 Náos de linha, 382 Fragatas, e 662 Corvetas, Brigues, e outros vasos menores.

O *Correspondente de Nuremberg* diz: » A retirada de Talleyrand he attribuida aqui á desconfiança que tinha inspirado a Luiz Filippe. O antigo diplomatico tinha com antecedencia pedido a Embaixada de Vienna. A vizinhança de Praga, do joven Henrique, da antiga legitimidade, e o *Girouetisme* (a *Versatilidade*) do Octogenario poderião dar cuidado ao Rei dos Francezes. » (Isto he querer explicar incognitas, por meio de hypotheses, ou conjecturas).

A Rainha de Portugal mandou dar pelo seu Ministro em Inglaterra, o Sr. Sarmento, 100 libras esterlínas de donativo ao Hospital dos Marinheiros, que está estabelecide abordo de *Dreadnought*, a que são admittidos Marinheiros Portuguezes, e de outras nações: o que redunda em louvor da humanidade da Rainha *(Extractos do Globo.)*

O *Globo* de 18 extrahe do *Reformateur* o seguinte: " Disse-se que Mr. de *Rumigny*, Enviado de França na Suissa, estava para ser dalli chamado, e enviado para Napoles. Assegurou-se de-

pois que elle ficaria em Berne, em consequencia da resolução do Governo Francez relativamente á Suissa se haver modificado. O certo he que Mr. de Metternich declarou que tem ainda maior repugnancia a ver Mr. de Rumigny em Napoles do que a tello em Berne; e que o desagradavel Enviado ha de em consequencia disso ficar na Suissa só até que tenha lugar ulterior arranjo. »

O *Mercurio da Suabia* diz que Sir *George*, *Rose*, que foi Embaixador d'Inglaterra em Berlim se espera de novo naquella Cidade com huma missão especial do Duque de Wellington.

O *Globo* de 21 de Fev. transcreve do *Reformateur*, de Paris, o artigo seguinte, que dá diversa opinião da viagem do Principe de *Salerno*:

» O Principe de *Salerno*, tio do Rei de *Napoles*, e irmão da Rainha dos Francezes, espera-se a cada momento chegue a *Paris*. Algumas pessoas desejão attribuir a esta viagem hum objecto politico. O Principe de *Salerno* esteve em *Paris* em 1829, com o Rei e Rainha de *Napoles*: he hum homem gordo, com aspecto apopletico, baixo, e ruivo — a sua fisionomia com effeito não he muito da casta Napolitana. Na sua ultima jornada passava huma vida alegre &c. Estamos por estas e outras razões dispostos a crer que o Principe de Salerno (que já não he moço) tenha sido posto em movimento para huma missão diplomatica em que, ao mesmo tempo, se trata de dois casamentos, e de intervir da parte da Corte das *Duas Sicilias* nos negocios da Peninsula. « *(Mas isso são conjecturas do Ref)*

O General *Sebastiani* foi chamado de Paris, para onde partio logo de *Londres*, aonde parece voltaria sem demora grande.

» A *Ingaterra* tem ganhado pelas calamidades de outros paizes (diz Mr. *Baines* na sua *Historia das Manufacturas d'Algodão*), e pela intolerancia de outros Governos. Em differentes épocas os Protestantes Flamengos e Francezes expulsos de suas

terras nataes, buscárão refugio em *Inglaterra*, e recompensárão a protecção que se lhes deo então, praticando e ensinando ramos de industria em que os Inglezes erão então menos habeis que os seus vizinhos. As guerras que em diversos tempos tem assolado a Europa « e especialmente as que seguirão a Revolução Franceza (tempo em que as invenções mecanicas hião produzindo os mais maravilhosos effeitos em Inglaterra), reprimirão o progresso do melhoramento das manufacturas no Continente, e deixarão a Inglaterra por muitos annos sem competidor. Teve ao mesmo tempo a Marinha Ingleza o dominio dos mares, e debaixo de sua protecção se estendeo o commercio Inglez álem de todos os limites anteriores, e estabeleceo huma firme ligação entre as Fabricas de *Lancashire*, e os seus freguezes, ou compradores, nos mais distantes paizes. «

Os Camponezes Russianos. — Os camponezes, ou paizanos, pertencentes á Coroa, ou paizanos livres, como elles se denominão, sobem a perto de hum terço de toda a populaçâo do Imperio, e pagão menos ao seu Governo do que o povo de qualquer outro Reino. — Hum author estatistico recente calculou o que paga cada individuo nos diversos Reinos da Europa do modo seguinte: o Inglez paga 75 francos e 50 centimos (ou 12,080 reis) por anno; o Francez 33 fr. 30 cent. (5324 reis); o Hollandez 28 fr. 10 cent. (4396 rs); o Prussiano 15 fr. 10 cent. (2416 rs.); o Sardo 14 fr. (2240 rs.); o Dinamarquez 12 fr. 90 cent. (2064 reis); o Hespanhol 11 fr. 25 cent. (1800 reis); o Napolitano 10 fr. 75 cent. (1760 rs.); o Austriaco 8 fr. 25 cent. (1320 rs.); e o Russiano paga só 5 fr. e 70 centimos (912 rs). » Na Russia porém só nos masculinos se põe o imposto. Os vassallos em geral pagão aos seus Senhores hum tanto por *teglo*, ou familia. *(Folheto do Author da Obra — A Russia como ella he.)*

N. B. Em *Portugal* pode calcular-se que vem a pagar cada individuo, huns por outros, a 2400 reis annualmente, na proporção de 21 milhões de cruzados dividido por 3 milhões e meio de habitantes, (inclusas as Ilhas.)

Londres 25 de Fevereiro. — O Marechal *Mortier*, Duque de *Treviso*, resignou Sabbado o seu lugar de Presidente do Conselho e Ministro da Guerra. Tendo o Rei communicado este successo ao Conselho de Ministros, enviou hum Official ao Marechal *Soult*, que está em *Saint Amand*, no *Tarn*, pedindo-lhe que viesse immediatamente a *Paris*, para se formar novo Gabinete. Crê-se que o Marechal não pode chegar a *Paris* em menos de 8 dias.

O boato do novo Ministerio era que o Marechal *Soult* seria o Presidente do Conselho, e Ministro da Guerra; Mr. *Dupin*, Ministro da Justiça, Mr. *Teste*, Ministro do Interior; Mr. *Passy*, Ministro da Fazenda; M. *Bignon*, Min. dos Negocios Estrangeiros; Mr. *Etienne*, Ministro da Instrucção Publica; e o Almirante *Duperre*, Ministro da Marinha.

Idem 26. O Conde *Sebastiani*, em consequencia dos despachos que recebeo do seu Governo sahio hontem para *Paris*, onde tenciona ter pouca demora. Mr. de *Bourquenny*, primeiro Secretario da Embaixada, he quem fica residindo, e foi hontem apresentado a S. Mag., como Encarregado de Negocios durante a ausencia do Conde *Sebastiani*.

As ultimas noticias recebidas do *Rio de Janeiro* chegão até 24 de Dezembro: tudo alli estava em socego, e o commercio hia-se fazendo com mais alguma vantagem.

A Rainha Regente d'Hespanha conferio ao Rei dos Belgas, Leopoldo, a Ordem do Tosão de Ouro.

O Consulado Hespanhol em Inglaterra fez constar que d'ora em diante se permittirá aos Navios Inglezes levarem fazendas de commercio licito para os postos da *Corunha*, *Bilbao*, *Gijon*, *e Santander*,

sujeitos ás condições do Real Decreto de Dezembro ultimo. (*The Globe.*)

Varios Diplomas publicados no Diario do mez de Fevereiro.

No Diario N.° 44 (de 20 de Fevereiro) se publicárão os Decretos em data de 16 do mesmo mez, pelos quaes, 1.° foi exonerado do Ministerio do Reino, por assim o requerer, o Bispo resignatario de Coimbra, Conde de Arganil, D. Fr. Francisco de S. Luiz; 2.° passou o Ministro da Marinha, Agostinho José Freire, para o Ministerio do Reino; 3.° passou para o Ministerio da Marinha o Conde de Villa Real, e para o Lugar deste no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, o Duque de Palmella, Presidento do Conselho de Ministros, ficando nas Repartições da Fazenda, Justiça, e Guerra os mesmos Ministros que estavão.

O Diario N. 46 publica a Carta de Leĩ de 20 de Fevereiro que manda cumprir e guardar o Decreto das Cortes Geraes dė 3 do mesmo mez, que altera as disposições do da Reforma da Alfandega do Funchal (Ilha da Madeira) feita por Decreto de 23 de Junho ultimo, estabelecendo outras providencias. &c.

Segue-se no mesmo Diario N. 46 outra Carta de Lei de 20 de Fevereiro, que sancciona o Decreto das Cortes Geraes, de 24 de Janeiro ultimo, que estabelece os meios para o pagamento em 4 annos do Emprestimo de 235,595$740 reis, contrahido na Cidade do Porto em 1808 pela Junta Provisoria do Supremo Governo para expulsão dos Francezes.

(No N.° 48 se acha o que respeita á Academia de Bellas Artes.)

Por Decreto de 20 de Fevereiro se cria huma

Aula da Lingua Allemã no Collegio dos Nobres. (Diario N. 49).

Por Decreto de 23 de Fevereiro se manda proceder quantos antes á reforma dos mecanismos da Casa da Moeda, e nomeia S. M. o Lente de Mathematica da Universidade de Coimbra, Thomas de Aquino, para Provedor da mesma Casa da Moeda, lugar de que foi exonerado o Provedor João Mouzinho de Albuquerque por outro Decreto da mesma data. (Diario N. 50.)

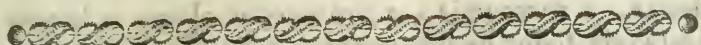
No mesmo N. 50 se publica a Carta de Lei de 20 de Fevereiro, que sanciona o Decreto das Cortes Geraes de 5 do mesmo mez, que faz extensivas as dispossições da Lei de 19 de Janeiro de 1827 ás familias dos Militares que morrêrão em defeza da causa de S. Magestade.

Erratas essenciaes. No N.° VI, pag. 147, lin. 5, *Em* 1675, leia-se *Em* 1617. — No N.° VIII, pag. 169 (1.ª do N.°), lin. 11 do discurso, *dizendo*, leia-se, *dizendo loucuras.* Pag. 182, lin. 26, *remotos*, leia-se, *remotos tempos* Pag. 183, lin. 31, *meio* modernas, leia-se, *mais* modernas; e na lin. 34, grande *mais*, leia-se, grande *meio.* Pag. 188, lin. 1, *apresem*, leia-se, *apresentem*; lin. 15, O *povo*, l., O *novo.* (Outros ha de facil emenda na leitura.)

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.º X.

Estatistica da Europa. — Extracto da Obra que ultimamente publicou Mr. J. Schoen, Doutor em Leis, e Professor extraordinario de Sciencias politicas em Breslau.

AS grandes questões de economia social occupão hoje em dia todos os animos, e a sua solução facilitada por numerosas experiencias, por grandes successos, e sobre tudo pelos beneficios da verdadeira liberdade, funda se essencialmente no exacto conhecimento dos factos. De nada servem as theorias dos Economistas se não tem por base mais que hypotheses brilhantes, e inducções engenhosas; observações bem feitas são as unicas que podem fazer productivas para a Sociedade noções que por muito tempo se tem considerado como sonhos sem applicação possivel aos interesses positivos. Debaixo deste ponto de vista, a Estatistica geral forma a base de todos os systemas de Economia politica. Alguns trabalhos parciaes da mais alta importancia tem aperfeiçoado esta sciencia ha alguns tempos a esta parte; e he de esperar que em breve chegará o dia em que se possão reunir, cor-

denar, e reassumir em proporções claras e incontestaveis todos os documentos relativos á Sciencia da Estatistica.

Com este intuito publicou o Professor *Schoen* a sua importantissima obra; homem dotado de vastos conhecimentos. He hum volume cheio de idéas novas, contendo o completo resumo de todos os factos da civilisação Européa. Eisaqui pois hum esboço do grande quadro que nos apresenta o Professor Prussiano, no qual se acha representada a Europa debaixo de todas as faces de sua existencia fysica, intellectual, politica, e moral.

Só metade do solo Europeo, diz Mr. Schoen, he dedicada á cultura dos vegetaes. A superficie cultivada se divide geralmente em hum terço de terra lavrada, hum terço de bosques, hum oitavo de prados, e huma de 157 partes (ou hum de 157 avos do total) de vinhas. A agricultura no seu estado actual poderia suprir precussões ainda maiores que as da Europa na época presente. Poucos paizes ha que não produzão a quantidade de grão que necessitão, como por exemplo a Suecia e a Inglaterra. Nos annos ferteis ha superabundancia de productos em quasi todos os Estados da Europa. Nos fins de 1826 calculavão-se as provisões que sobejavão do consumo do anno em todos os paizes da Europa em 12 milhões de hectólitros de grão (ou 1,441,185 moio de medida de Lisboa). A superabundancia he relativamente muito mais consideravel em certos paizes: a França, por exempl, possue 22,800$ hectaras de terra cultivavel; 14 milhões de terra lavadia; 1,900$ de terra empregada em vinhas; 549$ de campos semeados de batatas, e de castanheiros. A hectara produz obra de 16 hectólitros (que andão por 115 e meio alqueires de Lisboa); de modo que em França a colheita de grãos, sobe huns annos por outros a 220 milhões de hectólitros (ou 2.648,290 moios medida de Lisboa). Calculão-se para consumo 60 por

cento, e para o dos animaes 19 por 100; para sementes 16 por 100; para consumo de bebidas (cerveja &c.) 2; total 97; resulta pois huma sobra de 3 por cento nos annos ordinarios, e nos annos mui productivos se assegura subir esse excedente a 15 por cento, com que a França poderia alimentar 6 milhões de homens em 360 dias.

Em Inglaterra he onde mais se tem aperfeiçoado a criação dos animaes que vivem para sustento do homem. Em França custa todos os annos huma somma de 24 a 29 milhões a compra de animaes para sustento, e das materias primas que elles subministrão.

A pesca he muito importante para os grandes Estados: na Russia produz 15 milhões de rublos (mais de 22 milhões de cruzados); em França 26 milhões de francos (10 e dois quintos milhões de cruzados); na Prussia 10 milhões e meio de francos (4 milhões e 400 $ cruzados).

O commercio das lãs tem feito attender muito á creação dos carneiros; especie abundante na Prussia e em maior numero que a dos homens. —

A materia porém que mais se tem estendido em toda a parte, he a seda, de que produz o Piamonte 20$ quintaes, a Toscana 2$, as duas Sicilias 40$, a Austria 20$, a Hespanha 25$, (não se conhece se entra neste numero a producção da seda em Portugal); a Turquia 5$ quintaes; a França 5 milhões de kilégramos (ou 10,901,158 arrateis Portuguezes): a Russia, cultivando a seda ha poucos annos a esta parte, produz 16$ arrateis.

Os animaes de tiro tambem se tem multiplicado geralmente. Em 1588 apenas se poderião ter reunido em Inglaterra 3$ cavallos, e hoje se contão em Londres até 80$ carruagens de toda a especie com seus tiros. Em tempo de Luiz 14 não havia em toda a Cidade de Paris mais de 500 tiros de cavallos, e no fim do seu reinado tinha subido

este numero a 14$\frac{2}{3}$, presentemente pode calcular-se haver hum cavallo por cada 12 homens, e admittir huma progressão annual. Para comprehender toda a importancia deste augmento cumpre ter presente que hum cavallo representa o trabalho de sete homens reunidos, e que hum boi representa o de quatro (pelo seu vagar &c.)

Avalia-se em 700 milhões de francos o rendimento da exploração de minas em geral: a Europa produz especialmente carvão de pedra, e ferro, materias que são elemento grande de prosperidade. A Grã-Bretanha possue hum remanecente de 180 milhões de quintaes (de 100 arrateis) de carvão de pedra, depois de satisfazer todas as suas precisões; e esta sobra representa o carvão que poderia tirar-se de 45 milhões de *arpentes* (ougeiras) de terra, do que se infere que a Inglaterra pode empregar todo esse terreno em outros usos.

A fim de obter com as materias primas o maior numero de productos possivel, he precizo que a industria esteja em proporção com a quantidade de materias que a natureza dá, e que o trabalho da fabricação se não reparta entre demasiados individuos. Os tecidos de linho, de lã, de seda, e de algodão são aquelles cuja fabrica offerece mais recursos. Em Inglaterra os beneficios deste commercio formão os dois terços, e em França metade, dos beneficios da industria. Depois dos tecidos vem as bebidas, especialmente as espirituosas: as bebidas em Inglaterra formão o terço do valor das materias sobre que se exercita a Industria; em França não forma mais de hum oitavo.

As maquinas tem augmentado as forças do homem, e diminuido por conseguinte de hum modo notavel os gastos da producção. Em Inglaterra ellas representão a força de 2.321,500 cavallos; em França a de 1,785,500; na Prussia a de 914,985. Na industria tem o trabalho de hum cavallo sido calculado equivalente, por hum termo medio, ao

de cinco homens; do que resulta portanto, que as maquinas tem substituido doze milhões e meio de operarios em Inglatterra, oito milhões e meio em França, e quatro e meio na Prussia. Em Inglaterra o sustento de hum Cavallo custa acima de dois *acres* de terra (ou 43,560 pés quadrados); as maquinas por conseguinte tem economisado á Inglaterra 4 milhões de acres de terra, tres milhões e meio de *acres* á França, e hum milhão e quatro quintos á Prussia.

A fabricação não augmenta mais que de hum terço ao muito o preço dos productos manufacturados (huns por outros). Em França avalia-se em 1820 milhões de francos o valor total dos objectos fabricados, e em 1300 milhões o das materias empregadas: em Inglaterra os productos sobem a 3775 milhãos de franços, e as materias empregadas a 2850 milhões.

Quasi todos os productos fabricados são objectos de commercio: Mr. de Malchus calculou que sobem a perto de 48 milhões de francos em huma povoação de 108 milhões de individuos. As mercadorias sobre que girão as transações do commercio Europeo segundo a população actual devião fazer subir esta avaliação a 50 milhões. O undecimo desta somma se applica ao commercio exterior, e a Grã-Bretanha partecipa delle quatro nonos, a França hum quinto, a Austria hum vigessimo oitavo, a Prussia hum setimo, e a Russia hum décimo Os principaes artigos deste commercio consistem em productos, fructos, tecidos, e bebidas. He pena que Mr. Schoen não tenha entrado em algumas individuações sobre a importancia respectiva da exportação e importação dos principaes povos commerciantes.

Não pode prosperar o commercio senão quando ha meios abundantes de transporte e de communicação: em todos os paizes civilisados se notão sensiveis progressos no que respeita á facilidade e presteza dos transportes ou conducções. O espaço

occupado pelos caminhos artificiaes pode avaliar-se por milhas quadradas: na Grã Bretanha em 2 e meia leguas de posta Alemãs (leguas maiores que as nossas); em França em 1,86; em Baden 1,92; em Wurtemberg 1,76; em Baviera 1,32; na Prussia, 0. 52 &c.

Os resultados da construcção de caminhos de ferro são da mais alta importancia; estes diminuem as despezas de transporte de 8, e nove decimos, visto que nestes caminhos hum cavallo puxa huma carga de 135 quintaes (de 100 arrateis), ao passo que nos caminhos calçados de pedras não pode puxar mais de 15 quintaes. Os canaes reduzem as despezas de transporte a 1 e hum quarto, visto que hum cavallo pode puxar huma carga de 484 quintaes que conduz hum barco pelo canal em que o cavallo o puxa.

No espaço de 50 annos tem gastado a Inglaterra 32 milhões de libras (ou 320 milhões de cruzados) em construcções de estradas e canaes, e nunca o dinheiro produzio tanto como o que se tem empregado nestas emprezas.

O melhoramento das estradas tem contribuido para accelerar todas as communicações. Em 1776 não sahião de Paris para as Provincias mais que dez coches de viagem, carregados cada hum, termo medio, com 10 pessoas; agora sahem diariamente (huns dias por outros) 533 viajantes. — Em 1754 chegou de Manchester a Londres hum coche, ou diligencia, em quatro dias e meio; agora faz-se o mesmo caminho em 27 horas. A diligencia de Paris a Bordeos (148 leguas Francezas) empregava neste transito 222 horas, e hoje só gasta 70 horas. As cartas em outro tempo chegavão de Paris a Bordeos em 86 horas, a Brest em 87, a Tolosa em 100; agora chegão a Bordeos em 45 horas, a Brest em 37, e a Tolosa em 72.

Entre outras muitas vantagens immediatas, produz o augmento das forças motrizes huma eco-

nomia de hum quarto de tempo anteriormente empregado nos transportes. Ora bem, calculando sobre hum caminho de 13 milhas de extensão frequentado por 24$ homens e 73$ cavallos, resulta hum capital de 80$ francos, de modo que hum caminho de 33 leguas produz o juro de hum capital de 2 mil milhões de francos a 4 por cento.

A riqueza real de huma nação determina-se pela repartição entre os individuos que a compõem das riquezas de toda a especie que possue em materias primas, productos, e numerario. Grande numero de Economistas occupão-se em calcular a renda que provem da agricultura e da industria das Cidades; dividem a somma total destas duas especies de rendas pelo numero dos habitantes; e dão-nos o quociente como a parte de cada individuo. Porém o estado verdadeiro das couzas não corresponde de modo algum aos resultados de seus calculos: não ha dados exactos a respeito da repartição da riqueza senão em Inglaterra e França. Neste ultimo paiz resulta dos calculos recentemente feitos, que cado individuo (huns por outros) pode assegurar-se huma renda diaria de 54 centimos (86 reis); mas he evidente que 152$ pessoas gozão cada huma de huma renda diaria de 16 francos e 94 centimos; 150$ de 6 fr. 85 centimos; 150$ de 2 fr. e 71 centimos; 400$ de 1 fr. 64 centimos; 400$ de 1 franco e 10 cent.; 1 milhão de 96 centimos; 200$ de 82 centimos; 2 milhões de 69 centimos. Total 6,252$ pessoas, cuja renda passa do termo médio, em geral de 54 centimos; a da grande maioria da nação deveria por conseguinte ser inferior ao termo médio. Resulta de hum documento official, que 3,400$ pessoas não tem cada huma mais de 52 centimos por dia; 7500$ não tem mais de 41 centimos; e outros 7,500$ não tem mais de 33 cent.; finalmente outros 7,500$ não tem mais de 25 centimos.

A desigualdade na repartição das riquezas pro-

duz a pobreza. Geralmente se admitte que o decimo da população Européa he pobre; porém nos paizes mais civilizados ainda he maior a indigencia. Calcula-se que na Suecia os pobres mendigos compõem tres quartos de hum por cento da população, ou 7500, pobres por cada milhão de habitantes (e tem hoje perto de 3 milhões, e com a Norwega vem a ter 4); na Norwega andão os pobres por 3 por cento; na Dinamarca 4; na Italia 13 nos Paizes-Baixos 14; em França 14; na Grã-Bretanha 17 no geral, e só na Inglaterra 40. Em alguns Condados d'Inglaterra o numero dos pobres sobe a 63 por cento. Succede com frequencia que a contribuição para pobres absorve trez quartos da renda das terras. Esta enorme contribuição só do anno de 1812 a 1824 augmentou 137 milhões e meio de francos, (ou 53 milhões de cruzados!) e justamente nos Condados mais florecentes he onde ha mais miseria (bem como ha mais opulencia em muitos de seus habitantes.) Em Londres diariamente se espalhão pelas ruas da Cidade 23 mil individuos pouco mais ou menos, que carecem de meios conhecidos de subsistencia, e se entregão a huma mendicidade systematica, ou a praticarem astucias e roubos para com qualquer pessoa que se descuida. Em Liverpool em cada 3 individuos ha hum pobre. — Em 1823 soccorrêrão-se em Paris mais de 95$ pessoas nos estabelecimentos de beneficencia, ou pelas casas. Na mesma época, de 49,935 familias de Berlim havia 12,087 impossibilitadas de pagar as contribuições municipaes. Desde 1822 até 1826 duplicou-se em Berlim o numero dos mendigos. Em Colonia a Communidade (ou Camara) teve de manter em 1820 não menos de 10,896 pessoas, que vem a ser a quinta parte da sua população. (Por isto se vê que em Portugal, sendo muita a gente pobre, os mendigos, ou dependentes de esmolas, são em muito menor numero que em outros paizes que passão por mais civilizados, o que vai de acordo com a regra que o A. aponta.)

A maior parte dos Escritores attribuem a pobreza ás restricções que as leis põem á transmissão das propriedades e á liberdade industrial. M. Schoen, sem desprezar a influencia destas causas de pobreza, não as admitte como causas exclusivas da que abunda na Europa. Ao exemplo da Inglaterra oppõe o dos Paizes-Baixos e o da França, onde reinão a liberdade illimitada da industria e a igualdade no systema de successões. Contão-se em França 4,300$ propriedades, 8$ das quaes são de 9,600 alqueires de Lisboa; 90$ de 2,264 alqueires; 200$ de 1280 alqueires, 600$ de 664; 3,400 de 120 alqueires; e a pezar disto existe em França a mendicidade. Reassume o A. o seu parecer nesta proposição pouco favoravel á nossa industria, e he que o augmento progressivo do numero de pobres está em razão direita da actividade da industria; e poderia acrescentar-se que tambem o está em razão de hum augmento de população não proporcionada aos recursos das Nações. Em apoio da sua opinião, que excita as mais serias reflexões, invoca Mr. Schoen o exemplo da Antiga-Marca, Provincia Prussiana. Desde 1750 até 1801 augmentou a população em 40$ individuos; porém diminuio o numero dos do campo, observando-se ao mesmo tempo notavel augmento nas classes industriaes, e outro de 10,700 mendigos.

(No seguinte N.° daremos em outro Artigo a restante informação deste interessantissimo trabalho de Mr. Schoen.)

BELLAS ARTES.

Noticia do que he Panorama, Cosmorama, Diorama, e Georama.

Panorama. Esta palavra, formada de duas

palavras Gregas, significa *vista do todo*, ou golpe de vista que abrange tudo o que se pode com elle alcançar. Deo-se este nome a hum vasto quadro circular em que o espectador vai vendo todo o seu horizonte, sem achar limite algum, encontrando a mais completa illusão dos olhos. — O panno em que assentão as cores está posto nas paredes de huma torre de trezentos pés de circunferencia. No centro deste edificio se eleva huma plataforma ou tablado circulado de huma balaustrada, e destinado a receber os espectadores; o tecto disposto em forma de hum cóne, ou pão d'assucar, voltado para cima o fundo, deixa passar a luz por hum boraco redondo. Huma especie de guarda-sol faz sobre os espectadores huma sombra firme, bem como sobre os corpos que lhes ficão ao pé, ao passo que a luz cahindo a prumo sobre a pintura, illumina tudo quanto ella representa, aviva os ceos, as arvores, as pessoas, e até os diversos aspectos do Norte, Sul, e Oriente, por meio do engenhoso transtorno dos quatro pontos cardeaes no interior do edificio.

A primeira impressão que se sente ao entrar em hum Panaroma he a de huma vista immensa, e confusa, todos os pontos da qual se offerecem a hum tempo sem ordem á vista deslumbrada; mas todos estes objectos vão pouco a pouco tomando a sua respectiva situação, e a illusão se torna completa.

O descobrimento dos *Panoramas* foi levado a *França* no anno 7.º da Republica (1799) pelo Americano *Fulton*, que não he o primeiro inventor delles. Esta invenção deve-se a *Roberto Barker*, natural d'*Edimburgo*, e pintor retratista; facto que se acha verificado pela carta de privilegio de invenção que lhe foi concedida por este invento em 19 de Junho de 1787. Porém só quatro annos depois he que elle abrio em *Londres* o primeiro Panorama, que representava huma vista desta Cida-

de. A applicação mais feliz e em ponto maior que delle se tem feito deve-se a hum pintou Francez de paizagem por nome *Prevost*, que pintão em primeiro lugar o quadro de *Paris*, que o deo a conhecer. De então pordiante, elle executou mais dezesete quadros, nos quaes se vio aperfeiçoar-se o seu talento cada vez mais, chegando a final áquella maturidade além da qual he difficil imaginar couza superior. Entre os seus Panoramas successivos, os mais notaveis são os de *Roma*, *Napoles*, *Amsterdam*, *Tilsitt*, *Wagram*, *Antuerpia*, *Londres*, *Jerusalem*, e *Athenas*. Sempre fiel imitador da natureza, hia copiar nos proprios lugares os quadros, que depois apresentava com rara perfeição. Na intenção de reproduzir os lugares mais célebres da *Grecia* e da *Asia*, embarcou em 1817 com Mr. *Forbin*, e a esta viagem se devem os dois bellos Panoramas de *Jerusalem*, e *Athenas*. Occupava-se em pintar o de *Constãtinopla*, quando huma defluxão no peito, que lhe sobreveio quando pintava o Panaroma de *Athenas* o arrebatou á vida em 9 de Janeiro de 1823, em idade de 59 annos. Poucos pintores tem sabido com tanto talento como elle produzir os differentes aspectos do campo, e figurar no panno com tão maravilhosa exactidão a natureza em todas as suas particularidades, e debaixo de todas as suas formas. Nunca a illusão tinha sido levada tão longe. O que distingue os seus Panoramas são huns ceos com tal fundo que o espectador não pode calcular as suas distancias; huma côr admiravel, huma perfeita harmonia, huma simplicidade magestosa se vião espalhadas em suas composições, e lhe davão o caracter do verdadeiro bello. Sua maneira varía segundo os objectos, ou as situações que elle representa. Assim, o ceo ou atmosfera de *Tilsitt* não he o de *Jerusalem*, ou o de *Athenas*; o aspecto nebuloso de *Londres* forma hum contraste com o de *Napoles*. Não ha sitio até a planicie de *Wagram*, em que o fumo da ar-

tilheria, e do incendio de varias aldeias que estão a arder, perfeitamente se não distingão, bem como as nuvens que girão pela atmosfera, e os vapores que indicão o curso remoto do Danubio. Nunca a exactidão he sacrificada ao effeito, e procura ser attendido só pela verdade do quadro. Hum dos seus talentos foi o escolher para o ajudar em seu trabalho, que sua extensão lhe não permittia executar por si só, artistas cujo mérito estava em harmonia com o seu. Basta nomear Mrs. *Bouton* e *Daguerquerre*.

Duas grandes authoridades abonão estes elogios. He bem sabido que visitando o célebre Pintor *David* hum dos primeiros Panoramas de *Prevost*, disse aos discipulos: " Meus Senhores, aqui he que se deve vir estudar a natuleza." — O Visconde de *Chateaubriand* manifesta igualmente a sua admiração no *Conservador*, e no Prefacio do seu *Itinerario a Jerusalem* para a edição das suas Obras completas, dizendo: " Temos visto em *Paris* os Panoramas de *Jerusalem* e de *Athenas*. A illusão era completa: eu reconheci no primeiro relance todas as montanhas, todos os lugares, e até o pequeno pátio em que se acha o quarto que eu habitára no Convento de S. Salvador. Nunca viajante algum se vio posto a tão dura prova. Eu não podia esperar que se transportasse *Jerusalem* e *Athenas* para *Paris*, para me convencerem de mentira ou de verdade. «

Os dois Panoramas que depois apparecêrão em *Paris*, as vistas do *Rio de Janeiro* e de *Constantinopla*, forão pintados por Mr. *Rouemi*, pelos desenhos de *Prevost*.

O *Cosmorama*. Esta he outra maneira de recreio visual, por meio de varios effeitos de Optica e de luzes dispostas com arte, fazendo-se apparecer em grandeza quasi natural vistas pittorescas, desenhadas a aguarella ou colla. Os inventores deste espectaculo apresentavão cada anno varios sitios

os mais curiosos das diversas partes do Mundo. O *Cosmorama* he hum espectaculo tão agradavel como instructivo para os viajantes, artistas, e curiosos das Bellas Artes.

O *Diorama* — he hum espectaculo de nova especie tambem dado por meio da Pintura, e estabelecido por dois distinctos pintores Francezes, *Bouton*, e *Daguerre*. Apresenta no centro de huma salla em forma de rotunda á vista dos espectadores os grandes fenómenos da natureza, huma Cidade, huma situação pittoresca, o interior de hum edificio Gothico, &c.

Por meio de diversos artificios, e pelos effeitos da perspectiva, e do claro escuro, tratados por huma habil mão, he a illusão completa. A salla he movel sobre hum madeiramento, como hum moinho de vento, de sorte que em vez de se moverem os qnadros que successivamente se desenrolão á vista dos espectadores, são estes os que se sentem levados de hum a outro quadro. O *Diorama* abriose em *Paris* a 11 de Julho de 1822, pela exposição do quadro do *interior da Cathedral de Cantorbery* (ou *Cantuaria*), pintado por *Bouton*, e do *Valle de Sarnen*, pintado por *Daguerre*. Depois disso os dois Pintores apresentárão o *Porto de Brest*, o *interior da Igreja de Chartres*; o *interior da Capella de Holy-Rood* (em *Londres*); o *Porto de Santa Maria*, a *Cidade de Ruão*, &c.

O *Georama* he huma invenção nova e muito engenhosa, mui apta a facilitar o conhecimento da Geografia. Daremos a descripção desta bella maquina. — O *Georama* (ou *vista da Terra*) he huma esfera ôca de 40 pés de diametro, formada pela reunião de 36 barras de ferro verticaes, que representão os parallelos e os meridianos, e coberta de hum pano azulado, destinado a fazer passar a luz, e a representar os mares e os lagos. As terras, as montanhas, e os ricos, são pintados com muito cuidado em papel pegado neste pano. Os dois

Polos achão-se situadoa, como nos Mappamundos, nas extremidades do diametro vertical da esfera. Ao redor deste diametro vão duas escadas de caracol que acabão em tres pequenas galerías circulares, collocadas humas acima das outras, de modo que o espectador pode á sua vontade aproximar-se aos pontos que quer examinar. Esta disposição tão commoda como engenhosa deslumbra a vista ao principio; a grandeza do azulado véo que representa os mares, a irregularidadè das massas de terras que interropem a sua monotonia, a novidade da situação, tudo concorre para lançar o espectador em huma especie de pasmo e hesitação, de que em breve vai sahindo, á medida que vai conhecendo, posto que em posição inversa, as partes do Mundo que está costumado a ver nos Globos.

He escusado fallar do trabalho que foi preciso ao author desta bella invenção, Mr. *Delanglard*, para reduzir a huma só escala as Cartas de todos os paizes, e quanto cuidado poz em indicar, quanto lhe foi possivel, os mais modernos descobrimentos. Mas não se deve passar em silencio a attenção que deo á execução dos seus desenhos; o realce das montanhas he exprimido por sombras mais ou menos prolungadas: os rios por linhas de côr mais pálida; os volcões em combustão, por huma côr vermelha de fogo. Todas as divisões análogas (e bem se pode imaginar quanto ellas são numerosas, pois que a França mostra os nomes dos seus Departamentos, e de suas terras capitaes) são designadas por letras simillhantes. Evitou-se toda a confusão nas partes em que as palavras se cruzão, por meio da grandeza das letras; e a igualdade de grandeza pelo modo como se formárão os grossos dellas.

Entre nós a Pintura, adiantada em execução, está longe de nos dar exemplo destes quadros, que demandão saber e estudos que os nossos Artistas ainda cultivão pouco fora do necessario á commum pratica da sua Arte.

LISBOA 18 de Março de 1835.

Noticias Politicas.

Negocios do Banco de França. — O seguinte he o summario do Relatorio feito pelo Conselho Geral do Banco de *França* por meio do Conde d'Argout seu Governador, em huma recente reunião geral dos Accionistas: — Durante o ultimo anno a confiança publica se vigorou muito, e em consequencia disso augmentou o commercio. Os dividendos do interesse das Acções do Capital do Banco em todo o anno de 1833 forão 66 francos por Acção, aos quaes se ajuntárão 3 francos que ficárão em reserva fazendo hum total de 69 francos. Os Dividendos do anno de 1834 subirão a 80 francos, ou augmento de mais de huma oitava parte de lucro. Os descontos, que em 1832 forão 150:723$000, e em 1833 — 240:289$000 fr. subirão em 1834 a 306:603$000 fr. sendo mais do dobro dos de 1832, e excedendo hum quinto aos de 1833. Forão por conseguinte os lucros na mesma proporção augmentando progressivamente de 1:034$000 francos, a 2:020$800 fr. O Projecto se estende hum pouco sobre letras não pagas. No fim dos primeiros 6 mezes de 1830 subio esta parcella só a 73623 francos e 2 centimos; mas pouco depois dos dias de Julho subio a 4:316$740 fr. e 34 centimos, e em 1831 subio a 6:341$498 fr. e 46 cent., com tudo já nos annos de 1832, 1833, e 1834, passárão sem augmento neste ponto, e no decurso destes annos os esforços dos directores os tinhão habilitado a recuperar desse deficit sommas que sobem a 4:267$577 fr. e 20 centimos, deixando ainda hum Balanço de 2:076$921 francos, e 26 centimos. — O numero de contas correntes em 1834 foi 624:636, e a sua

somma 908:599$400 francos, somma maior que em nenhum tempo anterior desde o estabelecimento do Banco. A somma total do dinheiro que passou pelo Banco durante o ultimo anno foi 7:694:896$000 francos, sendo 185:151$000 francos mais que no anno de 1833. O máximo dos fundos dos cofres do Banco durante o anno passado foi 180:814$600 francos, e o minimo 119:804$000 francos, mas esta ultima quantia foi só por pouco tempo. — O máximo das Notas do Banco em circulação era de 222:284$000 francos, e o minimo 192:358$000 fr. Disse mais no Relatorio que fora as Notas emittidas pelo Banco desde o tempo da sua instituição, que montão a 1:208:900$000 francos, se havião recolhido e cancellado Notas do valor de 956:000$000 de francos, ficando ainda de fora Notas do valor de 252:500$000. Dstas ultimas, 39:543$500 francos só por si erão antigos Bilhetes, 61:424$000 francos são em Bilhetes duplicados, e 151:532$500 francos nos Bilhetes novos que se principiárão a emittir em Setembro de 1831. Além das Notas na importancia de 338:000$000 emittidas pelo Banco nos primeiros 15 annos de sua existencia, ficavão só de mais 6000:000 francos a maior parte dos quaes se pode considerar como totalmente perdida ou destruida, e por tanto sem probabilidade de ser jamais apresentada para pagamento. — Quanto a Notas falsas tinha-se verificado durante os 32 annos do Banco que ellas não havião passado de 80:000 francos, parte das quaes tinhão sido paga pelo Banco para o habilitar a persiguir em justiça os falsarios, e limitar esta especie de fraude. As 67,900 Acções de Banco estavão no fim do anno passado nas mãos de 3,876 donos. A somma total das transacções do Banco, nesse anno foi de 7:694: 896$151 francos; a saber, em Notas 4:080:676$500 francos; em dinheiro 640:981$474 francos; em *Checks*, ou saques 2:873:238$177 francos. — Para destruir todo o receio de augmen-

to na despeza do estabelecimento expoz-se o seguinte: Em 1829 forão estas despezas 952,105 francos, e 40 centimos. Em 1830, em razão da crize, subirão a 1:021$012 francos e 56 centimos. Em 1831 descêrão a 963$743 francos e 41 centimos. Em 1832 baixarão 930$961 fr. e 33 centimos. Em 1833 forão 914$573 fr., e 90 centimos, e em 1834 não passárão de 906$476 fr. e 81 centimos. (*Globo de 12 de Fevereiro.*)

Londres 13 *de Fevereiro.* — *O Courier Français* diz o seguinte: » Tem-se fallado ha algum tempo de largos desarmamentos no Exercito da *Austria*: nós temos recebido algumas informações a este respeito. O desarmamento não he geral, mas só se applica a hum ou dois corpos estacionados na *Italia*, e se refere á promessa feita pelos *Francezes* de evacuarem *Ancona* no principio da Primavera. O desarmamento não terá lugar nas tropas Austriacas na fronteira da *Suissa*, nem na força Prusiana no *Luxemburgo*. Dos soldados Austriacos se mandárão 60:000 para suas cazas, e dos Prussianos metade deste numero; mas he tão admiravel o systema da Prussia, que bastão 20 dias para chamar estes homens aos seus respectivos regimentos. O motivo principal destas medidas he a economia, e ellas forão communicadas officialmente há poucos dias a Mr. de *Rigni* pelo Embaixador da *Austria* e pelo Ministro da *Prussia*; elles ao mesmo tempo convidárão a *França* a seguir o exemplo dado; mas deo-se-lhe em resposta, que ainda que o exemplo havia de ser seguido quanto fosse possivel, com tudo o estado interior da *França* não era tal que permittisse alguma diminuição avultada no exercito. »

Segundo alguns dos papeis Francezes corria em *Rheims* o boato de que o Cardeal *Latil*, Arcebispo daquella Diocese, e Confessor de *Carlos X*, tinha chegado clandestinamente áquella Cidade ha pouco, e estava esperando no seu Palacio Ar-

quiepiscopal o effeito que produziria a noticia da sua chegada primeiro que se apresentasse em publico.

Cartas de *Toulon*, datadas de 5 do corrente dizem que naquelle porto se estavão aprompiando os transportes para levarem a *Africa* 2,000 homens e 80 Officiaes: esta tropa dizem se destina a tomar posse á força de *Belida*, e tambem a obrigar *Abellel Kader* a pagar tributo á *França* pela protecção que lhe dá.

Segundo noticias da *Italia* de 20 de Janeiro parece que as Tropas Austriacas hão de no 1.° de Maio evacuar as posições que tem tido até agora nos Estados Romanos, e que por esse tempo hãode ao Francezes tambem sahir de *Ancona*.

Londres 14 *de Fevereiro.* — O *Mensageiro das Camaras* (de *Paris*) fallando das communicações dos Governos de *França* e *Austria* a respeito da *Suissa* aponta o seguinte, extrahido da *Gazetta Suissa*: " Estamos com receio por Mr. de *Rurrigny* haver declarado que quasi tinha certeza de que iria para *Napoles* em lugar do Conde *Sebastiani*, como Ministro da *França*. Como he mui provavel que a *Inglaterra* e a *França* se aproximem ás Cortes de *Alemanha*, e adoptem as vistas destas á cerca da *Suissa*, he impossivel que Mr. de *Rumigny*, que tem sido atéagora o apoio do radicalismo, e o representante dos principios da Revolução de Julho, *que está agora a dar o ultimo suspiro*, houvesse de mudar o seu systema politico, e dar hoje lições de moderação, justiça, e direito das gentes a pessoas cujos principios radicaes elle hontem sustentava. « — *(Mensageiro de* 12 *de Fevereiro.)*

Idem 16 O *Jornal de S. Petersburgo* traz o seguinte Artigo:

" *Persia.* — *Teheran* 22 *de Dezembro.* — Poucos dias depois da morte de *Feth-Ali-Schah*, tendo-se *Mohammed Schah* feito reconhecer, em *Te-*

heran, *Ali-Aderbsban*, como legitimo successor de seu Avô, resolveo-se a marchar com hum corpo de tropas a *Teheran*, onde o Sultão *Zilli*, hum dos seus tios, se tinha estabelecido, e parecia disposto a disputar-lhe o throno. Este movimento, executado com rapidez, desbaratou os planos dos oppositores do joven Rei. Entre as tribus bellicosas, bem como entre os mais distinctos individuos, forão cedendo os Chefes huns depois dos outros, de modo que o poder de *Mohammed Schah* foi augmentando, e o seu principal competidor se vio privado dos meios de sustentar as suas pretensões, achando-se portanto na necessidade de se submetter, e de recorrer á clemencia do novo Soberano. Foi no dia 16 de Dezembro que o Rei, estando ainda em *Kasbin*, recebeo do Sultão *Zilli* huma deputação que lhe implorava o perdão, e o Governo de huma Provincia para o mesmo Sultão. — O Rei parecia inclinado a conceder o que o Principe pedia; eis-que na manhã de 18 se recebeo huma relação, em que *Kadshar Mohammed Boger Can*, irmão de *Assifu Dreulet*, annunciava que á noticia da feliz chegada do Rei a *Kabin* elle havia reunido as tropas do seu commando, e resolvido aprisionar *Zilli Sultão* e oito ou nove dos seus mais notaveis individuos; que já tinha prendido o Vizir e os mais influentes servidores daquelles Principes, e tinha então immediatamente tomado medidas para manter o socego da Cidade; em consequencia das quaes não só não tinha havido movimento algum, mas toda a população estava esperando com a maior impaciencia pela chegada de S. Mag. Estas favoraveis noticias accelerárão a marcha do Exercito. No dia 20 de Dezembro pela manhã foi o Rei ao acampamento da vanguarda a meia *farsunga (legua da Persia)* de *Teheran*: passou revista ás tropas, e agradeceo aos soldados a coragem e zelo com que tinhão supportado as fadigas da marcha. Foi S. M. por toda a parte saudado com vivas, e

com as mais energicas expressões de alegria, e seguranças de fidelidade. No dia 21 deixou *Mohammed Schah* o campo, e passou ao Palacio de *Nigaristan*, situado fóra da Cidade, onde fez sua residencia. S. Mag. montou a cavallo *á hora marcada pelos seus Astrologos*. Tendo huma salva de artilheria annunciado a partida do Rei, continuou o prestito na ordem seguinte: — Adiante do Monarca hia huma banda de Musica, hum destamento de cavallaria *com foguetes de Congreve*, e outro destacamento que escoltava os Estandartes; vinhão depois os varios criados de pé da Corte em esplendido uniforme, e alguns criados particulares: a artilheria a pé tinha partido algum tempo antes, e se tinha postado em forma perto do Palacio. Montava o Rei hum formoso ginete, cuja sella e mais arreios erão cravejados de pedras preciosas. Os Embaixadores da *Russia*, e da *Inglaterra* com a sua comitiva seguião-se apoz o Rei. O Vizir, o *Schah Zadehs*, e immenso numero de cavallaria fechavão o cortejo. Tinhão-se postado ao longo do caminho em intervallos outros *Schah-Zadehs*, nobres *Kadschars*, e outras pessoas de distincção. As authoridades civis esperavão S. Mag. em differentes estações, para sacrificarem, quando o Rei hia passando, camellos, bois, e carneiros, apresentarem doces, e quebrarem garrafas cheias de licores e adornados com flores. Chegado ao Palacio, tomou o Shah o seu assento em hum throno ricamente adornado de joias, e deo solemne audiencia, a que forão admittidos e tiverão a honra de congratular S. Mag., os Embaixadores da *Russia*, e d'*Inglaterra*, e os Principes e Grandes do Reino. — Leo hum *Molláh* a oração, proclamou *Shah Mohammed* como *Padishad* de toda a *Persia*, e invocou as bençães do Ceo sobre elle. Quando se pronunciava o nome do Shah todas as pessoas presentes fazião profunda inclinação.

» Logo que se acabou a oração retirou-se o

Principe, e findou a audiencia. Assim se concluio este memoravel dia, que segura á *Percia* a continuação da sua tranquillidade, ha pouco ameaçada com todos os horrores da guerra civil. A submissão do Sultão *Zilli*, o mais poderoso dos oppositores de *Mohammed'Shah*, dá motivo para esperar que a authoridade deste Principe sera reconhecida agora sem obstaculo no resto do Reino. Na marcha de *Tabriz* para *Teheran* os Embaivadores da *Russia* e da *Inglaterra* andárão sempre em companhia do Rei. Ambos os Embaixadores obrárão em completo acordo, e não cessárão de dar ao joven Monarca o mais efficaz apoio, e de offerecer á Nação Persa hum seguro penhor da identidade da politica das duas Potencias, cujo unico objecto he segurar o socego interior debaixo do sceptro do Principe que o fallecido Shah tinha escolhido por seu successor. »

Globo. Londres 16 *de Fevereiro.* — *Commercio entre a Austria* e a *França.* — Achamos no 1.º N.º do novo Periodico publicado em *Trieste* com o titulo de *Giomale del Lloyd Austriaco* as seguintes interessantes particularidades do commercio entre a *Austria* e a *França*: No anno de 1832 o valor de productos Austriacos importados para *França* foi de 34 milhões de francos, e a exportação de *França* para a *Austria* foi só de 7 milhões e 400 $ francos. Houve por tanto hum balanço de 26 milhões a favor da *Aastria*, e nos quaes cumpre notar que os artigos exportados da *Austria*, com mui poucas excepções, forão de seus proprios productos e de sua fabrica, e mais de metade dos artigos impostados de *França* meramente passárão por *Trieste* para outros paizes.

Idem 18. A *Gazeta de Augsburgo* traz o Artigo seguinte:

» *Turim* 31 *de Janeiro.* — Depois que *Berne* veio a ser *Vorort* (Séde do Governo) da *Suissa* tem havido novo susto a respeito das tramas

que os refugiados politicos na *Suissa* tem renovado, e procurão fomentar aqui. Tem-se adoptado medidas severas nas fronteiras, e são rigorosamente observadas as regulações sobre passaportes. Positivamente se affirma que outra vez se observão os signaes que precedêrão a anterior expedição á *Saboia* (pelos taes refugiados e outros seus parceiros), e que tem tido lugar simílhantes conferencias em *Lyão*, que he o fóco da Propaganda do Sul. — A grande actividade porque se fazião notaveis os fabricantes de *Lyão* antecedentemente, parece hoje ter esfriado de todo, em consequencia dos elementos volcanicos que se tem accumulado naquella parte do paiz. O exaltado espirito revolucionario tem substituido a energia manufactureira que em outro tempo animava aquella Cidade. Aqui se dizem couzas dalli tão estranhas, que se metade dellas fossem fundadas em factos, isso bastaria para pôr prohibição ás communicações com *Lyão*. Diz-se que a amnistia tão reclamada pelas Camaras e pela Imprensa de *França* foi recusada pelo Governo porque este tinha conhecimento de factos que tornavão necessaria a continuação de medidas de rigor. Provas disto dizem se descobrírão contra varias pessoas dos prezos politicos, que parece não se limitavão a projectos de mera opposição, mas não tinhão hesitado em procurar mais de hum *Louvel* (o assassino do Duque de *Berry*) no Sul da *França*. Era portanto importante a *Luiz Filippe* empecer estes fanaticos de fazerem mal. «

Idem 19. O Conde *Medem* he o Ministro destinado a fazer as vezes do Conde *Pozzo di Borgo* em *Paris* como Ministerio da *Russia* A *Gazeta de Augsburgo* diz delle o seguinte: » O Conde *Medem*, Chefe da Embaixada Russiana em *Paris*, tem 36 annos de idade, e pertence a huma das mais distinctas familias da *Curlandia*. Fez seus estudos na Universidade de *Gottinga* tem hum ar pacato, e extensos conhecimentos; he de caracter indepen-

dente, mas não obstante a sua politica situação, conserva relações de amizade com os seus antigos amigos em *Varsovia* que hoje se achão refugiados em *Paris* Quanto ás suas opiniões politicas, pode considerar-se como hum verdadeiro representante do partido conservador, e dedicado á *Russia.* «

P. S. As folhas de *Londres* de 27 de Fevereiro até 4 de Março pouco adiantão em noticias, não tendo havido couza notavel no Norte da *Hespanha*, cujos periodicos chegados de *Madrid* até 13 tambem não avanção noticia de ponderação, vendo-se que tem sido inexacta a noticia de huma grande acção na *Navarra* nos fins de Fevereiro, sendo a de *Ziga* a ultima que tinha havido de consideração em Fevereiro, e cuja relação Official em data de 13 do mesmo mez, apenas se publicou em *Madrid* a 8 do corrente.

A *Revista Hespanhola* de 13 de Março diz que a correspondencia geral (do Correia) que sahira de Burgos para *Santader* no dia 4 fôra roubada pelos facciosos em *Puente*: e que o mesmo acontecêra ao correio que vinha de *Santader* para *Burgos*, no dia 7 do corrente. — O mesmo periodico diz em datta de 12. » Do theatro da Guerra nada te tem sabido de importancia. Segundo as cartas que dalli se recebem, estão á espera dos reforços que lhes fazem tanta falta, para tomarem seriamente a offensiva. «

Este mesmo periodico annuncia o fallecimento do Imperador d'*Austria*. O novo Imperador parece não deixará de continuar a seguir a politica seu seu Augusto Pai, debaixo da direcção do Principe de *Metternich*, que ha mais de 25 annos tem sido a alma do Gabinete de *Vienna*.

ElRei da *Grã-Bretanha* disse á Deputação da Camara dos Communs, que lhe levára a resposta da Camara ao discurso da abertura da Sessão: — ” Sinceramente vos agradeço as seguranças que me dais nesta leal e respeitosa exposição das disposi-

ções que tendes a cooperar comigo em todos os melhoramentos, no intuito de manter as nossas instituições da Igreja e do Estado — Vejo com sentimento que não concordais comigo quanto á politica de appellar eu ultimamente para o bom senso do meu povo. — Eu nunca exerci, nem jámais exercerci, prerogativa alguma das que me pertencem, senão para o unico fim de promover o grande objecto para que ellas me forão confiadas — o bem publico; e tenho toda a confianca de que nenhuma medida conducente aos interesses geraes será arriscada ou interrompida em seu progresso pela occasião que hei dado aos meus fieis e leaes subditos de manifestarem as suas opiniões péla livre eleição de seus representantes no Parlamento. «

Errata. No N.° 9, pag. 206, lin. 27, He *natural*, leia-se, He *notavel.*

N. B. Assigna se para este Jornal a 1 $ 200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.°* 1; *da Rua do Ouro N.°* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *rs. cada Num.*

LISBOA:

Na Typ. de Luiz Maigre Restier Junior.
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XI.

Estatistica da Europa. (Conlcusão deste Artigo do N.° 10).

PElo que respeita á cultura do entendimento, as noções estatisticas publicadas por Mr. *Schoen* dividem-se em tres pontos, que comprehendem o ensino em seus differentes ramos, a leitura, e as Bellas Artes e Bellas Letras.

A instrucção elementar, ainda que he a mais importante, he comtudo a que se acha mais mal organizada na maior parte dos paizes quanto á extensão do ensino e aos methodos adoptados. As escolas do ensino mutuo tem produzido alguns progressos, mas não em toda a parte. Em *Dinamarca* estão organisadas por este systema mais de metade das Escolas publicas, a saber, de 4,100 Escolas 2,646 são por ensino mutuo; no Arquipélago Grego ha 23, e outras tantas no *Peloponeso.*

Em *França*, de 35,145 districtos 30,796 possuião Escolas em 1829. Frequentavão estas Escolas durante o Inverno 1,372,206 discipulos, e só 687,005 no Verão. De modo que no inverno tinha cada Escola 46 meninos, ou hum discipulo por ca-

da 23 habitantes; e no verão 22 discipulos por cada escola, e 1 discipulo por cada 46 habitantes. Em 1827, de 275,346 rapazes de 20 annos 12,159 sabião ler, 112,363 sabião ler e escrever, e 149,824 não sabião ler, nem escrever.

Ainda ha pouco tempo que havia em *Lôndres* 120$ individuos completamente ignorantes. Em 1818 havia em *Inglaterra* 4187 Escolas dotadas com 3 milhões de libras (ou 30 milhões de cruzados); 14;282 Escolas não dotadas, e 5,162 Escolas de Domingo, onde se ensinava a doutrina a 644,282 rapazes: assegura-se que frequentão agora estas escolas milhão e meio de rapazes de ambos os sexos. Em *Irlanda* não havia em 1811 mais de 4$ Escolas e 200$ discipulos; em 1824 subia já o numero das Escolas a 11,843, e o dos discipulos a 568$. Havia por tanto 41 discipulos por Escola, e 1 discipulo por cada 13 habitantes. Na *Escocia* ha bastante tempo que he mui brilhante a instrucção elementar: em 1696 decretou o Parlamento que cada Parroquia tivesse pelo menos huma Escola, e que os ordenados dos Mestres de taes Escolas não passassem de 28,000 reis (7 libras); acrescentárão-se algumas Escolas particulares, cujo numero subia em 1822 a 2,222; ao passo que o das Escolas Parroquiaes não passava de 942. A *Escocia* hoje conta 50 discipulos em 71 habitantes.

No Reino da *Prussia* em 1825 havia 21,633 Escolas elementares, 24,989 Mestres, e 1,664$ discipulos: havia por conseguinte 54 discipulos por Escola, 48 para cada Mestre, 1 por cada 7 habitantes. Nas Provincias septentrionaes dos *Paizes-Baizes (Belgica e Hollanda)* contão-se 105 discipulos por Escola, e 1 por 12 habitantes. No Reino de *Baviera* ha 98 discipulos por Escola, e 1 por 8 habitantes.

Assegura hum periodico Inglez que desde 1789 até 1820 se tinhão estabelecido na *Europa* (sem

contar a *Dinamarca*) mais de 5,600 Escolas gratuitas; e desde 1820 até 1829 se terão creado mais 10,600, frequentadas por 4,700$ discipulos. Em *França* a instrucção primaria tem excitado de hum modo especial a attenção do Governo; desde 1829 tem se estabelecido 5$ Escolas novas, que augmentaráõ com 400$ o numero dos discipulos.

O ensino do segundo gráo he destinado principalmente ás classes médias: em muitos Estados elle se tem enrequecido com Aulas technicas, em que se applicão á industria os conhecimentos scientificos. O Reino de *Wurtemberg* já em 1813 tinha 260 destas Aulas frequentadas por 10$ discipulos; em 1823 tinha 324, a que assistião 14$ discipulos.

O ensino superior he o que mais tem prosperado na *Europa*, e daqui vem o inconveniente de exceder o numero dos *sabios* (ou dedicados as Sciencias) as precisões da Sociedade. Na *Russia* ha mais de 69$ individuos, 12$ dos quaes frequentão os Gymnasios e as Universidades. Em *Hespanha* de 635 habitantes só hum frequenta as Universidades e Gymnasios. No anno de 1829 havia em *França* 38 Collegios Reaes, 317 Collegios de Comarca, e mais de 1300 estabelecimentos particulares. — Na *Austria* (exceptuando a *Hungria*) ha 128 Gymnasios frequentados por 28$ discipulos; o que equivale a hum discipulo por 741 habitantes. Na Prussia ha 112 Collegios, e 23,767 collegiaes.

Garcel avalia em 104 o numero das Universidades que ha na *Europa*, e o numero dos estudantes em 70,235; donde resulta por termo médio 700 estudantes por cada Universidade, e 1 por cada 3000 habitantes; mas esta relação varía nos differentes paizes. Na Universidade de Cambridge em *Idglaterra* havia 5,104 estudantes no anno de 1828, e 5$ na Universidade de *Oxford*. Muitas Universidades de *Hespanha*, e Academias de estudo de

França não tem mais de 200 estudantes. Na *Austria* (á excepção da *Hungria*) havia na mesma época 17.896 estudantes, 1 por cada 1144 habitantes. Na *Prussia* não havia mais de 939 em 1820; em 1828 já havia 1934. Este paiz offerece huma prova do quanto he difficil empregar huma tão consideravel massa de sabios. O numero de Theologos Evangelistas tem duplicado nestes 10 ultimos annos; o de Theologos Catholicos tem triplicado: o dos Jurisconsultos tem augmentado hum quarto; o dos Medicos tem augmentado hum setimo. Em consequencia destes augmentos ha na Prussia 1 estudante por 442 habitantes; hum Advogado por 822; e hum Medico por 3660 habitantes.

A leitura completa a educação intellectual das Aulas, dos Collegios, e das Universidades. A *Europa* he de todas as partes do Mundo a que mais livros possue, e publica de continuo. He opinião, geral que ha nas Bibliothecas publicas, pelo menos 30 milhões de livros a saber: em *França* 6,400$; na *Alemanhã* 5,700$; na *Italia* 3,000; e nos outros paizes 15 milhões, de livros. He provavel tambem que as Bibliothecas particulares contenhão outros 30 milhões de volumes. As Bibliothecas que alugão livros, e as Sociedades ou Gabinetes de leitura offerecem grandes recursos para a leitura em geral. Em *Alemanha* andão por 10$ os Gabinetes litterarios: em alguns Estados formão-se Bibliotecas ambulantes, que se transportão mensalmente de terra em terra. Huma das Sociedades mais uteis que existem he a que fundou Lord *Brougham* em 1827: esta Sociedade tem distribuido aos milhares 56 Obras, cada huma das quaes forma huma especie de guia para hum ramo especial dos conhecimentos humanos.

O commercio dos livros tem augmentado em proporção do augmento das riquezas industriaes. Em 1805 avaliava *Wacher* em 7$ as publicações annuaes da Imprensa Européa, e hoje huma só

nação publica hum anno por outro igual quantidade. Diz-se que de 1814 a 1825 se publicárão em Alemanha 60$ escritos, calculo exagerado, que se deve reduzir a 45,574. Em 1828 imprimírão-se neste paiz 5954 manuscritos; em 1831 imprimirão-se 5;458; pode-se assegurar que de 6$ Alemães hum pelos menos publica algum livro.

Desde o anno de 1812 tem-se augmentado assombrosamente em *França* o numero de publicações litterarias. Em 1812 imprimirão-se 72 milhões de paginas; em 1822 imprimirão-se 96$ milhões; e em 1826 imprimirão 144 milhões. Em 1825 publicou a Imprensa Franceza 8,252 escritos, e 10,135 em 1826. Em todo o anno de 1831 não se publicárão mais de 5063 escritos. Pode calcular-se em *França* huma producção litteraria por cada 6$ habitantes. Como os livros Francezes se espalhão por toda a *Europa*, em que está mui generalizada aquella lingua, não he tanto de admirar a immensa quantidade d'obras que se imprimem, como na *Inglaterra*, na *Alemanha*, posto que a lingua Alemã he no Norte da Europa a mais vulgarisada.

Em 1827 não se publicárão na *Dinamarca* mais de 267 escritos (assim mesmo, com huma população menor que de *Portugal*, que differença em comparação deste!) isto he, 1 por 7$ habitantes. Os *Paizes-Baixos* publicárão nesse anno 740 escritos, que vem a dar 1 por cada 8$ individuos. Na *Grã-Bretanha* imprimem-se annualmente 1,500 Obras scientificas, além de 800 livros de toda a qualidade; isto he hum escripto por 10$ habitantes.

Observa-se em *França* hum augmento consideravel de Obras sérias: desde 1812 até 1826 subio a importancia dos escriptos impressos, a saber:

De Theologia ao valor de fr. 13,851,861 a 23,168,420
Industria, idem - - - - - 1,344,903 a 3,032,191
Historia, idem - - - - - - 12,934,831 a 46,545,727
Direito, e Sciencias Poli-

cas, id. - - - - - - - - - - - 7,833,205 a 18,603,495

O numero de Obras subio de 1825 a 1826,

Em Theologia de - - - - - - - - - - - - 586 a 946
Sciencias Naturaes, de - - - - - - - - 1,971 a 2,364
Historia, de - - - - - - - - - - - - - - 1,139 a 1,299
Direito e Sciencias Politicas, de - - - - 389 a 511

Pelo que respeita aos Periodicos, o seu numero, e o de seus subscriptores comparados com as populações, constituem duas bases para calcular o numero de pessoas affeiçoadas á leitura que ha em huma nação. Calculando assim, resulta: em *Roma*, 1 periodico por 51$ habitantes; em *Madrid*, 1 por 50$; em *Vienna* 1 por 11,338; em *Londres*, 1 por 10,600; em *Berlim*, 1 por 4,674; em *Paris*, 1 por 3,700; em *Stockholmo*, 1 por 2600; em Leipsik, 1 por 1,100; no resto do paiz segue a mesma proporção que as capitaes. Em *Hespanha* existe 1 periodico por cada 864$ habitantes; na *Russia* 1 por 674$; na *Austria* 1 por 376$; na *Suissa* 1 por 66$; em *França* 1 por 52$; em *Inglaterra*, 1 por 46$; na *Prussia* 1 por 43$; nos *Paizes-Baixos* 1 por 45$.

Em *França* he onde hum periodico isolado reune mais subscriptores; não succede assim quando se compara o numero destes com a população. Segundo o culculo de *Quetelet* ha em *França* 1 subscriptor entre 437 habitantes, em *Inglaterra* ha 1 por 134, e nos *Paizes Baixos* ha 1 por 100.

Em 1827 publicavão-se em *Paris* 179 Periodicos; 20 delles erão de Jurisprudencia, 17 de Sciencias politicas, 6 de Educação, 22 de Medicina, 28 de Industria, 5 de Musica, 3 de Modas, 2 de Sciencia Militar, 4 de Historia, 9 de Materias religiosas, 9 de Theatro, e 17 de Politica.

O acrescimo no numero de producções das Artes, e das Bellas Letras tem augmentado extraordinariamente a classe dos Artistas nesses paizes. Em *Hespanha* ha 5,849 artistas, 1 por 2,100 habitantes. Em *Inglaterra* orçava *Colqhoun* em 10$

o numero de familias de artistas, e seus rendimentos em 14 milhões de cruzados (ou 1,400$ lib.); resulta 1 familia de 357. Em 1830 havia em *Paris* 1523 Pintores e Desenhadores; 310 Gravadores; 480 Arquitectos e Escultores; 310 Compositores de Musica, e 1,525 Musicos. Nas expossições de objectos de Artes ha maioria numerica nas Obras de Pintura e de Lithografia.

Huma quarta parte das Obras Francezas impressas desde 1812 até 1826 pertence ás Bellas-Letras. Na feira da Pascoa (em *Leipsic*) de 1825 sahírão á luz em *Alemanha* 42 Dramas e 113 Novellas; na feira do S. Miguel 39 Poemas, e 188 Novellas. Antes de 1820 havia produzido a *Russia* 200 composições lyricas, 502 Dramas, e 400 Novellas, no geral de origem estrangeira: em 1832 só se imprimirão 13 Dramas originaes, 14 Poemas, e huma unica Novella nacional. O que ha de notavel na Literatura Russiana he a sua abundancia de Poesias lyricas.

Em 1832 publicárão-se em *Alemanha* mais de 1900 composições musicaes. No anno de 1825 sahirão á luz em *França* mais de 335 cadernos de Muzica, que continhão pelo menos 1$ composições. Quasi todas as Cidades de *Alemanha* tem seus concertos annuaes, e ás vezes se reunem, como na *Suissa*, todos os Musicos da Provincia.

São numerosos na *Italia* os theatros, onde se reunem os encantos da Poessia, a Musica, e a Pintura. Em *Paris* ha 14 theatros; em *Londres* 13; em *Vienna* 5; em *Berlim* 3 (e o mesmo numero em *Lisboa*): os que desenvolvem mais actividade são os de *Paris*. Em 1831 representárão-se nelles 2 Tragedias, 27 Dramas, 19 Comedias, 20 Melodramas, 171 *Vaudevilles* (Entremezes com Musica), 21 Operas, e 5 Bailes, novos.

Neste compendio mui resumido se achão assim mesmo mais noções sobre os principaes objectos que constituem a Estatistica da *Europa* do que

se poderião obter na leitura de outras muitas obras: a consideração do todo, e de cada hum dos ramos, ministrará muitas reflexões ao pensador intelligente sobre o augmento que a imprensa tem dado a todos os objectos que constituem a massa dos conhecimentos humanos, e o emprego dos cabedaes Os homens que a sorte chama ao timão do Governo em qualquer Estado não podem dar passos seguros na administração publica do Estado a que presidem sem ter conhecimento da marcha que em toda a *Europa* tem os diversos ramos da publica prosperidade, para os encaminharem na justa proporção que for precizo terem para o andamento e enlace de que elles dependem para darem ao paiz os fructos que fazem prospero o Commercio, a Agricultura, a Industria, e a Civilisação fundada na firme, e unicamente firme, base da Moral Christã, que se oppõe igualmente á superstição e ao egoismo, que á libertinagem, á perguiça, e á oppressão dos povos, com a qual se não adquire bem algum, e só se conserva o germe da aversão e da desunião sempre fataes á tranquillidade das Nações.

Que seja a Razão, e sua luz no Homem.

A razão he huma faculdade da alma do homem, a que se referem as impressões do coração, os conhecimentos do espirito, juntamente com as impressões dos sentidos, para as reflectir, e apreciar, e para escolher o que he util, bom, e justo. Esta faculdade he a que distingue o homem dos animaes, que recebem similhante impressão dos sentidos, e tem constantemente idéas reguladas exactamente pelo Creador; idéas que as impressões dos sentidos lhes fornecem. A razão he huma luz, a razão he a consciencia, a razão he a regra do nosso procedimento, e dos nossos sen-

timentos: he huma faculdade gravada pelo Creador, que decide da rectidão da vontade, e da extensão da nossa liberdade, quando nós a consultamos, e quando a impressão dos sentidos não tem ainda captivado o coração. Em vão sustentão os systematicos que a razão não he mais que huma impressão dos sentidos similhantes á dos animaes. Se assim fosse, porque differião os homens no que depende desta impressão, e não differem os animaes entre si? Porque são os animaes sempre igualmente regulados na carreira destas impressões, e o homem quasi sempre desregrado nellas? Porque razão desejão os animaes tudo o que lhes he util, e se inclina sempre o homem ao que lhe he nocivo? Porque seguem sempre os animaes regularmente a ordem da natureza, e se afastão della os homens? Porque não se exhaurem nunca os animaes na ordem da natureza, e os homens finalmente se deleitão só nos excessos? Logo o homem he huma natureza informe, hum monstro na ordem da creação material, sem o bom e necessario freio da razão. He precizo pois que o homem tenha huma liberdade d'escolha, que os animaes não tem. Neste caso sua organização e seus movimentos dependem por tanto do homem, sendo isso porém assim ha nessa organisação huma qualidade superior á materia. Quando o homem escolhe o bem com preferencia, he por conseguinte por hum conhecimento exacto desse mesmo bem. E que outra faculdade senão a razão lhe faz apreciar este bem, endurecendo-o contra as funestas impressões dos sentidos? Quando o homem escolhe o mal com preferencia, a impressão dos sentidos reflectindo no coração lhe vence a razão, e o reduz a huma condição peor que a dos animaes. Logo ha no homem, assim huma luz que os animaes não conhecem, como huma impressão que o leva além da marcha regulada dos animaes. Não pode ser o Creador que tenha dado á natureza material hum tal desregramen-

to, seria injuriar o Creador attribuir-lhe tão informe creação. Logo ha no homem faculdades intellectuaes, que o governão, de que o mesmo homem he senhor, e que tem liberdade de seguir. Estas faculdades não podem estar na materia, que he sempre escrava das impressões dos movimentos regulados. Ellas são da competencia da alma; por huma parte a affeição, ou o amor, opéra a acção dos movimentos regulados e não regulados do homem, e o amor ou affeição, he huma essencia da alma. O amor opéra a acção regulada dos movimentos do homem pela faculdade da razão; e o defeito ou abuso da razão opéra a acção desregrada dos movimentos do mesmo homem; e a escolha de huma e outra couza anda annexa á liberdade da alma. Deixemos discorrer embora os systematicos; elles não mudaráõ a natureza e a ordem das couzas por mais que se esforcem. Quanto seria infeliz o homem se não tivesse por creador e por Mestre senão esses vãos systemas!

O Espirito de Partido.

Tomado no sentido de *juizo* o vocabulo *espirito*, bem se pode asseverar que o *espirito de partido* he nos que por elle obrão huma grande prova do pouco que tem. Não ha doença mais difficil de curar; he enfermidade que dá satisfação ao enfermo: ella lhe poupa muitos embaraços; porque elle com a molestia se dispensa de reflexão para examinar as couzas, e de virtude para obrar couza boa que lhe pareça fora da marcha do seu partido.

O homem de partido não conhece a precisão de meditar para escolher; vê todos os objectos de peofil, e só por hum lado. Acha mérito em todos os que servem suas paixões, e só vê defeitos no que não vai com elle, e lhas reprova. Cego á luz,

surdo á razão, tudo julga pela bitola do seu interesse, que he a unica base da sua moral, e a unica regra que conhece para medir os homens e as suas acções.

Quando diz: *Fulano discorre bem*, entende que elle he do seu *partido*; e quando diz: *Fulano discorre mal*, quer dizer na sua linguagem, que elle não he da sua facção.

O espirito de partido transforma homens aliás bem intencionados, em delatores, e até em assassinos dos outros que não seguem o seu partido; e o mais galante he que tudo quanto acontece de mal sempre se considera obra do partido adverso, ou pelo menos causado por elle. A espionagem, a vingança, a traição, que são abominaveis no partido contrario, exercitão-se, desculpão-se, e talvez se remunerão no partido que chega a predominar.

" A invasão de todos os empregos (diz o Conde de Segur) he para o partido dominante huma necessidade; porque o *partido* que elle sempre procura confundir com o Governo, não pode ser seguido senão por homens fieis e dedicados ao mesmo partido, e não reconhece como taes senão os seus amigos — Todos os que não são *fanaticos* por elle lhe parecem hereticos; e por conseguinte excommunga tres quartos de huma nação para a apurar. O seu verdadeiro interesse seria empragar missionarios destros e ganhar mais gente ao seu partido; mas seu frenezim o estorva; assemelha-se ao maniaco que de tudo tem medo, e que em sua propria sombra vê hum inimigo. — O seu partido he hum exercito que não preciza de recrutas; e por esse meio o tempo o vai debilitando, bem como suas apurações, e seus excessos o exháurem.

" Só se agrada ao espirito de partido pela exaltação; o meio de nelle levar a primazia he mostrar-se mais louco que os outros partidistas. Por isso *os exclusivos de todo e qualquer partido* todos os dias estão vendo diminuir as suas tropas pelas su-

as desconfianças e suspeitas, e em breve se achão reduzidos a hum *punhado*, e por fim a huma *pitada* de individuos facciosos, que se desfaz ao assomarem os primeiros raios da justiça. Seu passageiro poder se quebra como hum lapis que hum menino vai aparando, e fazendo cada vez mais piqueno, e que se esmigalha quando se quer servir delle. Todos os partidos ardentes e exaltados tem tido esta sorte, sem que a experiencia de suas quedas tenha servido de lição aos seus successores da mesma estefa.. — O espirito de partido conheço tão bem a sua difformidade, que sempre se mostra, para dominar, debaixo da mascara do Patriotismo, ou do Realismo. »

Nesta exacta pintura apresenta Mr. de Segur em caracteres expressivos a do *espirito de partido*; mas quantas idéas senão poderião ainda acrescentar! O objecto porém não preciza de grande amplificação, nem de mais desenvolvimento. A historia de todos os tempos falla bellamente dos effeitos e fonestos resultados que tem tido a falsa politica do espirito de partido. Se elle se prolongar entre nós, não he precizo ser inspirado para vaticinarlhe desastres, e á Nação. Quando esta he retalhada por partidos caminha á sua dissolução social. A historia da Revolução Franceza dá lições que valem bem as de todas quantas revolucções se tinhão visto anteriormente no Mundo. Governos, Legisladores, Magistrados e homens publicos todos devem estudar por esse livro para fugirem do espirito de partido.

LISBOA 26 de Março de 1835.

Noticias Politicas.

Londres 28 de Fevereiro. — *A Gazeta de Londres* de hontem publica o seguinte;

» Hoje o Principe *Esterhazy*, Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario do Imperador d'*Austria*, teve audiencia de S. Mag. a Rainha, por occasião do seu regresso de temporaria ausencia.

» O Conde *Pozzo di Borgo*, Embaixador Extraordinario e Plenipotenciario do Imperador de todas as *Russias*, teve a sua primeira audiencia de S. Mag. depois de haver entregado as suas Credenciaes ao Rei,

» O Barão *Bulow*, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Rei da *Prussia*, teve audiencia de S. Mag., por occassião do seu regresso de temporaria ausencia.

» *Namick Bachá*, encarregado de huma commissão especial da Sublime Porta, e o General *Alava*, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Rainha Regente d'*Hespanha*, em nome e por parte de S. M. Catholica a Rainha D. *Izabel II.*, tiverão sua primeira audiencia de S. M. (a Rainha), depois de haverem entregado ao Rei as suas Credencias. »

Idem 2 de Março. — O antigo Presidente, ou Orador da Camara dos Communs, que não ficou eleito na Camara nova, foi elevado pelo Rei á Dignidade de Par, ou Lord, com o titulo de Visconde de *Canterbury* e Barão *Bottesford* de *Bottesford*, (que era *Sir Charles Manners Sutton*).

Idem 4. O *Globo* deste dia dá noticias de *Baiona* de 25 de Fevereiro, e entre ellas se lê o seguinte: » As tropas de linha que havia em *Barcelona* e *Figueras*, forão para *Mataró*, d'onde o Capitão General as mandou para as serras, assim como varios destacamentos de Milicias. Elle mesmo partio no dia 16 na mesma direcção. Parece que os insurgentes ganhão força nos arredores de *Berga* e *Solsona*. »

Idem 5. Os Periodicos de *Alemanha* publicão hum longo rescripto o Imperador d'Austria, dissolvendo a Dieta da *Transylvania*, e annulando

todas as innovações oppostas á Constituição do paiz sobre a prerogativa Imperial.

Publicou-se em *Zurich* huma ordem para serem immediatamente expulsos daquelle Cantão todos os estrangeiros pertencentes a associações politicas pelo receio das consequencias de suas maquinações.

Segundo paiticipão de *Berlim* em 22 do mez passado, a revista annual na *Silesia* será de 40$ homens de todas as armas.

Idem 6 O nosso correspondente de Paris (diz o *Morning Post*) nos participa o seguinte: » Tenho presente hum Boletim datado de *Los Arcos* em 24 de Fevereiro, que os amigos de *D. Carlos* acabão de receber. No dia 22 á tarde investio *Zumalacarregui* aquella praça com cinco Batalhões, e huma peça de 12 e hum morteiro. No dia 23 rompeo o fogo sobre a Villa, que era defendida por 400 homens. Na seguinte noite conseguirão parte destes escapar. No dia 25 pela manhã entrárão os Carlistas, e fizerão acima de 250 prisioneiros, entrando hum Coronel e alguns Officiaes. Nessa manhã *D. Carlos*, que sahira na do dia anterior de *Zuñiga*, chegou a *Los Arcos*, e foi acolhido com applauso. Tomárão alli os Carlistas 600 espingardas novas, 16 cavallos, 16 cargas de munições, 1900 pares de calças, e porção de outros trastes de fardamento &c. » (Esta piquena acção andou pintada como huma grande batalha do dia 23!)

Hontem houve no *Palacio* de *S. Jaime* grande Assembléa em honra do dia anniversario de S. M. a Raiuha da *Grã-Bretanha*, a qne forão convidados os Ministros Estrangeiros, e grande numero de pessoas distinctas de todas as jerarquias.

Portsmouth 7 de Março. — Por huma carta que hoje recebemos do nosso Correspondente de *Malta* tivemos noticia de ter alli recebido *Sir Josias Rowley* no dia 3 de Fevereiro officios de tal importancia de Lord *Ponsonby*, nosso Embaixador

em *Constantinopla*, que exigião a necessidade da Esquadra do Commando daquelle Vice-Almirante repentinamente dar á vela no dia 7. Os acontecimentos que se suppõe terem ligação com este inesperado movimento, e os promptos e nobres esforços da Esquadra ao receber ordem para se preparar nesta accasião, melhor se verão na seguinte carta do nosso Correspondente:

» *Malta 7 de Fevereiro.*

" O *Tribuno* chegou no dia 3 do corrente, vindo em 6 dias de *Smyrna*, com importantes officios de Lord *Ponsonby*, Embaixador Britannico em *Constantinopla*, que inesperadamente trouxe huma ordem para todas as Embarcações se prepararem e sahirem com a possivel brevidade. " (Segue dizendo que estavão muitas das embarcações por apromptar, e que tudo se apromptou rapidamente &c., e continua:)

" A Esquadra dá hoje á vela, e compõe-se das Náos de linha *Caledonia* (Almiranta), *Canopus*, *Thunderer*, *Ebumdurgo*, *Malabar*, e *Revenge*; das Fragatas *Endymião*, *Vernon*, e *Tribuno*; do Brigue *Childers*, do Cutter *Hind*, e da Fragata de Vapor *Medéa*. O *Scout* fica para levar a correspondencia ou malla de Fevereiro. A *Columbina* deo á vela com ordens fechadas, poucas horas depois da chegada da Fragata *Tribuno*, e suppõe-se que o seu destino he para os Dardanellos. Tudo quanto tem respirado que tenha connexão com o chamamento da Esquadra he, que se havia descoberto huma conjuração alli por 25 de Janeiro contra o Sultão, o qual tinha feito cortar humas vinte cabeças, e receava o nosso Embaixador que se visse o Sultão obrigado a pedir auxilio á *Russia*». *(Hampshire Telegraph.)*

Londres 9 de Março. Huma carta de *Baiona* de 28 de Fevereiro, refrindo a tomada de *Los Arcos* (como já se mencionou) diz: he Villa de huns 2,500 habitantes, a 9 leguas de *Pamplona*; e refere

que *D. Carlos* fora alli ao hospital, onde achou 180 feridos da acção de *Arquijas*, e que lhes disse que não os demoraria alli tão depressa estivessem curados. Elles unanimemente pedirão entrar no serviço; entre os feridos havia hum Brigadeiro, e varios Officiaes. Os soldados ficárão admirados de estes serem tambem perdoados. Os Carlistas demolirão sem perda de tempo as forticações de *Los Arcos*, soltando varios prisioneiros que alli estavão como refens.

Idem 10. Recebemos cartas de *Constantinopla* de 11 do mez passado, e por ellas consta estar tranquilla aquella Capital, e parece que nem se sabia da chamada da Esquadra Britannica ás visinhanças dos Dardanellos, em consequencia de algum receio que o Sultão tinha sobre a segurança da sua pessoa. O commercio estava muito estagnado, devido isto a algumas novas regulações relativas aos direitos sobre fazendas; e alguns dos mercadores de *Galata* tinhão fallido, e causado perdas aos Inglezes e outros negociantes que com aquelles tinhão tratado.

Os *Cafres* attacárão a Colonia Ingleza do *Cabo da Boa Esperança*, fazendo muitos damnos. Noticias da Cidade do *Cabo* de 26 de Dezembro, que tinhão sido chamadas para a Cidade todas as tropas que estavão fora. Abandonárão-se todos os estabelecimentos de Missões, e em toda a parte havia o maior terror; porém na Cidade estavão bem fortificados para resistir aos *Cafres*, se a atacassem. *(Morn. P.)*

Londres 11 *de Março*. — O Marquez de *Chandos*, Membro da Camara dos Communs, sustentou hontem nesta Camara em hum habil discurso o seu projecto » para cessarem e terminarem os direitos sobre o *malt* » (de que se faz a cerveja). Mr. *Peel* se oppoz ao projecto, em hum discurso cheio de força e argumentos. Fallárão diversos Deputados pró e contra a medida, e foi rejeitada a

proposta por huma maioria muito grande a favor do Ministerio. —

Sir R. Peel, em resposta a huma pergunta de Mr. *Hume*, disse, que não podia apresentar o Relatorio da Fazenda antes do dia 5 d'Abril.

O Duque de *Wellington*, na Camara dos Lordes, em resposta a algumas observações de Lord *Brougham* a respeito de *Malta*, dos *Dardanellos*, de *S. Petersburgo*, morte do Imperador d'*Austria* &c., disse que o movimento da Esquadra Britannica de *Malta* não tinha nascido de discussão alguma com a Corte da *Russia*, nem elle tinha razão alguma para crer que houvesse tal discussão; que S. Mag. tinha nomeado hum Illustre Lord *(Londonderry)* para seu Representante na Corte de *S. Petersburgo*, o qual ha de partir em tempo proprio; e que não se podia esperar delle *(Lord W)* que no dia immediato ao em que se recebeo a noticia da morte do Imperador d'*Austria*, elle podesse estar preparado para dizer quaes erão os objectos que se havião de negociar com o novo Imperador.

Recebemos Jornaes de *Paris* de 9, e huma carta ao nosso correspondente naquella Capital. O Gabinete Francez continuava no mesmo estado de desarranjo, e pouco ou nenhum progresso tinha feito o Rei *Luiz Filippe* em procurar huma nova collecção de Ministros. — O *Monitor* e o *Jornal de Paris*, Ministerial, nada dizem sobre o assumpto. O *Jornal dos Debates* traz o seguinte paragrafo: —

» Sabemos que he difficil formar hum Ministerio; ha na maioria varias sombras d'opinião que se devem satisfazer; ha ambições rivaes que se devem reconciliar; he tarefa cheia de obstaculos e perplexidades; requer muita sagacidade, prudencia, e circunspecção; não nos admiramos portanto do vagar que ha neste trabalho. »

A *Gazetta de França*, e o *Mensageiro* crem

ter falhado o arranjamento, e que ha de ser mui difficultoso formar huma Administração toda nova.

As noticias de *Paris* de 9 do corrente nos referem as de *Madrid* do 1.º deste mez, que annuncião acabava de chegar alli o General *Valdez* no dia 27, tendo deixado huma proclamação aos Valencianos, como Capitão General do Reino de *Valencia*, antes de partir para a Corte. Corria como certa a opinião de que elle e o Conde *Toreno* havião de fazer alguma nova modificação no Gabinete. A Rainha Regente dizia-se sahiria da Capital para *Aranjuez* no dia 10 do corrente, e se esperava alli ficaria na Primavera e no Verão. Ella havia hourado com a sua presença hum Baile dado pelo Conde de *Toreno*, que custou a este mais de 2$ libras (20$ cruzados). Nelle se ostentou tal esplendor, que ficou assombrado o povo da insolente opulencia de hum homem que só recebia hum ordenado annual de 1,000 libras (10$ cruzados), e que ha pouco estava sem real. Tendo o Conde de *Toreno* apresentado (como he da etiqueta) a lista das pessoas que havia de convidar, dizem que a Rainha Regente riscou desta por seu punho os nomes das pessoas que lhe não agradavão, e entre ellas o do Infante D. *Francisco de Paula*, &c. &c. (*Morning. Post*).

Idem 12. O *Morning Post* de hoje 12 de Março publica huma curiosa Carta do seu Correspondente de *Vienna*, e os Artigos publicados na Gazeta extraordinaria de *Vienna* de 2 de Março á cerca do fallecimento do Imperador *Francisco I.*, e primeiras medidas do novo Imperador.

" *Vienna — Segunda feira 2 de Março.* — A minha ultima carta vos terá preparado para o peor relativamente á enfermidade do Imperador. A febre augmentou ainda mais a noite passada, e foi S. Mag. de novo sangrado para ver se tinha alivio; mas as couzas se tornárão cada vez peor, fallecendo pela huma hora da noite. Antes dos seus

ultimos momentos fez a mais affectuosa despedida de seus filhos e irmãos e lançou a benção a todos. Ao ver seus netos, com sua Mãi a Arquiduqueza *Sofia*, a seus pés, elle lhes disse: » Sede bons, para que possais tambem ir para o Ceo. " A Imperatriz esteve com o seu Espozo até o ultimo momento; e todos admirão sua conducta durante a ultima doença de seu Esposo, o que he com effeito plenamente conforme com todo o seu comportamento em todo o tempo de seu casamento. Nos quatro ultimos dias e noites a Imperatriz ficou vestida, e o Imperador nunca recebeo remedio algum senão pela sua mão.

» O novo Imperador supporta a sua pena neste momento o melhor que he possivel esperar-se em tão grave perda. Elle tinha o maior respeito e filial affecto a seu Pai, e he homem de tanta consciencia que ha de fazer justo apreço da grande responsabilidade que ora se lhe devolve. Seria injusto agora que todos considerão a morte do Imperador hum grande infortunio, e seria com effeito temeridade, calcular todas as suas consequencias possiveis. O reinado do fallecido Imperador durou exactamente 43 annos, pois hontem era o dia anniversario da morte do Imperador *Leopoldo*. Poucas pessoas ha por conseguinte que se lembrem de outro Soberano; mas os que disso se lembrão, tambem sabem muito bem, que *Francisco* começou a imperar sob mui arduas circunstancias, e que por fim o resultado foi muito mais feliz do que muitos o julgárão possivel anteriormente. Elle só tinha 24 annos quando succedeo a seu Pai, e o povo em geral sabia mui pouco de sua pessoal capacidade e caracter: só por seu admiravel comportamento, e ao mesmo tempo por sua espirituosa e prudente conducta pessoal e politica, he que elle ganhou os corações, o respeito, e a universal confiança de seus subditos. O seu Successor tem pelo menos huma grande vantagem. O Povo he geralmente

muito affecto á sua pessoa; he considerado por todos como bom Principe bem intencionado, e as pessoas que tem tido occasião de mais intimamente o conhecerem dizem que he instruido, e dotado de muito bom juizo. He certo porém que tem pouca experiencia, e pouca saude, posto que passa bem agora; mas em diversos tempos tem padecido muito, não ultimamente. He felicidade que todos os Membros da Familia Imperial são bem unidos, e que não ha receio de intrigas de familia, que em outros paizes tem causado tantas desgraças. O unico Irmão do actual Imperador, o Arquiduque *Francisco*, está na melhor harmonia com seu Irmão mais velho; do mesmo modo o estão o Arquiduque *Carlos*, Irmão mais velho do fallecido Imperador, e que goza de immensa popularidade no Exercito, e o Arquiduque *Luiz*, que he conhecido pela confiança que nelle punha o Imperador seu Irmão, por seu juizo, conhecimentos, e integridade. Geralmente se deseja, e ao mesmo tempo se espera, que este mui prudente Principe possa continuar a ter alguma influencia nos negocios do Imperio, e que não haverá mudança alguma no pessoal do Governo. Em todo o caso, considera-se como certissimo que o Principe de *Metternich* ha de ficar á testa do Ministerio.

» Relativamente á *Hungria*, felizmente o novo Imperador já tinha alli sido coroado Rei, e acha-se actualmente congregada a Dieta. Fallei esta manhã com alguns *Hungaros* bem informados, os quaes me disserão com a maior certeza, que nada ha a recear alli, porque algumas queixas que existião ha couza de dez annos, tem sido arranjadas de então para cá de hum modo mui satisfactorio, e todos os negocios do Governo tem caminhado nos ultimos cinco ou seis annos mui regularmente. Tambem me disserão que a maxima parte dos *Hungaros* estima muito o seu Rei actual.

» Acaba de publicar-se huma Gazeta Extra-

ordinaria, que vos remetto. Tudo vai aqui na mesma marcha que d'antes &c.

Supplemento Extraordinario á Gazeta de Vienna, de Segunda feira 2 de Março.

» *Vienna.* — Foi servido o Todo Poderoso Deos chamar deste Mundo Sua Mag. Imperial o Imperador e Rei *Francisco I.*, o mui querido Pai da sua Patria. Sua Mag. partio desta vida esta manhã hum quarto antes da huma hora (da noite.) — O nosso actual benignissimo Soberano, Sua Magestade Imperial, Real e Apostolica, *Fernando I.*, em consequencia deste mui funesto acontecimento, houve por bem expedir as seguintes Cartas *authógrafas.*

Para o Principe de Colloredo Mordomo Mór &c. &c.

» *Prezado Principe Colloredo.* — Aprouve ao Omnipotente Deos chamar deste estado de terrena existencia S. Mag. o Imperador e Rei, meu honrado e amado Pai. S. Mag. partio da vida presente hum quarto antes da huma hora desta manhã — Com o sentimento da profunda magoa pela perda do illustre fallecido, cuja sabedoria estabeleceo em firme alicerce a felicidade do seu povo, cuja justiça era poderosa salvaguarda de todo o direito, e forte escudo contra o caprichoso despotismo, e cujas virtudes serviráõ de modêlo em todos os tempos, Eu assumo as elevadas funcções dessa dignidade que me impõe o proseguir a mesma vereda que elle tão sabiamente indicou, e com tanta perseverança proseguio.

» Eu subo ao meu Throno hereditario com a firme resolução, verdadeira nos sentimentos do meu coração, como nos delle, com pia confiança em

Deos, de fazer a felicidade e a prosperidade do meu povo no caminho da rectidão, objecto de todos os meus esforços.

» Convoco todos aquelles que tinhão empregos na minha Corte (Paço), ou na administração do Governo, os quaes eu pela presente confirmo, sem excepção, em seus respectivos Officios e dignidades, que me auxiliem em meus esforços, segundo a obrigação de seus cargos, e conforme seus juramentos (cuja solemne renovação eu dispenso,) a dedicarem-se com zelo e consciencia aos seus deveres no cumprimento das regulações estabelecidas. »

» Vós pela vossa parte tomareis as convenientes medidas em tudo o que respeita ao vosso Cargo, e communicareis immediatamente o conteúdo desta Carta a todos aquelles a quem cumprir, a fim de que cada hum na sua repartição possa tomar as medidas necessarias, ou, se precizo for, dirigir-se a mim; e tomareis especial cuidado em indicar ás Authoridades competentes que adoptem os adequados arranjos para as Exequias, e Preces funeraes pello fallecido; bem como para que cessem os divertimentos publicos, incompativeis com huma luta geral. — *Fernando* — *Vienna* 2 de Março de 1835. »

Para o Principe Metternich, &c. &c.

» *Caro Principe Metternich*, — Inclusa vos envio copia de huma carta que acabo de dirigir ao Mordomo-Mor da Corte. — Profundamente consternado pelo infeliz acontecimento que a todos nos tem enchido de magoa, e que a mim em particular me tem opprimido de agonia, eu por agora só me devo limitar a reconhecer os serviços que vós tendes feito ao meu excelso fallecido Pai, á minha Familia, e ao Estado; a assegurar-vos da minha graça e favor; a pretender de vós a continuação

dos vossos serviços; e a encarregar-vos que annuncieis a todos os empregados debaixo da vossa jurisdicção no serviço publico, quer no interior, quer no exterior, sem excepção, que elles são confirmados nos diversos lugares, officios, e dignidades; e outro sim que na plena convicção da consciencia e fidelidade com que elles hão de continuar a desempenhar seus deveres na conformidade das ordens existentes, eu dispenso a solemne renovação dos seus juramentos.

» Relativamente ao novo titulo, e insignias heraldicas vós fareis os arranjamentos necessarios, ou mos apresentareis; e tambem dareis as necessarias instrucções ás competentes authoridades nas diversas Repartições quanto á mudança dos Sellos de Secretaria e Cunhos da Moeda. &c. — *Fernando.* — *Vienna* 2 de Março de 1835. »

(Outra Carta na mesma data he dirigida pelo Imperador ao Conde *Kollowrath*, Conselheiro d'Estado, confirmando-se todo o Conselho d'Estado, &c. — Outra finalmente ao General Conde de *Hardegg*, Presidente do Conselho de Guerra, confirmando todos os Generaes, Officiaes, &c., reconhecendo a fidelidade e devoção de todo o Exercito.)

P. S. O *Monitor* de 12 do corrente publicou os Decretos do Rei dos Francezes, que nomeou o Duque de *Broglie* para Ministro dos Negocios Estrangeiros, e Presidente do Conselho de Ministros; o Conde de *Rigny* passou para Ministro interino da Guerra; nos outros Ministerios ficárão os mesmos Ministros que estavão. Todos os Decretos são do mesmo dia 12 de Março, segundo publicão os periodicos de *Madrid.*

O Conde *Sebastiani* espera-se hoje em *Manchester House* (Casa da Legação Franceza em Londres) vindo de *Paris.* Ouvimos que S. Exc. se constipára em *Dover*, esperando atravessar para *Calais*, o que o fez padecer na sua jornada. A sua

esposa, que tambem se achou incommodada estes dias, espera que elle chegue para se transferir a *Manchester Square.*

O *Globo* de 12 de Março traz o Artigo seguinte:

» Ouvimos dizer que diariamente se espera em *Cowes* huma Esquadra *Americana* de seis Fragatas, ás ordens de hum Commodoro (Chefe de Esquadra), disposta a cruzar contra o commercio *Francez.* Igual demonstração de força apresentará o Governo *Francez*; e assim receamos hajão de começar as hostilidades. — *Brighton Gazette.* » — Os periodicos Americanos ainda não fallavão nisto.

O Ministerio *Francez* ainda não estava nomeado a 10 do corrente. O *Correio Francez* se expressa a esse respeito nestes termos: " He certo que o Rei, não obstante a sua incomparavel habilidade, de que elle mui frequentes vezes tem tido cuidado de se jactar, está reduzido, por sua culpa, ou pelo abandono do seu Ministro favorito *(Soult)* não só a não poder governar, mas á impossibilidade fysica de organisar hum Ministerio responsavel. » *(The Globe).*

N. B. Assigna se para este Jornal a 1 $ 200 *réis por trimestre (de* 13 *Numeros) nas Lojas da Rua Augusta N.°* 137, *e N.°* 1; *da Rua do Ouro N.°* 112; *e de Carvalho ao Chiado. Avulso custa* 120 *rs. cada Num.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR,
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XII.

Noticia do Chanceller Bancon, *e da sua Filosofia, que abrio a porta do Templo das Sciencias no seu estado moderno.*

NAsceo *Francisco Bacon* a 22 de Janeiro de 1561 na Cidade de Londres, sendo seu Pai *Nicoláo Bacon*, celebre Jurisconsulto Inglez. Logo nos primeiros annos foi dando a conhecer os quilates do seu talento, e o que viria a ser hum dia pela cultura das letras. Por vezes teve a Rainha *Izabel* occasião de admirar a sagacidade do seu juizo, e era tão atilado, que estudando a Filosofia de *Aristóteles* na Universidade de Cambridge, e tendo apenas dezeseis annos, percebeo a existencia do vacuo, negada pelos Peripatéticos, e os absurdos desse grosseiro systema. Applicou-se depois ao estudo da Politica e da Jurisprudencia. Passou a Paris em companhia do Embaixador Inglez *Powlet*, o qual conheceo tanto sua aptidão que o incumbio em breve de huma commissão que exigia segredo e presteza, a qual desempenhou de modo que mereceo agradecimentos da Rainha. Viajou em França e por varias Provincias, sendo então que se deci-

dio ao estudo profundo das Leis e costumes dos paizes mais notaveis da Europa. Em attenção ao seu merito o Rei *Jacob I.* o nomeou Chanceller de *Inglaterra*, lugar de elevada preeminencia; porém sendo accusado de se deixar peitar por dinheiro, retirando-lhe o Rei sua protecção, foi prezo; mas o mesmo Rei o restabeleceo depois na posse de todos os seus bens e honras. Suas desgraças e dissabores o desgostárão da vida publica, e lhe augmentárão o gosto dos estudos, a que sempre o levára a sua natural propensão. Morreo aos 66 annos de idade, e tão pobre, que dizem pedira alguns annos antes de seu fallecimento ao mesmo Rei Jacob lhe quizesse mandar soccorro para lhe poupar a vergonha de pedir esmola em sua velhice; do que se póde inferir que ou fora mui limpo de mãos, ou pródigo em demazia, para se ver em tal indigencia nos seus ultimos annos; e tanto mais tendo occupado varios lugares dos mais eminentes do Estado até 1617, em que foi nomeado Guarda Sellos, e em 1619 he que foi creado Lord Chanceller d'Inglaterra, com o titulo de Barão de *Verulamio*, que elle trocou no anno seguinte pelo titulo de Santo *Albano*. Falleceo em 29 de Abril de 1626.

O Chanceller *Bacon* he hum daquelles homens que mais contribuírão para o adiantamento das Sciencias. Conheceo elle a imperfeição da Filosofia Escolastica, e ensinou os unicos meios que havia para lhe dar remedio. » Elle ainda não conhecia a natureza, diz hum grande homem, porém sabia e indicava todos os caminhos que a ella conduzem. Tinha desprezado cedo tudo aquillo que as Universidades então chamavão *Filosofia*, e fazia quanto estava da sua parte para que as companhias instituidas para o aperfeiçoamento da razão humana não a continuassem a corromper com as suas *quidditates*, ou essencias proprias, com os seus horrores do vacuo, com as suas formas substanciaes, e todas aquellas palavras impertinentes, que não só

a ignorancia fazia respeitaveis, mas que tinha tornado sagradas huma mistura ridicula com os assumptos religiosos. »

Compoz *Bacon* duas Obras para aperfeiçoar as Sciencias: intitula se a primeira. — *Do Augmento e da Dignidade das Sciencias*; nella mostra o estado em que então se achavão as mesmas Sciencias, e o que nellas faltava descobrir para as aperfeiçoar; acrescentando porém, que não se devia esperar muito neste descobrimento, se não se fizesse uso de outros meios mais que os de que até então se fizera. Mostrou que a Logica de que se usava nas Escolas era mais propria para entreter disputas do que para aclarar a verdade, e que ensinava mais a contender sobre palavras do que a penetrar o sentido das couzas. Disse que Aristóteles, de quem nos viera esta arte, accommodára a sua Fysica á sua Logica, em lugar de fazer esta para aquella; e que transtornando a ordem natural, sujeitou o fim aos meios. Nesta primeira Obra he que elle tambem divide as Sciencias segundo a sua ordem natural, isto he, segundo suas filiações, e as relações que ellas tem humas com as outras; methodo que seguio o celebre D'Alembert no Discurso Preleminar da Encyclopedia.

Para remediar os defeitos da Logica ordinaria compoz *Bacon* a sua segunda Obra, que intitulou: *Novo Orgão das Sciencias*. Nella ensinou huma Logica nova, cujo principal fim he mostrar o modo de fazer huma boa inducção, ou tirar huma boa illação, bem como o fim principal da Logica de Aristóteles he formar hum bom syllogismo. *Bacon* considerou sempre esta como a sua Obra prima, a qual lhe levou dezoito annos a compor. Eis-aqui alguns dos seus axiomas, que darão a conhecer a vastidão das idéas deste grande Engenho.

» 1.° A causa do pouco progresso que se tem feito (até o principio do Seculo 17.°) nas Sciencias, vem de se terem os homens contentado de

admirar as pretendidas forças de seu espirito, em vez de procurarem os meios de remediar a sua fraqueza.

» 2.° A Logica Escolastica não he mais propria para guiar o nosso espirito nas Sciencias, do que as Sciencias no seu estado actual são proprias para nos fazerem produzir boas obras.

» 3.° A Logica Escolastica só he boa para entreter os seus erros, que se fundão sobre as noções que de ordinario nos dão; porém he absolutamente inutil para nos fazer descubrir a verdade.

» 4.° O syllogismo compõe-se de proposições. As proposições são compostas de termos, e os termos (ou palavras) são os signaes das idéas. Ora, se as idéas que são o fundamento de tudo, forem confusas, nada ha solido no que sobre ellas se funda. Não temos portanto esperança senão nas boas illações, ou inducções.

» 5.° Todas as noções que a Logica e a Fysica (dos Escolasticos) nos dão são ridiculas: taes são as noções de *substancia*, *qualidade*, *gravidade*, *leveza &c.*, que nos dá essa Filosofia.

» 6.° Não ha menos erros nos axiomas que até agora se tem formado do que nas noções; de modo que para fazer progressos nas Sciencias, he necessario reformar tanto as noções como os principios: em huma palavra, he precizo, por assim dizer, refundir o entendimento.

» 7.° Ha dois caminhos que podem conduzir á verdade: por hum nos elevamos da experiencia a axiomas mui geraes; este caminho he já conhecido: pelo outro nos elevamos da experiencia a axiomas que passão a ser geraes por gráos até chegarmos a couzas mui geraes. Este caminho ainda está esperando ser roteado. (E que differença não tem havido ha 200 annos, e sobre tudo ha 150, desde o apparecimento de *Newton*, no Mundo scientifico, no roteamento dessa estrada!)

» 8.° Estes dois caminhos começão ambos na

experiencia, e nas couzas particulares; porém são mui diversos: por hum não se faz mais que andar pela rama da experiencia; pelo outro detem-se nella o homem; pelo primeiro, estabelece ao primeiro passo principios geraes; pelo segundo, vai gradualmente elevando-se ás couzas universaes, &c.

» 9.° Ainda não se achou pessoa alguma que tenha força bastante e a necessaria constancia para se impor a lei de riscar totalmente do seu espirito as theorias e noções communs » (então bem diversas das actuaes nos ramos das Sciencias) " que nelle introduzio o tempo; de fazer de sua alma huma taboa raza, se he licito assim dizer, e de retrocoder em seus passos para examinar de novo todos os conhecimentos particulares que julga ter adquirido. Pode dizer-se da nossa razão que ella está obscurecida, e como opprimida por hum montão confuso e indigesto de noções, que nós devemos em parte á nossa credulidade em muitas couzas que nos tem dito, ao que muitas vezes nos ensinou hum acaso, e ás preocupações de que em nossa infancia fomos imbuidos. . . . . Não se deve esperar ver renascer as Artes e as Sciencias senão á proporção que se reformarem as primeiras idéas; e que a experiencia for o facho que nos guie em todas as veredas da verdade. »

Por estes aforismos se vê que *Bacon* cria que os nossos conhecimentos vinhão todos dos sentidos. Os Peripateticos tinhão tomado esta maxima por fundamento da sua Filosófia; mas estavão tão longe de conhecer esta verdade, que nenhum delles a soube desenvolver; e depois de muitos seculos ainda era hum descobrimento por fazer; por quanto *Bacon* vio que as idéas que são obra do espirito, havião sido mal formadas, e que por conseguinte para avançar na indagação da verdade, era preciso reformallas; conselho que elle repete muitas vezes no seu *Novo Orgão das Sciencias*.

O cuidado que *Bacon* tinha em todas as Sci-

encias em geral, não o estorvou de se dar a algumas em particular; e como elle julgava que a Filosofia natural he o fundamento de todas as outras Sciencias, trabalhou principalmente na sua perfeição: porém fez como os grandes Arquitectos, que não se podendo resolver a trabalhar seguindo os outros, começão deitando abaixo tudo, e levantão depois o seu edificio por seu novo desenho. Do mesmo modo elle se não divertio a aformosear ou concertar o que fora começado pelos outros; mas elle se propoz a estabelecer huma Fysica nova, sem se servir do que tinha sido achado pelos antigos, cujos principios lhe erão suspeitos. Para chegar a conseguir este grande projecto, tinha resolvido fazer todos os mezes hum Tratador de Fysica, e começou pelo dos *Ventos*. Depois deste fez o do *Calor*, depois o do *Movimento*; e por fim o da *Vida e da morte*. Mas como não era possivel que hum homem por si só refizesse toda a Fysica com a mesma exactidão, tendo dado estas Obras como amostras para modelo dos que quizessem trabalhar sobre seus principios, contentou-se com traçar em grosso e em poucas palavras o desenho dos outros quatro tratados, e de ministrar materias para elles no Livro que intitulou *Sylva Sylvarum*, no qual ajontou grande quantidade de experiencias para servirem de fundamento á sua nova Fysica. Em huma palavra, antes do Chanceller *Bacon*, ninguem tinha conhecido a Filosofia experimental; e de todas as experiencias fysicas que depois se tem feito, poucas ha que não se achem indicadas nas suas Obras.

Este precursor da boa Filosofia foi tambem elegante escritor, os seus *Ensaios de moral* são tambem muito estimados; mas elle os escreveo mais para instruir que para agradar. Nelles brilhão ao mesmo tempo hum juizo desempeçado, e são, o bom sizo, e a força de pensamentos do homem que sabe reflectir profundamente.

Forão muitas outras as suas Obras além das

que ficão mencionadas, tanto em Latim como em Inglez; algumas elle escreveo em ambas as linguas: a grande Obra do *Progresso ou Augmento e dignidade das Sciencias* elle a escreve em Inglez, e a traduzio em Latim, bem como os *Ensaios de Moral.*

Tinha *Bacon* grande conhecimento da antiguidade, e compoz hum *Quadro da sabedoria dos antigos*, no qual explica as fabulas antigas por allegorias muito engenhosas. Assim, mostrando em todas as suas obras hum espirito superior, igualmente vasto, flexivel, e original, e até creador em muitos ramos da Filosofia, foi tambem profundo Moralista, Antiquario erudito, escritor muitas vezes elegante, e sempre energico e brilhante. Não se deo menos ao estudo da Medecina que ao de outras Sciencias; mas ainda estavão muito atrazadas as suas bases, a Fysiologia, e a Quimica, para que podesse avançar muito nella, e não admira ter cahido em alguns erros em algumas de suas opiniões em Medicina. Não era versado nas Mathematicas este grande homem: daqui vem, e se faz sentir, que tao transcendente Genio, que com tanto tino havia analysado as causas dos erros humanos, e desenvolvido com tanta sagacidade os verdadeiros méthodos que devem conduzir o espirito na investigação da verdade, tenha conbatido o systema do *Copernico*, que começava a propagar-se; o que não faria por certo, se podesse applicar á Astronomia a observação e o calculo, necessarios para poder por si mesmo verificar então a nova theoria do Systema do Mundo. Em todas as outras partes da Filosofia elle se mostra tão superior a todos os seus contemporaneos, que não podia então achar juizes capazes de lhe darem o devido valor. Elle mesmo o conhecia assim; pois em huma carta a hum amigo seu elle se denomina *o servo da Posteridade.* Horacio Walpole o pintou bem quando disse: » *Bacon* foi o Profeta das verdades que *New-*

ton veio depois ensinar aos homens. » — *Condillac* no Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos apresenta *Bacon* como o creador do verdadeiro principio da boa Metafysica. *Diderot* e d'*Alembert* (como acima tocamos) no prospecto da *Encyclopedia*, derão novo esplendor á fama de *Bacon*, e maior pezo aos seus elogios, pela sabia analyse que traçárão do plano e das vistas deste grande homem; cuja gloria seria completa se elle só fora homem de letras, e se como homem publico, ou homem d'Estado, não tivera manchado sua memoria com indeleveis defeitos, entre os quaes não foi menor o de sua ingratidão para com o seu protector o Conde de *Essex*. Poucos homens grandes escapão puros do manejo dos publicos negocios.

As Obras de *Bacon* são pouco susceptiveis de extractos desligados; porém he huma boa e util lição o que vamos extrahir dellas, isto he, do seu Quadro da Sabedoria dos Antigos, &c.

Explicação moral da Fabula das Sereias.

» Com razão se tem comparado a Fabula das Sereias aos attractivos perigosos da sensualidade: esta comparação he sempre mui commum e mui trivial. Esta engenhosa allegoria tem ministrado algumas idéas moraes; mas longe de se exhaurir o assumpto, nem sequer se tem desenvolvido o que ella encerra de maior importancia. He assim que se pode tirar das uvas algum sumo espremendo-as; mas he precizo mais cuidado e precauções para obter dellas hum vinho generozo e perfeito.

» As Sereias, a acreditarmos a origem que lhe dão, erão filhas do rio Aqueloo, e da Musa Terpsícore. Tinhão tido azas; mas depois da temeridade que tiverão de desafiar as Musas, e a que se seguio a mais feliz derrota, forão despojadas desse

ornato, do qual as Musas fizerão coroas. Terpsícore, mãi das Sereias, foi a unica das Musas que não adoptou este adorno.

» Dizem mais, que as Sereias habitavão em huma Ilha deliciosa, onde estavão emboscadas, e que assim que, avistavão navios, suspendião os passageiros com a suavidade do seu canto, attrahião-nos após si, e se apressavão a dar-lhes a morte. O seu canto era variado, e proporcionado ao caracter daquellas pessoas que ellas querião seduzir. Este flagello era tão terrivel, que os rochedos por ellas habitados se vião de longe alvejar com as ossadas dos infelizes viajantes.

» Ulysses, para evitar funesto naufragio, se lembrou de ordenar aos seus companheiros que tapassem com cera os ouvidos. Elle porém, como estava desejoso de ouvir a voz das Sereias, e ao mesmo tempo se queria livrar do perigo que o ameaçava, fez-se amarrar ao mastro do Navio, e mandou que não o desamarrassem ainda mesmo que elle o determinasse assim, em quanto não tivessem passado aquellas costas.

» Orfeo, pelo contrario, zombou desta fraqueza, e longe de se mandar arramar, se armou com a sua Lyra, e se poz a cantar em voz alta alguns hymnos consagrados aos Deoses immortaes: assim soube tornar inuteis os sons enganadores das Sereias, e se mostrou superior a todos os perigos.

» Esta allegoria he engenhosa, e não he difficil explicar a sua moralidade. As sensualidades são ao mesmo tempo filhas da abundancia, representada pelo rio Aqueloo, e dos prazeres joviaes, a que Terpsícore preside. Ao principio ellas attrahião com seus encantos os mortaes sem experiencia, em breve os seduzião, e os arrastavão como com azas a hum abysmo de desgraças. As Musas, isto he, a sciencia e o estudo, obrigão o espirito do homem a se vencer a si mesmo, e a meditar sériamente em seus deveres; e eis-ahi como ellas, por

assim dizer, tirão as azas ás Sereias, isto he, á sensualidade. O exemplo de varios Filosofos tem provado que a sabedoria pode combater com bom exito o nimiamente vivo gosto dos prazeres, e desde então se considerou a sã Filosofia como huma arte sublime que torna a nossa alma como couza celeste, e que dá, por assim dizer, azas aos nossos pensamentos. A mãi das Sereias, essa Musa que he a unica que não tem azas, representa a sabedoria Epicurea, que attribue tudo á materia, aos sentidos, e á sensualidade, e parece querer tirar ás Musas as suas coroas e as suas azas para as dar outra vez ás Sereias. Diz-se que estas habitão humas Ilhas encantadas; do mesmo modo as sensualidades procurão de ordinario occultar-se, e esquivar-se á companhia dos homens. Todos sabem o que he o canto das Sereias, seus encantos, e suas funestas consequencias: esta parte da fabula não preciza de explicação. Os rochedos da sua Ilha, alvejando com os ossos humanos, nos ensinão que todas as lições e exemplos são insufficientes para nos afastarem totalmente dos prazeres, a pezar de estes serem tão perigosos. Entre tanto, para nos preservare-mos delles nos offerece a Filosofia dois remedios, e a Religião nos apresenta outro. O primeiro he não se expor o homem, e evitar cuidadosamente todas as occasiões que o possão seduzir. Eis o que he indicado pela precaução de tapar os ouvidos: este meio só he proprio de almas vulgares, como erão as dos companheiros de Ulysses. O segundo meio, e que pode ser empregado pelas almas fortes e elevadas, he conservar mesmo no meio dos incentivos voluptuosos que nos rodeião, huma coragem firme e inabalavel, e desenvolver toda a energia da alma, estudando todas as astucias, artificios, a baixeza e a loucura das sensualidades, antes como observador assizado e prudente do que como escravo submisso e desprezivel. He deste modo que o author do Livro da Sabedo-

ria (Salomão) depois de ter feito a enumeração de todos os prazeres que o procuravão attrahir, não receia accrescentar: » Mas entretanto a sabedoria tem sido sempre minha companheira fiel. » Similhantes heroes tem sabido sempre permanecer invenciveis, e caminhar com seguro passo mesmo no meio dos precipicios. A exemplo de Ulysses, elles se contentárão com prohibir aos seus amigos aquellas condescendencias funestas, e aquelles conselhos perniciosos que são capazes de affrouxar a nossa alma, e de causar a sua perda. O terceiro remedio, e o mais efficaz, he o que nos indica o exemplo de Orfeo. Vemos que elle se eleva, por assim dizer, acima da terra, anhelando subir á morada dos Deoses, cujos louvores entôa em alta voz; com seus acordes sons cobre o canto das Sereias, e triunfa assim dessas nynfas encantadoras. Com efleito, a contemplação da Natureza, e a meditação das coozas celestes, tem alguma couza, não só de maior força, mas tambem de maior suavidade e harmonia do que a voz dos prazeres, que são as verdadeiras Sereias. "

Questões varias.

Porque razão seguem os homens, para chegarem á felicidade, tantos caminhos falsos que os extravião, pois que qnasi todos elles sabem que há hum só caminho que os conduza a ella?

A Filosofia, bem como a Religião, lhes ensina, que só pode o homem ser feliz pela virtude; e elles a repulsão; que só o podem conseguir pela moderação bem entendida, e elles a desprezão; que só se pode obter praticando justiça, e huns a não pratição, e por isso a temem; e finalmente que he preciso para a consêguir amar o proximo, e não cuidão senão em offendello e destruillo.

Ninguem nega a verdade dos principios, e ninguem os quer seguir. E não vem esta inconsequencia da pouca conformidade que ha entre as palavras e as obras, ou para melhor dizer entre as palavras e os pensamentos? Bem tinha d'Alembert adivinhado a palavra deste enigma quando dizia: Que se o genero humano estava entregue a discordias interminaveis, era por falta de boas definições.

Com effeito se os homens conviessem todos em huma justa definição das palavras, alma, liberdade, justiça, honras, deveres, direitos, e felicidade, elles terião destruido a maior parte das causas que os dividem, e que os extravião. Porem este Grammatico pacificador ainda não existio, e á espera delle se hão de os homens longo tempo occupar em disputas, roubar-se e matar-se huns aos outros.

Porque razão varia o homem segundo os tempos, segundo os paizes, e segundo as formas dos Governos? Não seria isto mais depressa hum sentimento que hum principio? E não se poderia dizer que elle he para a virtude o que a equidade he para a justiça? Porém nunca concordão os homens, e em parte nenhuma, sobre o verdadeiro sentido das palavras *virtude* e *justiça*. E como havião de concordar melhor á cerca da honra?

A virtude do verdadeiro Christão aborrece a vingança; a virtude do guerreiro não pode supportar affronta. A honra do primeiro he fazer bem por mal; a honra do segundo consiste em por huma palavra picante matar até o seu amigo.

Em certos paizes falta-se á honra se não se paga dentro de vinte e quatro horas a hum trampolineiro huma divida contrahida ao jogo; e pode-se deixar definhar de penuria em 20 ou mais annos hum credor até mesmo por dinheiro emprestado sem o menor interesse. E como se entende tambem por esse mundo a honra que justamente mais

deve distinguir as mulheres que consiste em não violarem sua fé conjugal, ou em conservar-se castas donzellas, e se applaude nos homens o contrario?

Porque fica hum homem perdido no conceito de honrado se falta no lugar aprazado que ajustou com huma dama, ao passo que não se considera dsdouro de sua honra o faltar ao juramento que prestou perante o altar?

Como permittiria o espirito de partido que os homens concordassem sobre a verdadeira honra? Tudo he justo para servir a boa causa, que he a nossa, diz cada partido.

O amigo da liberdade pensa que a honra lhe ordena que sacrifique tudo, bens, descanço, e vida, para assegurar a independencia do seu paiz, e defendello da influencia e das armas dos paizes estrangeiros; o seu adversario acha que a honra lhe permitte combatter até auxiliado por estrangeiros pela causa sagrada que elle defende, e que julga inseparavel da do seu paiz.

Como se hão de terminar estas deploraveis contradicções? Lamentando os homens, illustrando-os, e conduzindo-os á tolerancia pelo conhecimento de seus muituos erros.

Todos concordão que se deve perder a esperança de conseguir felicidade huma vez que não soubermos moderar nossos desejos; mas como se hade entander esta moderação?

O necessario e o superfluo são palavras relativas, e que cada hum interpreta segundo seus gostos, e a sua situação. O superfluo de hum Grande, de hum Principe no decimo quinto seculo, não he nos nossos dias mais que o necessario a hum Cavalheiro de tratamento.

Porque razão em todos os paizes civilisados bem regidos são em pequeno numero os salteadores de estrada? Porque os castigão, e porque he gente desprezada. Mas entre as pessoas conspicuas

são admittidos, e ás vezes muito bem acolhidos ladrões de alto cothurno, que escapão ao castigo pela estima que delles fazem até aquelles que tinhão obrigação de os desprezar, e de os fazer punir.

Porque razão na historia dos homens encarregados de governar os povos se encontrão tantos conquistadores? He porque suas victimas os incensão e quasi os adorão, e porque os historiadores, sem fazerem caso da humanidade sacraficado aos caprichos, tecem coroas de louro e grandes elogios a esses assoladores da Terra. E como hão de estes resistir aos dois grandes attractivos, do poder em quanto vivem, e da celebridade depois da morte?

Os povos quasi sempre tem a culpa dos males que soffrem, e divinisão, como os salvagens pagãos, aquillo que temem; desprezão a virtude pacifica que faria a sua felicidade, e incensão o luxo que os arruina, o poder que os esmaga, e o genio guerreiro que os destroe.

Qual he a razão porque as mulheres são tão apaixonadas em materia de partido? Porque nada entendem dos Systemas, e das instituições que agitão esses partidos, e nestes não vêem senão homens.

Porque motivo os povos que são embalados com grandes promessas de liberdade e ventura se derem apoio aos que se insinuão como seus libertadores, e depois de os ajudarem a fazer a revolução que transtorna a marcha do Governo, ficão sempre sem huma verdadeira liberdade, e muitas vezes debaixo de hum mais rigoroso despotismo? Porque os povos ainda não abrirão os olhos á verdade infallivel de que taes promessas são pretextos de homens que querem governar e enriquecer-se tirando os que governão para em polgar-lhes os lugares para si e para os seus confederados, e tambem muitas vezes porque fora do Governo entendem que as couzas são de modo muito diverso do que na realidade são.

O Visconde de S. . . dizia : » Quereis saber o que he huma revolução? essa explicação se acha nestas poucas palavras : " Tirai-vos dahi para eu entrar. " Tinha razão.

Porque razão se disputa ? Será para saber como seremos? governados Não , mas para decidir quem ha de governar.

Porque razão não he intolerante a loucura ? Ella vê as couzas só de perfil ; o que admira he encontrar pessoas de juizo intolerantes , vendo ellas os objectos por todos os lados.

Porque razão se julga tão mal das acções alheias? Porque cada hum as olha do seu lugar , em vez de se collocar na situação dos outros.

Quantas pessoas não censurarião o que outras fazem , se ás vezes quizessem lembrar-se do que tem praticado !

Porque razão he raro ser bom e honrado o homem desconfiado? Porque não se presta de ordinario aos outros senão aquillo que cada hum possue ; julga o desconfiado que no coração dos outros ha o mesmo que elle tem no seu. — Poucos trapaceiros acreditão que ha franqueza ; poucas mulheres dadas ao galanteio acreditão na sincera honestidade das outras ; poucos Magistrados venaes se persuadem da incurruptibilidade dos que só rendem culto á Justiça , e que não torcem a sua vara.

LISBOA 2 de Abril de 1835.

Huma prematura morte, effeito de rápida enfermidade, roubou no dia 28 de Março a S. M. Fidelissima o seu joven e querido Esposo, e a S. M. I. o seu terno Irmão, o Principe D. *Augusto.* A magoa de tão sensivel golpe faria terrivel imprêssão em corações menos bem formados, quanto mais em tão Augustos Corações. Só a Religião, que os fortifica, lhes pode servir de lenitivo em tão amarga dor, bem como a confiança de que o Principe adornado de virtudes tem no Ceo o seu mais feliz descanço, em quanto na terra só he dado tributar-lhe saudosas recordações. Falleceo o Princepe pelas duas horas e vinte minutos da tarde do dia Sabbado, 28, e foi sepultado com apparato proprio do funeral de tão elevada Pessoa no Jazigo Real do extincto Convento de S. Vicente de Fora no dia Terça feira 31 á tarde, tendo havido em todos os tres dias tiros de canhão de 5 em 5 minutos, do Castello de S. Jorge e mais Fortalezas, e das Embarcações de Guerra. Não permittindo o nosso Jornal mais extensa relação, no Diario do Governo, e em outros Periodicos da Capital se achará amplamente descrito tudo quanto diz respeito a este funesto acontecimento.

Noticias Politicas.

Paris 2 *de Março.* — O periodico *Guarda Nacional*, de Marselha, de 26 de Fevereiro, falla do augmento da *cólera morbus* naquella Cidade. No dia 24 morrêrão 17, no dia 25 morrêrão 30; tem dado isto muito susto.

A nomeação de huma Commissão opposta á extensão da colonia de *Argel*, e mesmo favoravel á idéa de abandonalla, tem assustado a parte commercial do povo de *Marselha*. Já se apresentou ao Ministerio huma petição dos principaes negociantes de *Marselha* á favor do commercio de *Argel*. A Camará do Commercio os hade sem duvida apoiar, como já fez anteriormente. (*Semaphore de Marsielle*)

As nossas cartas de *Argel* de 22 de Fevereiro dão particularidades, ainda mais tristes do que já tinhamos recebido do furacão que visitou a Costa d'Africa. Diz-se que derão á costa 4 Navios ao pé de *Orão*, e dois ao pé de *Bugia*. Houve grandes estragos ao longo de toda a Costa da Berberia.

No *Monitor de Argel* se avalião em 3 milhões de francos as perdas soffridas pelos negociantes daquella praça. As nossas cartas dizem o dobro desta conta; estendendo o perjuizo aos consignatarios. Fazem-se grandes queixas do Almirantado; que não pôde fornecer os méios de salvar as embarcações a que tinha arrebentado a amarração. Em consequencia disto he que o Barco de Vapor *S'Eclaireur*, ha pouco comprado pelo Governo, foi arrejado sobre varios Navios dados á Costa, e ficou tão damnificado que se afundio, com pouca esperança de o poderem pôr anado.

O Molhe, e todas as outras obras do porto tiverão enormes damnos, e precizão de grandes concertos para estarem promptos para outra tempestade que possa occorrer no Equinoccio.

Esta tempestade servio de pretexto para chamar as tropas e os trabalhadores empregados no estabelecimento que se estava fazendo em *Buffarick*. Se acreditarmos as nossas cartas, a fadiga, desgosto, doenças, e mortalidade causadas pelas exhalações pestilenciaes do terreno que tinhão revolvido, fazião absolutamente necessaria a sua retirada.

O que afflige os verdadeiros amigos da colonisação, que se não devem confundir com o enxame de aventureiros que de todas as partes affluem áquelle desditoso paiz, he á profusão de despezas que se tem esperdiçado no terreno e nos arredores do principal lugar da colonia. Metade das despezas, bem empregada, obteria resultados que he impossivel mesmo esperar debaixo do systema actual. *(The Globe.)*

Francfort 24 de Fevereiro. — Posso de novo mui possitivamente affirmar-vos que a Duqueza de *Berry* não esteve aqui, e que pessoas que d'antes acreditavão o boato, estão hoje convencidas de seu engano.

Paris 7 de Março. — Huma carta de Marselha de 2 deste mez nos informa que a cólera hia alli lavrando cada vez mais. No dia 28 tinha havido 30 mortos pela cólera; e nas 24 horas que acabavão no dia 2 do corrente ás 5 horas, tinhão morrido 90 pessoas, sendo 75 da cólera. — Hia sahindo muita gente da Cidade, dando o exemplo as pessoas de mais consideração.

Segundo as noticias da *Gazeta de Augsburgo* recebidas de *Constantinopla*, de 4 de Fevereiro; tinhão-se expedido varias embarcações de guerra para a Costa da *Syria*; ainda hião marchando tropas para a *Asia*, e se observava muita actividade no Arsenal. *(The Globe.)*

Londres 9 de Março. — Noticia á cerca do Imperador d' Austria.

» O Imperador nasceo a 12 de Fevereiro de 1768, e completou portanto nesse dia do anno corrente 67 annos de idade. Nestas idades os pleurizes são sempre perigozos, quando não sejão fataes. Esta molestia o atacou, e além disso elle padecia

ha tempos molestia de entranhas, padecendo bastante nos ultimos dois annos. — No 1.° de Março de 1792 foi eleito Rei de Hungria e Bohemia, e succedeo a seu Pai Leopoldo II no dia 7 de Julho do mesmo anno. No dia 11 de Agosto de 1804 tomou o titulo de Imperador d'Austria somente (deixando o de Imperador d'Alemanha, em consequencia de a Confederação Germanica estar debaixo da protecção de Buonaparte).

" Casou o Imperador *Francisco II.* quatro vezes. A sua primeira mulher era filha de *Frederico*, Rei de *Wurtemberg*, e della não teve filhos; falleceo em 18 de Fevereiro de 1790. A sua segunda mulher, da qual só deixou filhos, foi *Maria Thereza*, filha de *Fernando IV*, Rei das *Duas Sicilias*, fallecida em 13 de Abril de 1807. A terceira foi a Arquiduqueza d'Austria. *Maria Luiza*, filha de *Fernando*, Arquiduque d'Austria, e tio do Imperador; a qual morreo em 4 de Abril de 1810. Em Novembro do mesmo anno casou o Imperador quarta vez com *Carlota Augusta*, filha do fallecido Rei de *Baviera*, a qual tem hoje 43 annos de idade.

" A descendencia existente do segundo matrimonio são cinco filhos, a saber, dois Arquiduques, e tres Arquiduquezas. — O Herdeiro do Throno, Principe Imperial (agora Imperador) he *Fernando Carlos Leopoldo José Francisco Marcellino*. Nasceo em 19 de Abril de 1793, e tem portanto perto de 42 annos. Foi coroado Rei de *Hungria* em 28 de Setembro de 1831. No mez de Fevereiro do mesmo anno tinha casado com *Marianna Carolina*, filha de *Victor Manoel*, o fallecido Rei de *Sardenha*.

» Os outros filhos do Imperador são: *Maria Luiza* (ex-Imperatriz dos Francezes) hoje de 44 annos, Duqueza de Parma; *Maria Clementina Francisca Josefa*, Arquiduqueza, de 37 annos de idade, casada na Casa de *Napoles*; o Arquiduque *Francisco Carlos José*, de 33 annos de idade; e

Marianna Francisca Thereza, Arquiduqueza d'Austria, de 31 annos de idade. (Estes são os filhos do Imperador que hoje existem.)

» Em addição ás pessoas da familia Imperial ficárão seis Irmãos do fallecido Imperador, a saber: 1.° o Arquiduque *Carlos*, que tem cinco filhos; 2.° o Arquiduque *José*, que tem tres; 3.° o Arquiduque *Antonio*; 4.° o Arquiduque *João*; 5.° o Arquiduque *Reinreo*; 6.° a Arquiduque *Luiz*.

O reinado do Imperador Francisco he dos mais cheios de acontecimentos que tem occupado a historia, com fortuna mui diversa, tendo-se visto os seus Estados a pique de serem desmembrados, e ficando por fim mais ampliados e seguros pela Paz geral. Sustentou a mais porfiada guerra continental com a Republica Franceza, e depois por vezes com Buonaparte depois de Imperador, vendo-se obrigado a dar-lhe em casamento irregular huma filha para salvar os seus Estados da conquista que era inevitavel em 1809. A sua união á *Russia* e á *Prussia* em 1813 cooperou para a queda do Conquistador da Europa. He certo porém que em quanto não teve á frente dos negocios o habil Principe *Metternich* não foi a sua politica ou do seu Gabinete, dirigida sempre com aquelle acerto e vantagem que lhe grangeárão a preponderancia que tem tido desde o Congresso de *Vienna* o Gabinete Austriaco nos negocios da Europa.

O *Eco do Commercio* (de *Madrid*) do dia 16 de Março diz: » O Coronel *Wilde*, Commissario Inglez junto do Exercito, escreve de Pamplona, referindo-se a cartas do Embaixador d'*Inglaterra*, que Lord *Fitzray-Somerset*, já não irá a *Madrid*, por haver renunciado a commissão que se lhe tinha confiado. »

» S. Mag. (a Regente) foi servida revogar a Ordem de 15 de Abril de 1824 expedida pelo Rei *Fernando VII.* para na Igreja Matriz de cada Capital de Provincia se fazer huma funcção de acção

de graças no 1.° dia, ou no 1.° Domingo do mez de Outubro de cada anno em memoria da sua liberdade. » (Isto he, do seu cativeiro em Cadiz)

Vêmos pelo mesmo periodico, o *Eco*, ter sido prohibido por ordem do Ministerio da Guerra, publicada na *Gazeta de Madrid* de 14, que as Musicas dos Regimentos toquem as marchas patrioticas; o que não se sabia de que causa provinha.

Folhas de *Londres* de 13 a 18 dizem que a 10 ainda os Carlistas atacavão *Elizondo*; que se aproximão á *Suissa* alguma tropas de *Baden*, e de outros Estados Alemães; que o fallecido Imperador d'*Austria* fora depositado no jazigo dos Capuchinhos de Vienna no dia 7 de Março. A *Gazeta de Augsburgo* de 9 traz o Artigo seguinte de Vienna em 4 de Março: — » Hontem teve o Imperador conferencias com os Membros do Conselho, que durárão algumas horas. A observancia de todas as formalidades necessaria no começo de hum novo reinado não deixa ao Governo momento de descanço. O Imperador trabalha pessoalmente com os Ministros. Elle escreveo huma carta ao Principe *Metternich* encarregando-o de tomar medidas para se levantar hum monumento á memoria de seu Pai.

Outro artigo da mesma data diz: » S. Mag. dirigio a seguinte carta authógrafa a S. A. Imperial o Arquiduque *Luiz*: » Meu caro Tio, — Julgo hum dos meus mais importantes actos do meu governo expressar-vos por occasião da minha subida ao throno a gratidão que haveis merecido por vossos serviços e zelo no interesse de meu pai, que ora descança com Deos. Tendo presenciado a confiança que Sua fallecida Magestade punha nos vossos conselhos, Eu sollicito de vós o mesmo auxilio. Eu descanço em vossos superiores conhecimentos e elevados sentimentos. Estou persuadido que não me haveis de negar a cooperação que eu sollicito, e que vos deve provar quanto he grande a minha confiança em vós. — (Assignado) *Fernando.* "

Londres 17 *de Março.* — O Marquez de *Londonderry* deo parte a noite passada na Camara dos Lords, que elle espontaneamente havia resolvido, em consequencia da conversação que houvera Sexta-feira na Camara dos Communs, recusar a nomeação que lhe havia sido offerecida de Embaixador á Corte de *S. Petersburgo.* A falla que o Marquez pronuncion nesta occazião he por todos considerada mui judiciosa; deve de convencer plenamente o paiz de que aquelles Membros da Camara dos Communs que tem, ou affectão ter, huma baixa opinião dos talentos do Marquez de *Londonderry*, e da sua discrição são nestas duas qualidades a elle muito inferiores.

Idem 18. — Noticias recebidas de *Paris* dizem se expedíra hum correio ao General *Maison*, Embaixador de França na Russia, chamando-o a *Paris*, sendo muitos de opinião que he destinado ao Ministerio da Guerra. — Accrescentão mais o seguinte: » Mr. de *Saint-Aulaire* (Embaixador de *França* em *Vienna*) sahe de *Paris* com instrucções mui favoraveis ao *Status quo* (estado actual) nos negocios estrangeiros, que tão agradavel he a Mr. de *Metternich*: elle ha de mesmo apoiar a politica Austrica; e como elle anteriormente se havia dado muito com a Aristocracia de *Vienna*, põe-se muita confiança na sua influencia para promover a boa harmonia entre o Rei dos Francezes e o novo Imperador d'*Austria.* » (*The Globe.*)

O *London Packet* de 18 de Março traz o seguinte:

» Dissemos ha dias que corria em *Brest* a noticia de haver o chamamento de Mr. *Serrurier* (Encarregado de Negocios da França) chegado a *Washington*, onde causára grande indisposição. Esta noticia plenamente se confirma pela chegada

do Paquete *Estados-Unidos*, que ancorou no rio em *Liverpool* Segunda feira pela volta da huma hora da tarde, tendo sahido de *Nova-York* no dia 27 do mez passado, e gastando só 17 dias na viagem. A noticia tinha chegado áquella Cidade no dia 19, e tinha produzido grande excitação. Foi immediatamente expedida para *Washington*, onde produzio o mesmo effeito. O Presidente declarou sem reserva, que, se as Camaras Francezas não fizessem justiça á *America*, (o que porém elle disse ainda julgava ellas farião) o Congresso o deve authorisar para declarar a guerra. Elle não fez communicação alguma official ao Congresso nem no dia 20, nem no dia 21 em consequencia do estado em que se achava o espirito publico, nem tinha ainda a Commissão dos negocios exteriores feito relatorio algum a este respeito.

» No dia 20 do mez passado chegou de *Brest* a *Nova-York* o Brigue *La Dassas*, com hum mez de viagem, levando despachos para Mr. *Serrurier*, que lhe forão immediatamente enviados por expresso. Não transpirava o seu conteudo. No dia 21 chegou hum Paquete do *Havre*, e dizia-se que as communicações que levava tendião a socegar o espirito publico. Não poderia porém isso durar muito, se foi motivado pelo que disse o *Washington Globe*, como motivo de consolação, a saber: »Que nenhuma duvida havia entre as pessoas bem informadas de *Paris*, de que a Lei para a indemnisação havia de passar em quatro ou cinco dias » O bem informado correspondente do *Globo de Washington* estava, pelo contrario, muito enganado.... Nós continuamos a ser de opinião que a *França* não pagará o dinheiro, e que a *America* não lhe fará guerra. »

ADVERTENCIA.

O N.° 13.° deste Jornal, que sahirá na proxima semana, completa o trimestre da presente subscripção, e no N.° 14.° começa o 2.° trimestre, de outros 13 números, que completaráõ o 1.° Volume, no fim do qual se imprimirá hum Indice dos Artigos litterarios de todo o Volume, que por certo desempenhará o titulo de Interessante *na opinião dos intelligentes. As pessoas que desejarem continuar a animar esta publicação, e recebella regularmente, poderáõ dirigir a renovaçõo de sua assignatura (1200 reis) ás lojas abaixo indicadas. Haverá collecções do 1.° trimestre, a 1200 reis, para quem desejar ter a primeira parte do Vol., quando não haja assignado para elle, e o faça para o 2.° trimestre; isto he, pode qualquer assignar pelos 26 números, ou 2 trimestres, a 2400 reis.*

Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno *Rua Augusta N.° 137; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço 1$200 réis por trimestre de 13 Numeros. Avulso 120 reis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XIII.

Importancia da boa educação da mocidade.

Posto que já tenhamos dito alguma cousa sobre a necessidade da educação, he conveniente fallar mais vezes em hum assumpto de que depende o bem dos individuos e da sociedade. Ainda que não possamos ser lidos por todos os nossos compatriotas que poderião tirar fructo deste Artigo, e de outros que aproveitaremos dos mais illustrados amigos da humanidade, e authores de maior credito nas Sciencias, e na Litteratura, comtudo irão a muitas mãos os resultados de nossa selecção tendentes ao fim de promover entre nós os bons estudos, e o gosto de huma boa civilisação moral, e de huma applicação ao trabalho e á cultura do espirito, e huma aversão ao ocio, á rustica ignorancia, e á mania de fallar em tudo sem entender nada, que hoje ataca tão grande numero de homens para desassocego dos Povos. Todos folgaráõ de ler sobre a importancia da boa educação o que escreveo hum grande Mestre, o sabio *Rollin*, no seu Tratado dos Estudos.

» A educação da mocidade foi sempre considerada pelos maiores Filosofos e pelos mais famo-

sos Legisladores como a fonte mais certa do repouso, e da felicidade, não só das familias, mas até dos Estados e dos Imperios. E com effeito que couza he huma Republica ou hum Reino, senão hum vasto corpo cujo vigor e saude dependem dos das familias particulares, que são como membros e partes delle, sem que nenhuma possa faltar ás suas funcções que o corpo inteiro o não sinta? Ora, não he a boa educação quem põe todos os cidadãos, e mais ainda os Grandes e os Principes do que os outros homens, em estado de desempenharem dignamente suas diversas funcções? Não he evidente que a mocidade he como o viveiro do Estado, e que por ella he que elle se renova, e se perpetúa? e que della he que vem todos os pais de familia, todos os Magistrados, todos os Ministros, em huma palavra todas as pessoas constituidas em authoridade e em dignidade, e não pode assegurarse que quanto ha bom ou defeituoso na educação dos que algum dia vierem a servir os empregos, influe em todo o corpo do Estado, e vem a ser como o espirito e o caracter geral de toda a Nação?

" As Leis são na verdade o fundamento dos Imperios, e conservando nestes a regra e a boa ordem, mantem nelles a paz e a tranquillidade. Mas d'onde tirão essas mesmas Leis a sua força e o seu vigor senão da boa educação que a ellas acostuma e a ellas sujeita os animos? Sem isso ellas são huma fraca barreira contra as paixões dos homens. *Quid leges sine moribus vanœ proficiunt?* (*De que servem leis vãs sem bons costumes?*)

Plutarco faz a este respeito huma reflexão bem sensata, e que merece ser pezada com attenção: falla elle de Lycurgo. " Este sabio Legis-
" lador (diz elle) não julgou acertado lançar por
" escrito as suas leis, persuadido de que o que
" ha mais forte e mais efficaz para fazer felizes
" as Cidades, e virtuosas as nações he o que se
" acha estampado nos costumes dos cidadãos, e

" aquillo que a pratica e o habito lhes tem tor-
" nado como familiar e natural. Porque os prin-
" cipios que a educação tem gravado em seus ani-
" mos, ficão firmes e inabalaveis, como fundados
" em sua convicção interior, e na propria vonta-
" de, que he hum vinculo sempre mais forte e mais
" duradouro que o do constrangimento; desorte
" que esta educação vem a ser a regra da moci-
" dade, e lhe serve de legislação. "

" Eis aqui, a meu ver, a regra mais justa que dar se pode da differença que ha entre as leis e a edudação.

" A Lei, quando se apresenta só, he huma senhora áspera e imperiosa, que aperreia o homem no que lhe he mais caro, e de que elle he mais cioso, quero dizer, a sua liberdade; que o entristece, que em tudo o contraría, que he surda ás suas representações e aos seus desejos, que nunca sabe affrouxar, que lhe falla só em tom ameaçador, e só lhe mostra castigos. Assim não he de admirar que o homem sacuda este jugo logo que impunemente o pode fazer, e que, não escutando já importunas lições, elle se entregue a suas propensões naturaes, que a Lei espuriamente havia reprimido, sem as mudar, nem as destruir.

" Não acontece assim com a educação. Esta he huma senhora benigna e insinuante, inimiga da violencia e do constrangimento, que não gosta de operar senão por meio da persuasão, que se applica a fazer gostar das suas instrucções fallando sempre razoavel e com verdade, e tendo em vista unicamente fazer mais facil a virtude, tornando-a mais amavel. Suas lições que começão quasi no nascimento do menino, vão crescendo e adquirindo força com elle, lanção com o tempo profundas raizes; passão em breve da memoria e do entendimento ao coração, vão-se imprimindo de dia em dia em seus costumes pela pratica e pelo habito, tornão-se nelle em segunda natureza que quasi

não pode já mudar, e fazem para com elle em toda a sua vida as vezes de hum Legislador sempre presente, que em toda a occasião lhe mostra o seu dever, e lho faz praticar.

» Ninguem pois á vista disto se deve admirar de haverem os antigos recommendado comtanto esmero a boa educação da mocidade, e a tenhão olhado como o mais seguro meio de fazer estavel e florecente hum Imperio. A sua maxima capital era que os meninos pertencem mais á républica, que a seus proprios pais; e que portanto não se deve abandonar ao capricho destes a sua educação, mas que o Governo se deve encarregar deste cuidado; que por esta razão devem os meninos ser educados, não em particular, ou na casa paterna, mas em publico (com todo o cuidado na escolha de habeis e dignos Mestres, isto he, de bom saber, e de bons costumes) por Mestres communs, e debaixo de huma igual disciplina; a fim de os instruirem cedo no amor da patria, no respeito ás leis do paiz, no gosto dos principios e das maximas do Estado em que tem de viver. Porque cada especie de Governo tem seu caracter particular: differente he o espirito e o caracter de hum estado republicano, do de hum Estado Monarquico. Ora, pela educação he que se adquire este espirito e este caracter.

» Em consequencia dos principios que ficão estabelecidos he que Lycurgo, Platão, Aristóteles, em summa todos quantos nos deixárão regras do governo, declarão que o principal e o mais essencial dever, de hum Legislador, de hum Principe, he velar na boa educação, em primeiro lugar de seus proprios filhos, que muitas vezes são seus successores nos seus lugares, e depois na dos cidadãos em geral, que formão o corpo da républica; e notão aquelles sabios que a desordem dos Estados toda vem da negligencia desto duplicado dever.

» Disto cita Platão hum illustre exemplo na

pessoa do Principe mais perfeito de que falla a historia antiga, o famoso Cyro. Não lhe faltava qualidade alguma das que constituem os grandes homens, senão a de que tratamos. Occupado em suas conquistas, deixou ás mulheres o cuidado da educação de seus filhos. Forão por tanto criados estes Principes, não debaixo da disciplina rígida e austera dos Persas, que tão bom effeito tinha tido para com Cyro seu pai, mas á maneira dos Médos, isto he, na molleza e nas delicias. Ninguem ousava contradizellos em couza alguma. Seus ouvidos só querião escutar louvores e adulações: diante delles todos curvavão os joelhos, e se punhão de rastos; e julgavão aquelles Principes que era proprio da sua grandeza pôr infinita distancia entre elles e os outros homens, como se fossem de outra especie differente. Similhante educação, de que severamente se afastavão todas as representações e censuras, teve, diz Platão, o effeito que della se devia esperar. Logo depois da morte de Cyro, armárão os dois Principes suas mãos hum contra e outro, não podendo nenhum delles soffrer superior, nem igual; e vindo a ser *Cambyses* senhor absoluto pela morte de seu irmão, se entregou como hum insensato e furioso a toda a qualidade de excessos, e poz o Imperio dos Persas propinquo á sua perdição. Cyro lhe havia deixado huma vasta extensão de Provincias, immensas rendas, exercitos innumeraveis; porém tudo isto se converteo em sua ruina, por falta de outro bem muito mais estimavel, que elle desprezou deixar-lhe, quero dizer, a boa educação. »

» Esta observação judiciosa de Platão a respeito de Cyro, me havia inteiramente escapado quando li a sua historia em Xenofonte, e eu não tinha reflectido que este historiador guarda com effeito profundo silencio sobre a educação dos filhos deste Principe, ao passo que escreve muito por extenso o excellente modo como era educada a mo-

cidade Persa, e como o mesmo Cyro tinha sido educado. Não ha defeito mais capital em hum Principe.

» Filippe, Rei de Macedonia, procedeo de bem diverso modo. Assim que veio a ser Pai (era isto no meio de suas conquistas, e no tempo de suas maiores proezas) escreveo a Aristóteles a seguinte Carta:

» Dou-vos parte que me nasceo hum filho.
» Não dou tanto graças aos Deoses pelo seu nas-
» cimento, como pela ventura que elle tem de ter
» vindo ao mundo no tempo em que ha na terra
» hum Aristóteles. Porquanto, eu espero que edu-
» cado pela vossa mão e pelos vossos desvelos, elle
» ha de vir a ser digno da gloria de seu pai, e do
» Imperio que eu lhe deixar. »

» Eis o que he fallar e pensar como grande homem, que conhece a importancia de huma boa educação. Alexandre, seu filho, teve os mesmos sentimentos. Observa hum historiador que elle não foi menos amante de Aristóteles do que de seu proprio Pai; « porque era devedor (dizia elle) a hum de viver, e ao outro de viver bem. »

» Se he grande falta em hum Principe não cuidar na educação de seus filhos, não he menor falta ser negligente na dos cidadãos em geral. Plutarco, no parallelo que faz de Lycurgo e de Numa, mui judiciosamenteo bserva, que foi similhante negligencia que inutilizou todos os bons designios e todos os estabelecimentos deste ultimo. A passagem he recommendavel. « Todo o trabalho de Nu-
» ma (diz elle) que só tivera por alvo conservar
» Roma pacifica e tranquilla, se desvaneceo com
» elle; e assim que falleceo, o templo de duas por-
» tas *(o templo de Jano)* que elle tivera sempre fe-
» chado, como se realmente houvera alli agrilhoado
» o monstro da guerra, de repente se abrio, e foi
» cheia de sangue e de carnagem toda a Italia:
» deste modo o mais bello e o mais justo dos seus

» estabelecimentos quasi nada durou, porque lhe
» faltava o unico vinculo capaz de o sustentar, que
» era a educação da mocidade. »

» Hum procedimento opposto inteiramente foi o que manteve longo tempo as leis de Lycurgo em sua inteireza: « Pois que (como observava o mesmo Plutarco) a religião do juramento que elle exigio dos Lacedemonios, fraco recurso fôra depois da sua morte, se pela educação elle não tivera imprimido as leis nos seus costumes, e lhes não fizera beber com o leite o amor da sua policia fazendo-lha como familiar e natural. Vio-se por tanto que os seus principaes decretos se conservárão mais de quinhentos annos, como huma boa tinta forte que havia penetrado até o fundo da alma. »

» Todos estes grandes homens da Antiguidade estavão pois persuadidos, como Plutarco o diz em particular de Lycurgo, de que o dever mais essencial de hum Legislador, e o mesmo se deve dizer de hum Principe, era estabelecer boas regras para a educação da mocidade, e fazellas exactamente praticar. He de assombrar até onde elles levavão neste ponto a sua attenção e a sua previsão. Recommendavão logo desde o nascimento dos filhos se tomassem assizadas precauções relativamente a todas as pessoas que delles devião ter cuidado; e bem se vê que Quintiliano bebeo em Platão e Aristóteles o que diz a este respeito á cerca das amas de criação. Elle queria, como aquelles sabios Filosofos, que na escolha que dellas se fizesse, não só se procurasse que não tivessem linguagem viciosa, mas que sobre tudo se attendesse a seus costumes e ao caracter do seu genio. E a razão que disto dá he admiravel: « He porque o que
» se aprende nesta idade, se imprime com facili-
» dade na mente, (ou no animo), e nella deixa
» profundos vestigios que se não apagão facilmen-
» te. Acontece como em hum vaso novo que con-
» serva longo tempo o cheiro do licor que nelle

» se deitou; e como as lãs, que nunca recobrão
» sua primeira brancura huma vez que forão tin-
» tas. E a desgraça he que os maos habitos durão
» mais ainda que os bons. »

» He pela mesma razão que os Filosofos olhão como hum dos mais essenciaes deveres dos que são encarregados da educação da tenra mocidade, afastar do pé dos meninos quanto for possivel os escravos e os criados, cujos discursos, e muito mais os exemplos, lhes possão ser nocivos.

» A isto accrescentão hum conselho, que será a condemnação de grande numero de Pais e de Mestres Christãos. Querem que não só se vede aos meninos até certa idade toda a leitura de Comedias, e todos os espectaculos; mas que absolutamente sejão banidos dos lugares publicos (e portanto muito mais das casas) todas as pinturas, esculturas, e tapessarias, que possão offerecer aos olhos dos meninos alguma imagem ou figura indecente ou perigosa. Desejão que os Magistrados velem com cuidado na execução deste regulamento, e que obriguem os operarios, ainda os mais habeis, que a isso não quizerem sujeitar-se, a que levem a outra parte sua funesta habilidade, se não a quizerem empregar melhor. Estavão persuadidos que deste montão de objectos proprios para lizongear as paixões, e nutrir a cubiça, sahe hum ar contagioso e pestilente, capaz de inficionar ampla e insensivelmente até os mestres que o respirão a cada momento sem temor e sem precaução; e que estes objectos são como outras tantas flores envenenadas que exhalão hum cheiro mortifero tanto mais temivel quanto menos se desconfia delle, e quanto mais parece agradavel. Estes sabios Filosofos querem pelo contrario que em huma Cidade tudo ensine e tudo respira a virtude, inscripções, quadros, estatuas, jogos, conversações; e que de tudo o que se offerece aos sentidos, e que dá nos olhos e nos ouvidos, se forme como hum ar e hum

ar e hum sopro salutar, que imperceptivelmente se vá insinuando na alma dos meninos, e que auxiliado e sustentado pela instrucção dos Mestres, leve alli desde a mais tenra idade o amor do bem, e o gosto das couzas honestas. ...

» Termino este artigo pedindo ao leitor que repare como até o proprio Paganismo considerou sempre como o mais essencial dever dos Pais, dos Magistrados, e dos Principes velarem na educação da mocidade, porque he da ultima importancia para todo o resto da vida dar-lhe desde a infancia bons principios. Com effeito quando os animos são ainda tenros e flexiveis, manejão-se e dá-se-lhes volta á vontade; e pelo contrario a idade, e hum longo habito fazem quasi incorrigiveis os defeitos. «

A Coroa de Hieron, e a resolução do seu Problema por Arquimedes

Hieron, parente e amigo do celebre Mathematico *Arquimedes*, tinha chegado a ser Rei de *Syracusa*, e desejando deixar hum monumento do seu reconhecimento para com os Deoses, aos quaes julgava dever este favor, mandou fazer huma Coroa de grande preço, e deo o ouro necessario ao Mestre que a devia fazer. Trouxe este no tempo marcado huma Coroa de ouro do pezo que tinha recebido: foi approvada a obra e posta no Templo. Pouco depois entrou-se em suspeita da fidelidade do Ourives; desejou por tanto o Rei descubrir a fraude sem comtudo damnificar a obra. Foi consultado *Arquimedes*, o qual, embebido neste pensamento, foi para o banho como costumava. Alli percebeo ou reflectio que á medida que entrava na Tina trasbordava della a agua. Salta para fora immediatamente, e sem reparar que estava nû, se poz a gritar pelas ruas de Syracusa: *achei-o*,

achei-o. Voltando a casa tomou duas barras, huma de ouro puro, e outra de prata; cada huma do pezo da Coroa. Mergulhou primeiro a barra de prata em hum vaso cheio de agua, e esta trasbordou á proporção do volume da barra. Tendo *Arquimedes* medido a agua que sahio do vaso, logo conheceo que quantidade de agua correspondia a huma massa de prata de certo pezo. Depois desta experiencia encheo de novo de agua o mesmo vaso, e mergulhou nelle a barra de ouro, medindo a agua que sahira de menos comparada com a que sahio na immersão da barra de prata. Assim descubrio a proporção que havia entre as quantidades entornadas e os volumes das duas barras de metaes differentes e do mesmo pezo. Este primeiro descubrimento era o mais difficil; o calculo fez o resto. Tendo Arquimedes reparado ao mergulhar a Coroa, que ella fazia sahir mais agua do que a barra de ouro do mesmo pezo, reconheceo que nella havia liga; e discorrendo depois sobre as quantidades de agua sahidas do vaso nas experiencias, fez claramente ver a quantidade de prata que o Ourives tinha misturado no ouro da Coroa.

Alguns desejaráõ saber a forma da resolução deste Problema. e aqui lha accrescentaremos. Supondo que a Coroa (ou outra qualquer peça de ouro ligado com prata) pezava 100 Onças, tomando hum volume de prata de outras 100, e hum de ouro puro do mesmo pezo; e suppondo que, metida a terceira peça (a barra de ouro) em huma vaso cheio d'agua, a que deste sahia era do pezo de 5 onças; tirada a barra de ouro, cheio d'agua o vaso, e metida a barra de prata, a agua que esta fazia sahir era v. g. 6 onças, e depois metida do mesmo modo a coroa, ou peça ligada, lançava do vaso 9 onças de agua; erão os volumes de agua, que cada peça fez sahir, 5, 6, e 9, que sommão 20. Ora, deduzindo das 9 Onças que a prata entornou, as 6 da Coroa, ficão 3; deduzindo das 6

da Coroa as 5 da barra de ouro puro fica 1 onça, que com as 3 faz 4 onças. Então se faz a regra de proporção. — 4 : 100 :: 3 : x (que vem a ser 75 onças que a Coroa, ou peça ligada, tem de ouro. E por segunda regra — 4 : 100 :: 1 : x (sahe 25, pezo da prata, ou liga que tem a Coroa.)

Noticia da Cidade de Herculano.

Esta antiga Cidade da *Italia*, situada na *Campania* sobre a costa do Mar, defronte do *Vesuvio*, foi fundada 60 annos antes da guerra da *Troya*, e por conseguinte 1342 annos antes de Jesus Christo nascer. Os *Hosquos* a habitárão, depois os *Cumeanos*, os *Tyrrhenos*, e os *Sammitas* a occuparão succesivamente. Os *Romanos* a conquistárão durante a Guerra dos alliados, e no primeiro anno do imperio de *Tito*, e aos 79 da Era Christã foi submergida pelo Vesuvio. *Plinio* o moço deo a descripção deste acontecimento, de que foi testemunha occular. Este desastre havia sido precedido de hum terrivel terremoto acontecido 13 annos antes, no anno 63 da Era Christã, e mesmo então, segundo varios autores, já a maior parte de *Herculano* ficou submergida.

Em 1720 pouco mais ou menos desejando o Principe de *Elbeuf*, Manoel de Lourena, ornar de marmore huma caza que tinha mandado edificar em *Portici* na margem do mar, comprou alguns bellos marmores a hum camponez do districto, que os tinha achado escavando o seu poço. Fez mais o Principe, comprou o terreno do Camponez, e mandou alli cavar. Não foi imfructuoso este trabalho: não só achou quantidade de marmores preciosos, mas tambem varias estatuas de escultura Grega, e columnas de alabastro floreado. Estas riquezas attrahirão a attenção do Governo, que man-

dou parar nas escavações. Ainda a imaginação estava ferida dos descobrimentos que por meio dellas se tinhão feito, quando *D. Carlos*, vindo a ser Rei de *Napoles* (e depois o foi de *Hespanha*, *Carlos III.*) escolheo, em 1736, o ameno sitio de *Portici* para alli mandar fazer hum delicioso palacio de residencia. Então cuidou este Monarca desveladamente em fazer proseguir nas escavações nas começadas pelo Principe *d'Elbeuf*, e excedeo o exito muito além do que elle esperava. Tendo sido a terra profundada por sua ordem até oitenta pés, então se descobrio o terreno de huma Cidade submergida por baixo de *Portici* e *Retina*, aldeias distantes couza de duas leguas de *Napoles*, e destas excavações se tirárão desde então tantas antigualhas de toda a especie, que no espaço de seis ou sete annos formárão ao Rei das *Duas Sicilias* hum Museu tal, que nenhum outro Principe por mais rico que fosse, poderia em muitos seculos que viesses adquirir igual em antiguidades. Deste modo sahio outra vez á luz, por assim dizer, huma Cidade inteira, cheia de ornatos, de theatros, templos, pinturas, estatuas, marmores, e bronzes, sepultados no seio da terra ha mais de dezeseis seculos.

Além das estatuas e outras antiguidades, tambem se achárão, (e de vez em quando tem ido apparecendo, porque ainda se não descubrio tudo) muitos manuscritos em papyro, em estado e consistencia de carvão os mais delles: com summo cuidado e paciencia se tem desenrolado e copiado alguns destes rollos; dando esperança estes escritos, sepultados tantos annos, de se obterem mais exactas copias de algumas das obras dos mais famosos Escritores Gregos e Romanos, que tinhão já existido ao submergir-se a Cidade de *Herculano*.

Pompeia, ou *Pompei*, he outra Cidade, a pouca distancia de *Herculano* (couza de huma legua)

que teve igual sorte, segundo huns ao mesmo tempo, e segundo outros, alguns seculos depois. Deparou-se com ella por acaso, proxima ao rio *Sarno*, duas leguas ao Sul do *Vesuvio*, andando huns camponezes plantando arvores. Como a camada de terra volcanica que cobre aquelle sitio he pouco funda, concebeo-se a idéa, não de fazer excavações como em *Herculano*, mas de tirar a terra de todo o sitio. Não se sabe ao certo a data das primeiras excavações. Em 1755 porém começárão os trabalhos mais regulares, que, por vezes largados, e continuados, tem descuberto huma boa porção da Cidade de *Pompeia*, na qual se anda como pela Cidade de *Napoles*. Tem-se achado templos com seus altares, estatuas, todos os utencilios necessarios aos sacrificios, bellas pinturas, casas, &c.: a maior parte dos objectos portateis tem passado ao Museu de *Portici*, lugar quo fica a duas leguas do *Vesuvio*.

LISBOA 9 de Abril de 1835.

Noticias Politicas.

Londres 16 *de Março.* O *Morning Herald* de hoje traz huma mui curiosa carta de hum Inglez que está junto do Quartel General de *D. Carlos*, datada de *Santistevan* em 8 de Março, de que extrahimos o seguinte:

» Ha mais de tres semanas que temos tido continua chuva, pedra, e neve, estando as estradas intransitaveis, e por conseguinte paralisadas as operações das duas partes belligerantes. *D. Carlos* está em *Zuñiga* occupado em arranjar as reformas que tem em vista, e preparando a obra para immediata publicação. *Zumalacarreguy*, estacionado agora em *la Borunda* tem augmentado muito a sua força, e

submetteo já ao Rei o plano de campanha na Primavera. *Ituralde* commanda hum corpo de observação na *Rivera*, e faz frente ás divizões de Lopes e de Oran. *Segastibelza* protege o *Bastan*, ao passo que *Guibelalde* occupa a estrada da Guipuscoa desde Salinas até Irun. *Eraso* e *Castor* conseguírão levantar mais dois batalhões na Biscaia. *Merino*, *Villalobos*, *Arroyo*, e *Passiego*, andão na Castella Velha, e fazem excursões, segundo se lhes offerece occasião, nas *Asturias*, organizão paizanos, que se apresentão diariamente com desejo de servir. Eis como se achão situadas as principaes forças de *D. Carlos* nas Provincias do Norte, e em breve se pode esperar huma campanha activa, e se eu não estou muito enganado o resultado da » Confissão da Quaresma » ha de essencialmente tender a levar a prompta conclusão esta sanguinaria guerra civil. « (Contem a carta outras reflexões sobre este assumpto, e acaba dizendo que quasi todos os Officiaes que estavão feridos em Los Arcos quizerão entrar no serviço de *D. Carlos*. Com as armas que achou em *Los Arcos* forneceo *Zumalacarregui* hum batalhão de Carlistas do Aragão.)

Hum artigo de *Vienna* de 4 do corrente diz o seguinte: " A morte do Imperador d'Austria foi communicada a Mr. *Rothschild*, em Francfort, nos seguintes termos: — » O Imperador falleceo á huma hora, em presença de toda a Corte. O Principe (*Metternich*) me pede vos informe e a vosso irmão que podeis nelle descançar com tanta segurança para o futuro como tendes feito pelo passado; a Austria ficou Austria tão forte como sempre; que positivamente nada se hade mudar na Administração do paiz; que tendo fallecido o Imperador Francisco, fica em seu lugar o Imperador Fernando, e continúa o seu reinado. O Principe vos pede annuncieis isto a todos *com toda a authoridade do nome de Rothschild*, porque a vossa voz he acreditada, e hade produzir bom effeito. « (*Morn. Her.*)

A *População da Austria* he presentemente a seguinte em seus diversos Estados, Provincias e Dominios: Austria inferior 1,246,520 habitantes; Austria superior 835,043; Steyermarck 855,720; o Tyrol e o Voralberg 784,472; Illyria (Governo de Laybach 728,346; Illysia (o resto) 426,539; a Lombardia 2,403,143; as Provincias Venezianas 2,032,339; a Bohemia 5,901,572; a Moravia e a Silesia Austriaca 2,060,000; a Gallitzia e Bukowina 4,451,175; a Hungria propria com a Escavonia e Croacia 10,195,000; a Transylvania, e as Provincias Militares 2,088,300; os Districtos Militares da Hungria, Esclavonia, e Croacia 954,000; a Dalmacia 320,000. — Total 35,281,869 habitantes.

Londres 17 *de Março.* — Por noticias do Norte d'Hespanha consta que os Carlistas se retirárão do cerco de Elizondo no dia 11 pela noticia de se aproximar Mina com a maior parte das suas forças.

Idem 19. Huma carta de Baiona, de 12 do corrente, diz entre outras couzas o seguinte: " No dia 4 houve em Gerona (Catalunha) huma acção em que os Christinos perdêrão 27 prizioneiros entre os quaes se conta o filho do General Lopes... Os Christinos (do Exercito de Mina) fallão de receberem reforços; mas elles verão na Primavera se podem conservar o seu terreno. Os planos para hum levantamento geral nestas Provincias estão laborando, e julga-se que hão de dar que fazer para os fins de Abril, (senão houver grande força, e tal que obste ao mesmo tempo em toda a parte). As excursões militares ultimamente feitas pelo Coronel Arroyo com 300 homens pelas Asturias, e Leão habilitárão os Carlistas a ajuizar exactamente do estado da opinião publica (que as crueldades de Mina tem tornado ainda mais a favor dos Carlistas). As partidas na Catalunha, depois de varias dispersões, tem augmentado mais, e a Cas-

tella, em tendo ponto de apoio, declara-se por D. Carlos, para cujas tropas tem passado muitos dos seus contrarios. A magnanimidade de D. Carlos em *Los Arcos* tem grangeado muitos individuos á sua causa "

Idem 23. Recebemos os Jornaes de Paris de 21 do corrente. As seguintes noticias se achão no *Jornal de Paris* de Sexta feira á tarde:

» Segundo as ultimas noticias do theatro da Guerra, a seguinte era a situação das tropas de ambas as partes. Mina fez aproximar todas as suas tropas ao Bastan, e se appresentou em Narvato perto de Santestevan, occupada pelos Carlistas. Lopes está em Puente de la Reyna, Carratalá em la Borunda, Espartero na Guipuscoa. Jaureguy continua em Lesaca, e Vigo em Zubiry. — Zumalacarregui tem tambem concentrado as suas forças no Ulzama.

» Mina ordenou fosse incendiada a Aldea de Lecaroz, que cobria os Carlistas que cercavão Elizondo. — Forão fusilados muitos habitantes por ordem do mesmo no Bastan. »

Vê-se por hum carta de Baiona do correspondente da Gazetta de França, que Lecaroz foi incendiada no dia 14 *em presença de Mina*. Os unicos edificios que se pouparão foi a Igreja e huma casa annexa, que se havião de converter em abarracamento. Dizem que forão amarrados todos os habitantes com cordas aos 5 e 6, se fizerão tirar sortes e hum de cada 5 individuos foi arcabuzado. Os que sobrevivêrão a este atroz feito devião ser levados a Pamplona. (Isto he alli na Navarra ou entre os Cafres do Cabo da Boa Esperança? Custa a crer, mas a proclamação de Mina, que abaixo damos tira qualquer duvida.)

Consta-nos por noticias de Madrid de 11 do corrente, que nesse dia tinha a Rainha Regente presenteado com huma espada o General Cordova, o qual hia partir para as Provincias do Norte com 5 batalhões.

Idem 24. O *Jornal de Paris* de Domingo publica as seguintes noticias do Norte da Hespanha: » Mina chegou a Elizondo, onde intenta ter alguns dias de descanço, depois da fadiga da ultima acção em que elle proprio conduzio a carga da sua cavallaria Estão concentrados ao redor d'Elizondo 24 Batalhões. — Os Carlistas estão no Valle de Ulzama. "

Acabava de chegar ao nosso correspondente o seguinte documento.

Proclamação do General Mina.

» *Navarrezes*, — Ao assumir o Vice reinado da Navarra, e o commando do Exercito, eu vos disse que tomava profundo interesse nas calamidades que soffreis, e que como Navarrez eu deplorava os males que affligião a terra do meu nascimento. Eu vos offereci paz, se, obedientes á minha voz, posesseis termo ás dissensões fomentadas por homens que procurão enriquecer-se á custa do vosso sangue, e a final eu concluía ameaçando-vos com terrivel castigo se persistisseis na vossa cegueira.

» Infelizmente essa circunstancia tem occorrido, e desde hoje começa a verdadeira guerra da Navarra. A Aldeia de *Lecaroz* que, enganando S. Mag. e o paiz, e protegendo abertamente aquelles inimigos que o vexão, tinha até hoje, com desprezo das leis existentes, occultado as armas e as munições dos facciosos, fugindo os seus habitantes ao aproximarem se as nossas tropas, e recusando communicar, segundo as minhas ordens, os movimentos do inimigo, — Lecaroz foi hoje entregue ás chammas. Seus habitantes forão espingardeados, hum de cada cinco, como castigo do seu crime. A mesma sorte espera toda a povoação e todo o individuo que houver de seguir o exemplo de Lecaroz, e á força d'armas eu extirparei huma cri-

minosa, obstinada e vergonhosa rebellião, se vos não reunirdes a mim, que estou ainda inclinado a *perdoar-vos.* Lembrai-vos, Navarrezes, que eu sei cumprir a minha promessa. (Assignado) — Mina. — Quartel General em Narbarle em 14 de Março. »

» O expresso parte tão cedo que não tenho tempo para accrescentar huma linha a esta sanguinaria proclamação, confirmando ella huma acção tão atroz, que o *Monitor* de hontem teve ordem de não a mencionar, publicando o bulletim dado pelo *Jornal de Paris* de Sabbado (accrescenta o Correspondente do *Post.*)

» *Baiona* 17 *de Março.* — Disse-vos na minha ultima, que *Mina* foi atacado na sua marcha para Elizondo. No dia 11 *Zumalacarregui* com 15 batalhões occupava a Aldeia de Elzaburu, no Valle de Ulzama, e quatro leguas e meia ao Norte de Pamplona. Ao ver esta força *Mina* hesitou, e passou-se todo o dia 11 em alguns tiroteios entre as avançadas. No dia 12 se fez geral o ataque, e tendo os Carlistas descido das alturas, com a mira de levarem os Christinos a huma embuscada, foi o seu ataque da cavallaria repellido com grande perda. Por hum desvio da estrada principal chegou *Mina* a Elizondo, onde achou reforços, e *Zumalacarregui* se collocou entre o Vice-Rei e Pamplona. A perda de ambas as partes nesta occasião foi consideravel, mas ainda não se publicárão as particularidades.

» O nosso *Maire*, Mr. *Ballasque*, foi ver o comboi entregue a salvo a *Mina*. Além de 500$ francos, hião 4$ pares de sapatos, viveres, munições, e fardamentos.

» No dia 15 estava *Zumalacarregui* em *Ulzama* com 15 Batalhões, e entendia-se que outras forças estavão a ponto de se lhe juntarem. Tentará elle interceptar o comboi? Esta pergunta anda na boca de todos. Se o fizer e for bem succedido, lá vai toda a jactancia de *Mina*.... ".

» *Bilbão* 8 *de Março.* — Hontem os Carlistas assaltárão os moinhos da Cidade, e matárão no ataque a guarnição composta de huma companhia do Regimento de *Alcazar de S. Juan*, e depois *queimárão* esta extensa e bella porção de edificios. O Governador (de *Bilbão*) tinha 2400 homens debaixo d'armas, mas não se aventurou a sahir senão depois de os moinhos estarem a arder, então mandou huma Companhia de Urbanos para render a guarda dos moinhos, porém cahio-lhe em cima huma força Carlista de mil homens. Os Carlistas tinhão tres peças de canhão. As obras de que era fornecida a guarnição com o pão ficárão portanto destruidas. *Espartero* tinha ido com 1200 homens a Victoria, para soccorrer *Maestu.* — Cahio em poder dos Carlistas grande quantidade de trigo, farinha, e biscoito. »

A *Gazetta de França* diz que por noticias de *Roma* de 7 deste mez se assevera ter-se suscitado séria altercação entre a Corte do Pontifice e o Governo Brazileiro, em razão de este ter eleito para Bispo do *Rio de Janeiro* hum individuo que escreveo contra o celibato do Clero Catholico.

Idem 25. O *Morning Post* de hoje publica a seguinte correspondencia de *Vienna d'Austria* :

» *Vienna* 10 *de Março.* — Tem decorrido mais de huma semana, e as apparencias continuão a ser favoraveis, e tanto, que razoavelmente podemos esperar que dentro em pouco tempo se não perceberá a mudança que houve. O funeral teve lugar Sabbado (7) na Igreja dos Capuchinhos. O Imperador, a Imperatriz, e toda a Familia Imperial, á excepção da Imperatriz Viuva, acompanhárão o Corpo. As ceremonias forão exactamente as mesmas que sempre forão do estilo em taes occasiões ha seculos. Foi judicioso, mas a direcção tomada pelo funeral cortejo podia ter sido mais acertada. A distancia he mui pequena; mas como algumas das ruas são estreitas, não havia sufficien-

te espaço para a immensa multidão de povo que desejava ver o enterro. Eu tive bom sitio para o ver de huma janella em huma das principaes praças; e alli mesmo a chusma era tão apertada, que receei algum accidente infeliz. Em diversos sitios derão de si alguns palanques: morrêrão duas pessoas, e ficárão feridas algumas, de que se diz tem fallecido algumas. Assim que o Imperador soube isto, mandou que se lhe fizesse relação do caso, e deo a entender ao mesmo tempo ter tenção de soccorrer as familias dos que padecêrão, se ficassem sem meio de sustentação.

» A unica nomeação de alguma consequencia depois que ultimamente vos escrevi he a do Conde *Clam Martinitz*, que foi nomeado Ajundate General do Imperador. He hum posto de confiança, e dá consideravel influencia nas couzas militares. O Conde he hum fidalgo de huma das grandes familias da *Bahemia*, e distincto Official e diplomatico; he casado com huma Ingleza mui amavel, e passa por homem de conhecimentos e probidade. »

Idem (Vienna) 12 *de Março.* — Antehontem á noite chegou aqui o segundo filho do Rei da *Prussia.* Seu pai, ao receber a noticia da morte do seu deplorado amigo o Imperador *Francisco*, o expedio sem demora a dar os pezames ao actual Imperador, e á Familia Imperial. Este procedimento do Rei da *Prussia* nesta occasião produzio aqui huma impressão mui agradavel, não só no Governo, mas no publico em geral. O Exercito Prussiano teve ordem de pôr luto, e os theatros de *Berlim* se fechárão por tres dias. A expressão da sympathia de S. M. Prussiana he mais grata do que communmente, e mui louvavel, e precedeo o annuncio formal da morte do Imperador, chegando aqui o Principe *Guilherme* antes mesmo de haver sahido desta Capital para Berlim a pessoa delegada para este fim. Ouço dizer que o Principe *Adolfo Schwartzenberg* he a pessoa escolhida para esta missão: o Prin-

cipe *Luiz de Lichtenstein*, herdeiro da immensa riqueza do Principe *João de Lichtenstein* ha de ir a *Londres* para o mesmo fim: seu Primo, o Principe *Carlos de Lichtenstein* vai a *Petersburgo*, e o Principe *Alfredo Schonberg* irá a *Paris*. — Estes fidalgos são das Casas mais illustres, e são todos elles favoravelmente conhecidos em todos os pontos dos seus destinos, tendo viajado. Ainda não sei os nomes dos que hão de ir a *Haia*, *Bruxellas* e outras Cortes. O Principe *Guilherme* de *Prussia* ha de estar aqui mais huma semana. "

Por outras noticias que recebemos de *Vienna* nos consta ter o Arquiduque *Francisco*, Irmão do novo Imperador sido nomeado Major General.

O Fed Marechal Principe de *Wrede* havia sahido de *Munich* (segundo os Periodicos Alemães) com o Ministro dos Negocios Estrangeiros Mr. de *Minckwitz*, para *Vienna* a dar pezames ao novo Imperador. Huma carta deste a S. M. Prussiana, declara que elle proseguirá a mesma linha de politica que seguia seu Pai.

O nosso Ministerio (Britannico) continúa a ser bem succedido nas suas propostas nas Camaras, porque as suas vistas e intenções são de fazer reformas assizadas, com attenção ás circunstancias.

Barlim (Prussia) 12 *de Março.* — A noticia do fallecimento do Imperador d'*Austria*, trazida por hum correio que chegou no dia 4 ás 10 horas da noite, diffundio universal tristeza na Familia Real, cujo Chefe, o nosso excellente Monarca, era particular e pessoalmente affecto ao Imperador. He hum facto que o fallescido Imperador, hum ou dois dias antes de fallecer, mandou chamar o seu filho e successor, e no decurso de suas admoestações lhe disse, que » como elle não conhecia homem algum em quem podesse pôr maior confiança que no seu amigo o Rei de *Prussia*, elle lhe aconselhava, que quando occorresse alguma occasião em que houvesse de precizar conselho e auxilio,

recorresse ao Rei, pois que elle era hum homem de probidade em todo o sentido. » Fernando prometteo a seu Augusto Pai obedecer aos seus preceitos, e escreveo immediatamente huma Carta ao nosso Rei, em que lhe partecipava » que seu pai lhe havia intimado o considerasse como o seu melhor amigo, e que por conseguinte elle não tinha dever algum mais importante a desempenhar que o de se dirigir a elle e supplicar-lhe a continuação da sua amizade e affecto. " Quando o nosso excellente Rei leo esta Carta não pôde conter as lagrimas; e dizem-me que foi precisa toda a sua presença d'espirito para reprimir a força da sua pena. — Logo que chegou a *Berlim* a noticia da morte do Imperador, expedio-se ordem para cessarem todos os espectaculos, e se ordenou que todo o Exercito Prussiano tomasse luto por quatro semanas. O Regimento do Imperador (hum dos de que se compõe a guarnição da Capital) logo se poz de luto, e suspendêrão-se todas as festas da Corte. O Rei foi para *Potzdam*; hontem foi a *Charlotenburg* por ser o dia anniversario da morte da Rainha, a passar alguns momentos ao pé do seu tumulo. Domingo (15) haverá grandes exequias pelo Imperador na Cathedral de *Potsdam. (Mom. Post.)*

O Officio do General *Mina* datado de *Elizondo* em 13 de Março da acção do dia 12 apenas appareceo nos periodicos de *Madrid* de 29, e por elle mesmo se colhe não foi muito feliz na acção daquelle dia, em que elle diz ficou contuso em hum hombro.

O *Eco* se queixa de haver muitas guerrilhas que incommodão a *Castella a Velha*, apezar de alli haver 14$000 homens disponiveis. Por noticias de *Pamplona* de 23 se diz que » todas as tropas se dirigião sobre as *Amescuas*, onde parece haver-se reunido o grosso das facções. » (*Eco* do Com. de 31 de Março.)

Carta da *Corunha* de 21 (no *Eco* de 28) diz

haver alli chegado o Brigue Inglez *Realistás*, em que veio hum encarregado do Governo Inglez com Officios para o Embaixador Britannico em *Madrid*, e que vierão no mesmo Brigue dois Generaes *Colombianos* em commissão ao Governo Hespanhol. — No mesmo porto da *Corunha* se achavão áquelle tempo cinco vasos de guerra Inglezes, que não deixavão de chamar a attenção, e se dizia que huns sahirião para a costa da *Biscaia* com artilheria, outros para *Inglaterra*, e hum para *Lisboa*.

Madrid 30 *de Março*. — De hontem para cá não se falla senão dos successos de *Malaga*; cada qual os pinta a seu modo, dando-lhes huns grande importancia, e suppondo-os outros quasi insignificantes. Nós *(o Eco)* temos visto cartas de 25 que são contestes no principal das occorrencias, e em attribuillas a indiscrições do ex-Governador Militar. Mas os testemunhos mais authenticos que temos são as fallas das Authoridades civil e militar durante o rebate, e a representação da Camara e moradores principaes feita no dia 26, que trouxe a S. M. a Rainha Governadora hum expresso pela posta. —, O facto vem a ser que no dia 22 se notou alterada alli a ordem publica; ja no dia 18 ao dar o Governador huma serenate houve huma voz de Viva a *Constituição* (entendendo a de Cadiz). A isto se exaltou o mesmo Governador D. Nicoláo Izidro, proferindo palavras indecentes, dizendo: Urbanos, ao que deo essa voz, degolai o em hum instante, e depois dai-me parte, pois eu da minha parte fusilarei o que apanhar. Isto exaltou as paixões do povo. Indo enterrar-se hum Urbano, tocou-se o hymno patriotico, dando os Urbanos alguns vivas não prohibidos. Mandou o Governador suspender aquella musica. Desculpou-se depois, e deo ordem para prohibir as musicas nos enterros. Apparecêrão no outro dia as portas dos mais decididos patriotas com pinturas burlescas, e com disticos subversi-

vos, de Viva Carlos V, e morras á Rainha. Depois de varias outras circunstancias refere a exposição que o Governador sahio de *Malaga*, e protesta pelos bons sentimentos daquella Cidade. Falta de espaço nos não permitte dar por extenso esta rellação. A imprudencia das authoridades, e o seu pouco discernimento deitão muitas vezes a perder o socego publico, (No dia 30 tinha chegado a *Madrid* outro expresso de *Granada*, que se suppunha trouxera noticias desagradaveis sobro aquelle successo.

P. S. As folhas de *Londres* de 26 a 28 nada adiantão notavel.)

N. B. Com este N.° 13 se completa o 1.° trimestre deste Jornal, e a parte 1.ª do 1.° volume. O N.° 14, que começa o 2.° trimestre, sahirá no meado da Semana de Pascoa, e continuará seguidamente.

Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno *Rua Augusta N.°* 137 *; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.°* 1 *; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R do Ouro N.°* 112; *e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1 $ 200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *reis cada Numero.*

LISBOA:

Na Typ. de Luiz Maigre Restier Junior.
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XIV.

De alguns proverbios ou adagios, relativos á Hygiene, ou conservação da saude; pelo Dr. Richerand.

O Sabio *Richerand*, hum dos mais habeis Medicos da *França* nos ultimos tempos, compoz hum livro *sobre os erros populares relativos á Medicina*, em que com clareza, e muito tino expõe cuzas uteis mesmo aos que não são da Faculdade: desta natureza he o Capitulo nono em que se achão reflexões e avizos uteis a todos os que desejão evitar desarranjos de saude, que estão acontecendo muitas vezes por descuidos faceis de evitar. Eis o que nos move a offerecer aos nossos leitores a traducção desse util capitulo.

» Entre as Sciencias de que se compõe o dominio da Medicina nenhuma ha que seja mais susceptivel de se fazer popular que aquella de que se tirão os preceitos relativos á conservação da saude. A sua intelligencia não exige com effeito mais que a somma de conhecimentos communs a todo o homem que recebeo huma educação regular; cada individuo pode fazer sobre si

mesmo as observações que fazem a verdadeira base da hygiene; e se os authores que tem feito da Medicina huma arte domestica só tivessem ensinado a sua parte preservativa, alguma utilidade terião produzido as suas obras.

» He sobre tudo no que toca aos effeitos perniciosos ou saudaveis desta ou daquella especie de alimentos que as observações que cada pessoa faz em si a podem illustrar. A determinação do regime alimentar que convem a cada individuo nunca he mais segura do que quando se funda na sua propria experiencia. A este respeito he que cada hum he Medico de si mesmo; e, couza digna de attenção, as regras desta hygiene relativas aos alimentos estão traçadas, ou prescritas, em huma multidão de proverbios, que todos encerrão hum sentido verdadeiro, porque todos são o fruto de repetidas observações. Para nos convencermos disto basta referir aqui alguns escolhidos dos muitos que ha.

» O proverbio = *quem he amigo de vinho, he de si mesmo inimigo*, não se deve entender senão do uso deste liquor levado ao excesso da embriaguez. Tomado em piquena porção, estimula a fibra, desperta a contractibilidade dos orgãos; favorece a circulação dos humores; o seu abuso porém he mais nocivo do que he proveitoso o seu uso; e, sem contar a alienação momentanea que elle produz, delle nasce huma multidão de molestias graves pela maior parte, e até mortaes. He rarissimo que hum bebado por habito chegue a ser muito velho. O escorbuto, diversas especies d'hydropisias, o matão antes do tempo a que poderia chegar. Varias febres que em outros são curaveis, nelle são mortaes, porque o abuso das bebidas espirituosas, fazendo seus orgãos insensiveis aos necessarios estimulantes, não deixa que o Medico tire fructo da applicação dos seus mais efficazes meios de o curar. Tem-se podido observar que em Ingla-

terra, paiz em que he mui commum o excesso da embriaguez, alguns homens d'Estado tem morrido, em idade ainda pouco avançada, de hydropisias que mui evidentemente tem essa origem.

» Os vinhos mais ricos em partes espirituosas são os que mais damno causão bebidos em demasia; mas não sei se ainda he mais perniciosa a embriaguez produzida pelo uso immoderado dos vinhos mui carregados de ácido carbonico. O vinho de *Champagne (ou Champanha)*, por exemplo, não produz aquella embriaguez alegre, que faz soltar gracejos e ditos agudos, se houvessemos de dar credito aos Poetas. O estado de huma pessoa que bebeo delle immoderadamente he mui análogo ao dos asfyxiados pelo vapor do carvão. A dor de cabeça tem em ambos os casos o mesmo assento e o mesmo caracter de pezadello, effeito que não deve admirar, porque o agente he o mesmo em ambos os casos. Aguas fortemente carregadas d'ácido carbonico podem produzir effeitos similhantes. Este principio gazoso e volatil obra sempre de hum modo de torpor, por pouco que prolongue a sua acção.

» *Lever à cinq, dîner à neuf; — Souper à cinq, coucher à neuf; — Font vivre d'ans nonante neuf.* (*Erguer-se ás cinco, jantar ás nove; cear ás cinco, deitar-se ás nove, fazem viver annos noventa e nove.*) — Este rifão, ou proverbio, tambem existe em Latim: *Surge quinta, prande nona; cœna quinta, dormi nona, nec est morti vita prona.*)

» Este ditado velho indica os habitos dos Francezes no tempo de *Luiz XII.* No tempo de *Francisco I.* jantava-se na Corte ás 10 horas da manhã, e ceava-se ás 6 da tarde. Nossos pais jantavão ao meio dia, e ceavão ás 7 horas. Por fim a hora do jantar se tem ido progressivamente retardando, e hoje jantamos á hora em que algum dia ceavão nossos antepassados. Sejão quaes forem as variações que a moda e o uso vão insensivelmente trazendo, sempre pomos de seis a oito horas de intervallo

entre as duas comidas mais abundantes: esta he a distancia que se requer para que a digestão tenha tempo de se completar de todo. Ora, convem não obriguemos os nossos orgãos a começar novo trabalho antes de estar de todo concluido o precedente.

» *Carne bem mastigada he meia digerida.* Nada ha mais certo; na boca, pela perfeita trituração dos alimentos, e por sua intima mistura com a saliva, he que elles se preparão, pelo menos tanto como no estomago, para ministrarem o quylo, quando vierem a misturar-se com a bilis no primeiro dos intestinos.

» *Não ha mostarda como a fome (ou vontade de comer);* he outra sentença popular, muito antiga, a ser certo que *Sócrates*, passeando a largos passos diante da sua casa, respondeo a hum amigo seu, que lhe perguntava a razão disso; *Estou preparando molho (ou mostarda) para o meu jantar.* Nada he com effeito tão saudavel; e pelo contrario nada he mais falso, e mais perigoso que o proverbio que diz — *o que sabe bem he bom para o estomago.* Ainda que o sentido do gosto seja hum conselheiro assaz fiel, e muitas vezes repugne ao sabor de hum alimento nocivo, elle nos pode comtudo induzir aos erros mais fataes: passão como gostosos alguns venenos sem elle nos advirtir da sua qualidade venenosa. Este sentido he em nós muito menos perfeito que nos quadrupedes *herbívoros* (ou que se sustentão de hervas), os quaes, entre milhares de plantas que cobrem hum prado, sabem escolher as que convem á sua natureza, e não tocão nas outras. Assim, ainda que se deva attender ao instincto dos doentes e ao seu appetite, a escolha de seus alimentos e bebidas deve ser illustrada pela sciencia. A molestia muitas vezes deprava o sentido do gosto, a ponto de elle não perceber agradavel sabor senão em substancias as mais indigestas.

» Dou mais valor ao proverbio — *o que amar-*

ga na boca faz bem ao coração. He verdadeiro em geral, posto que delle se possa abusar, como hoje em dia fazem alguns glutões, que bebem no meio de hum banquete hum copo de infusão de losna, ou de qualquer outro liquor espirituoso e amargo, para forçarem o estomago, já cançado por anterior trabalho mui sufficiente para huma vontade ordinaria de comer, afim de no meio da sua marcha recobrar toda a sua força e energia.

» A arte dos *Apicios* (isto he, dos regalões e glutões como o Romano *Apicio*), com o titulo de *Gastromania*, tem feito nos nossos dias progressos tão vergonhosos como espantosos. A risco de passar por discipulo de *Sancho Pansa* não posso deixar de dizer aos que assim abatem a natureza humana, *que os glutões cavão a sepultura com os seus bons dentes*; e que, *em lugar de viver para comer he melhor comer para viver. (Plus occidit gula quam gladius*; a gula mata mais que a espada).

» *Tende os pés quentes e a cabeça; no mais vive como quizerdes: Montaigne* nos assegura (no 2.° L. dos *Ensaios*, Cap. 12) que este ditado andou em todos os tempos na boca do povo. Hum gracejador o inverteo figurando que *Boherhave* quando morreo deixou a hum amigo seu o conselho de ter a cabeça fria e os pés quentes, e que zombasse dos Medicos. Ponhamos de parte este ultimo preceito, evidentemente tirado do desejo de aguçar hum proverbio em epigramma; os outros dois não podem ser observados com demaziado desvelo: os nossos pés, separados do centro da circulação e dos principaes focos do calor e da vida, são tambem de todas as partes do nosso corpo as de menos vitalidade, e as mais sujeitas á impressão do frio. A sua planta he o lugar de huma transpiração, que convem muito não contrariar. Nos velhos são muitas vezes os pés atacados de morte antes do resto do corpo; assim pois todas as vezes que nelles se faz sentir hum suave calor, he signal do livre,

energico, e facil curso do fluido destinado a conduzir por toda a parte os elementos do calor e da actividade. *Para pintar o contentamento de hum homem*, diz com razão Mr. *Couhé* em huma these que sustentou na Faculdade de Medicina de Paris, *costuma-se dizer que tem os pés quentes*: » (em nosso Portuguez dizemos no mesmo sentido, *está quentinho*); " esta expressão he feliz, porque confunde a felicidade com a saude, dois bens que são com effeito inseparaveis.

» Quanto ao preceito de viver como quizer (*en bête*, como animal, he que diz o proverbio Francez), está bem longe de se dever tomar á risca, ou em rigor. Tanto são prejudiciaes á saude do corpo os nimios trabalhos d'espirito, quanto se torna nociva a inacção desta nobre parte do nosso ser aos que estão costumados a fazer uso della, quando está em sua inteireza. *A alma he hum fogo que convem alimentar, e que se apaga se o não alimentão*, disse hum Poeta habil em ornar a razão com todo o esplendor da mais brilhante imaginação. Ninguem melhor que elle seguio este preceito; morreo de oitenta annos. Tem-se notado que de ordinario os homens de letras (bem regulados) estendem de ordinario a sua carreira a hum termo mui avançado. Entrai nas nossas sociedades litterarias, e as vereis cheias de anciões, se bem que nem todos sejão destinados a dilatar sua carreira até cem annos como *Fonteneile*. A cultura do espirito, longe de fazer mal á saude, parece antes ser-lhe favoravel, quando se contém em justos limites. Ainda mais, determinando nos orgãos do corpo huma reacção moderada, serve para entreter, e prolongar a sua actividade. Ha quem tenha notado que os velhos acabão mais depressa na solidão. " Nas grandes sociedades, diz o Dr. *Russel*, " se os velhos não vivem tempo mais dilatado, ao " menos gozão nellas por mais tempo das suas " faculdades; a agitação geral os sustenta contra

" o abatimento da caduca idade, como se nas so-
" ciedades os individuos reciprocamente se exci-
" tassem a viver, e servissem de estimulantes huns
" aos outros. »

" *Cavallo velho preciza de descanço. Solve senescentem maturè sanus equum*, já tinha dito *Horacio.* Este adagio he hum dos mais bem fundados no que toca ao fysico; sua verdade he incontestavel; tambem não o he menos no sentido moral: com a idade se vai extinguindo o fogo do genio; as Tragedias de *Corneille* compostas em sua velhice, assim como as de *Voltaire*, nenhuma honra lhes darião, antes os deshonrarião, senão tivesse o seu Genio brilhado nas do vigor da sua idade. Foi felicidade para a gloria de *Racine* o terem-no apartado da carreira dramatica os desgostos que a inveja lhe suscitára, antes da idade em que extinguindo-se as paixões, nos tornamos incapazes de as pintar. *Pela minha parte estimo*, diz Montaigne, *que as nossas almas desenvolvão aos vinte annos o que ellas devem ser, e que promettão quanto hão de poder. Alma que não tenha dado nessa idade hum penhor bem evidente da sua força, nunca tem depois dado provas disso.* Sem duvida se opporá o exemplo muitas vezes citado *de J. J. Rousseau*, que não veio a ser author senão aos 40 annos de idade. Mas antes de se lançar em triunfo á carreira das lettras, já *Rousseau* tinha na sua mocidade abundante provisão de sensações, de materiaes, e de idéas. Conceber em moço, e executar em velho, eis o segredo de muitas composições, que, publicadas por pessoas avançadas em idade, nos assombrão por sua frescura e energia.

» *Não ha peor agua que a agua parada, ou estagnada.* (Os Francezes dizem *agua dormente).* Isto exprime ao mesmo tempo hum sentido moral e hum sentido fysico; he verdadeiro no sentido proprio e no figurado. Nas aguas estagnadas formão-se miasmas ou vapores capazes de produ-

zir molestias. Os homens mui capazes de se conterem são aptos para encobrirem longo tempo e levarem a effeito os seus designios. »

A Filosofia e a Revolução.

» A *Filosofia*, oriunda de huma Casa em outro tempo soberana, e que havia reinada longo tempo na *Grecia*, tinha cahido em indigencia e em desprezo, por se ter entregado a vãs e falsas especulações; e ainda durante a primeira metade do Seculo decimo setimo ella se achava nos Collegios ao serviço de hum certo *Aristóteles*, occupada em mostrar aos rapazes, como a *Curiosidade*, os *universaes*, e as *categorias*, e em traduzir em Latim inintelligivel o que seu amo dizia em Grego, e que não era mais claro.

» A *Razão*, que se havia com ella encontrado algumas vezes em casa do seu Mestre, compadeceo-se desta Rainha decahida do throno, que elle fizera sua escrava, que a alimentava de subtilezas, e vestia de trapos: tirou-a do pó das Aulas, e a poz na Escola de *Descartes*, o qual a ensinou a pensar com exactidão, a expressar-se com clareza, e a ensinou a affirmar grandes verdades que ella só tinha conhecido imperfeitamente, e a duvidar prudentemente daquillo que ella affirmava sem o saber bem.

» Em breve alguns discipulos ou successores de *Descartes*, taes como *Malebranche*, *Fenelon*, e *Leibnitz*, mais occupados de Religião que os seus predecessores, e distinctos os dois primeiros pela sua brilhante elocução, a iniciárão nas mais altas verdades da Religião e da Moral, a ensinárão a pensar com mais profundidade, a enunciar-se com mais elegancia, e a fizerão ao mesmo tempo mais geral, e demais agradavel trato.

» Fôra talvez para desejar que a *Filosofia*, em sua nova fortuna, conservasse a antiga singeleza de seus costumes, e até a linguagem que a separava do vulgo; porém como houvesse tomado conhecimento com a *Litteratura*, seduzida pelos attractivos da sua conversação, ella se foi insensivelmente desligando da *Religião*, que nada queria mudar na gravidade das suas maneiras, e na austeridade da sua linguagem. De dia a dia ellas se hião cada vez mais resfriando em seu trato pela differença do seu genio. A *Religião* era commedida e silenciosa; a *Filosofia*, naturalmente curiosa, havia sempre tido hum caracter algum tanto contencioso; ella fatigava a *Religião* com questões muitas vezes indiscretas, e disputavà sem fim nem termo sobre as respostas.

» Em breve a levou a Litteratura á Escola que *Voltaire* abrira no principio do seculo, e que, por huma successão pouco percebida, havia substituido debaixo de novo nome, e de formas mais seductoras, outras Escolas que se tinhão julgado fechadas.

» Alli encontrou a *Filosofia* o *Genio superficial* (que os Francezes denominão *Bel-Esprit)*, que procurava introduzir-se em casa da *Litteratura*, e mesmo nella dominar.

» Desde este momento se mudárão todos os habitos da *Filosofia*. Deixou o retiro em que tinha até então vivido. Aquelle Genio a apresentou na sociedade, e até nas Cortes. Ella incensou o *Credito*, afagou a *Opulencia*, frequentou o *Prazer*, conseguio ser recebida em todas as Academias, e cahio por fim na rede da *Impiedade*, aventureira sem verdadeiro tino, que procurava lograr a todos, e que, á força d'hypocrisia ou de illusões, ainda mesmo sacudindo o jugo de todos os bons principios, tinha chegado a enganar os outros sobre a sua virtude, e talvez a enganar-se a si mesma. A *Impiedade*, ainda mui desconhecida no mundo,

para se dar mais alguma consideração, attrahio a sua casa a *Filosofia*, a qual achou alli má companhia, e em particular o *Atheismo*, sujeito perigoso, que não ousava apparecer, e vivia em *Paris* com nome supposto.

» O *Atheismo* tinha medo da *Filosofia*, tanto quanto tinha odio á *Religião*; mas como as via inteiramente divorciadas, unio-se á *Filosofia*, gabou seu merecimento, declarou-lhe o seu nome; e a *Filosofia*, vã e leviana, desejando engrossar o seu cortejo, pagava com usura o que se lhe dava adiantado.

» Esta ultima alliança, longo tempo equívoca, e porfim escandalosa, deitou a perder a *Filosofia*; algumas pessoas habeis tinhão conhecido a natureza e penetrado o segredo desta alliança; até mesmo annunciárão em alto som o inevitavel resultado della. As pessoas simples não quizerão isto acreditar, porque a *Filosofia* fazia soar mui altamente a sua virtude, e só fallava da sua *moral*.

» Chegou finalmente o tempo fatal, e em hum bello dia deo a *Filosofia* á luz.... a *Revolução*. — O nascimento da creança tinha-se conservado em muito segredo, mas foi creada com desvelo. Achave-se então em *França* huma estrangeira, chamada a *Politica*, a qual lhe servio de ama, e deo-se-lhe por Mestre o *Genio superficial*, (ou *Bello Engenho*).

» Graças aos desvelos da *Politica*, e do *Bello Engenho*, fez a menina pasmosos progressos, assim no moral como no fysico. Quebrava quanto podia apanhar; não a podião conter no berço, e zombava de todos os obstaculos que se lhe oppunhão. Já lia correntemente a *Encyclopedia*, entendia até *Diderot*, e se fazia facilmente entender em todas as linguas da Europa, e principalmente em Allemão.

» Sua mãi, encantada com os seus progressos, tirou a mascara, declarou-a por filha, apre-

sentou-a nesta qualidade a todas as pessoas do seu conhecimento, e dellas recebeo os parabens.

» A menina com effeito era hum prodigio, e a sua *constituição* dava as maiores esperanças. Algumas pessoas, verdade he, lhe achavão o juizo defeituoso, e sinistra a fysionomia. Sustentavão que a força daquella sua tão gabada *constituição* só era apparente, e até mesmo que para ella era desproporcionada; mas se ousavão duvidar das suas perfeições futuras, o *Enthusiasmo* e a *Sandice*, que estavão a serviço da *Revolução*, lhes vibravão injurias, ou as escarnecião.

» Mas não tardou se verificassem os seus presentimentos. A *constituição* da menina se alterou sensivelmente. Seu proprio juizo abateo, e se fez disforme como o seu corpo; fez-se horrenda e feroz; era insupportavel a todos, e não guardava mais respeito aos seus Mestres que aos seus criados; até maltratou os melhores amigos da *Filosofia*; humilhou a *Soberba*, espancou o *Prazer*, desconcertou a *Politica*, zombou do *Bello Engenho*. Fallava mui honrosamente de sua mãi; mas em realidade, só amava seu Pai, e só o poupava a elle. Os seus admiradores entrárão a esfriar. O *Enthusiasmo* tinha sido o primeiro que a abandonára, e a *Sandice* não entendia poder-se enganar com ella. Nomeárão-se para a conter e dirigir Conselhos de familia, hora *hum*, ora *dois*, e por fim lhe derão *cinco* Governadores *(o Directorio)*. Tudo foi inutil. Ella exercia irresistivel influencia sobre tudo o que se lhe aproximava; longe de a guiarem, era necessario seguilla; e mesmo, quando ella a si se observava hum pouco mais, então era mais temivel.

» A *Filosofia*, envergonhada de tantos excessos, quiz, hum pouco tarde, negalla por filha sua, e empurralla á *Politica*, que se defendeo de que fosse obra sua, e talvez até se arrependia de a ter alimentado. Algumas pessoas, de conselhos violentos, querião suffocalla: outras mais moderadas

proposerão inhibilla; e a *Filosofia*, temendo couza peor, conveio nisso.

» Havia longo tempo se tinha tratado de a mandar viajar por paizes estrangeiros, onde a menina tinha parentes chegados, e sua mãi bons amigos, os quaes a recebêrão com os braços abertos, reconhecendo-a logo por sua. " *(Mr. de Bonald, Melanges &c.)*

CANÇONETA.

" De Filis ingrata
Soffrendo os rigores,
Jurei a Cupido,
Jurei aos Amores,
Que se esta paixão louca se desata
Em odio, por tão mal correspondido,
Em ás mãos os colhendo,
Muito bem os açoito, e os vou prendendo. „

A Clóris dizia
A minha tenção,
A Clóris que tinha
Ardente paixão
Por Anfriso, que por Inalia ardia,
E desprezava a terna Pastorinha,
Que me diz suspirando:
» Não he comigo Amor muito mais brando! „

Mal isto acabava,
Veloz maripoza
Em torno da Bella
Voou mui donosa;
Ora no eburneo seio lhe pouzava,
Ora parece que beijalla anhela;
E apanhando-a a Pastora,
Sente hum frio tremor, aquece, e córa.

Solta a borboleta,
Que logo a mim voa,
E pouza em meu peito.
Temendo eu lhe doa
A azinha por que foi preza a indiscreta,
Livre a deixo: eis perdido sinto o effeito
Do amor a Filis logo,
E por Cloris me abraza ardente fogo.

Mais linda a contemplo
Que quantas no prado,
Ou monte, conduzem
O seu manso gado:
Suas graças me encantão, noto-a exemplo
De quantas em modestia mais reluzem.
Involuntario cóим,
Receando dizer-lhe que eu a adoro.

Suspensa ella fica,
E os olhos em agua
Lhe vi arrazados.
Eu todo huma fragoa,
Sem saber o que o pranto seu indica,
Lhe digo: " Ah! não merece os teus agrados
» Anfriso ingrato e duro:
» Imita-me; eu de Filis já não curo.

» Tens huma alma terna,
» Meu peito he sensivel,
» Ingratos deixemos;
» Que não he possivel
» Darem-se corações que lei superna
» Formou discordes: ambos nos amemos,
» Pois certa sympathia
» Parece as nossas almas allicia. "

Surrio-se, e o seu rosto
Mimoso em rubim

Eu vi convertido,
Sendo alvo jasmim.
Trémula busca em hum Plátano encosto,
E do peito soltando hum ai sentido:
» De Filis não te esqueces, »
Diz, " e hum amor sincero não me off'reces... "

» Querida, eu t'o juro
» Por teus olhos bellos.
» A Filis trespassem
» Os mais crueis zelos
» Por Alceo, que ella em vão chame perjuro:
» A Anfriso máos pezares despedassem:
» Vejão esses ingratos
» De lealdade em nós vivos retratos. "

Eu via indecisa
A linda Zagala:
Eis súbito ouvimos
De hum menino a falla,
(E a maripoza já se não devisa,)
A cuja voz sossobro igual sentimos:
» Cloris, Josino te ama,
» Bem como ardes por elle em viva chamma.

» Se menos prudente
» Tu foras, Josino,
» E mal me tratasses
» Com genio ferino
» Quando no peito teu pouzei contente,
» Talvez tua desgraça consumasses.
» Ditoso agora vive,
» E lembrado que dó de ti já tive. "

Do Plátano os ramos
Então sussurrárão,
E alados meninos
D'entre elles voárão;
A' frente hia Cupido. Alli juramos

Logo eu e Cloris firme amor, e hum hymno
Aos Numes entoando,
No templo d'Hymeneo fomos entrando.

Pensamentos de Mr. de Bonald.

1.° Em huma Sociedade bem regulada os bons devem servir de modelo, e os maos de exemplo.

2.° A Politica não muda os corações; este milagre he reservado á Religião. Huma e outra podem fazer hypocritas; mas só a Religião faz conversos.

3.° Convém a quem governa ver os homens taes quaes elles são, e as couzas como ellas devem ser; soffrer a imperfeição dos homens, e procurar com todas as forças ir dando perfeição ás couzas; porque as boas instituições fazem melhores os homens. Muita gente pelo contrario quer se aperfeiçoem os homens, e se contentão com as couzas sejão ellas como forem.

4.° Os grandes descobrimentos nas Sciencias não são idéas completas, mas sim idéas fecundas.

5.° Entre dois exercitos inimigos só ha opposição no momento do combate: entre dois partidos de concidadãos ha injustiças e injurias.

6.° A Natureza põe limites, a Politica não faz mais que traçar linhas no papel. A Policia tinha posto o Reino de Navarra entre a França e a Hespanha; a Natureza cortou-o em dois, e poz entre elles os Pyrenéos.

7.° Quando as forças moraes, as do pensamen-

to, dominão na sociedade, amão os homens o que he grande e nobre nas Artes; quando as forças dominão, querem os homens couzas gigantescas; fazem hum só livro de huma bibliotheca inteira, e huma Naiade do tamanho de hum Elefante.

8.° Os homens que tem querido fazer reviver os tempos da primitiva Igreja, tem reconduzido sempre as Sociedades politicas á sua infancia.

9.° *Robinson Crusoé* e *Dom Quixote*, duas Obras primas em dois generos oppostos, o genero singelo e familiar, e o genero nobre, posto que o fundo seja burlesco, são duas obras nacionaes; a primeira não podia alcançar o alto grao de interesse e de naturalidade que faz sua leitura tão attractiva senão em hum povo de maritimos e viajantes expostos ás mesmas inclemencias e transes que o heroe deste romance. — D. Quixote tem toda a galantaria, genio cavalheiresco, coragem, e gravidade da sua nação; sensato, espirituoso em tudo o que não diz respeito á sua loucura. Todo o homem, que se mete a defender os interesses de outrem, que não lhe competem, he de ordinario tratado por D. Quixote. Em lugar do nobre enthusiasmo, elle só apresenta o sombrio e triste fanatismo das opiniões.

LISBOA 20 de Abril de 1835.

Noticias Politicas.

Londres 25 *de Março.* Mr. *Jauge* (Banqueiro *de Paris*) acaba de partir de Londres: o objecto da sua jornada foi concertar com a casa de *Gower* e Comp. a emissão das Cédulas de hum novo emprestimo para o serviço de *D. Carlos* Mr. de *Haber* que está tambem em *Londres*, continuará a ter parte na emissão deste emprestimo. (*Renovalecer*).

» O *Correspondente de Nuremberg* diz que a Imperatriz Viuva da *Austria* ha de receber 84 $\mathcal{g}$ florins (ou cruzados) por mez. He o juro de hum Capital posto a render em seu nome, mas que reverterá por sua morte á Familia Imperial.

Segundo o *Gazeta de Lucca* o Marechal *Marmoni* tinha chegado a *Civita-Vecchia*, e devia proseguir para *Roma* em tendo acabado a quarentena.

Recebemos Periodicos de *Nova-York* até 3 do corrente. O Presidente tinha mandado huma mensagem a ambas as Camaras do Congresso, com a correspondencia á cerca das relações com a França. Eis aqui a copia da mensagem:

» *Os Estados-Unidos e a França.*

» A' Camara dos Representantes dos Estados-Unidos.

» Transmitto ao Congresso hum relatorio do Secretario d'Estado com copias de todas as cartas recebidas de Mr. *Livingston* depois da Mensagem á Camara dos Representantes de 6 do corrente, das instrucções dadas áquelle Ministro, e de toda

a ultima correspondencia com o Governo Francez em *Paris*, e em *Washington*, excepto huma Nota de Mr. *Serrurier*, que pelas razões mencionadas no Relatorio, agora se não communica.

» Ver-se-ha que eu tenho entendido ser do meu dever dar instrucções a Mr. *Livingston* para sahir de *França* com a sua Legação, e voltar aos *Estados-Unidos*, se recusarem as Camaras huma consignação para o cumprimento da Convenção.

» Estando agora o assumpto debaixo de todos os seus aspectos na presença do Congresso, cujo direito he decidir as medidas que se hão de seguir sobre este acontecimento, julgo desnecessario fazer mais recommendações, confiando que da sua parte tudo se hade fazer para sustentar os direitos e a honra do paiz que a occasião requer. = *André Jackson* = *Washington* 25 de Fevereiro de 1835. ,,

Diz-se que a leitura dos papeis na Camara foi ouvida com profunda attenção. — Mr. *Cambreleng* disse então que estava encarregado pela maioria da Commissão de Negocios Estrangeiros para propor certas resoluções, que propunha se imprimissem: 1.ª " Que he inconsistente com os direitos e honra dos *Estados-Unidos* negociar mais relativamente á Convenção de 4 de Julho de 1831, e que se deve insistir na sua execução como ratificada "; 2.ª " que se devião fazer preparativos para arrostar qualquer incidente que sobreviesse nas nossas relações com a *França* "; A 3.ª era para desencarregar a Commissão de ulterior consideração daquella parte da Mensagem relativa ao assumpto de represálias e restricções commerciaes. A Commissão tinha assentado nestas resoluções, e devião ser expostas no dia 20; mas deferio-se isto em consequencia de noticias recebidas de *França* naquelle dia.... A Mensagem referida do Presidente foi enviada á Commissão dos

Negocios Estrangeiros e mandou-se imprimir. (*The Globe.*)

Das Folhas de 26 de Março a 8 de Abril.

Londres 26 de Março. — Pelas ultimas noticias de *Paris* consta terem sahido de *Lyão* os prezos Republicanos para *Paris*, sem o menor disturbio. Durante o seu processo na Camara dos Pares, diz o *Bonsens* se hão de acampar nos jardins do *Luxemburgo* (para este palacio são conduzidos os prezos) hum Regimento d'Infanteria de linha, e dois Esquadrões de cavallaria, e as ruas e avenidas daquelle sitio ficaráõ vedadas.

Segundo noticias de *Baiona* de 21 deste mez os Carlistas occupavão ainda o territorio entre *Elizondo* e *Pamplona*. A conducta de *Mina* tem augmentado as fileiras dos seus contrarios, e tem-lhe atrahido a aversão dos mesmos seus partidistas. Os Carlistas vão seguindo diverso procedimento.

Idem 27. Huma carta do Ministro dos Negocios de *França* ao Consul daquella Nação em *Bilbao*, e provavelmente dirigida aos outros Consules, determina a todos os Francezes residentes em *Hespanha*, e que se tem alistado na Milicia Urbana deixem este serviço. A *Revista* (de *Madrid*) publica hum officio pelo qual se vê que o General *Espartero*, que commanda as tropas da Rainha, destruio a Aldêa de *Aracaldo* pelo fogo no dia 10. Outros factos atrozes refere deste genero o *Jornal de Paris*. Tendo no dia 17 passado 12 mancebos a juntar-se aos Carlistas da *Navarra*, aprehendêrão as tropas da Rainha os seus parentes e os levarão para Pamplona.

Diz a *Quotidiana* que no dia 19 recebeo a Junta da *Navarra*, que estava em *Leiza*, a noticia official de terem os Carlistas tomado o pequeno forte de *Lagoza*, cuja guarnição fugio para *Logroaho*, deixando sete caixões de munições, e quanti-

dade de espingardas e munições de guerra em poder dos Carlistas.

No dia 24 do corrente pedio Mr. *Thiers* á Camara dos Deputados de *França* hum subsidio de 1,200 $ francos, para serviço secreto de Policia, sem o qual subsidio disse o Ministro nem elle nem seus collegas poderião continuar no Ministerio, sendo hum dos motivos que allegou o necessario para obstar a qualquer tentativa no processo proximo dos Republicanos.

Em quanto *Mina* cuidava em arrenjar o seu comboi de *Baiona*, sahio no dia 15 de Março *Zumalacarregui* do Valle de *Ulzama*, e no seguinte dia ás 7 horas da manhã cahio sobre *Echarri-Aranaz*, povoação fortificada de 900 habitantes no Valle de *Araquil*, 6 leguas e meia ao Norte de *Pamplona*, que tinha já sido de muita utilidade aos Carlistas, que dalli tinhão sido expulsos, e ás tres horas da tarde estava de posse das avenidas da povoação. No dia 19 se rendêrão á discrição 5 Companhias do Regimento Provincial de Valhadolid, e 20 artilheiros que formavão aquella guarnição de Echarri-Aranaz.

Idem 30. Ouvimos que o Governo tem nomeado Lord *Eliot* para ir em huma missão especial a *D. Carlos*, a fim de procurar meio de mitigar os horrores da guerra civil na Peninsula.

Os prezos de *Lyão* chegárão a *Paris* no dia 27 á noite em 8 diligencias, sem haver disturbio algum durante a sua condução.

Lord *Cowley*, novo Embaixador d'*Inglaterra*, chegou a *Paris* no dia 27. (Teve a audiencia do Rei dos Francezes, poucos dias depois para entrega das suas credencias.)

Idem 31. A tomada de *Echarri-Aranaz* deo aos Carlistas muitas munições, espingardas, e quatro peças de campanha.

Erazo e *Villareal* estavão sitiando *Orazaguita* legua e meia distante de *Echarri-Aranaz*. — A

insurreição na *Catalunha* tem-se augmentado, obrigando a marchar as tropas de diversos pontos contra os insurgentes, que dizem não são menos de tres mil homens espalhados em guerrilhas fortes. *(Morning Post.)*

Idem 2 de Abril. Crê-se geralmente em *Londres* que as negociações para o reconhecimento pela Hespanha, da independencia das Republicas Americanas-Hespanholas estão muito adiantadas. Esta esperança tem feito subir os fundos dos Emprestimos feitos áquellas Republicas neste paiz.

O Governo Francez envia huma Commissão ao theatro da guerra com instrucções iguaes ás que o Governo Inglez deo a Lord *Eliot.* Suspeita-se que os Carlistas tem sido habilitados a manter a guerra por meio de adiantamentos de dinheiro das grandes Potencias do Norte. (Quererão estas perdello? E a Junta Apostolica? O ouro Inglez... era o grande inimigo de Buonaparte.) — Os especuladores Parisienses parece estarem totalmente ás escuras sobre o objecto da missão de Lord Eliot, que ha tres dias estava ainda em Paris. *(The Globe.)*

Idem 6 de Abril. Recebemos noticias de *Lisboa* de 29 do mez passado, que nos surprehendêrão com a prematura morte do Principe D. *Augusto*, que causou naquella Capital, e sobre tudo na Real Familia, grande sentimento.

Noticias de *Madrid* de 27 do mez passado dizem: " A rebellião na *Catalunha* vai ganhando força, e *Llaudes* tem sido accusado de tenções traidoras, mas injustamente. O facto he que entre os Catalães liberaes ha muita irritação. — O General *Valder*, Ministro da Guerra, está occupado em fazer quanto lhe he possivel para obter o fim da guerra.

O peridico de Bordeos *l'Eection*, publica o seguinte artigo de *Baiona*, de 30 do mez passado: " Oitenta Carlistas tomados em differentes pontos da *Navarra*, assim como alguns paizanos, forão

arcabuzados. No Valle de *Gogni* 40 Carlitas feridos, e 5 paizanos tambem forão mortos. »

Noticias de *Pamplona* asseguração que a maior parte da guarnição de *Echarri-Aranaz*, que se rendêra no dia 19 a *Zumalacarregui*, tinhão entrado nas fileiras dos Carlistas. Tambem dizem que estes são abundantemente fornecidos pelas fronteiras de *França*, a pezar da apertada vigilancia das authoridades Francezas. *(The Globe.)*

Paris 4 de Abril. — Affirma-se que a questão se a *França* deve de abandonar ou não a colonisação de *Argel* he agora assumpto de deliberação no Conselho dos Ministros, sem que por ora haja decisão.

Os prezos de *Luneville* implicados nos disturbios de Abril do anno passado, declarárão que não receberião o Advogado nomeado pelo Governo para sua defeza, e que prescindão desta se não lhes fosse concedido nomearem elles o seu Advogado. (Nada parece mais justo.)

O Visconde de *Santarem*, que foi Ministro dos Negocios Estrangeiros de *D. Miguel*, ha tempo se acha em *Paris*, e dizem aqui fixará sua residencia.

O periodico Republicano *La Tribune* foi Quinta feira aprehendido pela *centesima decima vez.*

O *Courrier Français* diz que Lord *Eliot* a 8 deste mez estava ainda em *Paris.*

Huma carta de *Barcelona* diz que o Chefe Carlistas *Tarragona*, que tinha emigrado para *França*, tinha entrado na *Catalunha* á frente de 2$ homens; a maior parte delles são Francezes, das fronteiras de *Perpinhão.* Hum Coronel Hespanhol, e hum primo do General *Abisbal*, estão com elles, tendo o ultimo obtido para esta nova expedição 1.500 onças de ouro, e 4$ pares de sapatos. Sahírão de *Barcelona* todas as tropas contra esta nova banda de insurgentes. *(Sentinella dos Pyrinéos.)*

O Governador de *Pamplona* foi prezo por ordem do General *Mina (Election.)*

Idem 6 *de Abril.* — O *Monitor* de hoje annuncia a chegada do Lord *Eliot* e do Coronel *Gurwood* no dia Sabbado (4) a *Baiona*, e terem expedido hum mensageiro a D. Carlos, do qual esperavão resposta antes de irem ao seu Quartel General.

A 29 e 30 houve duas acções entre os *Carlistas* e *Christinos*, a primeira em *Aronis*, e a segunda *Villa Mayor*, sendo commandados os primeiros por *Zumalacarregui*, e os segundos pelo General *Aldama*. O *Monitor* dá em ambas a vantagem aos Christinos, e sempre os dá victoriosos. Dizia-se que na segunda acção fora morto o Brigadeiro *Lopez*, dos Christinos. Os Carlistas da sua parte reclamão a victoria. Não temos por ora as particularidades. *(The Globe.)*

As folhas de *Londres* de que deixamos extractos, e que chegão até 8 do corrente vierão desmentir a noticia da quéda do Ministerio de *Peel*. He certo porém, que este não tinha ficado satisfeito com o resultado da moção de Lord *Russel* sobre a reforma da Igreja da *Irlanda*, applicação de suas rendas &c., que foi contra o Ministerio. Esta resolução he a favor dos Catholicos; mas hum Ministerio Protestante não podia convir em hum objecto que teme produza grandes difficuldades na marcha do Governo. A proposta de Lord *Russel* era, que o excedente do rendimento dos dizimos da *Irlanda* se applicasse á educação da mocidade sem attenção a qualquer que seja a Religião a que pertencessem os educandos. Quatro dias levou a questão a debater-se, do dia 30 de Março até 2 de Abril, em que se venceo que passasse a ser examinada na Camara formada em Commissão, onde se decidio no dia 7, o mesmo objecto; a votação foi a favor da proposta; mas o Primeiro Ministro *Peel*, (alem de outros) fallou sobre o objecto de

modo que, attendido a defender a Igreja Anglicana predominante no paiz, teria vencido a causa, se não fosse em huma Camara prevenida a favor da proposta, e como apostada a vencella. — O publico, dividido nestes e outros objectos, não parece favoravel á decisão, mas os Catholicos da *Irlanda* tiraráõ vantagem della. Havia huma memoria assignada por 8,457 pessoas pedindo a Sir *R. Peel* não resigne o lugar que occupa no Ministerio.

Além da mencionada representação a Mr. *Peel*, outras muitas lhe tinhão sido dirigidas, e ao Rei, no mesmo sentido de outras muitas terras notaveis, e até representações ao Rei mostrando o desejo da sua conservação no Ministerio.

A *Revista Hespanhola* de 8 do corrente diz: » Ao revés padecido pelas nossas armas no combate sustentado pelo General *Aldama* (no dia 29) seguio-se huma ligeira vantagem obtida pelo General *Espartero.* Se esta he de tanta consideração que compense a perda anterior, não nos atrevemos a dizello. " — A mesma folha do dia 9, annuncia a partida do General *Valdez*, Ministro da Guerra, pela posta, para ir commandar o Exercito do Norte. — A Gazeta de Madrid de 10 annuncia huma nova acção no dia 4 do corrente ao pé de *Maestu.* — O mesmo periodico *Revista* dá por cartas a noticia de os Carlistas terem passado o *Ebro*, e invadido a *Castella-Velha*; mas isto requeria confirmação.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.º* 137 *; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.º* 1 *; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.º* 112 *; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR,

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XV.

Estudos, e conhecimentos que deve ter hum Negociante digno deste nome.

A falta de educação e instrucção na Classe commercial em *Portugal* tem passado quasi a ser proverbial; não que deixe de haver entre nós alguns sujeitos desta Classe que possuão conhecimentos; mas o seu piqueno numero faz que sejão huma excepção piquena em comparação do todo. Costumados ao commercio do *Brazil* e mais possessões Portuguezes, podião os nossos Negociantes caminhar nessa rotina com menos difficuldades, e com menos applicação ao estudo das couzas conducentes a formar hum habil Negociante, até ao tempo em que o *Brazil* se franqueou ao commercio geral do Mundo; mas desde então, e muito mais depois da Independencia daquelle Estado, he precizo alargar mais a esfera dos conhecimentos conducentes ao bem dirigido manejo do Commercio; e he visivel a necessidade que tem os Commerciantes, que ainda por si o podem fazer, e sobretudo os que dedicão seus filhos a este ramo, de melhorar o estado de seus conhecimentos, para não conti-

nuarmos a estar atrazados das outras Nações, e tanto mais sendo no nosso Seculo o Commercio huma das mais essenciaes bases da Administração das Riquezas das Nações da Europa; do que Veneza, Gonova e outros Estados derão exemplo e provas.

A educação de hum Negociante na Hollanda, Inglatterra, França, e até na propria Russiá, ha pouco mais de hum Seculo tirada do seio da barbaridade, não se limita a ler, escrever, e contar (entre nós até isto mesmo se sabe mal entre grande parte de pessoas da Classe); a Grammatica da sua lingua, e da Latina, e, pelo menos, o conhecimento da Lingua Franceza, a Geografia, e Chronologia, a Lógica, a Historia em geral, e sobretudo a do proprio paiz, precedem, ou acompanhão a pratica do Escritorio, bem como as noções dos Cambios, e dos Seguros, Escrituração dos Livros, despachos, e outros manejos do Commercio. Alli não he facil ver de salto passar o támanco do rustico que juntou cabedal na sórdida quitanga, a converter-se em aceada berlinda, ou traquitana como hum conspicuo Negociante, digno da publica consideração.

Sejamos hum pouco mais explicitos, no que convem á illustração mercantil.

Hum Negociante de grosso trato não deve ser hospede nos seguintes estudos: 1.° Deve escrever clara e correctamente a sua lingua. 2.° Entender todas as regras da Arithmetica que tem relação com o commercio; e poucas ha que não sejão nelle precizas. 3.° Deve saber a Escrituração dos Livros em partidas dobradas, e singelas, com Diario e Livro Mestre, e os mais Livros auxiliares, que servem segundo a qualidade do commercio &c. 4.° Deve Saber formar facturas em boa ordem, contas de venda, e contas correntes, encher letras em seus diversos usos, e as de risco, fazer cartas de fretamento, Minutas para Seguros, e

as regras destes, encher, ou mesmo formar, os Conhecimentos das carregações. — 5.º Deve saber os usos dos cambios na Praça em que habita, e nas outras com que esta costuma negociar; conhecendo as moedas, pezos, e medidas ao menos das Praças principaes, e sua relação com as do seu paiz. — 6.º Se negoceia em fazendas de lã, de seda, de algodão, e outros tecidos, deve procurar instruir-se das melhores fabricas, dos mercados mais abundantes dessas mercadorias, despezas que fazem as conducções, direitos, e tudo o mais que forma o total de seus preços postos na terra em que elle negoceia; quaes são as fabricas que prepárão melhor e em melhor conta aquellas mercadorias, &c.; combinar mesmo a vantagem que hum paiz pode dar pela permutação que faz com os generos do paiz proprio; porque muitas vezes o lucro está mais no que o Negociante exporta do que no que importa, e outras vezes he pelo contrario. — 7.º Deve conhecer comparativamente as medidas de largura dos estofos, a bondade do tecido, os tempos mais proprios das compras, as feiras, e mercados a que concorrem mais generos e fazendas; a preferencia que esta ou aquella nação dá a diversas fazendas &c.; calcular a maior ou menor extracção para conservar, ou vender mais depressa as fazendas e generos que tiver, já para lucrar na sua conservação, já para vender antes que desção os preços, já pela deterioração, já por effeito da moda, já pela abundancia do mercado de sua residencia, bem como para fazer suas encomendas de modo que se executem opportunamente. — 8.º Se trata em grãos, em azeites, em linhos, e outros productos annuaes da terra, deve ser solicito em se informar da abundancia, ou escacez das colheitas, dos pedidos que se fazem aos mercados de diversas partes, dos direitos e outras despezas, se tiverão algum augmento ou

diminuição (e isto em todos os generos de seu trafico, e de outros que podem nelles influir directa ou indirectamente.) — 9.° Deve informar-se de quanto respeita a fretes de Navios, quaes destes são melhores para a conducção, facil viagem, mais livres do perigo em tempos de guerra, e de corsarios, com attenção á capacidade dos Capitães e Pilotos, ás vantagens que os Seguradores dão a huns com preferencia a outros, &c. — 10.° Saber os direitos de importação e exportação, despezas de carga e descarga dos Navios, e despezas de porto; pois tudo isto se accumula ao custo das fazendas e generos, bem como as respectivas commissões. — 11.° A qualidade das conduções por terra, por canaes, por costas, para os portos onde estão os armazens, d'onde se tirão para os Navios, ou se para estes se tragão em direitura do lugar de sua producção. Ainda que tudo isto seja da incumbencia dos correspondentes nas terras onde se cumprem as ordens, ou encomendas, sendo certo que muitos correspondentes são homens fieis e probos, tambem he certo que nem todos o são; quanto mais esses correspondentes conhecerem a ignorancia dos seus commetintes, mais lhes podem sobrecarregar preços e despezas, e por conseguinte fazer que recebão fazendas e generos por preços mais altos do que outros negociantes do mesmo trafico, com os quaes não podem competir nas vendas, e mesmo se vêem obrigados a fazellas muitas vezes com graves prejuizos, se não tiverem todas as precauções, ou a fortuna rara de fidelissimos correspondentes — 12.° Deve fugir do commercio de contrabando, que se huma vez dá lucro, cem vezes dá grandes prejuizos. Exemplos do contrario são excepções e não regra. — 13° Deve ter os seus Livros em dia, ou o mais aproximados a isso, pois he pessimo defeito huma escripturação atrazada-atrapalhada, e confuza; poupem-se todas as des-

pezas desnecessarias para ter hum habil Guarda Livros (quem por si mesmo não pode escriturar exactamente os seus); não se omittão frequentes balanços, sobre tudo quando o commercio he extenso, e sem vantagens grandes manifestas, pois ás vezes o Negociante que não dá frequentes balanços, se acha perdido, ou embaraçado na marcha dos seus negocios, e quando quer acudir a reparar os damnos do edificio, o vê cahir em terra. — 14.° O Negociante que não tem grandes fundos acumulados deve evitar muito o jogo, e os divertimentos dispendiosos; porque se cahe em decadencia, dalli lhe assacão deshonra, e grande inimizade os seus credores, que confiárão seus cabedaes do credito que lhes merecia para delles tirar fructo, e pagar o que delle confiárão, e não para o consumir e estragar sem se lembrar do seu dever. — 15.° Deve saber do Direito Cambial, e de outros ramos do Direito Mercantil, ao menos theoricamente o que convem fazer nas causas que occorrem sobre Seguros, Letras, fallencias de Negociantes &c.; e por esses conhecimentos pode traçar melhor as instrucções aos Capitães de Navios, Sobrecargas, Procuradores, Agentes, e outras pessoas a quem commette suas transacções; a pratica dos Despachos, e leilões para entender, e dirigir como melhor lhe convier, os que nisso empregar.

Com todos estes conhecimentos deve reunir sobretudo *verdade*, e constante *vigilancia*, para obter e conservar *reputação e fortuna*. — Todo o Negociante que destina seus filhos á carreira do Commercio os deve mandar estudar, e depois fazel'os praticar no seu, ou em outro Escriptorio, pelo menos seis annos.

Dos differentes regimes que o Genero humano tem seguido segundo elle se tem achado em abundancia, ou em penuria, e da influencia destas no seu estado moral.

» O que vamos dizer relativamente aos diversos regimes do homem nas differenças que delles resultão em sua moral, he apoiado em optimos monumentos, menos erroneos que os livros, menos enganadores que as inscripções esculpidas no marmore, e que as medalhas cunhadas *no* bonze. Estes monumentos, tão curiosos como incontestaveis são nações inteiras que subsistem em todos os graos de moral e de civilisação que o seu regime consente. Observando-as, nós achamos huma consoladora verdade, a saber, que o homem nasceo bom, que não cessou de o ser, e que em geral elle (no seu estado natural) nunca foi impellido a huma acção cruel senão pelo desejo e pela esperança de evitar outra peor e ainda mais cruel. Tem-se depravado individuos, certamente em grande numero, e tem-se feito criminosos; porém todos os povos tem conservado sempre hum principio de virtude, que, com mais ou menos luzes, mas com muito sentimento, tem guiado as suas resoluções economicas e politicas, as acções habituaes, e o comportamento da maioria dos seus cidadãos.

» Não ha duvida alguma que a compaixão, que anda annexa á essencia da nossa alma, do que sente, do que pensa em *nós*, não tenha sido ao principio mais poderosa que a influencia dos nossos quatro dentes caninos, ou prezas, e do nosso duodeno pouco volumoso; que os homens tenhão tido hum natural horror á effusão de sangue, horror que felizmente em parte nenhuma está de todo extincto, e que não tenhão começado a viver susten-

tando-se de vegetaes. A prova de que assim o podião fazer, e que sua organisação fysica não oppunha a isso obstaculo algum invencivel, está no facto positivo de que alguns milhões delles tem continuado neste regime desde os primeiros seculos até os nossos dias, sem ajuntarem aos alimentos vegetaes outra couza mais que o leite, e suas principaes preparações.

» Este estado de doçura, de benevolencia universal, de abstinencia de matar fora do caso de legitima defeza, não podia ser assim prolongado senão nos paizes mui ferteis, onde as producções da terra, sempre abundantes, custassem pouco trabalho. Elle ainda existe na *India*, entre os descendentes de hum povo indigena: elle se tem conservado por hum sentimento religioso, formado em huma filosofia respeitavel, pela força dos habitos de huma nação grave e sensivel, que tem sempre summamente desprezado seus ferozes conquistadores, Macedonios, Persas, Arabios, Tartaros, Portuguezes, Hollandezes, Francezes, e Inglezes, para que a podessem corromper ao ponto de lhe endurecerem o coração. Este excellente povo conserva indulgencia até para com aquelles de quem he victima, e que elle não estima. Olha como huma desgraça os crimes delles, a que só releva oppor sua resignação.

» As outras nações, cujas precisões se tornárão mais imperiosas, e que habitavão huma terra menos fecunda, virão com bastante brevidade o termo em que não bastando já as producções vegetaes, alimentares, e espontaneas, para a subsistencia da nossa especie, que se fizera sobejamente numerosa, os homens hião ver-se obrigados a disputar essas producções para sustentarem suas familias Então se preferio com razão a guerra contra os animaes das outras especies á guerra contra os nossos similhantes, e restringio-se ao genero humano o nosso sentimento de bondade.

» Era isto huma iniquidade relativa aos animaes, a qual fez por algum tempo melhor a nossa moralidade entre nós. Porém este tempo não foi dilatado; as contendas de homens com homens apparecêrão em breve com a penuria.

» Antes que tivessemos aprendido a crear rebanhos, e quando se venceo a nossa repugnancia a derramar o sangüe, foi a destruição dos animaes por muito tempo o nosso meio natural de subsistencia. Sendo este meio mui limitado, forão a maior parte das tribus levadas pelo mais intimo laço que união seus associados, a quebrantar a moral para com as outras tribus. Combatteo-se com o povo vizinho por causa da caça, com receio de combatter com os amigos, pela repartição de huma mui tenue bagatella, ou pelo temor de ver padecer as mulheres, e os filhos. — Quasi todas as nações selvagens e caçadoras andão em guerra. He este o estado em que temos achado, e em que ainda se achão no sertão, a maior parte dos povos da America, e todos os da Nova-Hollanda e Nova Zelandia: perfeita humanidade entre os membros da mesma nação, fraternidade completa com os que, por hum casamento ou por algum serviço grande, obtem a honra de a ella serem admittidos; guerra atroz pela violencia ou pela astucia contra todas as outras nações, até que se tenhão terminado as hostilidades por hum tratado formal.

» Esta grande e mui geral immoralidade para com os estrangeiros, teve origem n'uma affeição terna e *moral*, que ao depois fez nascer a virtude denominada *Patriotismo*. Para ficar irmão de seus concidadãos *o homem* se tornou em *lobo para o homem!*

» Poderião ter-se conciliado melhor os direitos, os deveres; as reciprocas obrigações; ao depois se forão aproximando a isso; e algum dia se hade chegar (talvez) a conseguillo; mas esse porvir appetecivel ainda está mui longe.

» A instituição da vida pastoral, que parece nascida da galantaria de alguns guerreiros ou caçadores que offerecião ás suas companheiras os filhinhos dos animaes que tinhão matado, e do cuidado que as mulheres tiverão destes pequenos animaes, cuja raça formou depois os rebanhos, aperfeiçoou verdadeiramente os costumes, porque trouxe comsigo a abundancia. — Então os homens já se não batêrão; cantárão, bailárão, e discorrêrão huns com os outros, em quanto os animaes que elles criavão, achavão facilmente pasto. Em vez de então darem a morte a estes pobres animaes assim que os vião, defendêrão nos, e se interessárão em sua propagação; prestárão-lhes auxilio para a creação de suas crias; acostumárão-se á sua sociedade: o horror do sangue recobrou parte do seu imperio, passárão a habitos mais macios; vivêrão de leite, de manteiga e queijo; e comião muito pouca carne. Só á chegada de algum estrangeiro illustre he que se permittia o assar hum *cabrito*; e era necessario haver algum casamento, huma festa de familia, para matar *gorda vitella*. Taes erão os costumes de *Abraham*; taes são nas altas serras da *Suissa* os dos respeitaveis e pacificos *Helvecios*.

» Este genero de vida tão feliz, em que os homens podérão entregar-se á observação de mais seguido modo, e cultivar mais o seu engenho, porque não erão obrigados a fatigar continuamente o seu corpo; este tempo em que nascêrão as Sciencias, a Astronomia, a Botanica, os primeiros elementos da Medicina, e as Artes de recreio, a Musica, a Poesia, offerecerá sempre huma das mais bellas e das mais bem morigeradas épocas da historia das nações. — Elle não podia ser geralmente duradouro. A mesma protecção que se deo aos rebanhos, os multiplicou ao ponto de não ser a herva sufficiente; porque ainda não a sabião regar, nem cultivalla. Começárão a comer habitualmente os animaes piquenos mais custosos de criar, e que

os privavão do leite de suas mães; e, o que foi mais triste, pelos pastos se começárão as guerras de tribu a tribu. Este he o estado dos *Arabes*, o dos *Bereberes*, e o dos *Tartaros*: hospitaleiros em suas terras, salteadores dos viajantes, fazendo brilhantes incursões e escravos nas terras dos seus vizinhos agricultores, e não se unindo jámais duas tribus entre si senão para opprimirem terceira, ou para lhe resistirem.

» Por fim, cumpre tambem notar que suas guerras, sempre tão funestas, são fundadas em huma disposição que não he má em si, na escolha de hum mal menor, na preferencia de hum combate contra outra tribu, ás contendas e animosidades na sua.

» Só a Agricultura póde fazer voltar os homens a melhores idéas, a mais louvavel procedimento; ella permittio e prescreveo a moral para com todos; demonstrou quanto he util e necessario o respeito á *propriedade*, que só pode multiplicar e conservar as colheitas. — Ella fez, no exterior, olhar a paz entre as nações como seu estado natural; e a guerra como excepção, contra a qual todos clamão, sem que ninguem queira confessar que faz o papel de aggressor. No interior, ella fertilisou a terra por meio dos animaes; e para elles. As plantas nascidas de seus trabalhos e de seus estrumes nutrem, além dos homens, muito mais gados que os pastos não cultivados. A arte de conservar as forragens, lhe conserva sua abundancia no inverno. Os edificios mais solidos, que huma vida estavel faz erigir, lhes dão abrigo contra os insectos, e lhes procurão hum somno mais profundo, mais tranquillo, com mais asseio, em melhores e mais espessas camas, &c.

» Eis o estado em que estamos, e quando se considera que a terra d'onde se tirão todos estes bens he immensa; que os progressos das luzes, para a fazer mais productiva, se podem

dilatar infinitamente; que o commercio se empregará sempre em ir igualando cada vez mais a distribuição dos meios de viver, então se percebe como, por huma parte a cultivação constantemente illustrada pelo estudo das Sciencias, e pela outra hum bom systema de colonisação que ponha na classe das precisões e das despezas regulares, a formação e manutenção de hum capital destinado continuamente a estabelecer nas partes deshabitadas do Globo o excesso da população (onde o houver), podem e poderáõ ainda melhor algum dia, adoçar e aperfeiçoar a moral entre as familias; entre as nações; e mesmo, a muitos respeitos, de nós para com os animaes; porque he sobre tudo, he quasi unicamente *a fome* quem desmoralisa, tanto a nós, como os nossos companheiros na sensibilidade. »

Esta engenhosa Memoria, ou discurso, foi lida por Mr. D. P. de N. na 3.ª Classe do Instituto Nacional de França em 14 de Setembro de 1804. Omittimos o ultimo paragrafo por hum pouco inconsequente, e sem utilidade.

Sobre o seu assumpto cumpre digamos, que não obstante poder fundar-se o A. em boas razões quando se considerão os povos que ainda hoje vivem na barbaridade, com tudo haveria grande obstaculo se o author tivesse em vista os homens depois do Diluvio universal. Esta catástrofe, que os mesmos Filosofos antigos e modernos, independentemente do que nos dizem os Livros de *Moysés*, geralmente acreditão, absorveo o genero humano, dezeseis, dezoito, ou mais seculos depois de começar sua existencia, e por conseguinte nesses seculos adquirirão os homens muitissimos conhecimentos, que em grande parte possuião os que se salvárão do Diluvio na Arca, e reproduzindo depois o genero humano, já em seus filhos e netos hião introduzindo esses conhecimentos, e nos proprios filhos de Noé se conhece o uso da agricultura, e de muitos

instrumentos, o que bem se vê que não podião adquirir pelo longo processo que apresenta o plano do A. da memoria. Por conseguinte essas conjecturas, que parecem com effeito naturaes, só podem ter emprego nos primeiros seculos da criação do Mundo, antes do Diluvio. O exemplo de alguns povos, como os Arabes e outros não tem tanta força como talvez o A. se persuadio; porque he sabido que os Arabes, ainda mesmo nas terras onde mais barbaros vivem, já tiverão mais cultura. Os Indios da America não erão todos iguaes em barbaridade e rudeza, quando se descubrio aquella parte do Mundo. No *Mexico*, e no *Perú* se achárão notaveis exemplos de certa civilisação, que não era de esperar entre elles. Ha povos naturalmente mais estupidos, mais asperos de condição que outros; e ás vezes nasce hum homem entre alguns povos de tal engenho e penetração que faz avançar os seus compatriotas em poucos annos mais em sua civilisação do que em seculos se obtêm entre outras nações. Hum Chefe, ou Rei de huma tribu, com engenho transcendente faz florecer a sua tribu, augmenta o seu poder, e industria, e habilita aquelle povo a adquirir novos progressos; que o pôem muito mais avançado que os vizinhos. Se a communicação destes, e sua boa indole, os interessa nesses melhoramentos e os vão tambem admittindo, dilata-se mais a civilisação: se não se communicão e vivem no seu rustico trato sem admittirem melhor cultura, a barbarie se conserva, e ás vezes se augmenta. Porque hum Povo chegou a ser polido no trato, e mesmo rico de sabios e de bons estabelecimentos não se segue sempre se conserve no auge da civilisação; muitas vezes cahe na mais abjecta barbarie. Sirvão de exemplo a *Grecia*, o *Egypto*, e outros paizes onde apenas hoje ha rusticos pastores, e apenas a cultura mais mesquinha indispensavel á manutenção da vida. — A idéa pois da creação do homem, que nos dá o Ge-

nesis, fazendo-nos conhecer os primeiros individuos do genero humano dotados de grande juizo, e de facil comprehensão para em breve irem tirando da cultura da terra os meios de se alimentarem a si e á sua geração, he a unica que satisfaz a razão. Achar todos os animaes logo bravios, sem instrumentos para os caçar, e domesticallos só pelo modo indicado pelo A., de apanhar as crias, trazellas para casa como mimo ás mulheres, e ellas criarem os filhinhos dos animaes que hoje chamamos domesticos, e que então erão bravos, não se pode acreditar sem esforço da razão: nunca constou que houvesse cordeiros bravos, e se os houve não podião facilmente ficar no esquecimento dos escritores sagrados e profanosconhecidos e da mais remota antiguidade. Portanto a hypothese do Author pode applicar-se a povos selvagens, que principiárão em alguns individuos rusticos, ou que perdêrão toda a policia que tinhão tido em outro tempo; mas não já aos primeiros individuos de que procede o genero humano depois do Diluvio.

Se he engenhosa a precedente Memoria, e parece natural, quanto não he mais bello e natural o grande quadro seguinte do immortal Conde de *Buffon* na Historia natural do Homem, tendo sahido das mãos do Creador! Não he hum boçal que mal sabe discorrer; he hum ente perfeito em seus sentidos.

Conta o primeiro Homem á primeira Mulher as suas primeiras impressões.

» Eis me lembro ainda desse instante de alegria e de perturbação em que pela primeira vez senti a minha singular existencia: eu não sabia o que eu era, onde estava, d'onde vinha. Abri os olhos: que multidão de sensações! A luz, a abóbada celeste, a verdura da terra, o cristal das aguas, tudo me occupava, me animava, e me da-

va hum sentimento inexplicavel de prazer. Julguei ao principio que todos estes objectos estavão em mim, e fazião parte de mim mesmo.

» Eu me firmava neste pensamento nascente, quando voltei os olhos para o Astro da luz; deslumbrou-me o seu esplendor, fechei involuntariamente as palpebras, e senti huma leve dor. Neste momento de obscuridade, julguei que tinha perdido todo o meu ser.

» Afflicto, tomado de assombro, estava pensando nesta grande mudança, eis que de repente escuto sons; o canto das aves, o zunido dos ares, formavão hum concerto cuja doce impressão me revolvia até ao intimo da alma; escutei longo tempo, e me persuadi em breve que esta harmonia era eu.

» Attento, e todo embebido neste novo genero de existencia, já me esquecia da luz, d'ess'outra parte do meu ser, primeira que eu conhecera quando abri os olhos. Que jubilo ao achar-me possuidor de tantos objectos brilhantes! O meu prazer sobrepujou tudo quanto eu sentira da primeira vez, e suspendeo por algum tempo o encantador effeito dos sons.

» Fitei a vista em mil diversos objectos; em breve percebi que podia perder e achar de novo estes objectos, e que eu tinha o poder de destruir e de reproduzir á minha vontade esta bella parte de mim mesmo; e posto que ella me parecesse immensa em grandeza, assim pela quantidade dos accidentes de luz, como pela variedade das cores, persuadi-me que tudo se continha em huma porção do meu ser.

» Começava eu a ver sem emoção, e a ouvir sem me perturbar, eis que huma leve viração, cuja frescura senti, me conduzio aromas que me causárão hum intimo desafogo, e me derão hum sentimento de amor de mim mesmo.

» Agitado por todas estas sensações, instiga-

do pelo prazer de tão bella e grandiosa existencia, eu me levantei de repente, e me senti transportado por huma desconhecida força. — Dei unicamente hum passo; a novidade da minha situação me poz immovel, fui extrema a minha admiração, assentei que fugia a minha existencia: o movimento que tinha feito tinha confundido os objectos; imaginei que se havia desordenado. Levei a mão á minha cabeça, palpei a minha testa e os meus olhos; passei-a por todo o corpo: então me pareceo que a minha mão era o orgão principal da minha existencia. O que eu sentia nesta parte era tão distincto e tão completo, parecia-me a sua fruição tão perfeita, em comparação do prazer que me havião causado a luz e os sons, que todo me entreguei a esta solida parte do meu ser, e senti que as minhas idéas tomavão profunda consistencia e realidade.

» Tudo quanto em mim tocava parecia retribuir á minha mão sentimento por sentimento, e cada toque produzia em minha alma huma duplicada idéa.

» Não estive muito tempo sem perceber que esta faculdade de sentir se achava diffundida por todas as partes do meu ser, reconheci em breve os limites da minha existencia, que ao principio me tinha parecido immensa na extensão.

» Eu lançava os olhos por todo o meu corpo; eu o julgava de enorme volume, e tão grande, que todos os objectos que tinhão ferido os olhos me não parecião, em comparação, mais que huns pontos luminosos. Examinei-me muito tempo, remirava-me com satisfação, seguia com os olhos a acção de minhas mãos, e observava os seus movimentos Sôbre tudo isto tinha as mais estranhas idéas; julgava que o movimento de minhas mãos era só huma existencia fugitiva, huma successão de couzas similhantes; eu as chegava aos olhos; então ellas me parecião maiores que o corpo todo; então me

fazião desapparecer á minha vista infinito numero de objectos.

„ Comecei a suspeitar que havia illusão nesta sensação que me entrava pelos olhos. Eu tinha distinctamente visto que a minha mão só era huma piquena parte do meu corpo, e não podia comprehender que houvesse augmentado a ponto de me parecer de desmarcada grandeza. Resolvi-me portanto a não me fiar senão no tacto, que ainda me não tinha enganado, e a estar de cautella sobre todas as outras faculdades de sentir e de existir. — Esta precaução me foi util: eu me não tinha tornado a mover, e então continuei a caminhar, com a cabeça alta e levantada para o Ceo; dei hum leve encontrão em huma palmeira; tomado de pavor, levei a mão á este estranho corpo; julguei-o estranho, porque não me retribuio sentimento por sentimento. Afastei-me com huma especie de horror, e conheci pela primeira vez que havia alguma couza fora de mim.

„ Mais agitado por este novo descobrimento do que o estivera por occasião de todos os outros, custou-me a ficar socegado; e depois de ter meditado sobre este acontecimento, conclui que devia julgar dos objectos exteriores, como eu tinha ajuizado das partes do meu corpo, e que só havia o tacto que me podesse assegurar da sua existencia. Procurava por tanto apalpar tudo quanto via: desejava tocar o Sol, estendia os braços para abraçar o horizonte, e só achava o vazio dos ares.

„ A cada experiencia que eu tentava hia passando de admiração em admiração; porque todos os objectos me parecia estavão igualmente perto de mim, e só depois de infinitas provas he que aprendi a servir-me dos meus olhos para guiar as minhas mãos; e como estas me davão mui differentes idéas das impressões que eu recebia pelo sentido da vista, não estando as minhas sensações de acordo entre si, erão os juizos que eu

formava tanto mais imperfeitos, e ainda o todo do meu ser não era para mim senão huma existencia em confusão.

» Profundamente occupado de mim, do que era, do que podia ser, as contrariedades que eu acabava de experimentar me humilhárão. Quanto mais eu reflectia, mais duvidas se me apresentavão. Cançado de tantas incertezas, fatigado dos movimentos da minha alma, curvárão-se os meus joelhos, e eu me achei em huma situação de repouzo. Este estado de tranquillidade deo aos meus sentidos novas forças.

» Estava eu sentado á sombra de huma bella arvore; huns fructos de côr vermelha descião em forma de cacho, ao alcance da minha mão. Toquei-os levemente, e logo se separárão do ramo, como delle o figo se separa em estando maduro.

» Tinha eu apanhado hum destes fructos; imaginei ter feito huma grande aquisição, e me gloriei da faculdade que sentia de poder conservar em minha mão outro ser todo inteiro. O seu pezo, ainda que pouco sensivel, pareceo-me huma resistencia animada, que eu folgava de vencer. Tinha eu chegado este fructo ao pé dos olhos, considerava a sua figura, e as suas cores: hum delicioso cheiro fez que o aproximasse mais; elle chegou perto dos meus labios; eu attrahia o seu cheiro com longas inspirações ou sorvos, e saboreava com grande avidez o prazer do olfato; interiormente me enchia deste ar embalsemado. Minha boca se abrio para o exhalar, e se tornou a abrir para o receber de novo: senti que possuía hum olfato interior mais fino, mais delicado ainda que o primeiro; em fim, provei o fructo.

» Que sabor! que nova sensação! Até alli só tinha tido prazeres; o gosto me deo o sentimento do appetite. A intima fruição fez nascer a idéa de possuir Julguei que a substancia deste fructo se tinha tornado minha substancia, e que

eu tinha a faculdade de transformar os seres. — Lizongeado com esta idéa de poder, incitado pelo prazer que eu tinha sentido, colhi segundo e terceiro fructo, e não me cancei de dar exercicio ás minhas mãos para satisfazer o meu paladar: porém huma agradavel languidez se foi pouco a pouco apoderando de todos os meus sentidos, tornou-me pezados os membros, e suspendeo a actividade da minha alma. Formei idéa da minha inacção pela frouxidão dos meus pensamentos; embotadas as minhas sensações arredondavão-se-me todos os objectos, só me apresentavão debeis imagens, e mal terminadas. Neste instante tornados inuteis os meus olhos, fechárão-se; e a minha cabeça, não sendo já sustentada pela força dos musculos, se inclinou para achar encosto na relva. Tudo se desvaneceo, tudo desapparaceo. O vestigio dos meus pensamentos se interrompeo, e perdi o sentimento de minha existencia. Foi profundo o somno; mas não sei se durou muito, por não ter ainda idéa do tempo, e não o poder medir. O meu acordar foi segundo nascimento, e somente senti que tinha cessado de existir. Esta anniquilação que eu acabava de experimentar suscitou-me alguma idéa de temor, e me deo a entender que eu não devia existir perpetuamente.

» Tive outra inquietação: não sabia se acaso teria deixado no somno alguma parte do meu ser: fiz experiencia dos meus sentidos; procurei reconhecer-me.

» Mas em quanto eu corria com os olhos os limites do meu corpo para me assegurar de que a minha existencia me tinha ficado toda, qual não foi o meu sobresalto ao ver ao meu lado huma figura similhante á minha! Eu a tomei por outro eu; longe de haver perdido couza alguma em quanto havia cessado a minha existencia, acreditei que me tinha duplicado.

» Levei a minha mão a este novo ser; que

assombro! não era eu, mas era mais que eu, melhor que eu; julguei que a minha existencia hia mudar de lugar, e passar toda inteira áquella segunda metade de mim mesmo.

» Eu a senti animar debaixo da minha mão; eu a vi tomar pensamento em meus olhos, os seus fizerão girar por minhas veias huma nova fonte de vida; eu a quizera fazer senhora de todo o meu ser: esta viva vontade completou a minha existencia, senti narcer em mim novo sentido.

» Neste momento o Astro do dia no termo de sua carreira apagou o seu facho, eu percebi que perdia apenas o sentido da vista; nimiamente existia para que temesse deixar de existir, e debalde a obscuridade da noite em que me achava me recordou a idéa do meu primeiro somno. »

(A belleza deste quadro não tem igual nos livros profanos. Elle se acha no tomo 3.º da edição em 4.º, 1749, pag. 364 a 370 da Hist. Nat.)

LISBOA 28 de Abril de 1835.

Noticias Politicas.

Londres 20 *de Março.* Pelas ultimas noticias de *Paris* consta que " duas Escunas de guerra Francezas, o *Astrolabio* e a *Emulação*, andão cruzando na altura da Ilha de *Alfacs*, para impedir qualquer expedição ou tentativa que os Carlistas hajão de aventurar-se a fazer nas Costas de *Valencia* ou *Catalunha*. — De *Parma* se assegura que *Cardero*, o Official que commandava o Batalhão do 2.º Regimento de linha que se amotinou em *Madrid* a 18 de Janeiro, chegára alli como desterrado.

Idem 23. As noticias de *Paris* de 21 do corrente dizem que de 5 a 12 de Maio se ha de fa-

zer o processo dos Republicanos prezos, pelas desordens de Abril do anno passado. A Camara dos Pares (onde se ha de fazer este processo) tem hum Par de 90 annos, 7 de 80, 22 de 70, e metade dos outros tem mais de 60. (*Este pode chamar-se o Conselho dos Anciões.*)

A *Gazeta de Carlsruhe* de 17 de Março publica hum artigo que se lhe enviou, e que he semi-official, que he como huma resposta ás censuras feitas ao Governo de *Baden* de romper as communicações com a *Suissa*. Extrahimos delle a seguinte passagem: —" Sem duvida tem parecido penoso tomar taes medidas contra a *Suissa*, e tomar outras, se aquellas não conseguirem o fim desejado, e a difficuldade se augmentar pelas antigas relações do nosso Governo com aquelle paiz, cujo bom estado desejamos assegurar. Porém se a Suissa, em vez de considerar-se como hum asylo de patriotas perseguidores, com razão ou sem ella; por opiniões religiosas ou politicas, e de attrahir perturbadores que recorrem a ella a fim de procurarem impunidade por suas criminosas intrigas, expondo a Alemanha a ser atacada por hum punhado de individuos facciosos; se, em vez disto, a *Suissa* se houvesse de mostrar-se mais amiga da boa ordem, ninguem se lembraria de adoptar medidas de paccaução contra ella. » (*The Globe.*)

Recebemos do *Rio de Janeiro* a seguinte Carta em data de 28 de Janeiro:

» Depois que vos escrevi o unico successo politico de consequencia que tem occorrido he huma mudança no Ministerio, circunstancia acontecida ha poucos dias. Parece ter sido a causa immediata disto as recentes desordens em Minas; onde o Presidente recusou executar a ordem da Regencia de commutar as sentenças proferidas contra os réos implicados nas perturbações politicas de Março de 1833; esta repulsa era acompanhada do vivo desejo expressado pelo Presidente de ser

dimittido do seu cargo. Logo que chegárão estes documentos foi aceita a resignação do Presidente, e foi despachado hum sujeito para o substituir nas Minas; e de alguma causa nascida destas desintelligencias veio o dissolver-se o Ministerio. (Refere depois de mais algumas circunstancias de pouca consideração, que ficavão servindo os seguintes: *João Paulo dos Santos Barreto*, Ministro da Guerra, e interino da Marinha; *Manoel do Nascimento Castro e Silva*, Ministro da Fazenda, e interino do Imperio; e *Manoel Alves Branco*, Ministro da Justiça, e interino dos Negocios Estrangeiros) *(Morning. Post.)*

Idem 27 de Março. Noticias do *Pará* recebidas hontem nos dão novas informações da recente revolução sanguinaria que alli houve, que parece ter sido acompanhada de grande barbaridade. Parece que pelas 3 horas da manhã do dia 7 de Janeiro, obra de 600 *Indios*, que tinhão desembarcado a duas milhas acima do *Pará*, tendo-se-lhes unido os soldados do Governo, fizerão hum ataque em primeiro lugar no Palacio, e alli matárão o Presidente e o General das Armas; e depois matárão nas ruas publicas o Capitão de hum Navio de guerra Brazileiro. Estes tres erão as principaes pessoas da Cidade. Tirárão depois hum prezo da cadeia, e o fizerão Presidente do *Pará*. Durou o tumulto 24 horas, em cujo espaço parece forão mortos 80 Portuguezes; muitos refugiárão-se aos navios estrangeiros. Não sabemos a causa desta revolta. *(M. Post.)*

Resumo das folhas de Londres de 9 a 15 de Abril.

A pezar das representações que de toda a parte se dirigírão a Mr. *Peel*, este e os seus collegas resignárão nas mãos do Rei no dia 8 o seu Ministerio, não querendo continuar a servir com huma Camara opposta em sua maioria aos seus principios. Mandou o Rei chamar Lord *Grey* para formar novo Ministerio, elle recommendou para esse fim Lord

Melbourn; mas difficuldades notaveis tinhão impedido a conclusão deste negocio á data das ultimas folhas (18), tendo continuado as representações a Sir *R. Peel*, que no dia 14 ainda havia recebido mais de cincoenta, para que não deixasse o posto. Em tal situação porém, e para homens que prezão a probidade e a firmeza de caracter, rectos em seus principios, não havia meio termo entre, ou sahirem do Ministerio, ou dissolver o Rei o Parlamento, isto he, a Camara dos Communs; não se pode asseverar qual seja o exito desta collisão.

As noticias de *Hespanha* por estas folhas são mais claras que as que nos dão as de *Madrid*. As disposições de Mina erão tanto mais atrozes quanto menos felizes as suas armas. Huma prohibição rigorosa em *Pamplona* de fallar nos successos da guerra mais prova que estes lhe não havião sido favoraveis do que os proprios Officios dos Carlistas. No dia 2 do corrente, estando *Zumalacarregui* sitiando *Maestu*, soube avançavão contra elle 9 ₰ Christinos; tendo só 5 ₰ homens, decidio-se esperallos, poz a artilheria em segurança, e no dia 3 esteve esperando até á noite o ataque; mas vendo que não era atacado avançou no dia 4 pela manhã contra o inimigo, que não esperou o combate, a pezar de sua superioridade em tropas; o que naturalmente nasceria da má disciplina das tropas, que parece ficárão desalentadas com a derrota do dia 29 de Março.

Houve huma desordem em *Saragoça* por causa hum Musico da Sé cantar hum hymno patriotico, o que o Prelado lhe reprehendeo; daqui se suscitou desordem em que houve victimas; mas tinha socegado.

A *Catalunha* dá cuidado pelo augmento das guerrilhas, que tem tido a ouzadia de ir até perto de *Barcelona*. — *Na Mancha* e *Andaluzia* tem apparecido algumas guerrilhas avultadas, e causão incommodo grave, porque he necessario empregar tropas para evitar seus roubos, e assaltos.

O *Jornal de Paris* assegura ter *Cordova* recebido ordens de entrar na *Navarra*, e retirar de *Maestú* a guarnição; mas teve encontro desfavoravel com os Carlistas, e desertou-lhe gente bastante.

Pelo que respeita a Lord *Elliot*, aqui transcreveremos do *Globo* de 15 do corrente hum curioso Artigo, que elle extrahio de *l'Election*, sobre este importante assumpto:

» *Paris* 12 *de Abril.* — Se estamos bem informados, e cremos que o estamos, considerando as respeitavel fonte da nossa informação, as Cortes da *Russia*, *Austria*, e *Prussia* dirigírão-se ao Governo *Inglez* para concertarem medidas, como em outro tempo por occasião das mortandades na *Grecia*, a fim de porem termo ás crueldades de que he infeliz theatro o Norte da *Hespanha*. O Duque de *Wellington* dependia da cooporação da *França* para fazer hum arranjo, e parece que Mr. *Sebastiani* e Mr. de *Broglie* concordárão perfeitamente com o nobre Duque, o qual tinha, além disso referido confidencialmente o negocio ao General *Alava*, Embaixador d'*Hespanha*, seu antigo amigo, e seu Ajudante de Campo na Guerra da Independencia Peninsular. O Duque de *Wellington* e os Diplomaticos do Norte tinhão já examinado o fundamento do negocio, e sabião em que se devião estribar relativamente á Familia Real d'*Hespanha* desterrada em *Londres*.

» O resultado foi huma missão diplomatica conciliatoria confiada a Lord *Elliot*, que foi Secretario da Legação Britannica em *Madrid* em 1821, tempo em que Sir *W. A'Court* era alli Embaixador. O objecto desta missão he propor aos dois partidos medidas de conciliação, persuadindo *as duas bandeiras* a fazerem concessões reciprocas, cuja execução será garantida pelas grandes Potencias da *Europa*.

» Os desejos daquellas Cortes são, sendo possivel, em primeiro lugar, que case o filho mais ve-

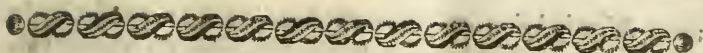
lho de *D. Carlos* com *Izabel II*, com as condições já annunciadas pelos periodicos (ha mais de 2 mezes). Se isto se achar impraticavel, procurar obter hum armisticio de seis mezes, a fim de abrir negociações para hum arranjamento sob os auspicios da *Inglaterra* e da *França*. Se as duas precedentes propostas não forem admittidas, se procurará obter de ambos os partidos, que se respeitem os direitos das Nações; que não se desattendão os direitos da guerra; que as vidas dos prizioneiros seja protegida; bem como a conservação das terras; pois a *Europa* não pode no seculo presente permittir que a *Hespanha* apresente hum sanguinolento quadro de carnagem e desolação. No caso de todas estas propostas serem rejeitadas, formar-se-hia immediatamente hum Congresso; como em *Verona* ou *Laybach*, para regular os futuros destinos da *Hespanha*. Estas são as noticias que o General *Alava* enviou por hum Correio extraordinario á Corte de *Madrid*. " — Sendo verdade o que acabamos de transcrever, não he acreditavel a noticia de se recusar passaporte a Lord *Elliot*; tanto da parte de *Mina*, como de *D. Carlos*; nem a mudança do Ministerio Inglez poderia influir no que se figura feito de commum accordo de todas as grandes Potencias da *Europa*, sem dar maior estimulo ás do Norte.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.° 137; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

Na Typ. de Luiz Maigre Restier-Junior,

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O
INTERESSANTE,
JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XVI.

O Principe, e as Sciencias. Conto critico instructivo.

Oh! se eu podesse fazer florecer as Sciencias e as Artes nos meus Estados! Se eu podesse polir a linguagem e os costumes dos meus povos! ver brotar essas obras primas de Eloquencia e de Poesia que constituem a gloria das grandes Nações! Se eu podesse fundar huma Acedemia de *Ideólogos!* huma Universidade de Jurisprudencia! huma Sociedade de observadores do homem! (mas não de espiões.) Crear Lyceos, Athenos, Museos, Prytaneos! erigir theatros, traçar circos, edificar palacios, encher a minha Capital de Pintores, Musicos, Mathematicos, Naturalistas, Bailarinos, Filosofos, Jornalistas, Comicos e Arlequins!...

Assim fallava, não sei em que tempo, nas margens do *Indo* o Soberano de hum piqueno Estado, que nunca ouvira nem huma só palavra do que acabo de dizer. Ainda bem não acabava de fallar, quando a Fada *Urbana*, couza que nunca houve, e que era muito amante dos Sabios, se apresentou diante do Principe, e lhe disse: "Se-

nhor *Matóphilo*, eu ouvi os desejos que acabais de expressar para gloria e prosperidade do vosso Imperio, e como recebi omnipotencia sobre as quatorze aldeias que vós tendes a honra de governar, venho offerecer-vos meus gratuitos e benignos serviços, e procurar-vos as vantagens que anhelais; " e formou immediatamente do seu halito e hum pouco de sabão huma ligeira e brilhante bóla, sobre a qual soprou, e da qual sahírão logo todas as Sciencias.

A primeira que appareceo tinha figura elevada, hum ar de viveza, passo arrogante, e o tom algum tanto orgulhoso. Vestia antiga Sotana de varias cores, e nos cabos se lia: *Argumentabor* (*Argumentarei*). O Principe, que não sabia Latim, fitou nella os olhos; e tendo-lhe feito signal de se chegar ao pé delle, lhe perguntou como se chamava, e lhe pedio a explicação da sua devisa, e qual era o genero de serviço para que era propria. Então a Nynfa lhe disse: » Eu me chamo a » *Filosofia*; a minha origem he tão antiga como o » Mundo; eu reinei successivamente na India, » no Egypto, na Grecia, na Italia, nas Gallias; » tendo habitado, ora nos Palacios, ora nas sim» ples aduelas de huma dorna; visto alternativa» mente ora sedas, ora trapos; a minha doutrina » e a minha linguagem varião como os meus ves» tidos; ao principio eu ensinei aos homens o res» peito aos Deoses, a submissão aos Principes, » o amor da Virtude, o desprezo das riquezas, a » coragem na desgraça, e a moderação na fortu» na. Adoptei depois outras maximas. Ensinei aos » homens que a felicidade consistia nos prazeres; » que o Ceo se não metia com os negocios da ter» ra; que tudo estava bem, huma vez que se jan» tasse com fartura, e se dormisse folgadamente. » Eu estudei a Astrologia, busquei a Pedra filo» sofal; vendi frasquinhos de balsamo, e mechas » fosforicas: fiz habilidades com cartas, li a *bue-*

» *na-dicha*; inventei a Outologia, descobri a Pol-
» vora; fiz os argumentos em *baroco*; levantei exer-
» citos d'estudantes em *barbara* e *baralipton*, e
» armados de *universaes*, e *reaes*; eu . . . . "

Aqui o Principe que quasi nada entendia de quanto ouvira, tomou o partido de interromper a Filosofia, e lhe disse: " Vejo que sois tagarella, disputadora, e fantastica; não me fallárão de vós como vos observo. Consinto comtudo em vos ouvir até ao fim, se quizerdes deixar de dizer o que tendes sido, para me dizerdes o que sois. ,,

A Filosofia. " Nunca o meu imperio foi mais extenso que ao presente; conto vassallos meus em todos os Estados, em todas as Jerarquias, e até pelas lójas dos barbeiros e outros mecanicos; a minha doutrina e os meus beneficios andão espalhados por toda a parte. ,,

O Principe. " E quaes são os beneficios dessa doutrina? "

A Filosofia. " Eu ensino aos outros a conhecer o que eu mesmo não conheço; fallo do Ceo, da Terra, do Mar; discorro sobre a natureza, sobre o espirito, sobre a materia, sobre o repouso, movimento, attracção, repulsão, affinidades, &c.; envolvo quanto digo com hum veo muito espesso; e quando os meus ouvintes nada tem comprehendido de meus discursos, então se julgão mui sabios, só por me escutarem. "

O Principe. " Ora eis hum bem donoso serviço que lhe fazeis! Tanto monta, ou mais vale, que os meus vassallos se contentem com saber a regra do a, b, c, e com rezar pela manhã e á noite. E como com tantas parvoices viestes vós a ter tantos sectarios? »

A Filosofia. " He porque me pareço com a Fortuna. A minha inconstancia engrossa a multidão dos meus partidistas. Quando eu sou assizada, tenho por mim todos os homens de bem; quando deliro, tenho a meu favor os nescios e os maos; e então he mui numeroso o meu cortejo. "

O Princ. — " E deliraIs com muita frequencia? »

A Filos. — " Muito mais vezes do que eu quizera; porque, como me respeitão muito, ha gente interessada em me dar volta ao juizo; e então me fazem dizer todas as asneiras que me vem á cabeça. Acreditarieis vós que se tem assoalhado por doutrina minha, máximas que eu sempre proscrevi? por exemplo, que *Patria* não he mais que huma palavra; e que *ubi bene*, *ibi patria*, (*onde me vai bem ahi he a minha terra*)! Que o vicio e a virtude são igualmente bons, com tanto que delles se tire igual partido! Que a sujeição ás leis não he mais que o abatimento ou humiliação do mais fraco ao mais forte! Que os pais não devem nada a seus filhos, nem os filhos a seus pais! Que a amizade não he mais que o movimento de duas faces que se esfregão huma pela outra! &c. »

O Princ. — " Vejo que sois assizada só quando vos vigião; eu tenho boa vista, e Ministros que se levantão cedo; eu vos admitto com a condição de vos experimentar. — Ora vejamos outra Sciencia.

A Fada. — " Aqui está a *Jurisprudencia.* "

O Principe. — " Ainda não ouvi fallar de vós nos meus Estados; que exercicio he o vosso, e em que poderáõ occupar-vos? »

A Jurisprudencia. " Em mentir, e em fallar verdade; eu ensino as velhacarias e as trapaças; e tambem mostro como se evitão. Eu multiplico os argumentos pró e contra; dou soluções, e as eludo; provo que o branco he preto, e o preto branco; passeio em huma grande Salla com huma toga roçagante; grito na audiencia, ensurdeço os juizes, e ás vezes os adormeço; elles acordão, decidem como podem, e tenho ganhado dinheiro. Muitas vezes fico em minha casa; vem consultar-me; respondo, publico memorias, e ten-

ções; multiplico os processos; os litigantes empobrecem, e eu me encho de riquezas. »

O. Princ. — " E esse he o mister que pretendeis exercer no meu Estado? Ide-vos embora; não careço dos vossos serviços; aqui não entra senão gente de probidade, podeis retirar-vos. »

A Fada. — " Más companhias he que a tem hum pouco estragado; ella tem servido máos amos que tem pervertido suas boas qualidades. Em eu lhe tendo dado algumas lições, ella poderá servir-vos utilmente. A Jurisprudencia praticada com honra faz os maiores serviços aos Soberanos: comprime a luta das paixões e dos interesses; conserva a harmonia em todas as partes do Imperio; protege o fraco contra o poderoso, o pobre contra o rico, e o vassallo contra o Principe. Quereis vós ver florecer os vossos Estados? Fazei florecer as Leis, sustentai a Justiça, honrai os Ministros della; reprimi unicamente os seus abusos. Eu me encarrego de emendar a Jurisprudencia de seus defeitos, de a pôr em dieta, e de a pôr em estado de satisfazer as suas obrigações. Assim, ficai com ella, eu vo-la afianço. »

O Princ. — " Pois bem! admittamos a vossa afilhada; promettei-me por tanto que ella hade renunciar para sempre as *propinas* e a *chicana*. — E quem he ess'outra mulher que se apresenta aqui com tão extravagante trajo? »

A Fada. — " Eis ahi a que he encarregada de transmittir o vosso nome á Posteridade, de registar vossas bellas acções, e de as publicar entre todos os povos, perpetuando vossa lembrança na memoria de todos os homens. Chama se a *Historia*. — Ella tem á sua disposição a Eloquencia, a Critica, e a Poesia; os Heroes, e os homens de genio de todas as idades tem appetecido o seu voto. »

Neste momento avançou a *Historia* até o throno do Principe; o seu andar parecia difficil e embaraçado. O seu vestido antigo estava hum pouco

desbotade; tinha na mão hum espelho, cuja superficie mostrava ter sido embaciada de proposito, e tinha a cabeça envolta em hum grande véo.

O Principe mostrou-se admirado deste disfarce. — " Eu nunca receei, diz elle, que observassem as minhas acções; eu amo o povo que governo, e procuro fazello feliz: eis a minha politica, e todo o meu segredo. Porém vós, Senhora, se pretendeis observar as acções dos outros, dizei-me porque razão tendes envolvido a vossa cabeça nesse grande véo que vos impede o ver claro; e fazei-me tambem a mercê de me dizer de que vos pode servir esse espelho, cujo vidro está tão embaciado? »

A Historia. — " A minha sorte em todos os tempos tem sido muito extravagante; nem sempre tenho a liberdade de escolher o trajo que mais me agrada. A minha grande desdita he estar sujeita aos caprichos dos meus criados, e de ter muitos. Não ha loucura a que eu não esteja exposta da sua parte; huns me despojão ás vezes de todos os meus vestidos, e me condemnão a huma nudez de que me envergonho; outros se comprazem em me adornarem como huma namoradeira; amontoão sobre mim os enfeites mais extravagantes; cobrem-me o rosto ora com huma máscara, ora com hum véo, e quasi sempre com certos arrebiques que me desfigurão, e me fazem ridicula. Nada ha, nem sequer a minha linguagem, que elles não forcejem por alterar. Posto que eu seja amiga da verdade, elles me obrigão muitas vezes a mentir do modo mais grosseiro. Tenho escrito memorias em que não ha visos de verdade; tenho gabado alguns homens e mulheres, que não merecião se lançasse nem huma vista d'olhos sobre elles; tenho louvado acções más, chamado a torto e a direito Anjos a huns, Monstros a outros, trocando ás vezes as palavras; finalmente tem-se por minha via muitas vezes levado o esquecimento de todos os deveres a ponto de me

fazerem publicar calumnias e embústes para fazer odiosos muitos individuos. Porém o tempo mais desgraçado da minha vida he o em que me vejo obrigada a escrever debaixo do preceito de tyrannos que enchem a boca de tyrannia, e querem impingir aos outros quanto elles são, abusando descaraeamente, e prescindindo das leis. Não posso explicar quantos tormentos me tem feito passar quando tomo a liberdade de lhes fallar francamente a verdade: huns me tem mettido na cadeia; outros tem determinado lançar fogo aos meus escritos; tenho sido desterrada, banidos e mortos os amigos da verdade e meus; e nesses desgraçados tempos só tenho tido dores e mortificações. — Mas por desgraça dos maos, tenho huma memoria indelevel; e dissipados os meus inimigos, torno a pegar nos meus pinceis, e os pinto como elles merecem. Entre os que servirão em outro tempo de meus Secretarios ha hum que se fez o mais formidavel flagello dos maos Principes. A sua obra he escrita em Latim; e quando vós tiverdes aprendido a Grammatica de Despauterio, eu me proponho fazer que leais a *Tácito.* "

O Princ. — " Vejo que não he necessario instar-vos que falleis; não tereis a recear de mim o mao tratamento que me acabais de referir: sou dotado de bondade, gosto da franqueza, e da alegria, e de bom grado vos receberei na minha Corte, com tanto que consintais em vos descartar desse trajo extravagante que faria rir as crianças. »

A Historia. — " Visto estar em hum paiz em que se não teme nem a minha frieza, nem os meus pinceis; não tenho razão alguma para os conservar; tenho viajado muito, e de boa vontade repousarei algum tempo no vosso paiz. Farei apontamento de todo o bem que fizerdes; mas tambem tomei sentido na minha vigilancia, quando vos acontecer que façais couza má. Eu em todos os

tempos tenho tido grande difficuldade em me fazer amar. Tenho dois inimigos poderosos, que me perseguem portoda a parte, a *Lizonja*, e o *Amor-proprio*. Aquella trata sempre de me corromper; e este de me calumniar; elles he que me vestírão deste modo que vedes; se podessem, quebrarião o meu espelho, e me tirarião a vista. Huma e outra couza tenho livrado até agora; mas precizo de sitio onde possa fazer uso delles. »

O Princ. — " Ficai aqui como já vos disse. Só as mulheres velhas e feias he que não gostão de espelhos, e só os maos he que não querem ser vistos. Graças á benignidade desta Fada, sou homem, e não sou mulher; sou moço e não velho; sou bem estreado, e não feio; não tenho mao coração; vivireis do modo que vos agradar, e vou dar ordens para que nada vos falte no vosso toucador. "

A Historia. " Vou escrever nos meus canhenhos o modo como me principiaes a tratar. »

A penas a *Historia* tinha acabado de fallar, forão apparecendo outras muitas Sciencias, que fallavão todas a hum tempo, e disputavão entre si a honrra de encher de gloria o Principe *Matóphilo*. A Poezia, a Eloquencia, a Pintura, e a Esculptura lhe promettião a immortalidade: as Mathematicas se offerecião a formar o juizo e regular as idéas de seus vassallos; a Fysica apresentava os seus guarda-raios, os seus barómetros e thermómetras, e os seus balões; a Arquitectura promettia Templos, Arcos triunfaes, Obeliscos, *Kioscos*, Pontes Chinezas, Jardins Inglezes; e a Musica ostentava suas Operas serias e Burletas, Symfonias, Cantatas, flautas, rabecas e rabecões, lyras, cravos, e bandurras; a Dança figurava bailetes, pantomimas, e outros diversos passos. Não sabia o Principe a qual daria primeiro a attenção; porém meneando a Fada a sua varinha, fez entrar tudo na devida ordem; e o Principe lhe

pedio continuasse a auxilialIo para conservar a paz nos seus Estados.

(N.B. O Principe *Matophilo*, ou *Mathofylo*, significa o Principe *amigo de saber*. — A palavra *Kiosco* he adoptada da lingua Turca, e significa huma especie de pavilhão que os Turcos formão nos terrassos de seus jardins, com varios adornos &c.)

LISBOA 4 de Maio de 1835.

As circunstancias em que se achão os negocios da Peninsula e mesmo do resto da *Europa*, são pouco conhecidas pelo que se publica em nossos Periodicos, e só quem pode ler seguidamente os de *Inglaterra* ou *França* se pode hum pouco mais orientar com o estado das couzas; e assim mesmo he necessario procurar combinar os papeis de diversos partidos para sacar a verdade do poço; e mesmo assim só o tempo vem sanccionar ou desmentir as relações publicadas. Hum dos periodicos liberaes illustrados, que mais se aproxima á imparcialidade (que poucos querem seguir) he o *Morniug-Herald*, cujos habeis correspondentes lhe communicão boas informações, sem que porém as tenhamos por infalliveis (e mui pouco exactas lhe chegão ás vezes do nosso paiz). Daremos pois hoje aos nossos leitores alguns artigos assaz curiosos do dito Jornal sobre alguns dos mais attendiveis negocios do tempo.

Londres 13 *de Abril.* — O nosso Correspondente de *Paris* na sua carta de 11 do corrente, nos diz: " O Governo Francez olha a mudança dos Ministros em *Inglaterra* com satisfação; os Legitimistas com alegria; e os Republicanos com transporte. O Rei *Luiz Filippe* calcula adiantar na marcha antiga com os homens anteriores; os Legiti-

mistas vêem com alegria retirar-se hum Gabinete que se abstinha de fazer a guerra á moda de *Pitt*, *Dundas*, e *Jenkinson*, para pôr os Monarcas de direito nos thronos de *França* e *Hespanha*. Os Republicanos vêem na alteração hum penhor de que o *progresso* não sera interrompido. *Ça-ira!* Ora está longe de ser obvio que *Luiz Filippe* podesse effectuar por via dos carneiros *Merinos*, e do amante de *Murillo* General *Sabastiani*, o que elle fez, ou tem feito por si proprio, e pelo Ex-Bispo d'*Autun*: Por modo nenhum he provavel que os Carlistas e Francezes Hespanhoes achem nos homens que conseguirão o Bill da Reforma em *Inglaterra*, e que convierão no Quadruplo Tratado, pessoas promptas a emprehender huma guerra, para impôr outros *Bourbons* no throno de *França*, e enviar huma expedição em auxilio do *Rei*, como huma porção de gente denomina *D. Carlos*, a quem outros chamão o *Pretendente*. Só os Republicanos parece terem razoaveis fundamentos para os seus transportes na perspectiva que isso abre ao Liberalismo; e não he necessario dizer a razão porque. Porém todos os partidos folgão com a mudança: com tudo nem todos podem ter razão para isso. »

A Corte da *Russia* positivamente nomeou para Embaixador em *Paris* o General Conde de *Pahlen*; em consequencia do que, parece ficava o General *Maison* ainda em *Petersburgo*.

A seguinte Carta he do nosso Correspondente (no Quartel-General de *D. Carlos*):

" *Escurra* 6 *de Abril*. — Tomo a primeira occasião de entrar em huma questão delicada, para a qual estão voltados todos os olhos, e para o que tenho julgado da mais alta importancia reunir taes factos authenticos que possão preparar o publico para o resultado; alludo á missão de Lord Elliot. A missão de S. S.ª tem dois objectos: o 1.° evitar a matança dos prizioneiros; o 2.°, como sou informado e o creio, hum arranjamento para pôr termo á

guerra civil pelo casamento do filho mais velho de D. Carlos com a Rainha de Hespanha. Não posso positivamente dizer se a futura Soberania ha de ser offerecida a Carlos VI, ou a Izabel II; mas o que sei de certo he que Lord Elliot ha de effeituar com o Rei o primeiro destes pontos da sua missão; mas quanto ao segundo, D. Carlos está determinado a não entrar em arranjo algum que ou haja de compromettег a sua honra, ou de o privar de seus justos direitos ao throno d'Hespanha. Tenho julgado do meu dever fazer publica esta intenção do Rei para prevenir as manobras dos Especuladores de fundos, e o aproveitarem-se de fabricadas relações do successo de Lord *Elliot.* Eu dou a determinação do Rei como *positiva*: podeis descançar no facto. Ha porém huma circunstancia, connexa com a missão de Lord *Elliot*, que para mim, pessoalmente, he de grande momento, e he victoriosa resposta á contradicção dada *pela authoridade* no *Times* e no *Chronicle*, de 12 e 13 de Fevereiro, que em huma explicação subsequente se reduzia ao simples facto de " que as proposições a D. Carlos não forão feitas pelo General Alava, " — Eu vos apresentarei agora hum extracto do Passaporte dado pelo General Alava a Lord *Elliot*, e deixarei a Sua Exc. Hespanhola o trabalho de convencer o Mundo de que o seu Governo nunca consentio em que se offerecesse arranjo algum a D. Carlos por parte do Governo Britannico. Ei-lo-aqui (com as mesmas palavras Hespanholas): " Lord Elliot, Comisionado del Gobierno de Su Magestad Britanica, *de acuerdo con los de su Magestad Católica* y Su Magestad el Rey de los Franceses, para pasar á España, por Bayona. " Esperarei mui anciosamente por explicação desta passagem. No mesmo instante em que Lord Elliot chegou a Bayona fez saber que era sua intenção ir ao Quartel General de D. Carlos, e como passo preliminar, expedir hum Correio ao Rei, com despa-

chos do Duque de Wellington para o Conde *Villamur (seu Ministro).* Então enviou o Coronel *Gorwood* e o Consul Britannico ao Sub-Prefeito para obter hum Passaporte para o mensageiro. A Authoridade Franceza, nesta requisição, obrou com muita urbanidade e boa fé, e no mesmo instante deo a ordem seguinte *(o escriptor da carta põe o texto mesmo em Francez):* " Bayona 4 de Abril de 1835. — O Sub-Prefeito do 1.° Arredondamento de Bayonna. — Mando ás Authoridades Francezas da fronteira deixem livremente gyrar de Bayonna a Hespanha, e de volta, Mr. *Gardan* (Pedro), portador de despachos para D. Carlos. — Bayonna 4 de Abril de 1835. — O Sub-Prefeito, (Assignado) A. Poultier. " (Com o Sello do Cargo).

No baixo desta Ordem estava o seguinte *visto* posto pelo Consul Hespanhol: — " Visto en esto Consulado de España bueno, para pasar a España y volver. — Bayonna 4 de Abril 1835. — El Consul de S. M. C. (Assignado) *Juan de Plat.* " (Com o Sello do Consulado.

» Temos pois o importante facto de que a missão de Lord *Elliot* he emprehendida com o conhecimento e consenso do General *Alava*; que foi dado hum passaporte pelo Sub-Prefeito para conduzir despachos a *D. Carlos*, e que no mesmo passaporte se acha exarada a assignatura do Consul Hespanhol, achando-se nelle a permissão de atravessar a Provincia para ir ao Quartel-General de *D. Carlos.* Ora pergunto, estava eu muito fora das marcas quando disse na minha Carta de 2 de Fevereiro, tão criticada, " Que as medidas propostas pelo General *Alava* ao Duque de *Wellington*, para pacificar a Peninsula, forão discutidas no Quartel-General; e ainda que *nenhuma communicação official* tenha havido entre as partes, tenho razão para saber, que se decidio huma *resolução irrevogavel.* "? Agora repito em 6 de Abril

aquillo mesmo que eu avancei no dia 2 de Fevereiro: " *Decidio-se huma resolução irrevogavel.* " Posso igualmente aqui dar-vos o extracto de huma carta de *Londres* de 31 de Março, e escrita por pessoa *que estou bem certo sabe do facto:* " A missão de Lord *Elliot* a *D. Carlos* não he desfavoravel ao futuro successo do Rei. "

» Deixarei agora esta parte da minha Carta, e passarei ás noticias do dia. Devo porem dar-vos relação de huma scena em *Los Arcos*, que tem jus a ser offerecida como hum contraste com a brutal conducta de Mina. Depois do assalto de *Los Arcos*, o Rei (*não alteramos as palavras do escritor*) acompanhado por *Zumalacarregui* visitou os feridos Christinos. Entre estes estava o sobrinho do General *Lorenzo.* Este valeroso moço, tendo noticia da intentada visita do Rei, vestio a sua farda, e assim vestido se lançou na cama. *Zumalacarregui* aproximou-se á camara do enfermo: " Camarada, " disse o General, " Tenho ordem do meu mui benigno Monarca para offerecer todo o auxilio aos feridos, e para vos mandar conduzir ao mais proximo posto avançado dos Christinos. Sede pois feliz; vossas feridas se hão de curar, e se vos dará a liberdade assim que a pedirdes. " O sobrinho do *Lorenzo* poz os olhos por hum momento em *Zumalacarregui*, e então fazendo esforço para se assentar na cama para pegar na mão do intrepido Capitão, " General, " disse elle, " temos estado enganados, tem-nos ensinado a olhar-vos como hum tigre feroz, como hum Canibal deshumano; quão nobremente haveis vós desmentido os vossos inimigos! Com ufania eu servira debaixo de tal Chefe; porém tenho dado juramento a *Izabel*, e os juramentos são sagrados; estai porém na certeza de que eu nunca tornarei a pegar em armas contra *D. Carlos.* Aceitai pois em nome dos meus camaradas o agradecimento de homens gratos ao mais humano dos vencedores. " *Zumalacarregui* se com-

moveo; o coração do guerreiro montanhez se enterneceo; cahio huma lagrima dos seus olhos na manga da farda do ferido. O sobrinho de *Lorenzo* retirou a sua mão da do General, e olhando para a humedecida manga da sua farda; disse com entrecortada respiração, " Nobre reliquia; tu nunca deixarás de ser minha. " — Comparai esta simples e exacta naração com a ultima Ordem do dia publicada pelo Commandante em Chefe das forças da Rainha, ponde as mãos no vosso coração, e declarai depois porque partido a victoria se deve proferir. *(Isto he sentimental!)*

» Por hum mensageiro que esta manhã chegou á Junta sabemos que as batalhas de 29, 30 e 31 forão mui sanguinosas, e que o campo ficou alastrado de Christinos mortos. *(E dos Carlistas não se fala!).* Cartas de *Pamplona* dizem que na acção de 30 que o General *Lopez* ficara morto. — A Junta recebeo esta manhã officios da *Catalunha*, de 31 de Março, summamente interessantes. Huma partida de Carlistas, obra de 80, tendo-se apresentado nas vizinhanças de *Barcelona* no dia 30 pela manhã, desertárão da guarnição hum Cabo e 12 Soldados, e se lhe unírão. — Em *Balaguer* e Planicie de *Urgel* couza de 12 milhas de *Lérida*, ha huma guerrilha de 500 homens organizada por *Burgues.* — Em *Castell Sera* o Capitão *Mesonero*, tendo juntado huma guerrilha de 200 homens, atacou huma columna volante, que se retirou; passando-se para elles huns Officiaes inferiores e 60 Soldados no dia 30 pela manhã. O Governador de *Seu d'Urgel* mandou pedir formalmente ás Authoridades Francezas de *Perpinhão* licença para atravessar pelo territorio Francez, declarando que os Carlistas tinhão cortado toda a communicação entre o seu districto e *Barcelona.*

» Podeis descançar na certeza do facto de que o primeiro acto de *Mina* ao tomar o commando do Exercito da *Navarra*, foi pagar-se dos seus soldos

atrazados, sommando 400$ francos (porque estes amigos cobrão todo o tempo em que não servirão, e não pagão a muitos que nesse tempo servirão a Patria) Deixai isto para os possuidores de fundos Hespanhoes. — Chegou de *Paris* a *Bayonna* hum milhão de francos, que estão á disposição de *Mina*. (*Como já não he o Commandante do Exercito não será elle o que os vá receber.*)

» Sou mui accreditavelmente informado que huma carta particular do *Duque de Frias* ao Consul *Plat* em Bayonna, acompanhando hum officio para *Mina*, em que lhe dizia particularidades da missão de *Lord Elliot*, tem a seguinte passagem, ou palavras, a este respeito: » Não envieis o officio ao General *Mina*, huma vez que não tenhaes segurança de que elle o hade receber; se cahisse nas mãos dos Carlistas, poderia escencialmente augmentar suas esperanças e sua expectação. »

» As peças achadas por *Mina* no Bastan não erão as mesmas com que os Carlistas batião *Elizondo*. — O General *Mina* no 1.º de Abril ainda estava em *Pamplona* muito doente. — A grande massa dos reforços reduz-se a huma porção de bizonhas recrutas, Carlistas no coração. »

Bem se vê que o escritor desta carta he devoto de *D. Carlos*, e da sua causa; mas mostra os factos com certo cunho de exactidão que sem duvida he preferivel a outra qualquer maneira de os referir com falsas cores. Nem tudo se deve ter por infallivel; mas não parece longe da realidade.

O *Globo* de 14 de Abril traz o Artigo seguinte: » O emprestimo contrahido no dia 14 de Junho com S. M. *Carlos V.* (assim o tratão a *Gazetta de França e outros periodicos chamados Legitimistas*), abordo da Náo *Donnegal* por *Mrs Haber*, *Jauge*, e *Gower*, acaba de ser annulado por hum Decreto Real *(de D. Caros)*. Originariamente esta negociação devia de ter lugar em *Paris* por meio de Mr. *Jauge*; porém a sua prizão embaraçou com-

pletamente o negocio. Depois disso elle foi de nôvo emprehendido em *Hollanda* por Mr. *de Haber*; porém inumeraveis objecções retardárão o seu exito. Quando *Mr. Jauge* foi restituido á liberdade em consequencia de hum Accordão do Tribunal de Cassação, Mr. de *Haber* o convidou a renovar a negociação, que se havia começado, porém o publicar o Governo Francez o Tratado da Quadrupla Alliança deo origem a receios de que se renovasse a perseguição. *Mr. Jauge* que tinha ido a *Londres* a fim de se entender com as partes interessadas com elle, e para procurar vencer as varias difficuldades que até então tinhão em parte paralysado este negocio, está em vesperas de voltar para Paris, mas sem ter alcançado o seu objecto. Todos os contratadores deste emprestimo tem dado provas do maior desinteresse, e retirando-se deixão nas mãos de *D. Carlos* grandes adiantamentos." *(Gazetta de França.)*

O *Morning Herald* (de 13 de Abril) depois de traduzir o Auto da Autopsia ou Exame do Cadaver de S. A. R. o Principe Dom *Augusto* que Deos haja, accrescenta a seguinte noticia:

» Este joven Principe era talvez, huma das pessoas mais ricas que havia na *Europa*. Sua renda liquida annual de suas propriedades territoriaes nos Estados *Romanos* e na *Baviera* era de mais de 618$ guilders, ou 60$ libras esterlinas (ou 600 mil cruzados. Dizia-se que ainda tinha a dispôr de outra somma maior dos juros do immenso capital que possuia (em differentes paizes) que lhe deixou seu pai o Principe *Eugenio Beauharnois*, que se tinha acumulado durante a sua menoridade. S. A. R. tinha nascido no dia 9 de Dezembro de 1810, e tinha casado ha poucas semanas (no 1.° de Dezembro de 1834) com a Rainha de *Portugal*. Deixou quatro Irmãs, e hum Irmão cujos nomes e idades são como se segue: — A Princeza *Josefina*, sua Irmã mais velha, nascida em 14 de Março

de 1807, casada em 19 de Junho de 1823 com o Principe *Oscar*, Principe da Coroa de *Suecia*, do qual tem seis filhos; a Princeza *Eugenia*, sua segunda Irmã, nascida em 23 de Dezembro de 1808, casada em 22 de Maio de 1826 com o Principe *Frederico de Hohenzollern-Hedringen*, sobrinho da Duqueza de *Dino*, sobrinha de *Talleyrand*; a Princeza *Amelia* (S. M. I.), terceira Irmã, nascida em 31 de Julho de 1812, que casou com o Imperader do *Brazil D. Pedro* em 19 de Outubro de 1829; a Princeza *Theodolina*, quarta Irmã, nascida em 13 de Abril de 1814; e o Principe *Maximiliano*, seu unico Irmão, que he Tenente no Serviço da *Baviera*, nascido em 2 de Outubro de 1817. Todas estas Princezas e o Principe tem o nome addicional, ou sobenome, de *Napoleão*. »

Londres 15 *de Abril*. Huma carta de *Toulon* de 8 deste mez diz: " O Brigue *Meleagro* chegou ao nosso surgidouro vindo de *Leorne*, onde tinha andado a cruzar para impedir a expedição de armas e munições da Costa da *Toscana* para *D. Carlos*. A Escuna *Aquia* tambem chegou do Porto de *Rosas*, em *Hespanha*. A nossa divisão na Costa d'*Hespanha* está reduzida a tres Vasos; numero inteiramente insufficiente para huma vigilancia efficaz. » (*The Globe.*)

O *Morning Herald* de 15 de Abril traz huma extensa carta do seu correspondente, datada de *Zugarramurdi*, na Navarra; no dia 8, na qual o escritor, depois de varias noticias, analysa de passagem a Ordem do dia de *Mina*, " a mais barbara e a mais diabolica (diz o Inglez) que jámais sahio da penna do maior selvagem. " E continúa: " Accreditar se-ha que no Seculo dezenove poderia achar-se hum Ente com figura de homem, que podésse deliberadamente, e a sangue frio, condemnar milhares dos seus compatriotas ao cutello do algoz; e que similhante homem seja o representante de hum que pretende ser Governo

liberal, protegido em sua detestavel carreira tambem por hum tratado em que se acha a assignatura do amado Monarca da *Grã-Bretanha*, &c.? Não, digo que não se pode acreditar, mas com tudo he hum facto." Prosegue, e entre outras extrahe a horrorosa passagem em que *Mina* até inflige castigos ao *Medicos*, *Cirurgiões* e *Boticarios que soccorrerem e derem remedios aos feridos Carlistas!* » E digão que não ha na especie humana homens peores que os tigres! Não deveriamos talvez omittir as sensatas e energicas reflexões do author depois de citar essas passagens, mas a qualquer são obvias as consequencias de tal procedimento, que, como bem mostra o escritor, são totalmente oppostas ao que espera quem segue tal carreira. Em *Portugal* felizmente senão vio de parte a parte esse barbaro procedimento.

Extractos dos Periodicos de Londres de 16 *a* 22 *de Abril.*

Londres 16 *de Abril.* Nos papeis de *Paris* hoje recebidos não achamos noticias de *Hespanha*, d'onde nos enviou o nosso cerrespondente o Officio de *Zumalacarregui* das acções de 29 e 30 dirigido ao Secretario d'Estado de D. *Carlos*, em que diz passavão os feridos de 600, e os mortos de 120 dos de Aldama nas acções em Aroniz e suas vizinhanças, tendo os Navarrezes 120 feridos e oito mortos. — Cartas de *Bayona* de 10 referem huma acção no dia 5 entre as Columnas de *Aldama*, *Lopez* (o que se dizia morto) e *Gurrea* contra parte das forças dos Carlistas, commandadas por *Zumalacarregui*, ficando os Christinos por algum tempo senhores do campo. — *Pastor* e *Sagastivelza* tinhão tido hum encontro no dia 7 no *Bastan*, mas não nos dizem qual ficou vencedor.

Idem 18. As noticias que temos de *Bayona* por cartas de 12 do corrente nos asseguião a che-

gada do Bispo de *Saragoça* a *Pamplona*, o que receamo seja por novos tumultos naquella Cidade. Referem que *Zumalacarregui* marchára no dia 10 para o Bastan á frente de avultada força, para atacar hum comboi que devia vir das fronteiras de *França*. Parece que no dia 4 houve hum combate entre as tropas do General *Latre* e as dos Carlistas do commando do *Villa Real*, com perda igual de parte a parte, e retirada dos ultimos.

O Consul de *Sardenha* em *Barcelona* tinha sido prezo, e ás ultimas noticias que temos de *Madrid* dizem que ainda o estava na Cidadadella de *Barcelona*, tendo-lhe sido aprehendidos todos os papeis que não erão do seu cargo. Constando sua prizão ao Enviado de *Sardanha* em *Madrid* foi ter com o Ministro dos Negocios Estrangeiros, *Martinez de la Rosa*, representando e pedindo satisfação do facto, de que este ainda não tinha noticia. Couza estranha ignorar ainda o Ministro de Estado a prizão de hum Consul. A carta diz que este facto será por certo mui desagradavel, pois que o Primeiro Ministro da *Sardenha*, o Conde de *Lorlar*, he contrario á ordem actual de couzas na *Hespanha*. (Mas se o Consul obrasse contra os interesses politicos do paiz, não poderia achar boa defeza.)

O Ministerio Britannico Whig acha-se organisado, sendo os principaes Ministros os que o erão antes da entrada dos Torys em Novembro, com algumas differenças taes como Lord *John Russel*, author do projecto da Reforma da Igreja da *Irlanda*, adoptado na Camara dos Communs, que entrou para o Ministerio dos Negocios do Reino, e alguns outros. Lord *Melburon* ficou por tanto no seu antigo lugar de Presidente do Conselho de Ministros; Lord *Palmerston* nos Negocios Estrangeiros, &c. &c. Este Ministerio não entra em exercicio com os melhores auspicios. A Adminis-

tração *Peel* hia ganhando muito credito entre os Inglezes imparciaes, e amigos do bem da *Grã-Bretanha*.

Idem 20. Pelos papeis de *Paris* vemos que Lord *Elliot* a 12 deste mez ainda estava em *Bayona*, mas tinha nas vespera recebido hum *Salvo-conducto* de *Mina*, e seguranças do Brigadeiro *Oraa* e *El Pastor* de que se lhe daria todo o auxilio para ir ao Quartel General Carlista. Suppunha-se não sahiria de *Bayona* antes do dia 15, em que o Coronel *Wylde* havia de ir ter com elle huma conferencia. — Cartas do Quartel General de *D. Carlos* dizem que este deseja muito assignar huma Convenção para troca de prizioneios e para tudo quanto for conducente a evitar as atrocidades na guerra. — As tropas da Rainha em numero de 19 ∯ homens apoderárão-se das *Amescoas*, queimárão a polvora dos Carlistas em *Acala* e retirárão-se: os Carlistas tinhão deixado aquelle ponto desmantelado. — Hum Officio de *Cruz Maior* communica em 8 do corrente terem os Christinos evacuado o Forte de *Maestu*, e que fora arrazado pelos Carlistas. Aquella posição era muito importante, por ser hum ponto de communicação na estrada de *Biscaia* para *Aragão*, e da *Castella a Velha* para a *Navarra*. Foi grande passo para *Zumalacarregui* proseguir em suas operações. — Hum P. S. da carta do nosso correspondente que nos dá estas noticias, accrescenta que houvera no dia 4 huma acção na *Biscaia* de *La Torre* com *Espartero* em que este não foi bem succedido, e ficou ferido, e se retirou para *Orosco*

O nosso correspondente (do *M. Herald*) nos remmette varios documentos interessantes, entre elles os Mappas officiaes do estado das forças de *D. Carlos*, e de *Mina* (ou do Exercito da Rainha.)

Idem 21. (Do *Globo*.) — Recebemos papeis de *Paris* de 18, que nos dizem: " *A Sentinella dos Pyreneós* dá o seguinte no titulo Bayonna 14

de Abril: » Assegura-se que a saude do General *Mina* está muito estragada; e que aos seus amigos dá isso muito cuidado. — Isto com a noticia de *Oraa*, apertado por huma força superior ter perdido a sua retaguarda, são as más noticias que dá aquelle periodico, do partido contrario a D. Carlos.

O *Memorial dos Pyreneós* dá a seguinte noticia da acção: » Hum viajante de *S. Sebastião* nos trouxe a noticia da acção que houve no dia 8 nos arredores de *Escurra*. O General *Oraa* que marchava na fronteira extrema com 3 $ homens a escoltar hum novo comboi para as tropas da Rainha, foi surprehendido na sua marcha por huma columna forte de Carlistas. Parou e se entrincheirou em hum ponto vantajoso, e tinha mesmo feito retirar os insurgentes, quando *Zumalacarrequi* chegou com 4 batalhões de refresco, e mudou a face da acção. *Oraa* se vio obrigado a retirar-se para *Santestevan*, tendo soffrido consideravel perda. Huma Companhia que ficára para proteger a retirada, tendo gastado todas as munições, teve de render-se, e furão mortos 60 homens sem remissão. "

Idem 22. Lord *Elliot* sahio de *Bayonna* no dia 16 do corrente á tarde para *Tolosa*, depois de ter recebido (na manhã desse dia) o Coronel *Wylde*, ao qual devia juntar-se em *Lucumberri*, com tres Membros da Junta da *Navarra*, e *D. Carlos* em pessoa. As ultimas noticias em *Bayona* recebidas de *Pamplona* erão de 13 do corrente. O General *Mina* hia hum pouco melhor; mas nunca mais poderá tomar o commando. (Em outra noticia já vem o General *Valdez* nomeado Commandante em Chefe em lugar de *Mina*, como ha dias se acha publicado).

Mr. *Livingston*, Encarregado dos *Estados-Unidos* em *Paris*, ainda não sahio desta Cidade, e parece não sahirá.

Segundo a *Gazeta de Lausanna* Mr. de *Rumigny*, Encarregado da *França* na *Suissa*, estava-

se preparando para sahir dalli para *Paris.* (*Morn. Herald.*)

No *Galignai's Messenger*, ultimamente recebido de *Paris*, vem o seguinte: " Agora se diz que positivamente será concedida amnistia geral por Decreto Real a favor dos prezos politicos em custodia por causa dos movimentos de insurreição em Abril do anno passado. Acrescenta-se que a resolução para este effeito foi adoptada em hum conselho em que se achou presente huma porção de Pares. A fim de evitar porém a discussão da medida nas Camaras, crê se que o systema de temporisar ha de ser adoptado, e que o processo ha de ser deferido por hum mez ou seis semnas. (*The Globe*).

O Mappa das forças Carlistas, datado do Quartel General no 1.° de Abril, e transcrito no *Herald* de 21, he mui circunstanciado. As forças do Exercito da Navarra sommão 21,600 homens d'Infanteria, 600 de Cavalleria, e 50 de Artilheria. Na *Catalunha* dão 3,928 homens, nas diversas partidas, 17 em numero, e diz que de toda a Provincia está affluindo gente ás guerrilhas. As partidas de *Merino* e *Villalobos* tem 1,700 homens de pé e de cavallo, que laborão na *Castella Velha* &c. — O Mappa das tropas da Rainha na *Biscaia*, *Navarra*, *Guiposcoa*, e *Alava*, segundo os respectivos mappas, andão por 34,100 de Infanteria; e 1,500 de Cavallaria; mas estão muitas destas tropas occupadas nas guarnições das Praças.

No mesmo *Herald* de 21 se acha o officio de *Simão de La Torre* ao Commandante em Chefe Carlista da Provincia de *Biscaia* datado de *Villarós* em 5 de Abril em que relata mui circunstanciadamente a acção do dia 4; e outro do dia 7 em que refuta a relação que dessa acção deo o boletim do inimigo, mostrando sua falsidade em pontos relevantes. He curioso, mas não o damos aqui por falta de espaço.

A noticia da morte de S. A. R. o Principe *D. Augusto* chegou a *Munich* no dia 13 de Abril, causando alli, como era natural, grande magoa.

O Parlamento ficou adiado para o meado de Maio.

No *London Packet* de 22 de Abril se lê hum Artigo datado de *Bourg-Madame* (no *Roussillon*) em 12 de Abril, em que he notavel o seguinte: " Os bandos das guerrilhas augmentão, e apparecem mui atrevidamente em varios pontos. No *Ampurdan* e na *Cerdanha* tem apparecido algumas.... No dia 7 huns 500 homens forão ás vizinhanças de *Ripoll*; d'onde sahirão Urbanos e tropa a atacallos, mas tiverão mao exito no chóque com elles, vendo se obrigados a retirar-se á praça em grande desordem. — *Tristamy* á testa de varios bandos de insurgentes, formando huns 1,500 homens, teve hum serio combate com tropas e Urbanos nas vizinhanças de *Solsona*, no qual estes perdêrão 50 homens, e humas 100 espingardas. A reunião das guerrilhas naquella Provincia dá muito cuidado; porque faz acreditar que ha hum Chefe, e que se poderá verificar a sublevação da *Catalunha*, ha muito receada, e prognosticada."

Todes os periodicos Inglezes, estão cheios de noticias desagradaveis sobre o estado actual da Guerra da Peninsula da parte das tropas da Rainha. Se *Valdez* não tiver dado huma acção decisiva, não poderá poderá por certo restabelecer à opinião do Exercito que *Mina* deixou desmoralisar, talvez por suas molestias.

No artigo *City* de *Morning Heral* de 22 se lê o seguinte:

» *Terça feira á tarde.* — As noticias recebidas de Madrid esta tarde por expresso, até 13 do corrente, communicão o facto de terem as Cortes concordado no projecto de Lei que tinha sido submettido áquelle Corpo relativo á suppres-

são dos Conventos. No decurso do debate que teve lugar, disse Martinez de la Rosa que não menos de *oitocentas e vinte* destas Casas religiosas se havião de supprimir. A renda que se calculava se tiraria dellas, avaliava-se em 2 milhões esterlinos (20 milhões de cruzados) que se devia applicar á reducção da divida nacional. Entendia-se que se havia de prover á sustentação dos Frades e mais pessoas dos Conventos que se havião de supprimir, quer dando-lhes huma pensão, quer pondo-os nas Igrejas por Parrocos (ao menos promessas não faltão.) Alguns dos Conventos são mui ricos, e tem de 50 a 70 Frades e outros ainda mais.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.°* 137 *; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.°* 1 *; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.°* 112 *; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XVII.

Sobre a Authoridade Politica.

A instrucção do povo no que mais lhe convem, e á tranquillidade do Estado, nunca devia ser perdida de vista em paiz algum; de não se lhe enculcarem sólidos principios vem a licença, a anarquia, a rusticidade, a violencia dos genios, a indocilidade ao mais util, a desmoralisação, e a difficuldade que de tudo isto nasce para bem se dirigir e encaminhar ao posto da prosperidade a Nação que se deseja bem governar. Nem os Governos devem concorrer para ter o povo subjugado pela violencia, e sem poder reclamar contra a injustiça desafogadamente; nem o Povo deve sahir jamais do caminho da sujeição, e da representação commedida e franca á Authoridade, para obter justiça. He hum desproposito, que tem gravissimas consequencias funestas, deixar impunes crimes publicos, sobretudo os assasinios, monstruoso crime que degrada o homem, e o torna mais vil que hum cão, quando he de proposito perpetrado á cinte. Quando vemos homens defendendo os animaes contra os que os maltrátão, approvamos esta humana sensibilida-

de; mas admiramos ao mesmo tempo tão pouco desvelo em estigmatizar esses malvados homens que a sangue frio cravão em outros homens o ferro homicida, e que em alto dia entre seus irmãos apinhados ostentão tão nefando crime, passando como acção indifferente, quando as Leis divinas e humanas estão clamando vingança de tal ultrage a Deos, e ao Governo, cujas Authoridades em cada crime destes que, podendo, não castigão, lhe dão hum golpe que o desacredita, e abre vasta porta á sua ruina.

Convencidos destas importantes verdades vamos em nossa tarefa tendo em vista diffundir principios sãos e intelligiveis, que concorrão para a illustração do docil Povo Portuguez, que tem a bella condição de hum tino natural para comprehender o que a todos mais convem, que he amar o socego, e detestar tanto huma liberdade extravagante, como hum servilismo abjecto. Se ha excepções, não he possivel em povo algum fazer que não as haja; mas tudo o que concorrer para diminuir essas excepções he util, e augmenta a somma dos bens que felicitão os povos.

Neste intuito traduzimos, como instructivas e claras a qualquer intelligencia as seguintes

Reflexões sobre a Authoridade Politica.

» Homem nenhum tem recebido da Natureza o direito de governar os outros: a liberdade he hum dom celeste, e cada individuo da mesma especie tem (entende-se isto do homem que existisse isoladamente já perfeito, sem depender, e sem nascer sob algum Governo) o direito de gozar della logo que possa fazer uso perfeito da sua razão. Se comtudo se pode dizer que a Natureza estabeleceo alguma *authoridade*, esta he o *Poder paternal*; mas este poder tem seus limites; e no estado da Natureza elle findaria logo que os filhos estivessem

em estado de se governarem e procurarem a sua subsistencia. Toda e qualquer outra authoridade vem de origem diversa da Natureza. Examinando-a bem, sempre a farão remontar a huma destas duas fontes, ou a força e a violencia do que se apoderou della, ou o consentimento dos que se lhe sujeitárão por huma convenção realmente feita, ou supposta, entre elles, e aquelle à quem deferírão a *authoridade*.

O poder que se adquire pela violencia, não he mais que huma usurpação, e só dura em quanto a força do que governa predomina sobre os que obedecem; de modo que se estes chegão a ser hum dia mais fortes, e sacodem o jugo, a elles se transfere, ou elles recuperão, o direito e a justiça que os outros exercião sobre elles; e então a mesma lei que fez a authoridade, a desfaz, que he a lei do mais forte, moral, ou fysicamente posta em pratica.

A's vezes a *authoridade* que se estabelece pela violencia, muda de natureza; o que acontece quando ella continúa e se conserva com o geral consentimento expresso daquelles que forão submettidos; mas por este meio ella entra na segunda especie, de que vou fallar; e o que a tinha assumido á força, tornando-se então Principe, deixa de ser denominado Tyranno.

O poder que vem do consentimento dos povos, suppõe necessariamente condições que tornão legitimo o seu uso, util á Sociedade, vantajoso á Republica, e que o constituem e restringem nos seus limites; porque o homem não deve nem pode entregar-se totalmente e sem reserva a outro homem, pois que tem hum Senhor supremo acima de tudo, ao qual unicamente pertence todo inteiro, que he Deos, cujo poder he sempre immediato sobre a creatura; Senhor tão cioso como absoluto, que nada perde jamais de seus direitos, e que a ninguem os transmitte. Elle, para o bem

commum e para a manutenção da Sociedade, consente que os homens estabeleção entre si huma ordem de subordinação, que obedeção a hum delles: porém quer que isto seja por meio de razão e com justa medida, e não cegamente e sem reserva, para que não se arrogue a creatura os direitos do Creador. Outra qualquer submissão absoluta seria hum verdadeiro crime da Idolatria: curvar os joelhos diante de hum homem, ou de huma imagem, he huma ceremonia, hum signal de respeito e veneração, de que o verdadeiro Deos não cura, pois só pede o nosso coração e a nossa alma, deixando á direcção dos homens aquelles signaes de respeito, e as formalidades de hum culto civil e politico, bem como a do Culto Religioso aos que governão a Igreja. Quem faz innocentes, ou culpadas estas ceremonias não são ellas, mas sim o espirito com que se estabelecem. Hum Inglez não escrupulisa em servir o seu Rei com o joelho em terra; esta ceremonia só significa o que se quiz que ella significasse: entregar porém seu coração, sua alma, e seu procedimento, sem reserva alguma, á vontade e ao capricho de huma simples creatura, fazer della o unico e o ultimo motivo das proprias acções, he seguramente hum crime de lesa-Magestade Divina para com o Supremo Senhor: de outra maneira, esse poder de Deos, de que tanto fallamos, não seria mais que hum vocabulo vão de que a Politica humana usaria para seu proveito como bem quizesse, e de que o espirito de irreligião poderia zombar quando lhe conviesse; de modo que virião a confundir-se todas as idéas do poder, o Principe não faria caso de Deos, e o vassallo zombaria tambem do Principe.

O verdadeiro e legitimo poder tem por conseguinte seus justos limites. Todo o poder que vem de Deos he hum poder bem regulado, *omnis Potestas à Deo ordinata est.* Assim he que entendemos estas palavras (pois he bem sabido que

ha Poderes estabelecidos conforme a vontade de Deos, e outros que subsistem por sua permissão, e por seus altos juizos de sabedoria que nos são occultos). E não se poderião explicar bem de outro modo as palavras do Apostolo; porque seria asseverar que não ha poder algum injusto. E não ha por ventura Authoridades que longe de virem de Deos, se constituem contra os seus preceitos e contra a sua vontade? Deve acaso cegamente obedecer-se em tudo aos que perseguem a Religião? Será Deos approvador de sua authoridade? E para tapar a boca á imbecilidade, digão, será legitima a Authoridade e o poder do *Anti-Christo*? Seja embora hum grande Potentado: *Enoch* e *Elias*, que lhe hão de resistir, serão acaso rebeldes e sediciosos, que se tenhão esquecido de que todo o poder vem de Deos, ou huns homens racionaveis, constantes, pios, que saibão que todo o Poder cessa de o ser quando existe fora dos legitimos limites que a razão e a recta justiça tem prescrito, e se afasta das regras que o Soberano dos Principes e dos seus subditos estabeleceo?

O Principe possue, conferida pelos seus proprios subditos, a *authoridade* que sobre elles exerce; e esta *authoridade* tem marcados os seus limites nas Leis da Natureza, e nas fundamentaes do Governo do Estado. As Leis da Natureza, e as que fundárão o Estado são as condições debaixo das quaes elles se sujeitárão, ou se entende haverem-se sujeitado, ao seu governo. Huma destas condições he que não tendo poder e authoridade sobre elles senão pela eleição que fizerão delle, e pelo seu consentimento, elle jamais tem jus a empregar essa authoridade para annular o acto, ou o pacto, pelo qual ella foi dada a seus predecessores e por estes lhe foi transmittida, ou, sendo elle hum novo eleito, a recebeo conforme o pacto: desde então obraria contra si mesmo, pois a sua authoridade só pode subsistir pelo titulo que a estabeleceo:

quem destroe este, destroe aquella. Não pode portanto o Principe dispor do seu poder e dos seus subditos sem o consentimento da Nação, e independentemente da escolha assignalada no contracto tácito ou expresso de submissão. Se delle usasse de outro modo, tudo seria nullo, e as leis o relevarião das promessas e juramentos que podesse ter feito, bem como hum menor que tivesse obrado sem conhecimento de causa, pois que pretenderia dispor daquillo que só tinha em deposito, e com a clausula de substituição, do mesmo modo que se elle tivesse disso toda a propriedade, e sem condição alguma.

Além disso, o Governo, ainda que hereditario em huma familia, e posto nas mãos de hum só, não he huma propriedade particular, mas huma propriedade publica, que por conseguinte nunca se deve roubar, porém usar bem della a favor do povo, ao qual pertenceo essencialmente, e em plena propriedade. Elle por tanto he que a dá quando, não tendo Rei, escolhe e entra em pacto ou convenção, em que adopta hum Individuo para seu Chefe ou Rei, (sendo Monarquico o Governo estabelecido.) Não he o Estado quem pertence ao Principe, o Principe he que pertence ao Estado; mas pertence ao Principe governar no Estado, conforme as Leis; porque o Estado o escolheo para isso mesmo; porque elle se obrigou para com os povos e administrar os negocios do Estado, e os povos se obrigarão da sua parte a obedecer-lhe na conformidade das leis. O que tem a Coroa pode muito bem desencarregar-se della querendo, mas não a pode transferir a outrem sem o consentimento da Nação que lha pôz na cabeça. Em huma palavra a Coroa, o Governo, e a *Authoridade* publica, são bens cujo dono originario he a Nação, e usufructuarios os Principes e seus administradores e depositarios. Ainda que Chefes do Estado, nem por isso são menos membros delle, os primeiros sem

duvida, os mais veneraveis, e os mais poderosos, podendo tudo para governar, mas sem que legitimamente possão mudar o Governo estabelecido que os chamou á successão, nem pôr outro Chefe em seu lugar. (O A. parece esquecer-se dos casos de abdicação, mas isto entra na condição do consenso Nacional.) O Sceptro de *Luiz XV* passou necessariamente ao seu filho primogenito, e não havia poder que se podesse oppor a isso; nem o da Nação, porque he a condição do contracto, nem o de seu pai, pela mesma razão.

O deposito da *authoridade* ás vezes está entregue por tempo limitado, como na Republica *Romana*: outras vezes he feito só durante a vida de hum homem, como foi na *Polonia*; outras vezes por todo o tempo que durar huma Familia, como em *Inglaterra*; em alguns exemplos, como em *França*, em quanto houver *varões* da familia reinante.

Este deposito algumas vezes he confiado a certa ordem na Sociedade, outras vezes está entregue a huns poucos escolhidos de todas as Ordens, e mesmo de huma só Ordem, do Estado.

As condições deste pacto são differentes: mas em toda a parte a Nação tem o direito de manter para com todos e contra todo o contrato que fez; nenhum Poder o pode mudar; e quando elle já não tem lugar, então entra ella no direito e na plena liberdade de fazer outro novo pacto com quem e como lhe agradar.

A observação das Leis, a conservação da liberdade, e o amor da Patria são as fecundas fontes de todas as cousas e acções bellas. Nisto se encontra a felicidade dos Povos, e a verdadeira illustração dos Principes que os governão. A obediencia he gloriosa, e o mando he augusto. Pelo contrario a lizonja, o interesse particular, e o espirito de baixa servidão são origem de mil males que opprimem hum Estado, e de todas as baixezas que o deshonrão.

Para dar aos principios expendidos toda a *authoridade* que podem receber, apoiemo-los com o testemunho de hum dos maiores Reis que teve a *França.* O discurso que elle (Henrique IV) pronunciou na abertura da Assembléa dos Notaveis de 1596, cheio de huma sinceridade, que os Soberanos communmente não conhecem, era bem digno dos sentimentos que nelle exprime. " Persuadido. " *(diz Mr.* de *Sully* pag. 467 do 1.º *tômo, em* 4.º, *de suas Memorias)* que os Reis tem dois Soberanos, Deos, e a Lei; que a Justiça deve presidir sobre o Throno, e que a seu lado deve estar sentada a Benignidade; que sendo Deos o verdadeiro Proprietario de todos os Reinos, e não sendo os Reis senão os Administradores delles, devem representar perante os Povos aquelle cujo lugar occupão; que não reinaráõ com elle senão á proporção que reinarem como pais; que nos Estados Monarquicos hereditarios ha hum erro, que se pode chamar tambem *hereditario*, na asserção que alguns fazem de que o Soberano he Senhor da vida e dos bens de todos os seus subditos; que mediante as quatro palavras, *tal he nossa vontade*, elle fica dispensado de manifestar as razões do seu procedimento, ou mesmo de as ter; que ainda que fosse assim, não ha imprudencia igual á de fazer-se aborrecer daquelles a quem se vê obrigado a confiar a vida a todos os instantes, e que he cahir nesta desgraça o levar tudo á viva força; este grande homem, persuadido, digo, destes principios, que todos os artificios dos Cortezãos jámais hão de banir do coração daquelles que o imitarem, declarou, que, para evitar todo o ar de violencia e constrangimento, não quizera que a Assembléa se formasse de Deputados nomeados pelo Soberano, e sempre cegamente sujeitos a toda a sua vontade; e que sua intenção era que fosse nella admittida livremente toda a qualidade de pessoas, de qualquer estado e condição que fossem; para que as

pessoas de saber e merecimento tivessem meio de propor, sem receio, o que julgassem necessario ao bem publico; que tambem não pretendia prescrever-lhes limites; que somente lhes intimava não abusassem desta permissão para abater a *Authoridade* Real, que he o principal nervo do Estado; que restabelecessem a união entre os seus membros; aliviassem os povos; desendividassem o Thesouro Real de quantidade de dividas, a que se achava obrigado, sem as ter contrahido; moderassem com a mesma justiça os ordenados excessivos, sem deteriorar os necessarios, a fim de se estabelecer para o futuro hum fundo sufficiente e claro para a manutenção da gente de guerra. A isto accrescentou, que nada lhe custaria sujeitar-se a alguns meios que não lhe tivessem occorrido, logo que conhecesse que elles tinhão sido dictados por espirito de equidade e desinteresse: que não o verião procurar na sua idade, na sua experiencia, em suas qualidades pessoaes, hum pretexto muito menos frivolo que o de que os Principes costumão servir-se para eludir os regulamentos; que pelo contrario elle mostraria com o seu exemplo, que elles não respeitão menos aos Reis para os fazerem observar, que aos vassallos para se submetterem aos mesmos regulamentos. » Se eu fizesse timbre *(continuou elle)* de passar por excellente orador, eu » teria aqui trazido mais palavras bem concertadas do que boa vontade: porém a minha ambição tem alguma couza mais elevada do que o ser » bem fallante. Eu aspiro ao glorioso titulo de ser » o libertador e o restaurador da França. Portanto eu vos não chamei, como fazião os meus predecessores, para vos obrigar a approvar cegamente as minhas vontades; mandei-vos congregar » para receber vossos conselhos, para os crer, para os seguir; em huma palavra, para me pôr em » tutella em vossas mãos. He cubiça que não tem » os Reis de barba ruça, e victoriosos, como eu;

» mas o amor que tenho aos meus vassallos, e o
» summo desejo que tenho de conservar o meu Es-
» tado, fazem que eu ache tudo facil, e tudo hon-
» roso. »

» Acabado este discurso, *Henrique* se levantou, e sahio, deixando só Mr. de *Sully* na Assembléa, para alli communicar os mappas, memorias e mais papeis, de que se podesse ter precisão. »

Não ousamos propôr este procedimento como modêlo constante, porque ha occasiões em que os Principes podem ter menos deferencia, sem comtudo se afastarem dos sentimentos que fazem que o Soberano se olhe na Sociedade como o Pai de familia, e seus vassallos como seus filhos. O grande Monarca que acabamos de citar, nos ministrará tambem o exemplo dessa especie de brandura misturada de firmeza, que tanto se requer nas occasiões, em que a razão está tão visivelmente do lado do Soberano, que elle tem direito de lhes tirar a liberdade da escolha, e de só lhes deixar o partido da obediencia.

Tendo o Edicto de *Nantes* sido verificado, depois de muitas difficuldades do Parlamento, do Clero, e da Universidade, disse *Henrique IV* aos Bispos: " Vós me exhortastes ao meu dever. Traba-
» lhemos huns e outros á porfia. Os meus predeces-
» sores vos derão bellas palavras; eu, com o meu
» gibão, hei de dar-vos boas obras: verei as vos-
» sas consultas, e proverei a ellas o mais favora-
» velmente que for possivel. " — Ao Parlamento, que lhe fora dar agradecimentos, elle respondeo:
» Vós me vedes no meu Gabinete, onde vos venho
» fallar, não em vestuario Real, nem de capa e
» espada, como os meus predecessores; mas ves-
» tido como hum pai de familia, de gibão, para
» fallar familiarmente a seus filhos. O que tenho
» a dizer-vos he que eu vos peço verifiqueis o Edi-
» cto que eu concedi aos da Religião *(Calvinista)*.
» O que fiz he a bem da paz. Eu o fiz no exte-

» rior; eu o quero fazer no interior do meu Rei-
» no. » — Depois de lhes ter exposto as razões que
tivera para fazer o Edicto, accrescentou: » Os
» que obstão a que passe o meu Edicto, querem
» a guerra; eu a declararei á manhã aos da Reli-
» gião (Calvinista); mas eu a não farei, envial-
» los-hei a elles a fazella. Eu fiz o Edicto; quero
» que elle se observe. A minha vontade devêra
» servir de razão; jamais esta se pede ao Principe
» em hum Estado obediente. Sou Rei; fallo-vos
» como Rei; quero ser obedecido. " (*Momor. de
» Sully*, *em* 4.°, *tom.* 1.° *pag.* 594).

Eis ahi como convem a hum Monarca fallar aos seus subditos quando tem evidentemente a justiça da sua parte; e porque não poderia elle fazer aquillo que pode fazer qualquer pessoa que tem a justiça da sua parte? Quanto aos subditos ou vassallos, a primeira lei que a Religião, a Razão, e a Natureza lhes impõem, he respeitarem da sua parte o pacto ou contracto que fizerão (ou recebêrão feito pelos seus antepassados); não perderem jamais de vista a natureza fundamental do seu Governo, e os direitos da familia que foi a elle chamada.... Eis os fundamentos sobre os quaes os Povos, e os que os governão, podem estabelecer sua reciproca felicidade, que assenta em summa na manutenção das leis, na bondade destas, e suavidade e rectidão do Rei e dos seus Ministros, bases em que hão de firmar-se por certo e grangear a obediencia, e o amor dos Povos.

LISBOA 12 de Maio de 1835.

Noticias diversas.

Londres 6 de Abril. A revolução do Pará. As poucas particularidades da revolução e mortandade

do *Pará*, que apparecêrão no dia 4 do corrente, terão appresentado o temivel estado da Sociedade naquella Provincia. O novo Presidente *Malcher*, que parece estava prezo, por causa de alguns disturbios anteriores no rio *Acará*, tinha recusado permittir a sahida de navio algum do *Pará*. Estava o negocio completamente parado. Recusava dar passaporte a pessoa alguma, sem lhe importar qual fosse a urgenciá da sahida. Estavão as couzas em terrivel estado de anciadade, sem haver alli segurança da vida ou da propriedade. O Consul Inglez no *Pará* tinha escrito a Sir *George Cockburn* nas *Barbadas*, representado a estado perigoso em que estava a propriedade Britannica pela recente mudança, e pedindo-lhe mandasse sem demora alli algum vaso de guerra daquella estação. Não ha a menor duvida de que se havia de annuir logo a esta requisição. O Presidente do *Maranhão* tinha recusado reconhecer o novo Presidente do *Pará*, e tinha mandado huma Fragata Brazileira para retomar a praça. A seguinte carta que contém algumas particularidades mais do que já tem apparecido, será lida com interresse, porque dá certas individuações que ainda se não tem publicado neste paiz. He escrita por hum intelligente Inglez, occupado em varios ramos de commercio, residente no *Pará*:

» No dia 7 do mez passado rebentou nesta Cidade mais huma revolução, que começou por os soldados nos seus quarteis fazerem fogo aos Officiaes. Unindo-se-lhes depois os descontentes do rio *Acará*, passárão a matar o Presidente *Bernardo Lobo de Souza*, e o Governador Militar *Joaquim José de Sá Santiago*, e tambem o Capitão *Inglis*, da Corveta *Defensora*, o qual, ouvindo fallar na desordem, foi aos Quarteis, julgando acharia alli a Authoridade constituida, sendo porém accommettido na rua por huma patrulha de homens armados, que lhe derão tiros, quebrando-lhe a perna direita e

ambos os braços, falleceo no mesmo dia ás 11 horas em casa de *Campbell.* Quando o accommettêrão, como estava bem armado, matou hum homem com huma pistola, e atravessou outro com a sua espada antes de ficar inhabilitado. Passárão depois os insurgentes a abrir todas as prizões, e huma vez soltos os prezos bem podeis imaginar que scena de horror se seguio.

» *Malcher*, que estava prezo na Fortaleza da Banana, por motivo do tumulto no rio *Acará*, sendo solto foi proclamado Presidente, e hum *Francisco Pedro Vinagre* foi proclamado Governador Militar. Será bom observar que este ultimo sujeito nunca servio militarmente em toda a sua vida, sendo com effeito hum homem que fazia çapatos de borracha! Tudo são ancias e sustos, e ha constante medo de que se lhes meta na cabeça dar saque á Cidade. — O negocio está parado. O novo Presidente ordenou a emissão do *chen chen* (ignoramos se he o cobre) a hum quarto do seu valor, e o papel só se receberá pela quarta parte dos direitos que se pagarem de Afandega, outro em cobre, e metade em prata; de modo que estamos peor que nunca. Entre os Officiaes que soffrêrão no Quartel se conta o Capitão Domiciano, deixando mulher e seis filhos. Muitos mais padecêrão igual sorte. — A 2 deste mez (de Fevereiro) teve o Consul-Francez cercada a casa de homens armados, e em consequencia de recusar se lhe desse busca, por suspeitarem que tinha nella escondido o antigo Presidente, foi insultado por *Malcher* com os nomes mais grosseiros, e a final mandado prezo para bordo da Corveta *Defensora*, o que se mudou depois para ficar prezo em sua casa em quanto se lhe deo busca, o que durou dois dias. — Não sei como ahi se receberá este negocio. &c. » *(Morn. Herald.)*

Grande Incendio em Macao, referido no *Conton Register*, e publicada no *Herald* de 7 de Abril.

— " Huma daquellas tremendas visitas que com tanta frequencia occorrem na *China*, sobreveio a hum populoso e rico districto Chinez de *Macao* no dia 5 de Novembro. Poucos minutos antes das 10 horas na Quartafeira á noite forão despertados os habitantes em suas casas tranquillos pelo toque dos sinos, e estrondo das peças, bem conhecidos signaes de que andava o fogo em alguma parte da Cidade. O auxilio das tropas, a presença do Governador, e das principaes authoridades da Cidade, juntamente com os reforços dos habitantes, e de quasi todos os Inglezes que havia na Cidade, com as equipagens dos Navios surtos no porto, nada bastou para conter a rapidez das chammas. O fogo teve principio em alguns barcos ou lanchas, d'onde foi levado pelo vento ás barracas de madeira edificadas sobre estacaria, e se communicou ás casas de tijolo Chinezas, e aos armazens em que os homens de *Chin-Cheu* de ordinario guardão as suas fazendas. A casa de *Antonio Pereira* esteve consideravel tempo no maior perigo; pegou o fogo na cozinha, e ainda chegou a queimar a madeira da janella de outro quarto. Felizmente lhe acudirão todos os seus amigos, que se tinhão preparado para cortar o fogo logo que alli chegasse &c. As ruas Chinezas que ardêrão totalmente, forão Chinen-Gaou-Kou, Tscen-you-fou, Poan-pin-uei, Keik-che-uei, Leuh-chihtang, Kuo-lan-me; e o numero de casas bem edificadas que ardêrão, andará por não menos de 400, e se ajuntarem a este o numero dos barcos e choupanas, forão destruidas 500 habitações. A gente de *Chin-Cheu* he a que soffreo mais; e alguns, segundo geralmente se diz, tiverão perda de mui avultada propriedade. A perda de vidas, considerando a apathia dos Chinas em tão terrivel calamidade, não foi grande: dizem que dois homens e huma mulher ficárão queimados, e hum rapaz afogado. "

Londres 9 de Abril. — O *Correio de Lyão* diz

o seguinte: O General *Clouet* tem estado ha tempos em *Genebra* com appellido supposto. Alli tambem se achão outros distinctos legitimistas, e se espera o Marechal *Marmont*. O Conde *Bourmont* já foi precedido por parte do seu piqueno Estado Maior, algumas pessoas do qual forão *em romaria a Praga*. Annuncia-se hum Congresso legitimista para o proximo Junho em *Saint-Gervais* na *Saboya*. — *Aix* tambem está mui vigiada, em razão dos estrangeiros de toda a casta que alli residem no tempo dos banhos. ”

Noticias do *Cairo* de 16 de Fevereiro annuncião a tomada de *Moka*, e de *Aden* (porto de mar perto do Estreito de *Babelmandel*) pelas tropas *Egypcias*. A Ilha de *Socotorá* foi occupada pelas *Inglezas*, e alli vai a Compunhia em breve estabelecer hum deposito para facilitar a communicação entre a *Inglaterra* e a *India* pelo Isthmo de *Suez*. Esta noticia foi-nos trazida pelo Capitão *Wilson*, do Vapor *Hugh-Lindsay*, que chegou de *Bombaim* a *Diedda* em 30 dias. (*Diedda* he o mesmo que *Jidá* ou *Jnda*, porto no *Mar Roxo*, como dizem os nossos Historiadores, ou *Mar Vermelho*, segundo a expressão hoje mais geral.)

O Embaixador de *Venezuela* á Corte de *Madrid* he o General *Carlos Soublette*. Leva plenos poderes para tratar do reconhecimento da independencia de *Columbia*.

A quantidade de Judeos que ha (segundo a Obra *Salomon's Statement*.) na população da *Grã-Bretanha* geralmente se avalia em 30$ pouco mais ou menos; 20$ dos quaes se assenta estarem residindo na Metropole.

Huma carta do correspondente do *M. Herald* escrita de *Paris* em 7 de Abril, contém os seguintes paragrafos:

» Sobre os negocios da *Valaquia* e *Moldavia* posso dizer-vos huma ou duas palavras em contradicção de certos annuncios em alguns dos Perio-

dicos de *Londres*. Sou certificado de fonte que ainda me não enganou, que o annunciado reconhecimento da independencia daquelles Principados pelo nosso Governo e pelos da *Austria* e *Russia*, he o que aqui se chama huma *mystificação* (hum *logro)*. He certo que para alli foi nomeado hum Consul Inglez, e se imtallou em *Bucharest;* mas he só o que ha neste negocio.

» Recebi cartas de *Madrid* de 29 do mez passado, que contém algumas explicações da ultima terrivel conducta de *Mina*, conducta que julgo ter eu sido o primeiro a comdemnar, e cujas explicações tenho o gosto de dizer removem daquelle distincto homem a culpa da concepção original das atrocidades commettidas no Norte da *Hespanha* pelas tropas do seu commando, e por ordens suas. — Posso afiançar-vos que a Proclamação expedida pelo General *Mina*, em que declara dará a morte a hum de cada cinco habitantes de qualquer Villa, Aldeia, ou destricto que resistisse ás tropas da Rainha, foi primeiramente proposta, discutida, e adoptada no Conselho de Ministro, sendo o unico que votou em contrario o Ministro *Martinez de la Rosa*. A carta avança mais, dizendo, que não só não forão desapprovadas pelo Governo as atrocidades commetidas em *Lecaroz*, mas que ainda terião lugar novas carniçarias e devastações. (A proclamação de *Valdez* ao chegar ao Exèrcito parece dictada no mesmo espirito que a de *Mina*, e por tanto mostra a verdade do que o escritor da carta predizia.)

O *Indicateur de Bordeoux* contém o seguinte extracto de huma carta de *Madrid* de 25 do mez passado (Março): " Descubrio-se em *Cuenca* huma conspiração Carlista em consequencia da qual forão prezas muitas pessoas. Os Deputados da Navarra queixárão-se ao General *Valdez* do incendio da Aldeia de *Lecaroz*; porém o Ministro respondeo, que elle approvava inteiramente o procedimen-

to de *Mina*, e que nas mesmas circunstancias elle teria feito o mesmo. " (E se os Carlistas fizerem o mesmo, em represália, elles só serão chamados barbaros!)

O *Jornal Alemão de Francfort* traz o seguinte artigo de *Xeres* na *Turquia* em data de 6 de Março: " Lemos com admiração no *Observador Austriaco* que os disturbios da *Albania* estão completamente socegados. *Mehemet Ali* faz poucas levas no *Egypto*, mas o seu ouro serve para estimular os Chefes da *Albania* superior contra os Bachás da *Bosnia* e *Scútari*. O novo Soldão do *Egypto* procura fazellos pôr de parte todo o sentimento de dignidade pessoal, e formar huma liga aristocratica contra o Grã-Senhor. A *Albania Alta* e a *Herzegovina* pretendem ser livres e independentes como a Grecia. Nestes districtos ninguem obedece á Porta, que não distribue dinheiro. A *Austria* não tem influencia senão nas terras Catholicas e seus Chefes. A *Austria* poderia mais facilmente subjugar a *Bosnia* e a *Albania* do que mante o socego na fronteira. O Bachá de Scútari tem perdido toda a sua influencia. Os Bachás da *Albania Alta* tem tomado alguns Castellos, e enforcado alguns prizioneiros; porém o Carbonarismo Turco ainda existe em *Croja* e *Doleigno*. "

Londres 15 *de Abril*. — O nosso novo Enviado especial á *Persia* Sir *Henry Ellis*, sahirá de Inglaterra pelo fim deste mez para *Trebizonda*, porto do Mar Negro, d'onde o Embaixador irá por terra para *Ispahan*.

Idem 16. — A Duqueza de *Berry* occupa hum quarto no Palacio Impérial; mas seu marido e a sua comittiva forão residir para huma Hospedaria denominada da Imperatriz d'Austria.

Huma carta de *Francfort* de 10 deste mez diz: " Corre a noticia de que o Conde *Bellinghausen*, Presidente da Dieta, hade em breve partir para *Vienna*, e que o Principe de *Metternich* deseja

levallo comsigo á *Silesia*, no caso de consentir o Imperador Fernando na entrevista com o Imperador *Nicolao* e com o Rei da *Prussia*. »

A Esquadra Hollandeza. — Acaba de publicar-se a lista official da Marinha Hollandeza, da qual se vê que ella se compõe de 2 Náos de 84 peças, 6 de 74, 1 de 64, 3 de 60; 16 Fragatas de 44, 6 de 32, 12 Corvetas e Brigues de 28, 4 de 20 ,, 9 de 18, 4 de 14, 1 de 12, 3 de 8; 4 Barcos de Vapor, e 4 Charruas. Total 75 vasos.

Pela tomada da Cidade de *Moka* (que foi tomada á baioneta no dia 20 de Janeiro pelas forças Egypcias commandadas por Achmer Bachá), toda a Arabia se acha actualmente sujeita a *Mehemet-Ali.*

Idem 18. — O Barão Guilherme *Humboldt* (Irmão do celebre Viajante), Ministro d'Estado que foi do Rei da *Prussia*, falleceo a 12 deste mez no seu solar.

Huma carta de *Paris* de 16 deste mez ás tres e hum quarto horas da tarde nos diz o seguinte: » Acabamos de receber huma carta de *Madrid* datada em 8 do corrente á noite, a qual apresenta o partido e principios da Constituição (de 1812) como em progresso e mesmo prompto a fazer explosão. Já tinha havido movimentos nesse sentido, pois desse genero são os de *Malaga*, *Almeria*, *Granada*, e *Saragoça.* O Governo Hespanhol recebeo mui energicas representações com data de 6 do corrente da Camara de *Barcelona*, expondo o estado de perturbação em que se acha a *Catalunha*, e pedindo a immediata dimissão de *Martinz de la Rosa*, e seus collegas, por falta de energia, patriotismo, e aptidão para governar. A representação termina dizendo que se o Governo não annuir aos seus desejos, e não tomar medidas que satisfação os Constitucionaes, e abatão os Carlistas, os primeiros se verião obrigados a tomar as couzas em suas mãos, por hum Governo Provisorio de Pro-

vincia que posesse termo á insurreição, e ás maquinações dos desaffectos nella. "

O Gouerno Grego, em reconhecimento dos serviços feitos na Grecia por Mr. *Cochrane*, durante a Guerra da Independencia, conferio-lhe grandes privilegios, em auxilio da sua intenção de introduzir no Arquipélago a navegação por vapor. Mr. *Cochrone* está em *Paris*, e tem recebido do Governo Francez favoravel acolhimento. He o seu plano estabelecer huma linha de Paquetes que naveguem de quinze em quinze dias entre *Marselha* e *Constantinopla*, fazendo *Athenas* ponto central.

Os estabelecimentos religiosos na *Baviera* recebem do Rei e dos seus subditos apoio consideravel. No anno de 1834 fizerão-se varias fundações e doações na Diocese de *Munich*. Hum Ecclesiastico, que deseja não ser conhecido, deo 3$ florins (ou cruzados) pera o Collegio Secundario de *Freisingue*. O Dr. *Antonio Daetzl*, Conselheiro Ecclesiastico, e Professor que foi da Universidade, deo a somma de 15$ florins para a fundação de huma Igreja de Frades Capuchos ou Franciscanos; (*Pois ainda ha disto no Seculo das luzes..?*) e huma Senhora de *Munich*, *Madamn Hocck*, fundou huma dotação de 12$ florins na Igreja de S. Pedro. (*Morning Herald.*)

Idem 20. — O *Morning Herald* de hoje, depois de dar a Lista das pessoas do novo Ministerio *Whig*, prosegue nos termos seguintes: — " A mera repetição dos nomes dos Membros do Gabinete ha de convencer o paiz de que a nova Administração não contêm o talento ou o principio que a recommende á attenção publica. Não he com effeito mais que o restabelecimento da rabadilha do Gabinete Grey, com a exclusão do unico homem de superior habilidade que elle continha, isto he, de Lord *Brougham*, o qual ainda que não tenha os talentos de grande estadista, adquirio distincção como orador, ao passo que nenhum dos Mem-

bros do Gabinete actual, nesse ou em qualquer outro mister do exercicio publico, deo vôo elevado acima da mediocridade, se exceptuarmos Lor *Holland.* Este mesmo que, com espirito aparentado com o de *Fox*, costumava fazer resoar o Senado com os pensamentos apaixonados, e com os generosos sentimentos de hum Orador constitucional, tão hostil aos Déspotas como aos Demócratas, ha muito que tem cahido em muda indolencia, e contente obscuridade. A influencia das dormideiras do Emprego tem diffundido sobre o seu entendimento seus effeitos narcoticos: elle se tem resignado a hum beneficio simples e ao silencio. Desde que entrou de posse da commoda Cadeira da Chancellaria do Ducado de *Lancaster*, que os *Wlrighs* estiverão em certo tempo tão desejosos de abolir, tem a classica eloquencia do seu patriotismo perdido a sua voz. — Desde o momento em que os destinos da Europa forão entregues á tutelar protecção de Lord *Palmerston* e seus protocolos, elle tem visto o poder *Cossaco*, que era o usual objecto de sua indignada denunciação, crescendo diariamente em sua gigantesca força ao dominio universal; e tem visto isso com filosofica indifferença, sem jamais sahir do pezadello dos lugares communs no debate por alguma eloquente appellação ao sentimento e sympathia do Povo Inglez sobre a ambição da *Russia* e desgraças da *Polonia.* (E para que havia de perder o seu tempo nessas declamações sem proveito?)

» E deste modo o genio de Lord *Palmerston* torna a ser pespegado sobre a politica estrangeira da Inglaterra! De novo tem a *Belgica* e a *Hollanda* de ser abençoadas com os mediatorios serviços do author dos abortivos protocolos, que nos quatro annos de " prompto e final arranjamento " de sua disputa, como costumavão dizer os papeis *Whigs*, trabalhou de modo que poz as couzas mais desarranjadas do que as achou, e que, se tivesse

morrido neste exercicio martyr do seu trabalho, não poderia ter hum monumento mais adequado erigido á sua memoria que huma pyramide do papel que sobre isto consumio. Debaixo dos seus auspicios, igualmente, se amadureceo a especulação do Emprestimo *Russo-Hollandez*, e o ouro da *Ingaterra* foi encher os cofres do Autócrata, quando a *Polonia* ainda lutava com os seus barbaros oppressores. Com o mesmo vigilante *Argus* para vigiar os nossos interesses no Oriente, foi o genio da Diplomacia Britannica prevenido e afrontado pela negociação do " Tratado secreto " entre a *Russia e a Posta*, que prendeo a *Turquia* nas cadeias da Politica Russiana, e poz o Mundo Oriental aos pés do *Czar*.

» Foi debaixo dos auspicios de Lord *Palmerston* que a Esquadra Britannica foi enviada aos Mares do Norte na estação das nevoas e das tempestades, em união com a da *França*, para intimar o Rei de *Hollanda*, falhando porém em excitar outro sentimento no Rei e no povo Hollandez que o de mais resoluta resistencia, voltando sem decoro ás Dunas. Deste modo se murchou a gloria de *Nilo* e de *Trafalgar* por huma tão desgraçada demonstração. A Convenção Anglo-Gallica, em que se entrou por instigação do astuto *Talleyrand*, produzio grande vantagem á França, reduzindo a Belgica á condição da Provincia Franceza, sem trazer á Inglaterra mais que desdouro, sem o sangue que se derramára por essa causa ter feito dar á questão Belga hum passo para sua conclusão: ainda nessa questão ha o bello embrulho de hum nó gordio, que provavelmente como o antigo, só a espada ha de cortar. Parece com effeito ter predominado huma fatalidade em todas as conchavações de Lord *Palmerston*, provando que elle, se não he hum Estadista inepto, he com effeito muito desafortunado. Nunca prosperou a causa de D. *Carlos* como desde que

se annunciou o Quadruplo Tratado, que os Whigs é os seus Escribas nos disserão havia de extirpar aquella causa, e esmagar suas esperanças para sempre. Das " anniquilações " que se nos tem repetido, tem os Carlistas revivido para extinguir exercito depois de exercito dos seus oppositores, e tem sido baldadas as jactancias e ameaças successivas que tem preconizado os Commandantes em Chefe das tropas da Rainha, aos quaes o *Zumalacarregui* tem posto em derrota por vezes, não deixando áquelles Generaes, huns depois dos outros, senão desalento e fanados louros.

» Quanto á nossa politica domestica, Lord *Melbourne* em que, huma anterior occasião curvou o joelho ao *Baal Irlandez (O'Connel)* está outra vez confiado na direcção deste. Pertence-lhe a elle conduzir ao seu proprio destino aquelles " estadistas, " se assim os havemos de chamar por cortezia, cujas maquinações e intrigas expulsárão Lord *Grey* do Gabinete delles, mas depois de já terem feito sahir *Stanley* e *Graham*, *Ripon* e *Richemond*. — Se Lord *Melbourne* tem os talentos necessarios para governar hum grande Imperio, demaziado modesto e acanhado deve de ser para nos não dar disso alguma prova em todo o decurso da sua vida politica. Elle era hum dos da secção da Aristocracia Whig que era opposta a todas e a cada huma das medidas da reforma Parlamentar até o tempo em que os Whigs subirão ao Ministerio. Ora, ainda que nós *(o Herald)* eramos reformistas antes de Lord *Melbourne* o ser, convimos que o Nobre Lord nos sobrepuja ao presente; porque não podemos, como S. S.ª e seus Collegas, por alguma vantagem de pouco tempo, deixar o saudavel curso de huma reforma constitucional, obter os altos applausos dos Annuladores e Radicaes, e lidar e afarnar-se na vereda da ambição destruidora, abandonando todos os principios anteriores de acção, e não trazendo aos nego-

cios de huma Nação outra regra mais elevada de procedimento que a que dirige huma meza de jogo de azar, começando em contingencias, proseguindo em chicanas, e acabando ás rebatinhas. Mas tem Lord *Melboune* realmente feito algum ajuste com Mr. O'*Connel*? — Foi isto em summa o que Lord *Alvanley* perguntou ao Primeiro Ministro na Camara Alta Sabbado á noite. Esta foi a substancia da questão, á qual Lord *Brougham* officiosamente interpoz o seu poder de interrupção para prevenir se desse alguma resposta a isto. Fazendo-o assim, mostrou Lord *Brougham* aquella falta de tino e de juizo pela qual elle em outro tempo fez grande mal ao seu proprio partido. Se em vez de ser perguntado Lord *Melbourne* por huma couza relativa aos termos com que acceitava o Cargo, e que o Nobre Interrogador tinha todo o direito de lhe perguntar, fòra accusado de altos crimes e maos procedimentos, á teia da Camara, e se Lord *Brougham* fora o seu Advogado, seria mui acertado que, conhecendo que o seu Cliente não tinha a consciencia pura do caso para estar descançado, se levantasse, e o acautelasse para não responder a alguma pergunta de modo que se *criminasse*; porém a tactica do *Nisi prius* he ás vezes a peor que se pode adoptar na liça da Politica. " (Ainda prosegue o discurso neste ponto, mas sem couza interessante para os leitores estranhos ás praticas do Parlamento Britannico. *Nisi prius* he termo de Praxe, em certas circunstancias de Jurisprudencia Ingleza, que seria enfadonho aqui explicar para fazer mais intelligivel a allusão.)

Resumo de noticias das folhas de Londres de 23 a 29 de Abril.

Em *Inglaterra* continuavão as demonstrações a favor do dimittido Ministerio entre classes mui

conspicuas, que não tem no actual tanta confiança como em outro tempo. — Em *França*, a amnistia dos Republicanos era menos esperada, e o seu processo se julgava proximo, o que fazia alguma inquietação no espirito publico; e não menos o assumpto da indemnisação dos *Estados-Unidos*.

A' cerca de Lord *Elliot* diz o *Morning Herald*: " Sabemos que Lord *Elliot* e o Coronel *Gorwood* chegárão a 18 ás 10 h. da m. a *Lecumberri*, onde em cumprimento das ordens de *D. Carlos*, se achava prompta a Junta da *Navarra* para o receber. A's 2 horas partírão para *La Borunda* acompanhados pelo Coronel Sarratil, primeiro Secretario da Guerra dos Carlistas. Chegou o Lord no dia 19 pela manhã a *Onhate*, onde *D. Carlos* lhe havia mandado preparar quarto. A sua chegada ao Quartel General produzio summo enthusiasmo entre os Carlistas. " — O Governo Francez (diz o mesmo Periodico), apezar de rumores que tinha havido de dar auxilio ao Governo Hespanhol, parece haver declarado ao Embaixador diversa opinião; talvez seja em virtude da declaração que ao Estamento fez o Ministro *La Rosa* de ter o Governo sobejos meios, como he bem de crer, para acabar com a insurreição das Provincias do Norte.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.° 137; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

Na Tip. de Luiz Maigre Restier Junior.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE;

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XVIII.

Sobre a Longa-idade, ou Longevidade. (De hum Jornal Inglez.)

Como circunstancias concorrentes para dilatar a idade achamos enumeradas huma parca dieta, abstinencia total de bebidas espirituosas, moderado exercicio, e moderado somno, *veneris abstinentia ne exhauriantur vires* (isto he, a castidade), o uso dos banhos, e de oleos ou fomentações, huma vida religiosa, a vida litteraria e filosofica, a vida do campo, a vida militar na mocidade; e depois achamos recommendadas como conducentes a dilatar a vida muitas drogas que os praticos deste tempo estarião bem longe de ministrar, com medo da lei. Os antigos recommendárão tambem o pintar o corpo, razão porque os antigos *Bretões*, e os *Indios* da *Virginia* (e outros) pintavão seus corpos, e attribuião a isso longa vida. Em confirmação disto se ha citado que os *Irlandezes*, " posto que vivião nús nos bosques *(sempre se cobririão com algumas pelles)* erão de longa vida por se crestarem e cozerem ao pé do lume, ao passo que se esfregavão ou untavão com quantidade de mantei-

ga salgada " — " Quando *João dos Tempos*, " diz *Bacon*, " que se diz ter vivido 300 annos, foi interrogado como prolongára a sua vida, respondeo: Com azeite por fora e mel por dentro. " Pelo contrario quando o Juiz Romano, admirado da saude de huma testemunha, que era hum homem de cem annos, lhe fez a mesma pergunta, elle respondeo: " Comendo antes de ter fome, e bebendo antes de ter grande sede. "

Dos vestidos, como conducentes para a longevidade, recommendou *Hippocrates*, que no Inverno deverião ser puros e limpos; porém no Verão pouco apurados e enxovalhados (para os Gregos daquelle tempo seria conselho) Ainda não ha muito que os Facultativos recommendavão roupa enxovalhada, e clamavão contra o mal que causava ao corpo a frequente mudança de camizas, e da roupa de dormir! Os absurdos e contradicções dos antigos são quasi igualados pelos dos nossos contemporaneos, e em nada são os absurdos dos nossos contemporaneos tão absurdos como nas suas dissertações sobre a longevidade. Tendo assim perfunctoriamente investigado o assumpto, tanto quanto os antigos tem connexão com elle, será util traçar a sua connexão com os modernos. Ha huma crença geral de frequentes occurrencias de casos de grande longevidade, posto que se achará, se bem se axaminar, que os dados para essa crença são pouco satisfactorios. O homem he propenso a acreditar; isto lizongeia huma mui forte e natural paixão, qual he o desejo de viver muito, e sem trabalho ou padecimento. — *Maffeo* na sua célebre *Historia da India* nos falla de hum homem que no tempo do Vice-Rei *Nuno da Cunha* morrêra em *Bengala* no anno de 1536 tendo trezentos setenta e hum anno de idade (1). As maravilhas e os milagres nunca vem sós, e portanto conta *Maffeo* que este homem tinha tido setecentas mulheres (2) que tinha tido quatro ordens de dentes, que

o cabello se lhe tinha por vezes feito de branco preto, e de preto branco, e que contava com maravilhosa exactidão todas as circunstancias e successos de sua longa vida. Assim mesmo absurda como he esta historia, os *factos* forão investigados, e plenamente confirmados por *Fernão Lopes Castanheda (este, e João de Barros escrevêrão muito antes que Maffeo)* Historiógrafo Real de *Portugal (titulo que o A. lhe confere).* — Esta crença he igual á de *Paracelso*, no seu *Nostrum*, ou elixir da vida, que promettia assegurar o minimo de vida 400 annos, e em cuja efficacia os sabios e scientificos do seu tempo crião plenamente, não obstante *Paracelso ter* morrido antes de chegar aos 40 *(aliás antes de chegar aos* 50, *pois nasceo em* 1493, *e morreo em* 1541 *).*

Hufeland calculou que de cada cem homens nascidos só nove chegavão aos 60 annos, e só seis passavão delles. *Haller*, grande authoridade em todos os assumptos fysico-medicos, tirou mui diversa conclusão: computou que havia 1,000 casos indisputaveis de homens que morrêrão entre as idades de 100 e 110 annos; 60 de 110 a 120; 29 de 120 a 130; 15 de 130 a 140; 6 de 140 a 150; e 1 de 169. Em huma Obra que contém 1712 casos ou exemplos de longevidade desde a anno 66 da Era Christã até 1799, achamos 3 vidas de 150 a 160, 2 de 160 a 170, e 3 de 170 a 185. Ora vejamos quem são os tres que vivêrão de 170 a 185, e poderemos julgar de que tristes materiaes se compõem taes contos. A maior idade, 185 annos, he a de hum tal *Kentingern*, mencionado por *Spotswood*, que no 6.° seculo veio a ser *S. Mungo*, e *S. Mongah*; e de cuja vida se contão tantos absurdos, bem como o da sua extraordinaria idade. O caso immediato he o de *Pedro Tortoni*, camponez de *Temeswar* na *Hungria*, que morreo em 1724 na idade de 185. Não ha prova alguma deste facto, e não merece referir-se. Se fosse verdadeiro

este *Tortoni* tinha vivido mais 10 annos que *Abraham*, mais 5 que *Isaac*: sendo só 20 annos mais moço que *Tara*, pai de *Abraham*, e 37 annos mais velho que *Nachor*, avô do mesmo *Abraham*. O terceiro caso he do mesmo lugar: *João Rowin*, de *Temeswar* na *Hungria*, e sua mulher, que se diz morrêrão em 1741, o primeiro de 172 annos, e a segunda de 164; forão casados 148 annos, tendosó duas filhas e dois filhos, sendo o mais novo destes de 116 annos quando morreo seu pai. Todos estes casos são desmerecedores de credito; e passemos aos exemplos de mais idade admittidos por *Haller*, que são o de *Henrique Jenkins*, de *Ellerton* sobre o rio *Swale* em *Yorkshire*, e *Thomas Parr*, de *Winnington*, no *Shropshire*. O primeiro morreo em 1670, e o outro em 1635, com 152 annos de idade. Estes casos são mui disputaveis. Tanto *Parr* como *Jenkins* nascêrão antes de nós termos livros de assentos de baptismos, ou nascimentos, nas Freguezias, e morrêrão antes que se escrevessem com cuidado e regularidade os assentos dos óbitos. O caso de *Jenkins* acha-se pela maior parte na investigação que se lançou nas *Transacções Filosoficas*. Poucos annos antes de elle morrer (em Abril de 1665), foi testemunha jurada em huma Causa, e depoz sobre casos que tinhão acontecido 140 annos antes, e o principio desta inquirição se vê nos registos do Cartorio das Lembranças do Reino *Exchequer*. A principal prova desta grande idade, foi a sua asserção de que elle teria huns 12 annos de idade quando foi mandada a *Flodden-Field* com hum feixe de settas para os archeiros Inglezes. A batalha de *Flooden-Field* foi dada a 9 de Setembro de 1513, e suppondo que *Jenkins* fallou verdade, devia de ter 169 annos quando morreo, em 1670. Elle costumava contar, provavelmente de ouvida, mas de memoria como elle dizia, muitas circunstancias relativas á suppressão dos Conventos, e outros successos publicos, que todos cor-

roboravão sua asserção de grande idade; e finalmente quatro homens de *Ellerton*, que disserão tinha cada hum 100 annos, assegurárão que quando pela primeira vez conhecêrão *Jenkins* em sua mocidade, já elle era homem velho. Esta ultima prova, quatro homens de cem annos cada hum, achados em huma piquena aldeia, lança discredito em tudo o mais, e he obvio que as provas são juntamente insufficientes para estabelecer hum facto tão afastado das leis da natureza. He hum caso de probabilidades, e he mais provavel que *Jenkins* faltasse á verdade, do que ter a natureza aberrado do seu curso. *Jenkins* tinha sido adegueiro de Lord *Conveyers*, mas no primeiro seculo da sua idade era hum rustico pescador, grande nadador, e vivia do mais grosseiro alimento. Nenhum homem viveo em tempos mais cheios de acontecimentos: devia de ter visto quatro Rainhas e hum Rei decapitados, duas Rainhas divorciadas; o Republicanismo em *Inglaterra* substituindo a Monarquia, e cedendo á Restauração; a Religião Catholica destruida, restabelecida, e tornada a destruir; o Republicanismo restabelecido na *Hollanda*, e a destruição fatal da Armada Hespanhola, &c. &c.

O caso de *Thomas Parr* he similhante em fraqueza de provas, e he impossivel ler a sua historia nas *Transacções Filosoficas*, e na *Miscellanea Harleiana* sem descobrir as discrepancias das provas, e a credulidade dos escriptores. Diz-se alli que *Parr* tinha casado com a sua primeira mulher aos 88 annos; aos 102 seduzio huma tal *Catharina Milton*, e fez penitencia envolto em hum lençol, na Igreja, pela culpa. Aos 120 annos casou com huma viuva, e dez annos depois o achamos no seu usual trabalho diario de agricultura. O celebre Conde de *Arundel* trouxe o velho *Parr* á Corte de *Carlos I.* " como maravilha especial; " porém este era o tempo das couzas maravilhosas,

e quando ha a mania de inventar prodigios sempre se achão tão abundantes como os proverbios de *Sancho Pansa*. Nessa conformidade, quando o Conde de *Arundel* apresentou *Parr* ao Rei, apresentou a Condessa de *Arundel* á Rainha huma velha parteira, que tinha 123 annos de idade, e que tinha sido activa em sua profissão até aos 121 annos. — *Parr* tinha vivido de sustento o mais grosseiro, tinha sido irregular nos seus tempos; porém nas fazendas do Conde de *Arundel* comia do melhor, bebia vinho, e morreo de plethora, ou abundancia de sangue. Foi aberto o seu corpo pelo celebre Dr. *Harvey*, que tinha então 62 annos; e este verdadeiramente grande homem, descobridor da circulação do sangue, referio que a sua conformação era muscular, seu coração, volumoso e gordo, suas entranhas, e principalmente o estomago, sadias e fortes, e os rins gordos, posto que hum pouco brandos. O Dr. *Harvey* tirou huma singular illação deste exame do cadaver, a saber, que *Parr* poderia chegar a viver 200 annos, porque nada se descobria na anatomia do corpo que se oppozésse a isso. Esta illação presuppõe ser verdade o que *Parr* dizia de sua idade actual ser de 152 annos.

Se estes dois casos de melhor authenticidade nos falhão, pouco motivo ha para entrar no exame de outros, taes como o de *Lywarch Hen*, o Bardo do Rei *Arthur*, que morreo no quinto seculo em idade de 150 annos, e cujos 24 filhos forão mortos em batalha contra os Saxonios; da Condessa de *Dermond*, que morreo em 1612 de 145 annos de idade; de hum *Thomas Damme*, que morreo em *Minshul*, no Chershire, em 1648, em idade de 154 annos; de *Margarida Patten*, que morreo em 1739, com 137 annos. Nenhum destes casos pode ser authenticado; com tudo todos os escritores Inglezes os tem admittido como factos, e tem enchido as suas taboas de taes absurdos co-

mo o caso de *Brown*, o pobre da *Cornualha*, que viveo até 120, e *Poleseco*, Sigano da mesma Provincia, que morreo tendo 139; de *Marshall*, o Caldeireiro Escocez, que expirou aos 118; *Luiza Traxo*, preta da *America* Meridional, que morreo em *Tucuman* de 175 annos; de *Gelmore Macraine*, que viveo até 180 na Ilha de *Jura* (nas Indias Occidentaes); do Coronel *Thomas Winston*, que chegou a 146 na *Irlanda*; de hum *Abraham Paiba*, que morreo em *Charleston*, na *Carolina* do Sul, aos 142 annos; de *João Sands*, em *Stafforsdhire*, que morreo de 140, morrendo sua mulher no mesmo anno com 120 annos; de *João Mount* e *Margarida Foster*, Escocezes, cada hum dos quaes morreo de 136 annos; ao passo que *A. Goldsmith* morreo em *França* de 140 annos, e *C. J. Drakenberg*, na *Norwega*, de 146. Todos estes casos são, mencionados em grosso, de tempos de pouca critica, e de paizes pouco civilisados, onde os factos não podião ser verificados, e assim achamos que em huma Provincia da *Russia* se pretende ter havido treze pessoas cujas idades subião juntas a 155, annos, andando humas por outras por 120; sendo as 3 mais velhas de 128, 130, e 150, e as 5 mais moças tendo a 110 annos cada huma. Em outro mappa Russiano se pretende que de 726,278 nascimentos, 226 individuos vivião de 100 annos para cima, e 4 até 136; ao mesmo tempo que hum mappa formado na *Norwega* avança que de 6,929 nascidos, 63 vivião mais de 100 annos. Os *Chinas* são mais veridicos em suas asserções; porque em 1784, em que *Kien-Long* fez hum censo ou alistamento da sua população de 200 milhões de almas, se conheceo, que havia só quatro pessoas que passassem de 100 annos. (3)

Pode-se duvidar se a idade do homem tem chegado mesmo a 120 annos. O caso mais bem authenticado parece ser o de *João Jacobs*, que fora hum camponez nas terras do Principe de

Beautremont, e que viajou nessa idade das montanha do *Jura* até *Versalhes*, para agradecer á Assembléa Nacional o tello livrado do jugo feudal. — " *Libertas quæ sera, tamen respexit.* " — Foi recebido por todos os Membros em pé e descobertos, permittio-se-lhe huma cadeira, e que nella se assentasse com o chapeo na cabeça. Fezse huma collecta em seu beneficio entre os Membros da Assembléa, que subio a 12,500 francos ou 5 $ cruzados. Foi enterrado no dia Sabbado 31 de Janeiro de 1790 na Igreja de *Santo Eustaquio*, em *Paris*.

O caso proximo mais bem authenticado he o de Mr. *Ingleby*, que foi por 95 annos criado da familia *Webster*, que morreo em 1798, com 117 annos de idade.

Segundo todas as asserções, pareceria que todos os climas são favoraveis á longevidade: achamos estas miraculosas idades na *Jamaica*, nas *Barbadas*, na ardente *Ethiopia* e na *India*; nos asperas climas da *Norwega*, *Russia*, *Escocia*, e Norte da *Inglaterra*; nos climas temperados de *França*, *Italia &c.*; na secá Ilha da *Madeira*; nas humidas Ilhas de *Shetland*; nas terras mais secas de Inglaterra, e nas terras pantanosas da *Irlanda*; em paizes do interior, nas costas do mar, no cume das serras, nos campos, e nas sujas alfujas e largas ruas de Londres. Nenhuma theoria de localidade, ar, regime, ou dieta pode ajustar-se com estas historias de longevidade; porque achamos dilatada vida entre os pobres e os ricos, os luxuriosos e os castos, em homens parcos, em activos, e indolentes, brancos, pretos, rusticos, selvagens, e civilizados. Os unicos dois factos que parece corresponderem a todos os casos são, que a vida dilatada se promove pelo asseio, e quasi abstinencia do alcochol, ou de bebidas espirituosas: sobre este ultimo he inquestionavel; porém mesmo contra os outros se deve observar que a longa

idade se acha até nas pobres e sordidas habilitações, e nas occupações immundas; e que se diz ter existido muito entre os nossos antepassados, cujos habitos domesticos erão summamente immundos, e hoje existe muito na *Escocia*, e naquellas partes da *Inglaterra*, onde menos predominão os asseados habitos do Sul. Os *Russos* e os *Irlandezes* passão em proverbio pela gente menos asseada da *Europa*, e comtudo elles tem boa parte da longevidade estatistica. No *Hospital* dos Expostos de *Dublin*, nos quatro annos findos em 1784 tinhão morrido 2944 crianças de 7650 que tinhão nascido. O Hospital tinha estado em incrivel estado de immundicia. Introduzio-se hum systema de limpeza e ventilação, e o numero de mortos nos 4 annos seguintes foi só de 1,116 Igual diminuição de mortes foi ha poucos annos produzida nos quarteis das *Barbadas* por hum systema de limpeza. Em *Inglaterra* os mais dos exemplos de longavidade, ao presente provados serem mais que os antigos e modernos, tem-se achado ao Norte do rio *Humber*; e ao Poente do *Severn* parece ter sempre corrido em linha do Sul do *Tees* em direcção Sudoeste para a banda do Condado de *Hereford*.

Ha mui poucos casos de extrema longevidade attribuida aos Condados centraes, meridionaes, e occidentaes. Ha hum caso, o de *João Balls*, que morreo no Condado de *Northampton* (ou *Northamptonhsire*) a 5 de Abril de 1705 (se he verdade) aos 126 annos; o caso de *João Wilson*, de *Warkingworth*, em *Suffolk*, que viveo 116; e vimos ha pouco o caso de *Ingleby*, que morreo em *Battle-Abbey*, em *Sussex*, em 1798, em idade de 117 annos. — Podemos formar alguma idéa da falta de dados, e de factos authenticados e que até agora tem existido sobre este assumpto de vida e população, da extraordinaria circunstancia, que até o Dr. *Price* commetteo o monstroso absurdo de calcular, que a população de *Inglaterra* e *Gal-*

les tinhão diminuido huma quarta parte depois da revolução de 1688! Parece notavel que os menos casos de excessiva longevidade, real ou ficticia, se achem naquelles paizes em que he maior a proporção de pessoas que vivem mais. O Condado de *Shrop* e o de *York* (mesmo fazendo desconto á maior extensão do ultimo) pretendem ter o maior numero de vidas mui dilatadas, e com tudo o calculo da duração d'existencia nesses Condados he menos que o do *Cardigan*, *Cornualha*, e *Gloucestershire*, em dois dos quaes a população he inteiramente dada á lavoura, ao passo que em hum (na *Cornualha*) a população he maritima e mineira, e em *Yorkshire* grande porção della he não só fabricante, mas empregada em fabricas mui destructivas da vida. O calculo da vida no Condado de Lancaster (ou *Lancashire*) he diminuto, por ser a sua população de fabricantes, e todavia huma porção dos casos mais subidos de longevidade acha-se naquelle paiz.

Voga huma theoria de que a vida longa anda em certas familias, e comtudo Sir *João Sinclair* achou que entre 508 pessoas que tinhão passado da idade de 80 annos, só 303 podião mostrar que tivessem hum parente macho ou femea que tivesse chegado á idade delles. Todos os *dados* sobre este assumpto se achão envolvidos em confusão; e deverião ser ainda mais confusos; porque ainda que temos melhores meios que em outro tempo para chegar a factos e particularidades estatisticas, os habitos individuaes se tornão diversificados á proporção que o commercio augmenta, e que as misturas de classes, e mudanças de lugar se multiplicão; e á proporção que o saber misturado com o erro, e variado ao infinito, se vai diffundido por todas as classes, tanto dos ricos como dos pobres, de modo que vem as diversidades individuaes a passar além do calculo, e a desafiar toda a habilidade em classificar e generalisar. *(New Monthly Megazine.)*

Nota.

(1) O Author desta peça, errou na citação de *Maffea*, quando diz que elle dá ao *Indio Guzarate* 371 annos, pois *Maffeo* diz que tinha *annos trecentos trisginta quinque*, isto he, 335. Tambem dá o nome de *Nuno da Cunha* ao *Indio*, o que vai emendado na traducção, sendo esse nome o do Vice-Rei a quem foi apresentado o Indio. *Castanheda* (Liv. 8, Cap. 74) diz que o velho tinha 340 annos.

(2) Esta circunstancia não vem na Obra citada, de Maffeo, que falla do caso a pag. 215 da sua Historia, da edição de 1588: *Castanheda* he que diz isso das 700 mulheres. Estas patranhas accrescentadas ainda em cima por devoção, ou de proposito, só desacreditão. Ultimamente lemos, e em outros tempos tinhamos lido em outra parte, outra patranha peor, como he o Conto de hum Clerigo da Ilha da *Madeira* perdoado por ElRei D. *Affonso* 3.º por ter tido huma incrivel multidão de filhos &c.; e dado isto como de hum documento que se acha na Torre do Tombo! Basta ler na folinha quando morreo D. *Affonso* 3.º (em 1279), e indagar quando se descobrio a *Madeira* (em 1420) que estava deserta, e coberta de mato, para se conhecer o absurdo.

(3) O Author parece dar mais pezo ao computo *Chinez*; mas nisso cahe na mesma censura que faz aos casos que julga mal provados, porque por certo não podia ter toda a demonstração preciza da exactidão do censo da *China*; e mesmo pelo que diz depois se conhece que ha paizes em que ha menos longevidades que em outros; e hum delles he talvez a *China*. Pelos tempos desse Censo Chinez havia na *Europa* muitos exemplos bem averiguados de homens de mais de 100 annos, em proporção muito maior que a de 4 em 200 milhões

que havia na *China*. Só em *Portugal*, que era em proporção da *China* em população como de 1 para 67 — havia então mais de meia duzia de homens de mais de cem annos. No anno de 1789 morreo *Manoel Tavares* de 111 annos, morreo *João Salgado* de 112 annos; morreo o P. *José de Santo Antonio* de 112; morreo *Maria Francisca*, viuva de *Manoel Ferreira*, de 117 annos. No anno de 1790 vivia *Joanna Francisca da Piedade* estando já nos 120, e vivia *Joanna Simões*, indo já em 106. Nesse mesmo anno morreo *Manoel Luiz de Magalhães*, que fora Soldado, tendo 101 annos, 11 mezes e 5 dias, e *Maria dos Anjos*, Freira Franciscana, com 101 annos. Em 1791 vivia com 115 annos *Marianna de Souza*. Nas Gazetas de Lisboa se achão mencionados estes casos curiosos; e na de 17 de Novembro de 1798 se lê o seguinte: " De *Pederne* avisão ter alli fallecido em idade de 106 annos *Francisco Domingues de Estivados*, o qual *conservava os dentes todos*, *o cabello preto*, *e lia e escrevia sem oculos*, *sendo tal o seu vigor que quando* era necessario *andava cada dia* 4 *leguas a pé e sem bordão*. " — A anatomia do cadaver deste homem feita por *Harvey*, ou por outro habil Anatomico, daria talvez o calculo de poder chegar a 140 annos, se não houvesse estranha causa de que viesse a morrer. Estas raridades de excederem muito algumas pessoas no tempo de sua vida ao geral mesmo dos vividouros, são excepções que tambem se notão nos animaes de identica especie, e até nas mesmas arvores.

LISBOA 18 de Maio de 1835.

Noticias diversas.

Temos lido em alguns periodicos a asserção de haver o *Rei de Hollanda* mandado desfazer o *emprestimo de D. Carlos, &c.* Isto escreveo-se, e pouca gente pode conhecer á simples leitura o desproposito de taes asserções. O facto he que o proprio *D. Carlos* he que por Decreto de 4 de Março deste anno desfez o contracto desse emprestimo. O tal Decreto he curioso, porque encerra alguns factos menos vulgarmente conhecidos, e por isso aqui o traduziremos do *Morning Herald* de 21 de Abril.

» *Decreto* — Em virtude de hum Decreto Real expedido em *Villa Real* no dia 19 de Dezembro de 1833, foi Mr. *Tessin de Mesfilles* devidamente authorisado para contratar hum Emprestimo de cinco milhões de pezos duros valor nominal. Vendo agora que o dito contrato passado para o ajuste do dito Emprestimo se não poz em pratica, nem produzio o promettido effeito, e que, em consequencia disso somos só obrigados a embolçar ao nosso dito delegado ou contratador alguns adiantamentos que elle haja de ter feito, reservando para futura deliberação quaesquer pretensões que possão ser pedidas por via de indemnisação; vendo que foi passado hum contrato com data de *Portsmouth* 14 de Junho de 1834, pelo qual o Barão *Mauricio Haber* emprehendeo procurar hum Emprestimo da somma de 125 milhões de francos, valor nominal ao preço de 50 por cento valor real, afim de contribuir para as urgentes despezas em sustentar a causa Real, e a dos meus fieis subditos; vendo a nossa Real declaração datada de 15 de

Setembro de 1834, na qual, não obstante a inexecução do ultimo mencionado contrato, consentimos em continuallo em vigor, e em permittir ao contratador adoptasse aquellas medidas que julgasse acertadas para levar a effeito as suas intenções, não mudando ao mesmo tempo as condições fundamentaes; vendo que, mesmo com a largueza das condições, senão seguírão aquelles beneficos resultados que tinhamos razão de esperar da promessa feita pelo contratador ao induzir-nos a convir em dilatar seu poder, e não obstante ter o Barão d'*Haber* feito amplo uso, se não excedido, do poder que lhe foi conferido em virtude da declaração de 15 de Setembro de 1834; sem embargo de que pelo ultimo arranjamento mencionado conseguio o contratador obter algumas piquenas sommas, que não julgámos conveniente receber; vendo por tanto que todas as circunstancias provão a impossibilidade do contratador de cumprir os seus ajustes, ainda quando julgassemos acertado ratificar todas as modificações que se havião adoptado; tomando por tanto em nossa séria consideração o que fica exposto, nos temos julgado dispensados do cumprimento do sobredito contrato, e ao mesmo tempo obrigados a tomar outras medidas taes que possão prover ás immediatas urgencias, reservando huma estipulação a favor dos possuidores das apolices já emittidas, com tal garantia sufficiente, e reembolso, quanto ha direito a esperar da nossa boa fé, — Temos resolvido. —

» Artigo 1.° — O Contrato passado com Mr. *Tessin de Mesfilles*, em virtude de hum Decreto Real com data de 19 de Dezembro de 1833, a fim de levantar hum Emprestimo, he annullado pelo presente decreto. O dito Mr. *Tessin de Mesfilles* apresentará ao nosso Commissario Real D. *Braz Calle y Navarro*, quaesquer reclamações de qualquer natureza que sejão, a que elle se possa julgar com direito.

» Art. 2.° O Contrato assignado em 14 de Junho, e o poder addicional de 15 de Setembro, são tambem pelo presente Decreto annullados, sem prejuizo dos possuidores das Obrigações já emittidas. Se taes possuidores já tiverem pago essas Obrigações, ou desejarem completar seu pagamento sobre si, essas Obrigações serão bons e válidos documentos para todos os intentos e propositos. Com tanto tambem que os direitos dos contratadores sejão reconhecidos, tanto pelos seus desembolços e despezas, como por qualquer remuneração a que elles hajão de ter direito, conforme as condições do contrato, e á proporção das operações já effectuadas; e finalmente, que as reclamações para a indemnisação serão apresentadas ao Commissario Real já nomeado, e com sua informação nós determinaremos conceder aquillo que com justiça se dever, no que respeita ao providenciado neste artigo, bem como no 1.°

» Art. 3.° Todos aquelles cujos direitos tem sido reconhecidos conforme os artigos 1.° e 2.°, no caso de se contratar algum novo emprestimo, receberáõ como segurança pelas sommas de que vierem a ser credores, ou por qualquer juro que tenhão tido no dito annullado emprestimo, somma tal nos novos Titulos, ao estipulado preço do contrato, que completamente reembolsem esses créditos. Os credores que não quizerem receber taes Titulos por segurança, serão pagos de hum fundo reservado. A primeira prestação do fundo reservado começará como a segunda prestação do emprestimo, reservando para nós a faculdade de antecipar taes pagamentos se a fazenda do Estado o permittir, sendo nossa firme resolução fazer prompta justiça aos nossos credores por todos os meios em nosso poder.

» Art. 4.° O nosso Primeiro Ministerio d'Estado interino, D. *Carlos Cruz Mayor*, he encarregado da execução do presente Real Decreto.

„ Dado no nosso Quartel General de *Zuñiga* em 4 de Março de 1835. = *(Assignado) Eu El-Rei.* ”

Eis aqui como o *Hei de Rollanda* se deve traduzir = D Carlos = que se considera Rei d'Hespanha, e foi este o que annullou o Emprestimo mencionado, por não poder concluir-se, como o Decreto mesmo declara, e por certo bem notavelmente.

Londres 13 de Abril. — Colonisação de Argel. — Os quatro Delegados Francezes em *Argel* acabão de dirigir huma carta a alguns dos Periodicos Francezes, em que depois de mencionarem os artigos desanimadores publicados por alguns, relativos á colonisação de *Argel*, dão a seguinte tabella do estado do paiz em seu verdadeiro ponto de vista:

	Anno de 1832.	An. 1833.	An. 1834.
População Européa	5,345	7,612	9,600
Navios mercantes entrados	712	714	917
Importações -- francos	6,856,920	7,590,458	8,560,230
Exportações -- d.º	850,650	1,028,410	2,376,662
Direitos, diversos d.º	1,569,108	2,239,184	2,514,435

„ Nesta tabella (accrescentão) nem entrão os Navios enviados pelo Governo, nem provimentos para o Exercito. Podemos accrescentar que até Março de 1835 havia 5,934 *hectaras* (mais de 17$ acres Inglezes) postos em cultura. Até ao mesmo tempo o numero de arvores plantadas desde que os Francezes occupárão o paiz subia já a 18,300, e o de oliveiras bravas enxertadas, ou preparadas para enxerto, subia a 25,500. Destas noções se colhe evidentemente; que a população *Européa*, o commercio, agricultura, e rendimento de *Argel* tem augmentado annualmente em notavel gráo. Assim a colonisação, sem apoio algum, nem certeza do futuro, tem vindo a ser tão essencial, que

facilmente se pode julgar a que ponto de extensão pode chegar sendo efficazmente animada. " (Prosegue mostrando as vantagens da colonisação &c)

Londres 23 *de Abril.* — A *Porta* acaba de entregar ao Embaixador da *Russia* a somma de cinco milhões de piastras (patacas) Turcas por conta da indemnisação da guerra, estipulada a pagar, no 1.° de Maio.

Pelas relações recebidas de *Alexandria* de 23 do mez passado, tinha a peste até então atacado 19 ₰ pessoas, das quaes tinhão morrido 10 ₰. (As ultimas noticias dão diminuido o mal)

Noticias de *Stockholmo* de 31 de Março asseguirão-se que o Rei de *Suecia* recusou pela terceira vez a sancção de huma resolução da Assembléa dos Estados para os processos perante os Tribunaes inferiores se fazerem em publico.

As duas Commissões de defeza dos prezos de *Lyão* e *Paris*, reunidas em *Sainte Pelagie* (Prizão de *Paris*) publicárão huma resolução datada de Sabbado (18) em que declarão que, estando informados de que o Tribunal dos Pares intenta recusar-lhes para os defenderem pessoas escolhidas da ordem dos Advogados, ellas protestão unanimemente contra toda a violação da livre defeza, e estão determinadas a apparecer perante o Tribunal com Patronos de sua escolha, sendo nisto sustentadas não só pelos principios communs aos homens de todos os partidos, mas tambem pela opinião de todos os Senhores do foro. *(The Globe)*.

O nosso correspondente (do *M. Herald)* nos escreve de *Lesaca* em 16 do corrente, entre outras couzas, o seguinte: " Recebêrão-se alguns importantes officios da *Catalunha* (no Quartel General de D. *Carlos*), em data de 12 de Abril. Entre outras couzas dizem que no dia 10 huma columna volante de Carlistas atacou huma divisão dos Christinos, commandada pelo Coronel *Sevilha*, do 8.° Reg.^o de linha, em *Pinos*, e obrigou o inimigo a

retirar-se, deixando mortos no campo da acção o Coronel *Sevilha*, 2 Officiaes, 3 Sargentos, e 90 soldados. Os prisioneiros, huns 30, unirão-se aos Carlistas. — Tambem os Carlistas tiverão assignalada vantagem perto de *Mansero* (talvez *Manreza*) cujas particularidades ainda não chegárão. — Tem-se já unido ás fileiras de *D. Carlos* mais de mil homens completamente armados e equipados, depois da minha ultima. Eu vos remetterei emendado o mappa official da força Carlista naquelle Principado, que sobe a 4,795 Officiaes e Soldados."

Houve em *Murcia* alguns disturbios como em *Saragoça*, mas em breve se restabeleceo o socego.

Em hum Periodico Alemão se lê o seguinte Artigo de *Berlim* 11 de Abril: " A dissolução do Ministerio Tory envolve em grande perplexidade os Gabinetes do Norte. Os Gabinetes Conservativos anticipavão a pacificação final da *Europa*; tinhão enviado a *Londres* Embaixadores, na esperança de restabelecerem tudo com a Administração de *Wellington* e *Peel*. Os Whigs, reassumindo seus lugares, reassumiráõ a sua incerta marcha na politica estrangeira. — Diz-se que se recebêrão avisos da *Polonia* de terem as authoridades Russianas dobrada sua vigilancia: as maquinações que tenderem a agitar de novo a *Polonia*, e que não podem escapar á vigilancia do Governo Russiano, só podem ter o resultado de completarem a destruição da nacionalidade da mesma *Polonia*. »

Mr. de *Haber* dirigio ao Editor do *Morning Herald*, que a publica no seu N.° de hoje 23, a seguinte carta sobre o Emprestimo de D. *Carlos*:

» Sr. Editor, — No vosso Papel d'esta manhã vi com consideravel surpreza o Decreto, assignado por S. M. C. Carlos V, em *Zuñiga*, datado em 4 de Março, no qual he introduzido o meu nome de hum modo não mais dasagradavel aos meus sentimentos do que contrario á verdade. Sem entrar em ulteriores particularidades (que posso re-

servar para outra occasião) julgo devido ao meu caracter notar, que, se o Governo de que emana hum documento escrito em taes termos, mo tivesse officialmente communicado, eu houvera contra elle protestado de modo tal, que faria necessaria a sua suppressão. — Eu estou em circunstancias de provar que fiz mais do que a minha obrigação pedia eu fizesse, e que nunca excedi os poderes que me forão conferidos. — O meu respeito e devoção para com o Rei são afiançados pelo zelo com que fiz avançar todas as medidas que julgava conducentes a vantagem sua. — Em summa todas as asserções no Decreto que me dizem respeito, são positivamente destituidas de verdade, e muito bem conheço que não provém do Rei, mas de agentes interessados e enganadores, que se aproveitão da presente situação do Rei para illudir sua confiança. — Tenho a honra de ser &c. = *De Haber.* = *Cavendish-square* n. 29, em 21 de Abril. »

(*Morning Herald.*)

Os seguintes artigos são do *Globo* de 23 de Abril:

» A Duqueza de *Berry* sahio de *Vienna* no dia 11 de Abril »

» *Paris* 19 *de Abril.* — Estão marchando para *Paris* avultados corpos de tropas; preparativos para o grande processo na Camara dos Pares. Sabbado á noite forão os prezos de *Lyão* removidos para a cadeia de *Vaugirard*, mistica ao Palacio do *Luxemburgo*, escoltador por formidavel porção da Guarda Municipal

» O Governo Francez, ao saber das desordens do *Pará*, expedio para alli duas Embarcações de Gnerra para proteger as pessoas e a propriedade dos Francezes estabelecidos naquella praça. »

» *Paris* 21 *de Abril.* — O numero das tropas actualmente em *Paris*, e suas immediações sobe já a 100$000 homens, e ainda subirá a mais, porque recebêrão mais regimentos ordem para mar-

char para o mesmo sitio. (Se *Carlos X* fizesse o mesmo em Julho de 1830, não andaria desterrado.)

» A *Quotidiana*, que publica diariamente lista de contribuições (ou antes *donativos*) dos Realistas para o pagamento da pezada mulcta em que foi ultimamente condemnada, annuncia que a Duqueza de *Berry* enviou ultimamente de *Vienna* 500 francos, pedindo fosse o seu nome incluido na lista; e que S. A. R. vendêra ultimamente parte das suas joias, a fim de dar soccorro aos seus infelizes partidistas." *(The Globe.)*

Londres 24 de Abril. — Cartas de *S. Petersburgo* de 7 deste mez annuncião a partida para a *Polonia* de huma porção de Officiaes Generaes, Conselheiros particulares, e Officiaes de Fazenda, mas nenhuma menção fazem de que tenha havido movimento algum naquelle paiz. Continuavão a marchar reforços para o Exercito da *Asia*, e varios Officiaes de Engenharia, que se dizia terem sido pedidos pelo novo Schah da *Persia*, *Mahamud*, tinhão recebido ordem de ir para aquelle destino. A *Russia* intenta formar Regimentos de *Tartaros* Musulmanos, e ajuntar assim de 20 a 25 𝕯 homens de cavallo á sua já grande força de Cavallaria.

O General *Osma*, que commandou longo tempo na *Navarra*, falleceo ha pouco em *Alcalá de Henares*, onde estavava á testa de huma Escola Militar. *(Morn. Her.)*

Paris 24 de Abril. — Mr. *Culmann*, Commandante de hum Esquadrão de Artilheria, Director da Fabrica de Armas, está nomeado Presidente de huma Commissão que o Governo envia a *Inglaterra* para ter varias peças alli fundidas. Parece que são enviadas duas similhantes Commissões á *Suecia* e a outro paiz do Norte, e que depois de comparar os trabalhos destas Commissões se tomará huma decisão sobre a mais conveniente forma da fundição d'artilheria.

Londres 28 *de Abril.* — *D. Carlos* nomeou o Conde de *Alcudia*, que foi hum dos Ministros de *Fernando VII*, para ir por seu Embaixador a *Vienna* a congratular o Imperador pela sua exaltação ao throno. (O *Globo* de 28 dá esta noticia tão positivamente, como se della não tivesse duvida; e se ella he certa, conta *D. Carlos* ser considerado em Vienna como Rei d'*Hespanha.*)

Paris 27 *de Abril.* — Por hum artigo publicado em *Perpinhão* parece que as relações Carlistas tinhão exagerado muito os ultimos movimentos na *Catalunha.* Com tudo, os Correios de *Madrid* para *Barcelona*, e de *Perpinhão* para *Barcelona*, forão suspensos pelo insurgentes, posto que os ultimos forão em breve livres.

Segundo diz a *Sentinella* dos Pyrenéos de 23, *Bilbao* estava em grande susto tendo só sua guarnição huns 800 homens de linha, e os Urbanos. Segundo o mesmo Periodico, *Zumalacarregui* esteve defronte de *Bergara* no dia 18, e a deixou indo para a *Borunda.* (Outras noticias dizem tomara a Villa, mas não o Castello.)

Londres 27 *ditto.* — A Esquadra *Turca* reunida no Bósforo sahio dalli para *Tripoli.* Estava para se aprومptar outra, sem que o nosso correspondente ainda soubesse qual seria o seu destino.

O General *Mina* resignou o commando: (as ultimas noticias o dão fallecido). Eisaqui a carta que se diz elle dirigira ao Ministro da Guerra:

» Ex.mo Sr., — Quando S. Mag. me fez a honra de me confiar, em Setembro ultimo, o Commando do Exercito, estava eu em *Cambó*, onde me achava detido por minhas molestias; e ainda que a minha profunda gratidão por tão alto acto de confiança, e o meu fervoroso desejo de contribuir para a defeza do legitimo throno, me moveo a acceitar essa missão, a minha delicadeza me obrigou a expor o precario estado de minha saude, não só confidencial e officialmente aos Ministros,

mas tambem por meio de huma certidão em devida forma dos meus dois Medicos particulares, e de tres outros que tinhão assistido á conferencia. A lizongeira animação que recebi. e os rogos dos meus maiores amigos, tendentes a persuadir-me que eu faria á minha Patria hum verdadeiro serviço tomando sobre mim o commando, ainda mesmo quando me limitasse a dirigir as operações, me determinárão a tomar ao menos huma responsabilidade, de que ha na verdade poucos exemplos, qual era, — a que eu incorria em me pôr, em similhante estado precario de saude, á frente de hum Exercito enfraquecido, ao voltar á minha Patria, depois de 8 annos de desterro. A presença de hum General á testa das suas tropas mantém a sua observancia de disciplina, inspira-lhes confiança, e prepara o caminho á victoria. He para mim hum estado de insupportavel tormento não poder participar de todos os momentos das fadigas e dos perigos dos meus companheiros de armas, ver perdidas favoraveis occasiões de juntar nova gloria ás armas de S. Mag., e de accelerar a pacificação destas Provincias. Desde o principio do mez de Novembro, em que tomei o commando, tenho sahido de *Pamplona* cinco ou seis vezes, considerando que a natureza das operações me impunha o dever de assim o fazer e parecendo que o estado da minha saude me permittia o exercicio; porém de cada vez me causou a fadiga o ter huma recahida, e tem-se aggravado meu padecimento a tal ponto, que estas experiencias me tirão a esperança que eu tinha, de seguir por mim proprio huma grande operação, calculada para produzir decisivos resultados. — Sem jamais occultar o verdadeiro estado da minha saude, eu me abstive de me expressar por este modo em quanto a falta de tropas fazia a minha situação mui difficil e perigosa, porque essa linguagem poderia attribuir-se a pusilanimidade, e a huma falta de zelo; mas agora que tem che-

gado reforços, e que os que V. E. está organisando promettem mais brilhantes louros, e pedem maior actividade, e operações em mais vasto ponto, eu julgaria faltar ao meu dever para com a minha Patria, para com a Rainha, e para comigo, se francamente não dissesse a V. E., que se requer aqui hum General que possa continuamente estar á testa das tropas, e capaz, não só de responder pelos resultados de hum dia de batalha, e habil para seguir o plano geral de operações préviamente arranjado; mas tambem de o modificar e mudar sobre sua responsabilidade, conforme as circunstancias o exigirem. Espero que V. Ex., dando conta desta communicação a S. M. a Rainha Regente, a apresentará como huma prova do meu franco e leal caracter, e da minha ardente dedicação á segurança do throno de Sua Augusta Filha, á gloria das suas armas, e á prompta pacificação destas Provincias. — Deos guarde a V. E. (Assignado) *Espoz e Mina* = Ao Ex.[mo] Sr. Ministro da Guerra. = *Pamplona* 8 de Abril de 1835. »

Idem 29. — O *Morning Herald* de hoje publica huma carta do seu correspondente de *Paris* do dia 27 que depois de outras noticias, finda com o seguinte: — " Relativamente ao boato de *intervenção* da *França* na contenda actual (em *Hespanha*), só tenho tempo para vos dar a seguinte informação (de fonte de muito credito), que faz duvidoso esse boato. — Tendo o Embaixador Hespanhol em *Paris* sido encarregado pelo seu Governo de verificar até que ponto a *Hespanha* poderia contar com o auxilio da *França* no caso de o General *Valdez* não poder suffocar a insurreição, enviou ha algum tempo huma Nota para esse fim ao Ministerio Francez. Em consequencia disso foi a questão ventilada no Conselho; mas tendo só dois Ministros votado por essa medida, e sendo o Rei decididamente contra ella, respondeo-se ao Embaixador, que á *Hespanha* se deixaria o disputar esse seu ne-

gocio, e que a *França* em caso nenhum a auxiliaria com as suas tropas." — Tambem diz o correspondente que S. Exc. teve intrucção para, como lembrança sua, sollicitar que o Governo Francez enviasse hum Commissario que acompanhasse Lord *Elliot* ao Quartel General de D. *Carlos*; mas que depois de mais de 8 dias de demora se lhe deo resposta evasiva, com pretexto da mudança do Ministerio Britannico.

Pelas folhas de *Madrid* recebidas hoje (18) até 12 do corrente, veio a Convenção assignada a 27 em *Logronho* por *Valdez*, e a 28 em *Asarta* por *Zumalacarregui*, e depois deste por Lord *Elliot*, composta de 9 Artigos, pela qual ficou ajustado que daqui em diante os belligerantes pouparião as vidas dos prizioneiros, e mutuamente os trocarião segundo suas classes, ficando os que excedessem de qualquer das duas partes em terras para isso destinadas, e que não serão atacadas, até que se fação novas trocas. Esta Convenção foi apresentada ao Estamento de Procuradores na Sessão de 11 do corrente, produzindo bastante agitação nos animos; mas não foi alterada a tranquillidade, pelas medidas que se tomárão logo que se receou que o sussurro passasse a causar alguma commoção. — Esta Convenção prova a não intervenção da *França*.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.° 137 ; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1 ; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112 ; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

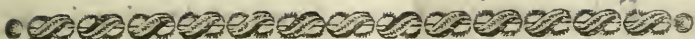
LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N.° 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XX.

Da Opinião Puplica.

Tem dito os sabios que a *Opinião* he a Rainha do Mundo; porém muita gente que os lê pouco, ou que os entende mal (diz Mr. de *Segur*) nega esta verdade. Se a claridade os deslumbra, negão a claridade.

Segundo elles dizem, a *opinião* só espanta os fracos; ella obedece aos fortes. Tão insensatos estes como aquelles Pyrrhonicos que negavão o movimento, cumpre nos contentemos com sahir-lhe ao encontro para lhes responder, e he isto o que o tempo e o espirito publico fazem com grande desgosto delles. Não fallamos da *opinião* que só este ou aquelle partido proclama.

Se entretanto quizessem consultar o passado, serião algum tanto menos cegos sobre o presente, e hum pouco mais previstos sobre o futuro.

Remontando aos tempos antigos; reparem no *Egypto*. Faraó, seus Magos, seus Ministros, seus innumeraveis exercitos; tudo cede á *opinião* publica de hum povo estrangeiro, que quer ser livre, e á *opinião* publica do seu proprio povo que crê estes estrangeiros favorecidos pelo Ceo.

Estes mesmos Judeos, proscriptos depois pela *opinião* geral, nunca mais se poderão erguer; e pela *opinião* de si mesmos, arrostando o desprezo, e toda a especie de tyrannia, nunca se quizerão submetter.

A' voz *do Rei dos Reis* (assim se intulava o Rei da Persia) todo o Oriente se levanta, e se arma, marcha e se lança a huma piquena região, (a *Attica*) pobre, dividida, fraca, e pouco populosa; porém o amor da liberdade alli grava esta *opinião* generosa: *Cumpre morrer, ou ficarmos livres.* Trezentos guerreiros nas *Termópilas* dão hum heroico exemplo; a cana derruba o carvalho; o colosso da Monarquia dos Persas desfaz-se; tres milhões de soldados são vencidos e desbaratados por hum punhado de heroes, e esse *Rei dos Reis, (Xerxes)* foge atravessando o Hellesponto em huma fragil barca, vergonhosa reliquia de sua soberba armada.

Em outro tempo a *opinião* muda; a cubiça, o ciume substituem o amor da Patria nessa mesma terra classica da liberdade, e hum piqueno Rei da Macedonia lançou algemas e cadeias á Grecia.

Roma conta huma longa serie de Reis habeis e bellicosos; nenhum partido contesta nem ataca seu poder fundado na Lei e na *opinião*. — *Tarquinio*, commettendo hum crime, muda esta *opinião*; deixa impressos por huns poucos de seculos nos corações dos Romanos hum odio implacavel ao Governo Monarquico.

Estabeleceo-se outra *opinião*, e era que a piquena povoação chamada *Roma* devia vencer e ser senhora do Mundo. As vizinhas Cidades vão sendo successivamente vencidas; depois *Carthago*, a pezar de seus thesouros, de suas armadas, e do genio de *Annibal*, he destruida; a Grecia he subjugada; a Asia e o Egypto são conquistados; a Gallia, a despeito de seu feroz valor, he

subjugada; vem *Roma* a ser Senhora do Mundo.

Infelizmente o orgulho da gloria militar transcende o amor da liberdade; a *opinião* muda; obedece a toga ás armas; começa a tyrannia, e os Soldados dispõem do Sceptro.

Na *Palestina*, doze homens ignorantes ensinão hum novo Culto, que promette á Virtude recompensas, e ao Crime eternos castigos: elles convocão até os escravos a huma virtuosa independencia, e os cidadãos á fraternal igualdade. A Religião que elles annuncião he austera, e tremenda, impõe as mais rigorosas privações, manda arrostar os maiores perigos, abate a grandeza, arruina a opulencia, quebra o prisma da gloria, extingue o facho do amor, e na esperança do Ceo, que ella promette, offerece em compensação na terra só jejuns, algemas, e supplicios: todos os Potentados e todas as Paixões se armão contra esta nova *opinião*; mas ella se dilata, cresce, firma-se, e triunfa de todos os obstaculos, despreza as riquezas, arrosta os cadafalços, derruba os altares dos Idolos, destroe os costumes do Paganismo, e se assenta no Throno do Mundo.

Outra *opinião* vem a nascer no Norte; o Colosso Romano, objecto do terror universal, já não inspira mais que desprezo, e os Povos selvagens da Europa derrubão em poucos annos aquelle Imperio a que não tinhão podido dar abalo o talento de *Annibal*, as forças da *Grecia*, o furor dos *Gallos*, a pertinaz destreza de *Mithridates*, e os innumeraveis exercitos de *Antioco*.

Cobre o mundo hum tenebroso véo; reinão nesses escuros séculos o Poder Sacerdotal e o Feudalismo sem opposição, e mutuamente se dilacerão nesta obscuridade. Súbito desencaminha o fanatismo e inflamma a *opinião* publica; em vão a prudencia, o interesse pessoal, a experiencia, e todos os sentimentos da natureza reunidos, se querem oppor a esta torrente; tudo cede á *opi-*

LLL 2

nião, o Occidente se precipita todo em pezo sobre o Oriente (nas Cruzadas) só com o empenho de plantar a *Cruz*, e de conquistar a terra em que estava hum tumulo que encerrára o Salvador. — Os poucos guerreiros que escapárão á morte, e sobrevivêrão a esta estrondosa empreza, trazem de *Constantinopla* á Europa alguns fulgores da antiga illustração. Renasce no Occidente a luz: ao seu clarão, procurão a verdade e a liberdade seus antigos titulos; dissipa-se a barbárie; começa de novo a civilisação; as Artes revivem; a tyrannia feudal abala; reconhecem os homens os seus direitos, e os reclamão; huma nova *opinião*, illustrada pelos escritos de todos os tempos, e que hum feliz descobrimento multiplica e diffunde pelo Universo, cria por assim dizer hum Mundo novo.

Esta *opinião* muda as leis, os interesses, as situações, os costumes: em vão a Authoridade, o Clero, a Magistratura, e a Nobreza lhe fazem opposição: huma voz universal se levanta, e diz: não queremos arbitrariedade, só queremos leis que para com todos sejão igualmente justas. Não queremos Despotismo, nem Demagogia, nem Impiedade, e muito menos Anarquia. Eis a boa opinião actual, e a que pode fazer felizes os Governos e os Povos.

Numero de Pobres nos diversos Paizes da Europa.

Mr. de *Villeneuve Bargemont* publicou ha pouco huma Obra sobre a estatistica dos pobres ou mendigos na Europa, a que deo o titulo de *Economia Politica Christã.* Nella calcula a população indigente da Europa em 10,897.333 individuos tirados de 226,455,200, que he a sua população total. Elle os distribuio do modo seguinte:

Inglaterra contém huns 3,900,000 pobres (mais de huma terça parte do total dos pobres de toda

a *Europa*!) sendo huma sexta parte da população total, que se faz de 23,400,000 almas. A população dada á Agricultura e ás Fabricas está na razão de 2 para 3; e a obra feita por maquinas excede a que farião 180 milhões de operarios.

Em *Londres* ha perto de 105 ℳ pobres, em huma população de 1,350 ℳ habitantes. Em *Liverpool* ha 27 ℳ em 80 ℳ habitantes. Em *Cork* 26 ℳ em 60 ℳ hab. Em *Sunderland* 14 ℳ em huma população apenas de 17 ℳ hab.

Em *Alemanha*, onde o emprego popular he principalmente na agricultura, ha huns 680 ℳ pobres, ou huma vigessima parte da população total (entende-se dos paizes que não entrão em dominio dos grandes Soberanos, pois esses entrão na respectiva Potencia á que estão sujeitos). A população agricola da *Alemanha* he tres vezes maior que a manufactureira.

Na *Austria* a proporção entre os pobres e a população geral he como 1 para 25, ou 1,280 ℳ pobres em 32 milhões de habitantes. Aqui a população agrícola he, comparada com a fabril, e manufactureira, na razão de 4 para 1.

A *Dinamarca* anda quasi a par com a Austria, sendo a proporção dos indigentes com a população tambem de 1 para 25, e o emprego na agricultura de 4 para 1 nas fabricas.

Nesta mesma proporção de pobres com a população (de 1 para 25) põe o A. o Reino de *Portugal*, dando-lhe em huma população de 3,530 ℳ almas 141& pobres; sendo o emprego agrícola cinco vezes maior que o das fabricas e officios &c.

Em *Hespanha*, em huma população de 13,909 ℳ almas são os pobres 450 ℳ, ou 1 por 30. A população agrícola comparada com a fabril he como de 5 para 1.

Em *França* ha obra de 1,600 ℳ pobres em 32 milhões de habitantes (e portanto em proporção maior que em *Portugal e Hespanha*), ou 1 por 20

individuos, e a população agricultora comparada com a mecanica ou manufactureira, he de 4 para 1. Porém todas estas proporções tomadas no todo, he bem certo que varião segundo as localidades, assim em *França* como em todos os paizes. Mr. *Villeneuve* dividio a *França* em tres regiões, ou zonas, de pobreza, contendo huma dellas, obra de 20 Departamentos, 10,062,769 habitantes em que entrão 770,626 pobres, mostrando que hum de treze são indigente.

Na *Italia* anda a proporção de 1 pobre para 25 individuos; sendo a população total da *Italia* de 19,044 $ almas, e 750 $ os pobres, e a proporção dos agricolas para os fabricantes como de 5 para 1.

A *Belgica* e a *Hollanda* andão quasi a par da *Inglaterra*; a proporção entre a população total e os pobres he de 7 para 1, e a dos fabricantes para os agricultores he de 3 para 2.

A *Prussia* contém 12,778 $ habitantes, 425 $ dos quaes são pobres, proporção de 1 para 30. A população agrícola comparada com a manufactureira he alli tambem de 5 para 1.

A *Russia* na *Europa* contém huma população de 52 milhões e meio de habitantes, em que tem 525 $ pobres, sendo a proporção de 1 por cento (Não se poderia melhor demonstrar a habilidade e sabedoria do seu Governo em huma serie de Soberanos illustres desde *Pedro o Grande* até ao actual, pois em 130 a 140 annos tem alli continuado hum tal augmento em tudo o que constitue hum grande Estado.) As fabricas na *Russia* estão ainda em muita desproporção com a agricultura, sendo como 1 para 14.

A população da *Suecia* (e *Noruega*) he de 3,860 $ habitantes, e tem 153 $ pobres, proporção de 1 para 25; e a dos agricultures para os fabricantes he como de 4 para 1 (como em *Portugal*.)

A *Suissa* tem huma população de 1,714 $ habitantes, e os seus pobres são 17 $.

Por este calculo se vê, 1.° que a pobreza dos diversos paizes não esta na porporção da riqueza total delles; porque sendo a Inglaterra a que possue maiores riquezas he a que tem maior numero de indigentes; 2.° que os paizes que tem mais gente empregada na Agricultura são os que tem menor numero de pobres; e que os que tem mais fabricas por maquinismo, occupando menos braços proporcionalmente ao melhoramento das maquinas, tem maior numero de indigentes.

LISBOA 1.° de Junho de 1835.

Reformas modernas na Turquia.

As pessoas que se persuadem, ou querem persuadir outras, que só em paizes onde rege o Governo Representativo se fazem grandes e uteis reformas e melhoramentos tem contra si toda a Historia antiga e moderna, que está indicando a cada passo, e em todos os paizes, que mais tem feito hum Homem de Genio á testa de hum Governo do que os mais bem combinados e filosoficos Governos representativos que se conhecem, se á testa do Executivo não estiver hum homem ou homens de talento e qualidades capazes de abranger e desenvolver tudo o que pode produzir boas reformas com o menor damno possivel dos interesses existentes. Quando lemos que em *Portugal* nada se fez antes da época actual, quando por outra parte achamos justamente louvada a antiga gloria e energia nacional, quando vemos pintar-se tudo negro, tudo escravo antes dos nossos dias, e louvar ao mesmo tempo e com razão o muito que se fez no reinado do Sr. D. *José I*, por meio do seu gran-

de Primeiro Ministro, admiramos a pouca coherencia em alguns dos escritos do tempo a este respeito: não pode isso ser ignorancia dos escritores, he esquecimento momentaneo, ou talvez proposito deliberado, para estimular o andamento e progresso das couzas que a indolencia, ou outras circunstancias, tinhão paralysado, sobre tudo desde o tempo da invasão de *Junot*, no que toca ás letras, e á industria e melhoramentos do paiz. O espirito de reforma, com a paz, diffunde-se por todos os paizes; e onde ella se faz com tino e moderação bem regulada, eleva a civilisação e a riqueza das Nações. Esta tendencia do Seculo nada tem com a forma dos Governos: se não bastasse a *Russia* para o provar, a *Turquia* o acabaria de demonstrar. Eis aqui o que se lê nos Periodicos Inglezes a este respeito:

» Durante o reinado de *Mahmoud* (o actual Sultão) tem-se abolido o estado e etiqueta que anteriormente absorvião todo o emprego da Corte e da Capital; todos os empregos inuteis do Serralho (Paço) forão fora. Tem-se introduzido em varias Repartições do Estado huma economia, que, consideradas todas as couzas, he admiravel. Tirou-se aos Bachás o poder de vida e morte. Os Christãos tem sido aliviados daquelles encargos e prohibições que d'antes os vexavão. Tem-se diminuido muito o numero dos Bachás. As rendas publicas, sem embargo de faltar o rendimento das contribuições da Grecia, Albania, Valaquia, Moldavia, e Servia, ha muitos annos; e as do Egypto, Syria, Candia, Bagdad, e ultimamonte de Ackhabzick, Kars, e Erzerum; e, em consequencia dos preparativos actuaes contra *Mehemed-Ali*, de Sivas, Malatia, Marash, Chorum, Diarbekir, isto he, de huma boa metade do Imperio, todavia estão em estado de fazer frente ás augmentadas requisições da nova organisação. — Os culpados politicos e os rebeldes não são meramente perdoados, mas ad-

mittem-se muitos delles á confiança segundo sua capacidade politica. — As Cadêias de *Constantinopla* estão vazias; já não ha cabeças na porta do Serralho. — Isto são factos, e elles não deixão de o ser por não se saberem na *Europa*. O Imperio tem superado as tormentas, tem completado sua reforma interna, e tem sido reforçadas as mãos do Governo, e augmentada a independencia do povo. " (O *Globo* de 17 de Abril extrahe este artigo de hum Folheto *sobre os Negocios do Oriente*.)

Em *Napoles* tambem se proseguem melhoramentos notaveis. Noticias daquelle Reino dizem que o Rei tem sido o primeiro em os promover; estende-se diariamente o espirito de associação, que he o meio de conseguir emprezas grandes. " Varias sociedades para promover a Agricultura, e vários ramos da Industria, e para por meio de Companhias de seguro assegurarem a propriedade, estão já formadas, e vão florecendo. Fazem-se preparativos em ponto grande para secar os pantanos, e limpar o Canal, ou *Emissorio* de *Claudiano*, que tem mais de huma legua de comprido, e tem estado entulhaho desde a morte do Imperador *Adriano*; o que está quasi acabado. Segundo hum folheto publicado pelo Cavalheiro *Bianchini*, o modo como a sciencia tem superado os maiores obstaculos a esta grande empreza se pode inferir de que 40 $ geiras de terra mui fertil se tem restituido á cultura; e todos os campos e Villas bem povoadas e industriosas que ficão em torno do Lago *Fucino* estão salvos de futura inundação. Hum Arquitecto estrangeiro orçou a despeza desta obra em 10 milhões de francos, e em 25 annos para se fazer; porém Mrs. *Rivera* e *Giura*, Napolitanos, a tem completado em menos de seis annos, e com o desembolso unicamente de 396 $ francos. " (*Morn. Her.* de 27 d'Ab.)

Noticias Politicas.

Londres 1.° *de Maio.* O *Herald* de hoje pu-publica huma carta do seu correspondente, datada de *Sarre* em 24 de Abril, em que lhe diz: " Posso hoje enviar-vos hum documento da mais alta importancia, nada menos que huma declaração da parte do Governo Francez de que d'ora em diante os *Rainhistas* " (*Queenites*, *Rainhistas*, he o nome que os Inglezes dão aos defensores da Rainha) " se devem prover de polvora, armas &c., pois que os arsenaes de *Bayonna* e *S. João de Pied de Port* estão exhaustos. *Orâa* ao receber a seguinte Nota ficou tão fora de si que deo a ler o seu conteudo a pessoa, que mo transmittio : fico pela sua authenticidade.

Do Tenente General Conde Harispe ao General Marcellino Orâa.

» *Bayonna* 20 de Abril.

» Senhor meu, — Assim que me fizestes saber a falta que tinheis de munição, eu me apressei em vos enviar a *Elizondo* 44 $ cartuchos, que então estavão á minha disposição no Arsenal de *S. João de Pied de Port*, e em virtude de huma ordem do Ministro da Guerra, tambem mandei se vos remettesse a *Cambo*, no dia 17 do corrente mez, 51,300 cartuchos. — Estas duas remessas, juntas a outras mais consideraveis, que se tem fornecido ao Exercito Hespanhol dentro de pouco tempo, tem tão essencialmente diminuido os provimentos do Arsenal de *Bayonna* e *S. João de Pied de Port* necessarios para a minha Divisão, que a prudencia me não permittirá que os diminua mais. He portanto com grande sentimento que me vejo obrigado a fazer-vos saber que, não tendo o Mi-

nistro da Guerra fundos á sua disposição para abastecer de novo os nossos arsenaes, eu não posso daqui em diante fornecer munições ao Exercito da Rainha, salvo em circunstancias mui urgentes, impossiveis de prever. — Vós tereis a bondade de fazer constar isto ao Commandante em Chefe, a fim de que para o futuro elle possa prover as armas e munições que precizar a guarnição de *Elizondo*, e outras guarnições que tenhais nas nossas fronteiras. — Recebei, &c. Conde *Harispe.*"

Idem 5 — Extracto de huma Carta de *Madrid* da 25 de Abril, publicada no *Morning Herald* de 5 de Maio:

» O ajustamento da Divida sem juro está agora para se discutir (no Estamento dos Procuradores), sendo applicados ao seu pagamento alguns dos bens da Igreja e dos nacionaes. Vós estais enganados em Inglaterra em suppor que a *Hespanha* tem declarado que a propriedade da Igreja he propriedade do Estado. Não ha tal; não se tem seguido similhante doutrina, e só se tem intromettido no que vou a dizer-vos: Os bens da Inquisição e os dos Jesuitas estavão já declarados confiscados; dos Jesuitas só ha huns 200 em Hespanha, metade dos quaes são leigos, e todos elles devem receber pensões vitalicias. A setima parte das terras dos Conventos. já dada á Coroa por huma Bulla do Papa, de 1784, tambem entra nesta conta, e está trabalhando huma Junta Ecclesiastica, que parece haver consultado que todos os Conventos que tiverem menos de doze conventuaes serão supprimidos, e seus bens irão para o Estado.

» O Conde de *Toreno* (o Ministro da Fazenda) está para casar com huma das mais guapas moças de *Madrid.* Digo huma das mais guapas, porque está na flor da idade, tem boa saude, e he rochonchuda; tem 22 annos; enviuvou depois de dois mezes de casada com o velho Marquez de *Vil-*

lamediana, chama-se Dona *Pilar Camarasa*; e he filha do Marquez de *Camarasa*, sobrinha da Duqueza de *Benevento*, e Prima do Duque de *Ossuna*, de modo que em suas veias tem o melhor sangue d'Hespanha; para supprir a falta de grande dote; e que he hum dote para o Ministro da Fazenda de Hespanha, que dentro de poucos mezes tanto tem feito por ajudar a Fazenda d'Hespanha, e a sua propria? Alguns dizem que o Conde he homem atrevido, ao passo que outros dizem que he *prudente*, pois que por esta união se põe a duas amarras; sendo o Marquez de *Camarasa* hum decidido Carlista, e hum dos poucos Pares (ou Próceres) que recusárão votar pela exclusão de D. *Carlos* e sua familia. Tendo na mão a Regente. e D. Carlos em vistas de futuro, considera-se o Conde fazendo jogo seguro, além de possuir huma guapa rapariga.

».... O povo aqui he louco no que toca á intervenção (a que repugna), se bem que todos os liberaes que bem discorrem, assim como o proprio Martinez da la Rosa, que disse (sabe Deos porque) não ser precisa, em seu coração conhecem que, se *Valdez* for mal succedido, não ha outro modo possivel de arranjar o negocio, e que só tem a escolher entre D. Carlos como Rei, ou a entrada de hum Exercito Francez [se lho concedessem]. Ao ouvir a sua declaracão contra o auxilio estrangeiro, suppor-se-hia que o Exercito da Rainha he poderoso, e que o povo está unido todo nos mesmos sentimentos; porém os Hespanhoes são sempre os mesmos, e não nos he precizo mais que abrir huma pagina da admiravel Historia do Coronel *Napier*, para termos hum retrato dos Hespanhoes do tempo presente, fallazes, vangloriosos, sempre batidos, e sempre dando-se por victoriosos, zelosos para com os seus amigos, e falsos huns para os outros, faltando a todas as promessas. Assim erão então os Hespanhoes, e assim são agora; posto que haja excepções.... *(Só os Inglezes não tem defeitos!)*

» Eu formo boa opinião de *Valdez* [de quem havia noticias até 20, quando marchava com todas as suas forças para *Vittoria*]. . . . A sua primeira Proclamação aos Povos da *Navarra* he mui energica. Eu faço bom juizo de parte deste documento; mas pessoas conhecedoras da *Navarra* me asseguræo que não fará a minima impressão. Officiaes experimentados que ultimamente tem servido em operações activas nas Provincias do Norte, dizem que lhe he inteiramente impossivel, mesmo com suas grandes forças actuaes, fazer decisiva impressão, huma vez que Zumalacarregui observe as mesmas precauções que até aqui tem tido, e se esquive a aceitar batalha quando elle lha queria dar. Já disto ha hum exemplo no primeiro passo de Valdez, o qual diz, " que julgando que os Carlistas estavão em força em certo sitio, fizera hum movimento combinado sobre ambos os flancos e o centro; mas quando chegou ao terreno não havia nem hum faccioso que se avistasse. " Valdez tem 30 $ homens, que são os apurados do recrutamento de 50 $, para as operações nas quatro Provincias. Isto he pouca força para obrar contra hum paiz hostil, e contra hum inimigo resolvido a não ter condescendencias. [Os ultimos successos o tem provado de sobejo.]

» Nada se tem feito sobre o reconhecimento dos dois Estados da *America* Meridional, cujos representantes se achão aqui. Ha quem diga que o negocio está deferido até se fecharem as Cortes, outros dizem que o Ministerio os ha de entreter até virem os Deputados dos outros Estados, pois he obvio o inconveniente de se fazerem ajustes parciaes. »

Eis aqui a Proclamação do General *Valdez* datada de *Victoria* em 18 de Abril, tendo tomado o Commando do Exercito:

» Habitantes da *Navarra*, e das Provincias Vascongadas, — Sua Mag. a Rainha Regente, em

nome de sua Augusta Filha, a nossa legitima Rainha, Isabel II, se dignou confiar de mim a geral direcção de todas as forças destinadas a restituir a paz ao vosso paiz, e de todas as que immediatamente as apoião no Aragão e na Castella. A minha missão he de huma natureza essencialmente pacifica, e depende só de vós o não a fazer perder o seu caracter. Sua Mag. deplora os males que vos tem longo tempo opprimido, e vê com profunda magoa os vossos campos manchados com o vosso sangue, a ruina de vossos bens, e a devastação de vossas casas. He indispensavel para vosso proprio bem, e para a tranquillidade da Nação de que formais huma piquena parte, promptamente pôr termo a huma guerra cruel e fratricida, que foi accendida entre vós por huns poucos de homens desmoralizados, em cujos olhos vossa destruição total he nada, com tanto que elles possão satisfazer a sua ambição, e saciar a sua sede de sangue e rapina. Repito que he indispensavel pôr termo a esta fatal guerra, e restituir-vos aquelles dias de socego e felicidade que erão vossos antes de a perfidia e a traição vos privarem delles. Tal he, habitantes da Navarra, a nobre tarefa que S. M. me ha confiado, e que heide cumprir a todo o custo. Ha muito conhecido de vós, por experiencia conheceis que sou humano e indulgente; porém se he verdade que eu sempre estou prompto a seguir o natural impulso do meu coração, eu tambem igualmente estou prompto a sacrificallos sem hesitar aos deveres que me impõe a missão de que estou encarregado.

» Sua Mag., em sua inexhaurivel clemencia, concede pleno e absoluto perdão, e desde este momento colloca debaixo da protecção das leis, e das Authoridades incumbidas de executallas, todos aquelles individuos sem excepção de classe ou pessoas, que, no espaço de quinze dias, abandonarem as fileiras dos rebeldes, e se apresentarem com suas

armas perante os Officiaes que commandão as Divisões, Brigadas, e Corpos que compõem o Exercito de operações, ou ao Commandante da praça onde haja guarnição. Sua Mag. tambem remitte as penas corporaes annexas ao crime de rebelião, a todos aquelles que se renderem desarmados ás authoridades acima mencionadas. Espera S. M. que os pais, as espozas, os parentes, e os amigos daquelles a quem força ou seducção tem arrastado ás fileiras rebeldes, se darão pressa em lhes fazer constar esta nova prova da sua maternal sollicitude, exhortando-os a não deixarem perder este ultimo meio de segurança que se lhes offerece, e não duvida S. Mag. que os povos hão de corresponder a ella satisfazendo sua gratidão com huma mudança de conducta; porém se dentro do prescrito prazo se não submetterem, declaro do modo mais positivo, que desde esse momento entregarei sem reserva ás chammas tudo o que pertence aos habitantes de certas aldeias, que de ordinario servem de refugio aos rebeldes, onde achão criminoso acolhimento, e novos recursos. Em todas as occasiões respeitarei as pessoas e a propriedade daquelles habitantes que se retirarem para as praças onde ha guarnições, ou para as Provincias socegadas. Esta medida he penosa; mas quando o bem da nossa Patria clama, devem calar-se todos os sentimentos de humanidade. O *incendio de Moscou* salvou a *Russia*. (*Forte comparação!*)

» Habitantes da Navarra e das Provincias Vascongadas, eu vos trago perdão e paz, ou perseguição e exterminio: a escolha depende de vós. Se livres das illusões com que os verdadeiros inimigos da vossa felicidade vos enganão e extravião, vós rejeitardes suas perfidas instigações, e fielmente vos unirdes a mim para o restabelecimento da ordem legal e da legitima obediencia na vossa Patria, tal como a gozão as outras partes da Monarquia, vós encontrareis apoio e protecção em mim,

e hum amigo e defensor em cada hum daquelles que servem debaixo das minhas ordens. Se pelo contrario persistirdes em vossa fatal cegueira, e rejeitardes o offerecimento que vos faço em nome da Rainha nossa Senhora, com o sincero desejo de restabelecer a vossa felicidade e futuro bem, eu serei inflexivel no meu dever, e não desprezarei meio algum de o desempenhar, por mais rigoroso que seja. Abandonai as vãs esperanças com que tendes sido embalados por aquelles que pretendem levantar sua fortuna sobre a vossa ruina, Lançai os olhos para as outras Provincias, que, na Peninsula e além dos mares, compõem a vasta Monarquia d'Hespanha, e vereis a felicidade e nova existencia que desfructão debaixo do pacifico Governo da vossa legitima Rainha, situação feliz garantida pela união de sentimentos contra os quaes os vossos limitados recursos jamais podem prevalecer. Ponha-se pois hum termo á luta, tão desigual como desastrador para vós. As nações da Europa a contemplão com horror e indignação; ellas se interessão em seu prompto termo, e as mais poderosas dellas, como a França e a Inglaterra, estão unidas á justa causa da Rainha nossa Senhora, pelo mais sincero e solemne Tratado que ellas estão resolvidas irrevogavelmente a sustentar. A benignidade de S. Mag. he o vosso unico recurso; invocai-o com confiança; eu vo-lo offereço com sinceridade em seu Real nome. — Dada no Quartel General de *Victoria* aos 18 de Abril de 1835. = [Assignado] *Valdez*, Ministro da Guerra. » *(Morn. Her. de 4 de Maio.)*

No Morning Herald de 7 de Maio se lê o seguinte em hum Artigo de *Baionna* 30 de Abril. — *Proclamação dirigida por Zumalacarregui ao seu Exercito, ao ter* Valdez *succedido a* Mina *no Commando do Exercito.*

» Valerosos Soldados que pelejais debaixo das minhas ordens, — Não he, como em outros tem-

pos, para despertar em vossos corações generosos a resolução de morrer pela mais santa das causas, que a voz do vosso General deseja agora ser ouvida em vossas fileiras. Os campos da *Navarra* e das Provincias Vascongadas, tantas vezes regados com o vosso nobre sangue, assaz altamente proclamão vossa gloria, para dispensar qualquer nova invocação ao vosso valor, lealdade, e fiel adhesão aos imprescriptiveis direitos de Carlos Quinto, nosso amado Rei. Regozijemo-nos, meus caros Camaradas! o Deos das Batalhas véla sobre nós. Nunca foi o seu favor mais evidente e brilhante que neste mesmo momento. Nós eramos fracos, elle nos fez fortes; nós eramos tímidos, elle nos fez affoutos, e emprehendedores; escutavão-se aqui e alli algumas vozes destacadas, elle unio nossos debeis clamores, e os converteo em huma immensa e poderosa voz. Porém se a sua poderosa mão nos conduzio de triunfo em triunfo, se elle nos habilitou a subjugar o orgulho de *Saarsfield*, bem como o do detestavel *Quesada*, e de hum *Rodil*, coroado em *Portugal* com baratos louros, elle tambem nos quiz experimentar, e claramente provar á *Europa*, que nós, os defensores da legitimidade, eramos verdadeiramente dignos da victoria que elle nos preparava. Elle contra nós levantou hum *Mina!* *Mina*, o unico que podia fazer contra nós incerta a victoria, ou o que podia deter na borda do abysmo o vacillante throno da debil Menina que a mesquinhez e o crime pretendem dar-nos por nossa Rainha: *Mina!* que á actividade, firmeza, e grande pericia militar unnia gigantesca fama; e tinha, de mais a mais, sangue da *Navarra* em suas veias. E com tudo, ei-lo removido! Oxalá sua queda abra os olhos de seus insensatos partidistas, converta seus illudidos animos, e ensine a todos os Hespanhoes, que o valor e a gloria não bastão para fazer triunfar a iniquidade, e que todos se devem curvar diante da justiça e da vontade de Deos.

NNN

» Soldados! — Vós estais já scientes de quem he o homem que ousa tomar sobre si hum cargo de pezo demaziado para *Mina;* he *Valdez*, que anciozo de se desforrar de sua primeira derrota, está decretado para a ignominia de segunda.

» Soldados! — De hoje em diante a victoria he nossa. Nós podemos saudar a aurora de hum reinado destinado a restabelecer em nossa amada patria aquella paz que ha tanto se necessita. Então, ufanos de havermos feito feliz a *Hespanha* em possuir como seu Rei o melhor e o mais sábio dos Principes, ser-nos-ha permittido depor as nossas armas, e voltar ás nossas familias, saudado cada hum de nós com estas agradaveis palavras: "Aqui está hum *bravo;* servio no Exercito da *Navarra!*"

» Viva Carlos Quinto! Victoria ou morte he a devisa do vosso General em Chefe.

Thomás Zumalacarregui. "

(Os curiosos poderáõ julgar qual dos dois Generaes foi mais eloquente.)

O *Memorial de Pau* do 1.° do corrente dá a seguinte relação da entrevista de Lord *Elliot* com D. *Carlos*: — " Domingo de Pascoa foi o Pretendente a *Segura*, onde achou o Enviado Inglez e a sua comitiva. Na Terça feira déo D. *Carlos* a S. S.ª hum grande jantar; a meza foi abundante, e até se servirão alli sorvetes. Passou-se revista a quatro batalhões Carlistas, e Lord *Elliot* admiróu sua boa ordem, e ar marcial, não obstante o mao estado de seu fardamento. O General *Erazo*, e os outros Chefes do Exercito Carlista jantárão na Quartafeira com o Enviado, o qual partio no dia seguinte para *Alsama*, e devia seguir dalli para *Pamplona*. Tudo o que Lord *Elliot* tem a fazer he obter a assignatura do General *Valdez* na Convenção estipulada. Ha porém huma questão de formalidade que primeiro se devé decidir. D. *Carlos* poz a condição *sine qua non* de que a Convenção se não fará em nome de *Isabel II;* e como sem duvi-

da os Christinos farião igual opposição a fazer-se em nome de *Carlos V*, propoz-se *(e assim se veio a fazer)* que só se uzaria dos nomes dos dois Commandantes em Chefe; e seus nomes se porão hum á direita e outro á esquerda de huma das copias, e o contrario na outra, de modo que exclua a minima apparencia de primazia de qualquer dos dois. "
(Estas circunstancias não são indifferentes para a Historia do tempo. Aquelle General a 18 de Abril proclamava levar o fogo e a morte ás terras da *Navarra* que não se lhe submettessem, e em menos de oito dias se vê obrigado a assignar huma Convenção em que elle proprio se obriga, como o seu Opponente, a não cumprir seus ameaçados estragos; e o peor he que a sorte da guerra até o expulsou da propria *Navarra!* E por fim, segundos os Periodicos de *Madrid* já nos disserão elle se dimittio, entregando o Commando ao seu immediato, D. *Evaristo de S. Miguel*, que mal poderia reparar tantos desastres.)

Londres 8 de *Maio* — Cartas do *Havre* dizem que Mr. *Livingston* tinha partido para os *Estados-Unidos* abordo da Fragata *Constituição.*

Noticias recentes da *Prussia* dizem que o Principe da Coroa irá em breve a Stettin, para formalmente resignar o Commando em Chefe da Provincia da *Pomerania*, em que se presume será seu successor o Principe *Guilherme* seu irmão immediato. O Irmão do Rei, Principe *Guilherme*, terá o Commando em Chefe na *Silesia*, onde possue dois grandes morgados.

Hum correspondente de *Paris* (do *Herald*) que refere, em data de 6, varias particularidades á cerca das duas primeiras sessões do celebre *processo monstro* na Camara dos Pares, diz que não assistem a elle os Marechaes *Soult*, e *Gerard*; faltou o Marechal *Grouchy*; estavão ausentes os Marechaes *Moncey* (Duque de Cornegliano), *Oudinot*, e *Victor* (Duque de *Belluno*). O primeiro

(diz) bem sabeis que tem decidida aversão ás funcções judiciaes, tendo recusado assistir ao processo do Marechal *Noy*; o segundo tem pouca saude. Entre os Pares ausentes ha muitos Carlistas (devotos de *Carlos X*); mas ha muitos mais entre os que assistem ao processo, entre os quaes tambem se achão muitos *Imperialistas* (devotos de *Napoleão*); como são Macdonald, Oudinot, Molitor, e Lobau, e os Generaes Klein, Rielle, Rampon, Claparede, Molliere, Bourke, Dejean, e Pajol; bem como os Duques de Massa, Placencia, e Bassano, o Marquez de Semonville, o Barão *Luiz*, &c. [A primeira sessão do Processo foi no dia 5, e a segnnda no dia 6 do corrente Maio.]

Extracto das folhas recebidas de Londres até 20 de Maio.

Londres 15 de Maio. — Pelos papeis Alemães recebidos ultimamente sabemos que existe grande actividade diplomatica em Vienna, e que ha huma rapida troca de correios entre as Cortes d'Austria, França, Inglaterra, e outros paizes. Dizem que se meditão importantes questões politicas; mas julga-se que a mais immediata e urgente causa desta actividade diplomatica he alguma determinada intervenção das Grandes Potencias nos negocios d'Hespanha.

He agora mui evidente que, se se tentar pôr em vigor o Tratado da Quadrupla Alliança, insistiráõ as Potencias do Norte no seu proprio plano de intervenção. Se tal for, a contenda da Hespanha será provavel se torne em huma conflagração de guerra geral Européa. Provocaráõ os Governos de França e Inglaterra hum tal estado de couzas? Julgamos que não. Porém a hum plano razoavel de intervenção *mediatoria* não pode haver objecção alguma. *(Morn. Herald.)*

O mesmo *Herald* de 15 diz que o *Diario de Roma* annuncia que na Quintafeira de Endoenças o Ex-Infante D. Miguel tinha assistido na Igreja Parroquial de Santa Maria, e cumprido as suas devoções com muita edificação do grande concurso alli attrahido pela solemnidade do dia.

Idem 16. — Pelos papeis Alemães temos noticias de Vienna d'Austria até 29 de Abril, de que extractamos o seguinte: " Sabe-se que a partida do Conde d'Orloff foi mais apressada pelas ultimas occorrencias de Inglaterra, e deve conceber-se que as vistas do nosso Gabinete a respeito da marcha dos successos na Inglaterra deve ser esperada com impaciencia em S. Petersburgo. He evidente que isto deve tender ainda mais a confirmar a alliança entre as tres Potencias, e a prova mais conveniente disto se vio na delicada attenção demonstrada ao Conde d'Orloff, assim como tinha antecedentemente acontecido com o Principe Guilherme de Prussia, que com tanta rapidez tinha vindo dar os pezames pela morte do ultimo Imperador. A maneira porque o Conde foi tratado na sua ultima audiencia, segundo vogava nos mais altos circulos, foi a seguinte: — Ao despedir-se o Conde, depois de ter recebido a Grã-Cruz de Santo Estevão, o Imperador se aproveitou de hum dos ultimos momentos para lhe asseverar a mais sincera amizade e a mais estreita alliança com o seu Soberano, e o despedio com provas da mais elevada estima pessoal. O Conde d'Orloff foi então conduzido a S. M. a Imperatriz, e não ficou pouco admirado de encontrar de novo o Imperador, que tinha ido diante delle pelos quartos interiores, e lhe repetio as mais amigaveis seguranças para com o Imperador, com mui lizongeiras expressões para o mesmo Conde, que, suprehendido por esta delicada attenção do Imperador, patenteou com muita emoção o seu agradecimento; e tudo authorisa a esperar que a

Alliança para a salvação e conservação dos Thronos se tornará cada vez mais consolidada, unica barreira contra os effeitos da Democracia. »

As noticias da Polonia mostrão que o Governo Russiano continúa sem interrupção as fortificações daquelle paiz. Annunciāo tambem que esperão o Imperador Nicolao em Varsovia, depois da sua volta de Moscow, para onde acabava de ir.

Lord Elliot conseguio por occasião da celebração da Convenção na Hespanha, que Zumalacarregui não fizesse fuzilar alguns Christinos prizioneiros, e que Valdez posesse em liberdade alguns Carlistas; (incluindo algumas Senhoras), que se achavão prezos ha muitos mezes sob varios pretextos.

A Gazeta de *Carlsruche* diz se faz recrutamento com grande actividade na Baixa Austria.

O nosso correspondente nos envia de Aranaz em datta de 10 deste mez o seguinte Officio do General Serasa ao General Eraso:

» *Guernica* 2 de Maio, — Meu caro General, — Os cadaveres do inimigo que já reunimos, incluindo os affogados sobem a 400. Os restos da divisão de Iriarte tomárão a direcção de Lequeitio e de Durango. A gente bloqueada no Convento de *la Merced* pertence ao 3.° d'Infanteria ligeira, e são 400 homens. Hontem escrevi ao Commandante deste Corpo, intimei-lhe que se rendesse, e hoje o Deputado Miguel dirigio outra carta para o mesmo effeito ao seu amigo Bascaren, hum dos Chefes; mas sem resultado; pelo contrario esta tarde fusilárão hum official pertencente ao 5.° de Caçadores. He minha intenção dirigir huma Nota official ao Commandante, pedindo-lhe que deixe sahir as Freiras do Convento, por estar na firme resolução de lhe deitar fogo. — A artilheria tomada ao inimigo são tres peças, huma tomada por mim, outra pela divisão de Guipuscoa, e a terceira, que se tirou do rio, onde havia sido lançada

pelo inimigo. Não posso ainda avaliar a perda do inimigo; a cada passo me trazem prizioneiros; e por esta razão não posso enviar hum boletim circunstanciado. O espolio he consideravel. Hoje encontrámos 14 feridos em hum casal vizinho desta Cidade: o numero destes infelizes deve ser immenso em comparação dos mortos. — (Assignado) Sarasa. "

Segue-se hum officio do General Carlista ao Commandante Christino encerrado no Convento, pedindo-lhe que, pelas leis da honra e da humanidade permitta a sahida das Freiras para não ficarem expostas aos casos da guerra. — Não foi incendiado o Convento, por chegar huma forte Divisão dos Christinos, retirando-se os Carlistas por serem muito inferiores em numero.

O mesmo correspondente diz que os Christinos abandonárão Estella, que os Carlistas occupárão no dia 5, encontrando algumas peças e muitos viveres Tambem diz terem-se passado muitos Christinos para o Exercito Carlista; e que os Christinos reduzirão a cinzas a Cidade de Guernica.

Idem 19. Em cartas de Berlim de 5 de Maio se diz que o Imperador Nicolao, depois da sua proxima visita a Varsovia, voltará a S. Petersburgo, e subsequentemente irá ao Campo de Kalisch, acompanhado por seu filho mais velho o Grã-Duque Alexandre. O Rei de Prussia, com muitas pessoas de distincção, alli se hade achar para ver o interessante espectaculo militar, e comprimentar os dois Principes. O Campo de Kalisch será portanto mui brilhante. Tratar-se ha tambem de objectos politicos muito importantes.

Sabemos por cartas de Bayonna de 3 do corrente, que, passando revista ás tropas em Logronho o General Valdez, dois Regimentos declarárão que jamais voltarião á Navarra Pertencião á Divisão do General Cordova, e havião soffrido muito no ultimo ataque de Zumalacarregui. *(M. Herald.)*

No P. S. de huma carta ao *Herald* lhe diz o seu Correspondente de Paris em data de 18, entre outras couzas, que " os Fundos baixárão alli em razão *de noticias recebidas da mais alta authoridade em Londres de que o Ministerio (Inglez) se acha em seu ultimo parocysmo.* "

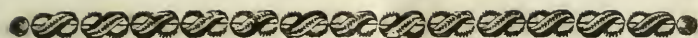
Esta, e outras noticias sobre os negocios de Hespanha menos positivamente provados, só o tempo os fará saber ao certo. Parece o he a tomada de Bilbao pelos Carlistas no dia 17 de Maio, e assim mesmo cumpre nos refiramos a officios, posto que desgraçadamente os revezes se encadeião.

O Parlamento abrio-se no dia 12, e continua a Sessão.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.° 137 ; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1 ; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112 ; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXI.

Biografia de D. Manoel de Godoy, Principe da Paz, raro predilecto, ou Valido da Fortuna, e causa de grandes males na Peninsula.

D. *Manoel de Godoy*, Principe da Paz, Duque de Alcudia, (e Conde de Evoramonte em Portugal), Ministro d'Estado do Rei d'Hespanha Carlos IV, e Generalissimo dos seus Exercitos, nasceo em *Badajoz*, sendo de huma familia distincta, mas pobre, em Abril de 1764. Passou a Madrid muito novo, com seu irmão mais velho *D. Luiz*: ambos tinhão qualidades agradaveis, e D. Manoel principalmente parecia proprio para figurar como hum desses heroes de grandes aventuras. Gentil, e bem parecido, reunia a isso boas maneiras, e hum ar que prevenia o bom acolhimento. Estas qualidades exteriores erão acompanhadas de grande facilidade em se explicar, e da prenda de cantar bem ao som da viola. Como os dois irmãos tinhão ido á Capital para melhorar de fortuna, começárão frequentando alli os Cafés, ou lojas de bebidas, em que se travão ás vezes em Madrid

conhecimentos uteis, e não tardou que fossem introduzidos nas mais brilhantes companhias. Tendo finalmente achado protectores poderosos, forão admittidos na Guarda *de Corps*; mas o soldo dos soldados era só de oito vintens por dia (30 pesetas por mez), e custava-lhes muito a passar só com isto. Aquelle que ao depois veio a ter milhões de renda, que habitava hum magnifico palacio, que foi condecorado com os titulos mais pomposos, que governou despoticamente nas quatro partes do Mundo onde quer que a Hespanha dominava, e que veio a estar aparentado com Reis, este Valido poderoso, não tinha naquelles primeiros tempos muitas vezes por alimento mais que hum pão, ou o modico jantar de hum estalajadeiro caritativo, que lhe dava esse jantar em troco de algumas *seguidilhas*, que Manoel lhe cantava ao som da viola. Elle mesmo se vio muitas vezes obrigado a ficar na cama á espera que lhe lavassem a roupa que usava, por não ter outra. Seu irmão D. Luiz estava melhor; tinha tomado conhecimento com huma Dama da Rainha, que o soccoria. Esta Dama, vendo a vida monotona que, segundo o costume da Corte d'Hespanha, passava sua Augusta Senhora, julgou lhe daria satisfação em lhe annunciar o talento que D. Luiz tinha de tocar viola, e com isto lhe moveo o desejo de ouvir o seu protegido. Foi este recebido, ouvido, e tão bem acolhido que os cortezãos, furões das sallas do Paço, não entrárão em duvida de que o Musico em breve faria grande fortuna. Entretanto D. Luiz logo se lembrou de seu irmão, a quem muito amava, e cuja penosa situação mui bem sabia. Hum dia em que a Rainha applaudia, mais que de ordinario, o seu talento, D. Luiz se animou a dizer-lhe: » Ah Senhora! que diria V. Mag. se ouvisse meu Irmão! " No outro dia, e por ordem expressa da Princeza, foi chamado, e se lhe apresentou o Irmão; eclipsou este o mais velho,

o qual não voltou mais ao quarto da Rainha; porém D. Manoel senão esqueceo delle ao depois, e amplamente proveo á sua commoda existencia. Desde as primeiras visitas do joven *Godoy* mostrou a Rainha decidida predilecção para com elle, o que lhe provou com presentes de valor por muitas vezes. Tudo na Corte obedecia cegamente a *Maria Luiza*, para com a qual o Rei tinha huma condescendencia não vulgar, e muito menos entre os Principes: ouvindo continuamente gabar o talento musico do joven Guarda do Corpo, quiz tambem o Rei ouvir *Godoy*, e unio seus louvores aos da Rainha, e mais pessoas que o escutárão; fez lhe varias perguntas, a que elle respondeo com destreza e felicidade, com applauso dos Cortezãos, e maior ainda do Rei.

Desde então *Carlos IV* ficou como encantado de *Godoy*, cujo ascendente tãe funesto veio a ser aos seus vassallos e á sua pessoa. Pouco tempo depois se vio passar D. Manoel de simples Guarda a Major do Regimento da Guarda do Corpo, de que o Rei era Coronel. Este favor, e a elevação a que depois chegou, tudo em grande parte deveo a huma circunstancia assaz futil. Picada a Rainha do dito da Duqueza d'Alba, de que tendo tanto por onde escolher, fosse proteger hum homem que não valia mais que huma peseta, (alludindo ao Soldo que tivera *Godoy*) respondeo: " Pois bem; farei elevar *Godoy* tão alto que os maiores Senhores esperem suas ordens na sua salleta. " Teve palavra; e foi a fortuna de *Godoy* tão rapida como extraordinaria. No seguinte mez foi nomeado Conselheiro d'Estado.

Tendo rebentado a Revolução Franceza, não julgou a Hespanha dever unir-se aos outros Soberanos para a conter. Porém quando o Rei soube que o Chefe da sua Familia estava cativo, e que o hião pôr em processo, entabolou negociações com a Convenção Nacional a fim de salvar os dias do

desgraçado *Luiz XVI*. Não se fez caso de suas reclamações, e então se decidio a Hespanha a lançar mão das armas. Fez-se Conselho para discutir esta importante questão: o Conde de *Aranda*, então Ministro d'Estado, se mostrou inclinado á paz, allegando a penuria do Erario e o mao estado do Exercito. *Godoy* pronunciou-se pela guerra, e fez prevalecer a sua opinião com razões assaz plausiveis. O Ministro respondeo ao joven Conselheiro com azedume, e com alguns motejos, que desagradárão summamente ao Rei. *Aranda* percebeo isto, e voltando a sua casa, partio logo para Aragão pela posta, retirando-se ás suas terras.

Comtudo a guerra se não declarou logo, o que foi hum grande erro em politica, e tanto mais quando aquelle momento era favoravel para huma invasão em França; porque os Republicanos quasi nenhuns soldados tinhão no Sul da França; e se tivessem sessenta mil Hespanhoes passado os Pyrennéos, e fossem coadjuvados do lado do Norte pela Prussia e pela Alemanha ao mesmo tempo, he indubitavel que os Republicanos terião succumbido. Porém por huma parte huma incomprehensivel inercia, e pela outra ataques mal dirigidos, derão aos ultimos todo o tempo de formarem exercitos poderosos, e de os enthusiasmarem de tal sorte, que ao correrem ao combate estavão quasi seguros da victoria.

A 15 de Dezembro de 1792 foi entregue a *Godoy* a Pasta de Ministro dos Negocios Estrangeiros, (tinha 28 annos) com o titulo, nada menos de Duque de *Alcudia*, e com huma porção de terras que rendia 200$ cruzados. A Nação vendo encher de tão altos favores hum homem até então ignorado, que não tinha mais talentos que ousadia e memoria, concebeo desde este momento tal odio para com elle, que nunca affrouxou.

Entretanto hia Lniz XVI padecer o golpe de sua final sentença: propoz então a Hespanha novas

negociações, ás quaes nem sequer quizerão dar attenção. A tragica morte de Luiz XVI ainda não decidio a Hespanha á guerra; passou se todo o tempo em preparativos, e passou pelo desar de a França ser quem primeiro a declarou, a 7 de Março de 1793. Ligou-se a Hespanha com a Inglaterra, e pedio a Portugal o contingente dos Tratados, indo deste Reino 6$ homens, commandados pelo General *Forbes*, para a auxiliar juntos ao Exercito da Catalunha, e que tantas provas derão alli do seu valor. — O General Hespanhol *Ricardos* bateo os Francezes, e os repellio até Perpinhão; mas na campanha seguinte forão batidos os Hespanhoes, e o seu General, o Conde da *União*, pereceo na batalha de Figueiras a 20 de Nov. de 1794. — Entretanto o Ministro, querendo continuar a guerra, levantou novas tropas, augmentou tributos, e nomeou D. *Francisco Urrutia* para General do Exercito, o qual tomou a offensiva, bateo os Republicanos, e por huma excellente manobra hia cercar o exercito Francez, quando *Godoy* se decidio a fazer a paz, a qual se concluio em *Basiléa* em 22 de Julho de 1795, com a ignominia notabilissima de a Hespanha não contemplar nella o seu alliado Portugal, que tão generosamente lhe havia prestado poderoso e mui efficaz auxilio.

Godoy recebeo em recompensa desta vergonhosa Paz o titulo de *Principe da Paz*, foi creado Grande d'Hespanha da Primeira Classe, foi-lhe conferida a Grã-Cruz da Ordem do Tosão d'Ouro, e a mercê de novas terras, as quaes reunidas ás que já possuia lhe davão huma renda annual de 800$ cruzados, a fora o ordenado de Ministro.

Não contente de se ter separado tão desabridamente da Alliança, assignou a 19 de Agosto de 1795 com aquella mesma Convenção Nacional que tinha assassinado juridicamente o Chefe dos *Bourbons*, hum Tratado de Alliança defensiva e offensiva, de que elle se não soube aproveitar, e de

que a Nação soffreo todos os encargos. O Exercito confiado a Chefes sem experiencia, mas protegidos pelo Ministro, se hia desorganisando; a Marinha perecia; os soldados sem receberem soldo o mais do tempo; pedião inutilmente pão cinco mil marinheiros: o dinheiro, junto por meio de contribuições onerosas, para occorrer a estas urgentes precizões, passava em grandes sommas á mão da Rainha, que dispunha delle a seu bel prazer, e presenteava o Valido: os mais habeis Generaes de terra e mar, ou estavão em desagrado, ou em desterro, por não terem querido submetter-se ao jugo do despotico Ministro; e á proporção que de todas as partes se manifestava o geral descontentamento, hia o Valido adquirindo mais influencia e poder para com seus Amos, que accusavão a Naçao de ingrata, por não ver em *Godoy* hum perfeito e leal Hespanhol, e hum grande homem d'Estado.

Vindo a Inglaterra a ser inimiga da Hespanha pela alliança desta com a França, interceptou as suas communicações com a America, e anniquilou o seu commercio. Entretanto que em toda a parte se observava huma miseria geral, as alfaias e condecorações do vasto Palacio de *Godoy* custavão exorbitantes sommas; seus subterraneos estavão atulhados de immenso dinheiro e barras de ouro e prata: *Godoy* enganando o Rei, e a Rainha, dominaudo sobre quasi toda a Familia Real, desprezando as justas queixas da Nação; ambicionava novas grandezas e mais riquezas, e passava o tempo no meio do luxo e da sensualidade.

O Principe das Asturias (depois *Fernando* VII) tambem devia passar pelo jugo do orgulhoso Valido; sustentado porém pelos conselhos do seu Ayo e Mestre o Conego *Escoiquiz*, nunca o Principe se curvou diante de *Godoy*, e muitas vezes em dias de ceremonia lhe vedou a entrada no seu quarto. O Infante de Parma (depois *Luiz I*, Rei da *Etruria*) mostrou-se mais condescendente. Tendo vin-

do a Madrid para se desposar com sua prima a Infanta D. Maria Luiza, parece lhe derão a entender que, se quizesse conservar a affeição da Rainha, devia ser amigo de *Godoy*. Sujeitou-se pois, esquecendo-se da sua dignidade, e mais de huma vez se vio hum Neto de Henrique o Grande pegar no estribo do Valido, que recebia esta honra com a indifferença de hum louco orgulho.

Ministro de hum Rei de costumes puros e austeros, *Godoy* se dava á libertinagem com repugnante impudencia. Suas audiencias muitas vezes erão só pretexto para fazer novas conquistas, e satisfazer seus lubricos fins. Publicamente se dizia que os lugares mais honorificos e mais lucrativos só se obstinhão pelas mulheres galantes, que não erão avaras de seus favores para com *Godoy*. — Além das concubinas que sustentava, tinha huma como effectiva, victima de sua nimia confiança, que era D. *Josefa Tudó*, filha de hum antigo Militar, que tinha ido a Madrid requerer remuneração de seus longos serviços; não tendo podido obter huma audiencia do Rei, derão-lhe de conselho que a mandasse pedir por sua filha ao Principe da Paz (que estava sendo Chefe de todos os Ministerios): ella a obteve assim que se apresentou em companhia de seu pai, o qual foi nomeado Almoxarife do Palacio e tapada do *Bom Retiro*. — Era D. *Joséfa Tudó* huma das mais lindas moças d'Hespanha, e tal paixão concebeo por ella *Godoy*, e tanto ella lhe resistio, que se vio obrigado a casar com ella occultamente. A Rainha, que trazia espias a *Godoy*, foi logo informada disto, o que deo lugar a violentas contestações; o Valido fallou em tom pouco respeitoso, e lembrou á Rainha, que, se meditasse desgraçallo, ou fazer o menor mal á *Tudó*, elle conservava cartas de seu punho, que a poderião deitar a perder para com o Rei, que tão escrupuloso era em materia de bons costumes. A Rainha se vio então obrigada a disfarçar, e a devorar

em silencio o seu desgosto. Parecerá estranho que o Rei sempre estivesse na ignorancia dos escandalos que se passavão no seu Palacio, e que sempre desprezasse os avisos que secretamente lhe davão do comportamento do Valido. Porém *Godoy*, além da summa confiança de *Carlos IV*, tinha contra os seus compatriotas huma poderosa defeza no Governo Francez, que o protegia, porque elle annuia a todas as suas requisições.

Depois de ter feito rosto a todas as classes do Estado, elle se oppoz até ao Chefe da Igreja. *Pio VI* lhe tinha mandado remetter pelo seu Nuncio, em 1797, huma Nota official, em que o Pontifice pedia a protecção do Rei de Hespanha a favor da Religião Catholica perseguida em França. O Ministro *Godoy* respondeo a Sua Santidade por hum escrito impresso, em que vituperava ao Papa ter violado o armisticio com os Francezes, e em tom quasi de zombaria o convidava a desapegarse dos bens deste mundo, e a tratar só da sua pessoa: o que vinha a dizer, que *Pio VI* devia ver tranquillamente apoderarem-se os Francezes dos Estados da Igreja, sem mesmo se atrever a queixar-se. Este escrito poz em movimento toda a Capital; *Godoy* temendo funestos resultados, fez desapparecer todos os exemplares, e não se fallou mais nisso. Teve depois sua desavença com o Santo Officio; fez que este soltasse hum Guarda do Corpo prezo por hum crime contra a honra e contra a Religião, e até exigio o processo para se queimar.

Sempre depravado, na viagem que o Rei fez a Andaluzia, travou conhecimento com huma joven pessoa pertencente a huma familia cujos individuos erão todos militares, e que parecia serem pouco soffredores. Para occultar o resultado do seu galanteio, obrigou hum tio seu velho, Official de 72 annos, a casar com a sua nova victima, que não vira o seu esposo antes do dia do

casamento. Consumida de desgostos, opprimida de maos tratamentos do marido, esta joven infeliz morreo depois em horriveis convulsões.

Não tendo podido, como o desejava a França, determinar Carlos IV, que pela primeira e unica vez d ixou de deferir aos conselhos do Valido, não tendo podido, digo, determinallo a declarar a guerra a *Portugal*, sahio *Godoy* do Ministerio, reservando com tudo o poder de governar todos os Ministros. Foi substituido por D. *José Saavedra*, homem probo e illustrado, o qual quiz mudar a administração, e oppor-se ás dilapidações de toda a qualidade que havia; mas foi atacado de subita enfermidade, que se julgou effeito de veneno, e depois de longa doença sahio da Corte. — *Urquijo* foi o seu successor. Este novo Ministro, creado em Inglaterra, mostrava pender a favor deste Gabinete. Isto desagradou ao poderosissimo Principe da Paz, assim como a protecção que parecia a Rainha dava a este novo Ministro: *Urquijo* cahio no desagrado, e *Godoy* fez dar a pasta ao General *Cevalhos*, amigo seu, e seu parente. — *Carlos IV* não se esquecia do seu Valido: elle o nomeou Grã-Cruz da Ordem de Carlos III, e da de Malta. Pelo que lhe respeitava, a Rainha sempre conservava para com *Godoy* huma predilecção decidida, ao mesmo tempo que conservava occulto ciume contra *Josefa Tudó;* ciume que se fez tanto mais activo depois que soube que estavão occultamente casados, o que ella comtudo não julgava valioso segundo as leis da Igreja. Resolveo portanto a Rainha desligar o ingrato Valido da união com a *Tudó*, e se houve nisto de modo que poz em combate o amor com a ambição, certa de antemão que esta havia de triunfar. O Rei, sempre conforme com o parecer da sua esposa, conveio com o que esta lhe propoz de casar *Godoy* com huma das suas primas, oriunda do casamento secreto do Infante *D. Luiz* com huma Senhora

da illustre familia dos *Vallabrigas.* Palliou-se o inconveniente de tal enlace com o soccorro de habeis Genealogicos, que fizerão descender *Godoy* de *Montezuma*, Imperador do *México!* Então se disse que os Cardeaes *Despuig* e *Lorenzana* tinhão successivamente recusado celebrar este consorcio, que lhes parecia pelo menos clandestino: e he certo que elles forão desterrados para Roma. O Cardeal *Setmanat*, Patriarca das Indias, não teve esses escrupulos, e casou *Godoy* com a Senhora *Borbon*, cujo Irmão foi depois Cardeal, e Arcebispo de *Sevilha*, e depois de *Toledo.* A *Tudó* não soube deste casamento senão na vespera do dia em que se havia de celebrar. Correo espavorida ao Palacio de *Godoy*, penetrou á viva força pelos quartos dentro, gritando: " He meu marido, he o pai dos meus filhos! Eu invoco a justiça de Deos, e dos homens! " Desmaiou, entrou em delirio, e só pôde ser conduzida a sua casa no dia seguinte. *Tudó* tinha tido tres filhos de *Godoy*: o amor de mãi fez calar nella o justo resentimento de huma esposa, e consentio em ver *Godoy*, o qual em parte a tranquillizou, assegurando-a de que o seu casamento era o unico valioso, e que tinha sido obrigado a obedecer ás positivas ordens do Rei.

Por este tempo tinha *Buonaparte* vindo a ser Primeiro Consul, e tinha enviado por Embaixador a Hespanha seu Irmão *Luciano Buonaparte:* este, de acordo com o Principe da Paz, conseguio porfim resolver o Rei a declarar a guerra a *Portugal.* — *Godoy* foi nomeado Generalissimo; porém nenhum General de nome, á excepção de *Solano*, quiz servir debaixo das suas ordens. *Urrutia*, que era hum dos melhores Generaes da Hespanha, por não querer servir nesta guerra, foi desterrado para a Biscaia, onde morreo de desgosto. Abrio-se a campanha em 1800, e foi tão breve, que oito mil homens que a *França* havia posto em marcha para

se unirem aos Hespanhoes não chegárão ás fronteiras de Portugal; sendo a entrada dos Hespanhoes em *Olivença* (e em *Campo Maior*) o mais notavel successo da campanha. Tomada *Olivença* na estação em que as larangeiras, alli abundantes, estavão cubertas de fructos, partecipou *Godoy* á Rainha que já tinha mais *huma Provincia*, enviando-lhe hum ramo de larangeira por hum correio que voou a *Aranjuez* em hum dia, e outro correio levou igual presente á sua *Tudó*. Geralmente se acreditou que nesta campanha, (em que foi General dos Portuguezes o Duque de Lafões) havia instrucções secretas para não se fazer vigorosa resistencia, e em breve se concluio a paz, tendo a Princeza *D. Carlota* escrito huma tocante carta ao Rei seu Pai, que ordenou a *Godoy* cessasse as hostilidades. Forçado a obedecer huma vez, informou *Luciano Buonaparte* da vontade do Rei, e em *Badajoz* se concluio o Tratado de Paz em 6 de Junho de 1801, seguindo-se-lhe o de 29 de Setembro em Madrid com a França, com duras condições, tanto pela perda de *Olivença*, como pelas enormes sommas que á França se derão, diamantes &c., em que *Luciano* e *Godoy* tiverão grande parte. *Luciano* sahio de Madrid cheio de honras e riquezas: o Principe da Paz augmentou suas rendas com mais de 100$ duros, foi nomeado Generalissimo dos Reaes Exercito e Armadas, Grande Almirante de Castella, e tendo Guarda d'honra á sua porta; e o Principe Regente de *Portugal* se vio nas circunstancias de o contemplar com o titulo de Conde de *Evora monte*.

Embriagado com tanta prosperidade, elle teve a ouzadia de insultar, posto que indirectamente, a Rainha na presença do Rei. Temia *Godoy* a ascendencia que ganhára no animo da Rainha hum Guarda do Corpo, chamado *Mallo*, moço gentil, instruido, e empreheudedor; e prevendo o bom successo que elle poderia ter, resolveo-se a fazello

desterrar. Hum dia em que *Godoy* se achava em huma das janellas do Paço com o Rei e com a Rainha, succedeo passar o joven *Mallo* em huma flamante carruagem. — *Quem he este guapo moço?* Perguntou o Rei ao Valido. *He hum Americano, Senhor. — E he muito rico? — Não. Senhor; mas huma velha tonta o sustenta, e lhe dá meios de se apresentar com este trem. — E essa velha he casada? — Sim, Senhor, e tem huns poucos de filhos. — Ambos são bem maos.* — Nisto findárão as perguntas e respostas; e logo se expedio ordem para enviar *Mallo* para a *America*; porém outra ordem secreta da Rainha o fez deter em *Osma* em casa do Bispo, que o tratou com grandeza por longo tempo. Para mais se vingar da rivalidade de *Mallo* publicamente galanteou huma Dançarina Franceza chamada *Hutin*, e lhe deo huma excellente carruagem que a Rainha lhe dera de presente.

(Concluir-se-ha no N.° seguinte.)

LISBOA 8 de Junho de 1835.

Noticias Politicas.

O *Morning Herald* de 11 de Maio faz o seguinte discurso sobre a Convenção ajustada por Lord *Elliot* entre os dois Generaes contendores na *Hespanha*:

» Os direitos da humanidade e os interesses da civilisação tem a final sido reconhecidos, como folgamos de saber, pelas partes belligerantes em Hespanha. Parece não haver já duvida de que a missão de Lord *Elliot* conseguio induzir ambos os partidos, da Rainha, e de D. Carlos, a respeitarem as regras da guerra civilisada, concordando em huma permutação de prizioneiros, em vez de

persistirem na brutal e barbara pratica de matarem de hum e outro lado a sangue frio esses prizioneiros. Contra esta revoltante pratica tinhamos desde o principio levantado a voz, reprovando-a, quer fosse commettida pelos adherentes da Rainha, quer pelos de D. Carlos. Mas a quem he devedora a humanidade pela suppressão? Ao Duque de *Willington*, que ainda bem não tinha acceitado o cargo de Ministro dos Negocios Estrangeiros na administração de Sir *Roberto Peel*, logo dispoz se enviasse Lord *Elliot* á Peninsula para diligenciar hum arranjamento, que, se não podesse pôr termo ao conflicto da guerra civil, ao menos a aliviasse das nodoas da maior barbaridade, e lembrasse aos Hespanhoes que nem mesmo a guerra devia ser izenta daquellas restricções que mostrão existir a civilisação. Advogando assim a causa da compaixão, ajuntou o Duque de Wellington novo lustre aos seus immarcessiveis louros. Quando Lord *Palmerston* envolveo este paiz nesse quadruplo Tratado em que dizemos senão devia ter envolvido o nosso Governo, perguntámos nós porque razão não tinha elle feito alguma estipulação a favor dos violados direitos da humanidade: mas perguntámos em vão. O primeiro acto notavel de carnagem feita a sangue frio foi commettido pelos *Christinos*, os quaes, depois de aprehenderem *Santos Ladron*, e mais de 30 dos seus soldados, e de os conduzirem a salvo a *Pamplona*, barbaramente lhes derão a morte a todos. Lembramo-nos tambem que hum periodico dos da tarde, servil devoto de Lord *Palmerston*, fallou desta cobarde matança como de huma " viva demonstração, " que era provavel produzisse bons effeitos; porém produzio os peores effeitos para a causa da Rainha. A chamma da insurreição rebentou com maior furor que nunca na *Navarra*: corrêrão então milhares de homens ás armas para vingarem a morte de hum Chefe, para com o qual se se tivesse mostrado clemen-

cia poderia ter sido isso meio de conciliar muitos homens, que, pelo contrario praticado, se fizerão inimigos irreconciliaveis do partido da Rainha. Desde então não nos he preciso dizer porque se tem visto nossas columnas cheias de abundantes provas disto, e de exemplos de barbaridade, que parece mais propria dos *Cafres* do que huma nação Européa. »

Posto que publicamos no Officio de *Cruz Maior* á Junta de *Navarra* o resultado das acções de 21 a 24, o seguinte Officio de *Zumalacarregui*, (ou Boletim), he mais especificado e exacto á este respeito, e he publicado pelo mesmo *Herald* de 11 de Maio:

» Quartel General de *Asarta* 25 de Abril.

» Ex.mo Sr. — Tendo sabido que o rebelde Valdez se tinha posto á testa de 30 batalhões, formando hum todo de mais de 16 ∰ homens, e que tinha projectado o plano de me atacar na Amescoa, eu, não obstante a inferioridade da minha força, tendo somente 5 ∰ homens, determinei fazer-lhe huma fervorosa recepção, e provar-lhe que estavamos preparados para vencer ou morrer, em defeza dos nossos justos direitos, e dos do nosso amado Monarca.

» Na noite de 20 Valdez, e os Generaes debaixo das suas ordens, Cordova, e Aldama, ficárão em Contrasta com as suas divisões. O meu Quartel-General foi removido de Eulate para Aranache, a qual aldêa e Larravona forão occupadas pelas minhas tropas.

» No dia 21 Valdez, desejando penetrar na Amescoa Alta, marchou em columnas cerradas, e tomou as disposições necessarias para me atacar; mas desejando eu attrahillo áquelles desfiladeiros, que eu tinha a certeza conduzirião a sua destruição, julguei acertado fazer huma retirada fingida,

picando com tudo o inimigo, e fazendo pouca mostra da minha força. Assim manobrei até que os rebeldes chegárão a S. Martin, onde começou huma viva escaramuça, e Valdez, não gostando desta fervorosa recepção, precipitadamente se retirou para a Venda de Orbora, situada no centro da serra, onde passou a noite ao relento, no meio da neve, e inclemencia de hum tempo borrascoso. A minha gente ficou agazalhada nas aldeias de Zudaire, Baquidano, Hollano, Arlaza, Barindano, S. Martin, e Ecala. Os rebeldes com espirito de diabolica vingança, poserão fogo as miseraveis choupanas de oito pastores.

» Dia 22. — Renovou-se a batalha, e eu consegui outra vez atrahir Valdez aos desfiladeiros. Então cahi sobre o corpo principal, e os meus bravos atiradores fizerão a mais horrivel mortandade naquellas pobres, illudidos, e meio-aterradas recrutas. Começou o fogo ao romper do dia, e durou até ás 5 horas da tarde. Os rebeldes forão outra vez neste dia obrigados a retirar-se para Eraul. A retaguarda do inimigo foi sobretudo a que mais soffreo.

» Dia 23. — Ataquei Eraul; a consternação se apoderou do inimigo; abandonou todas as suas posições, e procurou refugio em Abarzuza, deixando o campo proximo a Eraul coberto com os seus mortos.

» Dia 24. — Os desconcertados rebeldes forão neste dia atacados com tal impeto em Abarzuza, que fugirão por todos os lados, atirando com ar armas fora, largando suas bagagens, moxilas, e até as barretinas, tomando alguns a direcção de Estella; outros para a banda do Ebro.

» O resultado destes quatro gloriosos dias foi a captura de mil prizioneiros, incluindo 400 feridos, tres mil e quinhentas espingardas, immensa quantidade de polvora, a maior parte da bagagem do inimigo, trezentos cavallos e muares. Ainda não

tenho verificado o numero de mortos, mas julgo certo que o dominio dizendo que excede muito a 1,500, e que serão perto de 2$.

» Julguei acertado enviar a V. E. este ligeiro esboço da mais brilhante acção que até agora tem ganhado as minhas valorosas tropas, para que S. M. tenha a mais breve noticia destes gloriosos dias; &c. &c. (Assignado) *Thomas Zumalacarregui.* = Ao Ministro da Guerra. »

Este officio he claro e singelio: os dois partidos se chamão mutuamente *rebeldes*, e só o fim da contenda hade decidir qual o era; quanto melhor fora que esta e outras que taes contendas fossem decidas, não pelas armas, mas pela discussão dos direitos mais bem fundados perante hum Arcopago de sabios Ministros de todas as Nações que formão a Familia Européa! Decidida a questão como em hum Tribunal, tudo deveria ceder a essa decisão da causa, advogada por huma e outra das partes contendoras por meio de idoneos Procuradores. Mas escusado he querer isto das paixões dos homens, como o desejava o Abbade de *Saint-Pierre;* só as armas decidem taes questões. Comtudo a Historia sempre mostrará que o partido que possue grandes recursos e muito maiores que o seu contrario, e que para o vencer precizar recorrer aos estrangeiros para o auxiliarem, he sem duvida o mais fraco, e o menor na opinião nacional, que não o apoia geralmente de coração, e só cede ao impèrio da força dominante, em quanto não pode passar-se ao outro lado. Sobejamente o tem provado a luta na Hespanha, onde ha muito estaria acabada a guerra se os esforços nacionaes fossem voluntarios e decididos contra o partido de *D. Carlos*, cujos direitos fundados na Lei Salica pela qual se estabeleceo *Felippe V* no Throno da *Hespanha*, e por cujo motivo a sua Familia se obrigou a não reclamar direito algum ao Throno da França, se julgão lesados pela abolição

da mesma Lei Salica em Hespanha; e eis o fundamento de Carlos, que dá occasião a esta desastrada guerra civil, que tanto tem devastado o paiz, e exhaurido recursos da Nação.

A derrota de *Iriarte* por *Sarasa* (já foi publicado o officio deste) em proporção foi ainda maior, e segue-se esse officio na mesma folha; por esse desastre ficou a *Biscaia* com poucas forças, e a isso se deverá a queda de *Bilbao*, e a chegada das tropas de *Espartero*, e do mesmo *Iriarte* a *Logronho* dá receios de que os Carlistas estejão dominando em todo aquelle paiz sem opposição. As operações parece agora se esperão principalmente na *Castella Velha*; *Zumalacarregui* tomou mas crê-se não conservou *Trevinho*, que fica na Provincia de *Burgos*. — *Estella* foi escolhida por D *Carlos* para ser o deposito dos prizioneiros, na conformidade da Convenção: he Cidade consideravel da *Navarra*.

Não consta se acceitasse a demissão pedida por *Valdez*, que tinha adoecido, mas já o dão restabelecido Elle e *Zumalacarregui* tem tomado disposições para proseguirem suas bellicas operações. As folhas d'Hespanha tem referido combates de piquenas partidas soltas, que só avultão nas pomposas expressões com que se descrevem. — Na *Galliza* a insurreição parece se reduz a algumas partidas de facciosos, que, segundo as ultimas noticias de *Madrid* nos assegurão, se achão destruidas. — As noticias da *Catalunha* são pouco sabidas, e atrazadas Ainda que demoradas hum pouco, as noticias das folhas Inglezas são mais claras que as dos periodicos de *Madrid*, mais interessados em occultar o que for menos favoravel á causa da Rainha.

O *Globo* de 18 de Maio diz: " O *Mensageiro* e o *Tempo* (periodicos de *Paris*), o ultimo dos quaes annuncia em grandes letras — " A queda do systema anti-salico em Hespanha, e o triunfo

da diplomacia e do Carlismo, " publicão noticias de *Madrid* do dia 7 á tarde, segundo as quaes o General *Cordova* tinha alli chegado com propostas de *Valdez* e *Zumalacarregui* para se pôr termo á guerra civil no Norte da Hespanha por meio de huma composição. &c. " Não ha razão para o crer.

Londres 12 de Maio. — Noticias da *Persia* annuncião o assignalado successo do nosso intrépido compatriota *Siry Henry Bethune*, em frustrar as rebeldes maquinações recentemente tramadas contra o governo da *Shah*, pelo qual elle havia sido expedido a *Ispahan* para tomar posse daquella Capital. As noticias chegão até o meado de Março ultimo, em que *Sir Henry* estava occupando *Ispahan*, tendo por marchas forçadas e outras manobras militares cortado os Principes insurgidos na sua marcha para aquella Cidade, derrotando completamente, com força inferior, o seu exercito, de 50$ homens, principalmente de cavallaria. O campo e bagagem dos Chefes inimigos, juntamente com toda a sua força de infantaria, cahírão nas mãos dos vencedores. Não pode haver duvida que o resultado desta acção quasi totalmente effeituará o tranquillo estabelecimento do poder de *Mahomed. (Globo.)*

(Esta noticia conforma-se bem pouco com a seguinte, posterior na data do mesmo Periodico, que no dia 14 diz:

» Noticias recebidas esta manhã (14 de Maio) da *Persia* representão achar-se aquelle paiz submergido em hum quasi indissoluvel estado de anarquia pelas maquinações dos diversos pretendentes á Coroa. Hum Cavalheiro Inglez que estava em *Ispahan* ao tempo do fallecimento do ultimo Rei, com difficuldade escapou para *Shiraz* (ou *Xiraz*) na comitiva do Principe daquelle lugar. Foi depois roubado, e ameaçado de morte por huma quadrilha de Ladrões; mas conseguio chegar a *Cazrin*, d'onde não sabia quando poderia sahir.

» — O paiz de *Bushire* (ou *Buxire*) parece com effeito estará muito tempo separado dos dominios da *Persia*, em consequencia de os vizinhos Régulos terem conspirado para o occuparem como corpo independente, sendo frustrados em seus designios por *Mirza-Ali-Kan*, filho de *Timur Mirza*, qne tinha sido deixado Governador da Cidade pelo Principe de *Xiraz*. Este homem he Persa, e o entrar elle nas miras dos outros Chefes (que todos são Arabes) muito bem se pode suppor que procede mais das difficuldades da sua possição do que da sua livre vontade.

» Portodo o Imperio Persiano parece haver huma falta total de confiança, e cada individuo, como acontece em toda a dissolução de qualquer systema estabelecido de sociedade, parece achar necessario olhar por si, e por seus meios pessoaes. Tinhão-se embarcado da *India* muitas fazendas no principio de Dezembro para *Busserá* e outror portos, dando-se instrucções aos agentes na *India* para não remetterem mais. — Parece haver em *Teheran* grande escacez, e até debaixo dos muros da mesma Cidade se não julgão seguros de ladrões os habitantes.

» *Mahomed Mirza*, que parece o mais poderoso dos varios candidatos á Corôa, tendo avançado até poucas milhas distante de *Teheran*, com 50 ℳ homens, e 60 peças, acclamou-se Rei, e procurou entrar na Cidade; porém á sua tentativa se oppoz o Governador della; o Principe *Ali-Xá*, tambem hum dos do sangue Real, e rival na pretensão da Soberania. O Principe de *Xiraz* tambem se diz ter pretendido o Sceptro, e marchava sobre *Ispahan*, na qual Cidade dizem ter partidistas muito influentes. Porém *Ali-Yan-Kan*, General do Exercito, declarar-se por *Mahomed*.

» Entre todas estas lutas e oppostos interesses os povos estão completamente cançados e exhaustos. Expostos successivamente á tyrannia e extor-

sões de cada partido, as classes mais conspicuas suspirão por se verem livres de todos, e as representão querendo pôr-se debaixo do amparo e protecção ou da *Inglaterra* ou da *Russia*; ou de qualquer outra Potencia que seja assaz influente para terminar estas ruinosas dissensões, e restituir a boa ordem. "

Londres 15 *dito.* Os periodicos de *Paris* de 12 do corrente dizem que " chegou a *Toulon* o Vapor *la Chimere* no dia 7 vindo de *Argel.* Tinhão começado as hostilidades entre os Francezes e os Arabes. *Oulid-ou-Rabah*, á frente de hum avultado corpo de Arabes, tinha atacado os postos avançados dos Francezes em *Bugia*. Em vão o Coronel *Lemercier* lembrou áquelle Chefe que poucos dias antes tinha assignado com elle hum tratado de paz; não quiz dar ouvidos a concerto algum, antes continuou o seu ataque. Perdêrão os Francezes gente bastante; mas conseguírão repellir os barbaros. » (*Globo.*)

(Acima se vê o estado da *Persia* pintado, no *Globo* de 15, tão medonho, e no seguinte do *Herald* de 17 se vê assaz diverso; mas não admira muito a contradicção á cerca de paiz tão remoto, quando tantas apresentão os periodicos sobre o estado dos negocios de paizes mui proximos.)

» *Constantinopla* 22 de Abril. — Chegou da *Persia* hum *Tartaro* (servem de Correios) trazendo noticias de cinco dias depois das ultimas que vos dei. Tudo hia alli bem; e com effeito justamente como os verdadeiros amigos da *Persia* desejão. O nosso Embaixador *Sir Johor Campbell*, tinha grande influencia, e a hia empregando do modo mais illustrado. Se elle não fora, a *Persia* seria agora hum theatro geral de perturbação e de sangue derramado, cortando desapiedadas execuções aquelles que a espada poupasse. "

A mesma carta em outro paragrafo refere o seguinte. " Temos noticias do Sul da *Russia* de

se estarem fazendo preparativos para a concentração de hum exercito grande naquelles sitios. Juntão-se abastecimentos que se diz são sufficientes para 50$ homens em 6 mezes. ... "

Londres 17 *dito.* — Lord *Elliot* e o Coronel *Gorwood*, que sahirão de *Paris* Sextafeira (15), para *Londres*, forão recebidos pelo Rei *Luiz Filippe* no dia antecedente, com o qual tiverão huma larga conferencia. (*Morn Her.*)

O *Globo* de hontem (16) traz o artigo seguinte:

» *Pará* 20 *de Março.* No dia 19 do mez passado fomos outra vez assustados pela irrupção do mais serio tumulto que temos visto nesta Praça. Originou-se de querer o Presidente prender o General das Armas; mas este mostrou que podia mais. Depois de tres dias de constante combate foi o partido do Presidente desalojado de todas as suas posições na Cidade. Durante todo este tempo as Embarcações de guerra fizerão fogo para a Cidade em apoio do Presidente, e fez se por conseguinte consideravel damno. Forão mortas obra de 200 pessoas. O Presidente, vencido o seu partido, buscou refugio a bordo de hum dos vasos de guerra; mas foi aprizionado no dia 26, e entregue ao novo Presidente, sendo fusilado pela escolta que o conduzia a huma fortaleza. Depois da sua morte ficou a Cidade tranquilla até 17 deste mez; porém de então para cá temos estado em grande susto de soltar-se a canalha e saquear as casas da Cidade. Acha-se agora aqui o Brigue de S. M. B. *Dispatch*, Cap. *Danick* no qual pomos toda a nossa esperança de segurança. »

O Processo dos Republicanos em *Paris.* — Para se conhecer em breve espaço o que em *Paris* aconteceo nos primeiros dias do processo dos Rephulicanos na Camara dos Pares, basta aqui transcrever a decisão prévia proferida e lida no dia 9 de Maio em consequeucia da Requisitoria do Procurador Geral, e que assaz prova a qualidade daquelles indi-

viduos, ou pelo menos da maior parte delles; he do theor seguinte; e hum resumo do procedimento dos revolucionarios na Camara:

» Vendo que não pode suspender-se o andamento da justiça; vendo que na primeira sessão do Tribunal varios prezos, em desprezo das formalidades da Lei, recusárão responder ás perguntas do Presidente, e declarar seus nomes, profissões, e moradas; vendo ao mesmo tempo sentados, depois da leitura do Acordão proferido pelo Tribunal sobre e requerimento de apresentarem em audiencia, como seus defensores, pessoas que não fossem pais, nem irmãos dos Réos, nem membros de nenhum corpo de Advogados do Reino, e que se ouvírão altas vociferações dos bancos dos prezos; vendo que na sessão do dia 6 de Maio, muitos dos prezos, por seu clamor, tumulto, e violencia, impedírão a leitura do Acordão e Auto de accusação; o Tribunal faz saber, por sua resolução, que ha de tomar as medidas necessarias para assegurar o livre seguimento da justiça; e vendo que na sessão do dia 7 de Maio, varios prezos ludibriárão a voz do Presideete do Tribunal, encarregado pela Lei de manter a boa ordem da Sessão; que resistírão á sua advertencia, e que foi tal a desordem que de novo impedio a leitura do Acordão e Auto de accusação; e que o Procurador Geral do Rei não pôde fazes-se ouvir, sendo confundida a sua voz com gritaria; vendo que similhante procedimento, de grande parte dos prezos, vale o mesmo que huma determinada resolução de violentamente impedir o curso da justiça: vendo que a Sociedade ficaria sem protecção, se, rebellando-se contra a Lei, podessem os prezos ter meios de, por hum permanente tumulto, obrigar o Tribunal a espaçar indefinitamente a decisão do negocio submettido á sua jurisdicção: Declara o Tribunal, que, se os disturbios feitos pelos prezos se tornarem a renovar, o Presidente está authorisado para remover aquelles

de entre elles, que, por sua violencia, fizerem impossivel a continuação dos debates, afim de que os ditos prezos hajão de ser de novo conduzidos perante o Tribunal, juntos ou separados, para que se achem presentes a ouvir as testemunhas pró e contra elles, que tem a depor sobre os factos que pessoalmente lhes são imputados, e para serem ouvidos em seus meios de defeza; e vendo que aquelle Acordão e Auto de accusação tem sido pessoalmente notificados aos prezos, Ordena, que se prosiga na leitura destes pápeis, ainda mesmo na ausencia daquelles aquem o Presidente tiver obrigado a se retirarem, afim de proceder depois no exame e na discussão até a sentença final. »

O Duque de *Noailles* dirigio ao Presidente a seguinte carta:

» *Paris* 9 *de Maio.* — Senhor Presidente, — Rogo-vos tenhais a bondade de fazer constar ao Tribunal a minha escusa de não poder tomar assento no Processo que nelle se está tratando. Os meus motivos são o Acordão que se acaba de pronunciar. Não me compete censurar este Acordão, mas he do meu dever retirar me quando vejo o Tribunal envolvido em huma *linha de conducta* contraria ás regras de todo o processo criminal. A força deve, sem duvida, estar do lado da justiça; porém a força não he só quem triunfa, quando, pela falta de formulas, já não existe verdadeira justiça. Não he fraqueza, na minha opinião, parar, quando já não levamos comnosco a Lei. A minha presente resolução he porém só consequencia dos principios que tenho sustentado na discussão perante o Tribunal. — Na falla que ha tres mezes proferi, previ e indiquei os resultados que apparecem agora no Processo, e do qual naquelle tempo eu declarei a *impossibilidade moral.* Julguei porém do meu dever, pelo respeito ao Corpo a que pertenço, não antecipar factos, mas esperar até que as minhas predicções se realizassem. Estas estão, a meu ver,

sufficientemente realizadas, de modo que ao presente me impedem na minha consciencia de ir mais adiante. — Tenho a honra de ser, &c. = *O Duque de Noailles.* "

Nas folhas de *Madrid* vem hum artigo de *S. Sebastião* de *Biscaia* em 15 de Maio, no qual se reffere ter *Jaureguy* no dia 13 tido hum conflicto com os Carlistas, de que resultou ver-se obrigado o mesmo *Jaureguy* a retirar-se áquella praça com alguma perda, por se ver aperrado por forças superiores, que procurávão flanqueallo.

No dia 29 do mez passado, tendo vindo de *Aranjuez* a *Madrid* para esse fim, foi a Rainha Regente em pessoa encerrar as Cortes Geraes, lendo hum discurso analogo, em que se não fez menção da preconizada intervenção estrangeira, antes mostrando que a Nação por seus proprios meios e esforços procuraria pôr termo á guerra, e consolidar o Governo da Rainha

Madrid 1.° de Junho — Hoje se fallou muito da resposta dada pelo Gabinete Francez ao nosso sobre certos preliminares relativos ao auxilio militar porém não se dá muita importancia a isto porque se crê que dentro de pouco (alguns apontão o dia 6 deste mez) deve chegar a reposta definitiva. Pode dizer-se que hoje não se pensou em mais que *na repentina baixa dos nossos fundos nas Praças de Londres e Paris*, *e nos successos que nella deverião influir*: *(Eco del Comercio.)*

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.°* 137; *na de* João Henriques, *na mesma Rua n.°* 1; *na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.°* 112; *e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR,
Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXII.

Fim do Artigo = Biografia do Principe da Paz =, começado no N.° antecedente.

No meio destas escandalosas intrigas, custava a alliança da França á Hespanha enormes sommas, que se não podião pagar se não fossem os thesouros da America; portanto permittio *Buonaparte* que o seu Alliado comprasse á *Inglaterra* huma assaz cara neutralidade. Porém os Inglezes, vendo que os cabedaes da America vinhão só para passarem logo á França, sem mais attenções rompêrão a neutralidade apoderando-se de duas Fragatas Hespanholas que vinhão do *Mexico* carregadas de riquezas, que irião auxiliar os cofres de *Buonaparte*, com quem tinhão nova guerra, ficando por este modo esta sendo commum á Hespanha. Nesta guerra a Marinha Franceza e Hespanhola forão quasi de todo anniquiladas, e a Batalha de *Trafalgar*, em que *Nelson* pereceo victorioso, coroou a gloria naval da Marinha Britannica.

Não podia a ambição de *Buonaparte* ver com indifferença a Dynastia dos *Bourbons* reinar em hum vasto Estado limítrofe daquelle a cujo Thro-

no elle subira com o titulo de Imperador, elevado por aquelles mesmos que poucos annos antes tinhão jurado eterno odio á Monarquia. Tinha já de longo tempo vastos projectos sobre a Peninsula, e querendo conseguir seus fins sem estorvo, pedio a *Godoy* certo numero de tropas; porém o Valido, ou picado do tom de authoridade que para com elle tomava *Buonaparte*, ou porque este tivesse faltado a alguma das promessas com que lizonjeava a sua insaciavel ambiação, em vez de annuir ao seu pedido, fez espalhar huma proclamação, na qual, dando a entender as miras occultas de *Napoleão*, chamava ás armas todos os Hespanhoes. Enviou ao mesmo tempo *Godoy* a *Paris* o seu Secretario *D. Ignacio Isquierdo*, que teve varias conversações com *Murat*, então Grã-Duque de Berg, e restabeleceo-se a boa harmonia entre *Buonaparte* e *Godoy*, o qual concedeo por fim 16$ homens de tropas escolhidas, que partírão para o Norte ás ordens do Marquez de *la Romana*, e se unírão ao Exercito Francez do commando do Principe de *Ponte-Corvo*, *Bernadotte*, hoje Rei da *Suecia e Noruega.* — *Godoy* se encarregou então de huma terrivel responsabilidade; porque não ignorando os projectos de *Napoleão*, ou pelo menos presentindo-os, como havia manifestado na mencionada proclamação aos Hespanhoes, vinha a ter parte nestes projectos consentindo em tudo o que exigia o Despota da França. Sabia além disso *Godoy* de quanto erão capazes os Hespanhoes para defenderem a sua Religião, a sua Patria, e o seu Rei, como ao depois o manifestárão; e huma aberta resistencia que fizesse *Godoy* a tal pretenção serviria de exemplo a todos os Povos da Europa para sacudirem o jugo de *Napoleão*, o que teria adiantado seis annos o seu livramento. Entretanto ha quem assegure que *Godoy* foi completamente logrado por *Napoleão*, e nesse caso foi culpado por imprevisto, e inepto, defeitos gravissimos em quem governa.

Neste meio tempo estava a paz domestica perturbada no interior do Palacio de *Carlos IV*. Em consequencia das insinuações do Embaixador de França, Mr. de *Beauharnais*, fez o Principe das Asturias (depois *Fernando VII*) pedir a Napoleão para Espoza huma de suas Sobrinhas; o Valido o soube, e se queixou ao Rei, pintando-lhe o Principe das Asturias como hum filho ingrato e rebelde (e sem duvida Fernando era reprehensivel pelo modo como se houvera neste caso). Cumpre notar que o Embaixador, picado de *Godoy* se haver reconciliado com *Buonaparte* sem ser por sua intervenção, tinha dito ao Principe que pedisse a Sobrinha de Buonaparte (pois já era viuvo) sem o saber o Valido, que anteriormente havia feito ao Principe esta mesma proposição, mas infructuosamente, negando-se a isso Fernando. Vivamente agastado *Carlos IV*, mandou prender o Herdeiro da Coroa.

Esta medida rigorosa ainda indignou mais a Nação contra *Godoy*, que recebeo varias cartas anonymas cheias de invectivas e ameaças. Elle conjurou a tempestade fingindo de medianeiro da paz entre o Pai e o Filho. Obteve o Principe a liberdade; porém forão renovados todos os creados de sua Casa; o Duque do Infantado, e outros, bem como o seu Mestre, *Escoiquiz*, tinhão sido desterrados da Corte. — *Godoy* rodeou de empregados de sua facção o Principe das Asturias, encarregados de o espiarem, e de lhe participarem todas as suas acções.

Foi por este tempo que se assignou em *Fontainebleau*, a 27 de Outubro de 1807, o infamissimo Tratado, em que forão Plenipotenciarios, *Duroc* pelo Imperador dos Francezes, e *D. Eugenio Isquierdo* pelo Rei d'Hespanha *Carlos IV* (que bem se podia dizer só tinha o nome de Rei), que dava por extincta a Casa de *Bragança* de reinar em *Portugal*, e dividia este Reino entre

os dois tratantes, deixando huma porção delle pa-
ra *Godoy*, [illegible] no Algarve e Alemtejo, que nunca a
havia de possuir.

Os dezeseis mil home[illegible]ns de tropas que a Hes-
panha enviára, já se achavão n[illegible]o Norte, onde ti-
nhão tomado *Stralsund;* a alliança co[illegible]m a França
tinha exhaurido os thesouros do Estado; co[illegible]ntinua-
va a existir huma dissensão mal disfarçada en[illegible]tre
Carlos IV e seu filho, e entre este Principe e *Go-
doy*. Foi nestes momentos criticos que *Napoleão*
fez marchar para Hespanha hum exercito formida-
vel, seguro já pelo Tratado secreto de *Tilsit* de
não achar opposição ás suas miras sobre a Penin-
sula. Os compiladores da *Biografia dos homens vi-
vos* se enganárão quando, no seu artigo *Godoy*,
disserão que este ficára *atterrado* quando soube da
marcha do Exercito Francez. Elle ainda nutria
ambiciosas esperanças; aliàs teria renovado a pro-
clamação com que pouco tempo antes chamara
os Hespanhoes ás armas. Se a Nação Hespanho-
la se soube defender com valor quando os Fran-
cezes se tinhão apoderado já de suas Praças for-
tes, e antes da chegada dos Inglezes se batê-
rão os Generaes *Lefebvre* e *Dupont;* se se cobrí-
rão de gloria nas muralhas de *Saragoça*, e *Gero-
na*, deixarião acaso de fazer resistencia ás tro-
pas Francezas, distantes ainda cem leguas, quan-
do quizessem entrar pelos Pyrenéos na Peninsu-
la? Foi portanto *Godoy* até o fim desta catástro-
fe, ou hum dos maiores culpados, ou o mais es-
tupido logrado. O exercito Hespanhol, mal orga-
nisado, e desfalcado das suas melhores tropas,
nada poderia emprehender; porém a Nação tudo
podia fazer, ou pelo menos tudo devia tentar pa-
ra não ser subjugada. Longe de appellar para es-
ta Nação neste perigo tão imminente, reprehen-
deo *Godoy* asperamente os Governadores das Pra-
ças por não terem querido entregallas aos Fran-
cezes, e não tendo para isso ordem; a qual elle

depois lhes enviou por officio assignado por seu punho. O mais singular he que no mesmo instante em que os Francezes, commandados por *Murat*, invadião a Peninsula, ainda se estava tratando da divisão de *Portugal*. Não faltárão pessoas illustradas que annunciassem a *Godoy* a funesta crise que ameaçava a Hespanha; mas elle zombou desses presagios, e as tratou de ignorantes em politica. Publicou hum *Edicto* em que ordenava aos Hespanhoes que tratassem os Francezes como amigos e irmãos, e assim o fizerão.

Godoy só começou a ter serios receios quando vio que *Murat* queria mandar como Soberano: seus receios se confirmárão á chegada de *Isquierdo* de *Paris*, que lhe annunciou o *desejo* de *Napoleão*, insinuado a Isquierdo, de que o Rei seguisse o exemplo da Familia de *Bragança*, e fosse reinar na *America*. Só então conheceo *Godoy* todos os erros que a sua ambição lhe tinha feito commetter; mas por hum sentimento proprio desta ambição, e engodado sempre com enganadoras esperanças, assentou que nada podia fazer melhor que pôr a Hespanha á discrição de *Buonaparte*. Em consequencia disto apressou a viagem da Familia Real para o *Mexico;* mas os preparativos para esta viagem espalhárão o susto em toda a Hespanha. Fez-se correr o boato de que o Rei hia residir para *Sevilha* em quanto os Francezes estivessem em *Madrid:* entretanto a agitação subio ao galarim, quando o povo vio que os preparativos erão muito maiores do que quando a Corte se mudava. Então *Carlos IV*, mandando chamar o seu Filho Primogenito, lhe deo a saber a sua resolução. *Fernando* disse consternado, ao sahir do Paço, aos Officiaes da Guarda do Corpo, e aos Camaristas de Semana; " Estamos perdidos; meu Pai, enganado por *Godoy*, nos quer fazer sahir de *Hespanha*, e levar-nos para a *America*. " Estas palavras voão logo de boca em boca, diffundem-se pelo povo e pelos quarteis

dos soldados. A' huma hora depois da meia noite estavão as carruagens da Corte promptas e postas a pouca distancia do Palacio: os Guardas postados no sitio detem os criados que para ellas conduzião os effeitos mais preciosos; em breve ousão impedir o passo aos seus Soberanos, que vem a ficar enserrados em seu Palacio. Todos os olhos se fitárão então naquelle que se olhava como verdadeiro author de tantos males; e o odio ao Principe da Paz rompeo a final nos terriveis successos de 17 e 19 de Março de 1808. No dia 17 correo immensa multidão ao Palacio do Valido, gritando. *Viva o Rei! Viva a Rainha! Morra Godoy!* Quizerão 120 homens da Guarda de *Godoy* fazer resistencia, mas forão todos mortos pelos Guardas do Rei, e por muitos Soldados da tropa de linha. Então a multidão se derramou pelo Palacio, procurando *Godoy* por toda a parte; sacrificando sua vida os seus Guardas lhe tinhão dado tempo de escapar: ajudado de alguma gente sua, e disfarçado em trajo grosseiro tinha pelo telhado fugido para a agua furtada de huma casa vizinha, só com hum dos seus criados. Vendo os amotinados que era infructuosa a sua investigação, poserão-se a quebrar os trastes, sem consentirem que se roubasse couza alguma. Os cofres cheios de diamantes, barras de ouro e dinheiro, forão levados á Casa da Moeda com a mais escrupolosa exactidão. O furor popular só procurava *Godoy*: forão rigorosamente registadas todas as casas vizinhas ao seu palacio. Havia 40 horas que o infeliz não comia, e a sede o devorava. A's nove horas da manhã do dia 19, o criado que não o abandonara, se expoz a sahir para lhe ir buscar agua e algum alimento; foi conhecido, e observado, e assim souberão os amotinados onde estava *Godoy* refugiado. Dalli o tirárão com violencia para a rua, onde foi rodeado de immensa multidão, que proferia gritos de vingança e de morte. Tinha perdido já toda a esperança de escapar ao

povo; mas o odio deste era tal, que só querião saciallo com reflexão. Estas consultas sobre o modo de o matarem mais á sua satisfação foi o que exactamente o salvou; porque a Rainha e o Rei que estavão na mais cruel inquietação desde o dia 17 sobre a sorte do Valido, assim que souberão da sua horrivel situação, logo rogárão a seu filho que o fosse soccorrer. O Principe obedeceo immediatamente. *Godoy* achava-se então em hum estado espantoso: seu vestido estava em pedaços; os cabellos arrepellados; o rosto pizado e ensanguentado, e já tinha no peito duas estocadas. A' vista do Principe cessárão as violencias, e *Godoy* lançando-se a seus pés, implorou a sua clemencia, dando-lhe o titulo de *Senhor*: " Que he isso, Manoel, (lhe disse Fernando) já meu Pai deixou de existir? " — " Assim o devo crer, pois que vós, Senhor, reinais, " replicou Godoy. — " Não, mas reinarei em breve, " lhe tornou o Principe. Então dirigindo-se este á multidão, disse: " Meus amigos, retirai-vos. *Godoy* será posto em lugar seguro; elle he depositario de segredos importantes, que me deve revelar. " Estas palavras contiverão o furor dos sediciosos, e metido *Godoy* entre dois Guardas do Corpo foi conduzido ao Quartel destes, onde achou protecção e segurança. Comtudo a violencia popular não estava de todo socegada: ás tres horas da tarde se dirigio immenso povo á porta do Quartel; parecia ser com o fim mais sinistro, pois pedia cabeças, e accusava a Familia Real de querer subtrahir o Principe da Paz á vindicta publica.

Instruido *Carlos IV* deste estado das couzas, e não desconhecendo os resultados que podião ter, declarou por fim que abdicava a Coroa em seu Filho; declaração que foi acolhida com summa alegria. Proclamado Rei o Principe das Asturias, com o nome de *Fernando VII*, logo prometteo que faria processar o Principe da Paz. Esta pro-

messa, que dava ao resentimento popular a esperança de breve satisfação, acabou de pôr *Godoy* ao abrigo de todo o perigo presente. A *Tudó*, que tinha concebido grande receio, foi respeitada; e deo-se-lhe hum piquete para sua defeza contra algum insulto popular. *Godoy* foi metido em huma prizão d'Estado, com sentinellas á vista em quanto esteve prezo, o que só durou huns 28 dias. He impossivel descrever a alegria que a sua queda causou em todo o Reino. Festejos, escritos em prosa, e em verso, na Corte e nas Provincias, exuberantes provas davão do quanto era aborrecido o despotico Ministro que tantos annos aviltára a Hespanha.

Em breve se publicou hum Edicto que intimava a todos os depositarios de bens ou effeitos pertencentes ao Principe da Paz, fizessem delles entrega, ou declaração aos Conselheiros do Conselho de Castella delegados para esse fim. Os boatos que corrêrão nesse tempo fazião subir a dez milhões de cruzados o dinheiro de contado que se achou no seu Palacio; mas he bem de crer fosse exageração.

Entretanto *Fernando VII* e seu Irmão o Infante *D. Carlos*, illudidos pelas insinuações do Grã-Duque de *Berg* e do General *Savary*, tinhão partido para *Bayona*. O Rei *Carlos* e a Rainha, enganados pelos mesmos homens para que fizessem a mesma viagem, pedírão antes de partirem que se desse a liberdade ao Principe da Paz. — *Napoleão*, que precisava da sua presença para acabar a execução dos seus projectos, quiz que fosse solto. Já o Grã-Duque de *Berg* o tinha pedido por vezes, mas a Junta o tinha recusado. Reiterou aquelle a reclamação, e *Godoy* lhe foi entregue, sendo immediatamente enviado, com huma escolta, para *Bayona*, onde chegou em 16 de Abril de 1808. O Rei *Carlos IV* e a Rainha o seguírão de perto. Assim que *Godoy* chegou a *Bayona*, disserão logo

teve com o Imperador huma conferencia na qual se decidio a sorte da *Hespanha*. O Ex-Ministro foi a primeira pessoa que o Rei e a Rainha virão á sua chegada a *Bayonna*. Esquecido *Godoy* de que devia a vida a *Fernando*, de novo indispoz o Pai com o Filho, designando este como causa do tumulto que o obrigára a abdicar; e representando sempre *Fernando VII* como hum usurpador, deo a entender ao velho Rei que não se podia salvar a Hespanha de huma sanguinolenta guerra senão cedendo-a ao *genio* de *Napoleão*. Seguio *Carlos* os conselhos do seu Valido; obrigou seu filho a renunciar a Coroa, por hum Tratado feito a 3 de Junho de 1808, e assignado pelo Marechal *Duroc* e pelo proprio *Godoy*, e que *Fernando* assignou a 6 do mesmo mez.

O Principe da Paz acompanhou *Carlos IV* e a Rainha para *Marselha*, e depois para *Roma*; e desde então nunca mais entrou em negocios politicos, sem jamais se recordar de sua passada grandeza, e tornando a mostrar-se, a bem dizer, o mesmo homem que era antes de sua elevação. Parecia não tratar de mais couza alguma que do governo interior da casa de seus Augustos Amos, dos quaes era quasi a unica companhia, e que o olhavão como hum filho *terno e reconhecido*. A Rainha havia empregado toda a sua influencia para fazer dar a *Godoy* a administração dos fundos pagos em Hespanha pela pensão de *Carlos IV*; porém ElRei *Fernando VII* ordenou algum tempo depois que esses fundos fossem entregues a Mr. de *S. Martin*, que gozava da confiança de seu Pai.

Carlos IV e *Maria Luiza* tinhão levado sua condescendencia ao ponto de permittirem que o Valido vivesse no seu proprio palacio com huma rapariga que elle havia feito crear Condessa de *Castello-Fiel*, e da qual teve dois filhos, que a Rainha particularmente estimava. Adoecendo a

Rainha, falleceo em 26 de Dezembro de 1818; *Godoy* lhe assistio, e mostrou sincera pena por seu fallecimento; ao qual se seguio depois o do Rei Carlos em 18 de Novembro de 1819.

Godoy, esse monstro de fortuna, até mesmo na sua disgraça, tendo merecido mil mortes, acabou seus dias em socego em Dezembro de 1824. Deixou em legado alguns milhões a *Fernando VII*, ao qual dizem escrevera pouco antes de morrer huma mui respeitosa carta. — Além dos filhos já mencionados e dos que teve de D. Josefa *Tudó*, teve Godoy huma filha da sua união com a Princeza de *Borbon*. Elle teve dois Irmãos, o mais velho, por nome *Luiz*, que como fica dito, abrio a porta á sua extraordinaria fortuna, e que morreo em 1801 Capitão General da *Estremadura*, e outro que tambem teve o mesmo posto.

Em menos de doze annos tinha Godoy amontoado riquezas immensas. Calculárão-se em 10 milhões de cruzados as rendas de que gozava, e segundo apontamentos achados entre os seus papeis, tinha os seus fundos postos do modo seguinte: Em Inglaterra 40 milhões de patacas; em França nas mãos de varios Banqueiros, 10 milhões; em Genova 20 milhões; na Corunha e Ferrol 10 milhões, que devião passar a Inglaterra: em poder da *Tudó* meio milhão: nas mãos do Inquisidor Geral hum milhão: em poder do Banqueiro Espinoza 300 $ patacas; e no Erario tinha 600 $; formando huma somma total de 83 milhões e 400 $ patacas, ou 168 milhões de cruzados; e isto sem contar as sumptuosas alfaias, e moveis de toda a especie, ouro em barra, joias, diamantes em grande quantidade, quadros de grande valor, immensas terras &c., cujo total valor com o do dinheiro faria subir a 200 milhões de cruzados o que Godoy chegou a possuir. Taes erão as riquezas de hum homem nascido na obscuridade em huma terra da fronteira da Hespanha, sem talentos adqui-

ridos, pois até sabia só a sua lingua; segundo geralmente se diz. Sua fortuna ainda deve causar maior admiração que a de *Buonaparte*: Este, he verdade, subio mais alto; mas o paiz em que figurou estava em revolução, elle era Militar hábil, tinha exercitos ás suas immediatas ordens com que adquirira fama por suas victorias, conhecia os homens e as couzas, era profundo observador das circunstancias, e achou-se collocado á frente de huma Nação, que por assim dizer já sentia a falta de hum Monarca. Nada disto tinha *Godoy* a seu favor; mas tudo supprio nelle a fortuna dando-lhe gentil figura, boa voz, boa memoria, e o desassizado capricho das paixões ou inclinações de *Carlos IV*, e *Maria Luiza* produzirão o fenomeno da elevação e opulencia deste famoso Valido, que tantos estragos causou á *Hespanha* e a *Portugal*, que ainda hoje estão laborando debaixo dos terriveis effeitos das intrigas de *Godoy*.

LISBOA 15 de Junho de 183.

Noticias Politicas.

Paris 16 *de Maio.* — Mr. *Thiers*, Ministro do Interior apresentou na Camara dos Pares o Projecto de Lei que passou na outra Camara, para a concessão de hum extraordinario crédito de 1,200$000 francos (480$ cruzados) para a Policia Secreta. Observou o Ministro que no tempo do Imperio, quando todos os partidos estavão reduzidos ao silencio, se dedicavão annualmente ao serviço da Policia de 7 a 8 milhões de francos; que no tempo da Restauração até o anno de 1818 montava o fundo da Policia secreta entre cinco e seis milhões; e subsequentemente a 2,400,000 francos, até que Mr. de *Martignac* applicou a isso só

1,700,000 francos, em hum tempo em que os partidos se tinhão reduzido a huma luta totalmente constitucional e publica. Depois de accrescentar que o fundo da Policia secreta subia a dois milhões em 1830, a tres milhões em 1831, a quatro milhões em 1832, a tres milhões em 1833, e em 1834 a 2,400,000 fr., somma igual á que se requer para este anno, Mr. de *Thiers* proseguio do modo seguinte: — " Porém ha alguns dias, Senhores, vendo a tranquillidade do paiz, os homens que só devisavão a sua superficie, e que não tinhão, como nós, a triste vantagem de descobrir a obstinação e perversidade com que os inimigos da nossa ordem social perseverão em todos os seus projectos; aquelles homens, digo, poderião, em sua plácida tranquillidade julgar que era tempo de abandonar precauções que o desarmamento dos partidos havião tornado inuteis. Não eramos nós, Senhores, que podiamos considerar esta passageira suspensão de hostilidades como huma pacificação, e vós tendes visto com que estrondo se tem tornado a pegar em armas. No mesmo momento em que as facções hostis fomentavão huma guerra civil entre os nossos vizinhos, e procuravão angariar os operarios de algumas das nossas Cidades para formarem associações, todos os partidarios da discordia affluindo de todas as partes da *França* se vierão estabelecer nas barbas do Governo, para atrevidamente proclamarem sua hostilidade ás instituições do paiz, declárão-se em guerra aberta com os grandes Corpos do Estado, e pretendem segurar com a nova violencia a impunidade de sua primeira violencia. Esta gente corresponde com acções a seus ultrages verbaes; a peleja nas ruas publicas, e os destroços da casa que acaba de ir pelos ares em *Lyão*, provão que tambem se attende ás palavras dos tribunos de *Pâris*. Nós não exigiamos essa demonstração da necessidade de huma vigilante Policia, mas as circunstancias no-la tem da-

do. Não, Senhores, não he no momento em que huma activa vigilancia em huma longa e extensa fronteira he huma das estipulações de hum solemne tratado com *Hespanha*, que em os partidos enganão com taes signaes sua não abatida furia; que hum Ministro encarregado da manutenção da ordem publica, póde responder por ella diminuindo os meios de a assegurar. " *(Globo de* 19 *de Abril.)*

Londres 13 *de Maio. — A Familia de D. Carlos.* — A saude da Princeza da *Beira* vai gradualmente melhorando. Durante a ultima parte da residencia de S. A. R. entre nós, e particularmente depois que passou a residir na rua de *Mansfield*, tem tido boa saude, e tem estado animada, do que se valeo para visitar, em companhia dos seus Reaes Sobrinhos, quasi tudo quanto entre nós ha interessante e instructivo. Porém desde que sua Irmã falleceo, dominou forte receio no animo de seu Real Cunhado de que o nosso clima não se conformava com a sua constituição; e por essa causa indicára elle ultimamente que a Princeza, com seus Sobrinhos, acompanhados das respectivas comitivas, se retirasse para *Turim*, e residisse entre os seus parentes. Tinha-se resolvido isto, e tinha o Governo mui urbanamente posto á sua disposição o Vapor que ultimamente conduzia a *Inglaterra* o Duque de *Cambridgde*. Como a Princeza ainda não tinha visitado *Greenwich*, no principio da semana passada foi alli de tarde, e depois de ter visto todas as outras curiosidades subio ao Observatorio. Sentio S. A. R. a agudeza do ar, e suppõe-se que então se constipou, ao que se seguio continua febre. Este accidente a impedio por consequencia de se servir por agora da offerta do Vapor do Governo, e portanto está demorada a sua partida. — Os jovens Principes proseguem entretanto em seus estudos, tendo já feito grande progresso na Lingua Ingleza, que fallão correntemente. O Principe

das *Asturias* se avantaja na Musica; sendo o piano-forte o seu instrumento mimoso. Sabe já muitos dos nossos hymnos e peças mais usados, e ás vezes he acompanhado por hum dos nossos melhores tocadores de harpa. Todos elles tem ganhado grande inclinação ao nosso paiz. (*Morning Paper — no Globo.*)

Extracto das folhas Londres de 21 a 30 de Maio.

O *Morning Post* de 21 de Maio traz huma carta de *Vienna d'Austria* de 9, em que o seu correspondente diz entre outras couzas o seguinte: " Nada tem aqui ultimamente acontecido de importancia politica, e a gente está pela maior parte occupada com o que vai pelos outros paizes. Paz; este he o ponto; e o publico em geral aqui só considera no que se vai passando neste sentido. No Oriente da Europa não ha agora receio de qualidade alguma. O que resta ao presente á attenção he a *Hespanha*, e a possibilidade da intervenção Franceza, a que todos aqui em Vienna são oppostos, por differentes razões; e a principal, porque são pela maior parte a favor de D. *Carlos*, e tem mui sincera desaffeição á Rainha e ao seu Governo, e não perdem a idéa da intervenção em consequencia do perigo que poderia resultar della á estabilidade do actual Governo Francez. He pela mesma razão que o resultado do *processo-monstro* se espera anciosamente. E o ultimo, posto que não o menor dos assumptos que prende a attenção publica, he a sorte do nosso novo Ministerio Whig, que não se espera goze de mui longa vida, mas de cuja volta ao poder a gente aqui não gosta muito; porque julga, por anterior experiencia, ser a sua tendencia antes desarrenjar que arranjar a tranquillidade, a paz, e a confiança geral da Europa.

Londres 22 de Maio. — Escrevem de *Bayona*

em 16 do corrente. ” Cada dia nos dá novas provas da importancia das victorias ganhadas pelos Carlistas nos fins do mez passado, apezar dos esforços dos seus inimigos em occultarem o desagradavel facto. Nos dias 10 e 11 do corrente fez *Valdez* hum Conselho de Guerra em *Pamplona*, composto de 24 Officiaes de varios Corpos e Patentes, mas os mais influentes que o Ministro da Guerra pôde juntar. Então se lhes apresentou o estado do Exercito, o que conduzio a acaloradas discussões; em que essencialmente foi deprimida a fama militar de *Mina*: foi censurada a sua falta de actividade, forão condemnados os seus planos militares; e a applicação que fez de fundos para objectos particulares, quando o exercito estava tão desprovido, foi severamente increpada. Concordou-se que durante o seu commando e administração os Carlistas ganhárão força; *ergo*, que nelle recahia a culpa, e não nas authoridades de *Madrid*. Apresentárão-se alli mappas das forças, arsenaes, e repartições do Commissariado, e quasi unanimemente se concordou em dois pontos; 1.º na concentração das tropas, envolvendo o abandono dos pontos fortificados, todos até agora considerados como meio de facilitar a communicação; e 2.º, que se enviasse huma representação ao Governo, dizendo que os meios deixados á disposição do General em Chefe não erão sufficientes para derrubar a insurreição; no qual caso, não havendo tempo para reunir e organisar outro de novo, era indispensavelmente necessaria a intervenção das Potencias estrangeiras.

” Depois de todas as empoladas proclamações dos Chefes Christinos, depois de tantos actos de ludibriosa violencia, commettidos sem o menor receio de retribuição, mal se pode crer que annuissem a estas duas resoluções os Officiaes presentes, como annuírão, havendo hum só que não concordasse, e isso não quanto ao estado do Exercito, mas por opposição á intervenção Franceza, dizen-

do que era remedio cincoenta vezes peor que o mal da ascendencia Carlista. Tal he a mudança effeituada pelas ultimas bem succedidas operações, conduzidas pelo heroe da *Navarra.* " (Ainda continua com varias refleções &c.) *Morn. Post. de 23 de Maio.*

Idem 25. Pelas noticias d'*Hespanha* se sabe terem os Carlistas tomado *Trevinho*, Villa fortificada entre *Logronho* e *Vitoria*, onde tomárão 300 prizioneiros e 600 espingardas. *Zumalacarregui* faz novas levas de soldados em *Alava.* (*Globo*)

Participão de *Bayona* em data de 18 de Maio: — " A convenção entre *Valdez* e *Zumalacarregui* tem movido muitos individuos a juntarem-se ao estandarte de *D. Carlos*, os quaes não tinhão ousado fazello assim pelo temor de serem fuzilados se cahissem nas mãos das tropas da Rainha. — Hontem passou a fronteira hum comboi de polvora e de outras munições de guerra destinadas para os Carlistas, e foi recebido por hum batalhão destes da banda d'além (*M. P.*)

Londres 30 *de Maio.* — Os Jornaes de *Paris* de Quinta feira (28) que nos chegárão pelo nosso expresso do costume, todos, á excepção de *Monitor*, e do *Jornal de Paris*, se demorão nos negocios da *Hespanha*, e sobre huma intervenção, tendose actualmente reccorrido a ella, se julgarmos pelo seguinte artigo do *Jornal dos Debates.*

» Parece certo que o Governo tem recebido do Gabinete de *Madrid* a formal requisição de intervenção. O Conselho de Ministros juntou-se esta tarde nas Tulherias. »

Segundo o *Nacional* (de Paris) a requisição partio de *Madrid* no dia 21 com approvação dos Srs. Rayneval e Villiers, e foi immediatamente transmittida a *Londres.* O seu objecto não he huma cooperação activa, mas huma mera occupação, obrigando-se a *Hespanha* a pagar as despezas da expedição. Os *Doutrinarios* querem a in-

tervenção, e os processos dos Republicanos em *Paris*, para sustentarem o seu systema; e este contrapezo, sobre que elles tem procurado estabelecer o seu equilibrio, está a ponto de se lhes gorar.

O *Reformateur* noticia os boatos de o Duque de *Broglie*, o Marechal *Maison*, e Mr. Humann, resignarem antes do que accederem á proposta medida da intervenção.

O *Temps* diz que *Luiz Filippe* está mais indisposto que nunca a huma demonstração armada, e que elle se tem expressado sobre este assumpto a certos individuos influentes do Corpo Diplomatico de tal modo que lhe torna impossivel o revogar a sua decisão. Elle he além disso apoiado pelo Duque de *Broglie* (Min.° dos N. Estrangeiros); por Mr. *Humann* (M. da Fazenda), e por Mr. de *Talleyrand*, o qual he o mais contrario possivel á intervenção nos negocios da Peninsula. Segundo o mesmo periodico ao recordar Segundafeira á tarde as estipulações do Quadruplo Tratado de Alliança, observou o Principe de *Talleyrand*: " O Tratado não diz que nós interviremos com força armada; he comtudo á *Inglaterra* que a sua execução especialmente se devolve. "

» Até aqui, " (diz o *Courier Français*) " todos os factos que têm chegado ao nosso conhecimento se reduzem á expedição de Notas do Gabinete de *Madrid*, estabelecendo que he chegado o tempo do *casus fœderis*, e ás negociações para authorisarem o auxilio de *Portugal*, e apressar levas de recrutas na *Belgica*. Quanto a enviar hum exercito Francez á Peninsula, se essa questão se tratou no Conselho, decidio-se negativamente. Ha no Gabinete huma opposição mais forte á intervenção do que a de Mr. *Humann*, e do Marechal *Maison*. "

(Do nosso Correspondente. — do Morn. Post.)

» *Paris* 28 de *Maio*. — Este expresso deve de ser despachado tão cedo que não tenho tempo para muitas linhas. — A intervenção em *Hespanha* he

assumpto de geral conversação. Que ella foi officialmente requerida pelo Gabinete de *Madrid* já não parece entrar em duvida; mas não obstante a subita baixa de hontem na Praça, e de todos os rumores que correm, e entre outros de que o Marechal *Molitor* tem recusado, e o Marechal *Clauzel* acceitado, o commando do Corpo Francez de operações, creio que até agora nada se tem decidido. Mui geralmente se crê que *Luiz Filippe* he mui opposto a esta medida, assim como Mr. de *Talleyrand*, até onde se considera a intervenção Franceza. Continuarei portanto a estar pela não interxenção até que veja movimentos militares effeituados com intuito do contrario.

Hontem corrêrão muitos boatos sobre a immediata intervenção em *Hespanha*: o *Globo* de hontem á tarde trazia o seguinte artigo a este respeito:

» O corrente boato hontem, de que o Governo Hespanhol tinha pedido auxilio á *França* e á *Inglaterra*, nos termos do Quadruplo Tratado, confirmou-se esta manhã pelo facto de se terem hontem recebido na Secretaria dos Negocios Estrangeiros officios a este respeito. Não ha porém verdade no boato que correo hoje na Praça (*City*) de terem chegado expressos ao nosso Governo annunciando immediatas operações da parte da França separadamente, em execução do Quadruplo Tratado. ”

Achamos no seguinte extracto da *Gazeta de Augsburgo* alguma chave ás opiniões das Cortes do Norte a este respeito:

» *Berlim* 17 *de Maio*. — O Conde *Nesselorde* intenta vir a *Carlsbad*, e depois ha de ir a *Kalisch*, onde se hão de ajuntar varios eminentes Diplomaticos. O nosso Rei ha de ter huma conferencia com o Imperador *Nicolao* no mez de Julho. Esta conferencia (ou entrevista) pode ser de grande importancia no momento actual em que a guerra em

Hespanha vai tomando diversa face. Pelo menos ha de induzir as Potencias maritimas a tratarem a questão *Hespanhola* com cautella, e se se houvesse de resolver huma intervenção activa (que hé com tudo improvavel, porque sabemos com effeito como ella se possa começar, mas não como poderá acabar), as hão de restringir de intervirem arbitrariamente e á ventura, e as fará levar em conta as circunstancias, e o direito. "

O *Morning Chronicle* de hontem contém a seguinte informação:

» Temos mais a assegurar que hontem (28) chegárão despachos á Secretaria dos Negocios Estrangeiros do nosso Ministro em Madrid, que conduzem a formal intimação de que a Regente está anciosa de ter o conselho dos seus alliados relativamente á conveniencia de se tomarem algumas medidas decisivas em consequencia do Quadruplo Tratado, para a ajudar a restabelecer a tranquillidade na Peninsula. "

O *Morning Herald* de 30 affirma a não-intervenção por boas razões, e com todas as apparencias de ser essa a decisão do Gabinete Francez; posto que ainda não se havia publicado decisão official.

Do Globo de 30 Maio. — Os periodicos de *Paris* da Quinta feira (28) dizem que *Puente la Reyna* foi evacuada, e que as tropas da Rainha se retirárão para o *Ebro*. Diz-se que hum General Carlista atrevessou o *Ebro* com quatro batalhões e se juntou ao Cura *Merino* na Provincia de *Burgos*. — O *Monitor* nada diz sobre os negocios da Hespanha. — A *Quotidianna* não duvida de se ter sollicitado a intervenção, mas diz " que pode haver differença de opinião no Conselho sobre o facto de tal intervenção; mas que este não he o ponto principal, porque a questão de huma intervenção Franceza não se ha de decidir em *Paris*. Nada se ha de fazer sem o consentimento da *Eu-*

ropa, e podemos affirmar que se pedio este consentimento. ”

Officios de *Zumalacarregui* ao Ministro da Guerra de D. *Carlos* annuncião que o Chefe Christino *El Pastor* na sua marcha de *Oyarzum* para *Tolosa* tinha atacado hum corpo inferior de Carlistas, mas tendo noticia da aproximação de *Segastibelza* com mais força, se retirou immediatamente, fazendo porém varias vezes porfiada resistencia, na qual se diz soffrera grave perda em mortos, feridos, e prizioneiros. — Tambem houve algumas escaramuças entre huma divisão das tropas da Rainha commandadas pelo General Gurrea, e a columna de reserva dos Carlistas ás ordens de D. *João Zubiri*; mas tendo *Gurrea* postado toda a sua força em linha, não julgou prudente o Chefe Carlista sustentar o terreno, chamou as companhias avançadas, e se retirou. — *Zumalacarregui* travou no dia 17 huma acção com parte do Exercito da Rainha que tem occupado por algum tempo *Pamplona*. Tinha mandado D. *João Fernandez de Ubago* a perseguir huma columna de Christinos que tinhão sahido daquella Cidade, e marchavão para *Tafalla*; forão surprehendidos, e carregados com tal impeto que, segundo o Boletim Carlista, perdêrão 40 homens mortos no campo, e porção de prizioneiros. *Zumalacarregui* observou depois que sahia de *Pamplona* hum grande corpo de tropas, o qual, em vez de ir, como elle presumia, acudir aos seus companheiros, immediatamente se retirou para as abas dos muros da praça. O Esquadrão dos Officiaes da Legitimidade, diz o General Carlista, e a 1.ª e 2.ª divisão de Lanceiros, conduzidos pelo Coronel D. *Carlos O'Donnell*, com outros destacamentos, avançárão sobre os Christinos, que puxárão as suas forças ao abrigo das muralhas de *Pamplona*. Representa-se haverem sido desalojados daquella posição com mui consideravel perda, ao passo que da outra parte, á excepção

de ser *O'Donnell* gravemente ferido, só foi morto hum dos soldados de cavallaria, e forão desmontados dois.

Os fundos estrangeiros que tem baixado de dia a dia ha dez dias a esta parte, hoje 30 ao meio dia ainda continuavão em difficultoso arranjo. — No dia 20 estavão as Obrigações do Emprestimo Hespanhol e outros fundos desta classe de 5 por cento entre 66 e 67, e hoje estão a 50, tendo neste meio tempo ido abatendo 16 por cento. Os 5 por cento Portuguezes estavão a 20 deste mez entre 101 e 102, e hoje estão entre 91 e 92 tendo nestes dias diminuido 10 do dito preço; e os 3 por cento, que estavão naquella data entre 71 e 72, estão hoje menos 10 do preço anterior, ou huns 14 por cento. Os fundos Hespanhoes he que tem tido maior baixa. Outros fundos estrangeiros tem tambem tido alguma baixa nestes ultimos dias. — He provavel tenha sido huma das causas da baixa dos fundos Hespanhoes em *Londres* e em *Paris* tão consideravel, e tão prejudicial aos que negocião neste ramo, o Decreto que D. *Carlos* promulgou com data de 17 de Maio, no qual dá por nullo e de nenhum vigor o Emprestimo com a Casa *Ardouin e Comp.* de *Paris* pelo Governo de *Madrid*, de que este tem recebido parte, mas de que lhe falta a maior para seu complemento.

P. S. Pelas folhas de *Londres* de 1 a 4 do corrente se vê que nenhuma decisão havia em *Paris* favoravel á intervenção na *Hespanha*, e que esta em toda a parte mais ou menos soffre os effeitos da insurreição Carlista, tendo até augmentado na *Galliza* com a prizão do Arcebispo de *SantIago*, e outros sujeitos conspicuos. *Valdez* não tem feito couza que dê efficazes esperanças de destruir o seu contrario, que tinha cercado *Tafalla*, de que não se sabia o resultado. Na *Biscaia* campeião os Carlistas, mas a noticia da tomada de *Bilbao*, que de *Bayona* se havia annunciado, não se verificou.

D. Miguel achava-se em *Roma* no dia 14 de Maio.

Transcreve o *Herald* de 4 do corrente dos papeis de *Paris* huma carta de *Madrid* de 24 de Maio, que, de acordo com outras noticias, assaz pinta o desagradavel estado da *Hespanha*, e he do teor seguinte: — " O paiz he em todas as direcções atravessado pelas tropas e guerrilhas Carlistas, que por toda a parte paralysão a acção do Governo, e o desenvolvimento da publica prosperidade. Estas guerrilhas recebem apoio dos conventos, cabidos, e população *fanatica*: evitão encontros com forças superiores, preferindo dispersarem-se para tornarem a apparecer a poucas leguas de distancia. — Os seus Chefes pela maior parte são antigos Officiaes Realistas, e mesmo Clerigos e Frades com Crucifixo, pistola, e carabina. A quadrilhas varião no numero de gente, desde 600 até 80, segundo a localidade. He difficil atacallas com vantagem em consequencia de a gente do paiz os avisar de tudo. Parece que o Governo sabe por informações officiaes que os Carlistas debaixo de armas na Navarra sobem a 31$—; na Biscaia 11$—; na Catalunha 8$—, não em regimentos, mas capazes de combater no campo. No Reino de Valença ha 2,500; em Murcia 600; Castella a Velha 5,500; na Mancha 1,200; na Estremadura 800; em Andaluzia, incluindo as Provincias de Cordova e Ronda 800. O numero na Galliza he de 6$— sustentados pelas intrigas do Arcebispo de Santiago *(cuja prizão e do seu Secretario e outros, produziria maior progresso na insurreição dos Gallegos)*; nas Asturias 1,400; no Aragão 900. Ora eisaqui sobeja materia para perturbar o Governo mais popular que houvesse; e como estes bandos se correspondem com as pessoas mais conspicuas das Cidades, tem a Policia bastante que fazer. Os nossos periodicos diariamente dão conta dos movimentos dos rebeldes, e accusão de inercia o Ministe-

rio. " (E quando os seus Redactores fossem os Ministro poderião evitar esta tendencia da massa da Nação? De fora todos fallão muito.)

Os fundos Hespanhoes continuavão a baixar (estando a 47 no dia 3), bem como os Portuguezes, tendo os 5 por cento baixado a 86 e meio, e os 3 por cento a 59 no mesmo dia. A esperança de que as folhas de *Madrid* nos trouxessem noticias mais favoraveis á causa da Rainha, infelizmente ainda se não realiza, antes no seu conteúdo se notão symptomas mais de se ter aggravado do que melhorado o aspecto dos negocios. — O Cura Merino (diz a Revista de *Madrid*) officiou ao Cap. Gen. da Castella a Velha para concordar no sitio que deve servir para deposito de feridos e prizioneiros. Atacou a Cidade de *Roa* com 1 ∯ homens de infantaria e cavalaria, e a tomou. — Escrevião de *Cadiz* que se levantára huma guerrilha avultada na Serrania de *Ronda*, de cuja feira, 60 homens della roubárão todos os cavallos e eguas, estando á vista o grosso da guerrilha. — Hum correspondente da mesma Revista de Madrid lhe diz de *Victoria* em 29 de Maio, que " não sabe como ponderar o desalento e mao espirito do paiz, e o augmento e orgulho da facção. Daquella Cidade vão para ella aos bandos homens moços, e velhos, casados, e solteiros. " — *Segura* está rigorosamente bloqueada pelos facciosos, (diz a *Revista* de 4 do corrente) e já sente falta de generos. — Diz o mesmo periodico que " a facção acaba de receber de *França* hum enorme comboi, contendo muitos fardamentos, milhão e meio de reales (60 contos de reis), e trezentos cavallos. " — Huma partida de 101 homens e varios Officiaes sahida de Victoria com cartuxame e fardamentos para *Salvaterra*, e 2 ∯ pezos foi commettida pelos facciosos junto de *Armentia*, e á excepção de 53 cavallos, tudo foi tomado. Além destas e outras noticias que referem as folhas de *Madrid*, mencionão tambem como in-

terceptados muitos correios em diversas Provincias pelas partidas Carlistas.

As folhas de Madrid de 6 a 9 dão noticias de varios movimentos, e hum officio de *Valdez* de *Pamplona* de 31 de Maio que diz fora derrotado Oraa pelos Carlistas a 29 com perda de 3 Chefes e huns 400 homens. — Diz a Revista em artigo de Burgos 2 de Junho que as facções de Villalobos e Merino *hancrecido terriblemente*; mas Valdez toma mididas *mui energicas*. — Espartero (diz a Revista de 9) foi batido na manhã de 3, retirou-se deixando 600 homens, e dobrado numero de espingardas nas mãos dos facciosos, em consequencia do que, capitulou Villafranca na tarde daquelle dia, e Jouraguy abandonou Tobosa salvando a guarnição em S. Sebastião. Em Alegria estavão 14 batalhões dos faciosos, e punhão Salvaterra em aperto. " Se se render (diz o correspondente) corre risco esta Cidade (de Vitoria) de ser atacada. " — Parece que Merino foi batido em Dom Santos no dia 3 do corrente. — Por Decreto de 7 foi aceita a demissão de *Martinez de la Rosa*, substituindo-o o Conde de Tereno na Presidencia do Conselho, e interinamente no Menisterio dos Negocios Estrangeiros.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. P. Nepomuceno, *Rua Augusta N.° 137; na de* João Henriques, *na mesma Rua n.° 1; na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.° 112; e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado. Em* Coimbra *assigna-se na de* José de Mesquita, *na Rua das Covas. Preço* 1$200 *réis por trimestre de* 13 *Numeros. Avulso* 120 *réis cada Numero.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O
INTERESSANTE,
JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXIII.

Sobre a Maledicencia.

A necessidade de promover os bons costumes entre o povo devia estar presente a todos os amantes da Patria; e entre os maos costumes que desfeião o aliàs excellente caracter dos Portuguezes, eu só descubro dois em que elles parece levão triste e desairosa vantagem a outros povos, que vem a ser, a propensão á vingança, e o gosto da maledicencia. Aquelle defeito foi sempre notado pelos estrangeiros, se bem que á proporção que foi mais illustrado o espirito religioso entre nós, mais diminuio aquella má inclinação, assim como nos ultimos tempos esse mal se tem augmentado á proporção que tem decahido entre a parte mal educada da nação o espirito da Religião, dando entrada larga á indifferença a cerca deste unico freio efficaz das consciencias, e, o que he pior, abrindo a porta á impiedade. Depois do espirito de vingança, que qualquer, olhando por si, e pela retribuição que pode vir a ter, deveria forcejar por cohibir e vencer em seu animo, o da maledicencia he mais difficil de curar (bem como outro defeito velho entre

nôs, o da *inveja*); por isso convem discorramos hum pouco, se não para curar o mal, ao menos para que possão alguns doceis corações reflectir na sua fealdade, e abster-se deste realmente immoral procedimento.

O culto devido á verdade tem sido em prosa e em verso inculcado pelos antigos e pelos modernos Sabios de todas as Religiões e Seitas Filosoficas. Todos concordão que a verdade pura he bellissima, e mui bem o expressou *Boileau* quando disse:

Rien est beau que le vrai, le vrai seul est aimable.
» Bello e amavel só he o que he verdade. »

Porém a verdade, nua e crua, como costumamos dizer, nem sempre pode apparecer, e ás vezes quem mais a desejaria expor o não faz quando a prudencia lhe ensina ser melhor recatalla que expolla, qual timida e honesta donzella, ás chufas e ás injurias de homens dissolutos. Comtudo, ella ás vezes escapa, como diz Cicero, e se faz ouvir pela boca das crianças, e dos doidos, nos sonhos, (e até na embriaguez). Obtem-se por acaso algumas vezes, e outras vem a conhecer-se á força. Ha huma qualidade de homens que, de tempo immemorial, estão costumados a dizer a verdade, sem que lho peção: e que motivo haverá, e sem duvida não será injusto, para nunca lhes darem d'isso agradecimentos, quando mesmo lho não levão a mal? Não sei; mas he certo que todos os Moralistas fallão contra essa gente, que toma por officio dizer mal. He certo porém, que em mais de huma occasião se tem tirado algum bom fructo da maledicencia moderada, se os seus tiros se dirigem a manifestar verdades, cuja ignorancia traz comsigo prejuizos graves, e augmenta os maléficos procedimentos de individuos infiuentes na sociedade, sendo o bem publico sacrifica-

do immensas vezes ao bem particular, pela ambição, pela indolencia, e outros defeitos.

Ora, o bem publico deve encarar-se sempre com toda a preferencia ao bem particular; aliàs temos os maos effeitos do egoismo nos que servem o publico. E eis aqui muitas vezes a necessidade de certa maledicencia para occorrer ao damno que as malversações, as injustiças, e o fatal egoismo a cada passo estão causando. Essa maledicencia que expõe a verdade bem demonstrada, e com frases commedidas, longe de ser prejudicial, he mui util; porque por esse meio os individuos mal inclinados tem sempre receio de que se patenteem seus maos feitos, e o Governo por hum lado, e por outro a opinião publica, vem a conhecer os defeitos que estorvão o desejado bem, e que cumpre emendar.

Portanto hum Governo assizado não obsta á maledicencia que não sahe dos limites da verdade, e do commedimento, sobre objectos do serviço publico; a maledicencia em tal caso he, em comparação da calumnia, o que he hum brinco militar, que serve de espectaculo aos curiosos, comparado com huma sanguinolenta batalha. E neste intuito os Moralistas que proscrevem todo e qualquer genero de maledicencia confundem esta com a calumnia, a qual he digna da mais severa censura, e do maior castigo. O malédico por habito quasi sempre vem a cahir em calumniador, e então entra em hum caracter odioso, e perde todo o direito á benevolencia dos amigos da verdade, porque de homem se converteo em vibora mortifera para com os seus similhantes, cuja boa reputação envenena.

Com effeito ha poucos homens malédicos que se contenhão nos limites da util maledicencia. Supponde por hum momento que estais em huma das torres mais altas de Lisboa, de Paris, de Londres, ou de Madrid, e que *Asmodeo*, ou o Diabo

Coxo, vos faz a mesma gracinha que fez ao seu amigo Leandro Peres Zambulho, de vos descobrir os telhados e tectos de algumas casas em qualquer destas grandes Cidades, porque o espirito da sociedade em quasi toda a parte he o mesmo, e vos diz: Vedes aquella companhia ou roda de homens e senhoras? (por não dizer mulheres; que he grossaria). Reparai quanto são amaveis no trato: olhai, como estão embasbacados todos a ouvir hum sujeito que com as costas para a luz, e com a mão esquerda na ilharga, está gesticulando com a direita, que de vez em quando leva á barba. Nao precizo dizer-vos que todo o seu discurso se estende sobre os costumes de certo sujeito que namora huma das filhas da casa, que elle deseja pescar: elle o põe á raza; a menina por indagação de seu pai, tem delle exactas informações boas, e nem por isso as melhores do maldizente. — Voltemos a outra parte. Olhai aquelles dois sujeitos: vedes hum assim com cara de fuinha, muito humilde fallando com hum Camafeo de sangue illustre, mas por elle nunca illustrado? Que julgais está dizendo a este seu Chefe aquelle sujeitinho? Está pintando com negras cores hum seu companheiro e superior com o qual igualmente servio sempre, e que está acima delle dois furos, e outro que medeia entre elles, para expulsar os dois honrados homens dos seus lugares, e elle de salto galgar ao do primeiro, que apezar de longos annos de serviços, até em outro tempo reconhecidos bons pelo tal Chefe, he posto no andar da rua, com o immediato; e a tanto chega a maledicencia do vil calumniador, e a boa alma do que o escuta, que ficão de pedra e cal em pôr fora o primeiro por *inhabil*, o que só se lhe conhece depois de bons 40 annos de serviço! Mas não vos persuadais que isto he só destes tempos: esta maledicencia viperina e interessada he de longos seculos; posto que neste tem refinado ao mais alto grao. — Vedes alli naquella Salla sentados

tres homens muito commedidos todos em apparencia? Pois hum daquelles he hum pérfido notavel: tendo confiado a outro dos tres certo segredo perigoso, que este lhe guardou perfeitamente, e cuja revelação naquelle tempo de certo o poderia, he o proprio que levanta desleal a voz contra o seu honrado collega, e o vai fazer expulsar denunciando-o vilmente, e sem motivo algum de comprometimento para o Estado, e o vai alli substituir hum heroe dos benemeritos, que porcerto já tinha bastante de que viver. Aquella maledicencia hé tanto mais detestavel, quanto com ella se envolve negra ingratidão. — Aqui nesta loja de bebidas, vedes aquelles dois individuos notaveis? Aquelle que está fumando he hum homem que foi calumniado e mettido em huma prizão por longo tempo; armou-lhe a cama certo individuo que pretendia o seu emprego, e de tal modo o indispoz por sua maledicencia calumniosa, que nunca se póde bem justificar, e teve de perder o emprego. Mas o outro, que vedes falla muito, se lhe offerece para o vingar do seu inimigo; ó que elle recusa com honra: o outro porém, longe de ser em outro tempo liberal, era o contrario, e mais de huma vez arranchou em assoadas: assim que as cousas mudárão, meteo-se com os que davão e tiravão as alheias fortunas e empregos a seu bel prazer, e hoje campeia entre os felizes, mais talvez do que quando andava rastejando abjecta sevandija em Gabinetes de Ministros. Tanto póde sua maledicencia, e sua servilissima adulação aos Astros novos no Horizonte que influírão em nosso clima! — Vedes aquelle figurão naquella assembléa de gente circunspecta? Reparai como falla sério, e pausado, e como de vez em quando os cantos da boca se lhe afastão sem ella se abrir, vede como de vez em quando abaixa os olhos como envergonhado. Julgareis que está deplorando alguma publica acção má, ou censurando alguma feia injus-

tica; pois enganais-vos; he hum hypocrita que está descozendo a vida de hum Magistrado que não torceo a Lei na sentença de hum facinoroso protegido pecuniario daquelle ralhador. Elle o está deprimindo, e louvando outro que deo sentença contra Lei, sem sequer se dignar attender e mencionar as provas em contrario.... "

Deixemos o episodio de exemplos a cada passo praticados; contra estes e outros que taes generos de detracção e maledicencia muito embora declamem, e nunca cessem de declamar os Moralistas; porque são grandes os males que se seguem desta maledicencia. Porém da que se funda na verdade, que acautella contra a prepotencia, contra a injustiça; da que aponta ao dedo as sanguisugas da fazenda do Estado, os Magistrados que vendem ou postergão a justiça, os que por ignorancia ou empenhos a tirão aquem a tem; ninguem se pode queixar, antes a deve estimar, pelo que ella pode contribuir para conter a natural propensão do homem a se arredar da vereda do justo e honesto.

Ha comtúdo outra especie da maledicencia, que sem offender terceiro, não deixa de agradar, e até mesmo he bem acceita entre as pessoas que menos gostão de ouvir dizer mal: ella he huma especie de atilado gracejo, que levemente belisca, mas não corta a fazer sangue. Por este meio hum engenho agudo cerceia ás vezes hum orgulhosinho, huma vaidade campanuda, huma pretensão despropositada, e não deixa de produzir vantagem ao engenhoso malédico que a tempo as fustiga com delicadeza. Brantome foi hum dos primeiros malédicos do seu tempo; mas de tal modo se exprimia, que longe de serem seus inimigos, delle gostavão os mesmos que elle sacudia com seus ditos.

Pode ser que a maledicencia fosse algum dia mais terrivel peste da sociedade; mas hoje, ou porque senão faça isto com tanta aspereza, ou porque esta molestia já se aclimatou de modo que he me-

nos aguda, como muitas das enfermidades que ha neste velho mundo, que tem hoje perdido muito de sua antiga malignidade, he certo que não produz hoje tão funestos effeitos. Hoje em dia até muitas vezes he a maledicencia moderada hum meio mais ou menos indirecto de dar valor a hum individuo; e se observa, que, para attrahir a attenção sobre huma pessoa que nos interessa, o conseguimos facilmente, se levemente a censuramos. Occulta-se o interesse debaixo do véo officioso, tendo cuidado de que o amigo que queremos obsequiar, ou servir, represente hum papel, não de parvo, mas de esperto, e de boa feição. — Huma ridicula aventura fez opportunamente se lembrasse Luiz XV Rei de França do nome de hum homem que certo malédico não ousara sevir directamente. Veio a vagar hum Governo; vio o Rei na lista o nome do tal homem que o fizera rir. " Oh! deste me lembro eu, " disse o Rei; e eis feita a fortuna do tal sujeito. He certo que este tinha tanto merecimento como teve fortuna. Mas basta este exemplo para provar que da maledicencia tambem ás vezes se tira algum proveito.

Estas casualidades são porém excepções á regra moral de que não se deve usar da maledicencia: ella he causa de muitos desgostos para as pessoas que são alvo dos seus tiros, e muitas vezes para os proprios maldizentes. Os que dizem mal com provas evidentes e irrefragaveis podem esperar não ser inquietados, sobretudo quando seus tiros não se dirigem aos poderosos; porém os malédicos gratuitos, e os que mesmo fallão com razão, mas não podem sufficientemente provar suas maledicas asserções, tem armado grande laço a sua segurança pessoal, ou quando menos ao seu credito. Muitas vezes se diz mal dos homens de hum partido para o derrubar, e subir aos lugares dos derrubados a gente de outro partido. E que faz o que desceo por effeito da queda dos seus chefes? Torna-se ma-

lédico, e busca desforrar-se por esse meio dos subidos á dominação no Estado, — Ora, senão se transcendessem as métas, se a verdade apparecesse bem escoltada de provas, a opinião geral se daria por satisfeita dessa maledicencia incontestavel, e se entregaria sem reserva á doce esperança de ver caminhar os negocios sem estorvo pela estrada da invariavel rectidão.

Influidos muitos homens por illusões momentaneas, lanção-se sem mais reflexão ao mar das conjecturas; quanto se lhes apresenta nos individuos cujos empregos elles cubição, tudo são defeitos; ignorancia, rapina, illegalidades, são ingredientes promptos para se formarem accusações aereas, e gemem os prélos com calumnias furiosas, em quanto, ou avultadas doses pecuniarias, ou algum beneficio simples, não vem servir de emoliente que dissolva taes durezas. Em outro tempo o celebre *Hippolyto*, finado redactor do *Correio Brasiliense*, por estes rasgos de maledicencia soube encher sua bolsa de avultadas doses " das valem tudo *fúlgidas carinhas*; " que bem se póde dizer erão *abençoada maledicencia!*

Ao presente entre nós temos huma variedade no genero maledicencia, cuja base tem sido, e está sendo, reputada como solida, sendo ella muitas vezes a mais fragil que se póde imaginar, e he: Fulano estava empregado no tempo em que D. Miguel governou, sem o minimo estorvo, em Portugal; ergo, he rebelde, he tudo quanto ha de mao no Mundo. — Isto he maledicencia para com muitos, e he sandice manifesta para com a maior parte. Mas como em lugar de procurarem extinguir o germen das paixões, e desvairados resentimentos, o que se tem procurado he exacerballos; prezão-se, e se acolhem benignmente estas desenfreadas accusações, e tudo se curva aos látegos desta maledicencia, poucas vezes officiosa, e quasi sempre interessada, e a favor de sujeitos inhabeis.

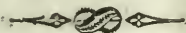
Em geral, a maledicencia he abominavel quando he calumniosa, desculpavel quando he fundada em verdade, commedida, e encaminhada ao bem publico, e a evitar procedimentos perigosos em suas consequencias. Fora disto, he murmuração, detracção, e deshumanidade. » Os cães mais fracos (diz o nosso Fr. *Amador Arraes* no seu 1.º Dialogo) são os que mais ladrão. A lingua longa mostra he de mão curta, principalmente quando falla mal dos auzentes. " Não devemos comprar inimigos com tanta facilidade como he a da injusta maledicencia; e esta, em se tornando habito, traz o malédico apontado com o dedo onde quer que o conhecem. A's vezes esse habito mao tem redundado em grave prejuizo corporal do que o pratica com desproposito. Finalmente, na sociedade de pessoas bem criadas não tem, ou pelo menos não deve ter entrada essa maledicencia que detrahe o credito, e avilta o procedimento alheio, ainda mesmo das pessoas que não o tem mais puro. A maledicencia que acima descrevemos, para malquistar hum individuo, e por esse meio usurparlhe o emprego, e perdello no bom conceito de seus superiores, he infamissima, e torna mais vil o individuo que tal pratica do que o mais detestavel criminoso forçado de calceta. Em summa, quem quizer ser Christão fiel aos preceitos divinos, abominará sempre a maledicencia como opposta ao amor de Deos e do proximo.

Mortes violentas de varrios illustres Escritores da Antiguidade.

Por huma estranha fatalidade grande numero dos Escritores illustres da Antiguidade forão prematura e desastradamente privados da existencia. *Eurípedes* (grande Poeta tragico), e *Heráclito* (notavel Filosofo) forão atassalhados por cães. — *Theócrito* (grande Poeta Bucolico) terminou sua carreira na forca (segundo a opinião dos que dizem que *Hieron*, tyrano de *Syracusa* o mandara punir

por huma Satyra que lhe fizéra). *Empedocles* perdeo-se na cratéra do Monte *Etna*. — *Hesíodo* foi assassinado por seus inimigos secretos. — *Archíloco*, e *Ibyco*, forão mortos por Salteadores. — *Sappho* (ou *Safo*, famosa Poetisa) precipitou-se de huma rocha. — *Eschylo* morreo por lhe cahir sobre a cabeça huma tartaruga que escapou das garras de huma aguia. — *Anacreonte* (como era de esperar) recebeo a morte pelo çumo da cepa. — *Cratino*, e *Terencio* experimentárão a sorte de *Menandro*, que morreo affogado. — *Séneca*, e *Lucano* forão condemnados á morte por hum tyranno, tendo as veias abertas, e morrêrão repetindo seus proprios versos; e *Petronio Arbitro* teve igual catástrofe. — *Lucrecio*, dizem escrevera laborandolhe nas entranhas hum filtro que lhe ministrára a sua amada, cujos effeitos o destruírão. — Veneno, engolido em circunstancias mui diversas, cortou os dias de *Sócrates* e *Demósthenes*; e *Cicero* morreo pela proscripção dos triúmviros. He verdadeiramente maravilhoso que tantos homens, que se prezavão de amigos da paz e do retiro, tivessem sortes tão diversas daquella a que parecerião expostos os acasos communs da vida. — Filopémon morreo a rir. Entrando em hum quarto para comer figos, achou hum burro comendo os a hum e hum; para completar-lhe a refeição mandou a hum escravo que apresentasse hum vaso de vinho ao seu orelhudo hospede: este logo entrou a beber o vinho, o que produzio tal froxo de riso em *Filopemon*, que se suffocou, e morreo. — *(Blunt* reunio estes casos na sua *Anthologia Grega.)*

Ancedota. O celebre Barão de *Thugut*, que fora despachado a huma missão especial a *Varsovia* no reinado da *Estanislao Poniatowski*, procurando o quarto do Rei, errou o caminho. Tendo passado varios quartos ouvio huma tosse seca, parou, e vio hum sujeito com muitas Grã-Cruzes, ao qual fez as tres cortezias da etiqueta ás testas

coroadas: mas qual não foi a sua indignação quando soube que não as fizera ao Rei, mas ao Plenipotenciario da *Russia*, Barão de *Stackelberg*! Jogando á noite com o Rei, enganou-se com huma carta dando hum Conde por hum Rei; advirtido reformou a carta, e se tornou a enganar dando outro Conde, e tornado a advirtir, disse: " Ora he a terceira vez hoje que tomo hum Valete por hum Rei! ».

LISBOA 22 de Junho de 1835.

Noticias Politicas.

Londres 20 *de Maio. (Do Morning Herald)* " Os papeis Alemães trazem noticias de *Vienna* até 6 do corrente. O Imperador acaba de dar a sua sancção a hum importante decreto, que modifica a Pauta dos direitos, e estabelece inteira liberdade de commercio dentro da linha em que estão estabelecidos Officiaes de Alfandega. Presumimos ser isto em consequencia de ter accedido a *Austria* ao Systema da União Commercial da *Prussia*, que tem por objecto remover as restricções sobre a liberdade do commercio entre a *Prussia* e aquelles Estados Alemães que se juntão á União, e o estabelecimento de maiores restricções contra os Estados exteriores, com grande detrimento, por conseguinte, do Commercio d'Inglaterra (*e ella toma medidas a favor do commercio dos outros?*) que vai achando as liberaes theorias dos *Doutrinarios*, do seu commercio livre, em humas partes desprezadas, e em outras correspondidas com a exclusão. São excluidas da participação nas vantagens do systema Prusso-Germanico a Hungria e a Dalmacia. O Imperador não tem obrado nisto com acerto; porque beneficia a Prussia á custa de grande

porção dos seus subditos; posto que isto não he tão mao como a conducta dos nossos Filosofos pregoeiros do commercio livre em destruirem os industriosos e engenhosos artistas de *Spitalfields*, *Nottingham*, *Coventry*, &c., para enriquecerem os fabricantes Francezes, sem obterem nenhumas reciprocas vantagens para o nosso paiz em compensação. Porém o *Doutrinario Inglez* he o mais incorrigivel dos testarudos pedantescos. Até a propria experiencia, que se costuma dizer ensina os loucos, nenhuma impressão pode fazer em sua loucura. ” (O *Herald* falla deste modo á cerca da *Inglaterra*; e que poderiamos nós dizer em *Portugal* a certos respeitos neste ponto? Os officios mecanicos vão-se arruinando; os mais avultados em operarios como os de çapateiro, alfaiate, &c. com a entrada de çapatos de França, e outras obras feitas, estão arrastados; o pequeno interesse dos direitos não pode compensar a desgraça de tantas familias pobres. Este objecto merece occupar hum dia a seria attenção de hum Governo que zela os interesses da Nação. Deixem-se theorias que achão na pratica a mais decisiva refutação. Os estrangeiros não tratão senão de illudir-nos para seu proveito.)

Londres 25 de Maio.

Terrivel acontecimento em Buenos-Aires. — *Liverpool 24 de Maio.* — Pela chegada do Navio *Cora* de *Buenus-Aires*, d'onde partio a 16 de Março se recebeo a seguinte funesta noticia: O General *Quiroga*, Presidente da Provincia de *Buenos-Ayres*, foi atacado no dia 16 de Fevereiro entre *el Ojo de Aqua*, e *Simacatt*, obra de 18 legoas distante de *Cordova*, com toda a sua comitiva, incluindo o seu Secretario Geral *D. José Santos Ortiz*, sendo assassinados a sangue frio. A noticia deste horroroso successo poz toda a Republica em grande consternação, fazendo em parte parar o Commercio, e grande abalo na confiança publica. Pare-

ce que o assassinado General e oito individuos que o acompanhavão hião de seu vagar, tendo aquelle sido enviado pela Camara dos Representantes para ir no interior accommodar as desavenças que tinha havido entre os Estados de *Salta* e *Tucuman*. Forão atacados por hum corpo de 18 ou 20 homens armados, e logo mortos, e escapando da comitiva apenas hum homem, que era hum correio que hia pouco distante, e que ao ver o ataque meteo esporas ao cavallo, e pôde fugir aos assassinos. O sitio escolhido por estes foi perto de hum espesso mato, em hum lugar chamado *Passo da Barranca*, atraz do qual mato se achavão occultos. Entre os objectos que levárão hia huma boa somma de dinheiro. — O Governo de *Buenos-Ayres* mandou deitar luto pelo General, que era muito estimado, e fez huma proclamação sobre o successo. (*Morning. Post*).

Idem 27. — Cartas de *Trebizonda*, segundo escrevem de *Vienna* annuncião ter o Rei da *Persia* entrado em triunfo em *Ispahan*, e que a guerra civil pode considerar-se quasi acabada.

A Fragata de S. M. *Dispatch* tinha chegado ao *Pará* em Abril; indo das *Barbadas* para proteger os interesses Britanicos. Estava a terra na maior confusão. No *Maranhão* quatro Fragatas e alguma tropa destinavão-se a huma expedição para restabelecer alli a tranquilidade. A incitação da canalha contra os Portuguezes continuava do mesmo modo, e tinha havido algumas mortes crueis. O commercio e a confiança estão de todo perdidos.

No *Mexico* ha perturbações: Em *Lima* ha desordens, e foi esta Capital declarada em estado de sitio. He o que a America Meridional tem ganhado com as suas revoluções.

O processo dos Republicanos em Paris proseguio do socegadamente, e assaz fastidioso, pois agora só se limitará a 25 dos accusados, que se submetterão a esta fórma de processo. Quando se proce-

der aos casos dos seus refractarios consocios hão de suscitar-se novas difficuldades, e o negocio ha de mui provavelmente assumir muito mais vivo aspecto.

Londres 21 *de Maio.* Dizem que o General *Valdez* fizera em *Pamplona* no dia 11 do corrente hum Conselho de Guerra, e se notou que não fosse a elle convocado, estando ainda naquella Cidade, o General *Mina*. Este distincto Chefe, na sua sahida de Pamplona, ainda que adequadamente escoltado, foi tambem conduzido até *França* pelos Carlistas, os quaes, estando alinhados nos outeiros proximos á estrada, se abstiverão de o atacar. *(Globo)*

O Sr. *Santa Maria* recebeo as suas credenciaes como Ministro do *Mexico* junto da Corte Britannica, e tambem plenos-poderes para assignar Tratados de Amizade, e Commercio com o Governo de *Madrid. (Id.)*

Idem 27. — *D. Carlos, e os Emprestimos Hespanhoes. — Da Gazeta de França de Segunda feira* (25.) = *Bayona* 19 *de Maio.* = O seguinte he copia de hum Decreto de D. *Carlos*:

» Em consequencia de arranjamento feito pelo usurpador Governo de *Madrid* para confundir a legitima divida Hespanhola com o novo Emprestimo feito pelos revolucionarios ao presente á testa da Administração, hei por bem decretar o seguinte: — 1.º Todos os Titulos (ou Apolices) da Divida Hespanhola que tem a data do Governo usurpador, e que estão referendados pelos seus agentes, são nullos e de nenhum valor, quer ao presente, quer para o futuro. — 2.º Os Titulos da Divida Hespanhola que não tiverem sido apresentados para actual conversão ficarão taes como estavão ao tempo do fallecimento do meu Augusto Irmão D. *Fernando VII*, de gloriosa memoria. Se não tiverem sido renovados pelas authoridades usurpadoras, serão reconhecidos integralmente,

e admittidos a consideração pelo meu Governo assim que elle se achar installado em *Madrid.* — 3.° Relativamente ao Emprestimo Real de 1823 proceder-se-ha a tirar sortes daquellas series que ficão jacentes, para se pagarem ao par, na forma do contrato original; applicando-lhes com preferencia os fundos mais disponiveis para servir com especial exactidão este credito privilegiado. E para que isto chegue ao conhecimento do publico, e que ninguem possa allegar ignorancia, o fareis constar e o communicareis áquelles aquem competir. = *Eu ElRei.* = *(Referendado)* = *Cruz Mayor.* = Onhate 20 de Abril de 1835. " *(Globo)*

N. B. Damos este decreto (e não nos importa em que termos he lavrado) porque, tanto elle, como o de 17 do mesmo mez que annullou o Emprestimo feito pelo Governo de *Madrid* com a Casa *Ardouin e C.* de *Paris*, tenhão ou não todo o exito, tem já produzido mao effeito nos fundos Hespanhoes em *Londres* e *Paris*, e não devem ser ignorados pelo Commercio Portuguez.

A Irmã do Duque de Bordeos dizem que está a ponto de ajustar-se a casar com hum Principe Russiano.

O periodico Francez *Le Temps* diz que Mr. de *Talleyrand*, que assignou a Quadrupla Alliança, tendo sido consultado quanto á sua consistencia com a recente convenção entre *Valdez* e *Zumalacarregui*, abertamente declarou, que o fim desta alliança ficaria sendo o mesmo, fosse qualquer que fosse a final o Soberano d'Hespanha. A sua principal intenção, sustenta o Principe, he o concerto das Potencias do Sul contra a *Russia*; e se fosse ganhada a *Austria* a entrar nella, completar-se-hia o fim tão appetecido por *Napoleão*, isto he, " livrar a Europa de vir a ser Cossaca. " (Isto são conjecturas, e palavras attribuidas a Talleyrand; porque este, ainda que velho, não está tão tonto que fizesse constar publicamente essas

miras, que desafiarião serias medidas da Russia, Austria e Prussia.)

O Principe *Leopoldo* de Napoles chegou a *Paris;* dizem casa com huma das Filhas do Rei *Luiz Filippe.* He Irmão do Rei das *Duas Sicilias*, e da Rainha d'Hespanha Viuva de *Fernando VII.* He notavel que apresentando se a comprimentar este Principe os Embaixadores das differentes Potencias em *Paris*, não foi admittido a esta ceremonia o Embaixador d'*Hespanha*, segundo assegura o *M. Herald* de hoje (27) saber " de authoridade *indubitavel.* "

Idem 29. — Hum periodico de *Paris* de 26 do corrente annuncia que se acha concluido o contrato o casamento entre a Princeza *Clementina*, terceira Filha do Rei dos Francezes, e o Principe de *Syracusa* (*Leopoldo*).

Apezar do que se tem dito em contrario, as noticias de *Alexandria* de 28 de Março, vindas por *Vienna*, mostrão que a peste alli fazia ainda horrivel estrago, matando de 300 a 400 pessoas por dia, e não se julgava ter chegado ainda ao seu auge. Parece que todas as aldeias das margens do *Nilo* padecem muito do mal. Tinhão todos os Consules estrangeiros sahido do *Cairo* e de *Alexandria* por esta causa. (*Morn. Her.*)

Idem 30 (*Do Morning. Herald*) " Muito desejamos que se tivesse escutado nossa advertencia quando prevenimos o publico Britannico contra o trocar seu sólido dinheiro por titulos Hespanhoes sobre a fé de victorias fabricadas em *Bayonna* para o serviço de certos " alicantineiros " da Praça de *Paris* e ouras. As noticias que nos enviavão d'*Hespanha* os nossos correspondentes sobre o progresso da insurreição Carlista, que os fabricadores de novidades " anniquilávão " cem vezes, forão atacadas por alguns dos nossos contemporaneos, que nada podião tolerar com figura de noticia d'Hespanha senão o que tendesse a levantar

o preço dos Fundos Hespanhoes, e a animar esse extravagante espirito de especulação nesses Titulos, a qual acabou, como nós previamos aconteceria, na ruina de muitas victimas.

» Do mesmo modo avisámos nós o publico das consequencias da enganadora manía de 1825 a 26, em que os primeiros planos de fundos-unidos estavão apparentemente no mais florecente estado antes de sobrevir aquelle terrivel estampido que dissipou os aureos sonhos dos incredulos logrados por *generosos* projectistas, que offerecião illimitadas riquezas a todos os que as quizessem buscar, pelos mais commodos preços, e lhes deixárão, em troco da sua moeda metalica, bocados de papel impresso bonito, sem valor, e inutil arrependimento!

» Certos jornaes, cujas columnas costumavão vir fartas de asserções das victorias dos Generaes da Rainha em Hespanha, e da prosperidade do seu Governo, affectão lançar muita obscuridade sobre a causa do terror panico no mercado dos Fundos Hespanhoes, como se isso fosse grande mysterio. Nada, pelo contrario, he mais claro: não ha mysterio algum neste assumpto. Os Fundos Hespanhoes forão levados á força a alto preço por meio de noticias falsas, e forjadas para o fim de huma illusão systematica; porem quando a verdade já se não póde por mais tempo occultar, e quando se conheceo a irremediavel condição do Governo da Rainha pela exigencia da intervenção estrangeira, para proteger seu throno contra as victoriosas legiões dos tantas vezes " anniquilados " Carlistas, então abrio os olhos o publico, e vio que " a solida prosperidade " dos Titulos Hespanhoes era huma baixa traficancia; a confiança que a falsidade engendrára, perdeo-se no mesmo instante em que veio a ser geralmente sabida, e a armadilha que sobre ella se levantára, cahio como huma casa de arêa, e grande foi a sua queda!

» Pela nossa parte jamais auguramos couza decorosa daquelle Governo desde que vimos os planos ardilosos que originalmente propunhão nas Cortes os Ministros da Rainha para defraudar os crédores da Hespanha estrangeiros, e principalmente os Inglezes. Carecia-se porém de hum novo Emprestimo, e achou-se que não era possivel obter hum novo Emprestimo em *Londres* sem retractar a proposição de huma bancarrota nacional, e fazer algum ajuste com os possuidores das Apolices das antigas Cortes. A esse tempo fazia o nosso correspondente em Madrid quanto podia para abrir os olhos ao publico Inglez. Elle mostrou que o grande objecto do Governo Hespanhol era alcançar o novo emprestimo a todo o custo, e elles portanto vierão a fazer hum arranjo relativamente ás Apolices das Cortes; mas o nosso correspondente suspeitou muito não viessem depois a achar mais conveniente recorrer ao plano de huma bancarrota nacional antes do que adherirem a este ajuste. O seu conselho era: — " *João Bull*, tem cuidado nas algibeiras." — *João Bull* desprezou o conselho, e agora se maravilha de achar vazias as suas algibeiras, quando nem sequer cuidou em as abotoar senão quando já o seu dinheiro tinha abalado!

» Se tomassem o nosso conselho não haveria agora este panico terror, porque não havia materia para elle se suscitar. — O nosso correspondente de *Paris*, na nossa folha de hontem, dizia: " Vós percebereis que o mercado dos Fundos tornou a ser assumpto de terror panico. A baixa *dos Fundos Francezes he só attribuida ao aspecto dos negocios d'Hespanha*, e á consequente maior necessidade de intervenção estrangeira. As noticias (com data de 21 do corrente) recebidas de *Madrid* hontem á tarde, succede serem mais desfavoraveis do que as cartas ao principio as havião reprezentado; a cada momento se espera occorão as mais deploraveis scenas; os Ministros estavão

se preparando para escapar aos perigos que ameação a todos, &c. "

» He verdade que o Embaixador d'Hespanha, o General *Alava*, tratou a derrota de *Valdez* mui ligeiramente, como couza de nenhuma importancia militar; mas elle não tem a condescendencia de explicar-nos a razão porque aquelle General fez huma retirada de 50 a 60 milhas (ou 17 a 20 leguas) da scena da acção, para tomar posição na margem direita do *Ebro*. Porém o que o nosso Correspondente de Madrid nos disse ha pouco dessa derrota explica melhor a causa da retirada de *Valdez* do que a asserção do General *Alava*. Elle diz: " Cada correio traz novas particularidades do vergonhoso modo como se portárão as tropas de *Valdez* nos dias 23 e 24 do mez passado. Parece que 17 Batalhões fugirão como lebres de 11 batalhões dos *facciosos*, e agora temos a repetição d'aquella scena na *Biscaia*, onde *Iriarte* foi batido no 1.° do corrente, em *Guernica*, deixando 22 Officiaes mortos, e 400 homens prisioneiros, que elle e o seu cobarde exercito abandonou. " (Na Ordem do Dia de *Valdez* abaixo transcrita se vê a indisciplina de taes tropas.) — O facto he que as repetidas victorias dos Carlistas que o Governo Hespanhol tinha occultado quanto pôde, e que os especuladores em Fundos negavão, mas que erão narrados todos de tempos a tempos pelo nosso correspondente na *Navarra*, destruírão a confiança na coragem das tropas da Rainha. "

Quando lemos no *Morning Herald* de 4 do corrente hum Protesto de D. Miguel, datado a 14 de Maio em *Roma*, conceituamos que não podia ser genuino, e vimos que o *Diario do Governo* de 16 deste mez o publicou sem affiançar a sua authenticidade. Mas vendo-o tambem no *Globo* de 4 de Junho com bastante differença de traducção, transcrevendo-o da *Quotidianna*, que diz recebêra huma *copia authentica* do dito Protesto, damos aos

nossos leitores a traducção exacta da traducção do *Globo*, ao mesmo tempo persuadidos que isto não deixará de ser obra da influencia da Corte de *Roma* para se lhe requererem Bullas, sem as quaes julgará se não deve dispor dos Bens Ecclesiasticos. Seja o que for; relevem os nossos leitores a traducção, sem que caiba na alçada de quem traduz taes peças com exactidão omittir as expressões mal soantes do original.

O *Globo* de debaixo do titulo = D. Miguel e os Bens Ecclesiasticos = diz: — " Nós (*a Quotidianna*) temos recebido huma *copia authentica* do seguinte documento:

» Sendo hum dos primeiros deveres de hum Soberano Catholico, como protector da Igreja e dos santos Canones, conservar em sua integridade os bens pertencentes á mesma Igreja, a fim de que possão ser applicados aos santos objectos proprios da sua natureza, e aos quaes são por direito destinados, de cuja applicação tem a experiencia de tantos seculos mostrado o benefico resultado; considerando que, segundo as informações que tenho recebido, o intruso e impio Governo de Lisboa, a fim de mais facilmente destruir o Catholicismo em Portugal, e de reduzir o Clero a espantosa miseria, bem como a huma fatal dependencia, intenta vender os Bens Ecclesiasticos, prevenientes, parte delles, de doação dos Reis meus Augustos Predecessores, doações procedentes de competente authoridade, e a mais avultada parte dos legados pios e dotações feitas pelos fieis a varias Igrejas e Mosteiros, aos quaes em retribuição imposerão onerosas obrigações que tem sido religiosamente cumpridas.

» Desejando, quanto me he possivel, opporme a tal usurpação, e prevenir os males que possão della resultar, assim á Igreja Portugueza, como á sociedade em geral, protesto diante de Deos e de todos os Soberanos da Europa contra a venda

de taes bens, e declaro que toda a venda e hypotheca desses bens será havida por nulla e de nenhum effeito, e que os compradores nacionaes ou estrangeiros, ou rendeiros, perderão o seu capital.

» E para que a todo o tempo em que eu haja de revindicar o Throno que me foi usurpado, ninguem possa allegar ignorancia, nem formar pretensões a que jamais se artenderá, depois do meu Protesto contra todos os actos do Governo existente em Lisboa, datado em 24 de Junho de 1834, e dirigido a todas as Potencias da Europa, julguei acertado transmittir ás ditas Potencias este novo Protesto. = *Roma* 14 de Maio de 1835. = (Assignado) *Miguel.* »

Na *Revista Mensageiro* de 12 do corrente vem a seguinte Ordem do dia do General *Valdez.*

» O Ex.^{mo} Snr. General Commandante em Chefe vio com surpreza misturada de indignação a derrota soffrida pela 2.ª Divisão do Exercito de operações na *Navarra*, que foi quasi totalmente posta em desordem, e pouco menos, que em completa fuga por forças em extremo inferiores ás suas. O bom nome de que anteriormente se fez credora, o induz a pensar que além da influencia, que em hum acontecimento tão escandaloso havia causado o máo tempo, e a natureza do terreno, terá intervindo alguma d'aquellas desgraçadas combinações que zomba do valor e prudencia dos homens, e não são raras na guerra. Comtudo, para não deixar inteiramente impune hum facto d'esta especie, e fazer ver para exemplo do Exercito, que os culpados ficarão sujeitos a huma parte do rigor que exigem as leis da disciplina, se servio mandar: — 1.° O Commandante de 2.° Batalhão do 4.° Regimento da Guarda Real de Infantaria D. Ignacio Ventura, que se achava no ponto, onde começou o attaque, e encarregado de conter a desordem, não cumprio com as prevenções tão terminantes que se lhe derão para isso, fica por este acto sus-

penso do seu emprego, em quanto pelos meios que prescrevem as leis militares não justifique plenamente a sua conducta. — 2.º Os Corpos não usaráõ de bandeiras em suas formaturas até que por huma acção eminentemente distincta expiem a falta em que incorrêrão 3.º Tambem não receberáõ rações de vinho, e aguardente até se fazerem credores ao dito beneficio com as mesmas condições. — 4.º Nenhum Official de Capitão para baixo poderá usar Cavallo, sem que, por attestado do Chefe da Divisão, ou Brigada justifique que por sua conducta na refrega se fez positivamente merecedor de huma excepção: porém ficão excluidos d'esta graça, ainda com similhante requisito, os que chegárão a esta Praça de Pamplona separados dos seus Chefes. — 5.º Fica exempto das penas acima referidas o 1.º batalhão do Regimento da Princeza, que contribuio tão efficazmente para que hum acontecimento desastroso não tivesse tido mais lamentaveis resultados. — O Ex.^mo Sr. General em Chefe pára por agora nestes castigos, leves se se comparão com a gravidade do caso a que se applicão; mas se se repetirem para o futuro, o que não espera, nem quer suppor, se verá na dura precisão de empregar outros mais terriveis, taes como o exigem as leis da disciplina, e prescrevem nossas Ordenanças militares O Brigadeiro Chefe d'Estado Mayor. = *Evaristo San Miguel.*

As Cartas de *Rioja*, na Castella a Velha, dizem que se descobrio naquella Provincia huma vasta conspiração cujas ramificações erão muito extensas.

P. S. Pelas folhas de Londres de 5 a 13 do corrente se vê recusada a intervenção na guerra civil d'Hespanha pela França e Inglaterra, concedendo apenas esta, pela suspensão do Acto contra o Alistamento estrangeiro, poderem os Agentes da Rainha alistar gente e comprar petrechos na Grã-Bretanha para seu auxilio. — Pelos officios

Carlistas da derrota de Orâa se vê que entre os varios Officiaes (e 500 soldados) que ficárão prisioneiros no dia 29 estava o filho do mesmo Chefe, e que entre os despojos se contavão duas mil espingardas. — O Correspondente do *Herald* escreve de Lesaca em 6 de Junho, entre outras couzas o seguinte: " Tem sido evacuados pelos Christinos todo o Bastan, Elizondo, Santo-Estevão, Urdach, e Eibar. Toda a linha de fortalezas desde Irun (inclusivè) até Vergara, tem sido tambem evacuada, procurando refugiar se os Christinos em *S. Sebastião*, &c. . . . Os Carlistas estão pois senhores das Provincias do Norte á excepção de Pamplona, Victoria, S. Sebastião, e Bilbao. — Em breve ouvireis fallar da partida dos Carlistas para a *Castella-Velha*, onde os habitantes anciosamente os esperão. Reina a maior desaffeição nas tropas da Rainha; são immensas as deserções &c. — O *Mensageiro* (de Paris) assegura, diz o Herald de 13, que o General *Alava* e o Duque de *Frias*, Embaixadores da Rainha em Londres e Paris, desgostosos do modo como a França e a Inglaterra recebêrão seu requerimento de intervenção, ambos tem resignado as funcções diplomaticas. — O mesmo Herald de 13, no Artigo *City (Praça)* do dia 12 diz: " Os negocios de Hespanha continuão a ser olhados com mui grande inquietação, visto que tem aqui transpirado pouco sobre o progresso do alistamento para o serviço da Rainha; comtudo alguns ajustes se sabe terem sido acceitos para transporte de tropas, e munições, ao passo que estão outros ainda pendentes do Agente do Governo da Rainha, o Sr. *Carbonell.* " — Os fundos Hespanhoes estavão de 36 a 37 no dia 12. — Os Portuguezes, de 5 porcento, entre 84½ a 85, e os 3 porcento de 58 a 59. A noticia da mudança do Ministerio Portuguez, sabida em Londres nesse dia, não fez impressão nos fundos.

Ha no *Herald* de 10 hum artigo do *Constitu-*

cional de *Paris*, de huma carta de *Liorne* de 21 de Maio, que assevera ter *D. Miguel* sahido de Roma a 21 disfarçado, embarcado em *Civita-Vecchia* no Vapor *Sully*, chegado a 23 a *Liorne*, d'onde tornara a sahir para *Genova* e *Marselha*: que parece iria a *Turim*, e passaria pela estrada de *Genebra* á *Hollanda*, " onde achará hum Governo disposto a ministrar-lhe soccorro. " Estas ultimas palavras, a nosso ver, acabão de patentear a patranha. — O Papa foi a *Civita-Vecchia* nesses dias.

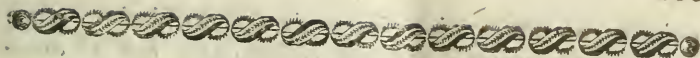
A noticia que se deo de Saragoça de ter sido ferido *Zumalacarregui* foi falsa, e se o amor da verdade guiasse os escritores, do mesmo periodico Hespanhol que a dava se podia traduzir o que a desmentia.

As folhas de *Madrid* de 13 a 16 confirmão as de *Londres* nas noticias da *Navarra* e *Biscaia*, e dizem que *Zumalacarregui* hia atacar *Bilbao* com 14 peças; parecia que *Valdez* passava a occupar a margem do *Ebro*. — Por decretos de 13 forão nomeados Ministros novos, ficando o Conde *Toreno*, 1.º Ministro com a Pasta dos Negocios Estrangeiros; vindo o Gen. *Alava* para a Marinha, e *Mendizabal* (o Agente dos Emprestimos) para a Fazenda; *Herreros* para os N. da Justiça; *Alvarez Guerra* para o Reino; e o Marquez de las *Amarilhas* para a Guerra.

N. B. Assigna-se em Lisboa *na Loja de* J. J. Nepomuceno, *Rua Augusta N.º* 137; *na de* João Henriques, *na mesma Rua n.º* 1; *na de* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.º* 112; *e na de* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado.*

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR,

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXIV.

Pensamentos profundos e muito uteis de Mr. de Bonald.

Estado legal, estado legitimo da Sociedade. Differença importante, e que não se tem sufficientemente meditado. — O estado legitimo he conforme ao estado da Natureza, ou antes do seu Author; e a primeira Lei legitima e natural do Estado politico he a legitimidade da successão. O estado simplesmente legal he estabelecido pela mera vontade do homem; deste modo a indissolubilidade do matrimonio he o estado legitimo da Sociedade domestica. O matrimonio dissoluvel pela lei (onde esta o permitte, como he praticavel em algumas posto que raras circunstancias) he hum estado legal. A unidade do poder he o estado legal da Sociedade politica; a pluralidade dos poderes he o seu estado legal.

O progresso da Sociedade e a sua perfeição consistem em fazer legal tudo o que he legitimo, e legitimo tudo o que he legal, isto he, em ter leis boas e naturaes, e em não ter outras que o não sejão. Huma Sociedade chegada a este estado

acha-se na sua maior força de estabilidade, e se acaso experimenta alguma revolução, em si mesma e em suas proprias forças encontra o principio e os meios da sua restauração.

Quando a Sociedade cahio do estado legitimo no estado legal, e quando os homens tem posto sua vontade propria no lugar das leis da Natureza, então mostrão elles, ou fingem, grande acatamento á sua obra. D'ahi vem a magía da palavra *Lei* em alguns Governos, ou em algumas épocas, que justifica aos olhos dos simples ou dos hypocritas as medidas mais violentas, e até os mais atrozes crimes. Assim o manda a Lei, dizem; e então se abaixa a cabeça diante muitas vezes de graves erros, e do imperio das paixões.

2. Quando Deos quiz castigar a *França*, fez retirar della os Bourbons. Fez como o Pai de familia que afasta a Mãi quando quer castigar seus filhos.

3. A boa ordem procede sempre com pezo e medida: a desordem he sempre apressada.

4. Nada pedir, e de ninguem fazer queixa, he excellente receita para ser feliz.

5. Em *Inglaterra*, os costumes monarquicos da familia servem de correctivo á Constituição popular do Estado. Na familia, ha mais respeito da mulher ao marido, dos creados a seus amos, dos soldados aos seus Officiaes; mais subordinação em fim dos inferiores aos seus superiores. Em *França*, pelo contrario, a Constituição monarquica do Estado e a força do Poder erão o contrapezo dos costumes menos austeros, e, por assim dizer, mui populares, da familia. Devia prever-se que os costumes da familia ainda se relaxarião mais, se o poder do Estado viesse a enfraquecer, e que então por to-

da a parte se veria a constituição popular, tanto no Estado como na familia; eis o que aconteceo.

6. O systema de huma Divida publica põe muito menos os particulares na dependencia do Estado, do que põe a sorte do Estado nas mãos dos particulares.

7. No systema antigo das nossas Monarquias, todo o serviço publico, a Religião, a Realeza, o alivio de todas as fraquezas da humanidade, tudo era dotado em terras. No systema moderno tudo está a cargo do Thesouro publico. Vem a ser isto o regimen fiscal opposto ao regimen feudal. Qual dos dois põe a existencia da Sociedade mais a seu commodo, e ao abrigo dos acontecimentos? A Nação fez como huma familia que vende as suas terras para pôr a juro o seu capital nas rendas vitalicias e nos fundos publicos.

8. O Imposto em generos he o unico que se proporciona por si mesmo e sem escrituras, demarcações, e vestorias, ás tres condições necessarias de toda a producção territorial, a qualidade do terreno, o estado das Estações, e a industria do homem. Este imposto (se todavia he precizo hum imposto territorial), combinado com os impostos indirectos, alcançaria, segundo eu creio, a perfeição de que esta materia he susceptivel. Exagerão as suas difficuldades, por ser em toda a Europa usado a favor da Igreja. (Nos Dizimos se seguia este methodo, e nenhum ha mais facil ao povo das Provincias, onde he escasso o numerario até entre os mais abastados lavradores.)

9. Onde existia na Europa a perfeição das leis, dos costumes, do polido trato, da Litteratura, das Artes e Sciencias, &c.? Era acaso entre os povos republicanos, que se denominão exclusivamente

livres, ou entre os povos monarquicos? Pois que! seria a escravidão mais favoravel que a liberdade ao desenvolvimento de todas as faculdades humanas? Não sei; mas receio que se haja introduzido na Politica a confusão de idéas e de linguagem que se tem introduzido na Religião. Deo-se o nome de *espiritos fortes* aos Incrédulos, que tem realmente espiritos *fracos*; e olharão-se como espiritos *fracos* os homens addictos ás verdades religiosas, e que são as almas mais vigorosas e as melhores; e póde ser que tambem se tenhão denominado livres os povos que menos o são, e se tenhão julgado privados de toda a liberdade os povos mais livres que jamais houve.

10. O Mundo politico he constituido como o Mundo fysico. Os corpos politicos tem, como os corpos celestes, seu movimento proprio, e seu movimento geral, seus movimentos apparentes, e seus movimentos reaes; e ao passo que a Politica, em sua rotação de algumas horas, crê levar em torno de si a Religião, a Religião, este Sol do Mundo moral, immovel no centro do systema, a illumina com a sua luz, a encadeia, e a retem na immensa órbita do seu anno eterno. E os Planetas politicos tem tambem seus Satellites e seus Eclypses; e de tempos a tempos apparecem no Horizonte assustadores Cometas, que ameação destruir a Sociedade.

11. No Universo moral ha dois Mundos; o Mundo do erro, do vicio, da desordem, e das trevas; deste Mundo, o unico que então havia, he que falla J. C. quando diz que o " seu Reino não he deste Mundo. " E ha o mundo da verdade, da ordem, da luz; este he o que o Christianismo veio formar sobre a terra, e cujas differentes partes, reunidas debaixo das mesmas crenças geraes, e nas mesmas leis politicas, tomarão o nome

de *Christiandade*: he o mundo negativo, e o mundo positivo, hum dos quaes acaba na corrupção e na destrnição; o outro tem por objecto a perfeição e a conservação. Estes dois Mundos estão hum contra o outro em necessaria opposição, e a Sociedade, que he o Mundo da boa ordem e da verdade, he a guerra dos bons contra os maos. Por esta razão he que o Poder Supremo da Sociedade se chama *o Deos dos Exercitos.* Nesta guerra, sempre de astucias, e ás vezes de violencia e á força descoberta, os bons, que marchão em corpo d'exercito regular, e conduzidos por seus Chefes, são muitas vezes surprehendidos pelos maos, que fazem a guerra como bandoleiros, e cada hum por sua conta. Quando os maos triunfão, fazem paródia da Sociedade; elles tem seu Governo, suas Leis, seus Tribunaes, até sua Religião, e seu Deos; dão mesmo leis á desordem para a fazer durar; tão profunda e tão natural he a idéa da ordem!

12. Se o Legislador Supremo tivesse feito da constituição das Sociedades huma Sciencia tão laboriosa e tão complicada como nós a fazemos, nós seriamos os primeiros que nos queixariamos de que elle tivesse posto tanta arte em huma couza tão natural.

13 *Progresso das luzes!* He precizo que nos entendamos por huma vez sobre o progresso das luzes: não ha duvida que em Geometria, em Botanica, em Quimica, em Anatomia, em huma palavra, em conhecimentos fysicos, nós saibâmos mais que os que nos precedêrão, e não ha nisto motivo de nos ufanarmos, porque he igualmente certo que os que vierem depois de nós saberão dessas Sciencias mais que nós, pois hão de saber o que hoje sabemos, e o que o tempo e as suas investigações tiverem accrescentado. E mesmo grande parte desse progresso se deve lançar

em conta aos Genios inventores, aos *Descartes*, aos *Newtons*, aos *Linneos*, aos *Bergmans*, &c., que nos introduzírão em hum vasto edificio, cujos recantos nós esquadrinhamos; e he permittido duvidar que o maior Giómetra do nosso seculo jamais tenha a celebridade de *Newton*, ainda que porcerto tenha sabido mais Geometria e mais Fysica do que o proprio *Newton*. Estas sciencias ou estes conhecimentos são a expressão da natureza bruta, ou inanimada, e de suas propriedades, e, se ellas honrão a intelligencia do homem, não regulão os seus costumes, nem formão a sua razão. Porém as Sciencias moraes, e as Artes que são propriamente a expressão do homem e o fundamento da Sociedade; a Poesia, a Eloquencia, a Pintura e a Escultura, que são tambem Poesia e Eloquencia para os olhos; a primeira de todas as Artes, a Arquitectura; a primeira de todas as Sciencias, a Sciencia das Leis e dos costumes, tem feito por ventura alguns progressos? Eis a questão. Neste genero sabemos nós mais, ou obramos nós melhor, que os homens celebres do grande Seculo de Luiz XIV? Creio que não nos podemos lizongear de os termos ao menos igualado: ouso mesmo avançar que não ha huma unica verdade moral que não tenha sido desfigurada ou desconhecida pelos Filosofos do Seculo passado; e a prova disto he evidente, pois que o Seculo das luzes foi seguido do Seculo das desgraças: effeito *necessario*, inevitavel, e previsto, de suas estragadoras theorias applicadas á Legislação de huma sociedade que governava a Europa pela sua lingua e por seus escritos (a Nação Franceza).

14. O homem emenda seu comportamento exterior, sem que mude d'opinião politica; Realistas, Constitucionaes, Republicanos, todos ficão no mesmo que são; a unidade do poder, a divisão do poder, e a Soberania do povo, todas tem sem-

pre os mesmos partidistas. Huns tem por si a experiencia da Revolução Franceza; outros chorão enternecidos só em pensarem na felicidade que a sua Constituição prepara ao Mundo; e os Republicanos de boa fé mirrão-se de pezar de se ver privado o Mundo de todo o bem que a resistencia que se oppõe ao seu systema tem impedido se realize para a prosperidade do genero humano.

15. As revoluções começão pela guerra das opiniões contra os principios, e prolongão-se por interesses. No decurso da crise revolucionaria estão absorvidas as opiniões, e á excepção de algumas cabeças incorrigiveis em que ainda se conservão, só ficão no campo da batalha antigos principios e novos interesses, e a guerra continúa entre a sociedade e o homem; os particulares não podem ficar neutraes, nem os Governos podem ficar incertos.

16. Todas as verdades são certas em simesmas, só por isso que são verdades; mas ellas só são evidentes para aquelles que as conhecem; e como os espiritos são, huns mais, outros menos capazes de conhecimento, ha verdades evidentes para estes, que nem sequer são conhecidas daquelles; e estes ultimos são sempre os mais afrevidos em as regeitar. Todas as verdades Geometricas são igualmente certas; porém as primeiras e as mais elementares são evidentes para quasi todos os entendimentos que lhe tem dado alguma attenção, e as mais elevadas só o são para os espiritos que as tem estudado e penetrado. Os ignorantes mofão de quem lhes diz que se tem medido a distancia da Terra ao Sol, ou a quantidade d'agua que passa por baixo de huma ponte em hum tempo dado, ou o pezo dos materiaes que entrão na construcção de hum edificio; entretanto elles se aproveitão, como os sabios, de mil couzas de uso diario que

se fundão no conhecimento destas verdades. Apliquemos isto á Religião. Quantas verdades religiosas erão certas para *Santo Agostinho*, ou para *Bossuet* que não estão ao alcance do vulgo que não sabe senão as verdades mais familiares da sua Religião, nem ao alcance de muitos homens atilados e eruditos que ignorão até os seus elementos! E entre tanto a Religião que serve para todos, assim para o *Grego* como para o *Barbaro*, he fundada sobre estas verdades; e assim as mais altas, como as mais familiares entrão no corpo da sua doutrina, e fazem parte do seu ensino. *Bossuet* não teria sem duvida ido tão longe em Geometria como *Newton*; mas, ainda mesmo com o genio de *Newton*, poderia huma Geómetra ter ficado em Filosofia moral muito inferior a *Bossuet*. Não são portanto engenhos de igual força igualmente aptos para a mesma couza que outros; a incapacidade de *Bossuet* para descubrir certas verdades Geometricas não serviria mais de objecção contra a certeza dessas verdades, do que a incapacidade de qualquer Geómetra serviria de objecção contra a certeza das verdades moraes que elle não penetrasse. Os espiritos acanhados são só os que imaginão que hum homem pode comprehender tudo logo que sabe e comprehende alguma couza, e que deve ser, por exemplo, hum grande Estadista, porque compõe bons versos, ou resolve grandes problemas mathematicos. Aquillo que hum homem de talento, e mesmo hum grande sabio, não entendem, elles o attribuem a defeito do author, e o accusão de não se ter entendido a si mesmo; nunca culpão a sua propria intelligencia, extensa sobre hum ou muitos assumptos, e limitada sobre outros, e que, como certos corpos carece de certa dimensão para ser sólida. ” Ha duas qualidades de talentos, (diz *Pascal*, que ambos tinha) hum de penetrar viva e profundamente as consequencias dos principios, e he o

talento da exactidão; e o outro de abranger hum grande numero de principios sem os confundir; e este he o talento geometrico. Hum he força e rectidão d'espirito, o outro he extensão ou vastidão d'espirito. Ora hum pode existir sem o outro, podendo o espirito ou talento ser forte e estreito, e podendo tambem ser extenso e fraco." (*Obras de Bonald*, *tomo* 6.)

Noticias curiosas.

O *Globo* de 18 de Abril publicou o seguinte: — Extracto de huma carta de *Napoles* de 3 do corrente: " O *Vesuvio*, que ha quinze dias dava indicios de proxima erupção, rebentou hontem ao anoitecer com toda a furia. Tinha huma borrasca de pedra e chuva toda a tarde impedido, e demorado em *Resina*, a multidão dos que costumão ir áquelle sitio, os quaes, se assim não acontecera, terião inevitavelmente sido sacrificados; por quanto o proprio terreno em torno da cratera, onde ainda na tarde anterior tinhão centenares de pessoas andado a passear, foi levado pelos ares á primeira explosão. A girandola de mil foguetes em *Roma*, em comparação deste estrondo, he huma bagatella. A's nove horas da noite (em menos de tres horas) tinha cessado a detonação, e gradualmente abatido o fogo. Esta manhã nem se quer ha fumo."

Huma carta de *Roma* de 2 do dito mez diz: " As escavações que se estão fazendo no sitio da antiga *Vulcia*, chamada hoje *Jenuta di' Campo Scala*, debaixo da direcção de huma Sociedade authorisada pelo Cardeal Camarlengo, tem sido mui bem succedidas. Tem-se achado nos tumulos muitas taças e vasos com finas pinturas de assumptos historicos e mythologicos. No interior da Villa de *Vulcia* descubrirão-se tres estatuas colossaês de marmore, e huma de bronze, com baixos-relevos,

columnas com inscripçõe Etruscas e Latinas, e varios instrumentos de ouro e prata."

Segundo o Almanach de *Cracovia* ha presentemente 55 Cardeaes, tendo o mais velho delles 83 annos, e o mais moço 48. O Papa tem 73 annos. Ha de mais disso 12 Patriarcas; e a Igreja Catholica conta 671 Bispados (e Arcebispados, que entrão na mesma denominação), alguns dos quaes estão vagos. O Papa actual tem creado seis Bispados novos, hum na *Belgica*, outro na *Westfalia*, dois nos *Estados-Unidos*, e dois no Reino de *Napoles*.

Huma carta de 17 do mez de Março, escrita de *Canea* na Ilha de *Creta*, annuncia a chegada da Esquadra Egypcia ao Surgidouro de *Suda*. Compõe-se de seis Naos de linha, humo Eseuna, tres Brigues, e quatro transportes, tendo estes vasos mais de 8 ∰ homens abordo. He commandada nominalmente por *Mustafá Bachá;* mas em realidade por Mr. *Besson*, Vice-Almirante, e Major General ao serviço do Vice-Rei. (He digno de reparo, que estes aventureiros Francezes, Inglezes, Belgas, Polacos, &c. &c. tanto entrão em serviço de hum *Patriæ Libertatis Assertor*, isto he, de hum Augusto Propugnador da Patria Liberdade, como em Serviço dos maiores Despotas do Mundo, como são o Grão Turco, o Bachá do Egypto, &c.! E ha ainda pessoas que os acreditão como huns Heroes dedicados ao serviço do Nume dos homens livres, ou liberaes, á santa Liberdade!... Os que sabem reflectir bem conhecem que todas essas pomposas palavras se traduzem mui simplesmente pela palavra *interesse.*)

Asségurão cartas de *Paris*, que o Grã-Duque *Constantino* da *Russia* (filho segundo do Imperador *Nicolao*) virá a *França* este verão, viajando com o seu Mestre o Principe de *Lieven*; accrescentão que sahirá de *Petersburgo* nos fins de Maio, e irá visitar a *Italia*. A Princeza de *Lieven* tam-

bem as acompanha. Parece que tem destinados tres annos para viajar por estes e alguns outros paizes, indo por fim a *Inglaterra* &c. =

LISBOA 29 de Junho de 1835.

O *Globo* de *Londres*, de 9 de Junho traz debaixo do titulo = Intervenção Franceza em Hespanha = o seguinte curioso artigo:

(Correspondencia do Jornal do Commercio.)

» *Oleron* 2 *de Junho.* —..... fique o Governo surdo aos reiterados avisos que constantemente recebe, e D. *Carlos* estará em *Madrid* dentro de dois mezes. — Pode porém dizer-se, se D. *Carlos* estará em *Madrid* em dois mezes, de que servirá a intervenção? Porque hum exercito não pode estar na Navarra antes desse tempo. Dentro de huma semana podem ser evacuadas Elizondo, Landebar, Urdach, Sant'Estevan, Vera, Irun, e essa circunstancia basta para mudar todo o aspecto da guerra, e dar tempo para chegarem tropas. Pela occupação das fronteiras Hespanholas se fará parar o contrabando, o que he impossivel em quanto estivermos nas nossas. Só por este movimento se conterá a deserção que está prompta a manifestar-se no exercito da Rainha assim que contar que se recusa a intervenção.

» *Huma vez que se não faça annuncio official da intervenção daqui até* 15 *de Junho*, *podeis considerar perdida a causa da Rainha.* Porém não vos esqueçais então em vossas inuteis recriminações de excitar os liberaes d'Hespanha; em primeiro lugar, *Mina* e seus cegos partidistas: elles sobre todos trabalhárão para D. *Carlos* por seu ridiculo orgulho e absurda obstinação. Dizei-me se em todas as

suas parodias de huma revolução nós jamais vimos apparecer o povo, que só he quem pode fazer verdadeiras revoluções? Que precisavão elles para mostrarem o seu poder, se algum tivessem? *Mina*, o Heroe, não tinha á sua disposição, segundo vos dizem mais de 7 ∯ homens; e elle tinha 22 ∯, e *Zumalacarregui* não tinha metade da força que tem agora. O Governo Hespanhol (vos dizem) o deixou privado de tudo para o arruinar. Isto he outra falsidade. Desde o tempo que tomou posse do commando não recebeo menos de 12 milhões de reales por mez (ou 480 contos de reis).

» Seria curioso ver a conta circunstanciada do emprego dessas enormes sommas. Elle recebeo armas, munições, tudo quanto precisava, e mais do que precizava, porque não fez uso de tudo. Elle nada fez, porque nada podia fazer O mais que os seus amigos podem dizer em seu favor he, que estava doente.

» A obrigação da Imprensa em huma questão desta importancia he publicar a verdade, quer agrade ás miras politicas deste ou daquelle periodico, quer não.

» A verdade he que D. *Carlos* ha de estar em *Madrid* dentro de dois mezes huma vez que a intervenção, ou, como agora se chama, a *cooperação*, não tenha lugar sem equivoco, huma vez que toda a fronteira Hespanhola não seja occupada dentro de 15 dias ou tres semanas. Tem-se fallado das tropas Portuguezas; tudo quanto se pode fazer com ellas he empregallaa na *Castella.* " (Isso seria entrando as de França, de outro modo seria sacrificallas: *Olivença* ainda he d'Hespanha; e a Campanha do Roussillon ainda não esqueceo aos que tem coração Portuguez). " Nada digo da veneta absurda dos que gravemente affirmão que huns poucos de Vasos de guerra Inglezes e Francezes na Corunha, em Barcelona, e em Cadiz, são sufficientes para combater os insurgentes da *Navarra.* Na mes-

ma classe podemos pôr os nominaes 12 $ Belgas, e todo o projecto de arranjo com D. *Carlos.*

» Quarenta mil homens em dois mezes, commandados pelo General *Harispe* farão que D. *Carlos* em dois mezes esteja em *França.*

» Estou pelo que disse na minha carta de Pamplona; o Marechal *Soult* e o General *Harispe* são os dois unicos Generaes habeis, não digo só para levar á vante esta guerra, mas para a terminar tão depressa quanto he possivel. O Marechal *Soult* he conhecido; o General *Harispe* o he muito menos, não obstante seus feitos militares, porque não tem servido em circunstancias politicas. Não deve esquecer que elle foi o principal operario da gloria do Marechal *Suchet*; que as acções de *Niarin*, e *Murviedro*, os cercos de *Lérida* e *Tarragona* lhe devêrão o seu bom exito: porém o mais importantante no caso actual he, que o *General Harispe he hum Biscainho*, que falla a lingua Biscainha, tem hum conhecimento local do theatro da guerra que até admira os habitantes do paiz; que tem tido huma não interrompida communicação com o paiz por espaço de 42 annos, e tem commandado nestes dois annos nesta fronteira.

(Seguem-se aqui as particularidades da derrota de *Orãa*, a volta de *Valdez* a *Pamplona*, e a tomada de *Villa Franca*; e segue):

» Se os Carlistas souberem aproveitar-se das suas vantagens, terão todos os fortes da fronteira em seu poder em menos de huma semama. Elles hão de obter por contrabando tudo quanto precisarem sem difficuldade alguma.

» Hum amigo me perguntou qual era a minha opinião sobre os negocios d'Hespanha; ella se encerra em duas palavras: Intervenção, ou D. Carlos.

» Bem sei que D. Carlos não ha de entrar mui socegado em *Madrid*; que depois ha de alli haver alguma reacção liberal, e talvez republica-

na; porém o absolutismo tem a seu favor muitas probabilidades; o Republicanismo nenhuma tem presentemente; e se quizessemos exprimir em duas palavras tambem o resultado da repulsa de huma intervenção, podiamos dizer com verdade que a *Hespanha* neste caso ha de ser ou para D. Carlos, ou para a Anarquia. " — [Esta ultima he a maior desgraça que pode vir a hum Povo.]

Idem 10. Os seguintes artigos são da *Gazeta de Augsburgo* publicados hoje no *Globo*:

» *S. Petersburgo* 18 *de Maio.* — As novidades politicas aqui estão mortas; vivemos comtudo na expectação de importantes acontecimentos. A volta de Lord *Palmerston* ao Ministerio Britannico causou aqui muito desgosto assim como em *Vienna* e *Berlin*. Se elle persistir no seu anterior procedimento, pode esperar-se que as Cortes do Norte hão de chamar dalli os seus Embaixadores, e suspender por algum tempo a sua communicação com a *Inglaterra*. Comtudo, os ultimos avisos dão motivo a esperar que o illustre Lord adoptará melhor carreira. Huma tal circunstancia he importante em hum tempo em que a nossa Corte e os seus alliados desejão impedir huma intervenção Franceza na Hespanha. A fim de seriamente deliberar sobre a questão connexa com essa medida, o nosso Imperador e o Rei da Prussia, acompanhados pelos seus Ministros dos Negocios Estrangeiros, hão de ter huma conferencia em *Tœplitz*, depois das manobras de *Kalisch*, e o Imperador da *Austria* espera-se tambem se achará presente nesta Conferencia. Diz-se que a reunião terá lugar no fins de Setembro, e durará, quando muito, oito dias, "

» *Vienna* 29 *de Maio.* — Cartas de *Paris* hoje recebidas dão como inevitavel a intervenção em *Hespanha*. Produzírão aqui profunda sensação, porque se receia que desta medida se hajão de suscitar complicações com as outras Cortes. Espera-se comtudo que a prudencia de *Luiz Felippe*, por

seu proprio interesse, ha de mais de huma vez reflectir primeiro que se abalance a huma intervenção. " [Destes artigos se vê que o assumpto da intervenção teria contra si o perigo de huma guerra geral na *Europa*, do Norte contra o Sul.]

Londres 11 *de Junho.* — O *Jornal dos Debates* annuncia que não terá lugar huma intervenção em Hespanha [sendo este o periodico de *Paris* que mais a advogava]. Tendo a Inglaterra formalmente recusado cooperar nella, tambem não julgou o Governo Francez do seu interesse aventurar-se por si só a tal medida. Este Periodico Ministerial accrescenta que vai no caminho para *Madrid* hum Correio que leva esta decisão.

A este respeito o *Temps* diz: " Temos informado os nossos leitores como se havia estabelecido a questão da intervenção no nosso Gabinete [de Paris], e como subsequentemente toda a decisão tinha sido adiada, até que a Inglaterra, consultada pela França, houvesse de communicar como entendia o ponto do quadruplo Tratado de alliança. A resposta da *Inglaterra* chegou a *Paris* no dia 6; segundo a sua opinião não se apresenta o *casus fœderis;* e que portanto ella não pode cooperar em huma medida que, no momento actual, não lhe parece opportuna. Depois de tal resposta não era o Gabinete Francez chamado a explicar se definitivamente sôbre a questão.... "

Segundo o *Courrier Français*, a resposta do Gabinete Britannico chegou a *Paris* no dia 7, e os Ministros se juntárão immediatamente nas Tulherias. Mr. *Thiers* insistia na conveniencia da intervenção, á qual *Luiz Filippe* fortemente se oppunha, dizendo que o seu Systema de manter a paz, mesmo á custa de alguns sacrificios, convinha mais á *França*, e era mais adequado para lhe obter maior influencia do que huma guerra bem succedida. Segunda feira [8] tornou ajuntar-se o Conselho, e huma maioria de votos dos seus mem-

bros foi contra a intervenção, tendo tido influencia na na decisão a observação que fez o Duque d'*Orleans* de que visto que a intervenção tinha atégora sido pedida pelos homens de penna, não era necessario que fosse resolvida por homens da espada. *(Globo.)*

O Papa está fazendo grandes melhoramentos na navegação do *Tibre.* Sue Santidade está tambem fazendo construir huma estrada real de *Roma* até os confins da *Tuscana*, que, quando estiver aeabada, será de grande beneficio aos viajantes por aquella parte da *Italia.*

Enviou-se a Alfandega Terça-feira huma ordem de abater o direito de meio por cento sobre exportação de armas, munições e petrechos de guerra, exportados para qualquer parte da *Hespanha* para o serviço do Governo da Rainha. — Nesse mesmo dia, sahio do porto de *Londres* o Navio *Mina*, Capitão *Mason*, de 187 toneladas, constando toda a sua carga de espingardas, que recebeo da Torre [Arsenal de Londres] fornecidas pelo Governo Britannico para o serviço da Rainha d'Hespanha. A embarcação vai em direitura a *Carthagena;* as espingardas são para se distribuirem pela Milicia urbana nas Provincias do Sul da Hespanha. Estão-se apromptando outras carregações dellas para o mesmo fim.

Londres 12 de Junho. — A Rainha de *Portugal* elevou o Sr. *Moraes Sarmento (Christovão Pedro)* seu Ministro nesta Corte á dignidade de Barão, com o titulo de Barão da *Torre de Moncorvo*, em attenção á sua lealdade e zelo tanto no seu Real serviço como de seu Augusto Pai, e em testemunho de sua approvação dos seus serviços como hum dos Plenipotenciarios que assignárão o tratado da Quadrupla Alliança. *(Globo.)*

Idem 13. A *Quotidianna* de Quinta feira [11] refere do modo seguinte o desastre de *Espartero*, de que muito se fallára, e os ulteriores projectos

de *Zumalacarregui*, tirado isto de huma carta de *Baiona* do dia 6 do corrente:

" *Espartero*, que tinha marchado com todas as forças que podera reunir para levantar o sitio de *Villa franca*, ao chegar a *Discarga* foi atacado por *Zumalacarregui* em pessoa que fora informado dos seus movimentos. Seguio-se huma acção mui renhida; em menos de huma hora estavão os Christinos derrotados, com perda de mais de 600 homens mortos e feridos; 900 soldados, 2 Coroneis e 27 diversos Officiaes se juntárão ás tropas do Rei. No dia seguinte deo *Zumalacarregui* hum grande jantar em *Armaistegui* (na *Guipuscoa*), sua aldeia natal, aos Officiaes da Rainha, que se lhe havião juntado.

» Entrará o Exercito do Rei immediatamente em *Castella*, como algumas pessoas pensão? Não o creio; *Zumalacarregui*, que tem agora o terreno livre, passará a formar e organizar batalhões. Suppõe-se, e eu concordo nesta opinião, que elle não ha de passar o *Ebro* senão em tendo 30 ∯ homens para avançar com elles, deixando pelo menos mais 20 ∯ nas Provincias (Vascongadas); elle pode esperar frequentes deserções do inimigo, em consequencia do estado desmoralizado das tropas da Rainha, e entrará em Castella com Castelhanos, deixando os Biscainhos no seu territorio.

» P. S. A Casa de *Sarcobagas* em *Bilbao* acabava de quebrar com quatro milhões de francos. Receia-se que as consequencias desta quebra sejão demaziado fataes aos commerciantes aqui e em outras partes. — Hum decreto do Rei (dos Francezes) acaba de dissolver á Guarda Nacional de *Blois*. Parece que a causa desta dissolução foi que dos 1,400 homens alistados no livro do Corpo, 1,350 não apparecêrão na mostra do 1.º de Maio, e acreditou-se que todos havião de apparecer no anniversario dos dias de Julho. . . " (*Globo.*)

Lemos com muita satisfação (diz o *Globo*)

a conversação que teve lugar a noite passada na Camara dos Communs entre Mr. *F Baring* e Lord *Palmerston* sobre o assumpto da pacificação entre a Hespanha e as suas antigas Colonias. Temos sempre considerado esta transacção como de importancia vital para o restabelecimento da *Hespanha*, e agora he mais para desejar que nunca para todos os seus interesses. Ouvimos que Lord *Mahon* disse que o Duque de *Wellington* tinha cordeal e zelosamente dado todo o auxilio ao objecto da opinião do General *Soublette*; e Lord *Palmerston* com effeito admittio que a medida era huma das que tinhão sido sustentadas vivamente pela anterior Administração, assim como pela actual. — O General *Soublette* estava segundo as ultimas noticias de *Madrid*, esperando a conclusão deste importante acto, para o poder trazer comsigo a *Inglaterra*, aonde he necessaria sua proxima volta para a troca do Tratado ratificado entre *Venezuela* e *Inglaterra*. (*Globo.*)

Lê-se no *Globo* de 8 de Junho o seguinte paragrafo extrahido do periodico Francez *Le Temps*:

" Parece certissimo que se achão estabelecidos no Quartel General de D. *Carlos* Agentes secretos acreditados pela *Prussia*, *Austria*, e *Russia*. He verdade que estes Agentes são da terceira classe; elles fizerão a sua jornada por *França* do mesmo modo que D. *Carlos*, e o *Conde d'Hespanha*; e a Policia activa de Mr. de *Thiers* nada soube d'isso. "

No *Morning Herald* de 9 de Junho se lê a noticia da evacuação d'*Elizondo* do modo seguinte: — *Sarre* 3 de Junho. — O Governador d'*Elizondo* Coronel *Zuguramurdi*, com 15 Officiaes e 60 *Chapel-gorris*, escapou hontem á tarde da guarnição, e procurou refugio na aldeia Franceza de *Ainhoa*. O resto das tropas se entregou aos Carlistas. As tropas de *Sag-stibelza* estão agora de posse d'*Elizondo*. A completa derrota de *Oráa*, men-

cionada na minha ultima, de tal modo insubordinou a guarnição que tomou a resolução de se render sem reserva. "

O *M. Herald* de 13 traz a seguinte carta de hum seu correspondente:

» *Bayona 7 de Junho.* — No 1.° do corrente tres Companhias de Carlistas ás ordens de D. *Victoriano Corden*, se aproximarão ao forte de *Sós*, no *Aragão*, e fizerão fogo á guarnição. Os Urbanos e os *Celadores* [ou *Zeladores*. Guardas d'Alfandega], exasperados contra o Governador, por não os mandar sahir a atacar aquellas Companhias, se amotinarão e o increpárão de ser *Navarro* [e com effeito o he pornascer em Aviz perto de Pamplona], e ameaçárão matallo. No mesmo dia *Corden* aprizionou 28 *Celadores* com os seus Officiaes, em *Berdun*, no *Aragão*, tendo sido mortos dois que tinhão resistido.

» Os Carabineiros que hião escoltando hum comboi para a guarnição [de Christinos] de *Saragoça*, forão aprisionados pelos Carlistas no dia 2 perto de *Tudela*.

» O Coronel *Zugaramurdi*, quando chegou a *Ainhoa*, explicou do modo seguinte as razões porque abandonára *Elizondo*, e buscára refugio no territorio Francez: — " O Brigadeiro *Oráa* [disse elle] em obediencia ás ordens do General *Valdez*, tinha juntado todos os effeitos militares, provimentos, e munições que pôde achar no *Bastan*, e conduzio tudo a *Pamplona*. Ficou *Elizondo* em hum estado indefezo, tendo se permittido á guarnição ter só quatro mil cartuchos, que erão só oito para cada homem. Os Carlistas tinhão feito varias demonstrações, e do valor que elles davão á occupação da Villa, era natural suppor que no momento em que elles tivessem reunido sufficiente força, lhe havião de pôr cerco, e tomallo por assalto sem muita difficuldade, pois que a munição dos cercados se acabaria depois de poucos tiros. Não havia

no forte huma unica peça de artilheria, e se as houvesse serião inuteis, pois que não ficou hum grão de polvora para as carregar. Nestas circunstancias os Urbanos, e os Chapel-gorris fizerão Conselho, no qual se decidio que, sendo impossivel a resistencia, era acertado fazerem huma retirada a tempo. Em consequencia disto forão ter os Chefes com o Coronel *Zugaramurdi*, e lhe exposerão o estado indefenso da Praça, e a pouca utilidade que haveria para a causa da Rainha em fazer huma resistencia, que acabaria em vergonhosa capitulação, ou na matança da guarnição. Accrescenta além disso, que os *Urbanos*, e *Peceteros*, tinhão sido postos, depois de concluida a convenção negociada por Lord *Elliot*, em huma situação de excepção A convenção não os protegeo, antes os deixou á mercê do inimigo, que d'antes não tinha fusilado os prizioneiros daquelles corpos, mas tinha-se descartado delles de outro modo. Asseverárão como facto positivo que todos os *Urbanos* e *Peceteros* ultimamente apanhados pelos Carlistas tinhão morrido ou de veneno, ou de outro modo, ao passo que as tropas de linha tinhão sido tratadas com humanidade, como prizioneiros de guerra. *Zugaramurdi* conheceo a justiça destas observações, e propoz ao Commandante dos 350 homens de tropa regular do Forte, a sua evacuação, e sahirem para *Urdach*, d'onde se poderião retirar com segurança para *França*, huma vez que fosse impossivel toda a resistencia. Tendo-se recusado obstinadamente aquelle Official, *Zugaramurdi*, conhecendo o absurdo de arriscar as vidas de 350 homens por huma consideração de disciplina, ou por mero pondenor, resolveo conduzillos a *Urdach* elle proprio, e partio á sua frente. Ao chegar porém a couza de meio caminho, este piqueno destacamento foi atacado por força tão superior, que *Zugaramurdi*, achando impossivel seguir caminho para *Urdach*, determinou retirar-se para França.

» Sei o que me espera, [disse o Coronel;] a calumnia ha de attribuir a temor huma resolução inspirada pela humanidade, e pela convicção da inutilidade de defender huma praça que não podia resistir por huma hora a hum cerco regular. Eu me apresentarei perante hum Conselho de Guerra com confiança, estando bem persuadido que se elle me condemnar, todos os meus companheiros d'armas que conhecem que eu jamais temi o perigo, hão de apreciar os motivos do meu procedimento, e que continuarei na sua estima. »

O *Herald* de hontem [12] publicou huma carta de *Lesaca* 6 de Junho, em que se lê o seguinte: — " As noticias de *Pamplona* são mui pouco satisfactorias para a causa da Rainha. *Valdez* em sua marcha para *Lecumberri* foi obrigado a voltar para aquella praça, em consequencia de hum officio que recebeo das authoridades municipaes, dizendo-lhe que os moradores estavão dispostos a levantarem-se a favor de D. *Carlos*.

» O General *Harispe* recebeo ordens de *Paris* pelo telégrafo para ir immediatamente áquella Capital; mas no decurso do dia recebeo contra-ordem pelo mesmo telégrafo.

» O Coronel *Saint-Jean* vai no caminho para *Paris* para expor a *Luiz Filippe* o verdadeiro estado da *Navarra* O Coronel era o Commissario Francez do Quartel General do Exercito do Norte. Geralmente se crê que *Luiz Filippe*, receoso das consequencias resultantes do mentiroso telégrafo, determinou sacrificar o Coronel. Tenho razão para saber que as relações, ou partes dadas pelo Coronel erão fieis, e em directa opposição ás que os Jornaes do Governo publicavão; e que se dizião recebidas da *Navarra*. . .

» A estrada de *Tolosa* para *França* está alinhada de familias que vão emigrando para as fronteiras. *S. João da Luz* está cheio de Hespanhoes.

» Podereis brevemente ouvir fallar da partida

de D. *Carlos* para a *Castella Velha*, cujos habitantes estão anciosos esperando a sua chegada. &. "

O Principe *Leopoldo* das *Duas Sicilias* [diz o *Globo* de 13] sahio de *Paris* Quartafeira [10] para *Londres*, d'onde se espera volte pelos fins de Julho. Os boatos relativos ao seu casamento com huma das Princezas d'*Orleans* tem affrouxado.

Noticias das folhas de Londres de 15 a 17 de Junho.

O *Morning Herald* de 15 traz varias particularidades da derrota de *Espartero*, e tomada ja sabida de *Villa franca*, cuja guarnição era de 400 homens, que o correspondente diz se rendêrão sem fazerem fogo. — A guarnição d'*Irun* retirou-se para *S. Sebastião*, e os Urbanos para *França*. — Diz o mesmo correspondente que " a magnifica bandeira feita pela Princeza da *Beira* para os Carlistas chegou a salvo ao Quartel General de D. *Carlos*. Esta bandeira tinha sido havia tempos aprehendida pelos Officiaes da Alfandega em *Calais*, e foi restituida á Princeza em *Londres*. " — As cartas de *Vienna* dão por arranjada a desavença que havia entre a *Austria* e a Suissa.

O *Herald* de 16 diz que as cartas de *Bayona* de 10 dizem haver muita deserção dos Christinos para os Carlistas; que em *Paris* se dizia havia protesto dos Embaixadores da Russia, Austria, e Prussia contra a quasi intervenção da Inglaterra dando auxilio indirecto á Hespanha. Os periodicos de *Paris* chamão *meia intervenção* ou *quasi intervenção*, á franqueza dada para alistamento &c. para a Hespanha. — No artigo *City* se lê a respeito dos fundos Portuguezes [que hião subindo]: " A plena segurança dada na correspondencia official de *Lisboa* recebida Sabbado passado, de que não haveria mudança alguma nos arranjos *financiaes* daquelle Reino relativamente ao systema e agen-

cia aqui estabelecidos pelo Sr. *Carvalho*, e que serião religiosamente observadas todas as obrigações, produzio mui favoravel impressão no mercado sobre este Capital. " No dia 16 estavão os 5 por cento do Emprestimo antigo a 86 e tres quartos, e os de novo de 88 a 89, e os 3 por cento a 63 e meio. — Os fundos Hespanhoes tambem tinhão subido 6 a 7 acima do 37. &c.

O *Herald* de 17 diz, que o General *Moreno* se achava em *Paris*, e não tinha portanto sido hum dos que tinhão fugido de França para Hespanha; o Conde d'Hespanha sim: que a noticia de que a *França* não interviria directamente na guerra d'*Hespanha* partira de *Paris* officialmente para *Madrid* no dia 8 de Junho; e que se estava esperando ver o effeito que alli produziria. Do theatro da guerra nada dizião notavel os papeis de *Paris*. — Continuavão os agentes do Governo da Rainha em Inglaterra a dar actividade ao alistamento, fardamentos, munições, e petrechos.

As folhas de *Madrid* de 17 a 23 poucas noticias dão de consideração: *Bilbao*, atacada desde 11 do corrente, resistia vigorosamente ainda a 18; tinha-se espalhado voz de ter sido ferido no sitio *Zumalacarregui* no dia 15 por hum estilhaço de hum canhão arrebentado; mas as noticias posteriores officiaes não confirmão esta. Dão por certo estar doente *Valdez* em *Puente-Larra*; referem a evacuação de *Irun*, *Salvatierra*, e *Ordunha* pelos Christinos, e a retirada de familias de Victoria para Burgos. Estas ultimas folhas não combinão com as anteriores que derão o Cura *Merino* desbaratado, porque o representão com a sua guerrilha augmentada entrando em varias terras da Provincia de *Burgos*; mas era perseguido.

Tudo em *Hespanha* se resente da pouca união nas idéas e applicação dos recursos do Governo da Rainha aos fins que se propõe; porém o mais dificil de vencer he a inercia e indifferença de huns,

e a tendencia de outros a favor do Governo antigo. E isto nem a mudança de Ministros, nem as forças estranhas o podem superar; só haveria hum meio efficaz de atrahir a Nação, se elle fosse plena e facilmente exequivel, que he convencella por factos das vantagens que em theoria se mostra debem produzir os tentados melhoramentos. O *Eco do Commercio*, em data de *Madrid* 18 de Junho, discorre sobre o estado da *Hespanha*, e diz: "As Cortes concedêrão quantos recursos pecuniarios lhe forão pedidos, a Nação se prestou ao sacrificio. . . Não obstante isso, o Governo não acertou na organisação de hum exercito que, pelo seu numero, *he mais que sufficiente para o objecto a que se destinava*, e que he composto de homens cujo valor individual todos reconhecem; *elle nos poz na extremidade dolorosa de pedir a cooperação armada dos nossos alliados.*" — Eis aqui a confissão clara do que temos dito, tirado dos periodicos estrangeiros, desfavoravel a causa da Rainha d'Hespanha, e que os *Lucífugos* inimigos da verdade tem querido desabonar no *Interessante*, que só tem por alvo a verdade, e a illustração dos que a prezão, como o exige a sã doutrina da *Carta*, e como he proprio dos verdadeiros *Liberaes*.

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O

INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXV.

Dos direitos e dos deveres geraes da socabilidade (ou estado social) communs a todos os homens. (Por. Mr. Perreau.)

Estes direitos e estes deveres geraes com razão se distinguem em rigorosos e perfeitos, menos rigorosos e menos perfeitos. — Os primeiros ligão-se immediatamente á Igualdade, á Liberdade, á Propriedade, e á Segurança. Todos elles se achão implicitamente encerrados nesta maxima: *Não façais aos outros aquillo que não quereis que elles vos fação.* -- Os segundos tambem estão implicitamente encerrados nesta maxima: *Fazei aos outros todo o bem que quereríeis que elles vos fizessem.*

Chamão-se huns rigorosos e perfeitos, porque as obrigações que delles se derivão devem ser rigorosamente desempenhadas, e porque a sua satisfação pode ser rigorosamente observada; e os outros chamão-se menos rigorosos ou menos perfeitos, porque o cumprimento de suas obrigações, ainda que tão essencialmente recommendaveis em si mesmas como as primeiras, não se pode exigir com tanto rigor. — Esta distincção facilmente se en-

tenderá quando se quizer considerar que differença ha entre o entregar huma somma de dinheiro áquelle de quem se recebêra por emprestimo, e o dar esta somma a hum homem desgraçado para com o qual se não contrahio obrigação alguma.

Da Igualdade.

Todos os homens são desiguaes em faculdades e em recursos: he huma verdade esta de facto e da primeira evidencia. Todo o systema pois que tivesse por fim estabelecer a igualdade de facto seria hum absurdo que nem sequer mereceria ser refutado.

Porém todos os homens, sejão quaes forem essas differenças de facto, tem igual direito a gozar de suas faculdades, e de seus recursos; he isto o que se chama a igualdade de direito de cada individuo.

Tanto, tornamos a dizer, seria propria a absurda pretenção de estabelecer a *igualdade de facto*, para quebrar todos os vinculos que unem os homens, e para transtornar inteiramente a ordem social, quanto a *igualdade de direito*, bem entendida, tem por effeito manter e fazer prosperar o estado social, assegurando a cada hum o directo de gozar de todas as vantagens que a natureza lhe conferio.

Esta igualdade de direito he que restabelece entre os homens o equilibrio que a disigualdade de facto tende sem cessar a destruir, reprimindo o abuso que alguem poderia fazer dos meios que tivesse em medida ou proporção superior aos de outrem. Ella he finalmente quem dirige com mais exactidão, e por conseguinte com a mais perfeita justiça, cada hum dos co-associados para a sua particular felicidade, a qual se acha deste modo de acordo com a felicidade de todos.

Estando os direitos e os deveres em continua

correspondencia, então se vê como da desigualdade dos meios devem nascer, quanto ao seu objecto, direitos e deveres differentes, sem offenderem essa *igualdade* essencialmente commum a todos; como, digo, da desigualdade dos meios resulta a desigualdade das funcções, e assim a subordinação necessaria á manutenção das relações de todos no estado da sociedade; isto he, como nestas ou naquellas circunstancias se podem conciliar, para hum o *direito* de mandar, para outro o dever de obedecer. Este *direito* e este *dever* não são, evidentemente, em seu exercicio mais que os effeitos da diversidade das faculdades e dos talentos; effeitos que, em consideração da sua propria vantagem, sempre ligada ao interesse geral, aquelle que obedece deve reconhecer como justos.

Destes principios resulta que a subordinação no estado de sociedade, consequencia necessaria da desigualdade de *facto*, ou de *meios*, longe de ser hum attentado contra a *igualdade* de *direito*, pelo contrario he a sua mais segura protecção.

Da Liberdade.

A liberdade, vista como faculdade indefinida, he a faculdade de obrar ou não obrar neste ou naquelle sentido. — Vista como faculdade de hum ser intelligente e sensivel, ella he para este ser a faculdade de procurar o que lhe pode ser util, ou de evitar o que lhe pode ser nocivo. — Vista finalmente como faculdade de hum ser intelligente, sensivel e social, ella he para o homem em suas relações para com os outros homens, o direito de fazer tudo quanto julga ser conveniente para si, sem offensa de outrem, ou, o que vem a ser o mesmo, sem offender nos outros hum direito similhante.

A verdadeira liberdade, debaixo de qualquer aspecto que a considerem, deve portanto circuns-

crever-se, para todos os individuos racionaveis, nos limites marcados pelo conhecimento e pelo sentimento do seu verdadeiro interesse; fóra destes limites já se considera licença e loucura.

O homem finalmente, unico digno do nome de homem livre, he aquelle que mais trabalha em se illustrar sobre os meios de usar convenientemente desta faculdade para sua felicidade, e para a felicidade dos outros, de que a sua he sempre inseparavel.

Taes são as verdadeiras idéas que o homem deve formar da liberdade individual, e da liberdade social; ou do uso que o individuo deve fazer desta faculdade relativamente a si e aos outros. Toda a idéa de servidão *voluntaria* ou *involuntaria* (huma vez que esta não seja considerada como hum castigo merecido) implica contradicção com toda a idéa justa da verdadeira natureza do homem. A sua liberdade he inseparavel da sua existencia. O contrato pelo qual o homem empenhasse para sempre o uso absoluto desta faculdade seria portanto hum attentado contra a sua propria vida, e hum acto de loucura que não produziria legitima obrigação. O acto pelo qual (á excepção de castigo merecido) outro homem, debaixo de qualquer pretexto que fosse, o submettesse ás disposições arbitrarias da sua vontade, não seria tão pouco mais que hum acto de violencia, que nenhum direito poderia jamais justificar.

Assim, quanto a esse pretendido direito de escravidão que se imaginou como consequencia d'essoutro direito igualmente falso, que dizem ter o vencedor de matar o vencido, he facil fazer reparar que a força só por si não pode jamais dar lugar a direito algum, nem por consequencia a algum dever.

Cede-se á força; he isto hum acto de necessidade; como observou muito bem hum dos primeiros escritores do Seculo 18 (Rousseau, no Con-

trato Social). He isso quando muito hum acto de prudencia, que não pode ser, em nenhum sentido, hum dever; por conseguinte esse pretendido direito do mais forte, ainda que de facto exista, não he nem pode jamais ser hum verdadeiro direito.

Porém o vencedor tem portanto o direito de matar o vencido, nos repitarão: portanto deve ter com mais forte razão, e mesmo aos olhos da humanidade, o direito de o reduzir a escravidão. — " Ainda supposto, diz tambem Rousseau, esse terrivel direito de matar tudo, digo que hum escravo feito na guerra, (nos paizes barbaros se costuma isso) ou hum povo conquistado, não he obrigado a cousa alguma para com o seu senhor mais que a obedecer-lhe em quanto he forçado a isso. Tomando hum equivalente á sua vida, o vencedor não lhe deo perdão: em vez de o matar sem fructo, elle o matou com utilidade. Longe pois de ter adquirido sobre elle authoridade alguma junta á força, o estado de guerra subsiste entrelles como d'antes; sua mesma relação he effeito disso, e o uso da guerra não suppõe tratado algum de paz. Elles tem feito hum tratado de paz: seja embora; mas essa convenção longe de destruir o estado de guerra, suppõe a continuação della. Assim, em qualquer sentido que se encarem as cousas, o direito d'escravidão he nullo, não só porque he illegitimo, mas porque he absurdo, e nada significa. Estas palavras *Escravo* e *Direito* são contradictorias; ellas se excluem mutuamente, quer de hum homem para outro, quer de hum homem para hum Povo. Este discurso será sempre igualmente insensato: Eu faço comtigo huma convenção toda a teu cargo, e toda em meu proveito, a qual eu observarei em quanto me agradar, e que tu observarás em quanto for do meu agrado. "

Tomarei a permissão de accrescentar, que este terrivel direito de matar tudo, nunca tem nada de

justo, quer de homem a homem, quer de povo a povo, senão o que lhe dá a necessidade da legitima defeza de si ou de outrem; que, cessando este caso de necessidade, elle tambem deixa de existir, e que por conseguinte já não pode ser considerado como objecto de permutação por outro algum direito, principalmente por hum direito que fosse similhante com mui pouca differença.

O direito de continuar o homem a vigiar na sua segurança he tambem o de guardar cuidadosamente os vencidos, e de os privar do uso da sua liberdade quando se julga haver motivo de desconfiar delles; mas em tudo isto não ha convenção alguma da qual nasção direitos dos deveres respectivos, nem couza que se pareça com o que se entende por esse direito de escravidão tirado do direito do vencedor.

Eis o que se pode responder a todos aquelles que tem sustentado a opinião contraria a que fica estabelecida.

Da Propriedade.

O direito de propriedade he aquelle que todo o homem tem de gozar e dispor de tudo quanto elle tem podido legitimamente adquirir. — Este direito he huma consequencia necessaria daquelle que temos de usar de todas as nossas faculdades, para assegurarmos, sem offendermos outro similhante direito de outrem, a nossa conservação e as nossas fruições. Nós o recebemos por tanto da propria natureza, e não da sociedade. A sociedade não faz mais que assegurar-nos o uso delle. Ella o deve olhar como hum dos primeiros elementos da sua existencia, da sua duração, e da sua prosperidade; porquanto ao interesse que elle inspira he que se deve referir o desenvolvimento de todas as nossas faculdades, os progressos das Sciencias, e das Artes, toda a perfectibilidade de que somos

susceptiveis, e todas as vantagens finalmente que nos pode ser permittido gozarmos. Atacar, ou deixar que se ataque, a propriedade, he querer convocar ao mesmo tempo todos os crimes e todos os vicios, he anniquilar de hum só golpe todas as relações sociaes, he entregar-se o homem á miseria e a huma ruina absoluta.

Longe de attribuirmos, como tão falsamente o tem feito alguns Sofistas, a esta distincção do *teu* e do *meu* a maior parte dos males que assolão a terra, deveriamos pelo contrario accusar unicamente a confusão destes direitos; porque a contenda só se suscita no momento em que a cubiça passa os limites que os separão. He pois, não a destruillos, o que aliàs he e será sempre mui felizmente impossivel, mas a contellos em seus respectivos limites, que deve tender o espirito de todas as leis sociaes. O marco que assignala o limite de hum campo, he o objecto sagrado que separa a amizade da inimizade. *(Plato, de Legibus, lib.* 8.*)*

Como a propriedade não he para cada hum mais que huma consequencia do exercicio de suas faculdades e de seus recursos, dahi se deve concluir que ella he essencialmente exclusiva; que querer pôr tudo em commum, seria destruilla; e, primeiro que tudo, seria pretender estabelecer aquella igualdade de facto, cujo absurdo acima fica demonstrado.

Os Publicistas distinguem a propriedade, quanto ao seu objecto, em propriedade *pessoal*, *movel*, e *territorial*, e quando ao modo porque se adquire, em propriedade *primitiva*, e *derivada*. (V. Locke, Gov. Civ., § 2 a 26.)

(No N.° seguinte se tratará da Segurança.)

Do Chá, e do seu Commercio. (Artigo do Jornal Inglez Westminster Review, copiado no M. Herald de 23 de Abril de 1335.)

O seguinte extracto do Artigo que este Jornal (*Revista de Westminster*) publicou, no mez de Abril deste anno, mostrará a que pasmosa extensão tem chegado o commercio desta aromatica folha em todo o Mundo:

» Relativamente ao consumo do Chá em differentes paizes, faremos algumas observações. Todas as nações da *Asia* ao Oriente de Siam, e Camboja, são o que se pode chamar consumidoras habituaes e immemoriaes do Chá. Para com ellas he o mesmo que a cerveja he, ou, mais exactamente, era para os Povos do Norte, e o vinho para as nações do Sul, da *Europa*. Em primeiro lugar pois, pelo que respeita aos proprios Chinas, a chaleira está sendo constantemente pedida desde pela manhã até á noite entre as pessoas de ambos os sexos, de todas as idades e condições. As classes superiores usão só dos bons chás; e he bem sabido que o de que fazem uso as classes inferiores he muitas vezss de pessima qualidade, e ás vezes nem mesmo he chá, mas algum substituto grosseiro delle. — Os Chinas usão sempre delle sem leite, e muitas vezes sem assucar. O povo Chinez, em numero redondo, e pelo mais authentico e recente censo, anda por 370 milhões de almas, e se consumirem só na proporção do povo do Reino-Unido (da Grã Bretanha e Irlanda), ou a razão de 40 milhões de arrateis de chá cada anno para huma população de 25 milhões de habitantes, que debaixo de hum systema de commercio livre, seria provavelmente o mais baixo consumo; seu consumo annual subirá a mais de 246$ toneladas de 2000 arrateis: porém se elles consomem, e isto he mais provavel, duas vezes tanto como a

Grã-Bretanha e Irlanda, então o todo se aproximará a perto de meio milhão de toneladas por anno. Tome-se o valor da mais piquena destas sommas como igual á avaliação só do preço do mais baixo chá preto no mercado de Cantão, ou 7 e meio dinheiros ou pences Inglezes (125 reis) por arratel, e se verá que sobe á summa de desoito milhões e meio de libras esterlinas, (ou 185 milhões de cruzados). Isto sem duvida he grande quantidade e grande valor; mas com tudo não parecerá extravagante, quando se considerar que o mesmo povo Chinez consome huma droga estrangeira de luxo, o opio (ou anfião), no valor annual de 3 milhões de lib. esterlinas, (ou 30 milhões de cruzados).

» Os maiores consumidores immediatos de Chá são os Japonezes, ou Japões, os quaes o usão quasi na mesma extensão que os Chinas, e cujo numero tem sido calculado em 60 milhões de almas. Os Coreanos, Tonkinezes, e Cochinchinezes tambem são consideraveis consumidores de Chá. Os Japões recebem alguns dos seus mais finos Chás da China; e as outras duas nações todo o bom he das suas terras. Pela Mongolia e pela Sibeira, entre todas as classes do povo, o Chá he quasi tanto hum artigo de necessidade como na propria China. O Chá de que alli se faz uso he summamente grosseiro, e preparado em bolos duros em forma de parallelogramo de 18 pollegadas de comprido, 10 de largo, e quasi huma de grosso. Ferve-se em leite, engrossado com farinha de senteio, e temperado com sal. Em summa os Tartaros fazem huma comida do que aos Chinas serve como bebida. Todo este Chá he trazido da China, e posto que grosso, elle he da planta genuina.

» Os colonos Chinezes no Arquipélago Oriental, no Tonquim, na Cochinchina, em Camboja, em Siam, e no paiz dos Birmans, usão do chá tão extensamente como os habitantes da China, e des-

tes foi adoptado o uso pelos habitantes daquelles paizes, mas nelles só he usado pelos abastados. He portanto o Chá hum consideravel artigo de exportação para todos esses paizes, e a todos elles he conduzido pelos juncos (Navios Chinezes bem conhecidos na nossa historia da India), excepto para os dominios dos Birmans, que recebem este genero por terra da Provincia de Yunan, em pacotes em forma de globos do tamanho de huma balla de 18, pouco mais ou menos. Esta, como se pode ver nas obras dos Jesuitas, he a forma em que o chá grosso de Yunan sempre tem apparecido. — Os naturaes do Industão, Persia, Arabia, e Turquia, não ignorão o uso do Chá; mas pela maior parte só recorrem a elle por suas suppostas virtudes medicinaes. Os Turcos porém, ou Turcomanos da Trans-Oxiana, e paizes circumvizinhos, o usão mais extensamente, e com effeito á excepção dos Chinas, e povos a elles immediatos, parece são dos maiores consumidores do Chá. He notavel que o Chá usado por estes povos he todo do verde, e grande porção delle de mui fina qualidade. Este artigo, como diz a Narração do Tenente *Burnes*, he conduzido á Trans-Oxiana pelas estradas de Yarkand, e Badakshan, sendo conduzido a estes lugares por caravanas Chinezas, e comprado alli pelos mercadores de Morlem, que o conduzem a Bokhara. Sempre fazem uso delle sem leite, e em geral sem assucar.

» Depois dos Chinas e Japões, os maiores consumidores de Chá são os Inglezes, e após estes se seguem os seus descendentes os Americanos do Norte, os Hollandezes, e os Russos (e hoje os Portuguezes, sobretudo em Lisboa). Estas são as nações do tronco Europeo que são consideraveis consumidoras desta planta, e nas outras predomina o uso do Café, e do Chocolate.

» Eis aqui huma conta approximada das quantidades de Chá consumidas pelos respectivos paizes

da Europa e America, com os estabelecimentos coloniaes daquella:

Grã-Bretanha ------ Arratteis ----	40,000 $ —
Russia ------------------------	6,500 $ —
Hollanda ----------------------	3,000 $ —
Alemanha ----------------------	2,000 $ —
França ------------------------	250 $ —
Estados-Unidos ----------------	10,000 $ —
Indias Occidentaes Britannicas ------	1,500 $ —
Estabelecimentos Inglezes na India ----	1,000 $ —
Colonias Inglezas da Australia -------	250 $ —
Somma arrateis	64,500 $ —

» Além das quantidades aqui enumeradas, ha exportações para o Cabo da Boa Esperança, para os Estabelecimentos Hespanhoes e Portuguezes na India e America Meridional, e algumas para a Dinamarca e Suecia [e o A. se esqueceo da avultada quantidade que vem em direitura em Navios Portuguezes para Portugal]; de modo que o consumo total das Nação da Europa e da America se pode bem orçar em 65 milhões de arrateis, cujo valor não dá á China menos de 4 milhões de libras, [ou 40 milhões de cruzados; mas isso he o que por elle recebe a China annualmente, e deve exceder muito.]

LISBOA 6 de Julho de 1835.

Noticias Politicas.

Constantinopla 19 *de Maio.* — O Principe *Vogoridi* gozou ultimamente huma honra extraordinaria. O Sultão o visitou em pessoa paro ver do seu palacio lançar do estaleiro huma Náo de linha

na praia fronteira. Não ha memoria de outra igual visita, e esta causou extraordinaria admiração entre os Musulmanos, pela circunstancia de que parte do *Harem* se achou tambem no palacio do Principe *Vogoridi*, para ver aquella ceremonia. Affirmão que na Historia Ottomana se não acha outro igual acontecimento. O Sultão tomou café e refrescos, e as senhoras do *Harem (Serralho)* forão servidas pelas mulheres do palacio do Principe.

Vienna 4 de Junho. — A ultima malla de *Constantinopla* diz que havia alli hum rumor de se reforçar a Esquadra Ingleza em *Malta*, o que se considerava como indicio de algum designio ulterior do Ministerio Inglez; aqui porém se sabe que todas as Potencias estão de accordo relativamente ao Oriente, e que as desavenças se arranjárão, ou pelo menos ficou deferida a sua discusão. Por conseguinte a força maior ou menor que o Governo Inglez julgar deve ter no Mediterraneo, de nenhum modo indica ter elle empreza alguma em vista.

As cartas de *Constantinopla* contém as mais tristes noticias dos estragos da peste no *Cairo* e em *Alexandria*. Na primeira destas Cidades sobretudo dizem lavra com extraordinaria violencia, e arrebata milhares de victimas. Não se sabia ao certe em *Alexandria* a 2 de Maio, e em *Constantinopla* a 15 de Maio, onde estavão *Mehemet-eth*, e *Ibrahim-Bachá*; parecia tentarem refugiar-se da peste na *Syria*, aonde se diz ter chegado *Ibrahim*.

Bruxellas 13 *de Junho.* — A nossa Praça nunca apresentou tão triste aspacto como hoje. Não se tem feito negocio algum. Os especuladores parece estarem tomados de huma especie de espasmo; esperão com a maior impaciencia o ajuste de transacções do dia 15, em que se esperão muitas quebras. (A queda dos fuudos Hespanhoes he o que deo motivo a este estado de couzas, segundo prosegue o artiho; mas com alguma melhora em *Londres*, diminuia o susto em *Bruxellas.)*

Paris 13 *de Junho.* — Affirma-se (diz o periodico *Le Temps*) que S. M. declarou que antes mudaria sete vezes o seu Ministerio do que abandonaria a sua convicção da inconveniencia e perigo de huma intervenção. — Estas palavras, segundo se diz, produzírão hum quasi magico effeito sobre os Conselheiros da Corôa. Aquelles que oito dias antes erão os mais fervorosos em sustentar a intervenção, logo mostrárão a maior docilidade, em passar ao lado opposto da questão. — Assim, com os mesmos homens, tivemos a semana passada hum Gabinete pela intervenção, e esta semana outro contra ella.

O mesmo periodico traz o seguinte: " Ha presentemente na *Europa* huma tendencia ao *Conservatismo-Torysmo*, e esta tendencia he tão forte, que successivamente vai tomando posse dos animos mais exaltados. Nos nossos Circulos Diplomaticos se tem dado noticia de hum recente jantar, no qual se acharão Mr. de *Talleyrand*, e o Conde de *Matuszevic* hum ao pé do outro. Ha couzas de certa ordem que não occorrem sem designio e premeditação, e nesta proximidade de Mr. de *Talleyrand* e o Diplomatico Russiano se descobrio algum designio da parte do primeiro de conciliar a politica do Continente. "

O *Mensageiro* menciona hum novo projecto de Mr. de *Talleyrand* para ligar a *França* com a *Hespanha*, e a *Hespanha* com *Portugal*, no caso de o triunfo de D. *Carlos* frustrar o Tratado da Quadrupla Alliança. Segundo este plano casaria o filho primogenito de D. *Carlos* com a Princeza *Clementina* de *Orleans*, e o segundo com a Rainha D. *Maria*. (*He vontade de fazer conjecturas e planos!*) Haveria amnistia geral, reconhecimento de todas as Dividas do Estado &c. (*Globo de* 15.)

Dover 14 *de Junho.* — O Principe de *Syracusa*, acompanhado de mui numerosa comitiva sahio daqui hontem para *Londres.* — O Conde *Ma-*

tuszevic, que vem de *S. Petersburgo* a huma missão especial, chegou aqui hontem de *Calais*, e depois de jantar partio para *Londres*.

Londres 15 *de Junho.* — O Principe *Leopoldo* das *Duas Sicilias*, Conde de *Syracusa*, chegou Sabbado á tarde á Hospedaria de *Clarendon*, vindo visitar este paiz. O Principe vai em 23 annos, he Irmão do Rei de *Napoles*, da Rainha Regente d' *Hespanha*, e da Duqueza de *Berry*.

O *Bonsene* diz em data de *Paris* 12 do corrente: " Dizem que o Duque de *Choiseul* foi a *Stuttgard* (Capital do Reino de *Wurtemberg*) pedir ao Rei de Wustemberg a mão da Princeza *Maria* sua filha para o Duque de *Orleans*. »

Diz-se em *Berlim* que se hade concluir hum casamento no Congresso de *Kalisch* entre o Principe *Alberto* da *Prussia*, e a Grã-Duqueza *Maria*; filha mais velha do Imperador *Nicolao*.

Idem 16. — O Imperador e a Imperatriz da *Russia* esperão-se em *Dantzic* onde virão desembarcar pelos fins do proximo Julho, com 6 $\$ homens da Guarda Imperial. O povo de *Dantzic* se congratula pela esperada colheita que lhe produzirá a chegada dos Augustos Hospedes.

O seguinte artigo he da *Nova Minerva* (de Paris): " No dia em que a discussão da intervenção se discutio no Gabinete Francez, o Encarregado de Negocios da *Russia* deo a entender, em resposta a huma pegunta da parte da Corte de França, que o Czar não estava disposto a oppor-se a hum casamento entre o Duque de *Orleans* e a Princeza de *Wustemberg*, sua Sobrinha, com tanto que continuasse a haver boa intelligencia, e que se aceitassem certas condições. Mr. *Viemet* perguntou ao Rei á cerca da intervenção: " Mr. *Viemet*, [disse o Monarca] nós não interviremos. Quem deseja ser senhor em sua casa, não se deve intrometter na casa alheia. " (*Globo.*)

Os recentes avisos da Ilha de *S. Thomás* [per-

tencente á *Dinamarca* nas Indias Occidentaes] mencienão ter chegado áquella Ilha huma Escuna que foi roubada das Ilhas de *Cabo-Verde* por hum partido de soldados Miguelistas. Levava a bordo huns 250 homens, com muito dinheiro, e bem armados; mas tinhão-se-lhes tirado alli as armas, e todos estavão sendo examinados pelas Authoridades Dinamarquezas. *(Globo.)*

Idem 17. — *O Campo de Kalisch.* O facto que no momento actual occupa mais o publico no Continente, que exerce huma especie de influencia na Diplomacia, e fornece materia de conjecturas aos jornalista he a formação de hum Campo de tropas Russianas, juntamente com as do Rei da *Prussia*, em *Kalisch*, Cidade na fronteira da *Polonia.* He verdade que os habitos do Imperador impõem ao seu exercito a annual necessidade de atravessar immensas distancias para gozar da vista do seu Augusto Amo; mas este genero de inspecção não deixa de ter seus bons effeitos.

Idem. — O Principe *Leopoldo* de *Napoles* e sua comitiva sahio hontem de *Clarendon-Hotel* para *Windsor*, onde ficará em visita a Suas Magestades, durante as Corridas de Cavallos em *Ascot.* Não se espera volte S. A. ao Continente senão para o fim do mez que vem, em que fará outra visita ao Rei e á Rainha dos Francezes. He notavelmente gordo em comparação da sua pouca idade. Em quanto aqui está toma o titulo de Conde de *Teramo.*

Zumalacarregui. Este Chefe dos Carlistas he de huma familia mui respeitavel de *Osmaistegui* (na *Guiposcoa).* Servio no posto de Capitão debaixo do commando de *Mina*, e no tempo da Constituição de 1820 era Tenente Coronel do Regimento das Ordens. Na restauração de Fernando VII obteve o posto de Coronel, e depois se lhe confiou o commando do Regimento da Estremadura, 15.° de linha. Foi porém dimittido em 1832, e se

retirou para *Pamplona*, onde casou. Tem hum irmão, que hé Presidente da Relação de *Burgos*. *(Sentinella dos Pyreneos.)*

Hum dos correspondentes do *Morning Herald* dedicou-se a descrever em varias cartas o que observava na sua viagem pela Navarra e caracter das pessoas principaes entre os Carlistas, o que faz com muita miudeza e tino. Na 3.ª Carta datada de Onhate a 30 de Maio, publicada no *Herald* de 16, se lê o seguinte:

„.... Marchamos pela estrada real até legua e meia da Praça de *Salvatierra*; d'alli tomámos á direita passando por numerosas aldeias, e chegámos a *Narvaja* ás 8 horas da tarde. De *Iturmendi* a *Narvaja* estava a estrada frequentada de gente bem vestida e de camponezes; era tal o enthusiasmo como eu nunca vira; em cada povoação em que entravamos tocavão os sinos, e continuavão até chegarmos a outra, de modo que tempo nenhum estavamos sem ouvir ou as alegres acclamações do povo, ou os repiques dos campanarios das Igrejas." (Conta mais varias circunstancias da alegria do povo, e sua chegada a *Onhate*, e prosegue) " Perguntou-me hum Official a quem queria eu fallar. Respondi que ao Sr. *Cruz Mayor*. Dando-se-lhe parte, em poucos minutos se me permittio proseguisse. No primeiro alojamento achei huma sentinella, e duas á porta da residencia de D. *Carlos*. A minha entrevista com o Ministro dos Negocios Estrangeiros foi demorada e interessante. Elle entrou plenamente e sem disfarce no estado actual dos Carlistas, e me deo muitas e valiosas informações. *Cruz Mayor* tem couza de 35 annos de idade, maneiras de cavalheiro, ar franco, e seu porte mostra que he pessoa costumada ao trato de boa sociedade. Tem a fortuna de possuir a confiança de seu Amo, e de agradar ao mesmo tempo a todos. Sendo então ouze horas, e a da audiencia, foi introduzido pelo Ministro á presença do

Rei. Na ante-camara estavão quatro Camaristas, e varios Officiaes d'Estado-Maior, entre os quaes estava o celebre General *Marótto*: Chegando á presença do Rei que estava ao pé de huma meza, com sobrecasaca de baetão, depois da costumada saudação S. Mag. entrou mui affectuosamente em conversação á cerca do seu exercito &c., e benignamente me perguntou se me faltava alguma couza, e se me tinhão tratado attenciosamente.

» Dom *Carlos* anda por 47 annos de idade, he de estatura mediana, e de agradavel presença. Seu aspecto he attractivo, e suas maneiras benignas e com dignidade inspirão áquelles com quem elle se digna tratar, certa confiança e desembaraço, que não he usual diante dos Reis. . . . . Está hum pouco gordo, mas não corpulento. Estava vestido de sobrecazaca azul, toda abotoada, calças de côr cinzenta, e botas á Wellington. Nenhuma insignia o differençava da numerosa comitiva que o rodeava. No todo, eu poderia dizer, D. *Carlos* he homem bem feito, de maneiras mui polidas, e que logo á primeira vista vos faria dizer: " Este homem nasceo para governar. "

» Têm-se dito por muitas vezes que D. *Carlos* he surumbatico, com olhar sorrateiro como de hum Frade fanatico; posso abertamente desmentir hum tal retrato: seu rosto se mostra sempre risonho, tem hum ar natural, e mostra evidentemente ser homem lido, e que conhece a natureza humana. — Seus inimigos o accusão de fanatico, e de ser o ludibrio da parte intrigante do Clero. Torno a dizer, a bem da verdade e da imparcialidade, e não temo arriscar a minha reputação em affirmar affoutamente, que D. *Carlos*, cuja pureza de consciencia e virtude he reconhecida por todo o Hespanhol honrado, he tão livre de beatice, fanatismo, ou intolerancia, como o seu amado Senhor (J. C.), cujas leis elle religiosamente oberva, cujos preceitos, piedade, e resignação, elle com hu-

mildade cumpre. Eu ainda estou por saber que Religião he beatice, ou que hum homem pio he hum fanatico. Portanto, repito que D. Carlos he religioso e pio, mas nem he hum jacobêo, nem hum fanático. Comtudo sou obrigado a dizer, que homem nenhum sabe melhor que esta Nobre Personagem que muitos e serios defeitos ha na Igreja d'Hespanha, que precizão emendados, e reformados. D. *Carlos* está disposto a reparar o mal, más não a destruir o sagrado Edificio. O seu primeiro objecto será fazer respeitavel a Igreja aos olhos do povo, e não destruilla com o machado dos Atheistas, como tem em vista os *que se dizem* Liberaes. He curioso facto, e bem digno de se recordar, que durante 14 dias de estada no campo dos Carlistas, atravessando serras, e residindo na Corte, unicamente vi dois Frades, hum em *Goizeuta*, e o outro em *Lesuca*, e os unicos Clerigos que acompanhão D. *Carlos* são D.... *Echaverria*, e o Capellão da Guarda Real!!

» Sahindo da residencia de D. *Carlos* dirigime ao Ministro da Guerra, Conde *Villemur*. S. Exc. anda pelos seus 70 annos, e he perfeito retrato de hum Fidalgo da escola antiga; cabello branco, benévolo semblante, estatura alta, e modo affavel. He muito estimado de seu Real Amo, e amado pelo Exercito. O Conde foi hum dos primeiros que se declarárão a favor de D. *Carlos*, e se poz á testa da Junta. A' entrada de S. M. na *Navarra*, foi nomeado Ministro da Guerra. A Condessa, que mostra ser muito mais moça que o marido, está tambem no Quartel General do Rei. Hum dos filhos, que terá 13 annos, está na Guarda Real de Cavallo, e faz a obrigação de Soldado razo. He rapaz mui guapo, e maneja mui destramente o seu Ginete Andaluz. D. N. *Echaverría*, Presidente da Junta da *Navarra*, he hum sujeito alto, bem parecido, amigo de rir, e folgazão; andava sempre com o Rei. — Em quanto estivemos em *Narvaja*, tive-

occasião de presenciar a sollicita attenção de D. *Carlos* ao que era precizo aos seus soldados feridos. Estive presente com o Rei á piquena acção de repellir huma sortida que fez a guarnição de *Salvatierra*. Ao voltarem victoriosos os Carlistas, referio-se que tinhão ficado feridos dois Officiaes: no mesmo instante mandou S. M. ao seu Medico assistente que fosse ver aquelles feridos, e lhes prestasse todo o auxilio; e a pezar de estar quasi findo o dia, não se retirou sem saber que ficavão bem pensadas suas feridas. (Promette referir em outra o que hia observando; &c.)

Londres 16. *de Junho.* — Os jornaes de *Paris* de Domingo estão, como nós (o *Herald*) tinhamos previsto, sobrecarregados de commentarios sobre o que elles chamão *quasi-intervenção* do nosso Governo em *Hespanha*. Os Legitimistas altamente condemnão por conseguinte as medidas resolvidas pelo nosso Gabinete Whig. A Prensa liberal ainda vai mais longe na condemnação dessas medidas, e da reclamação a que ellas respondem. O *Correio Francez* julga necessario á sua propria consistencia oppor-se á invocação de Governo algum de auxilio contra hum mero inimigo domestico, e aponta com muito tino a desavença entre a *Hespanha*, a esse respeito, e a *Belgica*, e a infeliz oppressa *Polonia*, as quaes tinhão ambas inimigos estranhos a combater. — O *Nacional* (de *Paris*) olha o caso de hum modo curioso. Diz que tendo o nosso Governo recusado a intervenção, salvo reduzindo o caso a huma especie de commercio, a Praça, ou os interesses mercantis, o tomárão á sua conta, e o vão proseguir. — O *Temps* comprimenta o nosso Governo, á custa do Rei *Luiz Felippe*, por sua clara, franca, sincera, e prompta demonstração. O *Jornal dos Debates* traz hum artigo que se suppõe ser de Mr. *Guizot*. (Em dois mezes se não completão as expedições.)

Achamos nestes papeis algumas passagens so-

bre a questão da Indemnisação Americana, e sobre o chamado Processo-monstro. pouco importantes. Dizia-se que a Camara dos Pares se havia de adiar por 10 dias, talvez desde hoje 16, para os Pares fecharem a sua Sessão como Tribunal.

Sentimos ver que, não obstante a *Guilhotina* não ter estado ociosa nos Departamentos da *França*, os crimes tem ido em espantoso progresso naquelle paiz. (Effeitos da soltura dos costumes, que traz sempre apoz si a desenfreada liberdade, e a relaxação da boa moral e da educação publica.)

Carbonarisma em Módena. — A *Gazeta de Módena* traz o seguinte: — » A Commissão Militar de *Módena* acaba de proferir sentença sobre os seguintes seis individuos: *José Gianelli de Paviello*, Doutor em Leis, *Emilio Ferrari*, Doutor em Fysica; *Christovão Pezzini*, escriturario em huma Repartição publica; *José Mattioli*, Dr. em Leis; *Mascagni de la Rocca di Montalbano*, Notario; e o Conde *Cassoli*, Camarista do Duque de *Módena*. Os primeiros quatro convencidos de terem formado parte da Associação da *Joven Italia*, e de serem complices do Advogado *Mattioli Bertacchini*, que foi convencido de huma conspiração contra o Governo legitimo da Casa d'*Este*, a fim de lhe substituir huma Republica Federativa com os outros Estados Italianos; *Mascagni* convencido de ter sido membro da *Joven Italia* desde 1833, e de ter praticado, em commum com os seus partidistas, sua irreligião, seu orgulho, sua immoralidade; e finalmente o Conde *Cassoli*, convencido de ser o delegado da *Joven Italia* para fazer proselytos, e de ter estado em correspondencia com *Mazzini* por meio do emigrado Marquez *Menafoglio*, e de ter dito mal do Soberano, do seu Governo, das suas leis, e do Tribunal *Statario;* convencido tambem de criticar o dito Soberano, accusando-o de conservar o trigo nos seus celeiros para o

deixar apodrecer; os quaes crimes forão todos aggravados pela sua jerarquia de Nobre, e Carbonista, &c.; são condemnados de varios modos á saber: *Gianelli*, *Pezzini*, e *Ferrari*, a serem enforcados; *Mattioli* a ser mandado para as galés por toda a vida; *Mascagni* á mesma pena por 10 annos; e o Conde *Cássoli* a 15 annos de prizão. Por hum rescrito de 19 de Maio, a sentença de *Máscagni* e *Cássoli*, que persistírão em negar a accusação contra elles, foi confirmada. Quanto aos outros commutou o Duque a pena de morte, no caso de *Pezzini* em galés por toda a vida, e no de *Giannelli* e *Ferrari* por 20 annos. A pena de *Mattioli* commuttou-se em 7 annos de prisão. *(M. Herald de 10 de Junho.)*

No mesmo periodico vem o seguinte artigo:

» *Vienna* 30 de *Maio.* — Chegou aqui huma Deputação dos Estados da *Lombardia* para congratular o Imperador pela sua exaltação ao Throno, e espera-se outra da Provincia de *Veneza.* O Principe de *Metternich* partio esta manhã para *Hitzing*, perto de *Schœnbrunn*, aonde o seguiráõ os membros principaes do Corpo Diplomatico. O Embaixador junto da Dieta ha de voltar a *Francfort* no fim do mez que vem. A coroação do Imperador na Bohemia, que estava destinada para o mez de Setembro, será transferida para o anno que vem; entretanto S. Mag. se propõe fazer huma visita áquelle Reino para os fins do Verão. O Principe de *Metternich* visitará ao mesmo tempo as suas possessões em *Konigsn arth*, na *Bohemia*; e como o Imperador da *Russia* ha de estar em *Kalisch*, o Rei da *Prussia* em *Taplitz*, e o Chanceller da *Russia* Conde *Nesselrode* em *Carlsbad*, não nos admirará que os Monarcas Alliados se aproveitem desta circunstancia para se juntarem em *Taplitz*, aonde serão accompanhados pelos seus Ministros dos Negocios Estrangeiros. »

No 1.° de Março deste anno abrió o General

Santander o 3.° Congresso da Provincia da *Nova Granada*, de que he Presidente, com hum longo discurso, ou mensagem, em que fez huma resenha, não só dos negocios interiores da Provincia, mas de todas as que se compõem a Republica de *Columbia*. Disse que a negociação com os *Estados-Unidos* não tinha sido bem succedida, e que se não obtivera a reciprocidade de direitos. Dava favoraveis esperanças de proximo reconhecimento da independencia da America Meridional pela *Hespanha*, quando o estado interior desta permittisse dedicarem-se os seus Ministros a esta questão, &c. &c.

Extracto das folhas de Madrid de 20 a 30 de Junho.

Madrid 27. Assegura-se que o General *Moreno* sahio clandestinamente de Paris no dia 7 do corrente, e que o Conde d'*Hespanha* estava na fronteira da *Catalunha*, com tenção de penetrar nella; e que se não o conseguisse voltaria para a parte de Baiona. Ou os Carlistas são invisiveis, ou a Policia Franceza não he tão sagaz como a pintão. *(Abeja.)*

Idem 28. S. Mag. aceitou a dimissão do General *Valdez*, e nomeou em seu lugar o Ten. Gen. Conde de *Saarsfield*. *[Extr. da G. de M.]*

O General *la Hera*, Commandante do Exercito de Reserva, sabendo que a molestia do General *Valdez* se havia aggravado a ponto de entregar o Commando ao Brigadeiro Tello, partio logo a tomar esse Commando interinamente, em attenção ao melindre das circunstancias.

Idem 30. — *Partes recebidas na Secretaria da Guerra [em 29].*

» Os avisos confidenciaes que o General *la Hera* havia recebido no dia 26, o põem no conhecimento de que no dia 23 houve huma acção nas

immediações de *Burcenha* com as Divisões *Latre* a *Espartero*, *cujo resultado ignora.* "

» Tambem com data de 26 participa o mesmo General que se punha em movimento no dia seguinte, com o fim de aproximar-se ás Divisões *Latre* e *Espartero*, tanto para *salvallas de qualquer conflicto em que talvez se podessem achar de resultado da acção indicada* na Parte anterior, cujo resultado ignorava, como para manobrar contra os sitiadores de Bilbao, segundo as circunstancias o permittirem. " (Por este artigo se vê que foi falsa a noticia de se ter levantado o sitio de Bilbao, que as folhas de 30 asseguração continúa.)

» O General *la Hera* havia tomado as disposições necessarias para que as Brigadas d'Infanteria e Cavallaria, a commando dos Brigadeiros *Gurréa* e *Lopez*, que se achavão collocadas em *Haro*, e *Briones*, marchassem (ou se dirigissem) para Miranda do Ebro, para apoiar o seu movimento, e *cobrir aquella interessante avenida* da *Castella*, para cujo fim contribuiria igualmente, segundo as suas ordens, com as forças do Exercito de reserva que existião em *Breviesca* e suas vizinhanças." *(Id.)*

Nestas folhas se nota singular variedade na noticia da presupposta morte de Zumalacarregui; ora o dão falecido a 24 em *Pegama*, ora em Urristilla, e enterrado no dia 25 em Segura; ora o dão fallecido nesta ultima terra no dia 25, e enterrado ás 3 da tarde do mesmo dia; mas o General *la Hera* o não tinha participado ao Governo.

A *Revista* de 30 diz recebera no dia 29 cartas que fallão de " huma acção ganhada pelas nossas tropas que não se dá como positiva. " Mas a pezar do diz-se = das diversas cartas, accrescenta a Revista: " Nós que não damos facilmente assenso a tão fagueiras noticias, por não augmentar a nossa dor, se falharem, procurámos indagar a verdade entre tão diversas asserções, julgamos achalla no conteúdo de algumas cartas do mesmo exercito. Pa-

rece que depois de haver mandado o General *Valdez*, que avançassem nossas tropas na direcção de *Bilbao*, mudou de proposito, e as mandou retirar, justamente na occasião em que, adiantado Espartero, que hia muito avançado, não podia já seguir este movimento retrógrado, e ficava compromettido com suas forças, inferiores ás dos facciosos. Animados estes por sua superioridade numerica, o atacárão nas immediações de *Burcenha*, quando estavão certos que não podia ser socorrido." (Conclue dizendo que os facciosos se retirárão, ficando ferido *Espartero.*)

AVISO.

LISBOA:

NA TYP. DE LUIZ MAIGRE RESTIER JUNIOR.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.

O INTERESSANTE,

JORNAL DE INSTRUCÇÃO E RECREIO.

N.° XXVI.

Fim do Artigo dos direitos e dos deveres geraes da Sociabilidade (começado no N.° antecedente.)

Do direito de Segurança.

O Direito de *Segurança* he aquelle pelo qual gozamos de todos os outros direitos; he portanto menos hum direito particular do que o complemento dos nossos direitos de *Igualdade*, *Liberdade*, e *Propriedade*.

O homem tem, dado ao mesmo tempo pela Justiça eterna, e pelo simples facto da sua existencia, o direito de assegurar, por todos os meios possiveis, a sua conservação. Deste direito nasce o de prevenir, e de repellir até o extremo huma agressão, todo e qualquer attentado, com máo designio ou sem elle, que se dirija contra a sua pessoa, sua honra, ou seus bens; e contra as pessoas, a honra, e os bens daquelles que estima, e que em certo modo formão parte delle mesmo; de appellidar contra o agressor os soccorros da sociedade, e de requerer a completa reparação do prejuizo que a alheia injustiça lhe ha causado. A

legitimidade deste direito he sem duvida conhecida mui geralmente para que seja necessario tratemos de a provar; mas o que não he tão geralmente bem sabido, he o ponto em que elle cessa de ser justo, onde por conseguinte cessa de ser hum direito. Tentemos determinar a medida segundo a qual elle se pode exercer, e fixar bem os limites em que se deve circunscrever.

O *direito de segurança*, que nós aqui não distinguimos *do direito de defeza*, nos diz em primeiro lugar, pela sua denominação de *direito*, que para o exercermos he precizo suppor que temos a prevenir ou repellir algum ataque injusto, ou a proseguir na reparação do damno que elle nos causou: d'onde se segue que, se nós nos tivessemos posto voluntariamente por anterior injustiça nossa na necessidade de nos defendermos, esta necessidade já nos não justificaria, e nós seriamos verdadeiramente culpados do mal que disso resultasse, pois he evidente que nós seriamos os primeiros authores desse mal.

Suppondo-nos sufficientemente authorisados a exercer este direito, vejamos tambem o que nos prescrevem a justiça e a humanidade. Ellas se reunem aqui para nos dizerem que devemos proporcionar, quanto podermos, os nossos meios de defeza aos perigos do ataque, ou, por outras palavras, que não os devemos usar com excesso contra o agressor, quando temos intima convicção do pouco perigo a que nos expõe o seu ataque, ou quando temos outro meio de nos livrarmos delle. Em tal circunstancia, levar a excesso o homem o exercicio do seu direito, seria abusar delle, e ainda que nada tenha a temer em desforra, nem por isso seria menos condemnado pelo tribunal de sua propria consciencia a permanentes remorsos.

Mas alguem nos dirá aqui: he acaso necessario, para motivar o exercicio de huma defeza legitima, que o perigo seja actual, e imminente?

Não bastará o receio desse perigo para o authorisar? Esta questão he summamente delicada para que deixemos de pôr na resposta que lhe devemos dar toda a attenção que nos he possivel. Como principio geral, devemos em primeiro lugar lembrar que o direito de defeza não só he, como já o definimos, o direito de repellir, mas tambem o de prevenir hum ataque injusto, e por conseguinte, que eu tenho toda a razão para não esperar o golpe com que me ameaça hum injusto agressor, mas antes para eu o bater primeiro se posso. E como se hade determinar em todos os casos o instante em que eu posso legitimamente ferillo primeiro? Muitos casos ha em que isto he mui claramente indicado; mas ha muitos outros em que o perigo, ainda que mui real, se não annuncia por signal algum, no que he precizo, reccorrer para o julgar, a dados anteriores, e no que por conseguinte não ha outra regra a consultar mais que o grão de receio que tem o que se julga ameaçado delle. A questão se reduz geralmente a estas ultimas especies, que todas devemos confessar encerrão grandes difficuldades; a questão, digo, se reduz a saber se o receio que determina a prevenir he sufficientemente fundado, e se não ha outro meio de escapar ao perigo, que elle vê, senão fazer o que elle inspira contra o agressor.

Bem estabelecidas todas estas condições, dizemos que o receio ou temor, no grão a que o suppomos ter chegado em consequencia de motivos razoaveis, basta para nos authorisar a exercer o nosso direito de defeza, e pelo modo mais funesto contra o nosso agressor, vibrando-lhe os golpes que prevemos elle nos quer dirigir, antes que elle o faça, e que nos prejudicarião se não os prevenissemos. Por esta regra he que nos devemos regular no foro interno.

Ainda que os nossos bens possão ser considerados, debaixo de certo aspecto, como formando

parte de nós mesmos, poisque são necessarios á nossa subsistencia, e por conseguinte á nossa conservação; e posto que o direito de os defender parece dever tambem fazer parte do direito da defeza da pessoa; comtudo, elle foi com razão encerrado em limites mais estreitos: 1.° Porque o mal causado por hum roubo, por importante que seja, não pode em rigor entrar em comparação com o que se causaria ao culpado tirando-lhe a vida; 2.° porque ainda mesmo suppondo-os em axioma na mais justa proporção entre si, devendo a reparação do primeiro ser sempre essencialmente olhada como possivel, nada justifica o excesso do segundo. Exceptua-se a especie em que, ao attentado contra os bens, se viesse unir o ataque, ou o temor do ataque, contra a pessoa, aquelle em fim no qual o roubador continuasse a attentar contra a nossa propriedade, e em que não tivessemos outro meio de recobrar o que nos foi tirado, senão fazendo-lhe correr o risco da vida.

Temos considerado como parte do direito de segurança o direito que temos de proseguir até inteira reparação do damno que se nos fez. Nada mais justo sem duvida que o exercicio deste direito; mas para que elle seja tal cumpre seja confiado á moderação e á humanidade.

Não só se estende este direito de nós á defeza das pessoas que nos são caras, mas tambem á defeza daquellas com quem não temos relações particulares. Aqui este direito tem a sua fonte no dever que obriga a todos a fazermos pelos outros o que quizeramos que elles por nós fizessem.

Resumamos tudo: O exercicio do direito de defeza deve ser em proporção do perigo. Precizase tambem para o justificar, quando he levado a extremo, que não haja outro meio de escapar. Elle he legitimado pelo perigo actual, imminente, ou pelo temor, justamente fundado, do perigo.

O exercicio deste direito tem justamente lu-

gar tambem no caso em que hum agressor injusto, sem nos ameaçar absolutamente com a perda da vida, nos maltrata em excesso, ou nos priva da liberdade.

Elle pode ser levado além dos limites contra o roubador de huma couza que nos pertence, quando temos a temer que ao attentado contra a nossa propriedade se junte o attentado contra a nossa pessoa, quando não temos outro meio de recuperar o que nos arrebatão, e quando o objecto roubado he para nós, ou para os nossos, de tal valor que a sua perda cause damno consideravel.

Elle se pode exceder, como pela defeza de nós mesmos, nos casos identicos pela defeza da pessoa, da honra, e dos bens, não só dos que nos são caros, mas tambem de todos aquelles que nós vemos propinquos a succumbir aos golpes da injustiça e da violencia.

Em tudo quanto passa além de huma defeza necessaria, ou de huma justa reparação, deixa de ser justo o exercicio deste direito, e passa a ser *vingança*.

No estado de sociedade civil em que esse direito he essencialmente entregue á Lei, nós o não podemos exercer senão nas circunstancias particulares e mui raras em que não temos meio algum de recorrer á Authoridade publica. A ella he que pertence proteger-nos, defender-nos, reprimir todos os attentados que ameaçarem as nossas pessoas, a nossa honra, e nossos bens, procurar-nos a reparação das injurias, das injustiças que nos tenhão feito soffrer, dos prejuizos que se nos tenhão causado.

Assim, todas as vias de facto, ainda que tivessem por motivos justos receios, nos são vedadas, quando temos tempo de implorar o soccorro da Lei. O mesmo se entende de todas aquellas pelas quaes, sob qualquer pretexto que fosse, nós procurassemos proseguir na reparação do maleficio

de que nos tivessemos de queixar. Em qualquer outro caso que não seja o de nós não podermos implorar os soccorros da Lei, não ha portanto direito, seja qual for o pretexto, para nos fazermos justiça por nossas mãos. (Vejão portanto os assassinos que tantas mortes tem impunemente commettido com o falso pretexto de vingança, nestes ultimos annos, em *Portugal* e *Hespanha*, á imitação da França e de outros povos revolucionados, quanto estão responsaveis á Justiça mesmo da terra, já que tão pouco crem na de Deos, pelos excessos que ácinte tem praticado, e recuem diante do abysmo de males que causão, e multiplicão nas familias dos seus compatriotas.)

Terminaremos este artigo com algumas observações sobre o exercicio do direito de necessidade, estreitamente ligado ao da defeza propria, pois que elle tem igualmente por objecto, em seu exercicio, a nossa conservação.

Entende-se aqui por *necessidade* aquella situação extrema, e violenta, em que para nós não ha mais que hum modo de nos conservarmos, e á custa da conservação de outrem. — Como este estado de couzas parece dever tornar nulla a acção de outra qualquer Lei, he importante examinar a especie de direito que della resulta, e que pode legitimar actos que em outras circunstancias com razão se olharião como criminosos.

Todas as leis, e todas as disposições particulares das leis que regulão as relações do homem com os seus similhantes, tem sempre por alvo a sua conservação; quer isto dizer, que ellas o não obrigão para com os outros senão por este unico interesse; d'onde he facil concluir que ellas não podem jamais dar lugar a obrigações contrarias a este fim, huma vez que não ha a vituperar-lhe semrazão alguma precedente. Assim, no caso de hum perigo extremo, só podemos tratar, sem violar lei alguma de justiça e de humanidade,

dos meios de nos pormos a salvo primeiro que cuidemos em salvar os outros; porém podemos até lançar sobre elles todo o perigo, se nós delle não podemos sahir senão por este meio cruel. Aquelle impulso, aquelle sentimento sublime pelo qual nos expomos ao perigo nestas mesmas circunstancias para delle livrarmos os outros, he huma virtude transcendente ao dever, a qual admiramos nas almas fortes e sensiveis, mas que não he preceito de Lei alguma natural.

Conviremos que he comtudo mui difficil estabelecer principios segundo os quaes se possa julgar do que he injusto nas diversas especies dessas horriveis extremidades em que o sentimento do temor, que he então o unico dominante, já não deixa verdadeira liberdade. — Eisaqui entretanto algumas regras que nos podem ajudar a pronunciar sobre o que em certas circunstancias exige o uso deste terrivel direito, para ser legitimo aos olhos da razão e da justiça.

O direito de necessidade, exercido com damno alheio, quer em suas pessoas, quer em seus bens, não escusa verdadeiramente aquelle que assim o exerce, senão quando elle se não poz por sua culpa nesses casos extremos: de outro modo elle seria culpado, pois seria primitivamente o author de todo o mal que lhe acontecesse, e que elle causasse aos outros.

A infracção feita aqui á Lei commum por huma acção prohibida em outras circunstancias, he justificada pela esperança que dá de escapar a hum perigo verdadeiro, logo que disso não resulta para nós nem para os outros hum mal maior que o que se quer evitar; finalmente, quando no juizo que se suppõe ainda livre antes da acção, he só pela vista do perigo que o homem se determina, e não por calculo algum de fantasia, ou de probabilidade puramente arbitraria.

Nestas diversas especies só he a extensão do

mal fysico, e não a do mal moral, a que se consulta; a Natureza, interrogada deste modo, tende a evitar o primeiro, e a sua resposta faz lei.

Passemos ao exame deste direito conciderado em relação aos bens.

He geralmente reconhecido como axiome, conforme com todas as leis da razão e da humanidade, que hum homem, no caso de extrema necessidade, tem jus a tirar dos bens de outrem o que lhe he exactamente necessario para conservar a sua vida; porém com as seguintes restricções: só a mera necessidade não o pode justificar, ainda que no momento supposto pareça que elle se vê mui constrangido a ceder a isso. He precizo que elle se não haja por sua negligencia ou máo procedimento reduzido a esta extrema necessidade: de outro modo commette hum furto. Aqui se deve fazer applicação d'est'outro axioma, ou principio geral, que, quando he bem entendido, não tem excepção alguma valiosa, de que aquelle a quem se pode immediatamente imputar a causa he sempre o que responde pelo effeito.

Acontece ás vezes a respeito da necessidade de salvar o homem a sua fazenda, do mesmo modo que sobre o salvar a sua pessoa, o fazello com prejuizo de outrem; isto he, que esta necessidade dá lugar a hum direito quasi igual e regulado pelos mesmos principios. Assim, em certas circunstancias extremas, podemos sacrificar o bem alheio á conservação do nosso, comtanto que o risco a que o nosso está exposto não proceda de falta nossa; que o que assim procuramos salvar não seja de valor inferior ao desse bem alheio que destruimos; que finalmente em todo o caso indemnizemos, quanto caiba em nossas posses, o proprietario daquillo que estragámos.

Como de todos estes direitos e deveres rigorosamente exigiveis, ou perfeitos, nasce, com a obrigação de nos abstermos de fazer mal algum, de

causar o minimo prejuizo aos outros, e debaixo de nenhum pretexto, a obrigação não menos estreita, de repararmos quanto podermos o mal que tivermos feito, he conveniente expor as regras principaes segundo as quaes se deve fazer esta reparação.

Cumpre distinguir os authores do mal, isto he os que nelle podem ter tido maior ou menor parte, e depois avaliar esse mal. — Quanto aos authores, elles se distinguem em authores principaes e authores secundarios. Nos delictos contra a pessoa, esta differença he pouco sensivel; os authores e os instrumentos dos crimes deste genero são, com pouca differença, igualmente puniveis.

Os authores principaes são aquelles sem cuja vontade e concurrencia não aconteceria o mal. Estes são sempre igual e solidariamente obrigados a inteira reparação. Os secundarios não o são menos, se elles não a podem effectuar; de outro modo elles só são a isso obrigados em razão da maior ou menor parte que tiverão no mal. Quanto á avaliação do mal, nella se deve comprehender, não só o mal presente, logo depois do effeito da acção criminosa, mas tambem todas as suas consequencias: por exemplo, o que põe fogo a huma casa he obrigado, não só a pagar o valor da casa ao dono, mas todas as perdas accessorias que este primeiro mal lhe causou. — Em summa, quando offendemos gravemente os outros, seja de que modo for, somos obrigados a reparar o damno e a injuria que lhe fizemos. Só somos dispensados deste dever quando nem directa, nem indirectamente, tivemos parte nesse mal.

LISBOA 13 de Julho de 1836.

No *M. Herald* de 16 de Junho se lê que " o Governo Dinamarquez, por algumas razões que não se de-

clárão, subitamente ordenou as mais estreitas precauções aos seus Officiaes sobre o exame de pessoas nacionaes que voltem ao paiz depois de terem residido fora delle. Em casos de suspeita não se permittirá aos individuos ficarem no Reino. "

Os periodicos *Suecos* (diz o mesmo) deixão de vez em quando transpirar algumas ideas sobre o estado dos negocios naquelle Reino, das quaes não he improprio concluir que não existe a mais perfeita harmonia entre o Rei *Carlos João* e muitos dos seus subditos. Relativamente ao caracter da ultima Dieta, que findou agora suas Sessões, o *Nya Argus*, periodico do Governo, se expressa em termos de extravagante louvor, que só pode ser resposta a imputações de opposta especie que se lhe fizerão. " Huma tal Sessão (diz o *Argus*) não se tem visto desde 1809. Durou 497 dias, e fez grande somma de bem; posto que se admitte que " alguma gente de pouca vista " pense de diverso modo. O grande merito da Dieta foi que rejeitou varias medidas apresentadas pelo Governo, louvor que se dá a huma á custa do outro. "

A 5.ª carta do viajante correspondente do *Herald* nas Provincias Vancongadas he datada do Quartel General de *Zumalacarregui* então em *Beasain*, perto de *Villa Franca*, no 1.º de Junho. A 4.ª, que he escrita de *Onhate* a 31 de Maio, achase com a 5.ª no *M. Herald* de 17 de Junho. Preferimos dar a maior parte da ultima, particularmente pela idéa que o escritor nos dá do Chefe Carlista.

" Fui agradavelmente surprehendido (começa o viajante) ao descer do meu quarto para sahir de *Onhate* para o Quartel-General do Commandante em Chefe, de achar que o Ministro da Guerra tinha tido a bondade de me enviar, para minha protecção, e como guia, hum Soldado veterano, chamado *Sebastião Yzaguirre.* Com gosto recordo aqui o cuidado e attenção que este rustico filho da guer-

ra tinha comigo; elle me conduzia pelas mais intricadas veredas, arranjou-me o alojamento de noite, e não me deixou em quanto me não vio a salvo. Andão a serviço do Ministro da Guerra, e do Estado Maior dos principaes Generaes varios homens, naturaes das Provincias, mui praticos nas estradas e veredas do paiz, e bem conhecidos dos habitantes. São enviados de ordinario a missões secretas, a conduzir correios, e mesmo vão como mensageiros especiaes aos diversos Quarteis Generaes, &c. . . Pelas quatro horas da manhã sahi da hospitaleira *Onhate*, acompanhado por hum Official Hespanhol, e hum Cavalheiro Inglez, e pelo meu guia militar, e tendo passado huma alcantilada serra cheguei a *Villa Real*, na estrada real de *Irun* a *Victoria*, pelas 9 horas. Aqui almocei; mas desejando não perder tempo e obter informações, entrei a conversar com o Juiz da terra *(Alcalde)* em quanto a Patroa preparava o almoço. *Villa Real* foi para mim hum ponto interessante: habilitou-me a conhecer os sentimentos dos Christinos, tendo a maior parte da terra esposado a causa da Rainha. He terra aberta, occupada ora pelos Carlistas, ora pelos Christinos, pagando contribuições a huns e a outros.

Refere aqui varias perguntas que fez ao tal *Alcalde* de Villa Real, cujas respostas se reduzem, a que os Carlistas pagavão tudo o que alli exigião; e á pergunta, se os Carlistas quando por alli passavão os maltratavão, ou os roubavão, respondeo: " Não, durante os ultimos nove mezes. No principio da revolução, antes de se organizar o exercito soffremos muito, tanto da parte dos Carlistas, como dos Christinos *Chapel-gorris*, mas depois da entrada de *D. Carlos* em *Hespanha* não temos razão de queixa. He verdade que o nosso piqueno commercio está destruido, e que desejamos se restabeleça a paz; mas seria a maior injustiça queixarmo-nos dos Carlistas. As contribuições por elles

postas são pezadas; mas o dinheiro torna ás nossas mãos em pagamento de rações &c." Fez igual justiça ás tropas do General Christino *ElPastor*, á excepção dos *Chapel-gorris*, que são corpos compostos de bandoleiros Francezes e Hespanhoes. Prosegue o viajante:

» Passei por *Villa Real*, e apezar de estar na estrada real, e mudando frequentes vezes de habitantes militares, não dava os menores signaes dos estragos de huma guerra civil. As lojas estavão abertas, e bem providas; os lavradores vinhão á cidade com os seus bois e com os seus fructos sem serem incommodados, e o mesmo observei por toda a parte. A estrada de *Villa Real* a *Villa Franca*, couza de 3 leguas e meia, hia animada, e entretida. A meia legua daquella Villa encontrei a primeira guarda avançada de *Zumalacarregui*, e a cada quarto de milha havia piquetes de 20 homens. Não pude deixar de admirar o sangue frio dos soldados, os quaes, a pezar de estarem na immediata vizinhança de *Villa Franca*, áquelle tempo theatro da guerra, prevendo que a cada momento podião ser surprehendidos pelas tropas de *Valdez* ou *Espartero*, estavão, á excepção das sentinellas, jogando a bolla, ou lançando a pezada barra, sem o minimo cuidado ou susto. — " Não tendes medo (disse eu a hum mocetão bem feito, posto que de fero aspecto, com bigodes até abaixo da barba, mal enroupado, com a cabeça envolta em hum çujo lenço encarnado, e huma manta á Hespanhola lançada ao hombro esquerdo,) " não tendes medo que a força mui superior de *Valdez* caia sobre vós, e vos apanhe descuidados?" — O intrepido *Navarro* olhou para mim hum pouco, como para ver se eu sabia o que dizia, e então voltando-se para hum seu camarada de figura igualmente respeitavel: " *Mira el Ingles, que pregunta si no tenemos miedo a Valdez!* (disse elle) *Ojalâ viniera, podriamos trocar estos andrajos por ropa buena, si es que la tiene.* "

» Parei algum tempo em *Ormaiztegui* por ser esta a patria de *Zumalacarregui*, e onde ao presente residem muitos parentes seus. Nunca me ha de esquecer o enthusiasmo deste povo quando ouvia fallar deste verdadeiramente grande homem: velhos e moços, soldados e paizanos me rodeavão, desejando todos dizer-me alguma couza em louvor do seu caro patricio. Mostrárão-me a casa de seus pais, simples mas asseada; e a velha ama que o creára he venerada por toda a gente daquella aldeia. Erão varias as anecdotas que eu me via obrigado a escutar de doze bocas pelo menos ao mesmo tempo, desejando cada hum dizer sua couza, e convencer *el Señor Ingles* de que era intimo amigo do idolo do dia. — *Ormaiztegui* he huma aldeia grande, agradavelmente situada na falda de huma serra pouco mais de legua e meia distante de *Villa Franca*. Foi perto deste lugar que *Zumalacarregui* ha poucos mezes derrotou completamente as forças unidas de *Carratalá*, *Espartero*, e *El Pastor*.

» Em *Beasain*, a huma milha de *Villa Franca*, he que eu soube que *Zumalacarregui* tinha estabelecido aqui o seu Quartel General. Perguntei a hum Official onde poderia achar o General: "No posto da honra," (foi sua immediata resposta,) " nas alturas de *Villa Franca.*" Dirigi-me pois áquella eminencia, e esbaforido e estafado, avançando hum passo, e recuando dois, por aquelle alcantil de serranias, até que me inclinei a seguir hum rapaz que hia á escola, cheguei ao cume da serra. Aqui he que *Zumalacarregui* tinha collocado a sua piquena bateria, composta de hum obuz, e huma peça de calibre de 8.

» Era huma hora, e o General estava jantando; mas tendo noticia da nossa chegada, nos pedio que entrassemos. Ao redor de huma meza ovada, na choupana de hum Pastor, estavão sentados em barris de polvora o Commandante em Chefe, e huns seis seus Officiaes principaes. Levantárão-se

á nossa entrada, e nos rogárão participassemos do seu jantar; e recusando nós, hum Ajudante de Campo deixou a meza, e nos acompanhou á bateria. A escuridão da choupana me não permittio ver bem o General, e me vi obrigado a esperar melhor ensejo. A bateria estava collocada directamente sobranceira aos quarteis fortificados de *Villa Franca*, aos quaes estava principalmente apontada, e fiquei admirado da exactidão da pontaria, empregando-se quasi todos os tiros. O obuz lançou tres bombas na Villa, e durante o tempo que eu estive vendo pegou fogo em tres casas. No mesmo instante em que as granadas apparecião no ar punhão-se a tocar os sinos da Villa para avisar os habitantes a resguardarem-se, retirando-se a suas casas. — Aqui tive outra vez occasião de presenciar o denodado valor das tropas Carlistas. Estava eu ao pé de hum artilheiro, quando passando huma bala a sua barretina, lhe abrio na cabeça huma brécha de quasi duas pollegadas de comprido. O bravo soldado proptamente tirou hum lenço da algibeira, amarrou a cabeça, e voltou á peça, e só por ordem positiva do seu Capitão he que consentio em descer da montanha, para se lhe curar a ferida. " Não he nada (disse o Soldado), he huma mera escalavradura; queira deixar-me disparar outro tiro ao inimigo, que estou certo posso arrombar-lhe aquella janella. " Elle fallava, e o sangue lhe corria a ponto de quasi lhe impedir a voz.

» Da choupana do Pastor, a humas quarenta braças da Villa havia hum caminho coberto feito pelos paizanos, d'onde os atiradores Carlistas fazião constante fogo contra os atiradores contrarios. Quando dalli sahi continuavão os trabalhadores o caminho coberto para no fim delle começarem os Carlistas huma mina. — A este tempo, tendo acabado de jantar, appareceo o General em hum sitio de sombra perto da bateria.

» *Zumalacarregui* parece ter os seus 47 annos

de idade, suas feições são bem assignaladas, nariz aquilino e comprido, faces cheias, barba pouco cerrada, e retorcidos bigodes até abaixo da boca. Seus olhos pardos são scintilantes e perspicazes, seu rosto mui tostado do Sol. He de altura mais de mediana, refeito, e levantando hum pouco o hombro direito. Seu gesto he hum pouco tosco e apressado, sempre voltando á direita e á esquerda, reparando em tudo, sem nada escapar á sua attenção. Estava vestido de huma jaqueta de carneira tinta, collete preto, e calças encarnadas, similhantes ás que usão os soldados Francezes. Pendia-lhe ao peito hum oculo com capa de couro, que me disserão, e o creio, lhe dera de presente o Coronel *Gorwood*, e que tinha já sido do uso do Duque de *Wellington* durante toda a Guerra Peninsular. A's vezes usa de polainas de couro do joelho até abaixo, abotoadas ao lado. A sua espada he comprida, e feita para servir, e não para ornato.

» Entrou comigo em conversação francamente, mostrou-me qual era o ponto fraco da praça, e assegurou que dentro em poucos dias estaria em seu poder. Fiquei hum pouco admirado da affabilidade do General, tendo-se-me dito que no momento de batalha, ou assalto de alguma praça, era impertinente, e não gostava de fallar com pessoa alguma. Aqui tornei a conhecer a delicadeza e attenção do Ministro da Guerra. Tinha enviado hum Ajudante de Campo ao General participando-lhe a nossa visita, e pedindo-lhe nos acolhesse benignamente. — A cada instante recebia o General noticias de paizanos, e ás vezes de mulheres asseadas, e o occulo andava em constante exercicio. — Cahião a esse tempo em torno de nós as ballas, e eu conservei como reliquia da minha coragem e bravura huma balla que bateo em huma arvore ao pé do meu triste corpo. Eu não sou guerreiro, e se neste momento eu me senti como se estivera igualmente satisfeito de estar socegadamente

ao pé de huma fogueira em huma casinha das mais baixas, não mo devem levar a mal. Nem mesmo a presença do valeroso *Zumalacarrequi*, que parece desprezar os plumbeos cumprimentos dos Christinos tanto como as suas fanfarronadas, me póde mover a estar mais hum momento por alvo do inimigo; e dando huma ligeira desculpa me retirei do General, e me abriguei alli perto por detraz da cabana do Pastor. Ainda mesmo para aqui ficar era precizo muito valor, porque as ballas entravão por qualquer abertura, e a chopana não era feita para resistir a vento, e agua, quanto mais ás ballas. Felizmente na minha retirada, (que eu não julgo desgraçada, ou á maneira da de *Espartero*), pude colligir muitas informações relativas aos habitos do General. Disserão-me que o seu Estado Maior se compunha de paizanos em que elle tinha posto implicita confiança; e no momento da batalha, era rodeado de huma duzia ao menos daquelles homens intelligentes, os quaes servião de Ajudantes de Campo, e levavão suas ordens, e lhe communicavão as manobras dos seus contrarios, apontavão-lhe os atalhos e veredas; sendo assim o seu Estado Maior composto de pessoas proprias para administração, e ao mesmo tempo bons soldados dedicados ao seu Chefe. — Elle he sempre o ultimo que se deita e o primeiro que apparece no campo; de noite admitte-se á sua pouzada todo e qualquer camponez ou paizano. O espia dá a noticia que leva; o General acena com a cabeça, e nisto finda a conferencia. Ninguem he sabedor dos movimentos que elle intenta; e quando os tambores tocão ás armas não poucas vezes acontece ouvir o seu Chefe d'Estado Maior perguntar (sendo o segundo no Commando) " Por onde devemos marchar? " Muitas vezes tem acontecido que, depois de seis horas de marcha sem parar, e quando os soldados esperavão acampar para passar a noite, receberem ordem de tomarem posição, e atacarem o inimigo que estava da ou-

tra banda da serra. *Zumalacarregui* no campo está onde o fogo he mais vivo, e tem-se-lhe censurado expor-se a pôr em risco a causa do seu Soberano por expor demaziado a sua pessoa. He rígido na disciplina, bom administrador, soldado valoroso, consumado Chefe de Guerrilha, e excellente Commandante militar. Tudo passa por sua immediata inspecção; não se retira ao seu quartel em quanto a sua gente não está aboletada; examina se o seu alimento he são; e cuida em que seja regular o seu pagamento. Perdoa a qualquer soldado se não se apresentar bem lavado, ou se apparecer roto, e ás vezes sem farda alguma; mas pune severamente o que se apresenta com arma çuja, e sem estar prompta para immediato uso, e na melhor ordem. Castiga severamente todos os que roubão e maltratão os habitantes das terras, e suspende o pagamento aos que contrahem dividas, e não as pagão no dia que recebem o soldo. Não permitte a ninguem levar comsigo mais de duas camizas, ordem igual para os Officiaes em campanha e para os soldados. Pedio ha pouco hum Official licença para ter quatro camizas na sua malla, podendo ella levar as quatro. " Mude de malla, que essa he muito grande, " foi prompta resposta. Não consente cavallo a Official de Capitão para baixo, e elle mesmo se põe a pé muitas vezes para animar a sua tropa. He idolatrado pelos seus soldados e Officiaes, que não só o respeitão, mas o amão, e quando elle os commanda tem por certa a victoria.

» O meu informante, depois de me dar noticia de *Zumalacarregui* me indicou o General *Montenegro*, Commandante da Artilheria. Este General he hum velho baixinho, olhos de açor, vista penetrante, semblante muito expressivo, e eu folgaria que *Spurzheim* lhe examinasse o craneo; a protuberancia da intriga se acharia mui saliente. A presença deste Official no campo Carlista deo immensa força moral ao Rei. " *Montenegro* veio unir-

se a nós, (gritavão todos) estamos certos de ir á *Madrid.* Ninguem aventa melhor o resultado final da luta que esta rapoza velha. " — Em quanto estive com *Zumalacarregui* apresentárão-se sete Officiaes Hespanhoes, que tinhão ultimamente sahido d'*Inglaterra*, e atravessado com muita difficuldade as fronteiras de *França.* O General parece não gosta destes Senhores que vem já " depois de posta a meza, " e a primeira pergunta que lhes faz he; " Tendes Cavallo? " Se respondem que sim, envia os individuos para hum Esquadrão de Officiaes de Cavallaria; se dizem que não, manda-os para huma Companhia de Officiaes d'Infanteria, sendo obrigados a pegar na espingarda, e a fazer a obrigação como soldados; dizem-me que estas duas Companhias de Officiaes se destinão ao exercito da Castella a Velha. Na Cavallaria ha dois Inglezes, e hum tal Mr. *Henessy*, valoroso e resoluto Official, que serve sem soldo nem posto, mas que por seu valor tem recebido condecoração; o outro he hum Mr. *Brugess*, Cirurgião, que tem conseguido possuir a boa opinião de *Zumalacarregui*, em consequencia de huma habil operação que fez no assalto de *Irursum.*

» Tendo-me despedido do Commandante em Chefe, desci da montanha a *Beasain* para cear. Aqui tive a fortuna de encontrar varios Officiaes bem informados, dos quaes tambem eu soube que huns oito dias antes, tendo *Zumalacarregui* tido noticia que *Valdez* intentava sahir de *Logronho* para *Pamplona*, tomou posição perto de *Los Arcos*; mas o General da Rainha fez só ostentação de si, e depois de avançar affoutamente até *Lerim*, meteo o rabo entre as pernas, e escapulio-se para *Logronho.* — *Zumalacarregui*, desgostoso, fez correr o boato de que hia atacar *Victoria*, e pedio ao Rei que marchasse naquella direcção, e assentasse o seu Quartel General em *Narvaja* para cobrir seus movimentos. Porém isto não teve o desejado effei-

to; porque *Valdez* não quiz sahir da toca. Em ultimo recurso determinou-se o ataque contra *Villa Franca*. — *El Pastor* estava bloqueado em *S. Sebastião*, *Espartero* em *Bilbao*, e só *Valdez* podia vir acudir á guarnição. Conseguio-se em certo modo atrahillo. *Valdez* sahio de *Logronho*, e vai de caminho, segundo me dizem, para *Lecumberri*. — Antes de eu sahir de *Beasain* assiti á chamada de mostra de quatro Batalhões das mais bravas tropas de *Zumalacarregui*. Não estavão tão bem vestidos como as do commando de *Eraso*, e *Segastibelza*; muitos dos soldados até estavão em fralda de camiza, a maior parte não tinha farda; mas era gente determinada, e prompta para as mais arriscadas emprezas. Estão em alto ponto de disciplina, e dão muita attenção e obediencia ás ordens dos seus superiores. A maior parte dos Officiaes que eu vi esta tarde pertencêrão em outro tempo á Guarda Real de *Fernando* 7.º, tendo muitos delles abandonado o serviço de *Christina*. Asseguráráo-me mui positivamente que o Batalhão em que *Zumalacarregui* tem maior confiança he o que se compõe de desertores e prizioneiros de guerra, sobretudo dos que forão tomados em *Echarri-Aranaz*." (*Esta carta hoje he só recordação.*)

Noticias tiradas do Morning Herald de 18 *de Junho a* 1 *de Julho.*

Londres 18 *de Junho*. — O nosso correspondente de *Madrid*, em data de 8 do corrente nos diz, entre outras couzas, que os Agentes das Potencias do Norte naquella Corte não tinhão feito protesto contra a intervenção, por ser isso objecto que pertence directamente ás suas Cortes, e accrescenta: " A unica circunstancia notavel que teve lugar entre estes Senhores ultimamente foi que o Encarregado de Negocios da *Prussia* teve ordem de *queimar todo o Arquivo da Legação!* ".

Idem 19. — " Está presentemente em *Amsterdam* hum Agente de D. *Carlos*, o qual teve audiencia do Rei *Guilherme* no Palacio de *Loo*; e está em constante correspondencia com huma grande casa naquella Cidade (a Casa de *Hope*), que he a Casa do Banqueiro das Potencias do Norte. "

Com o titulo *Politica das Potencias do Norte* diz o *Constitucional de Paris*: " As noticias recebidas de *Berlim* descrevem hum duplicado *movimento* nas operações dos Governos do Norte da *Europa*; huma, inteiramente financial, diz respeito á combinação de emprestimos, por meio dos quaes estes Governos procurão estabelecer hum principio de união em suas receitas e despezas; e a outra he puramente militar, que parece formar parte de algum daquelles projectos que as Potencias absolutas tem procurado pôr em pé desde a revolução de 1830. »

Idem 20. O periodico *Le Temps*, de *Paris* 18 do corrente, traz o seguinte: " He bem sabido que a *Hollanda* tem dado a *D. Carlos* poderoso auxilio em dinheiro e munições. Ella lhe forneceo ha algum tempo tres milhões de francos, e agora se diz que elle acaba de receber novo subsidio daquelle paiz, subindo de seis a sete milhões de francos. Por outra parte os Periodicos Orangistas de *Antuerpia* annuncião estar-se formando em *Amsterdam* hum Corpo de Voluntarios (que fazem subir a 20 $\mathscr{S}$!!) para o serviço do Pretendente. Deste modo he evidente que as Potencias do Norte intervêm em certo modo (e nisso seguiráõ o exemplo da *Inglaterra* e da *França* pelo mesmo methodo); porque as finanças do Rei *Guilherme* (d'*Hollanda*) não estão em estado de fazer taes larguezas, e não he portanto em taes circunstancias senão o Agente da Santa Alliança. "

Idem 23. — Em huma carta de *Paris* de 21 do corrente se lê: " Por cartas de *Roma* de 7 do corrente se assegura que D. *Miguel* voltára alli no dia

5 de volta de huma excursão cujo fim ainda se ignorava. "

Idem 24. — O *Reformateur* (de *Paris*) dá huma carta datada de *Haia* a 15 do corrente, que diz, que o Conde de *Luchesi Palli* (marido da Duqueza de *Berry*) ha de ter o commando dos Voluntarios que estão em vesperas de embarcar em *Hollanda* para se juntarem a D. *Carlos*. (*Neste caso haveria da parte da Rainha outro Decreto igual ao de D. Carlos!*), e que a Duqueza de *Berry* não só deseja acompanhar seu marido, mas levar comsigo o Duque de *Bordeos*, ao que a sua familia se oppõe. " (Isto não tem visos de realidade; mais acrescentão que o Duque de *Angoulême* he que quer ser o Campião que venha com essas tropas em auxilio de D. *Carlos*. Não merece mais credito isto, sobre tudo quando de diversas partes se assegura opporem se as Potencias do Norte a todo e qualquer genero de intervenção; salvo se vierem a consentir na indirecta dada pela *Inglaterra* e pela *França* á Rainha, pois nesse caso convirão por certo em que D. *Carlos* tambem obtenha pelo mesmo modo os auxilios das outras Potencias, que podem ser grandes, e tudo a final poderia produzir huma guerra geral.)

As deserções do exercito da Rainha para o de D. *Carlos* subírão durante o mez de Maio de quatro a cinco mil homens.

De *Berlim* a 10 de Junho affirmão que o Imperador d'*Austria* se tinha abertamente declarado contra toda a especie de intervenção estrangeira nos negocios d'Hespanha.

Idem 25. — O *Handelsblad* de *Amsterdam* de 22 de Junho diz: " Tivemos hoje de parte mui acreditada a importante noticia de que as Cortes da *Prussia*, *Russia* e *Austria* positivamente se tem declarado contra a intervenção de outras Potencias nos negocios da *Hespanha*, fosse qual fosse o modo como tivesse lugar. "

Na tomada de *Eybar* achárão os Carlistas 4 $ espingardas, e 7 peças d'Artilheria, (sendo alli fabrica de armas), e muitas munições. Em *Tolosa* achárão 168 $ cartuxos.

No Mar Negro ha muito movimento na Esquadra e Exercito Russianos.

Idem 27. — O nosso correspondente nos remette a seguinte carta:

» *Vera* 19 *de Junho.* O seguinte extracto de huma carta, datada do " Quartel General em Durango a 15 de Junho, " removerá todas as duvidas e absurdos boatos quanto á ferida recebida por Zumalacarregui: *(Então ignoravão o seu fim.)*

O nosso valoroso General em Chefe foi *infelizmente ferido na barriga da perna direita.* Elle está agora comnosco, e espera-se que em poucos dias voltará ao exercito. O modo como o General se se expõe tem sido longo assumpto de queixa, mas no caso actual, he quasi huma temoridade. Tendo esta manhã as nossas tropas tomado ao inimigo duas baterias, e tres casas situadas no exterior de Bilbao, entrou Zumalacarregui *sosinho* na mais proxima á cidade, e fez fogo da sacada sobre os Rainhistas. Deo fé o inimigo de que estava alli o General, e todos fizerão sua pontaria dirigida a elle. — Continua depois a carta: " Somos ameaçados com huma intervenção. Não tememos as combinadas forças Inglezas, e Francezas. A nossa causa está nas mãos de Deos: elle ha de proteger os que tem justiça. Quanto ao recrutamento estrangeiro, não merece observação. Os nossos intrépidos Hespanhoes lhes darão quanto agazalho, e prompta despedida. »

Tambem o mesmo correspondente diz, que lhe pede novamentte esteja prevenido contra os boatos que se fabricão. " Crede-me (diz) as vis maquinações estão trabalhando. " — Diz tambem que *Eraso* tomára interinamente o commando do sitio de Bilbao. ElPastor estava em S. Sebastião;

e os 600 homens que elle tinha enviado em auxilio de Bilbáo estavão em Portugalete, porque Zumalacarregui tinha mandado meter no fundo do rio ao pé de Bilbao duas embarcações carregadas de pedra, impedindo assim toda a communicação entre o mar e a praça.

O *Morning Herald* de 29 de Junho transcreve a noticia telegrafica dada em *Paris* no dia 27, datada de *Baíona* no mesmo dia, do teor seguinte: " Zumalacarregui morreo no dia 25 do corrente ás 11 horas da manhã da ferida que tinha recebido. " — Como não terião lugar depois varias particularidades a seu respeito, a carta que damos neste numero faz conhecer bem o seu caracter, (que mereceo elogios até das folhas de *Madrid*,) o que bem mostra que era assaz temerario.

O Decreto de D. Carlos contra os estrangeiros que vierem militar a favor dos seus contrarios, vem no Herald do 1.º de Julho, e he diverso do que tirou da *Quotidiana* o mesmo papel do dia 20: he datado em 20 de Junho, e não em 7.

No *Globo* do 1.º de Julho se publica a seguinte Ordem do Dia ao Exercito do Governo *Belga*, datada em *Bruxellas* no dia 20 de Junho:

» O Ministro da Guerra em consequencia dos numerosos requerimentos que se lhe tem dirigido julga necessario informar o Exercito de que o Governo não tem authorisado a formação de Corpos auxiliares destinados a servir fora do Reino, e que em consequencia não tem tido motivo para conceder licença para este fim aos Officiaes Generaes ou Superiores, cujos nomes tem sido mencionados nos Jornaes. — Deverão portanto os Officiaes abster-se de fazerem requerimentos ao Ministerio da Guerra com o fim de obterem licença para servirem nesses pretendidos corpos, e que *nunca existirão* senão nos Periodicos, pelos quaes esta asserção tem sido propagada sem o mais piqueno fundamento. (Assignado) Barão *Evain*. ".

A Princeza da *Beira* partio a 29 de Junho de *Londres* para *Turim*.

D. Miguel a 17 de Junho estava em *Roma*, e alli fez a festa a Santo Antonio Padroeiro de Portugal.

O General *La Hera* em officio ao Ministro da Guerra do 1.° do corrente annuncia a sua entrada nesse dia em *Bilbao*, tendo-se retirado os Carlistas do sitio, e não havendo acção; o que as folhas de *Madrid* annuncião com os louvores proprios dessa bem succedida operação. —

Fim do 1.° Volume.

AVISO.

Neste N.° 26 finda este 1.° Volume, e a subscripção do 2.° Trimestre do Interessante. — Continúa a subscrever-se por 3 mezes, do N.° 27 a 39, ou por 6 mezes do N.° 27 a 52, que formarão o 2.° Volume, de outros 26 N.s; sendo o preço do mesmo modo a 1,200 por trimestre; ou 2400 por semestre.

Quem quizer dirija sua subscripção a José Joaquim Nepomuceno, *Rua Augusta N.°* 137; *a* João Henriques *na mesma Rua n.°* 1; *a* Caetano Antonio de Lemos *na R. do Ouro N.°* 112; *e* Francisco Xavier de Carvalho, *ao Chiado.* As pessoas das Provincias se podem dirigir aos mesmos, pelo Seguro, e francas as cartas. Leva-se a casa dos Srs. Assignantes em Lisboa.

Sahe ás Quartas feiras. — Cada N.° avulso custa 120 reis.

LISBOA:

Na Typ. de Luiz Maigre Restier Junior.

Travessa de S. Nicoláo N. 30.